BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA · 31 JAN. 2001

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

ROMANCES—HISTORIA—VIAGENS

PRIMEIRO ANNO

TOMO III

R 96

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
José Bastos — Livreiro-Editor
Rua Garrett, 73 e 75
1894

RIO DE JANEIRO
H. LOMBAERTS & C.ª
Livreiros-Editores
Rua dos Ourives, 7
1894

LOURDES

PRIMEIRO DIA

I

No comboyo em andamento, como os peregrinos e os doentes, empilhados nas duras bancadas do wagon de terceira classe terminassem a *Ave Maria stella* que acabavam de entoar á sahida da estação de Orleans, Maria, meio erguida do seu catre de miserias, agitada de impaciencia febril, avistou as fortificações.

— Olha! as fortificações! bradou em tom alegre, apezar do muito que soffria. Cá estamos fóra de Paris, partimos finalmente!

Em frente d'ella o pae, M. de Guersaint, sorriu de tanta alegria; ao passo que o abbade Pedro Froment, que a observava com ternura fraternal, disse alto, sem querer, na sua piedade inquieta:

— Pois senhores! temos jornada até ámanhã pela manhã. Não chegamos a Lourdes senão ás tres e quarenta. Mais de vinte e duas horas de viagem.

Eram cinco horas e meia, o sol acabava de erguer-se, radioso, na pureza de uma manhã admiravel. Era uma sexta feira, 19 de agosto. Mas já no horisonte pequenas nuvens sombrias annunciavam um dia terrivel de calôr precursôr de trovoada. E os raios obliquos atravessavam de lado a

lado os compartimentos do wagon enchendo-os de uma poeira dançante de ouro.

Maria, que recahira na sua angustia, murmurou:

— Jesus! vinte e duas horas! quanto tempo ainda!

E o pae ajudou-a a deitar-se outra vez na estreita caixa, especie de caleira, em que vegetava havia sete annos. O caminho de ferro consentira excepcionalmente em receber como bagagem os dois pares de rodas, de tirar e pôr, que serviam para a levar a passeio. Apertada entre as taboas d'aquelle esquife rolante, Maria occupava tres logares na bancada; ficou um instante com as palpebras cerradas, o rosto definhado e macilento, de feições infantis e delicadas para os seus vinte e tres annos, e formosa, apezar de tudo, no meio dos cabellos louros maravilhosos, cabellos de rainha que a doença respeitava. Trajando vestido de lansinha preta muito simples ,Maria trazia pendurado ao pescoço o cartão que a «hospitalisava», com o seu nome e o numero de ordem. Exigira ella propria aquella humildade, não querendo de resto custar cousa alguma aos seus, cuja falta de meios gradualmente augmentara. E d'este modo se encontrava ali, na terceira classe, no comboyo branco, o comboyo dos «grandes doentes», o mais doloroso dos quatorze comboyos que se dirigiam para Lourdes n'esse dia, e no qual se amontoavam, além dos quinhentos peregrinos sãos, perto de trezentos desgraçados, extenuados de fraqueza, torcidos de dôres, acarretados a todo o vapôr de uma extremidade á outra de França.

Desgostoso por tel-a affligido, Pedro continuava a miral-a com ares condoidos de irmão mais velho. Acabara de fazer trinta annos, e era pallido, franzino, de fronte vasta. Depois de se ter occupado de todas as miudezas da viagem, insistira em acompanhal-a e fizera-se nomear membro auxiliar da Hospitalidade de Nossa Senhora da Salvação; sobre a batina trazia a cruz vermelha debruada de amarello dos *brancardiers*. M. de Guersaint, por sua parte, trazia apenas pregada com um alfinete no jaquetão de

panno cinzento a cruzinha escarlate da peregrinação. Parecia encantado com a jornada, olhando constantemente para fóra da carruagem, não podendo estar quieto com a sua cabecinha de ave amavel e distrahida, de aspecto muito juvenil, com ter mais de cincoenta annos.

Mas no compartimento visinho, apezar da trepidação violenta que arrancava suspiros a Maria, soror Jacintha levantara-se. Reparou que o sol batia em cheio na doente.

—Senhor abbade, abaixe a cortina, faça favor... Ora vamos lá! installemo-nos e arranjemos as nossas cousas!

No seu vestido preto de irmã da Assumpção, alegrado pela alvura da touca, pelo escapulario branco, e pelo avental igualmente branco, soror Jacintha sorria, cheia de actividade e vigor.

Explodia-lhe a mocidade da bôcca pequenina e fresca, do fundo dos lindos olhos azues, trasbordantes de meiguice. Não podia talvez dizer-se bonita, mas era adoravel, franzina, esbelta, com um peito de rapaz sob a *bavette* do avental, de bom rapaz com faces de neve, cheio de saude, de alegria e de innocencia.

—É que nos está a queimar este terrivel sol! Desça tambem as cortinas, minha senhora!

Occupando o canto, junto de soror Jacintha, M.me de Jonquière conservara em cima dos joelhos o saquitel de viagem. Puchou vagarosamente a cortina. Morena e nutrida, era ainda mulher agradavel, apezar de ter uma filha de vinte e quatro annos, Raymunda, que, por conveniencia, fizera subir com duas damas hospitaleiras, M.me Désagneaux e M.me Volmar, para um wagon de primeira classe. M.me de Jonquière, directora de uma enfermaria do Hospital de Nossa Senhora das Dores em Lourdes, nunca abandonava os seus doentes; e, á porta do compartimento, por fóra, balouçava-se o cartão regulamentar, em que estavam inscriptos por baixo do seu nome, os das duas irmãs da Assumpção que a acompanhavam. Viuva de um homem arruinado, vivendo mais a filha, remediadamente, com quatro

ou cinco mil francos de renda, no fundo de um pateo da rua Vanneau, era de uma caridade inexgotavel, empregava todo o seu tempo na obra da Hospitalidade de Nossa Senhora da Salvação, cuja cruz vermelha tambem usava sobre o fato de popelina carmelita, e de que era uma das zeladoras mais activas. De temperamento um tanto altivo, gostando de ser amada e adulada, mostrava-se contente com esta viagem annual, que lhe satisfazia as predilecções do espirito e as affeições do coração.

—Tem razão, irmã, vamos organisar a nossa installação. Nem sei porque ainda não larguei o sacco...

E collocou-o ao lado debaixo do assento da carruagem.

—Espere, tornou soror Jacintha, tem a bilha de agua a incommodar-lhe as pernas...

—Nada, nada, de maneira nenhuma... Deixe-a estar. N'algum sitio a haviamos de pôr.

Então ambas arranjaram as cousas para viverem ali assim o mais commodamente possivel, um dia e uma noite, com os seus doentes. O peior fôra não poderem trazer Maria no seu compartimento, porque esta quizera ter Pedro e o pae ao pé de si: mas por cima da divisoria que era baixa, communicavam facilmente, como bons visinhos. E, de resto, todo o wagon, os cinco compartimentos de dez logares, formavam uma camarata unica, como uma sala movediça e commum, que se atravessava com o olhar de um lado ao outro. Era, entre as paredes nuas pintadas de amarello, sob o apainellamento branco do tecto, uma verdadeira enfermaria, n'uma desordem, n'uma balburdia de ambulancia improvisada. Meio escondidos sob os assentos jaziam pucaros, alguidares, vassouras, esponjas. Depois, como o comboyo não recebia bagagens, os volumes accumulavam-se por toda a parte ao acaso, malas, caixas de lata, chapeleiras, montão lamentavel de pobres cousas gastas, concertadas com atilhos; e o empacho recomeçava no ar, peças de vestuario, embrulhos, cestos pendurados nos cabides de metal, e que oscillavam sem descanço. No meio

da farrapagem, os doentes, nos estreitos colxões que occupavam uns poucos de logares, balouçavam, impellidos pelos solavancos ensurdecedôres das rodas; ao passo que os que podiam conservar-se assentados encostavam-se com rostos lividos á divisoria, apoiavam-se em travesseiros. Segundo os regulamentos devia haver em cada compartimento uma irmã hospitaleira. Na outra extremidade ia mais uma irmã da Assumpção, soror Clara dos Anjos. Peregrinos sãos levantavam-se, bebiam e comiam já.

Ao fundo, até, havia um compartimento inteiro de mulheres, dez peregrinas empilhadas umas contra as outras, novas, velhas, todas da mesma fealdade lastimosa e triste. E, como ninguem se atrevia a descer as vidraças, por causa dos phtysicos que iam ali, o calôr começava, um cheiro insupportavel que pouco a pouco parecia desprender-se dos solavancos do comboyo, lançado a grande velocidade.

Em Juvisy tinham resado as contas. E davam seis horas, passavam como um furacão deante da estação de Brétigny, quando soror Jacintha se pôz de pé. Era ella que dirigia os exercicios de devoção, cujo programma a maior parte dos peregrinos seguia, por um livrinho de capa azul.

— Avemarias, meus filhos, disse ella com o sorriso, e o arsinho maternal a que a sua grande juventude dava tamanho encanto e doçura.

Novamente se succederam as Ave-Marias. E, quando acabavam, Pedro e Maria observavam com interesse duas mulheres que occupavam os dois outros cantos do seu compartimento. Uma, a que se achava aos pés de Maria, era uma mulher loura, franzina, d'apparencia burgueza, e que devia passar dos trinta annos, envelhecida, porém, antes de tempo. Eclypsava-se, não occupava lugar, com o seu vestido escuro, os cabellos desbotados, a face longa e dolorosa, que respirava um abandono sem limites, uma tristeza infinita. Em frente d'ella, a outra, a que estava na

bancada de Pedro, uma operaria da mesma idade, de touca preta, rosto devastado pela miseria e pela dôr, assentava nos joelhos uma pequenita de sete annos, tão pallida, tão diminuida, que parecia apenas ter quatro. Com o nariz afilado, as palpebras azuladas, fechadas no rosto côr de cera, a creança nem falar podia; e não tinha mais do que um queixumesinho, um gemido brando que de cada vez despedaçava o coração da mãe, debruçada para ella.

—A pequenita quereria umas uvas? offereceu timidamente a senhora, até então silenciosa. Tenho-as ali no cesto.

—Muito obrigada, minha senhora, respondeu a operaria. A menina não toma senão leite, e ainda assim sabe Deus... Trago ali uma garrafa d'elle.

E, cedendo á necessidade de confidencia que nutrem os desgraçados, contou a sua historia. Chamava-se Madame Vincent, tinha perdido, levado por uma phtysica o marido, que era official de dourador. Ficando só no mundo com Rosinha, que era a sua paixão, trabalhava dia e noite, no seu mister de costureira para a crear. Mas viera a doença. Havia quatorze mezes que a trazia assim nos braços, cada vez mais cheia de dôres e mais definhada, quasi a desfazer-se coitadita. Um dia, ella que nunca ia á missa entrara n'uma egreja impellida pelo desespero, implorando a Deus a cura da filhinha; e ali dera ouvidos a uma voz que lhe dizia que a levasse a Lourdes onde Nossa Senhora se compadeceria da sua dor. Não conhecendo ninguem, nem sabendo até como se organisavam as peregrinações, tivera uma ideia unica: trabalhar, economisar o dinheiro da jornada, tomar um bilhete, partir com os trinta *sous* que lhe restavam, e não trazer comsigo senão uma garrafa de leite para a creança, sem mesmo pensar em comprar para si um bocado de pão.

—Que doença é então a da pequenita? tornou a outra.

—Ai, minha senhora, é um mal nas entranhas, com cer-

teza. Mas os doutores lá lhe sabem dar os nomes... Primeiramente tinha só doresinhas pela barriga. Depois inchou-lhe o ventre todo e eram dores, santo nome de Deus, de arrancar lagrimas dos olhos a uma pessoa. Agora o ventre desinchou; mas a pequena está em nada, nem pernas tem á força de magrinha; e desfaz-se toda em suores...

Depois, como Rosa gemera abrindo as palpebras a mãe debruçou-se enfiada, afflicta:

—Minha rica menina! meu anjinho! que tens tu?... queres de beber?

Mas já a pequenita que mostrara os olhos vagos, de um azul ennevoado, tornara a fechal-os; e nem respondeu, immersa outra vez no anniquilamento, alva de neve na brancura da roupa,—ideia graciosa da mãe que quizera aquella despeza inutil na esperança de que Nossa Senhora seria mais compassiva para uma doentinha bem vestida e toda de branco.

No fim de um silencio Madame Vincent tornou:

—E porque vem a Lourdes, minha senhora, buscar allivio para si?

Mas a outra, toda irritada, retirou dolorosamente para o seu canto murmurando:

—Nada! nada! não estou doente... Prouvera a Deus que o estivesse, soffreria menos!

Chamava-se Madame Maze e tinha no coração um pezar incuravel. Depois de ter feito um casamento de amor com um rapagão jovial, de labios em flôr, encontrara-se abandonada apoz um anno de lua de mel. Sempre em jornada, caixeiro viajante de bijuteria, o marido que ganhava bom dinheiro, desapparecia durante seis mezes, enganava-a de uma fronteira á outra da França, chegava até a trazer comsigo creaturas perdidas. E a pobre senhora adorava-o, e soffria tão medonhamente d'estas infidelidades que se lançara na religião. Finalmente acabava de decidir-se a ir a Lourdes implorar á Virgem a conversão do marido, e o seu regresso ás virtudes conjugaes.

Madame Vincent, sem comprehender, sentiu, todavia, ali uma grande dor moral; e ambas continuaram a entre-olhar-se, a esposa abandonada agonisante na sua paixão, a mãe que morria da morte da filhinha.

Entretanto Pedro escutara, assim como Maria. E interveiu, admirou-se que a mulher não «hospitalisasse» a doentinha. A Sociedade de Nossa Senhora da Salvação fora fundada pelos Padres Agostinhos da Assumpção, depois da guerra, com o fim de trabalhar pela salvação da França e pela defeza da Egreja, por meio da préce em commum e do exercicio da caridade; e eram elles que provocando o movimento das grandes romarias, tinham especialmente creado e successivamente desenvolvido a peregrinação nacional que todos os annos se dirigia para Lourdes, em fins de agosto. Toda uma sabia organisação se aperfeiçoara assim aos poucos, esmolas consideraveis colhidas pelo mundo inteiro, doentes alistados em cada parochia, contractos feitos com companhias de caminhos de ferro, sem contar o auxilio tão activo das irmãsinhas da Assumpção e o estabelecimento da Hospitalidade de Nossa Senhora, vasta filiação de todos os sacrificios, em que homens e mulheres, em geral da melhor sociedade, collocados sob as ordens do director das peregrinações, tratavam dos doentes, transportavam-n'os, garantiam a boa disciplina. Os doentes deviam requerer por escripto a «hospitalisação», que lhes abonava as menores despezas de jornada e de residencia. Iam buscal-os aos domicilios e lá os iam pôr outra vez; só precisavam levar alguns viveres para o caminho. O maior numero, na verdade, era recommendado por padres ou pessoas caridosas, que procediam ao inquerito, á formação do processo, colleccionando os documentos de identidade necessarios, as certidões de medico. Depois, os doentes nada tinham que pensar, reduzidos a triste massa viva servindo para as dôres e para os milagres, entre as mãos fraternaes dos hospitaleiros e das hospitaleiras.

— Mas, explicava Pedro, bastava dirijir-se ao seu paro-

cho. Esta pobre creança merecia todas as sympathias. Tinham-n'a recebido logo.

— Se eu não sabia, sr. abbade!

— Como fez então?

— Sr. abbade, fui tomar bilhete a um sitio que me indicou uma visinha que lê os jornaes.

Referia-se aos bilhetes, a preço muito reduzido, que distribuiam aos peregrinos com meios para pagarem. E Maria, escutando, sentia-se penetrada de muito dó e alguma vergonha: ella, que não podia dizer-se absolutamente sem recursos, conseguira fazer-se «hospitalisar», graças a Pedro, emquanto que a pobre mãe e a triste creancinha, depois de terem gasto as miseraveis economias, ficavam sem nada.

Mas um solavanco mais duro do wagon arrancou-lhe um grito.

— Ó pae, peço-te, levanta-me um bocadinho. Já não posso estar de costas.

E quando M. de Guersaint a ajudou a assentar-se, suspirou profundamente. Acabavam apenas de passar Étampes, a hora e meia de Paris, e já a fadiga começava, com o sol mais quente, a poeira e a bulha. M.me de Jonquière pozera-se de pé, para animar a rapariga com uma palavra amiga, por cima da divisoria; e soror Jacintha tambem levantou-se novamente, bateu as palmas alegremente para se fazer ouvir e obedecer de uma extremidade á outra do wagon.

— Vamos lá! vamos lá! não pensemos em achaques! Rezemos e cantemos e Nossa Senhora será por nós!

A religiosa encetou a devoção do Rosario, segundo as palavras de Nossa Senhora de Lourdes. Todos os doentes e peregrinos a acompanharam. Era o primeiro rosario, os cinco mysterios gozosos, a Annunciação, a Visitação, a Natividade, a Purificação e a Achada no Templo. Depois entoaram todos o cantico: «Contemplemos o celeste archanjo...» As vozes desmanchavam-se no ruido surdo das rodas, e

não se ouvia mais que o vozear apagado d'aquelle rebanho, que abafava no fundo do wagon fechado, rodando sem parar.

Apezar de cumprir os deveres catholicos M. de Guersaint não podia ir nunca até ao fim de um cantico. E agora levantava-se, tornava-se a assentar. Acabou por se encostar á divisoria e por conversar a meia voz com um doente assentado contra essa mesma divisoria, no compartimento visinho. M. Sabathier era homem de cincoenta annos, atarracado, de grande cabeça bondosa, completamente calva. Havia quinze annos que a ataxia o fulminara, não soffrendo senão por accessos, mas com as pernas tomadas, completamente perdidas; e sua mulher, que o acompanhava, mudava-lh'as de logar como pernas mortas, quando acabavam por lhe pezar muito, semelhantes a barras de chumbo.

— Pois é verdade, meu caro senhor, tal como me vê, sou antigo professor do quinto anno do lyceu Charlemagne. Primeiro acreditei n'uma simples sciatica. Depois tive as dôres fulgurantes, sabe? como golpes de uma espada em braza nos musculos. Durante cerca de dez annos, fui invadido pouco a pouco, consultei todos os medicos, fui a todas as aguas imaginaveis; e agora, soffro menos, mas não posso mecher-me da poltrona... Então eu, que vivera sem religião, voltei-me para Deus levado pela ideia de que era muito desgraçado e que Nossa Senhora de Lourdes não podia deixar de ter dó de mim.

Pedro, interessado, debruçara-se tambem e escutava.

— Não é verdade, sr. abbade, que o soffrimento é o melhor meio de despertar as almas? Eis-me no setimo anno que vou a Lourdes sem desesperar da cura! Este anno estou convencido que a Virgem Santa ha de curâr-me. Creia que conto ainda poder andar outra vez, e é n'essa esperança que vou vivendo.

M. Sabathier interrompeu-se, quiz que a mulher lhe empurrasse as pernas mais para a esquerda e Pedro contemplava-o, admirado de encontrar aquella fé teimosa n'um «intellectual», n'um d'esses universitarios ordinariamente

tão voltaireanos. Como podera a crença no milagre germinar e implantar-se-lhe no cerebro? Como elle proprio dizia, só uma grande dôr explicava essa necessidade de illusão, essa florescencia da eterna consoladora.

—E, bem vêem, minha mulher e eu estamos vestidos como pobres, porque este anno desejei vir como tal, e fiz-me «hospitalisar» por humildade, para que Nossa Senhora me não distinga dos infelizes, seus filhos... Sómente, como não quiz tirar o logar a um pobre verdadeiro, paguei cincoenta francos á Hospitalidade, o que, como não ignoram, me dá direito a ter um doente por minha conta na peregrinação... Conheço até o meu doente. Apresentaram-m'o ainda agora na estação. È um tuberculoso, julgo eu, e pareceu-me, coitado, bem mal, bem mal...

Houve novo silencio.

—Emfim que Nossa Senhora, que tudo pode, o salve tambem, e serei tão feliz! terei tudo que da Virgem posso esperar!

Os tres sujeitos continuaram a conversar entre si, isolando-se, falando primeiro de medicina, depois passando a uma discussão sobre a architectura romana, por causa de um campanario visto de raspão no topo de um oiteiro e que todos os peregrinos saudaram com o signal da cruz. No meio da pobre gente doente, d'aquelles espiritos simples embotados pela miseria, o moço abbade e os dois companheiros esqueciam-se, reconquistados pelos habitos da sua intelligencia cultivada. Uma hora decorreu, acabavam de se cantar dois outros canticos, tinham atravessado as estações de Toury e de Aubray, quando, em Beaugency os tres cessaram finalmente a conversa ao ouvirem soror Jacintha, que depois de bater as palmas, começava com a sua voz fresca e sonora:

—*Parce, Domine, parce populo tuo...*

E o canto recomeçou, todas as vozes se uniram n'essa onda de preces sempre renascente, que adormentava a dôr, exaltava a esperança, invadia pouco a pouco todo o

ser fatigado da obsessão das graças e das curas miraculosas, que iam procurar tão longe.

Mas quando Pedro ia a assentar-se viu Maria, muito pallida, com os olhos fechados; e, todavia, pela contracção dolorosa do rosto, percebia-se bem que não estava a dormir.

— Está soffrendo mais, Maria?

— Ai! horrivelmente. Nunca poderei ir até ao fim. Estes solavancos continuados...

Gemeu, reabriu as palpebras. E permanecia assentada, desfallecida, a olhar para os outros doentes. Exactamente no compartimento visinho, em frente de M. Sabathier, a Grivotte, até então estendida, sem folego, como morta, acabava de erguer-se. Era uma mulher alta, que passava dos trinta annos, de figura desgraciosa e singular, de rosto redondo e devastado, a quem entretanto os cabellos crespos e os olhos chammejantes faziam quasi formosa. Estava phtysica em terceiro grau.

— Pois não é verdade, disse ella dirigindo-se a Maria com a sua voz rouca que mal se distinguia, que seria bom poder a gente dormitar um bocado! Mas não ha meio, todas estas rodas fazem a cabeça tonta!

E apesar da fadiga que lhe causava o falar, teimou, deu pormenores a seu respeito. Era colxoeira, e, com uma de suas tias, durante muito tempo fizera colxões, de pateo em pateo, em Bercy; e era a toda essa lã empestada, cardada por ella na mocidade, que attribuia a sua molestia. Havia cinco annos que dava volta aos hospitaes de Paris. Falava dos grandes medicos, com familiaridade. As religiosas de Lariboisiere, vendo-a apaixonada pelas cerimonias religiosas, tinham acabado de a converter e de a convencer que Nossa Senhora estava á espera d'ella em Lourdes, para a pôr boa.

— E bem preciso do milagre! dizem para ahi que tenho um pulmão perdido e que o outro pouco melhor estará. Cavernas, percebe... Ao principio não me doia senão en-

tre os hombros, e cuspia espuma. Depois emmagreci, a ponto de metter dó. Agora são suores constantes, tusso a deitar os bofes pela bôcca fóra, e não se me solta a expectoração, tão grossa ella é... E, como vêem, não posso ter-me em pé, não cômo nada...

Parou suffocada, pondo-se livida.

—Seja lá como fôr! antes quero estar na minha pelle do que na do frade que vae no outro compartimento por detraz da menina. Tem o que eu tenho, mas está mais adeantado do que eu.

Enganava-se. Havia ali, effectivamente, encostado a Maria, um moço missionario, frei Izidoro, deitado n'um colxão, e que ninguem via, porque nem sequer podia bolir um dedo. Mas não estava phtysico, succumbia a uma inflamação de figado apanhada no Senegal. Muito comprido, magrissimo, tinha uma face amarella, secca e morta como um pergaminho. O abcesso, que se lhe formara no figado, acabara de rebentar para fóra, e a suppuração extenuava o pobre rapaz, n'um tiritar continuo de febre, com vomitos e delirio. Só os olhos viviam ainda, olhos de inextinguivel amor, cuja chamma lhe illuminava o rosto expirante de Christo na cruz, rosto ordinario de cavadôr que a fé e a paixão por momentos tornavam sublime. Era bretão, ultimo filho enfezado de uma familia numerosa, e que deixara aos mais velhos o bocadito de terra. E uma de suas irmãs acompanhava-o, Martha, mais nova do que elle dois annos, e que viera para Paris, tão dedicada na sua insignificancia de creada de servir, que deixara a casa onde estava para o seguir, gastando as ténues economias.

—Eu estava no chão, na plataférma, quando o metteram no wagon, tornou a Grivotte. Pegavam-lhe quatro homens...

Mas não poude dizer mais. Um accesso de tosse sacudiu-a, prostrou-a na bancada. Estava suffocada e as rosetas das faces tornavam-se-lhe azuladas. E immediatamente soror Jacinta ergueu-lhe a cabeça, enxugou-lhe os beiços

com uma toalha, que se manchava de vermelho. M.me de Jonquières, no mesmo instante, tratava da doente que tinha em frente de si. Chamava-se M.me Vêtu, e era mulher de um pobre relojoeiro do bairro Mouffetard, que não podera fechar a loja para a acompanhar a Lourdes, de modo que se fizera «hospitalisar» para ter quem olhasse por ella. O medo da morte reconquistara-a para a egreja, onde não tornara a pôr os pés depois da primeira communhão. Sabia que estava condemnada, roida por um cancro no estomago; e já tinha a mascara espantada e amarella dos cancerosos, as dejecções negras como fuligem Em toda a viagem ainda não tinha soltado palavra, com os beiços emparedados, soffrendo abominavelmente. Depois attacara-a um vomito, e perdera os sentidos. Assim que abria a bôcca um fétido medonho exhalava-se, uma pestilencia de fazer lançar fóra.

— Já não é possivel, murmurou M.me de Jonquière, que se sentia desfallecer, é preciso arejar um bocado.

Soror Jacintha acabava de deitar outra vez a Grivotte nos travesseiros.

— Decerto, decerto. Vamos abrir durante uns minutos. Mas não d'esta banda, tenho medo de outro accesso de tosse... Abra do seu lado.

O calor augmentava sempre, abafava-se no meio do ar pezado e nauseabundo; foi um allivio a golphada de ar puro que entrou. Durante um momento, houve outras occupações, uma limpeza completa: a religiosa mechia nos vasos, nas bacias, cujo contheudo lançou pela portinhola, emquanto que a dama hospitaleira, com uma esponja, enchugava o chão que a trepidação saccudia duramente. Era preciso pôr tudo em ordem. E foi depois outro cuidado: a quarta doente, que até então se não mechera, uma rapariga franzina com a cara embrulhada n'uma manta de renda preta, dizia que tinha vontade de comer.

Já M.me de Jonquière se offerecia com a sua dedicação tranquilla.

— Não se incommode, irmã. Vou cortar-lhe o pão aos bocadinhos.

Maria, na sua carencia de distracção, observara com interesse esse rosto immovel assim escondido pelo veu. Desconfiava que fosse chaga no rosto. Tinham-lhe dito simplesmente que era uma creada. A desgraçada, uma Picarda por nome Elisa Rouquet, tivera de abandonar a sua collocação e vivia em Paris com uma irmã que a tratava mal. Nenhum hospital quizera recebel-a porque a doença era só aquillo. Muito devota, nutria o desejo ardente de ir a Lourdes. E Maria esperava com terror surdo, que o véo se affastasse.

— São bastante pequenos assim? perguntava M.me de Jonquière, maternalmente. Poderá mettel-os na bôcca?

Sob a manta preta, uma voz rouca resmungava palavras confusas.

— Posso, posso, minha senhora.

Então a manta caiu e Maria teve um calafrio de horror. Era um lupus, que invadira o nariz e a bôcca, crescendo ali pouco a pouco, ulceração lenta lavrando incessante sob as crôstas, devorando as mucosas. A cabeça alongada, á maneira de focinho de cão, com os cabellos asperos e os grandes olhos redondos, tornara-se hedionda. As cartilagens do nariz estavam quasi comidas, a bôcca tinha-se retrahido, repuchada para a esquerda pela inchação do labio superior, semelhante agora a uma fenda obliqua, immunda, e sem fórma. Suor sanguinolento, misturado com o pus, escorria da enorme chaga livida.

— Olhe, veja, Pedro! murmurou Maria tremendo.

O padre estremeceu tambem, ao observar como Elisa Rouquet introduzia com precaução os pedacitos de pão no buraco ensanguentado que lhe servia de bôcca. Todo o wagon empallidecera deante da hedionda apparição. E o mesmo pensamento subia de todas essas almas trasbordantes de esperança. Ai! Virgem Santa, Virgem potente, que milagre se tamanho mal se curasse!

— Meus irmãos, não pensemos em nós se queremos ter saude, repetiu soror Jacintha, que conservava o seu sorriso animador.

E fez dizer o segundo rosario, os cinco mysterios dolorosos: Jesus no Horto, a Flagellação de Jesus, a Coroação de Espinhos, o Senhor com a Cruz aos hombros, a Crucificação. Depois o cantico seguiu-se: «Ponho a minha confiança, Santa Virgem, no vosso auxilio...»

Acabavam de atravessar Blois, viajavam já havia tres compridas horas. E Maria affastava os olhos de Elisa Rouquet, e fixava-os agora em um homem que occupava um canto do outro compartimento, á sua direita, o mesmo em que estava frei Isidoro. Por varias vezes reparára n'elle, pobremente vestido com uma velha sobrecasaca preta, novo ainda, com uma barba rara, já semeada de fios brancos; e parecia soffrer immenso, baixinho e anemico, o rosto descarnado e coberto de suor. Entretanto ficara immovel, mettido no seu canto, não falando a ninguem, olhando fixamente para a frente com os olhos muito arregalados. E, repentinamente, Maria observou que lhe desciam as palpebras e desmaiava.

Então chamou a attenção de soror Jacintha.

— Veja, irmã, veja! Parece que aquelle senhor lhe deu uma cousa!

— Onde, qual d'elles, minha filha?

— Ali, aquelle que tem a cabeça cahida para traz.

Foi uma commoção, todos os peregrinos sãos ergueram-se de pé para vêr. E M.me de Jonquière teve a idéa de bradar a Martha, a irmã de frei Isidoro, que batesse nas mãos do homem.

— Faça-lhe perguntas! elle que diga o que lhe dóe!

Martha approximou-se, saccudiu-o, fez-lhe perguntas. Mas o homem não respondia, resfolegava n'um estertor, com os olhos sempre cerrados.

Uma voz assustada ergueu-se dizendo:

— Parece-me que vae morrer!

O medo augmentou, palavras cruzavam-se, conselhos atravessavam de uma extremidade á outra do wagon. Ninguem conhecia o sujeito. Com certeza que não era dos «hospitalisados», porque não trazia ao pescoço o cartão branco, da côr do comboyo. Alguem contou que o vira chegar, tres minutos só antes da partida, arrastando-se, e que se atirara com ar de immenso cançasso para aquelle canto, onde estava a expirar. Depois não bolira mais. Descobriram-lhe, de resto, o bilhete, passado na fita do velho chapeu alto, pendurado ao pé d'elle.

Soror Jacintha teve uma exclamação.

— Ai! lá respira elle! Perguntem-lhe o nome!

Mas, interrogado novamente por Martha, o homem exhalou um gemido, murmurando apenas:

— Que soffrimento, meu Deus!

E desde então só deu esta resposta. A tudo o que os outros queriam saber, quem era, d'onde vinha, que molestia tinha, se precisava de alguma cousa, nada respondia, soltava só este gemido continuado:

— Que soffrimento!... que soffrimento!...

Soror Jacintha agitava-se cheia de impaciencia. Se ao menos estivesse no mesmo compartimento! E promettia a si mesma mudar de logar na primeira estação em que parassem. O peor era que não havia paragem senão d'ali a muito tempo. O caso tornava-se terrivel, tanto mais que o homem desmaiara outra vez

— Está a morrer! está a morrer! repetiu a mesma voz.

Deus meu! que fariam? A religiosa sabia que um religioso da Assumpção, o padre Massias, ia no comboyo, com os santos oleos, com tudo prompto para sacramentar os doentes. Mas soror Jacintha não ousava fazer o signal de alarme. Havia tambem o furgon da cantina em que vinha o medico com uma pequena pharmacia. Se o doente chegasse a Poitiers, onde a paragem era de meia hora, dar-se-lhe-hia ali tudo o que fosse necessario. O mais atroz era

morrer de repente. Acabaram, todavia, por serenar um bocado. O homem, sempre desmaiado, respirava mais regularmente, parecia estar a dormir.

— Morrer antes de lá chegar, murmurou Maria arripiada, morrer em frente da terra promettida...

E como o pae a animava:

— E eu soffro tanto tambem, Deus meu!

— Tenha confiança, disse Pedro, Nossa Senhora véla por si.

Maria não podia conservar-se assentada. Foi preciso deital-a no estreito esquife. O pae e o padre tiveram de o fazer com precauções infinitas, porque o menor choque arrancava-lhe gemidos. E ficou sem um sopro, como morta, com a sua cara de soffrimento, no meio dos maravilhosos cabellos louros. Havia perto de quatro horas que rodavam, rodavam sempre. Se o wagon era saccudido d'aquelle modo n'um movimento de vae-vem insupportavel é porque ia na cauda do comboyo: as correntes de ligação rangiam, as rodas faziam um estardalhaço furioso. Pelas portinholas que eram obrigados a ter entre-abertas, a poeira entrava, acre e queimante; e sobretudo o calôr tornava-se terrivel, um calôr devorante de trovoada, n'um céo fulvo, pouco a pouco invadido de grandes nuvens sombrias. Os compartimentos sobreaquecidos estavam como um forno, casas rolantes em que se comia, em que se bebia, em que os doentes satisfaziam todas as suas necessidades, no meio do ar viciado, entre o atordoamento dos gemidos, das preces e dos canticos.

E Maria não era a unica que peorára, os outros igualmente soffriam com a viagem. Sobre os joelhos da mãe desesperada, que a contemplava com grandes olhos turvos de lagrimas, Rosinha já se não mechia, e estava tão pallida, que duas vezes M.me Maze se inclinara para lhe tocar nas mãos, com medo de as encontrar frias. A todos os instantes M.me Sabathier tinha que mudar de lugar as

pernas do marido, cujo pezo era tamanho, dizia elle, que parecia arrancar-lhe os quadris. Frei Izidoro acabava de soltar gritos, no meio do habitual torpôr; e a irmã não podera dar-lhe allivio senão segurando-o nos braços. A Grivotte parecia estar a dormir, mas agitava-a um soluço continuado, delgado fio de sangue escorria-lhe da bôcca. M.me Vêtu lançara ainda um jacto negro e pestilencial. Elisa Rouquet já não cuidava de esconder a horrivel chaga escancarada da face. E o homem, lá ao fundo, continuava no seu estertôr, resfolegando duro, como se a cada momento fosse expirar. Em vão M.me de Jonquière e soror Jacintha se prodigalisavam, não conseguiam senão adormentar tantos soffrimentos. Era, por instantes, um pezadêllo aquelle wagon de miserias e de dôres, sacudido pelo balanço que agitava as bagagens, o fato dependurado, os cestos velhos concertados com atilhos; emquanto que no compartimento do fundo as dez peregrinas, as velhas e as novas, todas de lastimosa fealdade, cantavam sem descanço, em tom agudo, lamentoso e desafinado.

Então Pedro pensou nos outros wagons do comboyo, d'aquelle comboyo branco, que transportava especialmente os «grandes doentes»: todos rolavam no mesmo soffrimento, com os seus trezentos doentes e os seus quinhentos peregrinos. Depois pensou nos outros comboyos, que partiram de Paris n'esse dia, no comboyo cinzento e no comboyo azul que tinham precedido o comboyo branco, no comboyo côr de roza, no comboyo amarello que o seguiam. De uma ponta á outra da linha eram comboyos lançados todas as horas. E pensou ainda nos outros comboyos, nos que partiam no mesmo dia de Orleans, de Mans, de Poitiers, de Bordeus, de Marselha, de Carcassone. A terra franceza, á mesma hora achava-se sulcada em todos os sentidos por comboyos semelhantes, que se dirigiam todos para a Gruta Santa, conduzindo trinta mil doentes e peregrinos aos pés da Virgem. E pensou que a onda d'esse dia

se precipitava tambem em todos os outros dias do anno, que não se passava uma semana sem que Lourdes visse chegar uma peregrinação, que não era a França só que se punha a caminho, mas a Europa inteira, o mundo inteiro, e que em certos annos de grande religião houvera trezentos mil e até quinhentos mil peregrinos e doentes.

Pedro julgava ouvil-os, esses comboyos em movimento, comboyos vindos de toda a parte convergindo todos para a mesma cavidade de rocha, em que flammejavam cirios. Todos trovejavam entre gritos de dôr e esvoaçar de canticos. Eram os hospitaes volantes das doenças desesperadas, era a arremetida do soffrimento humano para a esperança da cura, uma furiosa necessidade de allivio, atravez das crises recrescentes, sob a ameaça da morte prematura na balburdia das multidões. E rodavam, rodavam ainda, rodavam sem fim, acarretando a miseria do mundo a caminho para a divina illusão, saude dos enfermos e consoladora dos afflictos.

E um immenso dó trasbordou do coração de Pedro, a religião humana de tantos males, de tantas lagrimas devorando o homem fraco e nu. Tinha uma tristeza mortal, e requeimava-o ardente caridade, como o fogo inextinguivel do seu sentimento fraternal por todas as cousas e por todos os seres.

Ás dez horas e meia, quando sahiram da estação de Saint-Pierre-des-Corps, soror Jacintha deu signal, e rezaram o terceiro rosario, os cinco mysterios gloriosos: a Resurreição de Nosso Senhor, a Ascensão de Nosso Senhor, a Vinda do Espirito Santo, a Assumpção da Santissima Virgem, a Coroação da Santissima Virgem. Depois entoaram o cantico de Bernadette, infinita lamentação com seis duzias de coplas, em que a Saudação Angelica volta como estribilho constante, embalar prolongado, lenta obsessão que acaba por invadir o ser todo inteiro, e por adormecel-o no somno extactico, na expectativa deliciosa do milagre.

II

Agora as verdes campinas do Poitou desfilavam, e o abbade Pedro Froment, olhando pela portinhola, contemplava as arvores que fugiam, e que pouco a pouco se não podiam distinguir. Um campanario appareceu, desappareceu: todos os peregrinos fizeram o signal da cruz. Só deviam chegar a Poitiers ao meio dia e trinta cinco, e o comboyo continuava a rodar, na fadiga crescente do pezado dia de trovoada. O moço ecclesiastico, que cahia em profunda abstracção, já não ouvia o cantico senão como o embalar amortecido das vagas.

Era um esquecimento do presente, um despertar do passado que lhe invadia todo o ser. Remontou-se ás suas recordações, tão longe quanto podia remontar-se. Tornava a ver em Neuilly a casa em que nascera, onde habitava ainda, essa casa de paz e de trabalho, com o jardim plantado de bellas arvores, que uma sebe viva reforçada de uma paliçada separava da casa visinha, inteiramente semelhante. Havia tres annos, quatro annos talvez; e n'um dia de verão o padre via assentados á roda da meza, á sombra de um grande castanheiro, o pae, a mãe, o irmão mais velho, que estavam a almoçar. O pae, Miguel Froment, não tinha as feições bem claras, via-o apagado e vago, com a sua fama de chimico illustre e o seu titulo de membro do Instituto, enclausurando-se no laboratorio que fizera installar no fundo d'esse bairro deserto. Mas quem lhe apparecia nitidamente era seu irmão Guilherme, então com quatorze annos, tendo sahido n'essa manhã do Lyceo por um feriado qualquer, e sobretudo a mãe, tão meiga, tão pouco ruidosa, com os olhos cheios de uma bondade tão activa. Mais tarde soubera as angustias d'essa alma religiosa, d'essa crente que se resignara, por estima e reconhecimento, a cazar com um incrédulo mais velho do que ella quinze annos, e de quem a sua familia recebera grandes serviços. O padre, filho tardio d'essa união, vindo a este

mundo quando o pae orçava pelos cincoenta, só conhecera a mãe respeitosa e conquistada deante do marido, a quem se pozera a amar ardentemente, com o tormento medonho de o saber no caminho da perdição eterna. E, subitamente, outra lembrança se apoderou d'elle, a lembrança do dia em que o pae fallecera, morto de um desastre no laboratorio, a explosão de uma retorta. Tinha então cinco annos, lembrava-se de todos os pormenores, o grito da mãe quando dera com o corpo despedaçado, no meio dos destroços, depois o seu pavor, os soluços, as rezas, na ideia de que Deus acabava de fulminar o impio, comdemnado para todo o sempre. Não se atrevendo a queimar os papeis e os livros a pobre senhora contentara-se com fechar o gabinete, onde ninguem entrava depois. Passado esse momento, perseguida pela visão do inferno, só tivera uma ideia, apoderar-se do filho mais pequeno, tão novinho, educal-o na religião stricta, fazer d'elle o resgate, o perdão do pae. O mais velho, Guilherme, cessara de lhe pertencer, tendo crescido no collegio, conquistado pelo seculo; emquanto que aquelle, o pequeno, não sahiria de caza, teria um perceptôr padre; e o seu sonho secreto, a sua esperança ardente era vel-o um dia padre tambem, dizendo a sua primeira missa, dando allivio e consolo ás almas penando pela eternidade.

Outra imagem viva se ergueu, entre ramarias verdejantes, crivadas de sol. Pedro viu subitamente Maria de Guersaint, tal como a observara uma manhã, por uma abertura da sebe que separava as duas propriedades visinhas. M. de Guersaint, fidalgote normando, era um architecto atravessado de inventor, que se occupâva então da creação de bairros operarios com egreja e escola: negocio vasto, bastante mal estudado, em que arriscara trezentos mil francos de fortuna, com a sua impetuosidade habitual, a sua imprevidencia de artista infeliz. Fora a igualdade da fé religiosa que approximara M.me de Guersaint e M.me Fro-

ment; mas na primeira, nitida e rigida, havia uma mulher ás direitas, mão de ferro que sosinha impedia a casa de rolar para uma catastrophe; e educava as duas filhas, Branca e Maria, n'uma devoção estreita, a mais velha principalmente já cheia de gravidade como ella, a mais nova muito religiosa, adorando o jogo, todavia, e com uma vida intensa que se traduzia em bellas gargalhadas sonoras. Desde criancinhas, Pedro e Maria brincavam juntos, a sebe era transposta continuamente, as duas familias misturavam-se. E por essa manhã de sol claro, em que elle a tornava a vêr assim, affastando os ramos, Maria tinha dez annos já, Pedro que fizera dezeseis devia na terça feira seguinte entrar no seminario. Nunca Maria lhe parecera tão linda. Os cabellos de ouro puro tinha-os tão compridos que quando se desatavam vestiam-n'a toda. Reconhecia o seu rosto de então, com exactidão extraordinaria, as faces redondas, os olhos azues, a bôcca vermelha, principalmente o brilho da pelle côr de neve. Era alegre, brilhante como o sol, era um deslumbramento; e tinha lagrimas á beira das palpebras, porque não ignorava a partida d'elle. Ambos se tinham assentado á sombra da sebe, no fundo do jardim. Os seus dedos uniram-se e tinham o coração trasbordante de tristeza. Todavia nos brinquedos, nunca haviam trocado juramentos, tal era a sua innocencia absoluta. Mas, na vespera da separação, a paixão subia-lhes aos labios, falavam sem saber, juravam pensar continuamente um no outro, encontrarem-se outra vez um dia, como a gente se encontra no ceu, para ser bemaventurado. Depois, sem se saber como, tinham-se abraçado loucamente, beijando-se na face, chorando com amargura. E havia nisto uma recordação deliciosa que Pedro levara comsigo para toda a parte e que sentia ainda viva dentro em si, passados tantos annos e depois de tanta abnegação dolorosa.

Um solavanco mais violento acordou-o do devaneio. Olhou para o wagon e entreviu vagas figuras dolorosas, M.me

Maze immovel, anniquilada de soffrimento, a pequenita Rosa soltando o brando queixume nos joelhos da mãe, a Grivotte suffocada por uma tosse rouca. Por um instante o rosto alegre de soror Jacintha dominou, na brancura da sua touca. Era a dura viagem que continuava, com o raio de divina esperança no fim. Depois, pouco a pouco, tudo se confundiu sob nova onda longinqua, vinda do passado; e só ficou outra vez o canto emballador, vozes indistinctas de sonho, que sahiam do invisivel.

Agora Pedro estava no seminario. As aulas, o pateo com arvores, surgiam nitidamente evocados. Mas, de repente, viu só, como n'um espelho, a physionomia do rapaz que então era; e observava-a, miudamente, como se fosse a cara de um extranho. Alto e franzino tinha o rosto comprido, com a fronte muito desenvolvida, elevada e direita como uma torre, emquanto que a parte inferior ia adelgaçando e terminava n'um queixo muito estreito. Parecia todo elle cerebro; só a bôcca, um tanto cheia, revelava meiguice. Quando o rosto serio se distendia, a bôcca e os olhos mostravam uma doçura infinita, uma dedicação, uma fome insaciada de amar, e de viver; immediatamente, porém, a paixão intellectual voltava, essa «intellectualidade» que o devorara sempre do anceio de comprehender e de saber. E dos annos de seminario não podia lembrar-se sem surpreza. Como podera acceitar por tanto tempo a rude e cega disciplina da fé, o dever de acreditar com obediencia em tudo, sem exame? Tinham-lhe pedido o abandono total da sua razão, e elle esforçara-se e conseguira abafar em si a torturante sêde de verdade. Certamente, que as lagrimas da mãe o tinham abrandado, e só sentia o desejo de lhe dar a grande ventura sonhada. N'este momento, todavia, lembrava-se de certos fremitos de revolta, encontrava no fundo da memoria noutes passadas a chorar, sem que soubesse porque, noutes povoadas de imagens indecisas, em que desfilava em tropel a vida viril e livre cá de fóra,

em que o rosto de Maria voltava incessantemente, tal como o vira uma manhã, deslumbrante e banhado em lagrimas, beijando-o do fundo de alma. E agora era só o que ficava, porque os annos de estudos religiosos com as lições monotonas, os exercicios e as cerimonias, desappareciam na mesma bruma, n'uma meia luz apagada cheia de silencio mortal.

Depois como acabavam de atravessar uma estação, a toda a força de vapor, no meio do ruido trovejante do comboio, deu-se no espirito do padre uma successão de cousas confusas. Observou um grande cerrado deserto, e julgou encontrar-se lá aos vinte annos. O seu devaneio transviara-se. Um incommodo de saude bastante longo, retardando-lhe os estudos fizera com que fosse mandado para o campo. Ficara muito tempo sem vêr Maria: duas vezes durante as ferias passadas em Neuilly, não podera encontral-a porque ella estava continuamente em viagem. Sabia-a muito doente, por causa de uma queda de um cavallo que dera aos treze annos, no momento em que ia ser mulher; e a mãe, desesperada, a contas com as consultas contradictorias dos medicos, levava-a cada anno a uma estação de aguas differente. Depois soubera a catastrophe, a morte repentina d'essa mãe tão severa, mas tão util aos seus, e em circumstancias tragicas: uma pneumonia que a levara em cinco dias, apanhada n'um passeio de tarde, na Bourboule, por tirar a capa para a deitar nos hombros de Maria, que estava ali em tratamento. O pae tivera que partir, trazer a filha semi louca, e o corpo da mulher morta. O peior era que, depois da desapparição da mãe, os negocios da familia periclitavam, embaraçavam-se cada vêz mais, nas mãos do architecto que, sem contar, atirava com a fortuna para o abysmo das suas emprezas. Maria não se mechia da cadeira de repouso e só ficava branca para governar a casa, toda occupada tambem pelos seus ultimos exames, diplomas que teimava em obter, na previsão do pão que seria certamente preciso ganhar um dia.

Pedro, de subito, teve a sensação de uma visão clara, que se desprendia d'este conjuncto de factos confusos, meio esquecidos. Era durante uma licença que o seu mau estado de saude o forçara ainda a pedir. Acabava de fazer vinte e quatro annos, estava muito atrazado, tendo recebido só até então as quatro ordens menores; mas, assim que regressasse, devia receber o sub-diaconato, que o prenderia para todo o sempre por juramento inviolavel. E a scena reconstituia-se precisa, no jardimsinho de Neuilly, no dos Guersaint, onde tantas vezes brincara outr'ora. Tinham rolado para debaixo das grandes arvores do fundo, junto da sebe divisoria, a cadeira de Maria; e estavam sósinhos no meio da paz triste da tarde de outomno, e via Maria de luto pesado pela mãe, meio estendida, as pernas inertes; emquanto que elle, tambem de preto, já de batina, estava assentado n'uma cadeira de ferro ao pé d'ella. Havia cinco annos que Maria estava doente. Tinha dezoito annos, era pallida e magra, sem deixar de ser adoravel, com os lindos cabellos de ouro que a doença respeitava. De resto considerava-a para sempre invalida, condemnada a nunca ser mulher, ferida no seu proprio sexo. Os medicos que nada percebiam da molestia abandonavam-a. Certamente, por essa tepida tarde, em que as folhas amarelladas lhes choviam em cima, Maria dizia-lhe estas cousas. Mas o padre não se lembrava das palavras, só tinha presentes o sorriso pallido, o rosto cheio de mocidade, tão encantador ainda, desesperado já com saudades da vida. Depois comprehendera que Maria evocava o dia longinquo da sua separação, n'esse mesmo logar, sob a sebe crivada de sol; e tudo isso era como morto, as lagrimas, os abraços, a promessa de se encontrarem um dia n'uma certeza de felicidade. Encontravam-se, era bem verdade, mas de que servia? ella estava como morta e elle ia morrer para a vida d'este mundo. Desde o momento em que os medicos a condemnavam, e que nunca poderia ser nem mulher, nem esposa, nem mãe, podia elle tambem renunciar

a ser homem, anniquilar-se em Deus, a quem sua mãe o offerecera. E sentia o doce amargôr da entrevista derradeira, Maria sorrindo dolorosamente das creancices de ambos, falando-lhe da felicidade que elle havia de encontrar com certeza no serviço de Deus, tão commovida por este pensamento, que lhe fizera prometter que a convidaria a ouvir a sua primeira missa.

Na estação de Saint-Maure houve um reboliço que attrahiu por instantes a attenção de Pedro para o wagon. Pensou que seria alguma crise, algum novo desmaio. Mas os rostos doloridos que encontrou eram os mesmos, conservavam a expressão retrahida, a espectativa anciosa do soccorro divino tão demorado em chegar. Em vão M. Sabathier procurava accommodar as pernas, e frei Isidoro soltava um queixume continuo de creança moribunda, entretanto que M.me Vêtu, presa de accesso terrivel, com o estomago corroído, nem respirava quasi, apertando os labios, a face decomposta, livida e hostil.

Fôra M.me de Jonquière que, ao limpar um vaso, acabara de deixar cair a caneca de zinco. E, apesar das dôres, o caso fizera rir os doentes, como almas simples, que o soffrimento tornava pueris. Immediatamente, soror Jacintha, que com razão lhes chamava filhos, filhos que governava com uma palavra só, fez repetir o rosario, esperando pelas Trindades, que deviam resar-se em Chatellerault, segundo o programma fixado de antemão. As ave-marias seguiam-se, e não foi mais do que um murmurio, um borborinho perdido no estrépito das ferragens e no ruido ensurdecedor das rodas.

Pedro tinha vinte e seis annos e era padre. Alguns dias antes da ordenação, tivera escrupulos tardios, a vaga consciencia de que se ligava para sempre sem a si proprio se ter interrogado nitidamente. Mas evitara fazel-o, e vivia no aturdimento da sua decisão, julgando com uma machadada ter cortado em si todas as aspirações humanas. A sua carne estava bem morta com o innocente romance da infan-

cia, a branca rapariga de cabellos d'ouro, que Pedro não via agora senão deitada em leito de dôres, com a carne tão morta como a d'elle. Fizera, depois, o sacrificio da sua razão. o que julgara muito mais facil, esperando que para não pensar bastava querer. Depois, era tarde, não podia recuar no derradeiro momento; e se, na hora de pronunciar o ultimo juramento solemne, se sentira agitado de secreto terror, de saudade indeterminada e immensa, tudo esquecera, divinamente recompensado de tal exforço no dia em que dera á mãe a grande alegria, tanto tempo esperada, de lhe ouvir dizer a primeira missa. Estava ainda a vêl-a, pobre senhora, na igrejinha de Neuilly, que ella propria escolhera, a igreja em que haviam sido celebradas as exequias do pae; estava a vêl-a, em fria manhã de dezembro, quasi só na capellinha sombria, ajoelhada e de rosto entre as mãos, chorando longamente, emquanto elle levantava a hostia. M.me Froment saboreara ali a sua ultima ventura, porque vivia solitaria e triste, não falando com o filho mais velho, que se ausentara possuido por idéas bem differentes, desde que o irmão se destinara á vida ecclesiastica. Dizia-se que Guilherme, chimico de grande talento como o pae, mas sem posição, lançado em sonhos revolucionarios, habitava uma pequena casa nos arrabaldes, onde se entregava a estudos perigosos sobre as materias explosivas; e accrescentava-se — o que acabava de quebrar os ultimos laços com a mãe, — que vivia conjugalmente com uma mulher aventureira. Havia tres annos Pedro, que adorara Guilherme na sua infancia como irmão mais velho, risonho e paternal, não o tornara a vêr.

Então teve um aperto de coração, viu mentalmente a mãe morta. Era ainda como um raio que descera, uma doença de tres dias apenas, desapparição brusca como a de M.me de Guersaint. Encontrara-a uma noite depois de correr como doido á procura do medico, morta durante a sua ausencia, immovel, branca como a cal; e nos labios Pedro conservara para todo o sempre o sabor gelado do

ultimo beijo. Já se não lembrava do resto, nem das horas que passara a velal-a, nem dos preparativos, nem do enterro. Tudo isso se esfumara na negrura da sua horrivel confusão de espirito, dôr tão atroz, que por pouco o não matara, agitado á volta do cemiterio de um calafrio, atacado da febre mucosa, que por tres semanas o teve delirante, entre a vida e a morte. O irmão viera, tratara d'elle, e depois occupara-se de questões de interesse, fazendo as partilhas da pequena fortuna, deixando-lhe a casa e um modesto rendimento, recebendo a sua parte em dinheiro; e assim que o vira livre de perigo partira de novo, mergulhando no desconhecido. Mas que longa convalescença no fundo da casa deserta! Pedro nada fizera para reter Guilherme, porque percebia que entre os dois existia um abysmo. Primeiro custara-lhe a solidão. Depois gosara-lhe a doçura no grande silencio dos quartos aonde nâo chegavam os raros ruidos da rua, na sombra discreta do jardimsinho, onde podia passar dias inteiros sem vêr viva alma.

Era-lhe refugio principalmente o antigo laboratorio, o gabinete do pae, que durante vinte annos a mãe cuidadosamente fechara, como para emparedar ali um passado de incredulidade e maldição. Talvez que, apesar da meiguice, da submissão respeitosa de outr'ora, M.me Froment tivesse acabado um dia por anniquilar os papeis e os livros, se a morte a não tivesse vindo surprehender. Pedro fizera abrir as janellas, limpar o pó da secretária e da estante, e installara-se na vasta poltrona de couro, onde passava horas deliciosas, como regenerado pela doença, restituido á mocidade, sentindo, na leitura dos livros que abria ao acaso, extraordinaria alegria intellectual.

Durante esses dois mezes de vagaroso restabelecimento, não se lembrava de ter recebido senão o doutor Chassaigne. Era um antigo amigo do pae, medico de verdadeiro merecimento, que se encerrava modestamente no papel de clinico, tendo por unica ambição curar. Não conseguira sal-

var Madame Froment, mas gabava-se de ter tirado o moço ecclesiastico de mau passo; e voltava a vel-o de tempos a tempos, conversando, distrahindo-o, fallando-lhe do pae, o grande chimico, ácerca do qual se não cançava de dar anedoctas encantadoras, pormenores ainda frescos da sua grande amizade. Pouco a pouco, na fraqueza de convalescente, o filho vira assim erguer-se uma figura de adoravel simplicidade, meiguice e bonhomia. Era o pae tal qual como realmente fôra e não o homem de dura sciencia que Pedro outr'ora imaginara, ao ouvir a mãe. Nunca certamente esta lhe ensinara outra cousa que não fosse o respeito por memoria tão cara; mas não era elle o incrédulo, o homem de negação, que fazia chorar os anjos, o artifice de impiedade que ia contra as obras de Deus? E assim ficara sendo visão cheia de sombra, expectro de precito, que vagueava pela casa; ao passo que era agora, a clara luz risonha, o trabalhador apaixonado pela verdade, que só quizera o amor e a ventura de todos. O doutor Cassaigne, lá por si, originario dos Pyrineus, nascido no fundo de uma aldeia onde se acreditava em bruxas, não era de todo avesso á religião, apesar de não ter posto os pés na egreja, durante os quarenta annos, que vivera em Paris. Mas tinha absoluta certeza: se havia céo, fosse onde fosse, Miguel Froment lá estava, e sobre um throno, á mão direita de Deus.

E Pedro, em poucos minutos revivera de novo a horrenda crise, que durante dois mezes o devastara. Não que encontrasse na estante livros de discussão anti-religiosa, ou que o pae, cujos papeis puzera em ordem, tivesse jámais sahido fóra das investigações technicas de homem de sciencia. Mas, pouco a pouco, a seu pezar, a claridade scientifica irrompia, complexo de phenomenos provados, que demoliam os dogmas, e que lhe não deixavam de pé nenhum dos factos em que devia acreditar. Parecia que a doença o remoçara, e que principiava a viver outra vez e a apren-

der tudo de novo, na doçura physica da convalescença, n'um resto de fraqueza, que lhe dava ao cerebro lucidez penetrante. No seminario, por conselho dos mestres, refreiara sempre o espirito de exame, a ancia de saber. O que lhe ensinavam surprehendia-o bastante; mas conseguia fazer da razão o sacrificio que lhe exigiam da piedade. E afinal n'esta hora, toda a laboriosa construcção se achava arrastada, na revolta d'essa razão soberana, que reclamava os seus direitos, e que não podia já reduzir ao silencio. A verdade refervia, trasbordava, em onda tão irresistivel, que Pedro comprehendeu que nunca poderia refazer o erro no seu cerebro. Era a ruina total e irreparavel da fé. Se pudera matar os apetites da carne, renunciando ao romance da mocidade, se podia dominar os impetos sensuaes, a ponto de não ser já um homem, sabia agora que o sacrificio impossivel ia ser o da intelligencia. E não se enganava, era o pae que renascia no fundo do seu ser e que acabava de triumphar n'essa dualidade hereditaria, em que, durante tantos annos, a mãe dominara. O alto do rosto, a fronte direita em fórma de torre, pareciam ter-se erguido ainda mais, ao passo que a parte inferior, o queixo fino, a bôcca meiga, esfumavam-se. Todavia soffria, desesperado por não acreditar, cheio de desejos de vir a acreditar ainda, em certas horas crepusculares, quando a bondade, a necessidade de affeição accordavam no seu intimo; e era preciso que viesse o candieiro, e que Pedro visse claro em si e em roda de si, para encontrar novamente a energia e a serenidade da razão, a força do martyr, a vontade de sacrificar tudo á paz da consciencia.

Declara-se então a crise. Era padre e não tinha crença. O facto vinha, de subito, cavar-lhe deante dos passos um abysmo sem fundo. Era o fim da sua vida, o desmoronamento de tudo. Que faria? Não lhe ordenava a mais simples probidade que lançasse fóra a batina, e voltasse de novo para o meio dos homens? Mas vira padres renegados

e despresara-os. Um padre casado, que conhecia, enchia-o de nojo. Eram restos ainda da longa educação religiosa: conservava a ideia de que o sacerdocio era indelevel, que quando alguem se entrega a Deus não pode voltar para traz. Talvez tambem se sentisse demasiadamente assignalado, demasiado differente já dos outros homens, para que não temesse ser acanhado e mal recebido no meio d'elles. Desde o momento em que o tinham castrado, queria ficar de parte, na sua altivez dolorosa. E, apoz dias de angustia, apoz luctas sempre renascentes, em que se debatiam anceios de felicidade e energias de saude resuscitada, tomou a resolução heroica de permanecer padre e padre honrado. Teria a força precisa para essa abnegação. Se não tinha conseguido mortificar o cerebro, mortificara em todo o caso a carne e estava certo de que cumpriria o voto de castidade. Era essa a decisão inabalavel, a vida pura e direita que tinha a certeza absoluta de viver. Que importava o resto, se era o unico a soffrer, se ninguem no mundo suspeitava das cinzas que tinha no coração, do nada da sua fé, da horrivel mentira em que iria agonisando? O seu firme apoio havia de ser a honestidade, e desempenharia o seu officio de padre como homem honrado, sem quebrar nenhum dos votos que pronunciara, continuando segundo os ritos o emprego de ministro de Deus, prégando, celebrando no altar, distribuindo aos fieis o pão da vida. Quem ousaria accusal-o por ter perdido a fé, mesmo se um dia essa grande desgraça fosse conhecida? E que mais lhe podiam pedir do que a vida inteira a troco de um juramento, o respeito do seu ministerio, o exercicio de todas as caridades, sem esperança de recompensa futura? Foi então que acabou por serenar, de pé e cabeça erguida, n'essa grandeza desolada do padre que já não crê, e continua todavia a velar pela fé dos outros. E certamente não estava só, sentia que tinha irmãos, padres atacados pela descrença, caidos no abysmo da duvida, que se conservavam no altar, como soldados sem patria, tendo,

apesar de tudo, a coragem de fazer reluzir a divina illusão, por sobre as multidões ajoelhadas.

Desde que se achava completamente curado, Pedro voltara ao serviço religioso na igrejinha de Neuilly. Dizia missa todos os dias. Mas decidira recusar toda e qualquer collocação ou promoção. Mezes e annos passaram: teimava em não ser mais do que um padre rotineiro, o mais desconhecido, o mais humilde d'esses padres que apparecem e desapparecem n'uma parochia, depois de cumprirem os seus deveres. Toda e qualquer dignidade, que acceitasse, pareceer-lhe-hia uma aggravante da sua mentira, roubo feito a outros que melhor o merecessem. E tinha que defender-se de offerecimentos frequentes, porque o merito que tinha não podia passar desapercebido: na archidiocese admiravam-se de modestia tão obstinada, adivinhavam ali uma força e queriam utilisal-a. Algumas vezes sómente Pedro sentia o amargo pezar de não ser prestavel, de não trabalhar como o inflammado desejo lh'o pedia em qualquer obra grandiosa, na pacificação da terra, na salvação e na felicidade dos povos.

Felizmente tinha os dias livres, e consolava-se n'um affan de trabalho, devorando todos os volumes da livraria paterna, repetindo e discutindo os estudos que fizera, preoccupando-se ardentemente com a historia das nações, desejando examinar a fundo os males sociaes e religiosos, a vêr se realmente não tinham remedio.

(Continúa).

Emile ZOLA.

FIRME!

Quatro dias depois do galope triumphal d'Iena, a algumas leguas de Prentzlow, foi apanhada nas algibeiras de um fugitivo esta carta de um burguez d'Helmstadt:

... Minha querida mulher, os prussianos estão derrotados; o nosso bom duque de Brunswick foi morto; Halberstadt está cheia de feridos... Meu Deus! que será feito de meus dois filhos, sobretudo do mais velho!... Os francezes vingaram-se cem vezes da sua derrota de Rosbach, e isso vae ser o golpe de misericordia na reputação militar dos prussianos... É tempo que a Europa se convença de que os francezes, quando não são atraiçoados, são e serão invenciveis... São na verdade uns homemsinhos, uns anões; se a questão se reduzisse a luctar com elles corpo a corpo, um official dos nossos podia vencer dois de uma vez, e fazel-os saltar pela janella; mas em tropa e na fileira são verdadeiros diabos: marcham, desenvolvem-se com uma promptidão sem exemplo; as balas passam por cima d'elles, e emquanto um inutil e pesado serra-fila prussiano faz uma só vez meia volta á direita, os francezes teem já repetido esse movimento uma duzia de vezes... (*)

D'esses diabos *d'anões,* de que falava á sua mulher o bom burguez, acabava o sr. grão-duque de Berg, principe de Murat, de receber dois regimentos, que logo offerecera a Lassallè. Eram gascões, perfeitamente bisonhos, medindo quando muito cinco pés desde a barretina até ás botas. Finos como diabretes, gracejavam de cima dos seus cavallos, e ainda não sabiam o que era fogo.

(*) Authentico. — «Sexto Boletim do Grande Exercito».

— Misture com elles algumas praças velhas, disse Murat, e deixe-os.

Lassalle completou dois regimentos com os seus hussares, os pelotões primeiro e quarto de cada companhia. D'esse modo os galuchos galopavam debaixo das vistas dos veteranos.

Achando-se o marechal em Prentzlow, para expulsar os restos do exercito prussiano, mandou chamar Lassalle.

— Acabo de saber que uma parte da tropa de Hohenlohe se mantem na cidade. Reuna os homens que lhe dei hontem; entre nos suburbios, e carregue.

Lassalle tomou as suas disposições de combate. Nunca eram muito longas: accendia um cachimbo, e de sabre em punho, coração tranquillo, admiravel no verniz das suas botas e no oiro do seu uniforme bordado, atirava o terrivel: *Esquadrões em frente!* — e dava cabo de tudo.

— MARCHE!

Entraram na cidade a galope. O segundo e o quarto de hussares, vertiginosos, carregaram em forrageadores. Foi uma torrente de cavallos, de sabres, de pragas! A uma legua de distancia, gendarmes da Prussia ouviram a voz de commando.

— Em frente! rugia Lassalle.

Punhos nas coxas, sabre abatido, projectados como balas, essas duas mós de cavalleiros precipitaram-se sobre os allemães, e embrulharam-os, envolveram-os, derrubaram-os, sob as patas dos cavallos, á espadeirada, á pranchada, debaixo d'uma torrente de injurias!

Hohenlohe, á frente dos fugitivos, sahia pelo outro extremo dos arrabaldes, e no encalço do inimigo, os hussares de Lassalle, arrebatados na sua alegria doida, abandonaram a cidade pelas sahidas dos prussianos, em pelotões dispersos, deslocados, galope desabrido, clarins para aqui, clarins para acolá, tocando e correndo, ávidos de carnagem!

Lassalle, montado n'uma egua mais ligeira, ia na frente dos seus, adeantado d'elles, ponta do sabre nas ancas dos cavallos inimigos, cachimbo na bôcca, cabeça núa, chamma nos olhos, os braços enluvados em pó, sinistro e galhofeiro, tropeçando, esbarrando em montes purpureos de soldados mortos e de cavallos estripados; apparecia, sumia-se, avançava, recahia, surgia de novo, cada vez mais frenetico, sedento, aguado, impellido, transportado pela infernal bebedeira da guerra!

Por fim, a sua montada cahiu, e elle, encharcado em suor, coberto de poeira, tremendo e saccudindo-se, firme nas pernas, como um puro sangue de corridas, ao mesmo tempo risonho e furioso, voltou a cabeça e, estupefacto, viu isto:

Duas columnas de hussares, no effectivo de quatro esquadrões, tinham-se afastado a pouco e pouco. Lividos de horror, em cima dos seus cavallos, esses homens que mal sabiam manejar os sabres, seguiam a trote pela estrada e negavam-se a tomar o seu logar na fileira. Corriam os officiaes em torno d'elles, chamavam-os, e em vão tentavam juntal-os. Lassalle chegou, e reconheceu os *Gascões:*

— *Unir!*

Entrou no rebanho dos homens, e immediatamente os recrutas o cercaram, aterrados pela sua graduação de general, pelos seus olhares inflammados, pela sua grã-cruz pendente da gola, ligada ao segundo botão da farda, pelas raquetas scintillantes, largas como pás, que batiam na arcatura do seu peito formidavel.

Quando os tinha todos ali, reunidos, lançou um olhar profundo ao meio do bando, poz-se a rir, fez dar ao seu cavallo uma volta curiosa, e grave, enchendo e accendendo outro cachimbo, voltou para os *veteranos,* escoltado em silencio por todos os *galuchos.*

Os hussares que se tinham batido, chamados pelos clarins, e reunidos em massa na planicie, viam chegar Lassalle, seguido pelos seus esquadrões envergonhados. Sen-

tados de esguelha nas suas sellas, puxando os bigodes, riam e zombavam dos recrutas. Atraz do general viam-se duas filas de cabeças infantis, inteiramente brancas, muitas das quaes se baixaram ao entrar na linha...

Lassalle mandou entrar na fórma os dois regimentos, e ordenou aos coroneis que levassem os *veteranos* para Prentzlow.

—Ficam sendo a minha reserva, disse. Emquanto aos *garotos,* esses ficam aqui, comigo.

E na planicie ficaram, apenas, o general e os seus *gascões.*

N'esse momento o inimigo tornou a entrar em ordem na ourela de um bosque distante. Era o que Lassalle tinha previsto.

Emquanto os homens que se tinham batido faziam meia volta e partiam a trote, em columna, elle voltou-se para os recrutas, e cheio de fogo, soberbo, gritou-lhes:

—«Ah! cães de fila! chegou agora o momento de mostrarem o seu pello! Ha bocado, hesitaram; mas eu sei o que é a coragem; vocês são da terra dos grandes marechaes, e se soldados d'essa raça se deixam ficar para traz, é para depois saltarem melhor! Segundo d'Hussares! Quarto d'Hussares! eu bem sei que hão de ser dignos dos mortos de Saalfeld onde a sua *Arma* se illustrou!»

A estas palavras, o movimento que houve na linha levantou todas as cabeças. Os pelotões foram saccudidos por uma descarga nervosa, e uma salva de pragas da Gascunha foi atirada ás bochechas de Lassalle.

—Sandious dé Di! Mac-arel dé Di! Aun avagn! (Em frente!) Mata! milo Di dé Di! mata! mata! mata!

—Está bem! gritou Lassalle.

Immediatamente, enorme, uma descarga cahiu sobre as fileiras, e cinco cavalleiros baquearam no chão. Lassalle não disse nada, e ordenou a *marcha em linha,* como em exercicio de manobra:

Sentido...

Primeiro esquadrão: esquadrão guia...
Envolveu a sua tropa n'um olhar rapido:
Esquadrões em frente...
MARCHE!
Tudo se poz em movimento.

Os homens seguiram o seu general, hirtos, corações comprimidos, bôcca sêcca, direitos como phantasmas em cima das sellas. Foi magnifico:

Essa marcha para a morte tinha qualquer cousa de allucinante. A espectativa das balas fazia pestanejar os olhos, estremecer os flancos, bater os queixos. De vez em quando um cavallo, apertado pela espora, levantava-se nos jarretes, pescoço em arco, e atirava no silencio, para o inimigo, o seu relincho de guerra. O general, a vinte passos na frente, costas voltadas para os seus hussares, marchava e sorria.

O sol, dando-lhe da esquerda, fazia luzir o pello da sua egua preta, scintillar o oiro do seu uniforme, e separava o fumo do seu cachimbo em dois fios azues. *Buuum!* Terrivel, segunda descarga varreu tres homens. Lassalle rangeu os dentes.

—Vá, vá... Pedaço de bestas! atirem á vontade, mas tomem cuidado comigo!

Acariciou o cavallo, obrigou-o a um jogo de mãos gracioso, e voltando meia cabeça para traz:

—*Ao trote;* MARCHE!

Doceis, sem vontade, sem pensamento, sem voz, os seus homens seguiram-o. O inimigo, tomando aquella bravura por um disfarce, deixou de atirar.

Ao fim de cem passos, o general agitou o sabre, por cima da cabeça:

—*Ao galope,* MARCHE!

Os esquadrões saltaram como uma onda enorme; mas, menos ligeiros que Lassalle, menos bem montados, ficaram um instante para a rectaguarda. Elle fez-lhes signal, e, tirando do cachimbo uma fumaça:

— Á hussar! eh! rapazes! *Carregar!...*

Vertigem! Ergueu-se o turbilhão, contorceu-se, e n'um grande arranco tempestuoso, correu na planicie direito aos canhões. N'um momento, viu-se o inimigo a trezentos metros apenas. Então, um grito horrivel cahiu sobre os gascões:

— *Alto!*

E quasi immediatamente:

— *Esquadrões...*

— SENTIDO!

Sereno, tranquillo, Lassalle voltou-se. Era um arrojo sobrehumano, era loucura já.

Collocado entre o inimigo e a sua gente, entre o fogo de artilheria e a carga, — bomba ou queda, — arrostava duas vezes a morte. Nenhum dos seus homens comprehendeu o que aquillo era; mas, rapido, os cavallos pararam, fumegantes, como se os tivessem cravado no chão.

— Carga! carga! gritaram vozes lugubres. Sangue de Deus! carga! carga!

Já ninguem pensava em fugir.

Nuvens de estilhaços, de bombas rebentadas, cahiam debaixo dos cavallos; as pernas d'estes cediam, dobravam-se, e as massas dos corpos cahiam, atirando os cavalleiros a dez passos, n'um impeto. Os quatro esquadrões sentiam-se hirtos, confrangidos, n'um furor livido. Lassalle, corpo erguido no meio do fogo, levantou o sabre:

— *Pela direita... perfilar!*

Agitou-se toda a linha, e fez-se completo silencio. Ha horas em que, á voz de commando, se tentaria atacar o ceu, de grande uniforme e kolbach n.º 1. Este perfilamento, debaixo de fogo, teve o que quer que fosse de famoso, de sublime.

Tocados pela espora, os cavallos impacientes alinhavam-se; e dirigindo-se aos quatro esquadrões a um tempo, obrigando-os assim a fazer face ao perigo, a supportar de cabeça alta a saraivada do chumbo, das bombas e de toda

a ferragem da pesada metralha, Lassalle, sorrindo, garboso, joven, coberto d'ouro, gritou:

FIRME!

E ao trote, cachimbo na algibeira, escoltado pelos seus capitães, o general começou a *revista:*

Parou deante do segundo homem:

—Esse sellim está á banda. A cilha está mal apertada. Apeia-te, aperta-a melhor; não quero cilheiras nos cavallos.

O cavalleiro apeiou-se. Lassalle cahiu sobre a egua que montava, e que fôra atravessada por uma bala.

O homem apertou melhor o sellim, e o general montou outro cavallo.

—E tu, vê lá como estão essas bolsas.

E para outro:

—Quantas camisas tens?

—Duas.

—Olha que esse peitoral está muito apertado, o cavallo não póde respirar.

Esperou, sob o assobiar do fogo, que o peitoral fosse alargado.

—E você, sargento, já não sabe enfrear uma cavalgadura?

O sargento não teve tempo de responder; uma bala acertando-lhe, levou-o deante d'ella e prostrou-o morto no chão.

—E tu, disse Lassalle á praça immediata, onde tens o teu barrete de policia?

—Embrulhado no jaquetão de serviço.

—E o jaquetão de serviço?

—Está junto com o casaco do uniforme, meu general, e ambos elles estão na mala.

—E a mala?

— Na garupa.

O homem tinha respondido com simplicidade. Mostrava não estar com medo. Lassalle avançou o braço, e puxou-lhe pelo bigode.

— E tu, disse elle para um cabo, olha para esse cavallo.

A sua voz era irritada.

— Não percebes que essa barbella está apertada? Vamos, apeia-te no mesmo momento. Desaperta-a.

O homem, aterrado, obedece. Lassalle continúa a revista; mas no momento em que inspeccionava um sabre, o cavallo foi-se abaixo, morto. Trouxeram-lhe outro, e tranquillo, acabando a fileira da frente, passou á segunda, deu uma palmada na garupa d'um animal, e fez voltar para si a cabeça do cavalleiro.

— Este equipamento não está como deve ser. Vê como estão arrumadas estas botas! não se devem vêr os tacões. Olha...

O homem não olhou; e tocado por uma bala foi precipitado no chão. Parecia que o general tinha mau olhado.

Quando terminou a revista, tinham cahido cincoenta homens. A um capitão que os contava:

— É o castigo do regimento, disse elle.

Voltando ao seu logar, ajustou as redeas do cavallo. O inimigo continuava atirando, e preparava-se para carregar. Então, deixou de lhe voltar as costas, fez frente á morte, e de sabre no ar:

— Soldados, gritou, agora são hussares a valer. Viva o Imperador! e...

Passou-lhe por cima da cabeça um cacho de balas.

— CARREGAR!... gritou Lassalle.

Alegre, satisfeito, partiu como um raio, esporas para a rectaguarda, a sua cabeça e a do cavallo juntas uma á ou-

tra, a vinte passos na frente dos seus homens. Exterminio! Incendio e matança! Como uma mola immensa esmagada por um pulso rude, e de repente solta... os hussares gascões cahiram sobre os prussianos de Hohenlohe.

Do inimigo ficaram, apenas, as bandeiras, as peças, e uma pilha enorme de carne para abutres, — e á noite, a oito leguas d'ali, quando Nansouty e os seus couraceiros marchavam para Berlim, encontraram cheios de pasmo, no caminho, um hussar desmontado, o qual, vermelho desde as botas até ao kolbach, sem cavallo, sem carabina, sem pistola, sem sabre, com o pescoço acutilado, horrivel de enthusiasmo e de furor, carregava ainda de punhos estendidos algum inimigo invisivel, e urrava, louco sem duvida, no meio da noite:

— Mata! mata! mata!... Sangue de Deus!... Em frente! Carregar! Morram os prussianos! Viva o Imperador!

Jorge d'ESPARBÉS.

O NOSSO CORAÇÃO

TERCEIRA PARTE

(Conclusão)

I

Tinha-a tornado livre... e agora?... Agora, com certeza, ella procuraria outro! E seria o conde de Bernhaus. Estava certo d'isso, e essa ideia, n'aquelle momento, fazia-o soffrer de um modo que se não pode imaginar.

Porque tinha elle rompido? Tinha-a deixado, fiel, amiga, encantadora! Porquê? Porque era uma besta sensual que não comprehendia o amor sem as exaltações physicas?

Seria por isso? Sim... Mas havia ali outra cousa! Havia, antes de tudo, medo de soffrer. Tinha fugido adeante da dôr de não ser amado como amava, adeante do dissentimento cruel, nascido entre ambos, dos seus beijos desigualmente ternos, adeante do mal incuravel de que o seu coração, duramente ferido, não devia, talvez, restabelecer-se jámais. Tivera medo de soffrer em excesso, de supportar durante annos a angustia presentida durante alguns mezes, soffrida apenas durante algumas semanas. Fraco, como sempre, tinha recuado deante d'aquella dôr, assim como, durante toda a sua vida, tinha recuado deante dos grandes esforços.

Era, portanto, incapaz de fazer uma cousa até ao fim, de se lançar na paixão como deveria ter-se lançado n'uma sciencia ou n'uma arte, porque é talvez impossivel ter muito amado sem ter soffrido muito.

Até á aurora, revolveu estas mesmas ideias que o mordiam como cães; depois levantou-se e desceu até á margem da ribeira.

Um pescador lançava a tarrafa ao pé do pequeno açude. A agua redemoinhava sob os reflexos do sol, e, quando o homem puxava a rêde, grande e redonda, para cima da proa do barquinho, os peixes pequenos scintillavam por debaixo das malhas como prata viva.

Mariolle sentia-se acalmar na brandura tépida do ar matinal, na espuma da queda d'agua onde volteiavam ligeiros arcos-iris; e a corrente que deslisava a seus pés parecia-lhe ir levando a pouco e pouco as suas maguas, em fuga incessante e rapida.

Disse mentalmente: «Effectivamente fiz bem; se ficasse havia de ser um desgraçado!»

Voltando então a casa buscar uma rêde de dormir, que havia no vestibulo, pendurou-a em duas tilias, e deitando-se n'ella, procurou não pensar em nada, vendo correr a agua.

Assim passou até á hora de almoço, n'um torpôr agradavel, em um bem estar do corpo que se lhe communicava á alma; e fez durar a refeição o mais possivel para encurtar o dia. Mas havia uma espera que o enervava: a do correio. Tinha telegraphado para Paris e escripto para Fontainebleau para lhe remetterem as cartas que tivesse. Não recebia nada, e começava a opprimil-o a sensação de um grande abandono. Porquê? Não podia esperar nada que fôsse agradavel, consolador, tranquillisador na pequena caixa preta pendurada a tiracollo do carteiro, nada senão convites inuteis e communicações banaes. Então para que havia de estar desejando esses papeis desconhecidos, como se a salvação da sua alma estivesse dentro d'elles?

Não occultaria no fundo de si mesmo a vaidosa esperança de que ella lhe escrevesse?

Perguntou a uma das suas creadas velhas:

— A que horas chega o correio?

— Ao meio dia, meu senhor.

Era exactamente a hora. Poz-se a escutar os ruidos do exterior com uma inquietação cada vez maior. Uma pancada ouvida na porta da rua fel-o levantar. O carteiro não trazia effectivamente senão jornaes e tres cartas sem importancia. Mariolle leu as folhas publicas, releu-as, aborreceu-se e sahiu.

Que havia de fazer? Voltou para a rêde, e extendeu-se novamente n'ella; mas ao fim de meia hora sentiu imperiosamente necessidade de mudar de logar. Lembrou-se da floresta. Sim, a floresta era deliciosa; mas a solidão parecia ali ainda mais profunda do que em casa, do que na aldeia, onde passavam por vezes alguns ruidos da vida. E esta solidão silenciosa das arvores e das folhas impregnava-o de melancolia e de saudades, afogava-o na sua dór. Recomeçou, então, no pensamento o seu longo passeio da vespera, e, quando chegou ao ponto em que tornou a vêr a creadita esperta do hotel Corot, resolveu: «Bom! vou até lá, e por lá jantarei!» Esta ideia fez-lhe bem; era uma occupação, um meio de entreter algumas horas; e poz-se a caminho immediatamente.

A comprida rua da aldeia alongava-se em linha recta no valle, entre as suas duas fiadas de casas brancas, baixas, cobertas de telha, umas alinhadas junto ao caminho, outras ao fundo de um pequeno pateo onde florescia um lilaz, por onde giravam gallinhas sobre estrumeiras quentes, onde escadas com corrimão de madeira subiam ao ar livre conduzindo a portas abertas na parede. Camponezes trabalhavam lentamente deante das suas casas em occupações domesticas. Uma velha curvada, de cabellos grisalhos e amarellos apesar da sua edade, porque os ruraes não teem quasi nunca os cabellos verdadeiramente brancos,

passou junto d'elle, de casaco esfarrapado, pernas magras e nodosas desenhadas sob uma especie de saia de lã, levantada pela saliencia dos quadris. Olhava em frente de si com olhos sem ideias, com olhos que não tinham visto nunca senão os poucos objectos simples, de utilidade para a sua pobre existencia.

Uma outra, menos velha, extendia roupa branca deante da porta. O movimento dos braços arregaçando a saia mostrava em meias azues artelhos grossos com uns ossos para cima, ossos sem carne, emquanto que o tronco e o peito, chato e largo como um peito d'homem, revelava um corpo sem fórmas, que devia ser horrivel de vêr.

Mariolle pensou: «Mulheres! São mulheres! Ahi estão mulheres!» Desenhou-se-lhe deante dos olhos a figura de M.me de Burne. Viu-a, extraordinaria de elegancia e de belleza, joia de carne humana, garrida e adornada para olhares d'homens; e estremeceu na angustia de uma irreparavel perda.

Então, caminhou mais depressa para agitar o seu coração e o seu pensamento.

Quando entrou no hotel de Marlotte, a creadinha reconheceu-o immediatamente, e quasi familiar, disse-lhe:

—Bons dias, meu caro senhor.

—Bons dias, menina.

—Quer beber alguma cousa?

—Sim, para começar; depois janto cá.

Discutiram sobre o que elle beberia primeiro, sobre o que comeria depois. Elle consultava-a para a fazer falar, porque ella expressava-se bem, com a accentuação breve de Paris e uma presteza de elocução tão facil como a presteza do seu movimento.

Pensava ao ouvil-a: «É muito agradavel, esta pequena; parece-me que tem semente de cocote.»

Perguntou-lhe:

—É parisiense?

—Sim, senhor.

— Ha muito tempo que está aqui?

— Ha quinze dias, meu senhor.

— E gosta d'isto?

— Até agora não tenho gostado, mas ainda é muito cedo para o saber; e depois eu estava cançada do ar de Paris, e o campo restabeleceu-me; foi isso principalmente que me decidiu a vir para aqui. Então, trago-lhe um vermuth?

— Sim, menina, e ha de dizer ao cosinheiro ou á cosinheira que se apure no meu jantar.

— Pode estar descançado, meu senhor.

Sahiu, deixando-o só.

Elle foi para o jardim do hotel e installou-se debaixo de um caramanchão, onde lhe foi servido o seu vermuth. Por ali ficou até ao fim do dia, ouvindo cantar um melro n'uma gaiola, e vendo passar a creadita, que coquetteava e fazia gracinhas para que elle a visse, tendo comprehendido que a achava a seu gosto.

Depois de jantar foi-se embora como de vespera com uma garrafa de champagne no coração; mas as trevas do caminho e a frescura da noite dissiparam-lhe breve o atordoamento, e na sua alma entrou de novo uma tristeza invencivel. Pensava: «Que hei de eu fazer? Hei de ficar aqui? Ficarei condemnado a arrastar muito tempo esta vida sem conforto?» E adormeceu muito tarde.

No dia seguinte, balançou-se de novo na rêde; e a presença constante do homem da tarrafa deu-lhe ideia de se entreter a pescar. Um tendeiro que vendia canas e linhas de pesca ensinou-o n'esse sport tranquillo, e offereceu-se até para o guiar nos seus primeiros ensaios. A proposta foi acceite, e das nove horas ao meio dia, Mariolle, com grandes esforços e uma attenção sempre tensa, conseguiu apanhar tres peixinhos.

Depois do almoço, voltou de novo a Marlotte. Para quê? para matar tempo.

A creadita do hotel quando o viu poz-se a rir.

Elle sorriu tambem, divertindo-se com aquelle reconhecimento, e tentou fazel-a conversar.

Mais familiar que na vespera, ella falou. Chamava-se Isabel Ledon.

Sua mãe, costureira de casa particular, tinha morrido no anno anterior; então o marido, sem emprego e sempre bebedo, e que vivia á custa do trabalho da mulher e da filha, desappareceu, porque esta, levando todo o dia a coser na sua agua furtada, não podia supprir as necessidades de duas pessoas. Cançada, por fim, do seu trabalho improductivo e solitario, entrou como servente em um restaurant, e ahi esteve perto de um anno; mas como se sentia cançada, o fundador do hotel Corot, em Marlotte, a quem ella tinha servido algumas vezes, ajustou-a por todo o verão, com mais duas companheiras, que viriam um pouco mais tarde. Era, como se vê, um patrão que sabia chamar freguezia.

Esta historia agradou a Mariolle, que interrompendo-a com destreza, e tratando-a como uma menina, lhe fez dizer muitos pormenores sobre o seu primeiro viver de familia n'aquella pobre e sombria casa arruinada por um bebedo. Ella, um sêr perdido, errante, sem laços, alegre no meio de tudo porque era nova, sentindo que era verdadeiro o interesse d'aquelle desconhecido, e viva a sua attenção, falou com toda a confiança, com a expansão da sua alma, que lhe era tão impossivel reprimir como a agilidade dos seus movimentos.

Quando ella acabou, perguntou-lhe elle.

—E... espera ser creada toda a vida?

—Eu sei cá, senhor. A gente não pode adivinhar o que está para lhe succeder ámanhã.

—Mas é preciso pensar no futuro.

Ella tomara uns ares meditativos, em breve desvanecidos no seu rosto, e depois respondeu:

—Ha de ser o que Deus quizer. Ninguem tem na mão a sua sorte.

Separaram-se como bons amigos.

Voltou alguns dias mais tarde, depois outra vez, depois muitas vezes, vagamente attrahido pela conversa ingenua da rapariguita abandonada, cuja tagarelice ligeira distrahia um pouco o seu pesar.

Mas quando, á noite, voltava a pé para Montigny, pensando em M.me de Burne, tinha crises espantosas de desespero. Com a aurora, o coração distrahia-se-lhe um pouco. Com a noite, recahiam sobre elle as saudades dilacerantes e o ciume feroz. Não tinha nenhuma noticia. Não tinha escripto a ninguem, e ninguem lhe tinha escripto. Não sabia nada. Então, sosinho, na estrada escura, imaginava os progressos da ligação proxima, que tinha previsto, entre a sua amante d'hontem e o conde de Bernhaus. Esta ideia fixa penetrava n'elle cada dia mais profundamente. Esse, pensava elle, dar-lhe-ha exactamente o que ella deseja: um amante distincto, assiduo, sem exigencias, satisfeito e lisongeado de ser o preferido d'aquella deliciosa e fina coquette.

Comparava-o comsigo. O outro, com certeza, não teria os seus enervamentos, as suas impaciencias fatigantes, a ardente necessidade de ternura retribuida, que tinham destruido entre ambos toda a intelligencia amorosa. Contentar-se-hia com pouco, como homem do mundo, muito moldavel, ajuisado e discreto, porque tambem parecia não pertencer á raça dos apaixonados.

Ora, um dia, no momento em que André Mariolle chegava a Marlotte, viu debaixo do outro caramanchel da hospedaria dois rapazolas barbados, de gorros na cabeça, fumando nos seus cachimbos.

O dono do hotel, homem gordo, de cara alvar, veiu immediatamente cumprimental-o, pois sentia pelo seu hospede fiel uma sympathia interessada, e depois disse:

—Tenho dois novos freguezes, dois pintores, desde hontem.

—São aquelles dois sugeitos?

— Exacto; são ambos já conhecidos. O mais baixo teve, no anno passado, uma segunda medalha.

E, acabando de contar tudo quanto sabia d'aquelles artistas ainda desabrochando, perguntou:

— O que deseja tomar hoje, sr. Mariolle?

— Mande-me um vermuth, como de costume.

O patrão afastou-se.

Isabel appareceu com a bandeja, o copo, a garrafa d'agua, e a do vermuth. Logo um dos pintores exclamou:

— Então, pequena; inda estás zangada?

Ella não respondeu, e quando se approximava de Mariolle, este viu-lhe os olhos vermelhos de chorar.

— Chorou? disse elle.

Ella respondeu simplesmente:

— Chorei, um pouco.

— Então o que houve?

— Foram aquelles dois senhores que se não comportaram bem comigo.

— Então o que fizeram elles?

— Tomaram-me por alguma...

— E a menina queixou-se ao patrão?

Ella encolheu os hombros, desconsolada.

— Ah! meu senhor... o patrão... o patrão... agora é que eu o conheço bem!...

Mariolle, commovido, um pouco irritado, disse-lhe:

— Conte-me isso tudo.

Ella contou as tentativas immediatas e brutaes dos dois borradores chegados na vespera. Depois recomeçou a chorar, perguntando o que ia ser d'ella, perdida n'aquella terra, sem protecção, sem apoio, sem dinheiro, sem recursos.

Mariolle propoz-lhe, de repente:

— Quer ir para minha casa, servir-me? Lá, ha de ser bem tratada; e quando eu voltar para Paris, a menina, fará o que entender.

Encarou-o de frente, com olhares interrogadores.

Depois, n'um repente:

— Quero, sim, senhor.

— Quanto ganha aqui?

— Sessenta francos por mez.

Mas accrescentou, com uma certa inquietação:

— E tenho a minha parte, a mais, nas gorgetas. Vem a ser, ao todo, uns setenta.

— Eu dou-lhe cem.

Admirada, repetiu:

— Cem francos por mez?

— Exacto. Convem-lhe?

— Parece-me bem que sim!

— A sua obrigação é simplesmente servir-me, tomar cuidado na minha roupa, e tratar do meu quarto.

— Está ajustado, meu senhor.

— Quando vem?

— Ámanhã, se quizer. Depois do que se passou aqui, vou procurar o *maire*, e hei de sahir por força.

Mariolle tirou dois luizes da algibeira e deu-lh'os, dizendo:

— Então, aqui tem o signal do nósso ajuste.

Á pequena, illuminou-se-lhe o rosto de alegria, e disse em tom decidido:

— Meu senhor, ámanhã, antes do meio dia, lá estou em sua casa.

II

Isabel chegou no dia seguinte a Montigny, acompanhada por um homem do campo, que lhe transportava a mala n'um carrinho de mão. Mariolle tinha-se já desembaraçado de uma das duas velhas, indemnisando-a generosamente, e a recemchegada tomou posse de um pequeno quarto, no segundo andar, ao lado da cosinheira.

Quando se apresentou deante do amo, parecia bastante differente do que era em Marlotte, menos expansiva, mais

humilde, evidentemente creada d'aquelle de quem era, quasi, modesta amiga debaixo do parreiral do hotel.

Mariolle indicou-lhe em breves palavras o que ella tinha a fazer. Ouviu-o com muito cuidado, installou-se e começou o serviço.

Decorreu uma semana sem se dar na alma de Mariolle nenhuma mudança apreciavel. O que elle observou é que sahia menos de casa, pois não tinha o pretexto dos passeios a Marlotte, e que tudo lhe parecia menos lugubre que nos primeiros dias. O grande ardor da sua magua acalmava-se um pouco, como tudo se acalma; mas, em logar d'esse ardor, nascia n'elle uma tristeza invencivel, uma d'essas melancolias profundas análogas ás doenças chronicas e lentas, de que algumas vezes se acaba por morrer. Toda a sua actividade passada, toda a curiosidade do seu espirito, todo o seu interesse pelas cousas que até ahi o tinham occupado e distrahido, estavam mortas no seu intimo, substituidas por um aborrecimento de tudo e por uma indolencia invencivel, que lhe não deixava nem mesmo forças para se levantar e ir dar um passeio. Não sahia de casa, limitando-se a ir da sala para a rêde, da rêde para a sala. As suas maiores distracções consistiam em vêr correr o Loing, e em vêr o pescador deitar a tarrafa.

Passados os primeiros dias de reserva e de acanhamento, Isabel começou a tomar mais confiança, e, observando, com a sua perspicacia feminina, o abatimento constante de seu amo, perguntava-lhe ás vezes, quando a outra creada não estava ao pé:

— O senhor aborrece-se muito aqui?

Ao que elle respondia com resignação:

— Não me aborreço pouco.

— Devia dar uns passeios.

— Não me distrahiam mais.

Tinha com elle attenções secretas e dedicadas. Todas as manhãs, quando elle entrava na sala, encontrava-a cheia de flóres, e perfumada como uma estufa. Com certeza que

Isabel tinha de empregar n'essa colheita os garotitos do sitio mandando-os á floresta buscar violetas, primulas, flôres campestres, fazendo entrar na contribuição os jardinzitos da aldeia, onde os camponezes, ao pôr do sol, regavam algumas plantas. Elle, no seu abandono, no seu torpôr, na sua inacção, ficava-lhe grato, ternamente grato, por aquelle reconhecimento engenhoso e por aquella solicitude, que incessantemente adivinhava n'ella, de lhe ser agradavel até nas menores cousas.

Parecia-lhe tambem que ella se ia tornando mais bonita, tendo mais cuidado em si, que a sua cara tinha empallidecido um pouco, e se fazia gradualmente mais fina. Até mesmo um dia, em que ella lhe estava servindo o chá, reparou que já não tinha mãos de creada, mas sim mãos de senhora, com as unhas bem cortadas, irreprehensivelmente limpas. Outra vez notou, que trazia calçado já quasi elegante. E, depois, uma tarde, tendo ella subido ao quarto voltou de lá com um delicioso vestidinho escuro, simples e de um gosto perfeito. Ao vel-a apparecer exclamou:

— Bravo, como se está fazendo bonita, Isabel!

Fez-se muito vermelha, e balbuciou:

— Eu? Ora isso é brincadeira do senhor. Visto-me um pouco melhor, porque tenho agora mais dinheiro.

— Onde comprou esse vestido?

— Fui eu mesma que o fiz.

— Fêl-o? Mas, quando? Vejo-a trabalhar todo o dia ás voltas na casa!

— A' noite, aos serões.

— E onde comprou a fazenda? E quem lh'o cortou?

Ella contou, que a capellista de Montigny lhe tinha trazido amostras de Fontainebleau. Tinha escolhido, e depois fizera a compra com os dois luizes que Mariolle lhe tinha dado quando a ajustou. Emquanto ao corte e ao figurino, isso não lhe dava cuidado nenhum, pois tinha trabalhado quatro annos, com sua mãe, para uma casa de modas.

Elle não poude deixar de lhe dizer:

— Pois fica-lhe muito bem. Está muito bonito.

Ella tornou a córar, até á raiz dos cabellos.

E quando se retirou, deixou-o a pensar de si para si: «Dar-se-ha o caso que a pequena esteja apaixonada por mim?» Reflectiu n'isso, hesitou, duvidou, e depois acabou por convencer-se que, no fim de contas, era possivel. Tinha sido bom para ella, compadecido, obsequiador, quasi amigo. O que admirava que a pobre rapariga se lhe affeiçoasse depois de tudo quanto havia feito por ella? Por sua parte, essa idéa não lhe parecia desagradavel, porque a pequena estava muito perfeita, e já não tinha nenhuns ares de creada. A sua vaidade de homem, tão amarrotada, tão ferida, tão esmagada, tão espesinhada por outra mulher, achava-se lisongeada, alliviada, quasi reconfortada. Era uma compensação, porque, quando o amor vem ao encontro de um ser, d'onde quer que venha, é porque esse ser é capaz de inspiral-o. O seu egoismo inconsciente estava d'esse modo satisfeito. Occupal-o-hia e talvez lhe fizesse algum bem vêr aquelle coraçãosinho animar-se e bater por elle. Não lhe roçou pelo espirito o pensamento de afastar essa crennça, de a preservar d'aquelle perigo de que elle proprio soffria tão cruelmente, de ter mais dó d'ella do que tinham tido d'elle, porque nunca entra a menor parcella de compaixão nas victorias sentimentaes.

Observou-a, portanto, e em breve reconheceu que se não tinha enganado. Cada dia, pequeninos pormenores lh'o revelavam mais. Uma manhã, passando muito perto d'elle, quando o servia á mesa, André percebeu-lhe nos vestidos um perfume, vulgar, fornecido tambem, sem duvida, pela capellista ou pelo pharmaceutico. Então, elle deu-lhe uma garrafa de agua de chypre, da mesma que usava havia muito nas suas abluções, e de que tinha sempre provisão. Offereceu-lhe, tambem, sabonetes, agua dentifrica, pó de arroz. Auxiliava subtilmente aquella transformação, cada dia mais apparente, cada dia mais completa, seguindo-a com os seus olhares curiosos, e lisonjeado.

Ao passo que se conservava para elle a creada fiel e discreta, tornava-se uma mulher sensivel, emocionada, affeiçoada, em quem todos os instinctos garridos se desenvolviam ingenuamente.

Elle mesmo se lhe ia affeiçoando suavemente. Sentia se distrahido, impressionado, reconhecido.

Brincava com aquella ternura nascente como se brinca, nas horas tristes, com tudo o que póde distrahir. Não sentia por ella nenhuma outra attracção senão aquelle vago desejo que impelle todo o homem para toda a mulher attrahente, seja ella uma bonita creada ou uma camponeza feita divindade, uma especie de Venus rustica. A sua inclinação explicava-se agora por tudo quanto n'ella encontrava da mulher. Tinha necessidade d'aquillo, uma necessidade confusa e irresistivel vinda da outra, da que elle amava, da que tinha despertado n'elle esse gosto invencivel e mysterioso da natureza, da visinhança, do contacto das mulheres, do aroma subtil, ideal ou sensual, que toda a creatura seductora, do povo ou da sociedade, animal do Oriente de grandes olhos pretos, ou filha do Norte de olhar azul e d'alma astuciosa, evolve para os homens em quem sobrevive ainda a attracção immemorial do sêr feminino.

Essa attenção terna, incessante, acariciadora e secreta, mais perceptivel que visivel, envolvia a sua ferida n'uma especie de algodão isolador que a tornava um pouco menos sensivel aos regressos das suas angustias. E comtudo subsistiam, rodando e voando, como moscas em torno de uma chaga.

Bastava que uma d'ellas ali pousasse para elle recomeçar a soffrer.

Como tinha prohibido que divulgassem a sua morada, os amigos respeitavam-lhe a fuga, e sentia-se sobretudo atormentado pela ausencia de noticias e de informações. De tempos a tempos lia n'um jornal o nome de Lamarthe ou o de Massival, na lista das pessoas que tinham tomado parte n'um grande jantar ou assistido a uma grande festa.

Um dia viu o de M.me de Burne, citada como uma das mais elegantes, das mais bonitas e das melhor vestidas no baile da embaixada austriaca.

Correu-lhe um estremecimento, dos pés á cabeça. Algumas linhas mais abaixo apparecia o nome do conde de Bernhaus. E até á noite o ciume reapparecido dilacerou o coração de Mariolle.

Essa presumida ligação era agora quasi fóra de duvida para elle! Era uma d'essas convicções imaginarias, mais atormentadoras do que o facto certo, porque d'ellas não póde a gente desembaraçar-se nem curar-se jámais.

Não podendo já tolerar essa ignorancia de tudo e essa incerteza nas suas suspeitas, decidiu-se a escrever a Lamarthe, que, conhecendo-o bastante para adivinhar a afflicção da sua alma, responderia talvez ás suas supposições, mesmo sem ser perguntado.

Portanto, uma noite, á luz do candieiro, redigiu essa carta, comprida, habil, vagamente triste, cheia de interrogações dissimuladas e de lyrismo sobre a belleza da primavera do campo.

Quatro dias depois, ao receber o correio, reconheceu no primeiro relance, a calligraphia direita e firme do romancista.

Lamarthe enviava-lhe mil informações desconsoladoras, de grande importancia para a sua angustia. Falava com egualdade de uma porção de gente, mas, sem dar mais pormenores ácerca de M.me de Burne e de Bernhaus, do que a respeito de qualquer outro, parecia pol-os em vedetta por um d'esses artificios de estylo, que lhe eram familiares, e que conduzem a attenção justamente para o ponto para onde queria attrahil-a sem que nada revelasse o seu intento.

Em summa, resultava d'essa carta que todas as suspeitas de Mariolle eram pelo menos fundadas. O seu receio seria realisado ámanhã, se é que o não tinha sido já hontem.

A vida da sua antiga amante continuava sempre a ser a mesma, agitada, brilhante e mundana.

Tinham falado d'elle um pouco, depois do seu desapparecimento, como se fala dos desapparecidos, com uma curiosidade indifferente. Julgavam-o muito longe, tendo fugido, por cansaço, de Paris.

Depois de ter recebido essa carta, ficou até á noite extendido na sua rêde. Depois, não poude jantar; depois, não poude dormir; e teve febre durante toda a noite. No dia seguinte, sentiu-se tão cançado, tão desanimado, de tal modo desgostoso dos dias monótonos, entre essa floresta profunda e silenciosa, agora negra de verdura, e o pequeno rio irritante correndo por debaixo das janellas, que não sahiu da cama.

Quando Isabel entrou, ao primeiro toque de campainha, e o viu ainda deitado, ficou surprehendida, estacando á porta, empallidecendo de repente, e perguntou:

—O senhor está doente?

—Estou, um pouco.

—Quer que se mande chamar o medico?

—Não; eu estou costumado a ter estas cousas.

—Mas é preciso fazer-se alguma cousa.

Mandou preparar o seu banho quotidiano, quiz apenas ovos para o almoço, e chá durante o dia. Mas, cerca da uma hora da tarde, accommetteu-o um aborrecimento tão violento, que teve vontade de levantar-se.

Isabel, a todo o momento chamada por uma especie de mania de doente apprehensivo, e que apparecia sempre, inquieta, triste, cheia de vontade de lhe ser util e prestavel, de o tratar e curar, vendo-o agitado e nervoso, propoz-lhe, córando muito pela sua audacia, o lêr-lhe alguma cousa.

Elle perguntou:

—Lê bem?

—Leio, sim, senhor; na aula da minha terra tive todos os premios de leitura, e li á mamã tantos romances, que já nem sei os nomes d'elles.

André teve curiosidade de ouvil-a, e mandou-a buscar

ao escriptorio, entre os livros que mandara vir ultimamente, um que elle preferia a todos: *Manon Lescaut*.

Depois, ella ajudou-o a sentar-se na cama, arranjou-lhe atraz das costas duas almofadas, sentou-se n'uma cadeira, e principiou.

Effectivamente, lia bem, até mesmo muito bem, sendo dotada de uma especie de dom particular de accentuação justa e de pronuncia intelligente.

Tomou interesse, logo desde o começo, n'essa narrativa, e avançava no conto com tanta commoção, que elle interrompia-a por vezes, afim de interrogal-a e estar conversando um bocado com ella.

Pela janella aberta entrava a brisa tepida e cheia de perfumes da folhagem, cheia de cantos, de trilos, de gorgeios de rouxinoes vocalisando em torno das suas fameas, em todas as arvores do bosque, n'essa estação dos amores renovados.

André contemplava aquella rapariga, perturbada tambem, que ia seguindo com os seus olhos brilhantes a aventura desenrolada de pagina em pagina.

Ás perguntas que elle fazia, respondia ella com um sentido innato das cousas da ternura e da paixão, um sentido justo, mas um pouco fluctuante na sua ignorancia popular. E pensava:

«Havia de tornar-se intelligente e fina, esta pequena, se fosse instruida.»

Esse encanto feminino já sentido n'ella fazia-lhe verdadeiramente bem n'aquella tarde quente e tranquilla, e ligava-se extranhamente no seu espirito com o encanto tão mysterioso e tão potente d'aquella Manon, que traz aos nossos corações o mais extranho sabor de mulher, evocado pela arte humana.

Sentia-se acalentado pela voz, seduzido pela fabula tão conhecida e sempre nova, e pensava n'uma amante voluvel e seductora como a de des Grieux, infiel e constante, humana e tentadora até nos seus infames defeitos, creada

para fazer sahir do homem tudo quanto elle tem dentro em si, de ternura e de colera, de affeição e de odio apaixonado, de ciume e de desejo.

Ah! se aquella que elle acabava de deixar tivesse tido nas veias sómente a perfidia enamorada e sensual d'aquella irritante cortezã, talvez elle não tivesse fugido nunca! Manon enganava, mas amava; mentia, mas entregava-se!

Depois d'aquelle dia de preguiça, Mariolle adormeceu, ao chegar a noite, n'uma especie de sonho vago, onde todas as mulheres se confundiam.

Não tendo sentido, desde a vespera, nenhuma fadiga, e não tendo mesmo feito nenhum movimento, o seu somno era leve, e foi perturbado por um ruido desusado ouvido em casa.

Já uma vez ou duas, durante a noite, elle tinha julgado distinguir passos e movimentos imperceptiveis no rez-do-chão, não exactamente por debaixo d'elle, mas nos quartinhos proximos da cosinha: na casa do engommado e no quarto de banho. Não reparara n'isso.

Mas n'essa noite, cançado de estar deitado, incapaz de tornar a adormecer tão cedo, prestou o ouvido e distinguiu uns movimentos inexplicaveis e uma especie de chapinhar.

Então decidiu-se a ir vêr o que era, accendeu a vela, viu as horas: apenas dez. Vestiu-se, metteu um rewolver na algibeira e desceu a passo de raposa, com precauções infinitas.

Ao entrar na cosinha, reconheceu com espanto que o fogão estava acceso.

Não se ouvia mais nada; depois julgou perceber um movimento no quarto de banho, um pequeno quarto caiado, contendo justamente a tina.

Approximou-se, levantou o fecho sem nenhuma bulha, e, empurrando repentinamente a porta, viu, extendido na agua, com os braços fluctuantes e os seios roçando com os seus botões a superficie, o mais bonito corpo de mulher que jámais lhe fôra dado contemplar.

Ella deu um grito, assustada, não podendo fugir.

André estava já de joelhos junto á tina, devorando-a com os olhos ardentes e a bôcca extendida para ella.

Isabel comprehendeu; e, erguendo os dois braços escorrendo em agua, fechou-os n'um annel por detraz da cabeça de seu amo.

III

Quando, no dia immediato, ella appareceu trazendo o chá, e os seus olhos se encontraram, começou a tremer tanto que a chavena e o assucareiro bateram um contra o outro umas poucas de vezes a seguir.

Mariolle avançou para ella, tomou-lhe das mãos a bandeja, pôl-a em cima da mesa, e disse-lhe, vendo-a baixar os olhos:

—Olha para mim.

Ella fitou-o, com os olhos cheios de lagrimas.

André continuou:

—Não quero que chores.

E abraçando-a, sentiu-a estremecer, dos pés á cabeça; e murmurar: «Oh! meu Deus!» Elle comprehendeu que essa exclamação não era de dôr, nem de pesar, nem de remorso; era de felicidade, de verdadeira felicidade. Sentiu em si um contentamento egoista, extranho, mais physico do que moral, de sentir apertada junto ao peito aquella pequena mulher, que o amava emfim. Agradecia-lhe como podia fazel-o, á beira de um caminho, um ferido a quem soccorresse uma mulher passando; agradecia-lhe com todo o seu coração chagado, atraiçoado nos seus inuteis transportes, famintos de ternura pela indifferença de uma outra; e lastimava-a um pouco, no fundo do seu pensamento.

Vendo-a assim, pallida e chorosa, com os olhos abrasados de amor, disse comsigo:

«Mas é formosa! Como uma mulher se transforma de-

pressa, e se torna n'aquillo que deve ser, conforme os desejos da sua alma ou as necessidades da sua vida!»

— Senta-te, disse-lhe elle.

Sentou-se. Então elle pegou-lhe nas mãos, nas suas pobres mãos de trabalhadora, que se tinham tornado brancas, que se tinham tornado finas para elle, e, muito suavemente, com phrases habeis, falou-lhe da attitude que deviam conservar um para com o outro.

Ella não seria já a sua creada, mas conservaria um pouco a apparencia d'isso, afim de não produzir escandalo na aldeia. Viveria ao lado d'elle como governante, far-lhe-hia leituras muitas vezes, o que serviria de pretexto para essa situação nova. Dentro d'algum tempo mesmo, quando as suas funcções de leitora estivessem inteiramente estabelecidas, comeria com elle á mesa.

Quando acabou de falar, ella respondeu simplesmente:

— Não, senhor: eu sou e hei de ser sempre sua creada. Não quero que se fale, nem que ninguem saiba o que se passou.

E não cedeu, embora elle insistisse muito; e quando elle acabou de tomar o seu chá, ella levou a bandeja, sendo acompanhada até desapparecer, por um olhar enternecido.

André ficou pensando:

«É uma mulher. Todas as mulheres são eguaes, quando nos agradam. Transformei a minha creada em minha amante. É bonita, e talvez ainda venha a tornar-se encantadora! Em todo o caso, é mais nova e é mais fresca do que as mundanas e do que as *cocotes*. E afinal, que importa! Pois muitas actrizes celebres não são filhas de porteiros? E no entretanto são recebidas em toda a parte, como senhoras, são adoradas como heroinas de romance, e principes tratam-as como soberanas. É por causa do seu talento, muitas vezes duvidoso, ou da sua belleza, muitas vezes contestavel? Não. Mas uma mulher tem sempre, na verdade, a situação que impõe pela illusão que sabe produzir.»

Deu n'esse dia um longo passeio, e, embora no fundo da sua alma elle sentisse sempre o mesmo mal, e as pernas lhe pesassem, como se a magua lhe distendesse todas as molas da sua energia, havia qualquer cousa que gorgeava dentro d'elle, como se fosse um passaro cantando. Estava menos só, menos perdido, menos abandonado. A floresta parecia-lhe menos deserta, menos silenciosa e menos vasia. E regressou a casa com vontade de vêr, sorrindo á sua chegada, e com o olhar cheio de ternura, Isabel correndo para elle.

Foi durante perto de um mez um verdadeiro idyllio junto á pequena ribeira. Mariolle foi amado, como talvez bem poucos homens o tenham sido, animalmente e doidamente, como um filho por sua mãe, como um caçador pelo seu cão.

Elle era tudo para ella, o mundo e o ceu, o prazer e a ventura.

Elle correspondia a todas as suas esperanças ardentes e ingenuas de mulher, dando-lhe n'um beijo todo o extase que ella podia sentir. Não o tinha senão a elle no olhar, na alma, no coração e na carne, embriagada como um adolescente que pela vez primeira bebe vinho. Elle adormecia nos seus braços, acordava sob as suas caricias, e ella enlaçava-se-lhe em abandonos, que se não podem imaginar.

André saboreava, surprehendido e seduzido, aquella offerta absoluta, e tinha a impressão de ser aquillo amor bebido na propria nascente, nos labios da natureza.

E, comtudo, continuava sempre triste, triste e desencantado de um modo constante e profundo. Agradava-lhe a sua gentil amante; mas faltava-lhe uma outra. E quando andava passeiando nos prados, nas margens do Loing, perguntando a si mesmo: «Porque se não ha de ir embora este cuidado?» encontrava dentro de si, tão depressa a lembrança de Paris ali acordava, um enervamento tão intoleravel, que voltava para casa, afim de não continuar a estar só.

Então balouçava-se na rêde, e Isabel, sentada n'um banco, lia. Ouvindo-a e vendo-a, lembrava-se das palestras no salão da sua amiga, quando passava, sósinho, noites ao pé d'ella. Depois molhavam-lhe as palpebras, ardentes vontades de chorar; dilacerava-lhe o coração uma saudade tão pungente, que elle sentia incessantemente desejos intoleraveis de partir quanto antes, de voltar a Paris, ou de fugir para sempre.

Vendo-o sombrio e melancholico, Isabel perguntava-lhe:

—Tem alguma cousa? Está com os olhos humidos, e parece-me que tem vontade de chorar.

Elle respondia:

—Dá-me um beijo, filha; não entendias os meus males.

Ella beijava-o, inquieta, presentindo algum drama que não sabia. Elle, porém, esquecendo um pouco as suas inquietações sob aquelles affagos, pensava:

«Ah! uma mulher que fosse estas duas, que tivesse o amor d'uma e o encanto da outra! Porque se não ha de achar nunca aquillo que se sonha, e porque se ha de encontrar sempre apenas uma approximação do que se quer?»

Pensava indefinidamonte, balouçado pelo ruido menotono da voz não escutada, em tudo o que o tinha seduzido, conquistado, vencido, na amante abandonada. Dizia para si, na obsessão da lembrança d'ella, da sua presença imaginaria, que lhe apparecia constantemente como um phantasma a um visionario: «Serei eu um condemnado, que nunca mais possa livrar-me d'ella?»

E recomeçou a dar longos passeios, divagando pelo mais espesso da floresta, com a esperança obscura de perdel-a em qualquer parte, no fundo de uma ravina, atraz de um rochedo, em qualquer moita, como um homem, para se ver livre de um animal fiel que não quer matar, procura perdel-o n'uma excursão longinqua.

Um dia, ao fim de um d'esses passeios, voltou ao paiz

das Faias. Era agora uma floresta escura, quasi negra, com folhagens impenetraveis. Seguia, por debaixo da abobada immensa, humida e profunda, tendo pena da bruma verdejante, cheia de sol e ligeira das folhinhas apenas abertas; e, como fosse seguindo uma vereda apertada, parou, cheio de admiração, em frente de duas arvores enlaçadas.

Nenhuma imagem mais violenta e mais commovente do seu amor lhe podia impressionar os olhos e a alma: um carvalho vigoroso apertava nos seus ramos uma faia esbelta e altiva.

Como um apaixonado cheio de desesperos, de corpo robusto e atormentado, o carvalho, torcendo como se fossem braços dois ramos formidaveis, abraçava o tronco da faia, fechando-os sobre ella. Esta, cingida por aquelle abraço, alongava para o céo, muito acima da fronde do seu agressor, o seu busto fino e delgado, que parecia desdenhoso. Mas, apesar d'essa fuga para o espaço, d'essa fuga altiva e receiosa de um ultraje, viam-se-lhe no flanco os dois entalhes profundos e desde muito cicatrisados, que os ramos irresistiveis do carvalho lhe tinham aberto na casca. Soldadas uma á outra, e para sempre, por essas feridas fechadas, cresciam juntas, misturando as suas seivas, e nas veias da arvore violada corria e subia até ao cimo o sangue da arvore vencedora.

Mariolle sentou-se para contemplal-as mais tempo. Tornavam-se, na sua alma doente, symbolicos, espantosos e soberbos, aquelles dois luctadores immoveis que contavam aos passantes a historia eterna do seu amor.

Depois tornou a pôr-se a caminho, mais triste ainda, e de repente, como fosse andando de olhos no chão e muito vagaroso, viu, occulto com as hervas, manchado de lama e de chuva antiga, um velho telegramma atirado para ali, ou perdido por algum passeiante. Parou. Que cousas boas ou penosas teria levado a qualquer coração aquelle papel azul, agora ali arrastado debaixo dos pés?

Não poude esquivar-se a apanhal-o, e, desdobrou-o com as pontas dos dedos, cheio de nojo e ao mesmo tempo de curiosidade. Poude lêr ainda: «Venha... eu... quatro horas». Os nomes tinham sido apagados pela humidade do chão.

Assaltaram-o lembranças, crueis e deliciosas, as de todos os telegrammas que tinha recebido d'ella, ora para lhe marcar o momento de uma entrevista, ora para lhe dizer que não iria. Nunca nenhuma cousa tinha feito entrar n'elle mais commoção, nem o tinha feito estremecer com mais violencia, nem tinha feito parar mais rapido nem pular com mais força o seu pobre coração, do que o aspecto d'esses mensageiros, que lhe levavam o desespero ou a febre.

Sentia-se entorpecido de desalento ao considerar que nunca mais lhe seria dado abrir outros eguaes.

Interrogava-se de novo, perguntando o que se teria passado n'ella desde que a deixara. Teria soffrido, lastimado o amigo expulso pela sua indifferença, ou teria tomado o seu partido, depois d'esse abandono, simplesmente offendida na sua vaidade?

E o seu desejo de saber tornou-se tão violento, tão exigente, que n'elle surgiu um pensamento audaz e excentrico, ainda que hesitante. Tomou a estrada de Fontainebleau. Quando chegou á cidade, dirigiu-se ao telegrapho, com a alma agitada de hesitação e vibrante de sobresalto. Mas havia uma força que parecia impellil-o, uma força irresistivel vinda do seu coração.

Pegou, portanto, com mão tremula em um impresso de cima da mesa, e em seguida escreveu, depois do nome e morada de M.me Michèle de Burne:

«Gostava tanto de saber o que pensa de mim! Eu não posso esquecer nada».

«*André Mariolle*».

«*Montigny*».

Feito isto, sahiu, tomou uma carruagem, e voltou a Montigny, perturbado e atormentado pelo que tinha feito, e já com pena de ter dado semelhante passo.

Tinha calculado, que se ella fosse tão amavel que lhe respondesse, elle receberia a carta d'ahi a dois dias; mas não sahiu de casa no dia seguinte com receio e com esperança de receber um telegramma em resposta.

Balouçava-se debaixo das tilias do terraço, seriam tres horas da tarde, quando Isabel o foi prevenir de que uma senhora lhe desejava falar.

O seu alvoroço foi tão grande, que teve uma curta suffocação, e dirigiu-se para casa com as pernas a fraquejar e o coração palpitando. Comtudo, não esperava que fosse ella.

Logo que abriu a porta da sala, M.me de Burne, sentada n'um canapé, levantou-se, e, sorrindo de modo um tanto reservado, com um ligeiro constrangimento no rosto e na attitude, extendeu-lhe a mão, dizendo:

—Venho buscar noticias suas, porque o telegrapho não m'as deu bastante completas.

Elle tinha-se tornado tão pallido, que ella teve no olhar um clarão de alegria; e continuava tão opprimido pela commoção, que ainda não podia falar, limitando-se a conservar encostada á bôcca a mão que ella lhe tinha offerecido.

—Ah! meu Deus! como foi boa para mim! disse elle, finalmente.

—Isto não é ser boa. É que eu não esqueço os meus amigos, e inquieto-me por causa d'elles.

Olhava-o bem de rosto, profundamente, com aquelle primeiro olhar de mulher que surprehende tudo, penetra os pensamentos até ás raizes d'elles, e desmascara todos os fingimentos. Sem duvida ficou satisfeita, porque o seu rosto illuminou-se com um sorriso.

Continuou:

—É bonito este eremiterio. É-se feliz aqui dentro?

— Não, minha senhora.

— O quê? é possivel? N'esta bonita terra, n'esta bella floresta, junto a este pequeno regato delicioso? Eu imagino que ha de viver muito socegado aqui, e absolutamente contente.

— Não, minha senhora.

— E, então, porquê?

— Porque aqui não se esquece.

— E é-lhe indispensavel esquecer alguma cousa para ser feliz?

— É, sim, minha senhora.

— E pode-se saber o quê?

— Bem o sabe.

— E então?...

— Então... sou muito desgraçado.

Ella respondeu com uma grande fatuidade apiedada:

— Adivinhei-o, quando recebi o seu telegramma, e foi por isso que vim, com a resolução de me ir embora immediatamente se me tivesse enganado.

Depois de um breve silencio, accrescentou:

— Como me não retiro immediatamente, posso ir vêr a sua propriedade. Avisto além, uma pequena alameda de tilias, que se me affigura ser lindissima. Naturalmente, ha lá mais fresco do que aqui.

Sahiram. Ella vestia uma *toilette* côr de malva, que se harmonisou immediatamente de um modo tão completo com a verdura das arvores e com o azul do céu, que lhe pareceu surprehendente como uma apparição, seductora e bonita de um modo inesperado e novo. A sua comprida cintura tão flexivel, o seu rosto tão fino e tão fresco, o ligeiro ondeado loiro dos cabellos debaixo de um grande chapéu verde-malva tambem, coroado levemente por uma comprida penna de avestruz enrolada em cima, os seus braços delgados, cujas mãos sustinham, atravessado na frente, o chapéu de sol fechado, e o andar bastante aprumado, altivo e soberbo, davam áquelle jardimsinho rustico

qualquer coisa de anormal, de imprevisto, de exotico, a sensação extravagante e saborosa de uma figura de consto, de sonho, de gravura, de quadro á Watteau, sahida da imaginação de um poeta ou de um pintor, para vir ao campo, por phantasia, mostrar quanto era formosa.

Mariolle, olhando-a com o frémito profundo de toda a sua paixão ressuscitada, recordava-se das duas mulheres que vira no caminho de Montigny.

Ella disse-lhe:

—Quem é aquella rapariguita que me abriu a porta?

—É a minha creada.

—Pois não tem muito ar de... creada.

—Não tem. Effectivamente é bonitinha.

—Onde foi desencantal-a?

—Muito perto d'aqui, n'uma hospedaria de pintores, onde os freguezes lhe ameaçavam a virtude.

—Que o meu amigo salvou?

Elle córou, e respondeu:

—Que eu salvei.

—Em proveito proprio, talvez?

—Com certeza, que em meu proveito, porque prefiro muito mais ver a girar á roda de mim uma figura bonita do que uma feia.

—É isso só o que ella lhe inspira?

—Talvez me inspirasse tambem a necessidade irresistivel de tornar a vel-a, porque toda a mulher que attrae os meus olhos, um segundo que seja, faz com que o meu pensamento recáia immediatamente em si.

—É muito habil isso que diz! E ella, naturalmente, ama o seu salvador!

Elle córou mais que da primeira vez. Com a rapidez de um relampago que passa, a certeza de que todo o ciume é bom para estimular o coração das mulheres, decidiu-o a mentir apenas metade.

Respondeu, portanto, hesitando:

—Isso não sei. É possivel. O que sei é que tem muitos cuidados e muita solicitude para commigo.

Um imperceptivel despeito fez murmurar a madame de Burne:

— E corresponde-lhe?

André fitou-a com os olhos incendiados em amor, e disse:

—Não ha nada que me distraia de pensar em si.

Continuava a ser muito habil; ella porém é que já não percebeu, de tal modo essa phrase se lhe affigurou ser a expressão de uma verdade indiscutivel. Podia uma mulher como ella duvidar de semelhante cousa? Effectivamente, não duvidou, e, satisfeita, não pensou mais em Isabel.

Sentaram-se em duas cadeiras de lona, á sombra das tilias, por cima da agua corrente.

Então elle perguntou:

—O que tem pensado de mim?

—Que é muito infeliz.

—Por minha culpa ou por culpa sua?

—Por culpa de ambos.

—E depois?

—E depois, sentindo que havia de estar muito excitado, muito exaltado, reflecti que o partido mais prudente consistia em deixal-o socegar primeiro. E, então, esperei.

—Mas que esperava?

—Uma palavra sua. Recebi-a, aqui me tem. Agora vamos conversar como pessoas sérias. Diga-me, continúa a amar-me... não lhe pergunto isto como coquette... pergunto-lh'o como sua amiga?

—Continúo a amal-a, do mesmo modo.

—E que pretensões são as suas?

—Sei-as eu por ventura? Estou nas suas mãos.

—Pois, olhe, eu tenho idéas muito claras a este respeito; mas não lh'as digo, sem saber as suas. Fale-me de si, do que se passou no seu coração e no seu espirito, desde que me fugiu.

— Pensei em si, não fiz outra cousa.

— Sim, mas como? em que sentido? com que conclusões?

Então, elle contou a sua resolução de se curar d'ella, a sua fuga, a sua chegada áquelle grande bosque, onde não encontrara senão ella, os seus dias perseguidos pela recordação, as suas noites roídas pelo ciume; disse tudo, com uma boa fé completa, menos o amor de Isabel, da qual não pronunciou mais o nome.

Ella escutava-o com a segurança de que elle lhe não mentia, convencida, pelo presentimento, do dominio que tinha n'elle, mais ainda do que pela sinceridade da sua voz, e alegrissima por triumphar, por tornar a havel-o, porque no fim de contas, e a seu modo, amava-o tambem.

Depois, elle lamentou-se d'aquella situação sem fim, e, exaltando-se a falar d'aquillo que o fizera soffrer tanto, depois de tanto o ter feito pensar, censurou-lhe, de novo, n'um lyrismo apaixonado, mas sem colera, sem amargura, revoltado e vencido pela fatalidade, a impotencia de amar que sempre tinha reconhecido n'ella.

Repetiu:

— Outros, não tem o dom de agradar: em si, o que falta é o dom de amar...

Ella interrompeu-o, animada, cheia de razões e de raciocinios:

— Tenho, pelo menos, o de ser constante, disse. Julgava-se menos infeliz se, depois de o ter adorado durante dez mezes, eu estivesse hoje apaixonada por outro?

André exclamou:

— Então, é impossivel a uma mulher amar um homem só?

Ella, porém, retorquiu com vivacidade:

— Não se póde amar sempre; o que se póde simplesmente é ser fiel. Acredita, talvez, que o delirio exaltado dos sentidos deva durar muitos annos? Não, não. Emquanto á maior parte de mulheres de paixões, de caprichos vio-

lentos, compridos ou curtos, essas põem simplesmente a sua vida em romances. Os heroes são diversos, as circumstancias e as peripecias imprevistas e mutaveis, o desenlace variado. Para ellas é divertido e distrahido, confesso, porque as emoções do começo, do meio e do fim renovam-se de cada vez. Mas quando está acabado, está acabado... para elle... Comprehende?

—Comprehendo; ha verdade n'isso. Mas não vejo onde quer chegar.

—A isto: não ha paixão que persista muito tempo, quero dizer paixão ardente, torturante, como aquella de que o meu amigo soffre ainda. Foi uma coisa que eu lhe tornei penosa, muito penosa, bem o sei e bem o sinto, pela... aridez da minha ternura e pela minha paralysia de expansão. Mas esta crise ha de passar, porque não póde durar eternamente.

Calou-se. Cheio de anciedade, elle perguntou:

—E então?

—Então, eu considero que para uma mulher razoavel e tranquilla como eu sou, o meu amigo póde vir a ser um amante inteiramente agradavel, pois tem muito tacto. Em compensação, havia de ser um marido atroz. Mas não existem, não podem existir bons maridos.

Elle perguntou, surprehendido, um pouco offendido:

—Para que serve conservar um amante que se não ama, ou que se não ama já?

Ella replicou vivamente:

—Eu amo a meu modo, meu amigo. Amo sêccamente; mas amo.

André respondeu, resignado:

—E, sobretudo, o que tem é necessidade de que a amem, com adoração publica.

—É verdade. Adoro isso. Mas o meu coração tambem tem necessidade de um companheiro occulto. Esse gosto vaidoso das homenagens publicas não me impede de poder ser dedicada e fiel, e de crêr que sou capaz de dar a

um homem qualquer cousa de intimo, que nenhum outro teria: a minha affeição leal, a ligação sincera do meu coração, a confiança absoluta e secreta da minha alma, e, em troca, receber d'elle, com toda a sua ternura de amante, a tão rara e tão dôce impressão de não ser inteiramente só. Não é amor, como o entende; mas isso vale alguma cousa tambem!

André inclinou-se para ella, tremulo de commoção, e balbuciando:

— Quer que eu seja esse homem?

— Sim, um pouco mais tarde, quando soffrer menos, quando estiver mais socegado. Até lá, resigne-se a soffrer um pouco, por mim, de quando em quando. Isso ha de passar. E como de toda a maneira tem de soffrer, é melhor que seja ao pé de mim do que longe, não lhe parece?

E com um sorriso parecia dizer-lhe: «Tenha, pois, um bocado de confiança»; e, como o via palpitante de paixão, sentia em todo o seu corpo uma especie de bem estar, de contentamento, que a tornava feliz a seu modo, como é feliz um gavião cujo vôo se precipita sobre uma presa fascinada.

— Quando volta? perguntou ella.

Elle respondeu:

— Mas... ámanhã.

— Pois seja ámanhã. Vae jantar comigo?

— Sim, minha senhora.

— E não posso demorar-me mais, disse ella consultando o relogio embutido no castão do seu chapeu de sol.

— Então, já? tão depressa!

— Tenho de ir no comboyo das cinco. Hoje tenho muita gente a jantar: a princeza de Malten, Bernhaus, Lamarthe, Massival, Maltry, e um novo, M. de Charlaine, o explorador que regressou do alto Cambodge depois de uma viagem admiravel. Não se fala senão d'elle.

Mariolle teve um ligeiro confrangimento de coração. Todos aquelles nomes, uns após outros, lhe fizeram mal, o incommodaram como picadas de vêspa. Tinham veneno.

— Então, disse elle, se quer retirar-se já, podemos fazer um bocado de caminho, juntos, na floresta?

— De certo. Mande-me dar primeiro uma chavena de chá, e uma torrada.

Quando era preciso servir o chá, não foi possivel encontrar Isabel.

— Sahiu, disse a cosinheira.

M.me de Burne não se admirou. Com effeito, que receio lhe podia inspirar agora essa pobre creadita?

Depois subiram para o *landau*, que estava parado á porta, e Mariolle indicou ao cocheiro um caminho um pouco mais comprido, e que passava por um dos pontos mais pittorescos da floresta.

Quando chegaram debaixo das altas frondes que espalhavam a sua sombra tranquilla, a sua frescura envolvente e cantos de rouxinol, ella disse, empolgada pela inexprimivel sensação com que a omnipotente e mysteriosa belleza do mundo sabe fazer vibrar a carne por intermedio dos olhos:

— Ah! meu Deus! como se está bem! Como tudo isto é bello, bom e tranquillo!

Respirava com a felicidade e a emoção de um peccador que communga, penetrada de langôr, de enternecimento. E poz a mão na de André.

Mas elle pensou: «Ah! sim! a natureza! é ainda o Monte São-Miguel»; porque deante dos seus olhos, n'uma visão, passava um comboyo na direcção de Paris. Conduziu-a até á gare.

Ao deixal-o, ella disse-lhe:

— Até ámanhã, ás oito horas.

— Sim, minha senhora; até ámanhã, ás oito horas.

Deixou-o, radiante; e elle voltou para casa no *landau*.

satisfeito, bem feliz, mas sempre atormentado, porque não estava acabado tudo.

Mas, para quê luctar? Não podia já. Ella agradava-lhe por um encanto que elle não comprehendia, mais forte do que tudo. Fugir-lhe não o livrava, não o separava d'ella; privava-o d'ella intoleravelmente, emquanto que, se conseguisse resignar-se um pouco, teria da sua parte, pelo menos, tudo quanto ella lhe tinha promettido, pois não lhe mentia.

Os cavallos trotavam debaixo das arvores, e elle pensava que durante toda essa entrevista ella não tivera a idéa, o impulso de lhe offerecer uma vez os labios. Era sempre a mesma. Ali, nada mudaria jámais, e naturalmente, elle havia de soffrer sempre por ella, do mesmo modo.

A recordação das horas tão duras, que tinha passado já, esperando, com a intoleravel certeza de que jámais poderia commovel-a, apertava-lhe de novo o coração, fazia-lhe presentir e temer as luctas proximas e as afflicções analogas de ámanhã.

Apesar d'isso, sentia-se resignado a soffrer tudo, de preferencia a perdel-a outra vez, resignado a esse eterno desejo, que nas suas veias se tornara uma especie de appetite feroz, nunca saciado, que lhe abrasava a carne.

Aquellas raivas tantas vezes soffridas, ao voltar sósinho de Auteuil, recomeçavam já, e faziam-lhe vibrar o corpo, no *landau*, que corria sob a frescura das grandes arvores, quando de repente o pensamento de Isabel que o esperava, fresca tambem e nova e bonita, com o coração cheio de amor, e a bôcca cheia de beijos, o veiu apaziguar. D'ahi a pouco tel-a-hia nos seus braços, e, de olhos fechados, enganando-se a si mesmo como se enganam os outros, confundindo, na embriaguez das caricias, aquella que elle amava, e aquella por quem era amado, possuil-as-hia ambas.

Com certeza que, mesmo n'este momento, sentia gosto

por ella, aquella attracção reconhecida da carne e da alma, com que a sensação da ternura inspirada e do prazer partilhado penetram sempre o animal humano.

Aquella rapaguinha seduzida não seria, para o seu amor árido e esterilisante, a pequena fonte encontrada no descanço da tarde, a esperança d'agua fresca que sustenta a energia, quando se atravessa o deserto?

Mas, quando entrou em casa, e lhe disseram que Isabel não tinha apparecido mais, teve medo, ficou inquieto, e disse á outra creada:

—Tem a certeza que ella sahiu?

—Tenho, sim, meu senhor.

Então elle sahiu tambem, esperando encontral-a.

Quando tinha dado alguns passos, antes de voltar a esquina da rua que sobe ao longo do valle, viu na frente a velha egreja, larga e baixa, tendo ao lado uma pequena torre, agachada n'uma pequena altura, e agasalhando, como uma gallinha os pintos, as casinholas da aldeia.

Impelliram-o, uma suspeita, um presentimento. Conhecem-se acaso as extranhas percepções que podem nascer n'um coração de mulher? O que tinha ella pensado, o que tinha comprehendido? Onde se teria refugiado, senão ali, se a sombra da verdade lhe passou deante dos olhos?

O templo estava muito escuro, porque a noite estava quasi cahindo. Só a pequena lampada, no extremo de um fio, revelava no tabernaculo a presença ideal do Consolador divino. Mariolle, andando subtil, passava ao longo dos bancos.

Quando chegou proximo do altar-mór, viu uma mulher de joelhos, de rosto nas mãos. Approximou-se d'ella, reconheceu-a, tocou-lhe no hombro. Estavam sós.

Ella estremeceu, voltando a cabeça. Estava chorando.

André disse-lhe:

—O que é isso? que tem?

Isabel murmurou:

— Eu comprehendi tudo. O senhor veiu para aqui porque ella lhe tinha feito mal. Agora, ella veiu buscal-o.

Elle balbuciou, impressionado com a dôr que, por sua vez, estava causando:

— Enganas-te, pequena. Volto, effectivamente, para Paris; mas levo-te comigo.

Ella repetiu, incredula:

— Isso não é verdade, não é verdade!

— Juro-te que é.

— Quando?

— Ámanhã.

E voltando a soluçar, gemeu: «Meu Deus! meu Deus!»

Então elle tomou-a pela cintura, levantou-a, puxou-a para si, fez-lhe descer a collina da sombra espessa na noite; e, quando chegaram á borda da ribeira, sentou-se sobre a herva, ao lado d'ella.

Ouvia-lhe bater o coração, e via-lhe arquejar o peito, e, perturbado pelo remorso, apertando-a a si, falava-lhe ao ouvido com palavras muito meigas, que nunca lhe dissera.

Enternecido pelo dó, e ardendo em desejo, quasi que não mentia nem a enganava; e perguntava a si mesmo, surprehendido pelo que estava exprimindo e pelo que sentia, como era que, vibrando todo com a presença da outra de quem seria para todo o sempre escravo, podia extremecer assim de desejo e de emoção ao consolar aquella angustia de amor.

Promettia amal-a muito — não disse «amar», simplesmente, sem mais nada — dar-lhe, muito perto d'elle, um bonito alojamento de senhora, com mobilia muito bonita e uma creada para a servir.

Ella socegava ouvindo-o, tranquillisada a pouco e pouco, não podendo crêr que a enganasse assim, comprehendendo mais, pela accentuação da sua voz, que era sincero. Convencida finalmente e deslumbrada pela visão de ser emfim uma senhora, sonho de toda a rapariga pobre, ella,

creada de hospedaria, feita de repente companheira, amiga, de um homem tão rico e tão bom, embriagou-se de appetites, de reconhecimento e de orgulho, sentimentos que se fundiam na sua affeição por André.

Deitando-lhe os braços ao pescoço, balbuciava, cobrindo-lhe o rosto de beijos:

— Amo-o tanto! Não tenho outra cousa dentro de mim.

André murmurou, muito enternecido e retribuindo as caricias:

— Oh! minha querida, minha querida!

Isabel tinha já esquecido quasi completamente a apparição d'aquella mulher extranha, que lhe viera trazer tantas maguas ainda agora. Comtudo, fluctuava ainda n'ella uma duvida inconsciente, e perguntou com a sua voz muito meiga:

— E lá, ha de amar-me como aqui?

Elle respondeu, sem hesitar:

— Hei de amar-te como aqui.

FIM

Guy de MAUPASSANT.

CYCLISMO

Velocipedomania, bicyclomania... Estamos em pleno reinado do cyclo. Nunca nenhum invento tomou em tão pouco tempo extensão tão consideravel. Por toda a parte se vê a machina volante; cresce e multiplica-se com inconcebivel rapidez. Por todos os lados se encontra, quasi com tanta abundancia como se encontram pedras pelos caminhos; impõe-se, invade tudo, até mesmo os passeios das ruas e as ruas dos nossos passeios. Ao luar, em noites perfumadas, passa cortando o ar, e zumbindo como um besouro. Que expansão! e que caminho percorrido desde a Draisienne e do primeiro velocipede de Michaux, dos Campos Elysios! Hoje não está no apuro da moda todo aquelle que não pedalisa. Ha vinte annos, o velocipede era ridiculo; agora, é o sport favorito do bello sexo. O pedal tem positivamente para certas elegantes um encanto particular. A caminho! e logo todas as manhãs desfilam a perder de vista, cyclistas d'ambos os sexos. Na machina d'aço, dá-se mesmo, com um certo prazer, uma boa volta pela França. Velocipedomania, bicyclomania...

Mas ninguem se engane com isto: não se trata absolutamente de uma moda ephemera. Ah! não; a machina conquistou, ao sol, um logar definitivo. Está prosperando, tem seguro o seu futuro, e n'uma dezena d'annos, sob a sua forma actual ou sob uma forma proxima, ha de occupar

com certeza um grande logar nos meios de locomoção. A velocipedia trouxe comsigo o estabelecimento de uma nova industria completa, e muito importante, que incessantemente se vae desenvolvendo segundo uma admiravel progressão.

M. Michelin, em uma communicação recente á Sociedade dos Engenheiros Civis, mostrou com razão, por meio de numeros comprovantes, que a bicycleta tinha operado verdadeiramente uma pequena revolução nos nossos meios de transporte. A bicycleta é uma maravilha de mechanica; permitte ao homem rolar sobre o solo com o emprego de um esforço minimo, em vez de progredir com o auxilio do movimento de vae-vem exigido pela marcha ordinaria. Permitte hoje mesmo rolar sobre o ar, como vamos vêr, e de certo modo voar no meio do Oceano atmospherico. Reflectindo um pouco na sua construcção, breve se convencerá o leitor de que não exageramos e de que ainda nenhuma machina attingiu em menos de vinte annos um grau de perfeição tão notavel. A reducção do peso, a diminuição dos attritos, o cautchuc pneumatico transformaram os velocipedes.

É uma industria consideravel. Julgue-se por isto. A importação velocipedica em França, tanto em machinas completas como em peças isoladas, elevou-se proximamente a 12 milhões em 1891, antes da elevação dos direitos de alfandega; em 1892, foi reduzida a pouco mais de 7 milhões. (O direito de alfandega é de 250 francos). Em Inglaterra fabricam-se annualmente, sem falar em peças isoladas, 130:000 machinas.

Coventry occupa 15:000 operarios exclusivamente fabricando velocipedes. Em França, onde o velocipede nasceu, a extensão da velocipedia foi muito tempo detida pelos preconceitos. Agora, este paiz, segue a Inglaterra no movimento de propagação. Avalia se em 300:000 o numero de possuidores de machinas em França, e a este numero conviria juntar os amadores que alugam as suas machinas.

Em 1892, a prefeitura de policia distribuiu em Paris 12:000 licenças de circulação; porém, muitos amadores não as possuem. Avalia-se o numero de velocipedistas em Paris, em mais de 30:000, e é com certeza um numero muito baixo. Em Paris, venderam-se em 1892-1893 pelo menos 60:000 machinas.

Se uma industria nova se desenvolve a este ponto, é porque tem evidentemente a sua razão de ser, independentemente da moda. Com effeito, a machina offerece recursos que em vão se procurariam fóra d'ella. Tem-se dito muitas vezes: é um cavallo que não come á mangedoura. Evidentemente; mas ainda é mais do que isso, é um cavallo infatigavel, um cavallo d'aço, que bate todos os cavallos. Lembrar-se-hão, sem duvida, que M. Johnson bateu, na America, uma egua a trote, a egua de mais rapidez que até ahi se conhecia, Nancy Hanks. A milha (1:609 metros) foi vencida pelo homem em um minuto cincoenta e seis segundos e tres quintos do segundo; pela egua, em dois minutos e quatro segundos. Um cyclista, partindo de Paris, a 6 de setembro de 1891, ás 7 h. e 3 m. da manhã, foi a Brest e regressou a Paris ao terceiro dia, ás 6 h. e 25 m. da manhã, fazendo assim o que nenhum andarilho, nem nenhum cavallo, teria podido realisar. Na corrida Paris-Brest e regresso, Terrout gastou 71 h. e 22 m. para vencer 1:208 kilometros sem mudar de machina. Na corrida entre officiaes effectuada o verão passado, de Vienna a Berlim, o vencedor percorreu, sem mudar de cavallo, os 565 kilometros, que separam as duas capitaes, em 71 horas e, por consequencia, não andou, no mesmo tempo, metade do caminho percorrido de Paris-Brest e regresso com a machina.

As velocidades momentaneas obtidas com cavallos de corrida são superiores ás da machina; mas muito rapidamente a machina ganha vantagem.

Eis alguns numeros de velocidades excessivas indicadas por M. Mousset, velocidades referidas á hora: Comboyo do

Mittland Railway 115 kilom., 850. Trenó para gelo, e á vela, 82 kilom., 750. Cavallo de corrida a galope, 60 kilom., 630. Torpedeiro, 52 kilom. Bicycleta, 49 kilom., 545. Transatlantico, 41 kilom., 375. Patim para o gelo, 36 kilom., 430. Andarilho, 22 kilom. Homem marchando, 15 kilom., 175. Nadador, 3 kilom., 810.

Recordemos que estes numeros, ainda que referidos á hora, dizem respeito a tempos reduzidos: alguns minutos, um quarto de hora, no maximo. Eis, pelo contrario, velocidades obtidas durante uma hora inteira:

Homem a pé andando sem correr, 13 kilom., 500. Homem andando a passo gymnastico, 18 kilom., 600. Cavallo a trote, em pista, pouco mais ou menos 32 kilom., 500. Bicycleta de 12 kilogrammas, com cautchuc ôco, em má pista, 34 kilom,, 210. Bicycleta de 10 kilog., 500, com cautchuc pneumatico, em estrada, 34 kilom., 500. Bicycleta de 9 kilog., 500, com cautchuc pneumatico, em boa pista, 36 kilom., 450. Bicycleta de 9 kilog., 500, com cautchuc pneumatico, em boa pista, de cimento, 36 kilom., 740.

As vantagens da machina tornam-se sobretudo frizantes quando se consideram as longas distancias. M. Michelin citou perante a Sociedade dos Engenheiros Civis um grande numero de exemplos. Escolheremos alguns. Um homem a pé chegou a percorrer, em vinte e quatro horas, sem empregar o passo gymnastico, 204 kilom.; com o passo gymnastico, 241, kilom. Um homem, em bycycleta com cautchuc pneumatico, percorreu em estrada ordinaria 595 kilom.

Um homem, com uma machina semelhante, conseguiu percorrer uma pista de 673 kilom., 816 (é a maior distancia vencida até aqui em um dia).

A maior velocidade que até aqui poude fornecer um mesmo cavallo, n'uma só corrida, sem paragem, foi obtida em 1853. Foi de 100 milhas ou 160 kilom., 900 em oito horas e cincoenta minutos. Ora, Julio Dubois, percorreu, é

verdade que em pista, 160 kilom., 900 em cinco horas e dois minutos.

Cita-se muitas vezes a famosa viagem do general Marbot. Em 1808, era então capitão e ajudante de campo do principe Murat. Depois da revolta de 2 de maio, que rebentou em Madrid, foi encarregado de ir levar ao imperador, então em Bayona, a noticia da victoria de Murat sobre a insurreição. De Madrid a Bayona contam-se 900 kilometros. A viagem foi executada em cavallos de posta, substituidos em todas as mudas, e a toda a brida, sem nenhum descanço, em 72 horas, com uma velocidade de 12 kilom., 500 por hora. Foi quasi um prodigio. Marbot conta que foi a imperiosa necessidade do somno que o incommodou sobre tudo, e teve que augmentar as gorgetas dos postilhões para os fazer cantar, galopando, as canções hespanholas de que elle gostava, de modo que o conservassem acordado. Ora, é sabido que Terrout percorreu, no mez de fevereiro do anno findo, no palacio das machinas, no Campo de Marte, 1:000 kilometros em 41 horas. Teve, tambem, que luctar contra a necessidade do somno.

A machina offerece, por conseguinte, um poder de locomoção incomparavel. D'ahi lhe provêm as suas qualidades excepcionaes.

No que respeita a velocidade, é preciso observar que o homem, andando, não avança por deslocamento das pernas senão de $1^{m},50$ a $1^{m},65$, por passo duplo. O cyclista, com um deslocamento de pernas analogo, progride, conforme fôr a sua machina, de $4^{m},50$ a $5^{m},50$. Uma volta de pedal basta para vencer, segundo a relação do rodete de transmissão para a roda dentada, segundo a multiplicação conforme habitualmente se diz, um espaço de terreno superior a 5 metros. Se, com o habito, se augmenta o rythmo dos movimentos de pedal, vê-se que se póde, a volta e meia por segundo, a duas voltas por segundo, a duas voltas e meia, vencer por segundo 7 metros e meio, 10 metros e 12 metros e meio. Ora, a 10 metros por segundo,

temos já 36 kilometros. Feitas bem as contas, os amadores que vão de passeio não excedem tres quartos de volta por segundo, o que dá ainda a bonita velocidade de perto de 14 kilometros por hora. A pé ter-se-hiam andado 5 kilometros proximamente; na bicycleta vencem-se com facilidade 12 a 14 kilometros, proximo do triplo. Não é preciso dizer mais, para affirmar a bondade da machina.

Em definitiva, a vantagem comprehende-se bem, observando que o homem a andar transporta-se a si mesmo em peso, emquanto que empregando a machina não faz mais que rolar-se.

Mas o esforço, mas a fadiga, mas o trabalho gasto? Os resultados indicados sobre as corridas de velocidade e de fundo mostram já que o trabalho e a fadiga são menores com a machina; porque, d'outro modo, não poderiam obter-se; mas póde precisar-se isto mais.

O trabalho effectuado pelo cyclista póde medir-se por meio do producto da pressão do pé sobre o pedal pelo caminho percorrido, ou duas vezes o comprimento da manivella. A pressão sobe muito depressa conforme a velocidade e o estado da estrada; determinámol-a aproximativamente. Em boa estrada, e uma vez a machina em movimento, oscilla entre 15, 20, 25 kilogrammetros, póde elevar-se a 40 e mesmo a 50 kilogrammetros. O trabalho com manivellas de 20 centimetros é, em numeros redondos, de 4 a 5 kilogrammetros por volta de pedal. O cyclista que vae na machina tranquillamente effectuando dois terços de volta por segundo progride pelo menos 2 metros, 80 por segundo ou 10 kilometros por hora, e não gasta senão 5 kilogrammetros.

Ora, um homem a andar, pesando 70 kilogrammas, que percorresse os seus 6 kilometros por hora, gastaria pouco mais ou menos 9 kilogrammetros, 80. A machina permitte economisar proximamente metade no trabalho gasto e ganhar proximamente o duplo no espaço vencido. Em egualdade de trabalho a distancia vencida seria o triplo.

Estes numeros, embora approximados, não se afastam da verdade. M. Guye, doutor em sciencias, determinou por um methodo directo o trabalho gasto por um cyclista em diversas velocidades. O methodo consiste em deixar rolar um velocipede por um plano inclinado sem o cyclista to car nos pedaes. Mede-se a distancia vencida durante um tempo dado, e tem-se a velocidade. Emfim, tendo a inclinação do plano, obtem-se o trabalho effectuado pela formula $PH = T,^2$ na qual P representa o peso da machina e do velocipede, H a altura vertical de que o bicyclista desceu para vencer a distancia medida. Este processo não é tambem senão approximativo, mas está ao alcance de toda a gente. M. Guye obteve assim alguns dados que nos parecem um pouco exaggerados para mais, porque as experiencias foram feitas com uma bicycleta já velha, do peso de 24 kilogrammas, com os seus cautchucs massiços, e já gastos:

Velocidade em metros	Trabalho por segundos
$2^m,68$	6 kilog.tros 95
$6^m,07$	24 » 3
$8^m,09$	35 » 3

Seja como fôr, não se conclue menos d'estas indicações que, com egualdade de trabalho, se póde percorrer, sem custo, com a machina proximamente uma distancia *duas vezes e meia* maior do que andando e, com as machinas aperfeiçoadas e em boa estrada, póde vencer-se uma distancia proximamente *tripla*.

O trabalho eflectuado não é inteiramente synonimo da fadiga supportada. No andar, o peso do corpo repousa sobre os dois pés; na progressão sobre a machina, vae-se sentado, o supporte mudou: muda tambem o papel dos musculos em acção. De modo que, durante os primeiros dias de trenagem, a fadiga de certos musculos é extrema.

Depois, adquirido o habito, a fadiga torna-se inappreciavel.

Foi ainda attenuada em largos limites por um novo progresso na construcção, pelo emprego dos *revestimentos* ou *trilhos pneumaticos*, aperfeiçoamento capital que ha de marcar um estadio importante na historia da velocipedia. As trepidações que se sentiam nas machinas eram extremamunte incommodas e não deixavam, com o tempo, de exercer acção nociva sobre o systema nervoso. Tinha-se baldadamente experimentado toda a especie de molas de suspensão. O trilho pneumatico veiu trazer uma solução mais geral e mais fecunda. Sabe-se, que n'este systema, as rodas são munidas de uma especie de panno de cautchuc bastante analogo ao dos tubos de rega. N'este tubo, com uma bomba, comprime-se ar, de modo que a machina assim preparada rola, na realidade, não já sobre o sólo, mas sobre um colchão d'ar. Adivinham-se, facilmente, as consequencias d'esta disposição. As vibrações são extinctas pela elasticidade do ar e do cautchuc, os choques são attenuados a ponto de se não sentir já o encontro das pequenas pedras.

Se se encontra uma pedra sobre o trilho, ella desloca um pouco o cautchuc e o ar. Mas o que é uma compressão de alguns centimetros cubicos tão minima para um volume d'ar do revestimento, de 4:000 centimetros cubicos? O rolamento mantem-se suave perante obstaculos que outr'ora saccudiam energicamente os infelizes cyclistas. É inutil accrescentar que o cautchuc, cheio d'ar, supprimindo os choques, poupa consideravelmente os orgãos da machina. O novo revestimento offerece uma outra vantagem essencial; o seu emprego augmenta as velocidades em egualdade de trabalho. O pneumatico molda-se á estrada, possue uma adherencia enorme; d'ahi se segue que a roda motôra não soffre mais nenhum escorregamento e nenhuma parte da força de propulsão é perdida. O cyclista, sendo muito menos saccudido e menos exposto ás quedas, pois

que póde vencer sem inconveniente a maior parte dos pequenos obstaculos da estrada, serve-se sem receio da sua velocidade maxima. O cyclista rola sobre o ar e, em termos technicos, «o pneumatico bebe o obstaculo».

Ha n'isto, como em tudo, um reverso da medalha. É o encontro do pneumatico com uma pedra ponteaguda, um caco de garrafa, um prego com a ponta para cima. Ha perfuração e esvasiamento. O remedio é colar sobre esse rasgão uma pellicula de cautchuc e encher de novo. Comtudo, o meio nem sempre é practico nos caminhos, durante a noite, etc. Por isso, o problema actual é este: realisar camaras d'ar «não rebentaveis». As patentes relativas á questão augmentam todos os dias. M. Michelin, entre outros systemas, menciona aquelle que imaginou o doutor Loisel e que fornece uma primeira solução satisfactoria. No seu pneumo-estatico, M. Loisel compõe a parede da camara d'ar de dois envolucros separados, muito elasticos e muito flexiveis, e entre estas duas paredes introduz um liquido viscoso, que se não evapora. Se um prego fura o envolucro, o rasgão deslisa sobre o liquido, o buraco entupe-se, e quando se tira o prego, os furos não estão já em frente um do outro, não concordam, e a parede vem colar-se contra o envolucro externo, automaticamente. Póde mesmo atravessar-se de lado a lado com uma agulha de meia um tal revestimento sem que a fuga d'ar diminua sensivelmente a pressão do ar interior. As paredes de cautchuc tornam a colar-se e concertam-se por si, sobretudo se se faz effectuar á roda duas ou tres voltas que restituem tudo ao seu logar. Estas camaras d'ar «não rebentaveis» vão portando dar ainda um novo impulso á velocipedia.

Tal é, sem insistir mais, o estado actual da velocipedia. Sob o ponto de vista da hygiene, a velocipedia tem grandes partidarios. Muitos medicos, dos mais afamados, practicam este sport que põe em movimento numerosos musculos, activa a respiração, regularisa a circulação, desembaraça

os orgãos profundos congestionados, chama o sangue á pelle, e exerce muitas vezes uma influencia muito salutar sobre o systema nervoso central. É um exercicio agradavel, em pleno ar, uma gymnastica geral e que não fatiga o coração sendo moderadamente practicada. Mas não ha lei geral em semelhante materia. E não seria razoavel affirmar que o uso da bicycleta possa convir a toda a gente. Compete a cada um experimentar e julgar por si mesmo se a posição especial do corpo sobre a sella, se o movimento particular das pernas póde ser vantajosamente substituido ao rythmo ordinario da marcha. N'isto, como em tudo, bem entendido que o abuso deve ser interdicto.

Em todos os casos, abundam exemplos de pessoas que se fortaleceram e viram os seus incommodos desapparecer, pedalisando methodicamente durante uma hora ou duas, o maior numero de vezes possivel. Como sport, a velocipedia está em voga; como meio de locomoção a sua vantagem já se não discute.

Os exercicios moderados, ao ar livre, são os melhores remedios contra a gotta, os rheumatismos, a nervosidade, a obesidade e outras affecções *ejusdem farinae*. Quando mesmo a bicycleta não fosse mais do que um pretexto inconsciente para o passeio ao ar livre, ainda assim nos deviamos applaudir da sua invenção; mas é seguramente muito mais do que isso: é um instrumento muito real de saude, primeiro, e, em seguida, uma machina preciosa para a locomoção humana n'este tempo de deslocação a vapor.

Time is money. Foi, decerto, por isso que um fabricante americano espalhou aos quatro ventos da terra este divertido reclamo: «A vida é breve de mais para se andar a pé; comprem-me uma bicycleta!»

E compram-lh'as. .

Henrique de PARVILLE.

O SOLDADO DE LUCRECIA SMITH

Sou um apaixonado admirador das bonitas e singelas historias de guerra, que ultimamente foram tão populares, e, durante os ultimos tres mezes, andei atarefado com uma d'essa especie, a qual presentemente está completa.

Pode ser acreditada como verdadeira em todas as suas particularidades, visto como os factos que encerra foram extrahidos dos archivos officiaes do ministerio da guerra, em Washington.

É tambem de justiça confessar que me servi largamente da *Arte da guerra*, de Jomini, da *Mensagem* do presidente, e mais documentos appensos, e de diversos mappas e obras militares, de tão necessaria consulta quando se architecta uma novella d'esta ordem.

Aos obsequiosos directores da *Companhia dos Telegraphos Terrestres* apraz-me enviar-lhes os meus agradecimentos por me terem facilitado o uso dos seus fios telegraphicos mediante as taxas usuaes. E, finalmente, a todos e quaesquer amigos, que, com os seus bons serviços ou com as suas palavras animadoras, me auxiliaram nos meus esforços para levar a cabo esta historia do *Soldado de Lucrecia Smith*, durante os tres mezes findos, e cujos nomes são excessivamente numerosos para poderem ser mencionados aqui, por este modo lhes testemunho a minha gratidão mais sincera.

CAPITULO I

N'uma perfumada manhã de maio de 1861, a pequena villa de Bluemass, no Massachussets, jazia envolta nos esplendores do sol nascente. Reinaldo de Whittaker, marçano unico em casa de Bushrod & Ferguson, negociantes de sêccos e molhados, e depositarios do correio, ergueu-se do seu catre debaixo do balcão e poz-se a pé. Depois de bocejar e de se espreguiçar confortavelmente, borrifou o sobrado e procedeu a varrel-o. Ia apenas em meio da sua tarefa, todavia, quando se sentou n'uma barrica de prégos e começou a devanear:

—É hoje o ultimo dia que passo n'esta pocilga, disse elle. Como Lucrecia vae ficar admirada quando ouvir dizer que vou para soldado! Que orgulho ha de ter a boa rapariguinha!

E imaginou-se a si mesmo em toda a especie de situações guerreiras; heroe de mil aventuras extraordinarias; voando nas azas da fama; privilegiado da fortuna emfim; e concluiu por se representar voltando á sua propria casa, brigadeiro general, de pelle bronzeada e coberto de cicatrizes, para atirar com as suas honras e com o seu amadurecido e perfeito amor aos pés da sua Lucrecia Borgia Smith.

N'este ponto um estremecimento de alegria e de orgulho percorreu-lhe todo o systema; mas olhou para o chão, viu a vassoura e córou. Cahiu precipitadamente das nuvens por onde tinha andado voando, e voltou a ser outra vez um marçano obscuro, com o seu salario de dois dollars e meio por semana.

CAPITULO II

Ás oito horas da tarde d'aquelle dia, palpitando-lhe o coração com as soberbas noticias que trazia á sua amada, estava Reinaldo sentado na sala de espera de Mr. Smith, aguardando o apparecimento de Lucrecia.

No momento em que esta entrou correu elle ao seu encontro, com a face illuminada pelo facho do amor, que lhe estava a arder em qualquer parte dentro da cabeça e brilhando atravez d'ella, e soltou um: «Oh! minha querida!» ao mesmo tempo que abria os braços para recebel-a n'elles.

— Senhor! disse ella, e aprumou-se como uma rainha offendida.

O pobre Reinaldo ficou mudo de espanto. Esta gélida recepção, este enfadado acolhimento, quando elle esperava a costumada e terna bemvinda, baniu-lhe da alma todo o jubilo, como quando o brilho do dia é obscurecido na paisagem por uma nuvem escura que passa diante do sol. Ficou desorientado um momento, com uma sensação de estar de todo perdido, como aquelle que repentinamente se vê arrojado ao mar, alta noite, e percebe o navio occultar-se na escuridão, emquanto á alma lhe desce o convencimento de que a sua quéda não foi de bordo percebida.

Fez diligencia para falar; mas os seus labios pallidos recusaram-se a cumprir o seu officio. Por fim murmurou:

— Oh! Lucrecia! o que fiz eu? o que quer isto dizer? que motivo tens para essa cruel frieza? Não queres amar o teu Reinaldo nunca mais?

Os labios d'ella franziram-se com amargo desdem, e respondeu em tom de mofa:

— Não quero amar o meu Reinaldo nunca mais? Não, não quero amar o meu Reinaldo nunca mais! Volta para a tua miseravel palhoça e vae pegar na desgraçada jarda, e metter algodão em rama nas orelhas, para não poderes ouvir o teu paiz a chamar por ti afim de te alistares nas fileiras e de pegar em armas. Vae-te!

E, em seguida, não fazendo caso da nova luz que illuminou os olhos do seu apaixonado, sahiu rapidamente da sala fechando a porta com estrondo.

Só um momento mais! Só um simples momento mais e elle poderia ter-lhe dito como havia já respondido á chamada do recrutamento e assignado o livro de matricula,

e tudo se arranjaria bem; a sua perdida noiva teria voltado a cahir-lhe nos braços com palavras de louvor e agradecimento nos labios. Ainda deu um passo para chamal-a, mas lembrou-se de repente que não era já um caixeiro effeminado, e a sua alma guerreira negou-se a pedir quartel. Sahiu d'alli a largas passadas, com firmeza marcial, e nem uma vez olhou para traz.

CAPITULO III

Quando Lucrecia acordou na manhã seguinte a musica remota de um pifano e o rufar de um tambor distante chegaram-lhe aos ouvidos, fluctuando n'uma ligeira brisa de primavera, e á medida que os escutava iam-se desvanecendo os sons até finalmente deixarem de se ouvir. Ella ficou absorta nos seus pensamentos por alguns minutos e por fim suspirou e disse: Oh! ainda se elle fosse um dos valentes rapazes que vão n'aquella tropa, como eu o amaria!

No decurso do dia veiu inesperadamente visital-a um visinho, e quando a conversa versou sobre os soldados, o visitante disse:

— Reinaldo de Whitaker parecia muito abatido, e não dava vivas quando ia marchando com os outros rapazes esta manhã. Parece-me que era por sua causa, menina Lucrecia, porque quando eu o encontrei vindo para cá hontem á tarde para lhe dizer que estava alistado, elle pensava que a menina ia ficar muito contente e orgulhosa com isso... Ai! mas o que temos, o que é isso, menina?

Nada; apenas uma desgraça repentina lhe tinha cahido em peso no coração, e uma pallidez mortal a viera denunciar no seu rosto. Levantou-se sem dar uma palavra e sahiu da sala com passo firme; mas logo que se viu dentro da sagrada reclusão do seu quarto, a sua forte vontade cedeu, e ella rebentou n'uma torrente de lagrimas apaixonadas. Reprehendeu-se amargamente pela sua estou-

vada precipitação da noite anterior, e pela maneira aspera como tratara o seu namorado no mesmo momento em que elle tinha vindo antecipar o mais orgulhoso desejo do coração d'ella e dizer-lhe que se havia alistado sob as bandeiras da guerra e que marchava para o campo de batalha a combater como *seu* soldado. Ah! as outras raparigas teriam soldados n'aquelles gloriosos campos e teriam direito ao dôce pesar de sentirem uma terna solicitude por elles; só ella não seria lá representada! Nenhum soldado em todos os vastos exercitos pronunciaria, suspirando, o nome d'ella, quando encarasse de frente as ondas vermelhas da guerra! E chorou outra vez — ou antes, continuou a chorar no ponto em que tinha ficado um momento antes. Na amargura do seu espirito quasi que amaldiçoava a precipitação que tinha trazido á sua mocidade uma tão grande dôr.

Semanas e semanas alimentou em silencio a sua mágua, ao passo que lhe iam empallidecendo as rosas do rosto. E no meio de tudo, agarrava-se á esperança de que algum dia o antigo amor havia de florescer outra vez no coração de Reinaldo, e que elle então lhe escreveria; mas os longos dias de verão arrastavam-se fadigosamente e nenhuma carta chegava.

Os jornaes vinham trasbordando com historias de batalhas e carnificinas, e ella, na sua impaciencia, lia-os sempre com o mesmo resultado: as lagrimas brotavam-lhe ennevoando-lhe as linhas finaes — o nome que ella buscava era procurado em vão, e o mesmo soffrimento penoso voltava ao seu opprimido coração. Algumas cartas para outras raparigas continham por vezes uma ligeira menção d'elle, e sempre o descreviam representado do mesmo modo como um homem soturno, que não sorria, cheio de desespero, sempre no mais empenhado da peleja, sujo de pó, e seguindo tranquillo e illeso no meio de tempestades de bombas e de balas como se levasse a mais deliciosa vida.

Mas, por fim, n'uma longa lista de mutilados e de mortos, a pobre Lucrecia leu estas terriveis palavras e cahiu desmaiada no chão:

— *R. D. Whittaker, soldado raso, desesperadamente ferido!*

CAPITULO IV

N'uma cama, em uma das camaratas do hospital de Washington, jazia um soldado ferido; a cabeça d'elle estava tão profusamente coberta de ligaduras que as suas feições não eram visiveis: mas não podia haver confusão vendo o rosto feliz da rapariga que se sentava ao lado: — era o de Lucrecia Borgia Smith.

Ella tinha-o encontrado algumas semanas antes e desde essa épocha que velava pacientemente ao lado d'elle, e lhe dava os alimentos, chegando de manhã logo que o cirurgião acabava de fazer o penso das feridas e não o deixando nunca sem ser rendida ao cahir da noite.

Uma bala tinha esmigalhado ao ferido a maxilla inferior de modo que elle não podia pronunciar uma syllaba; em todas as suas longas vigilias, nunca, nem uma vez, ella havia recebido a benção de uma palavra de agradecimento d'aquelles labios queridos, no entretanto mantinha-se no seu posto corajosamente e sem um murmurio, lembrando-se que quando elle estivesse restabelecido ouviria ella então cousas taes que seriam mais ainda do que a recompensa devida a toda a sua dedicação.

Á hora que nós escolhemos para abertura d'este capitulo estava Lucrecia excitada por uma felicidade tumultuosa; porque o cirurgião tinha-lhe dito que finalmente o seu Whittaker se sentia sufficientemente bem para se lhe poderem tirar as ligaduras da cabeça, e agora estava ella esperando com impaciencia febril que o doutor viesse patentear a seus olhos aquellas adoradas feições que ella ha tanto não via. O doutor chegou por fim, e Lucrecia, com os olhos radiantes e o coração em sobresaltos curvou-se

sobre a cama n'uma espectativa anciosa. Foi tirada uma atadura, depois outra, e outra e, finalmente! o rosto do pobre ferido foi todo revelado á luz do dia.

— Ó meu querido am... Mas que é isto? Ó que vejo?

Ah! era a cara de um desconhecido!

Pobre Lucrecia! Com uma das mãos tapou os olhos desviando-os de tal espectaculo e recuou com um gemido de angustia. Depois, n'um impeto de furia, alteraram-se-lhe as feições e deu tão grande murro e com tal estrepito sobre a mesa de cabeceira, que todas as garrafas de remedios que estavam em cima d'esta entraram n'uma dança, e por fim exclamou:

— Oh! quero sumir-me pelo chão abaixo, que passei aqui illudida tres semanas de morrer, enchendo de meiguices e de mimos um soldado falso!

E era uma triste, uma triste verdade. O indigno mas innocente e insciente impostor era R. D., ou Ricardo Dilworthy Whittaker, de Wiscousin, soldado da interessante Eugenia le Mulligan, d'aquelle Estado, e completamente desconhecido da nossa infeliz Lucrecia B. Smith.

Assim é a vida e temos continuamente a ameaça de um desastre por cima de nós. O melhor é correrermos a cortina sobre esta melancholica historia — pois melancholica tem de ficar sendo, pelo menos durante mais uma estação, porque o verdadeiro Reinaldo de Whittaker ainda não voltou.

Mark TWAIN.

BIJAPUR

I

Desde a primeira vez que vim á India preoccupei-me sempre sempre com esta idéa: quaes foram sobre este paiz os effeitos da *conquista* portugueza? que impressão fizémos nós sobre esta gente? Nós falavamos da India como coisa nossa, de Gôa como a cidade rainha de toda a peninsula. Nas paginas dos nossos historiadores e dos nossos chronistas narram-se as guerras, os tratados, os ardis diplomaticos, com poderosos monarchas a quem o rei de Portugal dava o titulo de irmãos e deante de quem homens, como Affonso de Albuquerque, dobravam o joelho. Era o grande, o poderosissimo e nunca assás exaggerado Samorim de Calicut. Era el-rei de Cananor. Era a rainha de Coulão... E tudo era pasmar da vastidão dos seus reinos, da riqueza deslumbrante das suas côrtes, da grandeza e valentia dos seus exercitos...

A minha curiosidade, então, era vêr a historia pelo avêsso. Mergulhar-me na leitura dos historiadores indianos, e ir seguindo a narração das guerras de raças, de religião, de equilibrio, de que a grande peninsula foi sempre mais ou menos theatro, penetrar-me das idéas e dos costumes até ter na mente a nitida estampa do que seriam o pensar, os sentimentos, as ambições, o viver n'essas opulentas côrtes, quando de rèpente, n'uma bella manhã

do anno de 1498, Vasco da Gama deitou as suas ancoras no porto de Calicut. E queria vêr esta noticia, annunciada com a rapidez do raio, estalar por sobre a cabeça dos indolentos soberanos, gelar nas veias o sangue dos cortezãos reluzentes de pedrarias, echoar pelas mesquitas e pelos pagodes, propagar-se pela cabana do pobre e pelo palacio do rico!

Quando depois o grande Affonso de Albuquerque, o incomparavel guerreiro, devastou as costas da India, eu esperava vêr o grande colosso estremecer de terror! E, finalmente, quando *senhores da India* ajuntámos mais um florão á corôa dos nossos reis, eu contava vêr os poetas indianos chorar, em dôces melopeias plangentes, a escravidão da patria!

*
* *

Adivinham, porêm, a minha desillusão!

Os historiadores indianos não falam em nós! Se por acaso algum d'elles se refere á tomada de Gôa, esse pequeno acontecimento passado lá longe, nas fraldas do mar, nada é ao pé das grandes batalhas de 200:000 homens entre o mahometanismo e o hinduismo, feridas nos planaltos do Deccan, e tem o caracter apagado e insignificante de uma coisa secundaria e sem influencia.

Senhores da India? Mas a India nunca foi essa miseravel tirinha de terra paludoza que vae dos Ghates até ao mar, esses reis de Calicut e de Cananor, esses monarchas que nos tomavamos tanto a sério, eram apenas uns rajahsinhos de má morte de quem os livros da India quasi não falam! A India principia dos Ghates para dentro.

Mas a illusão dos portuguezes d'aquelles tempos explica-se perfeitamente. Partidos de um reino pequeno, mas que elles decerto consideravam vasto e poderosissimo,

...quasi cume da cabeça,
Da Europa toda...

estavam promptos a maravilhar-se, assim que lhes luzia deante dos olhos o esplendor das joios, o brilho das sedas. Partidos de Lisboa, capital do reino, e *situada á beira mar*, a sua idéa era que aquellas cidadesinhas da costa indiana eram as capitaes de poderosos reinos. Eram pequenas, miseraveis, reuniões de palhoças com a alvenaria caiada de uma mesquita ou de um pagode a alvejar aqui e além? Podéra! Os monumentos de Lisboa podiam lá ser egualados em parte alguma do mundo!

Como uma cortina mysteriosa, servindo de panno de fundo ás scenas épicas das batalhas, dos morticinios, dos incendios, azulava-se contra o céo uma alta linha de montanhas. Eram os Ghates.

O que havia para além? As noções eram vagas e confusas, e, com uma grande idealisação peninsular consideravamos que a rica, a boa, a verdadeira *India* era aquella alli á mão, ao alcance das nossas bombardas, e que podia dizer-se, nossa. Para além dos Ghates era o *sertão*. E sente-se no tom dos nossos chronistas que quando elles fallam na região montanhosa, n'esse sertão mysterioso ha como que um certo desdem, por uma população provavelmente selvagem e miseravel...

*
* *

E o Hidalcão?

Pobre barbaro das montanhas que possuia alli assim á beira-már uma joia, uma riqueza, um thesouro inestimavel, uma cidade de commercio e uma cidade de prazer, essa famigerada Gôa! e foi-lhe arrancada por esses duros guerreiros do Occidente, infieis, ambiciosos de sangue e de dinheiro...

E o pobre Hidalcão ainda tentou retomal-a, mas foi rechaçado, e naturalmente na aspereza bravia dos montes, dormindo pelas cavernas, foi chorar-se da ruina do seu reino, da perda da sua fortuna...

Este Hidalcão interessou-me sempre de modo especial,

e como foi d'elle que tomámos a capital do nosso imperio do Oriente, foi com grande prazer que me puz a lêr o Fehristá. Já que não escrevo para os sabios, seja-me licito explicar que o Fehristá é o mais conhecido e o mais celebrado dos historiadores musulmanos da India. De compainhia com a historia dos outros reinos musulmanos da India lá está no seu livro a historia detalhada, minuciosa do reino de Bijapur, da dynastia dos *Adil-Shahs* principiada em Yussuf Adil Khan, nome que a rudeza dos ouvidos portuguezes d'aquelle tempo, ainda não apurados por symphonias wagnerianas, transmudou em Hidalcão.

Se nas quarenta ou cincoenta historias da India que havia folheado á procura de uma referencia a cousas nossas, eu tinha encontrado um rude choque na minha basofia do portuguez, ao menos na historia do reino de Bijapur, nas chronicas dos Hidalcões, eu tinha a certeza de ir encontrar marcados a sangue e a fogo os cinco dedos da manopla de ferro do guerreiro christão. Já experimentado pelas minhas digressões atravez dos livros que não viam senão Delhi, e Agra, e os Mogoes, e o throno do Pavão, e as luctas entre os diversos potentados indianos, eu já me preparava para vêr no Fehristá a conquista de Gôa diminuida pelos seus rancorosos sentimentos de infiel e de vencido... Mas o que elle decerto não poderia disfarçar pela sua historia fora, seria este terrivel facto, este gottejar permanente da lançada que craváramos no flanco do reino musulmano,— a posse armada da sua grande, da sua rica, da sua unica cidade do littoral!

O ser ainda desiludida a minha espectativa n'este ponto trouxe-me finalmente ao meu actual ponto de vista n'esta questão da *conquista* Portugueza.

* * *

A India nunca foi, antes do advento dos inglezes, um paiz commercial na verdadeira accepção da palavra. Paiz

agricola e em que as industrias da utilidade e do luxo prosperavam em grau elevadissimo, não carecia do commercio externo e da navegação para ser rico e feliz. O nosso commercio da pimenta e das especiarias e o que, antes de nós, se fazia com as republicas italianas, é simplesmente um infinitamento pequeno, tomada a proporção da área, da população, e da producção da India. E a prova é que actualmente, quando a India se tornou um dos principaes paizes commerciantes do globo, o que são os seus productos de exportação? O algodão, o trigo, alguns outros cereaes, o chá, cultivado por Europeus, etc.

A opulencia e o luxo d'essas côrtes indigenas do interior, infinitamente superiores ás pequenas e pobres cidades do littoral, explica-se por dois factos. O primeiro é, que os rendimentos publicos em todos os paizes da India consistiram sempre, principalmente no imposto predial,— uma parte do rendimento da terra. Porções extensissimas de terrenos nos quaes Gôa, com a pequena área circumjaconte,— a que ainda hoje documentos officiaes chamam vastos territorios! — seria um grão de areia, os rendimentos dos reinos indigenas eram, mesmo no tempo da conquista Portugueza, uma cousa que os nossos ingenuos antepassados julgariam fabulosa. O reino de Bijapur d'esse *selvagem* Hidalcão, rendia quarenta e cinco mil contos de réis. O imperio mogol recebia em media, do seculo XVI ao seculo XVIII, de imposto predial cento e doze mil e quinhentos contos de réis, e isto era approximadamente a metade dos rendimentos annuaes. O luxo explicava-se independentemente do commercio externo, porque em cada grande cidade, e sobretudo junto de cada soberano, havia os melhores operarios e os melhores artistas.

Qne montava, pois, que lá longe, nas terrrs baixas, quentes, e doentias de ao pé do mar, uns estrangeiros, valentes e audaciosos, cortassem alguns milhares de cabeços para forçar os rajahsinhos do littoral a vender-lhes a pimenta dos seus armazens?

Em Bijapur, em todo o caso, foi um golpe a conquista de Gôa pelos portuguezes. Pelas dimensões, pelas circumstancias de uma e outra cidade, imagino que a pequena Gôa, rica e louçã, seria como que uma Pompeia, cuja Roma seria a grande cidade interior, com o seu milhão de habitantes, os seus monumentos grandiosos, o seu exercito de cem mil homens. Mas tendo falhado a tentativa de reconquista, nunca mais se pensou n'isso.

O monarchas musulmanos da India tinham mais a peito as suas luctas, as suas alliançcas, o equilibrio politico do Deccan, as suas rivalidades e os seus odios com o rajah hindu de Visvayanagar do que tudo quanto os portuguezes podessem fazer. Só n'uma batalha que o Adil-Shah teve com o hindu, trouxe de despojos nove mil contos de réis! O que eram ao pé d'isso os vinte e os trinta contos com que nós nos deslumbravamos tão facilmente, quando, a poder de terrores largamente espalhados, os conseguiamos como tributo de algum rajahsinho do littoral? E o que eram os cento e tantos contos das rendas de Gôa?

* * *

Mas o ponto de vista dos nossos maiores explica-se facilmente, como já disse. O seu *termo de comparação* era Portugal, pequeno e pobre.

Ao mesmo tempo levados por idéas de ambição commercial, de lucros rapidos, que podessem traduzir-se logo em louçanias e galas ao voltar á côrte, arrastando ao lado a espada tinta em sangue de infieis,—nunca, a nenhum dos homens verdadeiramente grandes que vieram á India acudio a idéa genial de Dupleiz a quem se deve afinal a conquista do Hindostão por uma potencia européa: interferir nas luctas dos indigenas, ajudar ora uns ora outros e fazer-se pagar largamente em privilegios e territorios,—o mesmo systema seguido depois pelos inglezes, a começar por Clive, o seu grande heroe

Quando em 1757 os inglezes pozeram Mir Jafar no throno vice-real de Bengala, a companhia das Indias reclamou quatro mil e quinhentos contos pelos serviços prestados. Afóra isto os habitantes inglezes de Calcutá tiveram á sua parte, 2:250 contos, os indigenas, 900 contos, e os Armenios 450 contos. O exercito e a marinha receberam receberam 1:350 contos, ao governador Drake tocaram 126 contos, a Clive outro tanto, Mas como o commandante em chefe Clive recebeu mais 90 contos, além de 720 contos como «presente privado». A totalidade exigida a Mir Jafar montava a mais de 12:000 contos de réis!

Quando a politica local exigiu que fosse substituido no throno este mesmo Mir Jafar por seu filho Mir Kasim, os inglezes receberam tres districtos, Bardwan, Midnapur e Chittagong, cujo rendimento annual era de 2:250 contos, afóra os donativos particulares...

Está-me a parecer que o leitor meticuloso terá escrupulos em extrahir a moral d'esta historia... Porque? porque não seremos francos? Affonso de Albuquerque não tinha mais *direito* do que Clive, quando ia a ferro e fogo proclamando o rei de Portugal senhor dos mares e das Indias. Os privilegios que queriamos para nós eram uma espoliação clara e terminante, apenas apoiada na força. Pois bem, para roubar, que diabo, roube-se ao menos cousa que se veja!...

*
* *

Acudiam-me estas idéas quando o comboyo me levava de Bombaim a Bijapur, a visitar as ruinas maravilhosas da antiga capital dos *Hidalcões*.

Se as idéas e os homens não tivessem fatalmente de produzir-se em dados momentos da historia, se as idéas largas de Dupleix e de Clive podessem ter-se desenvolvido no cerebro de Albuquerque, onde porventura existiam em gérmen, quem poderia dizer qual teria sido o resultado da nossa aventura?

II

A planicie do Deccan, entre Poonah e Bijapur, é desolada e triste. Em quanto o comboyo atravessava o secco e pedregoso plateau vinham-me á memoria as paizagens pardacentas da Extremadura hespanhola. Aqui e além, n'uma especie de oasis, erguem-se as paredes côr de greda de uma aldeola cercada de muros, com pequenas casas cobertas de terraços, parecendo abrigar-se á sombra de uma *ficus indica*, de ramos largos e de raizes penduradas. Os nomes das estações não nos trazem á memoria um facto historico, nem são celebradas por grandezas presentes ou passadas. Apenas Sholapur, já a poucas horas do nosso destino, é um logar importante pelo seu commercio de algodão e de trigo.

Mas estendendo o olhar pela superficie escalvada e plana descortinamos ao longe, sobre uma facha estreita e escura de arvoredo, uma cupula branca que se desenha nitidamente. Deve ser o Boli-Ghumbaz, o zimborio colossal, erguido sobre o tumulo do Sultão Mahomed, e que os livros dizem poder avistar-se á distancia de oito leguas. Á medida que o comboyo avança augmentam as proporções do quadro, e agora começam a erguer-se, do meio das copas redondas das arvores, os esguios minaretes, as cupulas elegantes, as ruinas vestidas de verdura. Mais alguns minutos e eis-nos em Bijapur, na terra famosa do *Hidalcão*.

A administração ingleza occupa-se com cuidados admiraveis do conforto e do bem estar dos viajantes, ainda na terreola mais insignificante. No *traveller's bungalow*, especie de pequeno hotel pertencente ao governo, dado por arrematação a um *mess-man*, e em que tudo é tariffado e a preço fixo, encontram-se todas as cousas precisas para uma curta demora, o quarto, a cama asseiada e fresca, o banho, o almoço, o jantar, as bebidas refrigerantes. N'um livro que lhe é respeitosamente apresentado no fim, o via-

jante tem de declarar se ficou ou não satisfeito com a hospedagem fornecida.

Um velho sypai desdentado e que fala a mais incomprehensivel das linguas apresenta-se-nos na estação para nos mostrar o caminho. As *tongas*, especie de rusticos *dog-carts* cobertos de um toldo branco, e tirados por dois pequenos trotadores do Deccan, magros mas briosos, offerecem-se para nos transportarem.

Mas o *traveller's bungalow* é logo ali, e preferimos ir a pé, atravez de uma larga brecha na antiga muralha guerreira da cidade, e ao longo da bella estrada macdamisada que passa junto do Boli-Ghumbaz. E não é sem grande espanto que verificamos que o logar de repouso que nos é destinado, é uma linda mesquita annexa áquelle colossal monumento. Entramos. Pequenas paredes de tres metros de altura, em que se rasgam portas de vidraça com cortininhas de algodão vermelho, talham cá em baixo os espaços reservados ao nosso somno e ao nosso jantar. Lá em cima, muito alto, as abobadas audaciosas, a linha graciosa do arco sarraceno, abrigam-nos do sol, emquanto a briza fresca do Deccan, secca e aspera, circula livremente por toda a parte, reflectindo-se nos angulos, e nas curvas architectonicas, parecendo-nos ás vezes que sopra dos cantos da casa, que desce verticalmente sobre as nossas cabeças, que nos surge maliciosa de sobre a mesa, arregaçando a toalha, pondo em desordem as sobremesas...

No interior dos muros rasgam-se escadas estreitissimas de pedra bruta que dão serventia para o alto terraço, e n'um recanto lobrego, n'um patamar cuja abobada me fala de cousas tragicas, e que me traz á memoria os romances de Anna Radcliffe, — uma banheira me espera! Os saccos de viagem, os objectos de *toilette*, os romances do caminho, ostentam-se agora aqui e além nos nichos em que outr'ora o Al-Korão, os objectos sagrados do culto, eram respeitosamente guardados, com a veneração devida a cousas santas!

* * *

Como verifiquei depois, cada tumulo de rei, de principe, de grande personagem, tem ao lado uma mesquita e esta em que acabamos de devorar prosaicamente a costeleta do almoço, e para cujas abobadas sóbe em pequenas nuvens azues o fumo dos nossos charutos de Trichinopoly, é um annexo do Boli-Ghumbaz. E da grande arcaria mourisca da frente, da nossa salla de jantar, e até do fundo dos quartos de cama, mercê da pequena altura dos muros divisorios, a grande mole mette-se-nos pelos olhos dentro, correcta, pesada, n'uma paciencia inexgottavel de colosso que tem estado para ali a desafiar os seculos!

O Boli-Ghumbaz, ou, como diriamos em vulgar, o Zimborio Falante, é na verdade uma maravilha architectonica de primeira ordem. Erigido por Mahmud Adil Shah, que reinou de 1626 a 1656, e destinado para tumulo seu e da sua familia, levou dez annos a construir. É um grande edificio quadrado, flanqueado por quatro torres de sete andares, e coberto pela mais audaciosa das cupulas, que abrange 18,225 pés de superficie, ou seja um oitavo mais do que a do Pantheon de Roma, que foi por muito tempo considerada a maior das cupulas existentes.

Ao meio de cada uma das fachadas existiam aberturas em formosissimos arcos, agora tapados, e em que apenas se rasgam as portas, relativamente pequenas, que dão entrada ao monumento, e minusculas janellas em estylo mourisco. Estes arcos, que em relação ao edificio teem apenas o tamanho proporcionado de grandes portas, dariam, sem duvida, as dimensões de uma egreja das mais vastas. O todo é imponente, mas um pouco pesado; e apenas as torres lateraes — abertas em arcarias e que á parte o serem verticaes dão uma ideia da *campanilla* de Piza — e os minaretes delicados que se alevantam acima da cornija formosamente trabalhada, concorrem para lhe aligeirar o aspecto. De resto são tão rigorosas as proporções geraes

que, mesmo ao pé do edificio, mesmo penetrando no interior n'elle, não se tem á primeira vista a sensação de quanto elle é vasto.

No centro da grande quadra erguem-se os tumulos. Não sei porque, esperava eu que a grandeza arrojada d'aquella abobada unica cobriria uns tumulos que fossem maravilhas de marmore rendilhado, joias dignas d'aquelle cofre colossal. Desillusão. Os tumulos são uns parallelipipedos de alvenaria caiada, cobertos com pannos de algodão vermelho collocados sobre uma plataforma central.

E os corpos não estão ali. Sepultaram-n'os nos subterraneos, cavidades lugubres que visitamos depois. Mas os tumulos são tão pequenos no meio de tudo aquillo, que os nossos olhos erguem-se involuntariamente, como fascinados, e não pódem despregar-se da grande abobada. O guia avisa-nos, todavia, que d'ali se não faz ideia. É preciso subir uma escada estreitissima, interminavel, respirando em cada andar das torres, e quando nos achamos na larga galeria que rodeia a cupula enorme, a sensação é realmente extraordinaria, e é então que se comprehende que não ha exaggeração possivel quando se fala do Boli-Ghumbaz! Accommette-nos uma vertigem quando tentamos olhar cá para baixo, e começa-se vagamente a entender o que haviamos lido antes e que o guia se não farta de nos asseverar; e é que d'ali até ao alto da cupula vae quasi outro tanto como d'ali até pavimento inferior!

Estamos apenas a metade de altura.

Os nossos passos produzem um rumôr extranho... As exclamações, as phrases de admiração, são-nos repercutidas de todos os lados, como se o extraordinario architecto que planeou e executou aquella maravilha, vivesse ainda ali em espirito, n'uma intenção de malicia, se entretivesse a arremedar-nos!

E na meia luz, reflectida na abobada branca, sob aquellas pedras seculares que cobrem os ossos pulverisados de um d'esses Hidalcões, voluptuosos e guerreiros, eu pen-

sava, que essa dynastia de conquistadores se sumira esmagada nas suas luctas com o Mogol, deixando apenas, como monumento de grandeza, as paginas rendilhadas dos seus poemas de pedra... E nós tambem, os seus inimigos tradicionaes, Feringuis orgulhosos e intolerantes que julgavamos poder cingir a India n'um circulo de fortalezas, vivemos pobremente lá em baixo, á beira mar, entre brancas ruinas de egrejas erguidas á sombra dos palmares. A orgulhosa Bijapur musulmana, e a Gôa christã, dormem ambas o somno da morte...

E, sem querer, calámo-nos, enervados, olhando em roda...

Restava-nos, porém, cumprir uma obrigação de *touriste:* verificar as qualidades falantes do zimborio. O nosso guia, espreitando-nos as physionomias, principiou a fazer experiencias. Um ligeiro piparote na copa de um chapéo, ribomba longamente como trovoada longinqua abatendo-se pelos montes. Raspar levemente com a unha em uma das pedras do parapeito produz um som especial, prolongado, irritante, perfeitamente audivel. Fala-se em segredo, de face contra o muro, e a nossa voz é ouvida distinctamente do outro lado da galeria, á distancia de 50 metros!

Os detalhes architectonicos d'este extraordinario edificio, que revelam por parte do seu auctor um conhecimento profundo e completo de todos os segredos da arte, são curiosissimos, e só se me fosse permittido *ir á pedra,* como nos bons tempos do sr. Motta Pegado, eu conseguiria dar ao leitor uma ideia de quanto engenho foi necessario para sustentar no ar aquella maravilhosa cupula, contrabalançando a tendencia dos muros a abrirem-se sob a grande pressão interior, e disfarçando em enfeites ou em grandes massas escondidas o pezo necessario para obter esse resultado. A abobada chega, na sua parte superior, a attingir a quasi inacreditavel espessura de mais de oito metros, tendo em média mais de tres.

amo-nos embora. Quando em frente de nós deparamos com a nossa habitação, a nossa mesquita, que na sua modesta é apenas alta como uma cathedral, ella parece-nos uma cousa pequenissima, risivel, uma mesquita para pequenos bonecos musulmanos rezarem a um Allah de brincadeira... Taes são as proporções esmagadoras do Boli-Ghumbaz!

E é sem o mais leve respeito que, sob os graciosos arcos da nossa varanda, vamos passar as horas de sol, lendo a proza insóssa da *Bombay Gazette*, e vendo velhas estampas coloridas que nos mostra o guia — toda uma galeria de Hidalcões, barbados e guerreiros, algumas das suas damas, que ainda hoje vivem nas chronicas amorosas d'estas terras, — e no fim o principe de Galles n'um chromo muito réles, e, n'uma photographia amarella e bolorenta, que elle parecia preferir ás suas illuminuras antigas, um grupo de todos os monarchas da Europa, presididos pelos bigodes encerados de Napoleão III!

* * *

Se o Boli-Ghumbaz representa o grandioso e o colossal da architectura de Bijapur, o Ibrahim Rosa é um exemplo do quanto póde o gosto, a fina elegancia, a harmonia, a riqueza, — applicados á concepção de um edificio. E de facto este primor de architectura sarracena é considerado por todos os viajantes como um dos mais admiraveis e completos specimens do genero.

O Ibrahim Rosa consta do tumulo e da mesquita. Mas aqui, para que até esse senão não venha desmanchar o formoso conjuncto, os dois edificios são approximadamente de egual tamanho, não succedendo, como em todos os outros casos, que o templo, mais pequeno que o mausoléo, nos traga ideias desconsoladoras das vaidades humanas, perpetuando-se para além da morte, mesmo entre ruinas de uma cidade desolada e deserta...

Sem entrar em pormenores architectonicos que eu não saberia dar, quereria communicar ao leitor uma idei: do que é o mausoléo. Desejaria pintar-lhe a correcta curvatura dos arcos, a esbelta delicadeza dos quatro minarete: no meio dos quaes se ergue a curva dôce e elegante da cupula branca, sobrepujada pelo crescente dourado, o caprichoso trabalho dos frisos e das cornijas, o desenho las balaustradas, delicado, engenhoso e sobrio, fazendo lembrar velhas rendas de familia, a curiosa esculptura das columnatas, e sobretudo a admiravel harmonia de linhas a sabia proporção, a severidade graciosa, se póde assim dizer-se, de um todo tão acabado e perfeito.

Decididamente não sei. Vamos, porém, entrando, e estamos na galeria celebre, que é certamente um dos monumentos mais formosos da arte sarracena. As columnas, a partir de uma certa altura, são uma imitação de esculptura em madeira, evidente reminiscencia da arte Hindú, e os arcos lindamente trabalhados n'uma variedade infinita de desenhos, que seriam mina inexgotavel para um artista, elevam-se para um tecto, que é só á sua parte uma maravilha de arrojo, e um primôr de ornamentação. É plano, de pedra, dividido em compartimentos quadrados, em cada um dos quaes a esculptura é differente.

No interior d'esta galeria é a camara quadrada que fórma o mausoleo. As paredes são exteriormente, a toda a altura, cobertas do mais prodigioso trabalho de pedra esculpturada: flores, arabescos, inscripções. Sobretudo inscripções. Os caracteres persas, todos entrelaçados em curvas elegantes, constituem um dos ornatos mais cheios de phantasia que é dado imaginar-se, e como somos informados de que Al-Korão está ali esculpido na sua quasi totalidade, o Ibrahim Roza é por isso o livro de pedra mais extraordinario, a edição mais luxuosa e mais nitida que porventura existe da lei do propheta musulmano.

Primitivamente todas aquellas lettras, aqualle labyrintho de traços caprichosos, era dourado, sobre um fundo sum-

ptuoso, a azul e escarlate. Hoje, porém, só se encontram raros vestigios d'essa decoração.

O edificio foi concertado pelo governo inglez em 1846 e para ter a prova evidente de quanto a antiga arte decahiu na India, basta comparar a inscripção feita modernamente com o trabalho antigo.

Este tumulo foi construido em 1626 para Taj Sultane, mulher de Ibrahim, e a traducção de uma das inscripções diz o seguinte:

«O Céo pasmou da altura d'este edificio. Quando a sua cupula se ergueu da terra parecia que outro Céo se alevantava. Ao jardim do Paraizo emprestou este o seu encanto, e cada columna n'este edificio é graciosa como o cypreste no jardim da pureza, etc.»

Uma outra inscripção diz-nos o preço que custou este monumento: 159:000 *pagodes*, ou sejam approximadamente tres mil contos de réis!

A mesquita annexa é um outro primor e conjunctamente com um grande portico ornado de minaretes que dá entrada para o jardim em que estão os dois edificios, dá um grupo harmonioso e completo, sobre o qual, agora que nos afastamos, o olhar repousa com o prazer que só dão as obras de arte nitidas e perfeitas.

E emquanto a nossa *tonga* trota rapidamente pela estrada, bem conservada, que atravessa os grupos pittorescos de ruinas, em que se destacam as curvas e os minaretes da infinidade de tumulos e de mesquitas, um glorioso pôr de sol incendeia o horisonte. E os grandes tamarindos de copa luxuriante, os pipul, as mangueiras, adormecem n'uma tranquillidade de gigantes, saciados dos succos da cidade morta, unicos seres viventes no meio d'aquelle desolação de velho cemiterio...

*
* *

Mas não... Ha ainda um pedacito vivo da grande cidade. A *tonga* conduz-nos ao meio de um grupo de edificios cuidadosamente remendados e retocados, em que se accommoda a administração ingleza. Sob o zimborio arrojado de uma mesquita trabalha o collector dos impostos. Um velho palacio, de cujas paredes, ha muito o tempo e a guerra apagaram as esculpturas douradas, e os frescos phantasiosos, abriga o cirurgião civil e mais a prosa da sua frascaria pharmaceutica. Á sombra dos arcos grandiosos de uma grande sala de recepção, em que os turbantes dourados dos *khans* vinham rojar-se sobre os tapetes persas do Adil-Shah, extende-se agora um taboleiro de *lawn-tennis* em que os funccionarios enfastiados veem jogar a sua partida todas as tardes. N'um portico, puramente sarraceno, admiravelmente concertado e retocado, está estabelecida a capella protestante, em cujas arcadas as vidraças gothicas, vivamente coloridas, deixam coar uma luz doce e escassa sobre as bancadas de teca, e sobre a grossa biblia, esperando a predica do domingo.

E continuando sempre, encontramos pelos campos, e cortando-se ao longo sobre as ondulações do terreno, pastores mahrattas semi-núS, que recolhem o gado. Um pequeno bazar que atravessamos pouco depois pobre, e esfarrapado, e que se diria feito de trapos e de velhas latas de petroleo, fornece os poucos habitantes da vastissima cidade.

O nosso guia, que se gaba de uma ascendencia illustre, aponta-nos uma velha casa apalaçada, com bellos balcões de madeira rendilhada, desfazendo-se aos bocados... Era a casa dos seus avós, de que elle agora habita um pequeno quarto!

*
* *

E de novo voltamos para a nossa hosqitaleira mesquita. Falta-nos ainda vêr o Mehta-Mahal, cuja curiosa legenda sa-

bemos já, e a Jama-Musjid, e o palacio dos Sete-Andares, habitado em velhos tempos pela formosa Ramba, e o palacio de justiça, em que ainda hoje se guardam religiosamente dois cabellos das sagradas barbas de Mahomet, e o canhão mostro, e sobretudo a torre do Feringhi, *a torre portugueza* ácerca da qual, eu o mais humilde dos viajantes fiz uma importante descoberta historica!

III

No dia seguinte a nossa primeira visita foi ao Mehtar Mahal.

Não contente com ser uma verdadeira joia artistica, caprichosa e phantastica, este pequeno edificio — que na lista da curiosidades de Bijapur se acha mencionado no capitulo dos palacios, apesar de ter escassamente o espaço necessario para um habitante pouco exigente—tem a dourar-lhe a historia o luxo de uma lenda ingenua, bem caracteristica dos costumes orientaes.

Ibrahim I, o terceiro *Hidalcão* (1534-1557) foi atacado de lepra. Experimentados todos os remedios, ouvidos, sem resultado, todos os medicos, o pobre monarcha doente consultou um astrologo. Que deveria elle fazer para se livrar d'aquelle mal? Para alguma cousa havia de servir aos sabios, que prescrutavam os segredos dos astros, a leitura do livro divino do firmamento... O astrologo meditou e respondeu: Que se levantasse Sua Magestade bem cêdo na manhã seguinte e que désse uma grande somma de dinheiro á primeira pessoa que visse, logo depois de accordar. O espertalhão do astrologo, intimo do palacio, respeitado dos aulicos e da criadagem, contava bem que seria a sua sabia pessoa que El-Rei toparia ao sahir do quarto, para os jardins sumptuosos em que passeava a sua lépra e os cuidados da administração... Mas Sua Magestade, crédulo e supersticioso como um oriental, mal poude conciliar o somno, e sobre as almofadas de seda bordadas

a ouro do seu divan, passou uma noute agitada, pensando na receita do astrologo, idealisando o dôce momento em que se veria livre d'aquella triste molestia, que o impossibilitava para a guerra e para o amor...

E o resultado foi que, de manhã muito cedo, quando ainda o sol nascente não dourava as cupulas e os minaretes da sua capital adormecida, quando ainda o *muezzin* não accordára os eccos chamando para a primeira oração, o sultão Ibraim saltou da cama, abriu a porta, e deu um passo no seu jardim...

Ai! astrologo dos meus peccados, que ainda estavas a sonhar com os resultados provaveis da tua maliciosa ideia! Com quem o rei deparou foi com um dos seus mais humildes servos, um pobre diabo, todo extremunhado, que acudia aos seus pouco agradaveis deveres da manhã. Esse creado era um... como direi? Na nossa lingua não ha nada equivalente, e só a estricta costumeira das castas e a rigorosa divisão do trabalho entre a creadagem indiana, poderiam suggerir a creação d'esse emprego tão humilhante e tão caracteristico. Era, — emfim — o individuo exclusivamente empregado em fazer a *toilette* intima do pequeno gabinete reservado annexo ao quarto de dormir de Sua Magestade...

E Ibraim, obediente ás prescripções do astrologo, estendeu-lhe uma ordem escripta sobre o thesouro real. O desgraçado imaginou que era uma sentença de morte. A figura annuveada de El-Rei nada predizia de bom, e quem sabe se um capricho de tyranno doente o não levaria a sacrificar assim do pé para a mão, a vida de um servo de casta infima, cuja presença era por si só uma especie de offensa á Real Magestade? Pensou em fugir... Mas o fatalismo musulmano interveiu. Para quê? Só Deus é grande! Faça-se a sua vontade! E partiu d'ali em cata do thesoureiro regio. Pouco depois, cheio de pasmo, verificou achar-se senhor de uma fortuna enorme, uma tal quantidade de dinheiro, que nem era capaz de a contar.

Que fazer?

A lenda informa-nos de que foi esta a origem do Mehtar-Mahal e da primorosa mesquita a que o palacete serve como de portico. Foi na construcção d'essas duas pequenas maravilhas architectonicas que o pobre *Mehtar* empregou a sua fortuna colossal, nascida da predicção maliciosa de um astrologo.

Mas, — ó epochas faltas de realismo e tão negligentes de factos historicos! — a lenda não nos informa sequer do nome do homem que surgiu do nada para illustrar Bijapur com um dos monumentos mais notaveis, nem nos diz o que foi feito d'elle, nem como acabou.

Apenas do sultão Ibraim, nos diz a historia, que morreu, victima dos seus habitos de intemperança, desesperado com os medicos, — e naturalmente tambem com os astrologos, — fazendo-os degolar, ou pizar sob as patas dos seus elephantes de guerra, quando os reconhecia incapazes de o livrarem d'aquella triste molestia que o impossibilitava para a guerra e para o amor...

*
* *

A feição caracteristica do Mehtar-Mahal consiste em serem *todas* as partes do edificio exclusivamente feitas de pedra, — as paredes, as escadas, os tectos, os ornatos, ao mesmo tempo que essa pedra, — uma bella louza polida, que ainda hoje conserva em nitidas linhas cortantes todas as saliencias e todos os arabescos, — imita nos menores detalhes a *construcção* e a esculptura em madeira.

Quando da rua contemplamos esse delicioso torreão quadrado, tão gracioso, tão proporcionado nas suas linhas geraes e tão ricamente decorado, custa-nos, por exemplo, a acreditar que os balcões rendilhados que se ostentam em cada uma das fachadas não sejam antes um simples producto d'essa paciente arte de esculpturar a madeira, que

nos dá os moveis indianos, de uma forma tão pittoresca e original.

Quando penetramos no edificio, e depois de termos subido a escada estreitissima, aberta na espessura da parede, nós encontramos na sala do primeiro andar, a illusão evidentemente não pode durar, mas a admiração sobe de ponto ao examinarmos o tecto, cujos lavores, cujas traves trabalhadas, encruzando-se em almofadas minuciosamente esculpidas, são a copia exacta do que poderia ser um tecto feito de madeira, de modo que o processo por meio do qual aquelle peso consideravel se sustenta no ar é ainda hoje um mysterio incomprehensivel para os architectos que teem querido estudal-o.

Os lindos balcões, de que já falei, e que são no luxo um pouco exaggerado da sua ornamentação musulmana, com salientes resaibos de gosto hindu, uma das mais caracteristicas feições exteriores do edificio, dão-nos, quando vistos pela parte de dentro, uma nitida pintura do viver oriental. Para uns sobe-se por dois ou tres degraus, e achamo-nos sobre um estrado de pedra da altura de uma mesa ordinaria, e sobre o qual se sentariam em fofos tapetes da Turquia ou da Persia os preguiçosos mouros. Ali, em vestes frescas, com o corpo repousado pelo banho, com as pernas encruzadas, saboreando o seu café de Moka, e escutando velhas lendas de santos ou de batalhas, elles espairreceriam os olhos pela larga planicie ondulada do Deccan, ou, quasi sem serem vistos, espreitariam curiosos o que se passava em baixo, na rua.

Para outros desce-se. E nenhum dos nossos requintes burguezes de conforto, nenhuma sabia combinação de poltronas, biombos ao canto do fogão, reposteiros desdobrando luxuosamente os seus estofos caros, nenhuma das nossas invenções contra o frio, n'um aposento da Europa cheio de *knick-knacks* e de pellucias, no meio das quaes a longa folhagem de uma planta rara convive amigavelmente com o fumo dos nossos havanos, se approxima, mesmo de lon-

ge, do ideal agasalho, do delicioso conchego que suggere só a vista de um d'esses recantos talhados n'aquella pedra macia como velludo, nos quaes, quando muito, caberiam duas ou tres pessoas, sentadas no chão, tendo a altura do cotovello as pequeninas janellas rasgadas em arcos sarracenos, entretidas n'um cavaco entremeado de longos silencios e de vagas contemplações...

Lembro-me de ter em creança, na cama, mais de uma vez, sonhado, em noites de invernia, com um esconderijo assim, d'onde eu podia vêr tudo sem ser visto, onde reinava uma temperatura suave que me permittia estar nos trajos elementares em que a gente costuma dormir. e cujas paredes de um contacto dôce e tepido se fechavam em torno de mim, excepto pelo lado em que eu via, ao longe, as coisas arduas e duras da existencia,— a grammatica do dia seguinte, a terrivel sabbatina que se approximava, a face *rechignée* do meu velho professor, ou então aquelle bello livro da bibliotheca paterna, cuidadosamente reposto no seu logar, mas com um terrivel e accusador borrão de tinta sobre o seu nitido frontispicio elzevir...

E lembrou-me isto a proposito das janellinhas do Mehtar Mahal. Ali estavam realisadas na vida de cada dia as condições do meu sonho. N'aquelles balcões deviam, no intervallo das campanhas frequentes, isolar-se os valorosos Khans no convivio das suas mulheres e dos seus filhos, e no calor dos affagos e dos carinhos contemplar os terraços e miranetes, do alto dos quaes se prégava a proxima guerra com o Narsinga ou com o Mogol,— lucta de religião ou lucta de politica,— o relampejar do aço, o sangue a correr, as noites dormidas pelas campinas, pelas florestas, pelos desvios dos montes...

Do meio d'aquella dôce paz estremeciam, pensando que, lá ao longe, sob os estuques dourados do celebre palacio dos Sete Andares, o caprichoso *Hidalcão* revolvia as suas coleras de soberano, e que as intrigas da côrte e um gesto do poderoso monarcha poderiam levar o primeiro dos se-

nhores dos seus reinos á terrivel Arvore das Execuções, que ainda hoje estende os seus ramos homicidas, junto á porta de *Ark-Killah*... E então, certamente, elles deviam amar bem a tranquillidade d'aquelles abrigos em que, se não se esqueciam das difficuldades da vida, pelo menos viam-n'as de longe, e como que sentindo a retel-os a infinita doçura de um abraço amigo.

Se a architectura é, como eu creio, uma arte que póde, como a pintura, como a musica, traduzir uma ideia, os balcões do Mehtar-Mahal são indubitavelmente d'aquellas peças em que póde ler-se mais claro, do que nas cupulas de um templo ou nas grimpas de uma cathedral.

*
* *

Desde o momento em que soubemos que havia em Bijapur *a torre do Portuguez,* destinamos logo uma tarde a visitar as fortificações e a procurar, o que não é muito facil, entre os numerosos bastiões que, de espaço a espaço, se alteiam sobre a muralha de cêrca de duas leguas e meia que rodeia a cidade, aquelle que ainda hoje é testemunha das habilidades estrategicas de um compatriota.

Depois de muitas difficuldades, depois de atravessarmos o largo fôsso sobre os hombros de um robusto mahratta que se prestou a esse serviço a troco de modesta somma, depois de passarmos atravez de uma temivel sebe de cactos *opuntia,* eriçada de espinhos e salpicada de flôres vermelhas como sangue, que só por si bastaria para defender a cidade, demos afinal com a *Firangi Buruj,* — a torre Portugueza, que se distingue realmente das outras pelo bem acabado das muralhas, pela sua maior altura e pela introducção de aperfeiçoamentos que revelam no seu constructor conhecimentos superiores aos dos outros generaes do Adil Shah.

Quem foi esse portuguez?

Um *arrenegado* com certeza. Lembro-me que nos *Com-*

mentarios de Affonso d'Albuquerque, que cito de memoria, se fala varias vezes dos renegados que, desertando das nossas bandeiras, se iam pôr ao serviço do *Hidalcao*. Costumavam elles acompanhar os Mouros nas suas incursões no territorio pertuguez, e para fazerem inveja aos compatriotas, que tinham a vida dura e o soldo escasso e nem sempre pontual, montavam soherbos cavallos, trajavam á oriental fatos recamados de ouro, e vinham pôr-se em evidencia, fazendo prodigios de gineta, emquanto os do Adil-Shah parlamentavam. A um d'esses mandou Albuquerque dar um tiro, que o matou redondamente, e durante um tempo pararam as fanfarrices dos renegados.

D'este sabemos, — por uma inscripção, — que tinha em 1576 entrando como general ao serviço de Ali Adil-Shah I, de quem se dizia o *Escravo*, e que se chamava *Yoghris*. Um livro, que tenho á vista, suggere a ideia de que *Yoghris* é um nome arabe tomado pelo portuguez as entrar nas fileiras do soberano musulmano. Parece-me, porém, —e d'esta descoberta valiosa espero que a patria me será agradecida! — que aquelle nome representa um processo rudimentar de orthographia sonica e que o homem se chama simplesmente: — *Diogo Rodrigues*.

* * *

Bijapur possue ainda hoje, entre as suas curiosidades mais notaveis, um canhão monstro que é simplesmente a maior peça de artilheria que existe no mundo.

A pomposa linguagem oriental denominou-o *Malik-i-Maidan*, — o Senhor da Planicie! É feito do sonoro metal de que se fazem os *gongs*, polido como vidro, sem o menor vestigio de ferrugem, com os seus quatro metros e meio de comprimento, e cêrca de um e meio de diametro, este prodigioso canhão que necessitou a construcção de uma torre especial, nunca foi certamente de grande uso na guerra... E depois da ruina de Bijapur nem os mahra-

thas, nem os Mogoes, nem os inglezes poderam bolir com elle. Calculou-se em tres mil libras sterlinas a despeza necessaria para o trazer a Bombaim, e as auctoridades britannicas desistiram da empreza. *Sa grandeur l'attache au rivage,* e para ali está colossal e reluzente, a dizer pelas suas fauces escancaradas e inoffensivas, velhas historias de guerras e de predominio, orgulhos sepultados em ruinas, a eterna instabilidade da grandeza e do poderio dos homens...

*
* *

Os infatigaveis garranos atrelados á nossa *tonga* conduzem-nos successivamente a uma maravilhosa collecção de mesquitas, de palacios e de tumulos invariavelmente cobertos com zimborios, cuja forma varîa desde o prosaico modelo do chapéo côco, até ao aerostato, no momento em que se desprende da terra. De caminho visitamos dois templos hindus que desabrocham para ali, como flôres exoticas e luxuriantes, no meio das linhas severas e graciosas da architectura sarracenica. E não nos passa em claro a *Jamá-Musjid,* a unica mesquita que ainda hoje funcciona, e deante da qual um velho musulmano nos convida a descalçarmos os sapatos, antes de sermos admittidos a admirar o magnifico Mehrab, ornamentado a escarlate e ouro, e a examinar detidamente a vasta nave, floresta de columnas e de zimborios, onde poderiam accomodar-se á vontade quatro mil fieis. A proxima excursão leva-nos á *Macca-Musjid,* deliciosa miniatura que imita em todas as proporções e todos os detalhes a famosa mesquita de Mecca.

*
* *

Terminamos pelo *Asar-Mahal.* Palacio de justiça, bibliotheca real, e ultimamente destinada a guardar dois cabellos da barba do Propheta, esta grandiosa fabrica, notavel

pelas grandes columnas massiças de teca que lhe enfeitam o portico, acha-se em soffrivel estado de conservação.

Em velhos armarios conservam-se ali preciosos tapetes de antiguidade respeitavel, que guardam vivos os seus matizes harmoniosos e bordados finissimos, — delicados e imaginosos como velhas rendas de Alençon, — e que fariam ainda hoje o orgulho de uma fidalga de linhagem. A reliquia aqui depositada não póde ser examinada por ninguem. Aos seus guardas, em numero de cinco, não é dado vêl-a nem tocal-a, e apenas lhes é permittido uma vez no anno, penetrar no sagrado cubiculo em que está encerrada. Diz-se que os dois preciosos cabellos estão guardados n'um tubo de vidro, mettido n'uma caixinha de ebano e ouro, encerrada em uma outra caixa triangular, que a seu turno está fechada em um cofre de madeira preta.

O auctor da *Tara*, o coronel inglez Meadows Taylor, que estudou a fundo Bijapur e as suas antiguidades, tambem, a proposito d'este palacio, fala dos portuguezes. Attribue a artistas do nosso paiz as pinturas a fresco, — scenas biblicas e mithologicas, — que ornam as paredes de algumas das salas, pinturas hoje quasi apagadas pelo tempo, e escavacadas pelas brutalidades da invasão mahratta.

* * *

Ainda mais mesquitas, e sobretudo mais tumulos, tumulos de reis, de ministros, de guerreiros; de formosas favoritas que douravam com a sua dôce belleza as vidas duras de um batalhar quasi sem tregoas, e ao longe na desolação da planicie escalvada, com uma brancura de velhos ossos espalhados, os setenta mausoleus erguidos por Afzul Khan sobre os cadaveres das innocentes esposas assassinadas methodicamente, antes de partir para a guerra em que contava encontrar a morte...

Bijapur é antes de tudo um nobre e vasto cemiterio.

Ainda um ou dois passeios ao longo das correctas e lizas

estradas de macadam, ladeadas de postes telegraphicos, que são como uma ironia do progresso inglez no meio do pó de tantos esqueletos...

Ainda um ultimo olhar ao Boli-Ghumbaz, á sua cupula colossal e arrojada, e aos vastos espaços vasios onde já se agitou um milhão de habitantes, e que dão agora pasto ás manadas de pequenos bois corcundas do Deccan, vigiados por um franzino Mahratta côr de bronze, aos magros *poneys* procurando a herva resequida nas fendas das columnas derrocadas, em camaradagem franca com os jumentos, com as cobras, com todo um mundo de animalejos enfezados, — riqueza quasi unica dos poucos habitantes miseraveis que, que com a teima de velhos parasitas, ficaram para ali abraçados ás ruinas de tanta grandeza...

Mas o mundo é cheio de contrastes! Justamente agora, emquanto apressados caminhamos pora o comboyo, que arfa na estação, uma grande nuvem de papagaios verdes, cheios de alegria e de galhofa, abate-se sobre a cupula do *Boli-Ghumbaz*, e as pequenas aves invadem todos os reles vos das torres e das cornijas e, cá de longe, parece-nos que o grandioso monumento, a gloria de Bijapur, n'uma garridice de gigante bóndoso, n'um requinte de luxo oriental, se enfeitou, para se despedir de nós, com um grande collar de esmeraldas vivas e buliçosas...

RUY XAVIER.

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

Segundo Marbot, um tal M. de M..., primo da imperatriz Josephina, tinha imaginado obter, logo de vez, a graduação de tenente coronel; mas o imperador apenas lhe concedeu a de chefe de batalhão. Isto despeitou-o, fel-o tomar aversão a Sainte-Croix, e levou-o a procurar um pretexto frivolo para provocar este a duello. O tal M. de M... era de primeira força no jogo de todas as armas, tinha numerosos amigos, e estes formaram vistosa cavalgada, que o acompanhou até á entrada do *Bosque de Bolonha*, esperando ahi por elle, na convicção de que teriam de reconduzil-o vencedor.

Marbot tinha razão para saber como estas cousas se passaram; mas a duqueza de Abrantes não a tinha menor, e conta-as de bem differente modo. Qual dos dois se engana?

O ajudante de campo de Masséna ouviu-as, de certo, contar mais de uma vez, se não ao proprio Sainte-Croix, pelo menos a muitos camaradas, conhecedores do facto. A

duqueza de Abrantes foi amiga da mãe de Sainte-Croix e affirma que esta lhe contou muitas vezes as angustias por que passou, durante a noite que precedeu o duello, e em toda a manhã, até lhe ser trazida noticia do resultado. Como se explica, pois, a divergencia tão grande das duas narrativas nos pormenores do mesmo caso?

Segundo a viuva de Junot, Sainte-Croix era chefe de esquadrão no mesmo regimento em que M. *de Marioles*, primo da imperatriz, era coronel. Este teve com elle maneiras tão desagradaveis, que houve troca de explicações, as quaes não fizeram senão irritar os espiritos. Então, o subordinado, querendo desaggravar-se, pediu a demissão e, como simples particular, offendeu gravemente *de Marioles*, esbofeteando-o, de maneira a tornar necessario um duello de morte.

A narrativa, feita pela duqueza de Abrantes, poderá não ser rigorosamente exacta; mas é profundamente feminina. A historiadora vê com intensidade as minudencias do facto, atravez dos seus sentimentos de mulher e de mãe. Foi a mãe de Sainte-Croix, que lhe contou tudo. Esta soube que o duello era inevitavel. Soube-o, não pelo filho, bem entendido; mas soube-o por alguem. E soube-o, por uma razão muito simples: «porque é indispensavel, que um coração de mãe receba sempre todas as dores, mesmo vindas do filho mais justamente amado.»

E descreve-nos vivamente todas as angustias maternas da pobre senhora, que passa a noite na mais horrivel situação, ouvindo os passos do filho no quarto de cima, n'aquella agitação inseparavel das ultimas disposições que precisa tomar um homem, a caminho da morte, tendo de dizer o ultimo adeus a tudo o que ama.

Era irremediavel a situação, e ella comprehendia-o bem. Por isso, entre os dois não podia trocar-se uma palavra. Tinha de ser. Uma scena de despedida, se pudesse havel-a, seria violentissima. A desgraçada mãe contrahia os braços em phrenesis de dôr, não podendo ver deante dos olhos

allucinados senão o cadaver exangue do filho estremecido. Lucta desesperada de uma alma, a sós com o seu temor, n'uma noite eterna, indiscreptivel.

Sobre a manhã, os passos cessaram, o silencio era profundo. Estaria dormindo? Então ella atreveu-se a subir vagarosamente, com mil cautelas, pé ante pé, sustendo a respiração; que elle não a percebesse, que elle não a ouvisse. Está junto á porta, escuta, bate-lhe impetuoso o coração, não sabe que fazer, quer vel-o a todo o transe; mas não quer ser vista, nem presentida. Não póde ser; uma entrevista, n'aquellas circumstancias, seria horrivel.

A sua mão ousa, finalmente, pousar no fecho; levanta-o com enorme cuidado; n'aquelle silencio, qualquer ruido, por mais imperceptivel, toma as proporções de um barulho assustador. A porta entreabre-se rangendo; ella tem de parar, reprimir-se, escutar de novo. Se elle ouviu? Se se levanta e vem observar o que é? Se vae escutar-se a sua voz, sobresaltada, vibrante, interrogadora?

Mas o silencio continúa. O amor, a solicitude materna tomam coragem, de novo. A porta cede, e abre-se o bastante para ella ver tudo. Carlos está sentado á secretaria, dormindo, com a cabeça pousada nos braços. Ao lado o tinteiro, a penna abandonada, as cartas que estivera escrevendo, e que devem conter as suas ultimas vontades, as suas disposições derradeiras. Ahi está, para que ella creara com tanto disvelo, com tanto amor, o seu filho!

Cerrou novamente a porta sobre si, e tornou a descer, braços abertos, amparando-se ás paredes, pedindo aos nervos a energia precisa para não cahir, para se não despenhar no escuro.

Eil-a de novo, no seu quarto, olhos pregados no relogio de parede, vendo avançar com lentidão o ponteiro, que ha de fatalmente chegar, rapido de mais, á hora inadiavel, impreterivel.

Sente-se bulha na casa. E' o velho creado de quarto, cuidadoso, que sobe, para ajudar Carlos a vestir-se. Esse

homem tinha-o servido desde quando elle era creança, e agora, amigo fiel e dedicado, resolvera não o abandonar um momento, e acompanhava-o ao *bosque de Vincennes*, onde elle tinha de bater-se.

Estão promptos. Descem. Então a afflicta mãe não póde vencer-se mais. Abre, n'um repente, a porta do seu quarto de vestir, que dava para a escada, e apresenta-se deante do filho, abrindo-lhe os braços; mas em silencio e sem pronunciar uma palavra.

Carlos apertou-a ao peito n'um enlace supremo, de um segundo só, e mudo, afastando-a de si, desceu os degraus, como doido, desapparecendo com a velocidade do raio.

*

Eram seis horas da manhã. *Foi só ao meio dia*, — diz a duqueza de Abrantes, mulher e mãe, sublinhando, — foi só ao meio dia, que a mãe de Sainte-Croix soube que o adversario de seu filho ficara morto no campo.

O combate realisara-se á pistola. No bosque tinham entrado apenas os contendores, e uma testemunha de cada lado. De Mariolles recebeu uma bala no peito, que o fulminou.

Sainte-Croix e a sua testemunha correm a encontrar os amigos que os esperavam, e voltam a Paris. A testemunha de Mariolles perturba-se com a solução inesperada do combate, apavora-se com as consequencias que lhe pódem advir d'aquelle fim tragico de um proximo parente da imperatriz, e sem pedir socorro, sem mesmo montar a cavallo, nem prevenir os amigos da victima, foge atravez do bosque e vae esconder-se longe de Paris! O cadaver ficou abandonado no terreno.

Havia já muito que tinham soado os dois tiros de pistola; os companheiros de Mariolles começavam a impacientar-se, não o vendo apparecer. Sabendo de que força era no manejo de qualquer arma, não podiam crêr que fosse

elle o vencido. Mas passava o tempo; a demora era já inexplicavel; e elles resolveram penetrar na espessura do arvoredo, em procura do seu amigo. Encontraram-lhe o cadaver, apenas.

Succedera, porém, que ao cahir desamparado, de toda a sua altura, e com todo o seu peso, de Mariolles batera com a cabeça n'um tronco decepado, ficando com o craneo partido. Os amigos, depois de lhe haverem examinado o ferimento do peito, que explicava a morte, vendo os profundos ferimentos da cabeça, convenceram-se que Sainte-Croix, em seguida a ter ferido mortalmente o adversario, o acabara de matar partindo-lhe, com a coronha da pistola, o craneo. Isto explicava não só aquelles graves ferimentos, mas tambem o desapparecimento da testemunha, que não tivera força ou coragem de se oppor ao que, para elles não era já a solução natural de um duello, mas um verdadeiro assassinio.

Dominados por tal convicção, montam a cavallo, correm a Saint-Cloud, contam d'esse modo o caso á imperatriz e incitam-a a dirigir-se a Napoleão pedindo-lhe immediata *justiça!...* Passam-se logo ordens para Sainte-Croix ser preso, e submettido a julgamento. Elle, que se não escondera, e que estava perfeitamente descançado, tendo-se passado tudo segundo as leis da honra, é immediatamente encontrado e encarcerado. A instrucção do processo promettia ser longa, e Sainte-Croix podia jazer durante annos, na prisão, se não fosse a solicitude de Fouché, ministro da justiça, e amigo de sua familia.

Fouché conhecia profundamente Sainte-Croix e estava convencido de que elle era incapaz de ter praticado o crime, pelo qual lhe moviam accusação. Não descançou emquanto não descobriu o paradeiro da testemunha de Mariolles, que andava fugida. Mandando-a prender e conduzir a Paris, ouviu d'ella a declaração leal de que tudo se tinha passado segundo os codigos da honra. Ao mesmo tempo, os magistrados incombidos do inquerito, foram examinar

o terreno do combate e descobriram, junto ao local onde o cadaver apparecera extendido, um pedaço de tronco escavacado, e partido junto á raiz, no qual havia nódoas visiveis de sangue, e até cabellos do morto. A innocencia de Sainte-Croix estava reconhecida. Restituido á liberdade foi, segundo Marbot, immediatamente apresentar-se no seu regimento, *que se estava organisando na Italia.*

Como se vê, não ha modo de conciliar a versão de Marbot com a da duqueza de Abrantes, ácerca de um facto capital na vida de um personagem, que ambos conheceram de perto. Se dermos credito a Marbot, vêmos Sainte-Croix bater-se muito simplesmente com um inferior seu em hierarchia militar, indo com toda a naturalidade, juntar-se ao seu regimento, tão depressa o seu processo subsequente findou. Se dermos, porém, credito á duqueza, Sainte-Croix teve de demittir-se do seu posto para offender como simples particular aquelle que não podia affrontar como superior, e depois de o insultar mortalmente, e de o matar no campo do duello, viu-se forçado a soffrer as consequencias da posição em que se collocou, riscado do quadro dos officiaes em actividade, até ao momento da campanha de Wagram, em que Masséna o chamou para seu lado, offerecendo-lhe ensejo de se rehabilitar, o que elle fez com a maior distincção.

Que o ambicioso e vaidoso de Mariolles não era coronel do regimento em que Sainte-Croix era simples chefe de esquadrão está-se vendo pela historia, que já fizemos, da organisação do regimento, cujo commando foi dado a La Tour d'Auvergne.

Este fidalgo francez, de antiga estirpe, era homem da primeira nobreza, e das mais brilhantes qualidades pessoaes; mas de diminutas aptidões para a vida militar. Tendo de organisar o seu regimento confiou-se inteiramente nas mãos do major Sainte-Croix, e não teve que arrepender-se, pois o regimento de la Tour d'Auvergne foi dentro em pouco um dos mais notaveis do exercito.

Uma das primeiras emprezas em que entrou, foi a de reprimir a insurreição das Calabrias, no reino de Napoles. Exercia então o seu commando, na baixa Italia, o marechal Masséna, e foi-lhe dado assim occasião de reconhecer o merecimento relevante, do valente official, a quem muito se affeiçoou.

Não é, portanto, exacto o que a duqueza de Abrantes affirma sobre as circumstancias em que Masséna encontrou Carlos de Sainte-Croix, tão abandonado, tão esquecido, que chegou a pedir ao marechal que o acceitasse no exercito como voluntario, ou fosse como fosse, comtanto que o levasse comsigo.

Masséna não o acceitou ao serviço por commiseração pessoal; chamou-o para o seu lado por conveniencia propria.

Fêl-o assim quando, depois da batalha de Eylau, foi chamado á Polonia. O marechal fez questão d'isso; não dispensou os serviços de Sainte-Croix, apesar d'este não ser ainda seu ajudante de campo e de se oppôrem os regulamentos a que se pudesse tirar qualquer official, e mormente um major, do seu regimento.

Ao chegar a Varsovia, Masséna apresentou Sainte-Croix ao imperador. Este lembrou-se immediatamente da morte de Mariolles, recebeu o official com frieza, e extranhou ao marechal que o tivesse desviado do corpo em que servia.

Outra razão importante se dava ainda para explicar a antipathia do imperador para com Sainte-Croix. Napoleão era baixo; mas gostava dos homens altos, fortes, de presença apparatosa, de expressão viril. Sainte-Croix era de uma constituição feminina, delicadissimo. Baixo, delgado, de rosto muito branco, cabellos muito louros, mãos finas de mulher, sorriso meigo e expressivo, ninguem diria que estava ali um homem de guerra, uma capacidade militar de primeira ordem, uma alma de ferro, como Marbot lhe chama, um pensamento de fogo, como a duqueza de Abrantes o denomina. A sua coragem era verdadeiramente

heroica, a sua actividade devoradora, e quando a palavra calorosa lhe inflammava a expressão, a sua figura como que se elevava, os olhos scintillavam-lhe, dir-se-hia que crescia.

Napoleão teve ensejo de reparar n'elle durante a campanha da Polonia; todavia não o fez avançar e, depois da paz de Tilsitt, elle regressou a Napoles, com o mesmo posto de major, na companhia de Masséna.

Quando, em 1809, o marechal foi investido no commando de um dos corpos de exèrcito destinados a marchar contra a Austria, pediu e obteve que Sainte-Croix fosse nomeado seu ajudante de campo.

Em boa hora o fez, para a fortuna do moço official. Logo n'um dos combates, que precederam a entrada dos exercitos francezes em Vienna, Sainte-Croix se distinguiu extraordinariamente tomando uma bandeira inimiga. O imperador convenceu-se, com este feito, que elle era, na realidade, um homem de valor, e deu-lhe dois postos por distincção, nomeando-o coronel.

Não vem para aqui relatar miudamente os prodigios de denodo e a rara intelligencia de que Sainte-Croix deu provas na batalha d'Essling. Entre esta batalha e a de Wagram, foi elle o verdadeiro chefe de estado maior do exercito de Masséna, exercito empregado na defeza da ilha de Lobau, no Danubio, e era com elle, em pessoa, que Napoleão directamente se entendia.

Tinha o imperador, então, o seu quartel general em Schœnbrunn e, por sua ordem, todas as manhãs, ao romper d'alva, Sainte-Croix ia assistir ao seu levantar, e fazer-lhe um relatorio verbal dos progressos que desde vespera tinham feito as fortificações da ilha, qual o estado geral das cousas, qual a situação dos postos francezes e dos postos inimigos.

Napoleão affeiçoara-se-lhe completamente, esquecera os resentimentos passados, e recebia-o com intimidade quasi fraterna, vestindo-se deante d'elle emquanto lhe commu-

nicava os seus planos, pedindo-lhe opinião, consultando-o, emfim, sobre as questões militares de maior importancia, nas quaes era sempre ouvido juntamente com os marechaes Berthier e Masséna, sendo grande numero de vezes preferidos os seus alvitres.

A um enviado do imperador da Russia, Czernitcheff, disse Napoleão, falando d'elle:

«Desde que commando exercitos, nunca encontrei capacidade militar maior do que a sua, ninguem que melhor saiba comprehender e executar os meus pensamentos; faz-me lembrar o marechal Lannes e o general Desaix; por isso, a não ser que algum raio o fulmine, a França e a Europa terão de admirar-se do que eu hei-de fazer d'elle!»

Um raio fulminou-o. Mas não antecipemos.

Quando Junot veiu para Hespanha com o oitavo corpo de exercito, conseguiu trazel-o comsigo, commandando uma brigada de cavallaria.

Em pouco mais de um anno, Sainte-Croix, que tinha deixado Paris, após o seu julgamento, verdadeiramente cahido em desfavor, luctando com as incertezas de um futuro que pouco lhe sorria, volta á capital da França, onde tem o gosto de abraçar sua mãe, sendo general de brigada, conde do imperio, grão-cruz de Hesse, commendador de Baden, e com uma dotação de trinta mil francos de renda!

Antes de vir para Hespanha, um domingo, nas Telharias, o imperador, ao passar por deante d'elle, parou, sorriu-lhe, e batendo-lhe ligeiramente no hombro disse, para que o ouvissem os que estavam proximos:

—Meus senhores, é d'este panno que eu faço os meus marechaes.

*

O interesse capital d'esta chronica da terceira invasão franceza em Portugal parece-nos, salvo erro, que residirá no tom humano, familiar por assim dizer, vivido e sentido,

sem se afastar em nada do rigor historico, que temos procurado dar-lhe.

Foi a leitura da obra verdadeiramente encantadora de Marbot, que nos suggeriu este processo, pelo qual os homens ficam melhor apreciados e conhecidos, sem deixarem de ter o relêvo que os seus feitos lhes deram, e sem que a circumstancia de serem vistos mais de perto, mais na sua condição de homens, os amesquinhe.

As figuras humanas destacam-se melhor assim, na massa dos acontecimentos em que se afoga a collectividade d'ellas. Deixam de ser peças rigidas de um machinismo incomprehensivel, bonecos de chumbo em tudo semelhantes, sem possiveis differenciações, como os amortalham para a posteridade as biographias dos diccionaristas ou os historiadores da falta de visão e da aridez deslavada do nosso Soriano.

Não engeitamos, por isso, a anecdota authentica e caracteristica, a indicação pessoal, tanto d'ordem physica como d'ordem intima, que fazem de cada homem o que elle foi, sem o confundirem com os mais, ficando assim as individualidades na saliencia que devem ter, não recortadas por moldes previos e de convenção, mas surprehendidas na existencia, copiadas do vivo.

Para um chronista pesado e frio, da indole de Soriano, os homens de guerra são apenas parcellas numericas das unidades militares em cuja constituição entram, quer perdidos na obscuridade do numero abstracto, quer designados por um nome, como se fosse por um rótulo, quando as dirigem. Funccionam, regulam, e já não é pouco; mas não são encarnações da humanidade, que nos interessem; não teem nervos, nem sangue, nem paixões; n'uma palavra, não vivem.

Ora o que nós pretendemos é que os nossos leitores sintam que é gente, como todos nós o somos, o mundo mais ou menos heroico, que n'estas paginas se agita.

Dito isto, vamos proseguindo.

*

Napoleão tinha momentos de altivez e de reserva olympica; porém n'outros descia com facilidade ás mais triviaes intimidades do viver, com aquelles em quem reconhecia um certo feitio.

Quando os chefes lhe mereciam estima especial e os tinha em elevada conta, de ordinario conservava-os a distancia e não se familiarisava com elles muito.

Era sempre polido e superior com a maior parte dos seus mais brilhantes auxiliares, tanto na esphera militar como na politica.

Comtudo, abrira excepção com alguns, em cuja conversa livre se comprazia, provocando-lhes mesmo, em horas de bom humor, as replicas apimentadas e vivas.

Junot, Lasalle e Rapp eram dos taes que tinham liberdade de dizer ao imperador tudo quanto lhes passava pela cabeça, e lhes acudia á ponta da lingua.

Sainte-Croix, muito bem educado, correcto e comedido, tendo grangeado a maior confiança da parte de Napoleão, não era comtudo homem para abusar d'ella. No entanto, quando se offerecia ensejo, tinha respostas promptas e incisivas. Contaremos dois casos, que Marbot refere.

Nas vezes sem conta que teve de andar a pé pelas areias da ilha de Lobau, Napoleão, acompanhado sempre pelo coronel Sainte-Croix, apoiava-se ordinariamente n'elle, dando-lhe o braço. Iam assim, andando e conversando. Uma vez disse-lhe o imperador:

— Está-me lembrando agora quando foi do teu duello com o primo de minha mulher, que pensei seriamente em mandar-te fuzilar. Tinha sido uma boa asneira!

— Tambem me parece, meu senhor, respondeu Sainte-Croix; e agora, que Vossa Magestade me conhece melhor, creio que não me trocaria por um dos primos da imperatriz...

—Que dizes? por um!... pódes dizer por *todos!*... replicou o imperador.

D'outra vez, Sainte-Croix assistia ao levantar de Napoleão. Este, tendo acabado de beber um copo d'agua fresca, disse-lhe:

—Creio que, em allemão, Schœnbrunn quer dizer *fonte bella*; merece bem tal nome esta residencia, porque é deliciosa a agua do seu parque, e todas as manhãs me regalo bebendo um copo cheio, como viste agora. Gostas d'agua pura e fresca, tambem?

(Continúa).

FERNANDES COSTA.

O ANÃO KACIANE

HISTORIA DE CAÇADOR

Eu vinha da caça, em uma pessima *telega*. e sentia-me fatigado e opprimido pelo calor de um dia ennevoado.

Dormitava, entregando-me com resignação aos balanços da *telega*, cujas rodas ligeiras erguiam, no caminho, uma poeira fina que nos envolvia completamente.

De repente, a inquietação e os movimentos do meu cocheiro, que até ahi dormira mais tranquillamente do que eu, chamaram-me a attenção; puxou as redeas, voltou-se e começou a excitar os cavallos.

Caminhavamos por uma planicie lavrada e alguns monticulos que a charrua não aplainara causavam-nos choques frequentes. A vista não podia abranger mais de uns cinco metros, quando muito; não se distinguia habitação alguma; apenas os massiços de betulas cortavam, com as suas copas arredondadas, a linha recta do horisonte.

Pelos campos estendiam-se atalhos que serpenteavam por entre os monticulos, avistei n'um d'elles uma especie de cortejo; era isso o que fixava a attenção do cocheiro.

Era um enterro. Adeante, n'uma *telega* que o cavallo puxava vagarosamente, iam um padre e um sub-diacono, que segurava as redeas; atraz d'essa *telega* ia o caixão levado por quatro homens; e, atraz de todos, duas mulheres.

Uma d'ellas cantava as orações dos defunctos, em tom monotono e triste.

O meu cocheiro fustigou os cavallos e conseguiu passar adeante do funebre cortejo. Depois de percorrermos duzentos metros, a *telega* inclinou-se e quasi que nos atirou ao chão.

O cocheiro segurou os cavallos e cuspiu, com ar enraivecido.

— O que é? perguntei eu.

— O eixo partiu-se, respondeu elle; foi aquelle enterro que nos enguiçou.

Apeei-me, muito inquieto por não saber como haviamos de continuar a viagem; o cocheiro deitou as culpas ao cavallo e sacudiu-o tão brutalmente que o ia fazendo cahir. A roda estava meia enterrada debaixo da *telega* e parecia erguer o cubo para o ar com desespero.

— O que havemos de fazer?

Emtretanto passou o enterro ao nosso lado; o cocheiro e eu descobrimo-nos e trocámos um olhar com os homens que levavam o caixão.

Uma das mulheres que iam atraz era velha e pallida; as feições, devastadas pela dór, conservavam ainda assim uma expressão digna e severa.

A outra, rapariga de vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, tinha os olhos vermelhos á força de chorar. Quando passaram ao nosso lado, a mais nova interrompeu a cantilena; mas, alguns passos mais longe, ouvimol-a continuar.

— É o carpinteiro Martinho que vae a enterrar, disse-me o cocheiro. A mais velha d'aquellas aldeãs é mãe d'elle e a outra é a mulher.

— Morreu de doença?

— Morreu de uma febre. Antes d'hontem, o intendente mandou chamar o medico; mas elle não appareceu. Martinho era um bom operario, um pouco brigão, é verdade, mas um bello carpinteiro. Como a mulher se lamenta! Afi-

nal, é o costume! ás mulheres, as lagrimas não lhes custam dinheiro... sim, as lagrimas das mulheres são todas da mesma agua.

Depois d'esta reflexão, curvou-se para o cavallo, passou por baixo do tirante e agarrou no arco que fica por cima da colleira.

— O que havemos de fazer? pensava eu.

O cocheiro fincou o joelho na espadua do cavallo, e apertou os arreios; depois foi postar-se defronte da roda, e, tirando uma caixa de cortiça da algibeira do cafetan, ergueu-lhe a tampa vagarosamente, metteu os dedos grossos dentro da caixa, voltou duas ou tres vezes a pitada que tirara, enrugou o nariz e, afinal, sorveu o abençoado tabaco. Depois de terminar esta operação, fez uma careta medonha e piscou os olhos, que se encheram de lagrimas.

— Então? disse eu, por fim.

O cocheiro não respondeu; guardou a caixa na algibeira, e ficou absorto; de repente, vi-o subir para a almofada.

— O que vaes fazer? perguntei, surprehendido.

— Tenha a a bondade de subir, disse elle, com um gesto e pegando nas redeas.

— Mas, não podemos avançar?

— Havemos de ir para deante.

— E o eixo?

— Faça favor de subir; o eixo está quebrado, mas talvez se possa chegar á aldeia de Joudino.

— Parece-te que podemos ir até lá?

O tratante não se deu ao trabalho de responder. Fustigou o cavallo, e, melhor ou peor, lá chegámos á aldeia. Seis pequenas isbas compunham o modesto logarejo. Á entrada não vimos um unico ser vivo, nem mesmo gallinhas; dirigi-me para a primeira isba e chamei os donos da casa; ninguem respondeu.

Tornei a chamar; d'essa vez ouvi miar um gato; deitei a cabeça para a casa de entrada; era escura e estava cheia

de fumo; voltei para o pateo... ninguem, a não ser uma vitella e um pato.

Fui explorar a segunda isba:

Ahi pareceu-me distinguir, no pateo, um ser humano.

A pouca distancia d'elle, junto de uma velha *telega*, estava um cavallo magro com os arreios remendados. Alguns estorninhos observavam-me do seu posto aereo, com tranquilla curiosidade.

Aproximei-me do homem, que dormia, afim de o accordar.

Elle ergueu-se rapidamente e balbuciou, sacudindo uns restos de somno:

—O que é? o que quer?

Não lhe respondi logo, de tal maneira o seu exterior me surprehendeu.

Imaginem um anão de cincoenta annos, pouco mais ou menos, com uma carinha trigueira e enrugada, o nariz bicudo, olhos imperceptiveis, e uma grande cabelleira espessa e negra cobrindo-lhe a cabeça que parecia um cogumello plantado em cima do talo. Toda a sua pessoa era magra e enfezada, e o olhar era tão extraordinario, que não posso descrevel-o.

—O que quer? repetiu elle.

Expliquei-lhe o motivo que me levara ali; elle ouviu-me sem desviar os olhos um instante, e piscando-os de um modo singular:

—Preciso de um eixo novo; paga-se o que fôr necessario.

—É caçador? perguntou elle, examinando-me dos pés á cabeça.

—Sou.

—E não tem pena de matar as aves do céo, os animaes da floresta? Não sabe que é peccado derramar sangue innocente?

O velhinho falava com bastante clareza; a sua voz não era rustica nem hesitante, e notava-se-lhe, até, uma sua-

vidade que lhe dava parecenças com uma voz de mulher.

—Não tenho ahi nenhum eixo; o da minha *telega* não presta, disse elle, mostrando-me o carro.

— Mas, na aldeia ha de haver algum?

— Qual aldeia? Isto não é aldeia, e agora toda a gente está no trabalho; siga o seu caminho.

E agachou-se em cima da terra abrazada.

Semelhante conclusão não podia convir-me.

— Ouve, homemsinho, disse eu. Vou pedir-te um favor; pagar-te-hei bem.

— Não quero o seu dinheiro e preciso descançar porque fui hoje á cidade.

— Supplico-te, meu amigo.

O anão sentou-se cruzou as perninhas delgadas.

— Eu podia, disse elle, depois de reflectir, levar-te ao córte da madeira que vendemos; ahi ha trabalhadores e pódes encommendar um eixo ou compral-o já feito.

— Sim, é isso mesmo, exclamei, vamos!

— Um bom eixo de carvalho, continuou elle.

— É longe d'aqui?

— São tres verstas.

— Podemos ir no teu carro.

— Não sei...

— Vamos, vamos, a caminho, o meu cocheiro espera-nos ali, na rua.

Tive o maior trabalho do mundo para conseguir que o velhinho sahisse do pateo; o cocheiro tambem estava mal disposto; levara os cavallos a beber e a agua era detestavel; provinha d'ahi a sua colera, porque, segundo a opinião dos cocheiros, a agua é a cousa mais importante do mundo. Quando viu o meu companheiro, abriu muito os olhos e exclamou:

— Ah! és tu, Kacianucho! bom dia.

— Bom dia, Jérofé, Deus salve o homem justo, disse o anão.

Tratei de communicar ao homem justo a solução de Kaciane. Emquanto elle desatrelava os cavallos com enthusiasmo mediocre, o anão conservava-se encostado á porta de entrada; a expressão irritada e aborrecida da sua physionomia indicava que a nossa irrupção repentina não lhe agradara extraordinariamente.

— Então, mandaram-te para aqui? perguntou, de repente, Jérofé, levantando a chuga.

— Como vês.

— Conheces, disse o meu cocheiro, o Martinho, o Martinho de Reabof, o carpinteiro?

— Conheço.

— Pois morreu. Encontrámos agora o enterro...

Kaciane estremeceu.

— Morreu, disse elle; e baixou os olhos.

— Porque não o curaste? Dizem que tens remedios para todas as doenças...

O cocheiro gracejava e ria á custa do pobre anão.

— Isto é que é a *telega?* perguntou elle, mostrando o carro.

— É, sim.

— É fresca, não chegamos ao córte com ella; os meus cavallos não cabem n'estes varaes, são muito fortes; mas, o que vem a ser isto? E, ao mesmo tempo sacudia bruscamente o carro.

— Realmente, não sei como poderemos chegar ao córte, disse Kaciane. A não ser que levem este animalsinho, accrescentou, indicando o seu cavallo.

— Isto? exclamou Jerofé, dirigindo-se para o cavallo de Kaciane e dando-lhe uma palmada humilhante no pescoço.

— É preciso atrelar este sendeiro quanto antes, disse eu ao cocheiro.

Tinha pressa de chegar ao córte porque, ás vezes encontram-se lá cordonizes. Logo que apromptaram a *telega*, installei-me n'ella o melhor possivel, com o meu cão; ao nosso lado, embrulhado na sua manta, ia Kaciane que con-

servava a mesma expressão triste. No momento da partida, Jerofé aproximou-se de mim e disse-me, com ar mysterioso:

— Faz bem em ir com elle. É um *iouro dwetz*, tem muita influencia na aldeia, e não sei por que motivo lhe pozeram a alcunha de pulga. Obrigou-o a levar-nos ao córte, e escolha o senhor o eixo que lhe agradar.

— Haverá pão, lá para esses sitios? perguntou Jerofé a Kaciane.

— Procura e acharás, respondeu o nosso mentor sentenciosamente.

O seu cavallo era bastante ligeiro, ao contrario do que esperavamos. Pelo caminho, o anão conservou um silencio obstinado e mal respondeu ás perguntas que eu lhe dirigia.

Chegámos depressa ao córte, e d'ahi encaminhamo-nos para uma pequena isba situada á borda de um barranco que se havia transformado em lago.

Ahi, a um balcão, estavam dois rapazes de maneiras assucaradas, phrases insinuantes e sorriso cheio de delicadeza.

Comprei um eixo e voltei para junto de Kaciane; julgava que elle ficaria na telega, á minha espera, mas, quando me viu, perguntou-me se o deixava acompanhar-me á caça.

— Decerto, pódes vir, respondi eu.

Entrámos no córte, que tinha uma versta de comprimento, pouco mais ou menos. Kaciane preoccupava-me muito mais do que o meu cão, e, emquanto o observava, via como a sua alcunha de pulga era exacta.

Estava de cabeça descoberta, como sempre; é verdade que a massa enorme dos seus cabellos pretos dispensava-o de trazer chapeu ou barrete; via-se essa cabeça subir e desapparecer por entre as moitas, como uma pulga em cima de um molho de ferro.

Andava continuamente de um lado para outro, e arran-

cava ervas que mettia nas algibeiras, resmungando phrases incoherentes. De vez em quando parava e dirigia-nos, a mim e ao cão, um olhar inquiridor.

Nas matas encontram-se, muitas vezes, umas avesinhas côr de cinza que vôam, gorgeando, e saltam de uma arvore para outra. Kaciane imitava-as e chamava-as com assobios.

Uma codorniz nova passou-lhe por entre as pernas, gritando; elle imitou-lhe a voz; uma cotovia poz-se a cantar com toda a força; Kaciane repetiu a melodia, mas nunca me dava uma palavra.

O tempo estava magnifico; o calôr, porém, suffocava. Algumas nuvens amarelladas, semelhantes á neve da primavera, desenhavam no ceu azul os seus rebordos transparentes.

Kaciane e eu estivemos muito tempo no matto. Alguns rebentos que não tinham um metro de altura cercavam enormes troncos d'arvores, e cobriam aquelles destroços com um manto de verdura.

Excrescencias circulares, grossas como labios, e das quaes se faz isca, appareciam ao lado dos morangueiros de fibras rosadas e dos cogumellos abundantes.

Os nossos pés embaraçavam-se, a cada instante, em uma especie de cipós fartos de sol; as folhinhas encarnadas dos arbustos tinham um brilho acobreado; o solo estava juncado de flores.

Eram as campainhas da erva Roberto, os pequenos calices amarellos da glaucoma, as petalas da celidonia; aqui e ali, em logares retirados, montões de madeira ennegrecida, projectavam as suas sombras obliquas.

A brisa ergue-se de tempos a tempos, mas cahe logo... afaga-me suavemente o rosto, tudo se agita com alegria e parece animar-se, em torno de mim; as palmas dos fetos balançam graciosamente; mas o vento cessa e tudo recáe em silencio; apenas o canto dos grillos continúa, obstinadamente, agudo e penetrante, acompanhando bem o calôr

torrido do meio dia e parecendo emanar, como elle, do seio da terra abrazada.

Depois de caminharmos durante muito tempo sem levantarmos um unico bando de perdizes, entrámos no córte visinho.

Ahi, as faias abatidas recentemente jaziam estendidas no solo, esmagando com o seu peso o tojo e o musgo. Algumas ainda tinham folhas verdes; a outras já não restavam senão folhas mortas e sêccas.

As machadadas retiniam vagarosamente; aquelles seres enormes pareciam recear a morte.

Durante muito tempo não encontrámos caça; afinal, avistei uma codorniz grande que sahia do arvoredo.

Disparei; ella deu algumas voltas e cahiu. Ao ouvir a detonação, Kaciane tapou os olhos com as mãos e ficou immovel, emquanto eu procurava o passaro; quando voltei, o anão examinou o logar onde cahira a codorniz, e disse:

—Ai! que peccado! —Isto é que é um verdadeiro peccado.

O calôr obrigou-nos a procurar um refugio no bosque; installei-me debaixo de um massiço de nogueiras, junto das quaes um platano extendia as folhas transparentes; Kaciane sentou-se no tronco de uma betula derrubada. Observei-o attentamente.

Os ramos das arvores projectavam-lhe no rosto as suas sombras esverdeadas, que lhe percorriam vagarosamente o corpo enfezado e doentio.

Enfastiado com o silencio do anão, deitei-me de costas e entretive-me a contemplar as côres, a posição e os movimentos suaves das folhas, que se distinguiam facilmente no fundo azul do ceu.

É um espectaculo encantador; póde-se imaginar que se está em frente do oceano, que as arvores são enormes raizes de plantas imaginarias, e as suas folhas parecem, ora diaphanas, ora de um verde escuro e fosco.

Grandes nuvens, semelhantes a ilhas fluctuantes, passam umas atraz das outras; mas, de repente, esse ether radioso agita-se e murmura; tudo apresenta um brilho fugitivo, semelhante ao marulhar das ondas quando veem bater na praia.

Este espectaculo arrebata e consola a alma; aquelle azul faz-nos sorrir de contentamento.

Com as nuvens brilhantes que fogem e desapparecem vêem-se os annos da felicidade que passou, e a imaginação leva-nos, cada vez mais longe, para aquellas regiões onde desejavamos ficar.

— Barine, Barine, exclamou, de repente, Kaciane.

Levantei-me, surprehendido. Aquelle homem que, até ahi, mal respondera ás minhas perguntas, dirigia-me agora a palavra.

— Para que mataste aquelle passaro? disse elle, fitando-me.

— Mas, a codorniz é caça, respondi eu; come-se.

— Não foi para a comeres que a mataste, replicou elle, foi para te divertires.

— E tu não comes tambem patos e gallinhas?

— São volateis que Deus creou para o homem, mas a codorniz é um passaro livre, um passaro da floresta. Ha muitos como elle, e não devemos tocar em nenhum. Deus concedeu-nos ontro alimento, o trigo, os animaes domesticos, assim como temos para bebida a agua do ceu.

Examinei curiosamente aquelle homemsinho original que prégava tão bem; as palavras occorriam-lhe facilmente, e parecia estar convencido do que dizia.

— Assim, na tua opinião tambem é peccado matar um peixe? perguntei eu.

— O peixe tem o sangue frio, replicou elle. É um animal mudo, que nada sente nem vê; o sangue, continuou, depois de um momento de silencio, não é elemento sagrado; por isso, esconde-se, não vê a luz; o bom sol de Deus nunca lhe envia os seus raios, e é um grande peccado

descobril-o! é um grande peccado! uma cousa horrivel!...

Suspirou e calou-se. Aquelle velho surprehendia-me extraordinariamente; a sua linguagem differia muito da que eu estava costumado a ouvir aos aldeãos russos; excedia, até, em elegancia, a dos nossos caixeiros com pretenções a bem falantes.

— Dize-me, Kaciane, disse-lhe eu com ar supplicante, de que vives tu?

Elle perturbou-se um pouco ao ouvir isto.

— Vivo como Deus manda, respondeu, mas, emquanto a officio, não tenho nenhum. Gostava bem de trabalhar, mas não posso, não tenho força nem habilidade. Na primavera apanho ninhos de rouxinoes.

— O quê, apanhas rouxinoes? mas disseste-me agora mesmo que não se deve tocar nos habitantes da floresta, dos prados ou das montanhas.

— Não se devem matar, é verdade, a morte depressa reclama o que lhe pertence. Assim, o carpinteiro Martinho viveu pouco, a morte levou-o, e a mulher chora...

Mas, nem o homem nem os animaes teem poder contra a morte. Eu não mato os rouxinoes, apanho-os, simplesmente, para gosto dos homens, para elles se divertirem com o seu canto, para os estimarem.

—Provavelmente vaes buscal-os aos arredores de Koursk?

— É verdade, e ás vezes mais longe. Passo a noite nos pantanos, durmo na floresta, escondido entre as moitas; ahi, ouço o canto das aves, o grasnar dos patos. Á noite observo, de manhã espreito e armo os laços; ha rouxinoes que cantam tão bem, com tanta suavidade, que me entristece apanhal-os.

— E vendes os teus captivos?

— Dou-os, Barine, a pessoas de bem.

— E que mais fazes?

— Nada, infelizmente; sou um velho operario, apesar de saber lêr e escrever.

— Ah! sabes!

— Sim, houve uma boa gente que, com a graça de Deus, me ensinou o pouco que sei.

— Tens familia?

— Não, vivo só.

— Porque é então isso?

— Não tive fortuna n'esta vida, mas, como as minhas desgraças eram agradaveis a Deus, não posso queixar-me.

— Não tens nenhum parente?

— Tenho... tenho e não tenho.

— Ouve, accrescentei eu, parece-me que o cocheiro te perguntou por que razão não tinhas curado o Martinho; visto isso, tens o poder de melhorar os doentes?

— O teu conductor é um homem justo, respondeu Kaciane com ar pensativo, mas não é impeccavel. Chama me curandeiro; quem, a não ser Deus, tem o poder de curar alguem? Existem, é verdade, algumas ervas salutares que diminuem o mal. Póde-se falar n'ellas porque são plantas de Deus; ha outras que tambem são uteis, mas é peccado proferir-lhes o nome. É preciso dizer umas certas palavras; n'esse caso...

E accrescentou, baixando a voz:

— O que é preciso, sobre tudo, é ter esperança.

— Não deste nenhum remedio ao Martinho? perguntei.

— Não, avisaram-me já tarde; mas tudo o que está escripto ha de acontecer, os que foram marcados pela morte não podem escapar; o sol não lhes envia o seu calor, nem o pão, mesmo, lhes faz bem. — Deus se compadeça do pobre homem!

— Ha quatro annos, apenas, disse Kaciane com alguma agitação. No tempo do nosso amo que Deus haja viviamos sem prevêr cousa alguma, a tutella, porém, transportou-nos para aqui; afinal, fez bem, estava escripto...

— Onde estavam n'esse tempo?

— Viviamos na bella Metcha.

— É longe d'aqui?

— Umas cem verstas.

— Viviam lá melhor?

— Muito melhor. Eram tudo campos descobertos, grandes rios; era a nossa terra; aqui, estamos mais apertados, somos orphãos.

Lá, na bella Metcha, quando se sobe ao alto de uma collina, vê-se um espectaculo magnifico. Que vista, meu Deus!... Ah! como era bonito! avistavam-se rios, collinas, prados, uma egreja. Via-se até muito longe, muito longe. É verdade que a terra, aqui, é melhor, mais forte, argilosa, produz muito, mas, para mim, em toda a parte ha bastante trigo.

— Gostavas de tornar a vêr a tua terra?

— Gostava, sim; mas, em toda a parte se está bem. Eu sou um homem sem familia, que vive errante, e, depois, ganha-se alguma cousa em estar parado? ao menos, quando se sae, sente-se a gente mais ligeira, o sol aquece-nos melhor, e estamos mais á vista do Senhor. Vêem-se crescer as plantas, apanham-se algumas; e depois, é uma fonte, a agua santa que corre, bebe-se, repara-se no logar. As aves gorgeiam e cantam...

Ah!... em Koursk, então... umas steppes! que steppes!... ahi estão logares feitos para admiração e alegria do homem. Ahi é que a alma, se espande em louvores ao Creador.

Dizem que as steppes se alongam por ahi fora até aos paizes quentes, onde vive o gamaiun, de canto suave e onde nascem maçãs de ouro em ramos de prata.

O homem, ahi, passa a vida no meio da alegria e da justiça. Ahi está o sitio para onde eu transportava, de boa vontade, os meus penates. Mas, onde não tenho eu estado?

Já vi Limbirsk, Romene, Moscow, a cidade das cupulas de oiro; já vi a Oka, essa boa ama, Isua, a pomba, e o Volga, o bom Volga; tenho visto muitas cidades e muitas pessoas honradas. Podia ter vivido n'outra parte, longe... e então... já... Não sou eu o unico peccador, ha muitos

aldeãos que vivem, errantes, como eu, por esse mundo... sim... E, o que é que a gente ganha estando na sua terra?... Não ha justiça nos homens.

Kaciane proferiu estas palavras em voz baixa, de maneira quasi inintelligivel. Disse mais umas palavras por entre dentes e a expressão da sua physionomia tornou-se tão singular, que a alcunha de idiota acudiu-me ao espirito sem eu querer. Afinal, abanou a cabeça, e pareceu voltar a si.

— Esse sol, murmurou elle, como se está bem na floresta!

Encolheu os hombros, dirigiu em roda um olhar distrahido e cantarolou uma canção da qual distingui apenas as seguintes palavras:

O meu nome é Kaciane,
Mas todos me chamam pulga...

Ah! pensei, tambem compõe.

N'esse momento, o anão estremeceu e olhou com attenção para o interior da floresta.

Olhei tambem e avistei uma pequena aldeã de oito annos, pouco mais ou menos.

Vestia uma especie de tunica azul e tinha um lenço de riscas graciosamente enrolado na cabeça. Provavelmente não esperava vêr-nos ali, porque se conservava immovel, entre um macisso de nogueiras, não se atrevendo a adeantar-se nem a recuar. Contemplava-nos timidamente com os seus grandes olhos rasgados em forma de amendoa; mal tive tempo de examinal-a, porque ella escondeu-se atraz de uma arvore.

— Annoucka, Annoucka, anda cá, filha, disse o velho em tom brando e meigo.

— Tenho medo, disse a pequena timidamente.

— Não tenhas... vem cá.

Annoucka sahiu do seu esconderijo, silenciosamente. rodeando as arvores; os seus pequenos pés mal se ouviam tocar na relva; por fim aproximou-se do velho... Não era uma creança de oito annos, como eu julgara á primeira vista; era uma rapariguinha de quatorze para quinze annos, encantadora. Apesar de um pouco baixa e magra, era bem proporcionada e muito agil. O seu rosto delicado apresentava uma semelhança vaga com o de Kaciane, não obstante o d'este não ser bonito; eram as mesmas feições agudas, o mesmo olhar espirituoso e singular; Kaciane olhou para ella attentamente.

— Andavas apanhando cogumellos?

— Andava, respondeu ella com um sorriso timido.

— Achaste muitos?

— Alguns, e baixou os olhos.

— Tambem tens dos brancos? Deixa vêr a colheita.

Ella poz o cesto no chão, e, levantando a folha de bardana, mostrou-nos o que apanhara.

Ah! disse Kaciane, são bons; muito bem Annoucka.

— É tua filha? perguntei eu a Kaciane.

A rapariga córou...

— Não, respondeu elle, é... uma parente... Vamos, Annoucka, vae-te embora, disse elle á pequena.

— Podemos leval-a no carro, lembrei eu.

— Não, não, disse elle, vae bem a pé.

Annoucka desappareceu; o velho seguiu-a, com a vista durante muito tempo, e o seu olhar tinha uma expressão delicada e meiga. Sorriu, e ergueu a cabeça umas poucas de vezes, esfregando a cara com as mãos.

— Para que a mandaste já embora? disse eu; queria comprar-lhe cogumellos. Que encantadora creança!

— Se quizer cogumellos, posso arranjar-lh'os lá em casa, respondeu Kaciane com modos descontentes.

Vendo que elle não queria dizer mais nada, dirigi-me para o córte. O calor abrandara mas estava escripto que a minha caçada, n'esse dia, não seria feliz.

Voltei com um bom eixo para a minha telega, mas com uma simples codorniz na bolsa.

— Fui eu que tive a culpa, disse Kaciane, de repente; afastei de ti a caça.

— Como?

Debalde tentei persuadil-o de que não era por causa de uma ou outra palavra proferida junto de certas hervas, que eu voltava sem caça. Chegámos, por fim, á habitação de Kaciane. Annoucka não estava na cabana, mas já viera e deixara lá o cesto.

O cocheiro examinou o eixo e achou-o soffrivel. Á partida dei algum dinheiro a Kaciane que não o acceitou senão depois de reflectir muito.

Estava encostado á porta, como costumava, insensivel aos sarcasmos de Jerofé e ás minhas despedidas amaveis.

Notei que o meu cocheiro estava de um humor insupportavel e, pelo caminho, certifiquei-me d'isso. Não achava nada que comer, na aldeia, e o tanque dos cavallos estava quasi secco.

O descontentamento lia-se-lhe na cara; esperava que eu lhe dirigisse a palavra e limitava-se a articular alguns monosyllabos.

— Bonita aldeia, dizia elle... Chamar aldeia a isto... Nem ao menos Kwars...

Depois desabafou com os cavallos.

— Bem te conheço, hypocrita! dizia, fustigando o cavallo da direita, finges que puxas. Eras um bello animal, d'antes, mas agora não passas de um velhaco... eh! lá!... eh! lá!...

— Dize-me uma cousa, Jerofé, quem é este Kaciane?

Elle, como homem prudente e bem avisado, não respondeu logo, mas notei que a minha pergunta lhe agradara.

— O Pulga? disse, afinal, agitando as redeas. É um homem extraordinario, um idiota como não ha outro; abandonou o trabalho; é verdade que, com um corpo assim!

Antigamente guiava o carro dos tios d'elle, que tinham cavallos, mas, um bello dia, mandou-os passear.

Depois começou a viver só, sempre de um lado para o outro, merecendo bem a alcunha de Pulga. Mais livre do que as cabras, corre, pára, sae, entra; umas vezes profere grandes discursos, outras, conserva-se horas e horas sem dar uma palavra. É um homem extraordinario, não ha outro como elle; ainda assim, canta bem, sim, gravemente... muito bem.

—E é medico?

—Aquillo, medico? Ora adeus! Comtudo, já me curou de escrophulas. É um simplorio, não é um medico.

—Conhecel-o ha muito tempo?

—Ha bastante.

—E aquella pequena, a Annoucka, quem é? é parente d'elle?

O cocheiro olhou para mim de revez:

—Parente?... é orphã. Não se sabe quem é a mãe d'ella, mas o velho parece estimal-a bastante; afinal, é uma rapariga de juizo, intelligente, e Kaciane já começou a instruil-a.

—Que diabo, disse, de repente, Jerofé, sorvendo o ar, cheira a queimado. Ah! já sei... é o eixo novo... queimado... vou buscar agua áquelle charco.

Desceu vagarosamente da almofada, trouxe a agua e ouviu, cheio de alegria, sibilar o cubo da roda, repentinamente submergido.

Repetiu a experiencia umas dez vezes, durante uma jornada de oito verstas. Chegámos a casa ao anoutecer.

Ivan TOURGUENEFF.

O OUTOMNO DE UMA MULHER

PRIMEIRA PARTE

(Continuação)

I

Sim, o abbade tinha dito bem. Uma voz interior, cumplice d'aquella voz severa, pronunciava a mesma sentença.

Sentia de novo surdir lagrimas, quando o coupé parou na praça da Opera. Enxugou os olhos com vivacidade. A diversão do apeiar-se, sob a chuva miuda, vinha a proposito para acalmal-a.

Na loja, largamente illuminada, tinham-se refugiado muitos transéuntes, que saboreavam doces d'Italia e d'Austria, embebidos em vinhos lombardos ou sicilianos. M.me Surgère fez a sua encommenda, escolhendo lentamente, nas taças de vidro que lhe mostravam, os pequeninos circulos dos *ravioli;* e comprazia-se na sensação tranquillisadora de esquecer, de reentrar na existencia ordinaria interrompida pela sua visita ao abbade.

Tornando a metter-se na carruagem, mirava as casas, as arvores, o recorte do céo avermelhado e chuvoso, que descobria pela vidraça da frente, em torno do pesado vulto do cocheiro; olhava para tudo isso obstinadamente, para occupar o pensamento com os olhos, amordaçando a voz

que dizia: «Logo, logo...» Pois bem, seja assim, logo! Mas primeiro, ao menos, ia tornar a vêr o seu amado: elle esperava-a, lendo o *Temps*, no pequeno *boudoir* do primeiro andar, a que chamavam o «salão musgo» por causa da côr dos estofos. Mais uma volta de rua, depois a estação das carruagens, depois a grande clareira da praça Wagram, e finalmente a casa: as rodas encostam-se levemente ao passeio, roçando por elle, o cavallo pára, arripiado com a chuva.

...Era um vasto edificio, á beira de um jardim copado como um bosque, construido da vespera, para uma actriz celebre, por um director apaixonado. A artista chegara a installar-se, estando as pinturas ainda mal enxutas, as tapeçarias incompletamente assentes; e como as salas eram immensas, com desusadas superficies a ornamentar, alturas de janella que desafiavam os estofadores, a ligação acabara antes da installação completa, e uma bella manhã, desabando tudo, a um tempo, theatro e amor, ella abalara, deixando a mobilia, levando as joias. Algumas semanas depois, os dois directores socios do Banco de Paris e de Luxemburgo compravam a casa, mobilada como estava. Foi annunciada nos jornaes essa installação principesca; tornava-se urgente levantar aos olhos do publico uma Sociedade á qual o recente suicidio de M. Artoy, e a ruina pessoal d'elle haviam desacreditado.

O palacio propriamente dito, cuja fachada deitava sobre a praça, foi destinado aos esposos Surgère, os quaes tomaram para si aposentos separados.

O marido, inhabilitado, incapaz de andar, de subir uma escada, ficou habitando o rez do chão, que continha ainda as cosinhas, a dispensa e o quarto de Tonia, a ama corsa de Julia, agora encarregada do serviço da porta. O primeiro andar comprehendia as salas, a casa de bilhar, a casa de jantar, o *boudoir* «musgo». Os aposentos de Julia eram no segundo andar, com a bibliotheca e alguns quar-

tos desoccupados. Um pavilhão, genero Luiz XVI, antiga casa de campo de algum parisiense de outro tempo, respeitada no meio do jardim pelos demolidores, foi reservado a M. Esquier.

Sobre a praça de Wagram abriam duas portas monumentaes. M.me Surgère tocou á da direita, ao mesmo passo que o cocheiro, dando volta, gritava: «Porta!» á da esquerda.

Immediatamente, passando por baixo de uma *marquise*, e subindo os degraus arredondados do portão, abria-se o vestibulo, verdadeiro vestibulo de palacio, com as suas quatro columnas canneladas, frisos e cornijas de marmore, escada de pedra abrindo-se em dois ramos, e tudo coberto de tapeçarias Renascença.

Julia subiu depressa, entregando, de passagem, á creada de quarto que a esperava, o guarda-chuva, com um rapido: «Obrigado, Mary».

Ao passar em frente do salão musgo, o coração bateu-lhe tão forte, que se apoiou um momento á parede... Elle estava ali, o pobre amigo; esperava, ignorando que ella acabara ha pouco ainda de atraiçoar a sua ternura, e que voltava armada contra elle!... Seguiu, porém, o seu caminho, e entrou no seu quarto. No mesmo momento, Mary entrava tambem, tendo subido por outra escada. Emquanto a desembaraçavam da sua roupa molhada, pensou com uma nitidez absoluta, como se uma voz extranha lhe pronunciasse estas palavras ao ouvido: «Não, isto não ha de succeder; Mauricio não sae d'aqui... com toda a certeza!»

...O triplo espelho do armario inglez reflectia os hombros nus de Julia, os braços despidos, o seu contorno geral rejuvenescido pelas saias curtas e pelo decote do colete. Com a brancura sem rugas, sem máculas, e as curvas solidas dos seus hombros, era certo que estava infinitamente desejavel e encantadora. D'antes, bastante des-

cuidosa da sua belleza, occupava-se hoje com ella para Mauricio, porque se alegrava ao vêr nos olhos d'elle a chamma de satisfação que accendia o aspecto de um vestido feliz, de um penteado gracioso, porque queria ouvir estas palavras a meia voz, quando elle se sentava ao seu lado, á mesa: «Está muito bonita»; porque era mulher, no fim de tudo, embora sem *coquetterie*, sem pretenção de agradar aos indifferentes. A mulher agitada pelo amor é uma noiva; a natureza exige-lhe que se enfeite, que se corôe para o enlace proximo.

— Que vestido quer a senhora hoje para o jantar?

— O de grenadine preta, Mary.

Usava de preferencia estas duas côres, verde malva ou preto. O costureiro Chavannes pretendia que as côres excessivamente claras a engrossavam. Emquanto a Mauricio, entendido em *toilettes* femininas, esse professava verdadeiro horror por côres muito vivas, nos aposentos semi-obscuros, na luz rara de Paris.

Quando estava prompta, saia colchetada, corpo pregado, disse a Mary que se retirasse; ajoelhou um instante, sobre um almofadão, á cabeceira da cama; e ahi, exaltada por um poderoso esforço da sua consciencia, pediu francamente a Deus a graça de lhe dar força para ella cumprir inteiramente o seu dever. Marcou hora precisa, a si mesma: «Ha de ser depois de jantar, quando Esquier se tiver retirado, e emquanto meu marido dormir na sua poltrona...»

Mas n'isto, lá de baixo, do fundo da escada ouvia-se, a chamar, uma voz de rapariga, de timbre musical e grave:

— Mary!

— Menina?

— A senhora já chegou?

— Já sim, menina; vae descer agora.

Era Clara Esquier. M.me Surgère tinha esquecido, na tormenta d'aquella tarde, que hoje, dia de sahida no recolhi-

mento de Sion, Clara devia ir jantar lá em casa. A presença d'esta creança dava-lhe prazer, como se a innocencia d'ella a fortificasse. Bruscamente, a porta abriu-se; M.me Surgère viu no espelho a tripla imagem de Clara, trez raparigas identicas, vestidas com aquelle uniforme escuro, com que os conventos se comprazem em enluctar a mocidade.

Clara era alta, embora não tanto como Julia, delgada de cintura, ainda não desenhada completamente no peito e nos quadris.

Tinha um ar de primavera, uma especie de graça pueril que lhe era dada pelo delgado dos braços, do pescoço, pela extraordinaria frescura de pelle. Achavam-a mais extranha que bonita, pelle excessivamente branca, cabellos demasiadamente pretos, olhos tão escuros que a iris lhe devorava a pupilla inteira, bôcca vermelha e dentes azulados como o marfim delgado. Parecia simultaneamente delicada e musculosa, voluntaria e timida.

Disse com a sua voz singular:

—Não a incommodo?

—Não, filha. Entra.

M.me Surgère voltou-se, e beijou Clara.

Gostava muito da filha d'Esquier, o seu mais querido amigo, testemunha da sua vida intima desde o seu casamento. Quando Esquier enviuvou, Clara tinha cinco annos. Julia, que apaixonadamente e em vão tinha desejado ser mãe, empregou n'ella todos os thesouros de ternura que havia de reserva no seu coração. A creança retribuia-lhe o affecto, mas não gostava de caricias, e furtava-se a ellas por instincto. Era uma d'essas historias pueris que divertem duas gerações n'uma familia, contar que, sendo pequena, quando extranhos a beijavam, ella retirava-se depois para um canto da sala e limpava furtivamente as faces. Hoje, quasi senhora, aos dezesete annos, não limpava as faces, mas ficava com a apparencia muito seria, concentrada, falando pouco, ciosa do seu pensamento, como que

interessada por um sonho intimo, por um segredo no qual não desejava ter participante.

N'esse momento, attenta, reparava em Julia.

— Como está bonita! disse.

— Achas?

M.me Surgère mirou-se e pensou:

«Ella tem razão; estou bonita».

Nas suas faces, ainda ha pouco banhadas em lagrimas, ajustara-se de novo a mascara que o habito do mundo dá ás mais sinceras até, a mascara necessaria, que não deixa transparecer nada da physionomia interna da alma, nem pezar, nem medo, nem ternura, nada.

— E tu, tambem, estás muito bonita, disse ella percorrendo Clara, com os olhos. Para estares bonita, assim arranjada...

A pequena córou.

— Deixa estar, que has de ficar lindissima quando nós te vestirmos. Sempre é para fevereiro a sahida definitiva?

— Para o principio de março... é.

— Gostas muito?

A sua physionomia teve uma expressão incerta. Falando verdade, se consultava o coração, não encontrava no fundo d'elle nenhum desejo preciso. Quantas raparigas como ella renunciariam de boamente a conhecer o mundo, para não abandonarem o asylo querido da sua infancia!... Clara via simplesmente, n'aquella sahida do convento, um meio de vêr mais vezes alguem, que ella tinha a um tempo desejo e medo de encontrar. Isso, porém, era um segredo d'ella.

Declarou, com o tom decidido de uma mulher que comprehende e acceita com antecipação o seu papel na vida:

— Quer goste, quer não, tem de ser assim, pois não é verdade?

A creada de quarto entrava discretamente:

— Minha senhora, disse ella, a allemã Helo diz que o senhor está já na casa de jantar com o sr. Esquier, e que está impaciente.

— Depressa; Mary, dá cá um lenço... Clara, vae dizer a Mauricio, que desça. Elle ha de estar no salão musgo.

Uma ligeira nuvem sanguinea tingiu a pelle branca de Clara. Hesitou.

— Podemos avisal-o quando passarmos, disse.

Estavam promptas; sahiram do quarto, de mãos dadas. Deante do salão musgo, M.me Surgère empurrou a porta entreaberta:

— Mauricio, vamos jantar!

Parecia perfeitamente tranquilla, serenada pela presença de Clara.

Mauricio appareceu immediatamente. Ella não poude defender-se de envolvel-o n'um olhar terno que a transfigurava, n'um olhar de apaixonada sequiosa, desejando beber n'um trago só todo o sêr amado... Pequeno de estatura, miudo, extremamente bello, Mauricio parecia, de tal modo o typo do seu rosto se impregnava em exotismo, um principe arabe qualquer, vestido á ultima moda de Londres. O seu tom mate avivava-se com o preto retinto e luzente dos seus cabellos, do seu bigode, da sua barba ligeira; mas dois olhos admiraveis, com pupillas de ambar claro, davam áquelle rosto de Oriental a mobilidade, a inquietação, a nervosidade do Occidente... Era um d'esses homens que a um tempo causam desejo e mettem medo ás mulheres, e que na vida d'ellas estão destinados a mais admirações do que aventuras.

Com modos preoccupados, descontentes, cumprimentou M.me Surgère, sem responder com um sorriso ao sorriso d'ella.

— Divertiu-se muito esta tarde? perguntou.

(Continúa).

Marcel PRÉVOST

LOURDES (*)

PRIMEIRO DIA

II

(Continuação)

N'uma manhã, rebuscando nos enormes gavetões da estante, Pedro descobrira uma verdadeira collecção de documentos sobre os milagres de Lourdes. Era um processo completo, copias d'onde constavam os depoimentos de Bernadette, autos administrativos, relatorios da policia, consultas de medicos, sem contar cartas particulares e confidenciaes do mais vivo interesse. Surprehendido com o achado, interrogara o doutor Chassaigne e este lembrara-se que o seu amigo Miguel Froment, havia effectivamente estudado com apaixonado interesse, n'um dado momento, o caso de Bernadette; e elle, doutor Chassaigne, natural de uma aldeia visinha de Lourdes, tivera que intervir para procurar ao chimico parte dos documentos. Então Pedro, por sua banda, apaixonara-se pela questão, durante um mez, infinitamente seduzido pela figura erecta

* Por contracto com Emilio Zola a propriedade da traducção d'este romance em lingua portugueza, pertence á empreza da LEITURA.

e pura da vidente, mas revoltado contra tudo o que brotara depois, fetichismo barbaro, superstições dolorosas, simonia triumphante. Na crise de incredulidade em que estava, é certo que a historia vinha de molde a apressar-lhe a ruina da fé. Mas tambem chegara a ponto de lhe irritar a curiosidade, incitando-o a fazer um inquerito, para prestar ao christianismo puro o serviço de o desembaraçar d'essa escoria, d'esse conto de fadas tão tocante e tão infantil. Depois tivera de abandonar o estudo em que andava empenhado recuando deante da necessidade de uma jornada á Gruta, laborando nas maiores difficuldades para obter os esclarecimentos que lhe faltavam; e nada lhe restara senão um sentimento carinhoso por Bernadette, em quem não podia pensar sem um delicioso encanto e uma infinita piedade.

Corriam os dias e Pedro cada vez vivia mais só. O doutor Chassaigne acabava de partir para os Pyrineus, cheio de mortal anciedade: abandonava a clientela, conduzia a Cauterets a esposa doente, que elle e a filha, adoravel rapariga, já crescida, viam com angustia definhar dia a dia. Desde então a pequena casa de Neuilly cahira n'um silencio, n'um vasio de morte. A unica distracção de Pedro era ir de tempos a tempos visitar os Guersaint, que havia muito se tinham mudado da casa visinha, e que moravam no fundo de uma rua miseravel do bairro, n'uma pequena habitação. E a lembrança da sua primeira visita conservava-a tão viva, que teve uma dôr aguda no coração, ao recordar-se da commoção que o invadira deante da pobre Maria.

Despertou, olhou, e viu Maria estendida no assento do wagon, tal como a encontrara então, já, pregada n'aquella tumba, a que adaptavam rodas, para a passeiar. Ella, outr'ora tão trasbordante de vida, sempre a mecher e a rir, morria agora de inacção e immobilidade. Só conservava os cabellos, que a vestiam de manto de ouro, e tão magra estava, que parecia ter diminuido de tamanho e voltado á estatura de creança. E o que havia de desolador n'aquelle

rosto pallido, eram os olhares vasios e fixos que não viam, a obsessão continua, a distracção, uma expressão de anniquilamento no fundo do seu mal. Maria, todavia, reparou que Pedro a contemplava e quiz sorrir-lhe; mas os gemidos accudiam-lhe aos labios, e que triste sorriso de doente convencida de que ia expirar antes do milagre! O padre ficou desorientado, não ouvindo, não vendo senão a ella, no meio das outras dôres de que o wagon ia cheio, como se Maria as resumisse todas, na longa agonia da sua belleza, da sua alegria e da sua mocidade.

E, pouco e pouco, sem tirar os olhos de Maria, Pedro volveu aos dias d'outr'ora, saboreou as horas de amargo e e triste encanto, que passára junto d'ella, quando ia fazer-lhe companhia, na pequena habitação tão pobre. M. de Guersaint acabara de completar a sua ruina, mettendo-se-lhe na cabeça renovar a industria das estampas religiosas, cuja apparencía réles o irritava.. Déra cabo dos ultimos recursos com a fallencia de uma casa de impressão a côres; e distrahido, imprevidente, confiado na divina Providencia, vivendo na continua illusão da sua alma pueril, nem dava pela crescente falta de meios, e andava então a estudar a direcção dos balões, sem vêr sequer que Branca, a filha mais velha, obrava prodigios de actividade para conseguir ganhar o pão dos «filhos», como ella chamava ao pae e á irmã. Era Branca, que com lições de francez e de piano, correndo Paris desde pela manhã até á noute, na poeira e na lama, encontrava ainda o dinheiro necessario para o tratamento continuado de que a irmã carecia. E esta muitas vezes enchia-se de desespero, desatando a chorar desatinadamente, accusando-se de ser a origem principal da ruina. Tantos annos havia que se pagava a medicos, e que a traziam por todas as aguas imaginaveis, a Bourboule, Aix, Lamalou, Amélie-les-Bains! Agora estava abandonada dos medicos, apoz dez annos de diagnosticos e de tratamentos differentes: uns pensavam que era ruptura dos ligamentos largos, outros que era tumôr, outros que era para-

lysia originada na medulla; e como Maria se recusava a qualquer exame, n'uma revolta de virgem, que tornava quasi impossivel um interrogatorio, cada um persistia na sua explicação, capitulando a doença de incuravel. De resto a pobre rapariga contava só com a ajuda de Deus, cheia de estreita devoção assim que adoecera, não encontrando allivio senão na sua fé ardente. O grande pezar que tinha era não poder ir á egreja, mas lia em casa a missa todas as manhãs. As pernas inertes tinha-as como mortas, e chegara a tal estado de fraqueza que em certos dias era preciso a irmã dar-lhe de comer.

Pedro, n'este momento, recordou-se. Era tambem uma tarde, antes de se accenderem as luzes. Estava assentado ao pé d'ella na escuridão crescente; e de subito Maria dissera que queria ir a Lourdes, e que estava certa de voltar bôa. O padre ficara incommodado, esquecido do seu papel, bradando que era loucura pensar em semelhantes creancices. Com ella nunca falava de religião, recusando não só confessal-a, mas até dirigil-a nos pequenos escrupulos de devota. Era uma especie de piedade e de pudôr, porque lhe custava mentir-lhe, e por outro lado consideraria um crime se, com um sopro que fosse, embaciasse a pureza d'essa fé, que lhe dava forças ante o soffrimento. Desgostoso com a exclamação, que não pudera reprimir, ficara horrivelmente perturbado, quando de subito sentiu a mão fria da doente pegar na sua; e brandamente, corajosa, mercê da obscuridade, com voz entrecortada, Maria ousava fazer-lhe comprehender que lhe conhecia o segredo, essa medonha desgraça para um padre que consistia em não acreditar na religião. Nas conversas anteriores Pedro sem querer dissera tudo, apesar do proposito firme em que estava, e Maria penetrara no fundo da consciencia d'elle, por delicada intuição da sua alma affectuosa e dolorida. Affligia-se horrivelmente por causa de Pedro, pensando n'essa mortal doença de espirito, mais compadecida do pobre companheiro de infancia do que

de si propria. Depois, como ficara embaraçado, não encontrando resposta, confessando a verdade com o silencio, Maria tornara a falar de Lourdes, e accrescentava baixinho que o queria confiar tambem á Virgem Santa, supplicando-lhe que o restituisse á Fé. E, a partir d'esse serão, Maria não cessava de repetir que se fosse a Lourdes voltaria curada. Mas havia a questão de dinheiro que a detinha, e nem se atrevia a falar á irmã. Decorreram dois mezes, e Maria enfraquecia a olhos vistos, extenuada de sonhos, com os olhos fixos ao longe na flammejante gruta milagrosa.

Pedro, então, passára dias crueis. Primeiro recusara peremptoriamente acompanhal-a. Depois vacillara na resolução com a ideia de que, decidido á jornada, poderia utilisal-a continuando o inquerito ácerca de Bernadette, cuja figura encantadora, conservava no coração. E, finalmente, sentira a penetral-o uma doçura, uma esperança inconfessada, a ideia de que Maria talvez tivesse razão, e que a Virgem poderia apiedar-se d'elle, restituindo-lhe a fé cega, a fé da criancinha que ama e não discute. Ah! acreditar com todas as veras d'alma! mergulhar no abysmo da crença! Não havia certamente outra felicidade possivel! Aspirava á fé, com toda a alegria da mocidade, com todo o amor que votara á mãe, com todo o desejo ardente que sentia de escapar ao tormento de comprehender e de saber, adormecendo para todo o sempre no fundo da divina ignorancia. Era uma cobardia deliciosa, essa esperança de não ser mais do que uma cousa nas mãos de Deus. E assim chegara ao desejo de tentar a ultima experiencia.

Oito dias depois a viagem a Lourdes ficara resolvida. Mas Pedro exigira uma ultima consulta dos medicos para saber se Maria estava realmente no caso de ser transportada; e essa era ainda uma das scenas que evocava, e da qual via com persistencia, certos pormenores em quanto outros se desvaneciam já. Dois dos medicos, que antigamente haviam tratado da doente, um acreditando na ru-

ptura dos ligamentos largos, outro diagnosticando uma paralysia, devida a lesão da espinha, tinham acabado por ficar d'accordo em que era de facto paralysia, com accidentes, talvez, do lado dos ligamentos: lá estavam todos os symptomas, e o caso parecera-lhes tão evidente, que não tinham hesitado em assignar as certidões, cada um por sua banda, quasi conformes e de uma affirmação decisiva. De resto julgavam ambos a viagem possivel apezar de dolorosissima. Fôra isto que resolvera Pedro, porque encontrara os doutores cheios de prudencia e de escrupulos; e não lhe ficavam senão lembranças confusas do terceiro medico, Beauclair, seu parente, rapaz de intelligencia viva, ainda pouco conhecido e com reputação de excentrico. Depois de contemplar Maria por muito tempo, Beauclair inquirira com insistencia ácerca dos ascendentes da doente, mostrando grande interesse pelo que lhe contavam de M. de Guersaint, architecto atravessado de inventor, espirito fraco e exhuberante; depois quizera medir o campo visual da enferma, e apalpando-a discretamente, certificara-se que a dôr acabara por localisar-se no ovario esquerdo, e que quando se carregava ali, essa dôr parecia subir até á garganta, n'uma massa pesada que a abafava. Parecia não ligar importancia á paralysia das pernas. E, desde então a uma pergunta directa, exclamara que era preciso leval-a a Lourdes, e que lá ficaria curada, se estava persuadida da cura. Dizia, sorrindo, que a fé é que nos salva e que duas das suas doentes, muito religiosas, mandadas para Lourdes no anno anterior, tinham voltado de explendida saude. Chegava a annunciar o modo pelo qual o milagre havia de realisar-se, muito de repente, n'uma especie de acordar subito, n'uma exaltação de todo o sêr, em quanto que a molestia, o peso diabolico que abafava a doente, subiria uma vez por todas e desappareceria como se lhe sahisse pela bôcca. Mas recusou absolutamente passar-lhe certidão. Não se entendera com os dois collegas, que tratavam com friesa as theorias aventu-

rosas do moço medico; e Pedro, confusamente, conservara na memoria pedaços da discussão, recomeçada na sua presença, bocados da consulta de Beauclair: uma luxação no orgão, com ligeiras rasgaduras nos ligamentos, por causa da queda de um cavallo, depois uma lenta reparação, as cousas voltando ao ser logar, e apoz isso accidentes nervosos consecutivos, de modo que na sua opinião a doente não fizera senão viver sob a obsessão do medo primitivo, com a attenção localisada no ponto lesado, immobilisada na dôr crescente, incapaz de adquirir noções novas, a não ser que fosse vergastada por qualquer commoção violenta. De resto Beauclair admittia tambem accidentes de nutrição ainda mal estudados, cujo progresso e importancia nem se atrevia a dizer. Sómente, a ideia de que Maria «sonhava» o seu mal, de que as horriveis dôres que a torturavam provinham de uma lesão curada havia muito tempo, parecera tão paradoxal ao proprio Pedro, quando a via para ali agonisante e com as pernas já mortas, no seu catre de miserias, que nem se demorara a pensar, satisfeito simplesmente n'esse minuto por vêr que os tres medicos estavam de accordo em auctorisar a viagem a Lourdes. Para a acompanhar até aos confins da terra, bastava-lhe que fosse possivel a cura.

Que barulhada em que tinham vivido nos ultimos dias de Paris! Ia partir a peregrinação nacional e Pedro tivera a ideia de fazer «hospitalisar» Maria para evitar as despezas mais avultadas. Em seguida tivera que andar depressa para por sua parte entrar na Hospitalidade de Nossa Senhora da Salvação. M. de Guersaint andava encantado, porque gostava do campo, e ardia em desejos de conhecer os Pyrineus. Não se preoccupava com cousa alguma, e acceitava perfeitamente que o moço ecclesiastico lhe pagasse a viagem, e o tomasse á sua conta no hotel, em Lourdes, como se fosse uma creança. Como Branca á ultima hora lhe tinha mettido na mão uma peça de vinte francos, julga-

va-se rico. A pobre Branca tinha escondidos cincoenta francos de economias, que fôra preciso acceitar, porque a heroica rapariga queria auxiliar tambem a cura da irmã, visto que não podia ir na viagem, presa em Paris pelas lições, continuando a palmilhar a dureza das ruas, em quanto os seus ajoelhassem, lá ao longe, entre os encantamentos da Gruta. E tinham partido, e lá iam rodando ainda.

Na estação de Châtellerault, vozes falando alto sacudiram Pedro do seu entorpecimento. O que era aquillo? Teriam chegado a Poitiers? Mas dera meio-dia apenas, e era soror Jacintha fazendo rezar as tres Ave-Marias, repetidas tres vezes. As vozes entrecortavam-se, e novo canto se ergueu prolongando-se n'um lamento. Ainda vinte e cinco minutos bem puchados antes de chegarem a Poitiers, onde parecia que a paragem de meia hora iria alliviar todas as dôres! Iam tão mal, tão brutalmente sacudidos, no wagon empéstado e ardente! Era soffrer demais! Grandes lagrimas corriam nas faces de M.me Vincent, surda blasphemia escapara a M. Sabathier, em geral tão resignado, emquanto que frei Isidoro, a Grivotte e M.me Vêtu pareciam ter cessado de existir, semelhantes a destroços levados pela onda. De olhos fechados, Maria já não respondia e não queria abril-os, perseguida pela cara de Elisa Rouquet horrivel visão esburacada e hedionda, que era como a imagem da morte. E, entretanto que o comboyo augmentava de velocidade, com o seu carregamento de dôres humanas, sob o ceu sombrio, atravez das planicies em brasa, deu-se ainda uma cousa espantosa. O homem já não respirava, uma voz bradou que elle estava a morrer!

III

Assim que o comboyo parou em Poitiers, soror Jacintha tratou logo de se apeiar, no meio da balburdia dos homens

que abriam as portinholas e dos peregrinos que se precipitavam.

—Esperem, esperem, dizia ella! Deixem me passar primeiro, quero vêr se já morreu!

Depois, de subir para o outro compartimento, levantou a cabeça do homem, julgou effectivamente que tivesse morrido, ao vêl-o tão livido e com o olhar vasio. Mas sentiu um ligeiro sopro.

—Não, não, respira ainda. Depressa, aviemo-nos!

E vendo a outra religiosa, que estava n'esta extremidade do wagon:

—Soror Clara dos Anjos faça favôr de ir buscar o padre Massias. Deve estar no terceiro ou quarto wagon. Diga-lhe que temos um doente de grande perigo, e que traga immediatamente os Santos Óleos.

Sem responder, a religiosa desappareceu, na massa de povo. Era baixa, de expressão meiga e fina, com arsinho recolhido, olhos cheios de mysterio, muito activa, todavia.

Pedro, que seguia a scena, de pé no outro compartimento, permittiu-se uma reflexão:

—Se fossem tambem chamar o medico?

—Decerto, estava pensando n'isso mesmo, respondeu soror Jacintha. Ai! senhor abbade se tivesse a bondade de lá ir!

Justamente Pedro tencionava ir ao fourgon da cantina, pedir um caldo para Maria. Mais alliviada, desde que os solavancos cessaram, a doente abrira os olhos e pedira ao pae para a assentar. No seu ardente desejo de ar puro bem quizera que a descessem um instante para a plataforma. Mas bem via que era pedir muito, que seria demasiado trabalho fazel-a subir outra vez. E M. de Guersaint que, como a maior parte dos peregrinos e dos doentes almoçara no comboyo ficou em baixo ao pé da portinhola aberta, a fumar um cigarro, ao passo que Pedro corria ao fourgon da ambulancia onde com uma pequena pharmacia estava o medico de serviço.

Ficaram tambem no wagon outros doentes, que não era possivel fazer descer. A Grivotte suffocava e delirava; e até reteve M.me de Jonquière, que promettera encontrar-se no bufete com sua filha Raymunda, com M.me Volmar e M.me Desagneaux, para almoçarem todas quatro juntas. Como havia de deixar sosinha a pobre creatura que parecia estar a decidir? E M. Sabathier pregado no seu logar, esperava M.me Sabathier, que lhe tinha ido buscar um cacho de uvas; entretanto que Martha não se bolira afim de não abandonar o irmão missionario cujo gemer fraco continuava. Os outros, os que podiam andar, acabavam de sahir de tropel, anciosos por escapar um momento áquelle wagon de pesadello, onde os membros se lhes entorpeciam havia sete immensas horas que tinham partido. M.me Máze, immediatamente, tinha-se affastado, chegando a uma das extremidades desertas da estação, espairecendo ali a sua melancolia. Idiota á força de soffrimento, M.me Vètu tivera força para dar alguns passos, e para ir assentar-se depois n'um banco á torreira do sol, cuja escaldadura nem sentia; ao passo que Elisa Rouquet, que tivera o pudôr de embrulhar a cara na manta preta, buscava por toda a parte uma fonte, devorada de um desejo de agua fresca. E M.me Vincent, a passos vagarosos, passeiava nos braços a sua Rosinha, procurando sorrir-lhe, alegral-a um momento mostrando-lhe imagens violentamente coloridas que a creança, cheia de gravidade, olhava sem vêr.

Entretanto Pedro déra-se a pêrros para abrir caminho no meio da multidão, que cobria a plataforma. Era inimaginavel a onda viva, os aleijados e os sãos, que o comboyo despejara ali assim, perto de mil pessoas que se agitavam, que corriam, n'um apertão tremendo. Cada wagon lançara de si a sua horda de miseraveis, como uma enfermaria que se evacua; e só assim podia vêr-se, que somma horrorosa de molestias transportava o terrivel comboyo branco, que acabava por deixar na sua passagem, uma lenda de terrôres. Havia enfermos que se arrastavam,

outros que iam em braços, muitos que ficavam empilhados na plataforma. E havia empurrões bruscos, chamamentos violentos, uma ancia doida na direcção do bufete e da buvette. Todos se apressavam, cada um tratava de si. Só tinham essa paragem de meia hora, antes de chegar a Lourdes e era tão curta! E a unica nota alegre, no meio das batinas pretas e dos fatos usados, sem côr precisa, era a alvura ridente das irmãsinhas da Assumpção, todas brancas e cheias de actividade, com as toucas, os escapularios, e os aventaes côr de neve.

Quando finalmente Pedro chegou ao fourgon da ambulancia, a meio comboyo, encontrou-o já cercado. Havia ali um fogão de petroleo, e bem assim uma pequena bateria, para breves cosinhados. O caldo feito com succos concentrados, aquecia em panellas de ferro batido; e o leite comprimido em latas só era desfeito e utilisado á medida que era preciso. Alguns outros comestiveis, bolachas, fructa, chocolate, estavam em prateleiras. Mas, deante das mãos ávidas, estendidas, soror São-Francisco, a encarregada do serviço, mulher de quarenta e cinco annos, baixa e gorda, de rosto fresco e agradavel, perdia um pouco a cabeça. Teve que continuar na distribuição, ouvindo Pedro que chamava o medico installado em outro compartimento do fourgon, com a pharmacia de viagem. Depois como o moço ecclesiastico désse explicações e falasse do pobre homem que estava á morte, a religiosa fez-se substituir, queria tambem por sua banda ir ver.

—Mas vinha tambem, minha irmã, pedir-lhe um caldo para uma doente.

—Pois está bom, senhor abbade, vou levar-lh'o. Vá adeante de mim.

Apressaram-se, o medico e o abbade, trocando perguntas e respostas rapidas, seguidos por soror São Francisco, que cheia de prudencia levava a tigella de caldo, no meio do povo que se acotovellava. O medico era um rapaz moreno, de cerca de vinte e oito annos, robusto, bonito mo-

ço, com uma cabeça de imperador romano, como ainda de vez em quando surgem nos campos abrazados da Provença. Assim que soror Jacintha o viu, teve uma surpreza, uma exclamação:

— O quê? é o doutor Ferrand!

Ambos ficaram pasmados do encontro. As irmãs da Assumpção tem a missão de cuidar dos doentes, mas unicamente dos doentes pobres, dos que não pódem pagar, agonisando pelas mansardas. Passam assim a existencia com os pobres, estabelecendo-se junto do triste leito, no quartinho acanhado, prodigalisando-lhes os cuidados mais intimos, cosinhando, arranjando a caza, vivendo como creadas ou pessoas de familia, até á cura ou até á morte. Fôra d'este modo que soror Jacintha, tão nova, com o seu rosto de leite em que os olhos azues riam sempre, se installou um dia em casa do rapaz, estudante então, attacado de uma febre typhoide, e que vivia em pobreza tal que habitava na rua du Four, uma especie de celleiro, no alto de uma escada de mão, junto do telhado. Soror Jacintha ficara junto d'elle, e tinha-o salvo com a sua paixão de viver pelos outros, como exposta que era, encontrada outr'ora á porta de uma egreja, tendo só por familia os desgraçados a quem se votava com toda a sua ardente necessidade de amar. E que mez adoravel, que deliciosa camaradagem depois, na pura fraternidade do soffrimento! Quando o estudante lhe chamava «minha irmã» era realmente a uma irmã que falava. Mas tambem era mãe, porque o levantava e o deitava como a um filho, sem que entre elles se originasse outra cousa que não fosse uma piedade suprema, a divina meiguice da caridade. E mostrava-se sempre alegre, sem sexo, sem outro instincto que não fosse o de alliviar os males e curar as dôres; e o rapaz adorava-a, venerava-a, conservando da santa rapariga a mais casta e a mais apaixonada das recordações.

— Oh! soror Jacintha! soror Jacintha! murmurou elle, encantado.

Só o acaso os punha assim em contacto, porque Ferrand não era um crente, e se ali se encontrava, era porque no ultimo minuto, consentira em substituir um amigo, impedido de repente, de accompanhar os peregrinos. Estava a fazer um anno que era medico interno no Hospital da Piedade. A viagem a Lourdes n'estas condições tão particulares interessava-o.

E com a alegria de se verem, iam quasi esquecendo o sujeito. Mas a religiosa cahiu em si.

— Olhe, doutor Ferrand, é por causa d'este pobre homem. Por um momento julgámol-o morto... Desde Amboise que nos dá o mais sério cuidado, e acabo de mandar buscar os Santos Oleos... Acha que está realmente muito mal? Não poderia reanimal-o alguma cousa?

Já, o moço medico, o estava examinando; e os outros doentes, que tinham ficado no wagon, olhavam, observavam com interesse. Maria, a quem soror São Francisco dera a tijella de caldo, segurava-a com a mão tão vacillante, que Pedro teve de lhe pegar e de experimentar darlhe de beber; mas Maria com os olhos fitos no homem, como se se tratasse da sua propria existencia, não podia engulir, não acabou o caldo.

— Diga-me cá, perguntou novamente soror Jacintha, como o acha? Que doença tem elle?

— Que doença? murmurou Ferrand, ora! tem todas!

Depois tirou um frasquinho da algibeira, e tentou introduzir algumas gottas atravez dos dentes cerrados do doente. O homem soltou um suspiro, ergueu as palpebras, e desceu-as outra vez. Mais nada, não deu outros signaes de vida.

Soror Jacintha, em geral tão tranquilla e que nunca perdia a espança, teve um movimento de impaciencia.

— Mas é terrivel! e soror Clara dos Anjos que não apparece! Pois não é porque lhe não explicasse bem em que wagon estava o padre Massias... Deus do céo! o que vae ser de nós?

Vendo que não podia tornar-se util, soror São Francisco ia voltar ao fourgon. Mas antes d'isso, perguntou, se por acaso o sujeito não estaria simplesmente a morrer de fome, porque acontecia ás vezes, e ella não vinha senão para offerecer os seus comestiveis. Finalmente ao partir prometteu que se encontrasse soror Clara dos Anjos lhe diria que se aviasse; e não estava ainda a vinte metros, quando se virou para traz, mostrando n'um gesto largo a religiosa, que voltava só com o seu passo miudinho e discreto.

Debruçada na portinhola, soror Jacintha multiplicava os chamamentos.

— Ande depressa! ande depressa!... E então? o padre Massias?

— Não está lá.

— Não está lá? como assim?

— Não está. Por mais que me apressasse não se póde avançar no meio de tanta gente. Quando cheguei ao wagon, o padre Massias já se tinha apeado e sahido da estação com certeza.

Explicou que, segundo lhe tinham dito, o padre devia encontrar-se com o parocho de Sainte-Radegonde. Nos outros annos a peregrinação nacional parava ali vinte e quatro horas: mettiam os doentes no hospital da cidade, e iam a Sainte-Radegonde em procissão. Mas n'este anno surgira um obstaculo, o comboyo devia seguir logo para Lourdes; e o padre andava certamente por ali algures com o parocho conversando juntos de qualquer negocio.

— Prometteram-me levar-lhe o recado, e mandal-o aqui com os Santos Oleos, assim que o encontrassem.

Para soror Jacintha era um verdadeiro desastre. Visto que a sciencia nada podia, talvez os Santos Oleos fizessem algum bem. Vira muitos casos assim.

— Ai! minha irmã, minha irmã! que pena que eu tenho!... Nem faz ideia! olhe, sabe o que era um favôr? era se voltasse para lá e espreitasse a vêr quando chegava o padre para m'o trazer logo aqui.

—Eu vou, minha irmã, respondeu docilmente soror Clara dos Anjos, que se affastou com o seu ar grave e mysterioso, atravessando a massa de povo, com flexibilidade de sombra.

Ferrand observava ainda o homem, desolado de não poder dar a soror Jacintha o prazer de o reanimar. E, como tivesse um gesto de impotencia, a religiosa supplicou ainda:

—Doutor Ferrand, fique commigo, espere que venha o padre... Fico mais descançada.

O medico ficou, e ajudou a endireitar o homem que escorregava do assento. Depois soror Jacintha pegou n'uma toalha e enxugou-lhe o rosto, que continuamente se cobria de suor espesso. E a espera prolongou-se, no meio do mal estar dos doentes que tinham ficado no wagon, e da curiosidade da gente de fóra, que principiava a agglomerar-se.

Uma senhora nova, vivamente affastou a multidão, e subindo ao estribo, dirigiu-se a M.me de Jonquières.

—Então, mamã, estamos á sua espera no bufete!

Era Raymunda de Jonquières, que com os seus vinte e cinco annos, tinha ares de ser um pouco mais velha, espantosamente parecida com a mãe, muito morena, de nariz muito saliente, bôcca grande, rosto cheio e agradavel.

—Mas tu bem vês, minha filha, que não posso abandonar esta pobre mulher!

E mostrava a Grivotte, attacada agora de um accesso de tosse, que a fazia estrebuchar horrivelmente.

—Ora que pena, mamã! M.me Desagneaux e M.me Volmar que consideravam uma festa o nosso almocinho de todas quatro!

—Que queres tu, minha rica filha?... Vão principiando sem mim. Dize-lhes que assim que poder escapar-me lá vou ter.

Depois, acudindo-lhe uma ideia:

—Espera lá. O medico está ali, vamos vêr se lhe confio

a minha doente... Vae andando que eu já lá vou. E se soubesses a vontade de comer que tenho!

Raymunda, voltou toda lesta para o bufete, emquanto que M.me de Jonquieres pedia a Ferrand para subir ao seu compartimento a vêr se podia dar remedio á Grivotte. Já, por desejo de Martha, o doutor examinara frei Izidoro, cujo gemido não cessava; e novamente exprimira a sua impotencia com gesto afflicto. Mostrou, todavia, empenho, levantou a phtysica, esperando fazer parar a tosse, que effectivamente diminuiu a pouco e pouco. Depois ajudou a irmã hospitaleira a fazer-lhe tomar um gôlo de poção calmante. No wagon a presença do medico continuava a agitar os doentes. M. Sabathier, que comia vagarosamente o cacho de uvas que a mulher lhe tinha ido buscar, não lhe fazia perguntas, conhecendo antecipadamente a resposta, farto como dizia, de ter consultado todos os principes da sciencia; mas nem por isso deixava de sentir uma especie de bem estar ao vel-o levantar a pobre rapariga, cuja visinhança o incommodava. E a propria Maria seguia os movimentos do medico com interesse crescente, apezar de não se atrever a chamal-o para si, certa tambem de que nada lhe podia fazer.

Na plataforma a balburdia augmentava. Só faltava um quarto de hora. Parecendo insensivel, de olhos abertos mas sem vêr nada, M.me Vêtu adormentava o seu mal ao calôr do sol em braza; ao passo que em frente d'ella M.me Vincent passeiava ainda a sua Rosa, tão leve como uma avesinha doente, cujo peso quasi se não sentia. Muitas pessoas corriam á fonte a encher bilhas, canecas, garrafas. M.me Maze, muito escrupulosa, teve ideia de ir lavar as mãos; mas quando lá chegou viu Elisa Rouquet, que se preparava para beber, e recuou deante do monstro, cabeça de cão com o focinho corroido, que estendia a fenda obliqua da ferida, com a lingua de fóra, para sorver a agua como um animal.

Grande numero de peregrinos pozeram-se a comer pela plataforma adiante. Ouvia-se o som rythmado das muletas de uma mulher que ia e vinha sem parar, no meio dos grupos. No chão, um aleijado arrastava-se, com difficuldade, em cata não se sabia de quê. Outros assentados em monte nem se mechiam já. A momentanea descarga, o hospital rolante despejado ali por meia hora, dava — no meio da agitação desorientada da gente sã, — uma impressão horrivel de miseria e de tristeza, na luz plena do meio-dia.

Pedro já não deixava Maria, porque M. de Guersaint desapparecera, attrahido pelo retalho verdejante de paizagem que se desenhava na extremidade da estação. E o moço ecclesiastico, afflicto de vêr que a pobre menina não podera acabar o caldo, forcejava, com ares risonhos, por tentar-lhe a gulodice, offerecendo-se para lhe ir comprar um pecego; mas a doente recusava, dizia que soffria muito, que cousa alguma lhe dava prazer. E mirava-o com os grandes olhos afflictos, partilhada entre a impaciencia causada pela paragem que lhe retardava a cura possivel, e o terror de ser novamente sacudida, ao longo d'esse duro, interminavel caminho.

Um sujeito gordo approximou-se e bateu no braço de Pedro. Tinha cabellos grisalhos, larga face bonacheirona, e usava a barba toda.

— Queira desculpar, sr. abbade, mas não é n'este wagon que está um pobre doente muito mal?

E, como o padre respondesse affirmativamente, tornou-se de todo familiar e boa pessoa.

— Chamo-me Vigneron, sou sub-chefe de repartição no ministerio da Fazenda, pedi uma licença para acompanhar, com minha mulher, meu filho Gustavo, a Lourdes... A pobre creança põe a sua esperança na Santa Virgem, a quem rezamos todo o dia... Estamos ali, no wagon, antes do seu, onde occupamos um compartimento de segunda classe.

Depois voltou-se para traz, chamou com um gesto a sua gente.

—Cheguem-se, cheguem-se! é aqui! O pobre doente está effectivamente muito mal!

M.me Vigneron era baixa, de rosto comprido e livido, com uma pobreza de sangue, na sua correcção de boa burgueza, que reapparecia em grau terrivel no Gustavosinho. Este, com quinze annos, parecia ter só dez, desengonçado, de magreza esqueletica, com a perna direita anemiada, posta em nada, o que o obrigava a caminhar com uma muleta. Tinha uma carinha franzina, um pouco á banda, onde só avultavam os olhos, que eram scintillantes de intelligencia, afinados pela dôr, vendo, com certeza, bem claro até ao fundo das almas.

Seguia-se uma senhora idosa, de cara opilada, arrastando as pernas com difficuldade. E M. Vigneron, lembrando-se de que a esquecera, voltou-se para Pedro, afim de completar a apresentação.

—M.me Chaise, irmã mais velha de minha mulher, e que quiz tambem acompanhar o Gustavo, de quem é muito amiga.

E, inclinando-se, baixo, em tom de confidencia:

—É a viuva do Chaise, negociante de sedas, immensamente rico. Tem uma doença de coração, coitada, que a afflige consideravelmente.

Então, toda a familia formando grupo, observou com viva curiosidade o que se passava no wagon. A agglomeração de gente não parava, e o pae, para que o filho podesse vêr á vontade, pegou-lhe ao collo um instante, ao mesmo tempo que a tia lhe segurava na muleta, e a mãe, por sua parte, se punha em bicos de pés.

No wagon era sempre o mesmo espectaculo, o homem assentado, occupando o canto, hirto e com a cabeça encostada á dura divisoria de madeira. Estava livido, com as palpebras fechadas, a bôcca repuchada pela agonia; ba-

nhado no suor gelado que soror Jacintha, de tempos a tempos, enxugava com a toalha; a boa religiosa nem falava já, nem se impacientava, voltando á serenidade que lhe era habitual, contando com o Céo, lançando simplesmente olhares de vez em quando pela plataforma a vêr se o padre Massias apparecia ou não.

— Repara bem, Gustavo, disse M. Vigneron para o filho, este homem deve estar phtysico.

A creança, roida de escrophulas, com um quadril devorado por um tumor frio, com principio de necrose nas vertebras, parecia interessar-se apaixonadamente por aquella agonia. Não tinha medo e sorria com ar infinitamente triste.

— Ai! é horrivel! murmurou M.me Chaise, que o receio da morte fazia empallidecer, no seu continuo terror de uma crise repentina que a levasse.

— Ora adeus! observou philosophicamente M. Vigneron, a todos ha-de chegar a vez, somos todos mortaes!

E o sorriso de Gustavo, então, assumiu expressão de zombaria dolorosa, como se fossem outras as palavras que ouvira, como se na exclamação paterna houvesse vago desejo inconsciente, esperança de que a velha tia morresse primeiro, deixando-lhe os quinhentos mil francos promettidos, ao passo que elle, Gustavo, não incommodaria tambem a familia por muito tempo.

— Põe-n'o no chão, disse M.me Vigneron para o marido. Estás a cançar a creança, agarrando-a assim pelas pernas.

Mostrou-se logo muito sollicita, assim como M.me Chaise, em evitar empuchões á creança. Pobre anjinho, precisava tanto de mimos! A cada minuto receiavam perdel-o. O pae opinou que o melhor era mettel-o immediatamente no compartimento. E como as duas senhoras conduzissem o pequeno, accrescentou, commovidissimo, voltando-se novamente para Pedro:

—Ai! sr. abbade, se Deus Nosso Senhor nol-o levasse, era o mesmo que levar-nos a vida... Nem falo da fortuna da tia, que passava logo a outros sobrinhos. E era contra a natureza, não era? que o pequeno se fosse d'este mundo antes d'ella, principalmente no estado de saude em que a pobre senhora se encontra... Emfim! estamos todos na mão da Providencia, e fiamo-nos na Virgem Santa, que certamente fará pelo melhor.

Finalmente, M.me de Jonquière, tranquillisada pelo doutor Ferrand, poude deixar a Grivotte. Mas teve o cuidado de dizer a Pedro:

—Preciso por força ir comer alguma cousa, e vou ao bufete um instante... Sómente, se a tosse da minha doente recomeçar, peço-lhe que me venha dizer.

No bufete, depois de ter atravessado com grande difficuldade a plataforma, foi cair no meio de uma mó de povo aos encontrões. Os peregrinos remediados haviam tomado as mesas de assalto, muitos padres principalmente açodavam-se, no meio do estrepito dos garfos, das facas e da louça. Tres ou quatro creados não conseguiam acudir ao serviço, tanto mais que a multidão os impedia, gentes que se apinhavam junto do balcão, comprando fructa, pão, carne fria. E era ali no fundo da sala que Raymunda estava a almoçar, n'uma mesinha, com M.me Désagneaux e M.me Volmar.

—Ora finalmente, mamã! exclamou ella, já ia em sua procura! Que nem comer a deixam, Deus meu!

Ria, cheia de animação, feliz das aventuras da viagem, da refeição estroina, arranjada de improviso.

—Olhe lá! guardei a sua porção de truta com môlho verde, e aqui tem uma costelleta que a espera... Nós outras já vamos nas alcaxofras!

Foi encantador. Era um cantinho alegre que mettia gosto.

M.me Désagneaux principalmente era adoravel. Nova,

franzina, de cabello louro tirante para amarello, cabellos finos esvoaçando em torno de um rostinho côr de leite, redondo, cheio de covinhas, e muito risonha, muito bondosa. Tendo casado rica deixava havia tres annos o marido em Trouville, em pleno mez de agosto, para acompanhar a peregrinação nacional, na qualidade de dama hospitaleira: era a sua grande paixão, uma piedade vibrante, uma necessidade de se entregar toda aos doentes, durante cinco dias, um verdadeiro delirio da dedicação absoluta, de que voltava extenuada e encantada. O unico pezar que tinha era não possuir filhos ainda, e arrepellava-se ás vezes, com furor comico de ter desconhecido a sua vocação de irmã da caridade.

— Ai! querida, disse ella vivamente a Raymunda, não tenha dó de sua mãe por andar tão occupada com os doentes. Ao menos tem com que se entreter!

E, dirigindo-se a M.me de Jonquières:

— Se soubesse como o tempo nos parecia comprido, no nosso bello compartimento de primeira classe! Nem sequer póde a gente fazer um trabalho d'agulha, é prohibido... Tinha pedido para me porem juntamente com os meus doentes; mas todos os logares estavam dados, e vejo-me reduzida a experimentar se posso dormir no meu cantinho esta noite.

E, rindo, accrescentou:

— Não é verdade que havemos de dormir, M.me Volmar? Visto que a conversação parece cançal-a...

M.me Volmar, que devia passar dos trinta annos, muito morena, de rosto comprido, feições finas e repuchadas, tinha olhos ramalhudos, magnificos, especie de brazeiros em que, por momentos, perpassava como que um veu sedoso e ondeado, que parecia apagal-os. Á primeira vista não era formosa, mas á medida que a gente olhava, exhalava-se d'ella uma fascinação, um poder de conquista, que a faziam desejavel ao ponto de inspirar paixões e impaciencias. De resto forcejava desapparecer, modestissima, retrahindo-se,

apagando-se, sempre de preto e sem uma joia, apesar de ser mulher de um negociante de diamantes de Paris.

— Ai, cá por mim, — murmurou ella, — com tanto que me não deem grandes empurrões, estou satisfeita.

Effectivamente, fôra já duas vezes a Lourdes, como dama auxiliar, mas no hospital de Nossa Senhora das Dôres nunca ninguem a via, atacada logo á chegada de tal canceira que, declarava ella, se via obrigada a ficar no seu quarto.

M.me de Jonquière, directora da enfermaria, mostrava, de resto, n'este ponto amavel tolerancia.

— Ora, minhas queridas amigas, não lhes faltará occasião de pagarem o seu tributo. Durmam, por consequencia, se podem, e a vez lhes chegará depois, quando eu não poder ter-me em pé.

Depois, dirigindo-se á filha:

— E tu, minha menina, não te excites muito, vê lá, se quizeres conservar a cabeça em termos.

Mas Raymunda mirou-a, sorrindo, com ar de censura.

— Ora, mamã, porque diz isso?... Então eu não sou rasoavel, hein?

E não devia ser vangloria, porque nos olhos pardos, sob o ar de mocidade descuidosa, simplesmente feliz de viver, apparecia uma vontade firme, uma resolução de fazer a vida por si mesma.

— É verdade, confessou a mãe, um tanto confusa, esta pequena tem ás vezes cousas mais rasoaveis do que eu... Olha! Passa-me a costelleta, e posso affirmar-te que será bemvinda. Jesus, Senhor! que fome com que eu estava!

O almoço continuou, alegrado pelo riso continuo de M.me Désagneaux e de Raymunda. Esta animava-se e no seu rosto, que a demora do casamento ia amarellando já de leve, brilhavam outra vez as rosas de vinte annos. Era preciso comer depressa, porque só restavam dez minutos. Em toda a sala crescia a algazarra dos convivas, que temiam não ter tempo para tomarem o café.

Mas Pedro appareceu: novamente a Grivotte se achava

suffocada; e M.me de Jonquière acabou a sua alcaxofra, em seguida voltou ao wagon, depois de ter abraçado a filha, que lhe dava as boas tardes com modos agradaveis. Entretanto o padre acabava de reprimir um movimento de surpreza, ao dar com M.me Volmar de cruz de dama hospitaleira no peito do vestido escuro. Conhecia-a, fazia ainda raras visitas á velha M.me Volmar, mãe do negociante de diamantes, antigo conhecimento da mãe d'elle: a mais terrivel das mulheres, de um beaterio exaggerado, e tão rispida e severa que fechava as persianas das janellas só para que a nora não olhasse para a rua. E Pedro sabia toda aquella historia, a pobre senhora presa desde o dia seguinte ao do casamento entre a sogra que a levava pelo terror, e o marido, monstro de fealdade repellente, que chegava a soval-a, doido de ciume, apesar de ter amigas por fóra. Não a deixavam sair, por instantes que fosse, a não ser para ir á egreja. Pedro um dia, na Trindade, surprehendera até o segredo d'ella, vendo-a por detraz da egreja trocar palavras rapidas com um sujeito correcto, de modos finos: queda inevitavel e merecedora de perdão, falta commettida nos braços do amigo discreto que o acaso depara, paixão escondida e devoradora insaciada e ardente, encontros que tanto custa a tornar realisaveis, esperados durante semanas, e aproveitados gulosamente n'uma repentina chamma de desejo.

M.me Volmar perturbara-se e estendera ao padre a mãosinha comprida e tepida.

—Ora vejam! que agradavel encontro! sr. abbade... ha quanto tempo não tenho o gosto...

E explicou que era o terceiro anno que ia a Lourdes e que a sogra a obrigara a entrar na Associação de Nossa Senhora da Conceição.

—É extraordinario que me não tivesse visto na estação em Paris. Minha sogra como de costume veiu pôr-me no comboyo, e torna a vir buscar-me na volta.

Isto era dito com toda a simplicidade, mas com ironia

tão surda e acerada, que Pedro julgou adivinhar tudo. Sabia que M.me Volmar não tinha sentimentos religiosos de especie alguma, não frequentando a egreja senão para fruir de tempos a tempos uma hora de liberdade; e o padre teve a intuição subita de que em Lourdes alguem estava á espera d'ella. Era para os ardores da paixão que provavelmente ella corria d'aquelle modo, com ar retrahido e ardente, com aquelles olhos de chamma cobertos com veu de indifferença mortal.

— Eu por mim, replicou o padre por sua vez, estou acompanhando uma amiga de infancia, uma pobre menina doente... Recommendo-lh'a, minha senhora, trate d'ella...

Então M.me Volmar córou um pouco, e o padre não duvidou mais. De resto Raymunda fazia as contas, com o desembaraço de creaturinha entendida em algarismos; e M.me Désagneaux levou comsigo M.me Volmar. Os creados perdiam a cabeça cada vez mais, as mesas iam ficando sem ninguem, toda a gente se precipitava, ouvindo tocar a sineta.

Pedro, portanto, voltava apressado ao seu wagon, quando o fizeram parar de novo.

— Ah! senhor parocho! exclamou elle, vi-o á partida, mas não pude approximar-me para lhe apertar a mão!

E estendia a sua ao velho padre, que o olhava sorrindo, com ar de bom homem. O abbade Judaine era parocho de Saligny, uma communasinha de l'Oise. Alto, robusto, tinha rosto largo, rosado, emquadrado em anneis brancos; e sentia-se que era um santo homem a quem nem a carne nem a intelligencia tinham atormentado. Dotado de tranquilla innocencia, acreditava firmemente, absolutamente, sem lucta alguma, com fé facil de creança, que não sabe de paixões. Desde que a Virgem em Lourdes o curara de uma doença de olhos por um milagre retumbante de que ainda se falava, a crença tornara-se-lhe ainda mais cega e mais cheia de meiguice, como mergulhada em divina gratidão.

— Alegro-me de o vêr comnosco, meu amigo, disse elle brandamente, porque os padres novos teem muito a ganhar com estas peregrinações... Já me affirmam que de vez em quando surge entre elles um tal ou qual espirito de revolta. Pois bem! Vae vêr toda essa pobre gente a resar e digo-lhe que é espectaculo que ha-de arrancar-lhe lagrimas... Como não ha-de a gente entregar-se nas mãos de Deus deante de tantas dôres curadas ou consoladas!

Tambem o parocho acompanhava uma doente. Mostrou um compartimento de primeira classe, em que estava pregado um letreiro dizendo: *O sr. abbade Judaine, reservado.* E baixando a voz:

— É M.me Dieulafay, sabe, a esposa do rico banqueiro d'este nome. A quinta d'elles, um verdadeiro dominio real, fica na minha freguezia; e quando souberam que a Virgem Santa houvera por bem fazer-me uma insigne graça, pediram-me muito para que intercedesse pela pobre doente. Já tenho dito missas e faço votos ardentes... Olhe! ali a tem no chão. Quiz absolutamente que a descessem por um instante, apesar do trabalho que vae dar para a pôr em cima outra vez.

Na plataforma, á sombra, achava-se effectivamente n'uma especie de caixa sobre o comprido, uma mulher cujo bello rosto, de pura oval, e olhos admiraveis, não comportava mais de vinte e seis annos. Estava atacada de doença horrorosa, — a desapparição dos saes calcareos, que trazia comsigo o amollecimento do esqueleto, a lenta destruição dos ossos. Havia tres annos que depois de dar á luz uma creança morta, sentira dôres vagas na columna vertebral. Depois pouco a pouco os ossos tinham-se-lhe rarefeito e deformado, as vertebras cediam, os ossos da bacia achatavam-se-lhe, os dos braços e das pernas encolhiam; e diminuida, como que fundida, tornara-se n'um farrapo humano, cousa fluida e sem nome, que não podia suster-se em pé, e que tinha de ser transportada com mil cuidados, não

fosse escapar-se por entre os dedos. A cabeça conservava-se bella, cabeça immovel de ar estupefacto e imbecil. E deante d'esses restos lamentaveis de mulher, o que acabava de apertar o coração era o grande luxo que a rodeava, a caixa acolxoada de seda azul, as rendas preciosas que a cobriam, a touca de «valenciennes» que tinha na cabeça, — uma riqueza que até na agonia se ostentava!

— Ai! que pena faz! tornou o abbade Jurdaine a meia voz; tão nova, tão bonita! e rica, senhora de muitos milhões! E se soubesse como todos gostavam d'ella, com que adoração a rodeiam ainda!... Olhe, o marido é o sujeito alto que está ao pé d'ella; e aquella senhora, muito elegante, é a irmã, M.me Jousseur.

Pedro recordou-se de ter lido muitas vezes nos jornaes o nome de M.me Jousseur, mulher de um diplomata, e muito conhecida na alta sociedade catholica de Paris. Até a seu respeito circulara uma historia de grande paixão combatida e vencida. De resto era lindissima, vestida com arte maravilhosamente simples, agitando-se com ar de completa dedicação, em torno da pobre da irmã. Quanto ao marido, que acabava aos trinta e cinco annos de herdar a casa colossal de seu pae, era bonito homem, claro, muito bem vestido, apertado n'uma sobrecasaca preta; mas tinha os olhos rasos de agua, porque adorava a mulher. E quizera trazel-a a Lourdes, abandonando os negocios, pondo a ultima esperança n'este recurso á misericordia divina.

Com certeza que desde pela manhã, Pedro via molestias bem hediondas, n'esse doloroso comboyo branco! Nenhuma porém, lhe tinha causado mais extraordinaria impressão de que o miseravel esqueleto de mulher, a liquifazer-se no meio das rendas finas e dos milhões.

— Pobre creatura! murmurou estremecendo.

Então o abbade Judaine teve um gesto de serena esperança.

— A Virgem Santa ha-de cural-a, tenho-lhe resado tanto!

Mas houve ainda outro toque de sineta, e d'esta vez tratava-se realmente de partir. Faltavam dois minutos. Uma

ultima onda de povo avançou, gente que voltava com cousas de comer embrulhadas em papeis, com garrafas e bilhas que tinham ido encher á fonte. Muitos perdiam a tramontana, não encontravam o seu wagon, corriam atarantados ao longo do comboyo; ao passo que os doentes se arrastavam, no meio de um ruido precipitado de muletas, entretanto que outros que caminhavam com mais difficuldade, tratavam de estugar o passo encostados aos braços das damas hospitaleiras. Quatro homens a poder de trabalho tornaram a metter M.me Dieulafay no seu compartimento de primeira classe. Já os Vigneron, que se contentavam de ir na segunda, se tinham installado de novo, entre um montão extraordinario de cestos, de caixas, de malas, que mal permittiam ao Gustavinho estender os seus membros de pobre insecto abortado. Depois, tornavam apparecer todas as caras conhecidas: M.me Maze deslisando com o seu ar mudo; M.me Vincent elevando muito alto nos braços a filhinha querida com o terror de a ouvir soltar um grito; M.me Vêtu a quem fora necessario impellir depois de accordada do idiotismo da sua tortura; Elisa Rouquet, toda encharcada por ter teimado em beber, e a acabar de enxugar a face monstruosa. E emquanto cada um retomava logar e o wagon ficava cheio outra vez, Maria escutava o pae, deliciado por ter ido ao fim da gare, até uma casinha do guarda-agulhas, donde se descobria um bocado de paizagem realmente encantadôr.

—Quer que a deitemos já? perguntou Pedro desolado pelo rosto doloroso da doente.

—Ai! não! mais logo! Não faltará tempo para ouvir essas rodas a trovejar-me dentro da cabeça, como se estivessem a esmagar-me os ossos!

Soror Jacintha acabara de rogar a Ferrand para vêr o homem antes de voltar á ambulancia. Ainda esperava pelo padre Massias, admirada de tão inexplicavel demora; mas não desistia de o vêr apparecer porque soror Clara dos Anjos não voltara.

— Sr. doutor Ferrand, peço-lhe que me diga se este desgraçado está realmente em perigo immediato.

Novamente o moço medico olhou, auscultou, apalpou. Depois fez um gesto desanimado; e em voz baixa:

— A minha convicção é que o não levam vivo até Lourdes.

Todos os pescoços se estendiam, anciosos. Ainda se fosse sabido o nome do homem, donde vinha, quem era! Mas esse miseravel desconhecido a quem não se podia arrancar palavra, e que ia morrer, ali assim no wagon sem que ninguem podesse ligar um nome áquellas feições!

Soror Jacintha teve ideia de o revistar. Nas circumstancias em que estavam não havia n'isso mal algum:

— Doutor, veja-lhe as algibeiras!

Com precaução Ferrand revistou o homem. Nas algibeiras encontrou um rosario, um canivete, e tres *sous*. Mais do que isto nunca se soube.

Uma voz n'este momento, annunciou soror Clara dos Anjos e o padre Massias. Este, no fim de contas, demorara-se a conversar com o parocho de Sainte-Radegonde n'uma das salas de espera. Houve viva commoção, e por instantes pareceu que tudo estava salvo. Mas o comboyo ia partir, os empregados fechavam já as portinholas, e era preciso despachar a extrema-uncção muito depressa, para não causar demasiada demora.

— Por aqui, senhor padre, por aqui! bradava soror Jacintha. Suba, suba, ali tem o nosso pobre doente!

O padre Massias, cinco annos mais velho que Pedro, de quem todavia fôra condiscipulo no seminario, tinha um corpanzil magro, com um rosto de asceta, rodeado de barba clara, e onde luziam olhos ardentes. Não era nem o padre torturado pela duvida, nem o padre de fé infantil, mas apostolo que a paixão arrastava, prompto sempre a luctar e a vencer, pela pura gloria da Virgem. Sob a capa negra, de grande capuz, tendo na cabeça o chapeu felpudo de aba larga, o padre resplandecia no continuo ardôr do combate.

Tirara logo da algibeira a caixinha de prata com os Santos Oleos. E a cerimonia começou, no meio dos ultimos ruidos das portinholas que se fechavam, no tropel dos peregrinos em atraso; ao passo que o chefe da estação, desasocegado, consultava o relogio com o olhar, vendo bem que lhe seria preciso conceder alguns minutos de graça.

— *Credo in unum Deum*... murmurava rapidamente o padre.

— *Amen*, responderam soror Jacintha e todos os passageiros do wagon.

Os que podiam, estavam ajoelhados nas bancadas. Os outros punham as mãos, multiplicavam os signaes da cruz; e quando ao balbuciar das rezas, succederam as ladainhas do ritual, as vozes elevaram-se, e com os *kyrié eleison*, adejou um ardente desejo de que fossem remidos os peccados do homem, e lhe fossem curadas as enfermidades physicas e moraes. Que toda a sua vida, de que ninguem sabia cousa alguma, lhe fosse perdoada e elle entrasse, desconhecido e triumpante, no reino de Deus!

— *Christe, exaudi nos.*

— *Ora pro nobis; santa Dei Genitrix.*

O padre Massias empunhava a agulha de prata, em que tremia uma gotta de oleo santo. Não podia, na pressa em que estavam, com todo o comboyo á espera, onde gentes surprehendidas punham as cabeças ás portinholas, fazer as uncções costumadas nos diversos orgãos dos sentidos, n'essas portas que deixam entrar a maldade. Segundo a regra o auctorisava em caso urgente, devia o padre contentar-se com uma uncção unica; e applicou-a na bocca, na bôcca livida entreaberta, d'onde apenas se exhalava um ligeiro bafo, ao passo que o rosto, de palpebras cerradas, parecia já apagado, fazendo parte da cinza da terra.

— *Per istam sanctam unctionem et suam piissiam misericordiam, indulgeat tibi Dominus quidquid per visum, uditum, od oratum, gustum, tactum deliquisti.*

O resto da cerimonta perdeu-se na balburdia da partida,

O padre mal teve tempo de enxugar a gotta de oleo com o bocadinho de algodão em rama, que soror Jacintha tinha prompto. E teve que sahir do wagon e ir para o seu a toda a pressa, arranjando a caixa dos Santos Oleos, emquanto que os assistentes acabavam a oração final.

— Não podemos esperar mais, é impossivel! repetiu o chefe da estação agitando-se. Vamos, vamos, toca a aviar!

Finalmente iam pôr-se a caminho. Todos se assentavam, voltavam para o seu canto. M.me de Jonquière, atormentada ainda pelo estado da Grivotte, mudara de logar, approximando-se d'ella, em frente de M. Sabathier, que esperava, resignado e silencioso. Soror Jacintha, por sua banda, não voltara para o compartimento em que viera até ali, decidida a ficar ao pé do homem, para velal-o e tratar d'elle; tanto mais que ali estava mais á mão para accudir a frei Isidoro, cuja crise Martha não sabia como alliviar. E Maria, n'uma pallidez crescente, sentia no intimo da carne dolorida, os solavancos do comboyo antes mesmo que este se pozesse outra vez a correr sob o sol de chumbo, acarretando o seu montão de doentes, no ar abafado e venenoso dos wagons sobre-aquecidos.

Houve um forte apito, a machina soprou, e soror Jacintha ergueu-se para dizer:

— A *Magnificat*, meus filhos!

IV

No momento em que o comboyo entrava em movimento, a portinhola abriu-se outra vez, e um empregado impelliu uma rapariguita de quatorze annos para o compartimento em que estavam Maria e Pedro.

— Ande! ahi tem um logar, mecha-se!

Já o descontentamento se pintava nos rostos, iam protestar. Mas soror Jacintha exclamou:

— Olha! é a Sophia! Vens visitar Nossa Senhora, que te curou o anno passado?

E M.me de Jonquière disse ao mesmo tempo:

—Bravo! minha menina, muito bem! Assim é que se mostra gratidão á Virgem!

—Sim, minha irmã! sim, minha senhora! respondeu a rapariguinha com modos gentis.

De resto a portinhola fechara-se outra vez, e forçoso era acceitar a nova peregrina, que parecia ter cahido do céo no momento de partir o comboyo, que por um tris não apanhára. Era franzina, o logar que ia occupar não seria grande. Depois as damas presentes conheciam-n'a, e todos os olhares dos doentes estavam pregados n'ella, desde que se dissera que a Virgem Santa a tinha curado. Mas iam já fóra da estação, a machina baforava no impulso crescente das rodas, e soror Jacintha repetiu, batendo as palmas:

—Vamos, vamos, meus filhos, a *Magnificat!*

Em quanto o cantico de alegria se erguia no meio dos solavancos, Pedro observava Sophia. Era visivelmente uma camponezasinha, filha de cultivadores pobres dos arredores de Poitiers, a quem os paes estragavam com mimos e delicadezas, desde que a pequena passara a ser uma «miraculada», uma eleita, a quem os parochos do districto iam visitar. Tinha chapéo de palha de fitas côr de rosa, vestido de lã cinzenta, guarnecido com um folho. E o rostinho redondo, se não podia chamar-se bonito, era amavel, fresquissimo, illuminado por olhos claros e espertos, que lhe davam ar modesto e risonho.

Quando acabaram a *Magnificat* Pedro não poude resistir ao desejo de fazer perguntas a Sophia. Uma creança d'aquella idade, de apparencia tão candida, e que não parecia mentirosa, interessava-o vivamente.

—Então, minha menina, por pouco que não falhou o comboyo?

—Ai! senhor abbade, nem sei com que cara havia de ficar... Estava na estação desde o meio-dia. N'isto encontro o senhor parocho de Sainte-Radegonde, que me co-

nhece muito bem, e que me chamou para me dar um beijo, dizendo-me que era bonito da minha parte ir a Lourdes. Então parece que o comboyo ia abalar, e só tive tempo para deitar a correr... Ai! o que eu corri!

A pequena ria, ainda offegante, arrependida, todavia, do estouvamento que tão caro lhe ia sahindo.

— E como se chama a menina?

— Sophia Couteau, senhor abbade.

— Não é da cidade, pois não?

— De Poitiers? Ai! não senhor, senhor abbade... Somos de Vivonne a sete kilometros de distancia. Meu pae e minha mãe teem alguma coisinha de seu; e emfim a nossa vida não iria lá muito mal se não houvesse oito filhos em caza... Eu sou a quinta. Felizmente que os quatro mais velhos já começam a trabalhar.

— E a menina, o que faz?

— Ai! eu, senhor abbade? Se quer que lhe diga não presto para grande cousa... Desde o anno passado em que voltei boa para caza, nem um dia me deixaram socegada, porque, já se sabe, foi uma quantidade de pessoas que vieram vêr-me, levaram-me a caza do senhor bispo, e aos conventos, e a toda a parte... E antes d'isso estive muito tempo doente, não podia andar sem um bordão, e gritava a cada passo que dava, tamanhas eram as dores que tinha no pé.

— Foi então de uma doença n'um pé que Nossa Senhora a curou?

Sophia não teve tempo de responder. Soror Jacintha, que estava a ouvir, interveio.

— De uma carie nos ossos do calcanhar esquerdo, que lhe durava havia tres annos. O pé estava inchado, sem feitio, e tinha fistulas que produziam uma suppuração continuada.

Foi o bastante para principiar a exaltar todos os doentes do compartimento. Não despregavam os olhos da «miraculada», procurando vêr na pequena os signaes do prodigio.

Os que podiam pôr-se em pé, levantavam-se para vêr melhor; e os outros, os invalidos estendidos nos colchões, forcejavam por erguer-se e voltar as cabeças. No soffrimento, que acabava de os reconquistar, á partida de Poitiers, cheios de terror pelas quinze horas que tinham de rolar ainda, a apparição repentina da creança. eleita pelo céo, era como um allivio divino, raio de esperança em que buscariam forças para ir até ao fim da jornada. Já os gemidos cessavam um pouco, e todos os rostos se estendiam, na necessidade ardente de acreditar.

Maria, reanimada, meio erguida, juntou as mãos tremulas, rogou docemente a Pedro:

—Olhe, faça-lhe perguntas, peça-lhe que nos conte tudo... Curada, Deus meu! curada de doença tão má!

M.me de Jonquière, commovida debruçou-se para beijar a creança por cima da divisoria.

—Está claro que a nossa amiguinha nos vae dizer... Não é verdade, minha menina, que nos vaes contar tudo o que Nossa Senhora fez por ti?

(Continúa).

Emile ZOLA.

A MOEDA ATILADA

I

Era uma vez uma moeda de ouro, de dez francos, que era fada. E rolava, rolava, pelas lages das ruas, atravez de toda a cidade. Dir-me-heis: «porque é que a não apanhavam? não falta quem se abaixe depressa para apanhar o que luz.» Mas é que, pelo poder magico que desfructava, a moeda tornara-se invisivel; e ninguem, pela palavra ninguem, sabia que a peça de ouro, de dez francos, rolava pelas lages das ruas. Quanto ás razões que a faziam espairecer assim, não são de segredo. Por uma pecadilha qualquer, cousa de pouca monta (julgo que foi pelo lindo crime de ter, mettendo-se na fechadura, impedido a chave de dar volta, quando um marido feroz ia interpôr-se ás delicias de amavel adulterio) merecera, fada illustrissima outr'ora e toda vestida de pedras preciosas, ser transmudada em pequena moeda; e — tal era o decreto de Merlin, que mora, como toda a gente sabe, debaixo do terceiro carvalho á esquerda, ao pé da casa do guarda no bosque de Meudon, — a fada não poderia recuperar a forma primitiva e mais todo o seu poder senão depois de ter, comsigo mesma, tornada em peça de ouro, dado a melhor esmola

possivel. Dar esmola não lhe desagradava, bem pelo contrario, porque não sendo d'essas fadas preversas que se divertem em atormentar a humanidade, nada lhe era mais agradavel do que ajudar os pobres. Mas o peor era a escolha que lhe tinham imposto! Horrorosos castigos lhe eram prometidos no caso em que se offerecesse de esmola a quem não fosse o mais digno d'ella; e perplexa, a moeda rolava, rolava cada vez mais veloz, com o ruidosinho das rodas de casca de noz que constitue o coche da rainha Mab.

II

— Uma esmolinha! meus ricos senhores. Minhas lindas senhoras, uma esmolinha pelo amor de Deus! Tenham dó de um pobre céguinho que nem dinheiro tem para comprar um clarinete!

A peça de ouro estacou. Se se desse ao desgraçado mendigo? Mas entre as palpebras cerradas do pobre, passou olhar tão subtil que a peça, embora invisivel, quasi quasi que se sentiu vista. E principiou a girar sobre si mesma. Á porta de uma padaria, havia um agrupamento tumultuoso; policias agarravam uma pobre velha, que chorava e se debatia com creancinhas penduradas das saias; depois de palavras proferidas no meio da algazarra, levavam a velhita para a cadeia porque roubara um pão; o padeiro, todo branco de farinha, mandara chamar a policia. A fada esteve quasi a dar-se á velha; mas pensou que com o dinheiro que valia iam pagar ao padeiro, e não quiz ser agradavel a tamanho malandrim. De resto, de que serviria á mendiga não ir para a cadeia, e subsistir alguns dias mais? e os pequenos, se não morressem de fome, não seriam desgraçados como a mãe, ou crueis como o padeiro? É caridade para elles e para os outros deixar de morrer os que não pódem ser na vida nem felizes, nem bons. E, por entre os sapatos e as botinas dos transeuntes, a Fada afastou-se. Não longe d'ali, deante da vitrine de uma ca-

pellista, uma raparigota, de quinze annos, magrizella, galantinha, de nariz rosado, com grossas sardas sob a ganforina ruina, namorava com olhos devorantes de desejo uma gravata de seda côr de rosa enfeitada de falsas rendas de valenciennes. Ai! pobre pequena! o que não daria ella para pôr ao pescoço essa gravata que tão cara custava! E a chamma do desejo luzia-lhe nos tristes olhos humidos e pezarosos. A fada sentiu-se commovida. Com os dez francos, que ella era, a rapariguita podia perfeitissimamente comprar a gravata. Mas... pensou que o pescoço franzino e pallido era mais lindo despido do que velado pela seda; e de resto dentro em pouco não faltariam á pequena gravatas de rendas, e colares de preço, e joias a rodo... E esquivou-se continuando a rodar. Nem deu attenção a um vagabundo, de cara esfomeada, que atravez das vidraças de um restaurante famoso, mirava um faisão exposto no meio das suas pennas e as trufas trasbordando do arcaboiço da ave, jantar de dois banqueiros judeus de bellas panças. N'um boulevard, enternecendo-se um instante, esteve prestes a dar-se a uma d'essas creaturas errantes que fallam baixo aos transeuntes agarrando-os pelo cotovello e pretendendo arrastal-os para a sombra das ruas visinhas, em que os angulos dos portaes se parecem com recantos de alcova; porque essas desgraçadas são o lamentavel desastre e o completo desespero mesmo quando o não sentem, vendedeiras ambulantes de belleza, de amor, de tudo o que constitue o ideal humano... Todavia a moeda de ouro continuou a rolar. Encostado ao parapeito de uma ponte, um velho observava a agua escura que corria; e como era fada, a moeda ouviu falar a alma que dentro d'elle se lamentava. «D'este modo, trazia eu aos homens o esplendôr realisado dos sonhos! Como inventor offerecia-lhe o bem estar augmentado, a vida prolongada, a ventura duravel; como poeta abria em frente do espirito humano o infinito das raras e sublimes chimeras! E não me quizeram ouvir, e expulsaram-me! E esta noite o moço do hotel re-

cusou-me a chave do quarto, porque lhe não pagava ha tres mezes! É tempo de morrer. Atirar-me-hei ao rio, ali, n'aquelle bello bocado luminoso, onde os clarões crusados de dois reverberos cavam como que uma abertura explendida de céo!» A moedasinha de ouro rolou até aos pés do desesperado; ia tornar-se visivel, deixar-se apanhar... Mas não! seguiu o seu caminho emquanto o homem se precipitava no rio. Parecia-lhe que havia, não sabia onde, miserias mais dignas da esmola que tinha de dar. Viu, em trevas mais negras, miseraveis a quem a caridade poupa-ria talvez o crime e o cadafalso. E não se deu. Viu, deante das tabernas, mulheres em cabello que estão de rosto contra a vidraça, á espera do marido ou do amante, que acabam de beber a feria da semana. Passou além. Viu a vadiagem nocturna insinuar-se por baixo das pontes, descer aos covões das pedreiras. Passou além, foi passando sempre. Chegou deante de uma porta aberta de par em par, illuminada por um semi-circulo de globos brancos. Sahiam d'ali gritos, risos, musicas dançantes. Era a porta de um baile talvez. Não era ali que a fada ia encontrar a miseria digna de ser soccorrida. Só havia alegrias. Ia rolar ainda, quando viu, assentado n'um banco, um moço que chorava, de cabeça entre as mãos. E pôz-se a escutar a dôr do mancebo. «Ella está ali! ri e dança com todos os outros! Dentro em pouco vae sahir. E não sahirá só. Irão por ahi fóra. Eu cheio de cobarde ciume seguil-os-hei. E hei-de vel-os, ambos entrar em casa d'elle! E essa creatura por quem enlouqueço ter-me-hia amado esta noite, se eu tivesse com que pagar a entrada no baile, e os refrescos, como fazem os ricos.» A fada não hesitou mais. Tornando-se visivel, arremessou-se para o pobre moço desfeito em pranto. O rapaz apanhou-a, com um brado de alegria, lançou-se para o bilheteiro, trocou a moeda, comprou um bilhete, entrou no baile, alegre, feliz, soberbo, encontrou a amiga, tomou-a nos braços, dançou com ella doidamente, offereceu-lhe vinho ás terrinas, embriagou-a, encantou-a, levou-a

comsigo; e no quartinho do hotel, — (camas para pernoitar, gabinetes a dois francos), — a fada, reduzida de troco em troco, a simples peça de dois *sous* posta sobre o marmore do fogão, ouviu até pela manhã o suspirar adoravel dos amantes em extasi.

III

Não foi, porém, de coração leve, que a fada se approximou do carvalho, — o terceiro á esquerda passada a casa do guarda, — onde se enthronisa o justo e omnipotente Merlin, no bosque de Mendon. Escondida na herva alta pôz-se á espera d'elle; e batia-lhe o coração. Seria recompensada ou punida? Escolhera bem? Desdenhara tantas miserias lamentaveis ou cheias de nobreza! E pensava que talvez o juiz ia erguer-se deante d'ella em terrivel apparato e seguido dos torturadôres que castigam as fadas criminosas. Que sahiria d'ali? Talvez a comdemnassem a habitar durante cem annos, e nua, entre blocos de gelo polar; póde ser que ficasse encerrada dois seculos, no tronco de uma arvore cheia de ratos e de formigas trepadoras; ou quiçá iam precipital-a em sombrias profundidades sem estrellas nem manhã?...

Toda a floresta se illuminou de delicioso clarão, como se fôra atravessada por mil vagalumes côr de perola; e entre a sua côrte de diabretes vestidos de seda, e de damas com caudas de brocado, e de gnomos carregados de pedras finas arrancadas ás minas obscuras, o encantadôr Merlin, rei dos mysteriosos seres, assentou-se no seu throno de ouro incrustado de rubis e de chrysolithos. E o rosto resplandecia-lhe de contentamento e elogio. Outro throno se erguia ao pé d'elle: «Vem, vem, disse elle, ó admiravel Fada! É mister que tomes logar a meu lado; não só recuperarás a antiga fórma e poderio, mas ser-te-hão offerecidas glorias que até hoje desconheces; visto como, minha moedinha de ouro, fizeste de ti mesma tão bello e judicioso emprego.»

A Fada approximou-se, assentou-se ao lado do Mestre, ao passo que em redór d'elle, levantando e abaixando os braços, os diabretes, as damas, e os gnomos a congratulavam com genuflexões e louvaminhas. «Falla, disse Merlin. Queres vestir-te d'aurora e estrellas? Queres que as tempestades do mar obedeçam ao sopro da tua bôcca gentil? Queres o poder de fazer desabrochar as rosas entre as neves do inverno? Queres habitar palacios de sol, onde terás por servas todas as rainhas e todas as deusas? Nada ha que não mereças». A Fada exigente respondeu: «Acceito de bom grado as glorias que me offereces. Mas, visto que me julgas digna de todas as recompensas, ha uma que ousarei sollicitar, ainda que só por essa, houvesse de renunciar a todas as outras. — «Qual é ella? disse Merlin». — É, disse a Fada, uma hora, uma hora só, em que eu esteja, como estava no quartinho do hotel, aquella que suspirava nos braços do amante, quando eu era apenas uma moeda de dois *sous* sobre a pedra do fogão...»

Catulle MENDÈS.

RIVAES

I

Vistos no seu conjuncto o Palacio e a Esplanada dos Invalidos offerecem um dos mais grandiosos espectaculos de Paris. Nada mais nobre e mais cheio de magnificencia do que o vasto espaço, as velhas arvores e — ao longe, para álem dos fossos de parada e dos canhões triumphaes — a cupula de ouro de Mansard sob a qual repousa o ataude tragico de Santa Helena. Do menos impressionavel dos viajeiros conduzido pela agencia Cook, trajando ulster de quadradinhos e empunhando o Baedecker, apodera-se aqui uma commoção solemne; pensa no Grande Rei e no Grande Imperador. Admira, e ás vezes sente inveja... Era n'esta velha França, senhora de tão perduraveis e imponentes testemunhos de gloria, que devia pensar em Ferrieres o senhor de Bismarck quando, ao advogado Julio Fabre, que implorava paz em nome da Republica e perguntava um pouco ingenuamente: «Afinal de contas a quem é que os senhores fazem guerra?» o allemão odiento respondia: «A Luiz XIV!»

Todavia aos olhos do observador parisiense, ha muîto indifferente á pompa d'este espectaculo, a Esplanada dos

Invalidos apresenta particularidades bem melancolicas... O Gros-Caillou ali ao pé, é um bairro pobrissimo, e quando a temperatura se mostra branda, ou sómente supportavel, espalha pela scena sumptuosa os seus tristes ociosos e os seus passeiantes esfarrapados. Um veterano cheio de medalhas, bonet com laço militar e perna de pau, coxeia, grotesco Philemon, ao lado de Baucis hedionda e de camisola suja. Uma avósinha toda derreiada de trabalho leva adiante de si, ou arrasta apegados ás saias dois ou tres garotitos de aspecto doentio. Estendido ao comprido n'um banco, com o chapeu de feltro esfrangalhado sobre os olhos, um vagabundo, cançado do vagueiar nocturno, dorme sem perder o aspecto bravio, talvez sonhando crimes.

Foi sempre para mim uma dôr de alma o contraste da miseria sordida e da pompa cheia de luxo.

Em Veneza, as mulheres de chaile a arrastar, que passam chinellando e coçando a cabeça, estragam-me a vista de São-Marcos e do Palacio Ducal; e no Hyde Park, em Londres, os maltrapilhos descalços que se rebolam na relva, tornam-me odiosa a torrente das equipagens e o galopar das louras amazonas.

Por outro lado o povo attrae-me. Gosto de me misturar com elle. É por isso que frequentes vezes me apraz ir meditar para os lados da Esplanada e do Gros-Cailloux. Ao roçar assim pelos pobres conservo no coração a doce chamma da piedade. E bem culpado é quem a deixa apagar. Pensai n'isso, ó vós que não vêdes a miseria senão de alto e de longe, como de raspão, atravez dos vidros da carruagem...

Pois foi exactamente a passeiar debaixo das grandes arvores da Esplanada dos Invalidos que reparei nas duas velhinhas.

Era em fins de fevereiro, e o sol da tarde, já morno, fazia reluzir nas ramarias os renovos côr de bronze. Não

se atrevendo a assentar-se ao ar livre, por causa da humidade, as duas velhas caminhavam com passos miudinhos, e a mais idosa, curvada e vacillante, encostava-se pesadamente ao braço da companheira, creatura enfezada e magra, mas desempenada e que se mostrava cheia de energia. Vestiam ambas pobremente mas com aceio. Os chailes pretos eram muito pregados, as toucas engommadas deslumbrantes de alvura. Para que a doente ao menor symptoma de fadiga podesse descançar, a mais forte trazia debaixo do braço um banquinho de fechar, e regulava constantemente os passos pelos da amiga, envolvendo-a a cada instante em olhares de affeição e carinho. Parecia ser uns dez annos mais nova do que a outra — ruina humana, sexagenaria pelo menos, — e era evidentemente a unica que tinha ainda um poucochinho de força e de saude. Era o bastante para as duas. Ao vêl-as passar acudia á idéa uma d'essas parelhas que ha pelos campos, em que um dos cavallos é cego de um olho e o outro cego dos dois, e que apesar de tudo lá vão puchando, coitados...

As duas mulheres interessaram-me logo. Puz-me a observal-as.

Certamente a doente devia ter sido formosa. A touca mal lhe continha a abundancia dos cabellos, alvos de neve. No rosto immovel e amarellento, de paralytica, as feições permaneciam correctas, e sob as sobrancelhas ainda escuras, os olhos encovados, doloridos, brilhavam com ardor febril.

A outra velhinha — antiga ruiva de face macia e lindas côres — talvez, pobresita, tivesse sido bonita tambem. Como, porém, é cruel o tempo para esse genero fugitivo de formosura! Rugas, pelle sarrabulhenta, e mais nada... Ao menos o pobre rosto tão acabado, agradava ainda pela brandura do olhar e a bondade do sorriso.

Irmãs não eram, porque se lhes não descortinava a menor parecença.

A vista das pobres creaturas, encostando-se uma á ou-

tra, associando duas fraquezas, commovera-me sinceramente. Uma primavera precoce que durou alguns dias fez-me vaguear varias vezes por aquellas bandas e encontrei as velhinhas a miudo.

Certas particularidades, as luvas de algodão cinzento que traziam sempre calçadas, um não sei quê cheio de distincção, deram-me a perceber que as pobres senhoras nem sempre haviam trajado tão humildemente, e que, porventura, tinham conhecido tempos mais prosperos. A ancia com que aproveitavam o menor raio de sol, saindo á rua apesar da idade e da doença, fazia-me adivinhar a existencia captiva que levavam durante os compridos invernos, n'algum quarto lugubre do Gros-Caillou, onde vegetavam a sós com as suas recordações, aquecendo ao brazeiro os pobres pés enregelados. Cada vez me excitavam mais a compaixão, e devo dizel-o tambem, a curiosidade.

Já me conheciam de vista. Um dia que a extraordinaria brandura do ar lhes permittiu assentarem-se n'um banco, tomei logar junto d'ellas e metti logo conversa. O instincto feminino, muito mais seguro e delicado que o do outro sexo, inspirou-lhes confiança em mim. Para encurtar razões, ao fim de uma hora sabia-lhes a historia.

É tocante e vou contal-a.

II

Haverá por ahi velho frequentador do Vaudeville que se lembre de Nelly Robin?

Talvez não. Mas no inverno de 1859, Nelly Robin era uma das mais lindas huris do paraiso musulmano que compunha então a companhia d'aquelle theatro. Havia uma differença... Todas essas encantadoras actrizes possuiam direitos mais que duvidosos ao titulo de «donzella», titulo todavia eternamente merecido pelas huris, se formos a acreditar no Alcorão...

Morena, de tez marmorea, cabello côr da noite; alta e

delgada, mas flexivel na sua magreza; cintura que, segundo a hyperbole classica, cabia nas duas mãos, mas com hombros soberbos e tudo o mais que d'ahi se deriva; olhos profundos sempre absorvidos em sonhos de volupia: tal era a formosa Nelly Robin.

A sua belleza de deusa, em que a magestade se alliava aos ares mais graciosos, era digua de enthusiasmar os mestres florentinos da Renascença. Nelly, todavia, era prosaicamente filha de um pobre artifice chapeleiro carregado de familia, e em menina retoiçara por todos os beccos e viellas de Charonne. Conquistada á força — ou pouco menos — por um visinho, machinista no theatro de Belleville, desperdiçara a mocidade, pobre comparsa de mãos vermelhas, a fazer a sôpa e a varrer a casa ao homem que era bebado e ainda por cima a espancava.

Orçava por vinte e dois annos quando o primeiro galan, Lamorliére, que nos bastidores se dava ainda ares de pachá, apesar dos cincoenta feitos, dos pés de gallinha e dos bigodes de negrura pouco verosimil, se dignou attentar n'ella e atirar-lhe o lenço. Foi penetrada de respeito que a rapariga a primeira noite entrou os humbraes da modesta habitação do comico, toda enfeitada de velhos cartazes pelas paredes e corôas de papel dourado, testemunhos gloriosos de antigas victorias scenicas no sul da França, em Agen, em Auch, em Montauban.

Uma costureirinha da Ponte Nova, descoberta por Lebel a pontear meias e trazida ao Parc-aux Cerfs a Luiz XV, todo rutilante da sua gran-cruz azul e da sua placa de diamantes, não mostraria confusão maior. Farto andava o actor de homenagens femininas. Outr'ora na provincia perturbara a paz de muitas familias. Em Tarn-et-Garonne a mulher do recebedor de decimas positivamente se vangloriara das suas relações amorosas com elle, e em Gers a esposa de um sub-prefeito deitara-se a perder por sua causa. Mas a ingenua admiração da pobre rapariga lisongeou, apesar de tudo, o coração da velha borboleta, fatigada de esvoa-

çar de flôr em flôr. Ficara combinado que a despediria no dia seguinte, mas o certo é que no fim de oito dias já Nelly lhe cosia a roupa branca.

Foi uma cousa pegada. Junto ao velho galan, Nelly viveu n'uma commoção continua e tremente. Chamava-lhe «Monsieur Lamorliére» á bocca cheia, falando d'elle ás visinhas, servindo-o como amorosa escrava. Cuidou-lhe das cousas mais intimas, conheceu-lhe os segredos de *toilette*, aprendeu a tingir-lhe os cabellos, que via passar por effeito das aguas e dos fixativos da côr de hortensia á do negro de fumo, sem que, por tão pouco, cessasse de considerar o senhor Lamorliére como o mais juvenil e mais bello dos mortaes.

O comico no fundo era boa pessoa. Commoveu-se de se sentir admirado a tal ponto e tão bem servido, interessou-se a valer por Nelly, reconheceu que apesar de ignorante a rapariga não era tola, deu-lhe algumas lições de declamação, e fel-a estreiar em pequenos papeis. No fim de seis mezes Nelly fazia soffrivelmente as partes de «coquette».

Lamorliére que, havia muitos annos, vegetava pelos arrabaldes, teve sorte. Foi escripturado para o Grande-Theatro de Lille, e ahi emittiu o derradeiro clarão aquella gloria provinciana. Os que então o não viram representar nos *Piratas da Savana* a grande scena da loucura em que, envenenado pelo licor de Java, morria soltando gargalhadas, não poderão jámais fazer idéa do que é o antigo estylo pathetico, o sublime melodramatico!

Precisamente acabava de receber uma herançasinha, e foi com vestidos apresentaveis que Nelly poude estreiar-se a seu lado. De resto a rapariga era comediante mediocre e como tal devia permanecer toda a vida; mas desabrochara-lhe a belleza, e o exito, como mulher, foi deslumbrante. Uma labareda lavrou pelos corações de todos os velhos amantes do bello sexo. Mas de nada serviu. Nelly, trasbordante de admiração e reconhecimento pelo seu Lamorliére

era-lhe strictamente fiel, e durante tres annos os habitantes de Lille viram estupefactos a admiravel creatura representar comedias com adereços falsos e ir para o theatro apoiada conjugalmente no braço do velho actor.

Entretanto Lamorliére, na noite do seu beneficio, inflamou-se demasiado no papel de *Gaspardo o Pescador,* constipou-se ao regressar a casa e em poucos dias uma pneumonia levou-o d'esta para melhor. A dôr de Nelly Robin foi sincera, mas, — como era inevitavel, — assaz promptamente se consolou com um figurão da cidade, fabricante quatro ou cinco vezes millionario que, havia tres annos, só limpava os vidros do binoculo quando a soberba rapariga entrava em scena. O homem, que tinha gosto, comprehendeu que aquella cutis de princeza e aquelles cabellos côr da noite pediam diamantes verdadeiros. A vaidade do sujeito deu á linda morena uma habitação forrada de setim côr de ouro, e uma carruagem.

Por dom especial do sexo a antiga rapariguita de Charonne, que tantas vezes almoçara um cartuxo de «fritos», acceitou o luxo como moldura natural, sem que por isso se tornasse interesseira e cubiçosa. No fundo, diga-se a verdade, aborrecia-a aquelle novo viver. Em companhia do amante, provinciano bonitaço, apenas quarentão, desvanecido da sua barba loura que nenhum fio branco prateava, e graças a quem Nelly Robin tinha cocheiro, cosinheira e creada de quarto, quasi que sentia saudades do tempo em que todas as manhãs remoçava a poder de tinturas o bom do Lamorliére, e em que, á noite, lhe cosinhava por suas mãos os piteus favoritos á volta do ensaio.

Apesar de conservar para com ella o tom de superioridade, a attitude protectora de actor amimado pelas platéas, que em certos papeis «não temia rivaes» e que jámais representava os *Trinta annos ou a vida de um jogador* sem chamadas em todos os actos, o «grande artista» tratara sempre a amiga humilde com indulgencia e carinho. Perdoava-lhe a origem plebeia, os costumes ratões que não

perdera, o rir desentoado, as exclamações fóra de proposito, as cantigas em voz esganiçada em quanto ás tardes lhe remendava a fatiota modesta. E Nelly nutrira pelo velho comico uma especie de sentimento muito sincero, feito de gratidão e de amisade; com o sr. Mallet-Deschaumes — tal era o nome do fabricante — a rapariga sentia o jugo.

Era sobremaneira solemne, o bello millionario, e pretendia que a amante tivesse maneiras e lhe fizesse honra. Arripiava o modo como repetia a todos os instantes: «Não se diz isso, filha; não se faz isso, filha», cofiando a barba dourada com o pentesinho de tartaruga que trazia sempre na algibeira. Assim corrigida quatro annos a fio pelo correctissimo gentleman, Nelly Robin aborreceu-se de morte, mas educou-se, «fez-se senhora» sem perder felizmente o fundo alegre que tinha.

Succedeu que o director do Vaudeville, de visita a Lille para apreciar um actor comico muito applaudido, por causa do seu nariz descommunal, viu Nelly Robin e ficou deslumbrado. A actriz tinha vinte e oito annos, edade do esplendor nas mulheres realmente formosas. Exactamente n'esse instante o emprezario andava empenhado em recrutar um serralho completo. Ia pôr em scena as *Drôlesses*, uma das comedias satyricas contra o luxo do «demi-monde» que andava então na voga e na qual, para justificar os sermões indignados do moralista, convinha exhibir umas poucas de mulheres bonitas cobertas de diamantes. O director subiu ao camarim de Nelly com a escriptura na mão. Salta! penna e tinta! E a parisiense assignou logo o papel sellado, em cima do toucador, entre os arrebiques e as pomadas. Estava cheia até aos olhos, da provincia e dos ricassos da terra que á ceia conversavam com desplante da alta dos algodões. Do sr. Mallet-Deschaumes, e da sua barba espectaculosa e loura, andava farta e refarta.

N'essa mesma noite quebrava Nelly com o fabricante, e

seis semanas depois estreiava-se no Vaudeville, na farça da moda.

O papel não valia nada. Vinte e cinco linhas apenas no terceiro acto. Mas na «première» foi um rastilho de polvora pelos corredores: «Que rica mulher!» Os parisienses do Baixo-Imperio (e os da Republica, bem o sabeis, não são melhores...) perdiam a cabeça. No «foyer» uma turba de personagens de gravata branca pediram para ser apresentados a Nelly Robin, atropellavam-se em redor d'ella; e o director, um tanto congenere do Pendarus de Troya, estava encantado, saltitava por entre os admiradores. «Minha cara Nelly, apresento-lhe o sr. Hauptmann». E o banqueiro judeu punha em evidencia a pança tilintante de berloques. «O coronel Sagé, dos lanceiros da guarda!» E o militar, secco como um pau de vassoura, de pernas compridas, fazia mesura. Mas de repente afastavam-se respeitosamente perante um homem dos seus sessenta annos, de beiçola cahida, e olhar embaciado de velho libertino; e o director precipitava-se ao encontro d'elle: «Por aqui, excellentissimo senhor, por aqui!...» Era o conde B..., o conselheiro do imperador. E tomava de parte a comediante, falava-lhe ao ouvido roçando-lhe quasi no pescoço, — tal como uma lagarta sobre uma rosa — e murmurava-lhe palavras que Nelly ouvia de olhos baixos...

Finalmente poude voltar ao camarim para se despir; mas, a cada instante, truz, truz! Era a creada com bilhetes de visita e flôres. N'essa noute todas as floristas das visinhanças foram postas a saque.

Nelly passou a ser uma das rainhas da sociedade galante, cortezã prodiga e cheia de magnificencia. Teve palacio, toilettes loucas, desceu a Avenida do Bosque tirada por uma parelha de mil e quinhentos luizes. Não se via senão a sua photographia pelas vitrines. As da sua igualha rebentavam de inveja, as mulheres honestas copiavam-lhe os chapeus. Um rabiscador de habilidade inventou-lhe á pressa dois ou tres papeis faceis, e o Vaudeville fez um

dinheirão. Por causa d'ella Hauptmann, executado na Bolsa, fugira para a Belgica; e a velha duqueza d'Esmont vendera as ultimas quintas e tivera que dar por prodigo o filho, arruinado por Nelly em tres mezes. Com tudo isto, cheia de exquisitices, dizendo que não, um não teimoso e persistente, a uma Alteza do norte, a um principe lindo como os amores, que se demorava em Paris, e passava a vida encaixado no fundo de uma frisa a admiral-a. Mas Nelly merecia o exito de que gosova. Boa, intelligente, cheia de naturalidade e possuindo a alegria, o mais preciso dos thesouros das mulheres de prazer, encantava e divertia pelo contraste entre a belleza patricia e o bom humor desenfadado e constante. Enfeitiçava os amantes todos. Havia quem dissesse que Sagé, o coronel de lanceiros, a quem o imperador pagara cem mil francos de dividas contrahidas por causa d'ella, se tinha feito matar em Solferino desesperado de já a não possuir.

Agradaria esta vida a Nelly? Sentir-se-hia feliz? Acreditem que sentia. Se até já se não surprehendia com saudades do tempo em que vivia de casa e pucarinho com o velho Lamorlière! Como querem que uma pobre rapariga, sem educação moral de especie alguma, lançada no vicio desde muito nova, se não aturdisse com tão extraordinaria fortuna?

Em dois annos teve quatro ou cinco amantes, supportou-os sem repugnancia, foi até encantadora com elles, legando-lhe as melhores recordações, mas sem querer deixou-os a todos sem camisa. Era um dom. O ouro evaporava-se-lhe nas mãos como gottas de agua sobre metal em braza. Dissipava grossas sommas com o instincto impassivel com que um animal cumpre as suas funcções. Os cães caçam, Nelly gastava dinheiro. Dos que por ella se arruinavam nem dó tinha, e com razão. Nenhum lhe votara amor. Não eram apaixonados, o que elles queriam era gosar e satisfazer a vaidade propria. Na immensa festa da Paris imperial,—no mais bello momento, no dia seguinte

ás grandes victorias — a formosa Nelly ia vivendo, embriagada pela ideia de ser uma das flôres da orgia, estonteada como n'uma walsa, nem suspeitando sequer que tivesse coração...

III

Uma tarde de novembro, por volta das cinco horas, Nelly Robin acabava de regressar a casa, um pouco fatigada por um longo ensaio. Antes de se vestir para o jangar, estendera-se n'uma cadeira de repouso, no seu gabinete, e fumava um cigarro russo, quando a creada com gesto desdenhoso, lhe entregou um bilhete de visita bastante sebento, em que a actriz leu o seguinte:

Saint-Firmin, segundo contra-regra do theatro imperial do Odéon (segundo Theatro-Francez).

— Como! o pobre homem ainda existe?... Manda-o já entrar, exclamou Nelly com sorriso alegre.

Vinha-lhe á memoria a primeira mocidade. Aquelle Saint-Firmin era um comico que outr'ora representara em Belleville, com ella e com o Lamorlière.

O sujeito appareceu no limiar da porta, fez um cumprimento a um tempo humilde e pretencioso, e apesar de o não ter visto havia muitos annos, Nelly reconheceu logo o homem com a sua cara encarquilhada e trigueira, de batata cosida, cabellos pretos collados ao craneo á guisa de chinó, muito jarreta mas com um diamante falso picado na gravata de setim.

Nem acabado o achou. Saint-Firmin tinha a edade vaga dos actores que se enrugam cedo, mas que se defendem quanto podem dos estragos da edade.

— Bons dias, Saint-Firmin, disse Nelly, cordealmente, com a sua bella voz vibrante e dôce. Como vaes tu? O que se faz?... Ora ahi está uma bella ideia, vir visitar uma velha collega!

A pobre cara do comediante teve um clarão. O olhar

hostil da creada e as tapeçarias da saleta tinham-lhe feito receiar outro acolhimento.

Endireitou o corpo pequenino e estendeu a mão a Nelly com gesto theatral.

— Vamos lá com Deus! vejo que continuas a ser boa rapariga como no tempo de Lamorlière.

E accrescentou, exaggerando a commoção, e revolvendo nos olhos rajados de vermelho a lagrima que a gente de theatro tem sempre ás ordens:

— Digam lá o que disserem!... Não ha nada como os artistas!

Nelly fel-o assentar ao pé d'ella, n'uma grande poltrona.

— Então vamos a saber, Saint-Firmin, que posso eu fazer por ti?... Vi pelo teu bilhete que estás agora no Odéon, n'um theatro imperial... Bravo, sim senhor!... Mas como contra-regra... Já não representas, então?...

— Não, respondeu elle, renunciei ao palco provisoriamente... Por agora pertenço á administração.

Realmente, as suas funcções principaes, no Odéon, consistiam em regular «as bulhas» a fazer nos bastidores, e a passear pelas escadas e pelos corredores agitando uma sineta. O trovão que ribomba, a chuva que crepita, o vento que geme, — tudo era elle! Era elle ainda o rodar da diligencia que se affasta, o papagaio da velha que diz «quem passa?», a ruma de pratos quebrados por Jocrisse, o relogio que dá as doze pancadas da meia noute á entrada do tyranno, o tiro de pistola do desesperado que faz saltar os miolos nos bastidores. Mas graças á faculdade de illusão que teem os comediantes, ao seu dom de exaggerar tudo, Saint-Firmin pronunciou a palavra «administração» como se fosse regente do Banco de França ou presidente de uma grande companhia de caminho de ferro.

— Estou vendo... estou vendo... disse Nelly compadecida e risonha. Cento e vinte cinco francos por mez, não é?... Se estás apertado por dinheiro n'este momento, vê lá, não faças cerimonia...

Mas o velho comico, se bem que pobrissimo, era brioso, tinha o seu bocado de dignidade. E fez o gesto classico de recusa, o gesto de Hippocrates em frente dos presentes de Artaxerxes. Sem se zangar, todavia, apesar de todo commovido pela offerta generosa de Nelly:

— Obrigado, Robin. De nada careço. Uma pessoa não é rica, mas cá se vae arranjando... Não senhor, vinha pedir-te cousa mais importante... Protejo um rapaz poeta e metti-me na cabeça fazer-lhe representar a primeira peça.

Perante a cara do pobre homemsinho, Nelly, que conhecia o theatro tentou em vão reprimir um sorriso. Sabia que a influencia de um segundo contra-regra pode quando muito fazer admittir como comparsa a filha de um porteiro do seu bairro, que tenha os serões livres.

— Não te rias de mim, acudiu Saint-Firmin, e espanta-te ainda mais. Não se trata de papel para ti, nem de peça que convenha ao Vaudeville... É pelos comediantes ordinarios do imperador, é no Theatro-Francez, que eu quereria que se representasse a peça em que te falo. E acredita que era de justiça... Ora tu tens relações magnificas — bem o sabemos minha linda senhora! — até nos Ministerios, até nas Tulherias, e se te interessas pelo rapaz, podes muito por elle... Já vês, minha querida Robin, o que espero de ti: auxilio inteiramente desinteressado... E nota que te não estou a fallar, para ahi assim, de uma bisarma de dramalhão, accrescentou elle saccando da algibeira da sobrecasaca um caderno pouco volumoso... É um actosito em verso, mais nada... Mas delicioso ou então não percebo nada. E eu percebo, bem sabes... Lembras-te em Belleville?... Chamavam-me o mestre-escola, quando nos ensaios, emendava as raias do nosso galã, ex-marceneiro... Ora dize lá, Robin, fiz bem em contar com o teu bom coração?

Nelly agora sentia-se grandemente lisongeada. Até então o director, os collegas, os proprios amantes, tratavam-a como rapariga bonita e nada mais. Nos olhos do gentle-

man que lhe dizia no «foyer» com enthusiasmo gelado: «O seu segundo acto esta noute foi deliciosamente representado» ella via luzir um desejo muito mais sincero do que o cumprimento... Fallando-lhe como a artista a valer, o velho Saint-Firmin acariciou a vaidade da formosa actriz. Foi por isso que ella prometteu logo auxilio, quiz saber quem era «o protegido.»

—Ora conta-me lá isso, meu velho. D'onde o conheces?... Como o encontraste?...

—Na tasca, nem mais nem menos, respondeu Saint-Firmin. Caramba! Bem podes imaginar, minha menina, que não é ao Café Inglez que eu vou jantar, e que não mando mudar logo ao primeiro copo, o *clos-vougeot* de luiz a garrafa, a pretexto de que me sabe a rolha... Vou comer a uma taberna da rua Vaugirard, mas na salinha do fundo, onde se assentam as pessoas de bem, os cocheiros de praça. Foi ahi que dei com o meu poetasinho, que, podes acreditar-m'o, não se outhorga o bife com batatas e os quod'ores dos conductores de tipoias. . Pobre rapaz! O dinheiro nem para isso lhe chega. Contenta-se em geral com o seu pão, o seu caldo, o seu pedacito de carne, tudo regado com Bordeus... de chafariz. Engracei logo com o mocito. Coçado mas muito escovadinho. Cabellos louros que faiscam ao sol, uma barbicha loura bipartida, olhos castanhos, que se baixam timidos, quando a gente os mira, finalmente o ar triste e dôce de um Santo Christo, de vinte e cinco annos que acabasse de pôr no prego a velha cebola de familia... Orgulhoso apesar de tudo. Por mais que lhe passasse o galheteiro e a mostarda não havia de quê... Mas quando afinal consegui dar-lhe a saber que sou um velho artista, que ando pelos palcos ha bons trinta annos, que estou no Odéon, acabaram os medos, e desabafou... Fômos passear ao Luxemburgo em volta do tanque, e o rapaz declamou-me de cór a sua linda peçasinha. A' vigessima volta chegava elle ao ultimo verso... O que eu me interessei, menina... Desatei logo ali aos abraços a

elle... Mas receei ainda assim ter-me enganado. O rapaz confiou-me o manuscripto. Reli-o. Uma belleza! Sómente, tu percebes bem, que podia eu fazer? Falar da peça ao director do Odéon? Eu, o segundo contra-regra? O sujeito dizia-me: «Está bom, deixe isso para ahi!» e pregava com o caderno n'uma gaveta, recommendando-me os vinte francos de multa d'aquelle raio da Deborah que nunca é pontual nos ensaios senão quando o seu alferesinho está retido no quartel... E depois, disse comigo: «É preciso que o meu lindo poeta tome de assalto o primeiro theatro de França... Mas quem demonio lhe ha de segurar a escada?...» E pensei em ti, minha rica filha. Sabia quanto eras afortunada, tinha ouvido dizer que conhecias o superintendente das Bellas-Artes, uma data de figurões... E fiz bem em cá vir, já vejo, és sempre a bella rapariga de outros tempos... Ai! se conseguisses o que desejo, que alegria a minha! Porque a verdade é que gosto do rapaz, cá de dentro. Se eu tivesse tido mulher ou amante a valer podia ter agora um rapaz d'aquella edade. Mas tu bem sabes! Os primeiros artistas apanham tudo! Nós, os actores comicos, o mais que inspiramos é um caprichosito. E para aqui fui envelhecendo, como um rato dos bastidores... Emfim, tens o manuscripto com o nome e a morada... Faze tudo o que poderes, e quando houver novidade, escreve-me e cá tens o poeta. Porque eu nem lhe disse que aqui vinha, não sabendo o resultado que teriam os meus passos.

—E como se chama o teu protegido, Saint-Firmin? perguntou Nelly Robin, que durante a pittoresca narração do comediante, ficara embevecida a scismar no pobre poeta obscuro e encantador.

—Chama-se João Delhy... e posso affiançar-te que é um nome que ainda ha de ser celebre!

—Pois já ámanhã, tornou Nelly, vou pôr-me em campo pelo teu rapaz. Janto juntamente com duas ou tres personagens muito influentes... E tenho esperança, meu velho,

de que cêdo terás boas novas... Agora deixa-me vestir, que vou jantar fóra.

E estendeu a mão ao velho contra-regra, que lh'a beijou respeitosamente segundo as mais puras tradições do reportorio, retirando-se todo esperançado.

(Continúa).

François COPPÉE.

O OUTOMNO DE UMA MULHER

PRIMEIRA PARTE

(Continuação)

I

O tom d'esta phrase condensava toda a zanga que sentia por causa da sua amiga se ter recusado a leval-o com ella, n'aquelle dia, e de se ter negado mesmo a dizer-lhe onde ia.

Ella respondeu:

—Não!—Bem sabe que eu tinha de dar umas voltas aborrecidas...

Elle, por sua parte, não disse mais nada, e acompanhou-as, seguindo-as. Quando chegavam á porta da casa de jantar, Clara precedeu-os; Mauricio pegou na mão de M.me Surgère, e apertou-a de um modo que significava:

«Não importa. Não lhe quero mal por isso. Amo-a.»

Ella não teve tempo de responder; Esquier dirigia-se ao seu encontro, e dizia-lhe com voz simulando aspereza, mas risonho:

—Então! então que é isto? que tem estado a fazer as tres creanças la por cima? Pouco faltou para Surgère e eu, nos decidirmos a ir jantar ao restaurant.

O seu corpo alto, vestido de panno muito delgado, de um córte ao gosto d'elle e fóra de toda a moda, impedia a entrada; um corpo robusto e comtudo um pouco vergado pela vida, uma cabeça boa, intelligente e devastada, olhos azues de creança, cabellos louros com alguns grisalhos á mistura, muito finos, parecendo chammas, tendo uma, mais alta e mais incisiva mesmo na fronte...

— A culpa foi minha, declarou M.me Surgère, fui eu que vim muito tarde.

E passando para o outro lado da mesa, emquanto Mauricio apertava a mão d'Esquier, chegou-se á poltrona de rodas onde estava Surgère.

Servido por uma allemã chamada Helo, nunca deixava essa cadeira de paralytico, mesmo quando viajava entre Luxemburgo e Paris. A atroz doença de espinha de que soffria, tinha, em tres annos, minguado, reduzido ás proporções de uma creança a sua estatura vigorosa de *sportsman* veterano. Julia beijou-o muito ligeiramente na testa, entre os anneis brancos, numerosos, que havia de envolta com os pedaços negros dos seus cabellos. Elle não disse nada. Apenas os olhos mexeram, porque a cabeça não podia fazer um movimento, sem elle soffrer.

Todos se sentaram. Esquier á direita de M.me Surgère, Mauricio em frente, Clara entre ambos, fazendo *vis-à-vis* ao grupo de Helo e de M. Surgère.

O jantar foi soturno. Clara falava pouco. Percebia que não tendo entrado ainda na vida, nada poderia dizer que fôsse util ou novo, ácerca de pessoas e de cousas, que ella mal conhecia.

Julia, sentindo os olhares de Mauricio a fixal-a, tinha bastante que fazer para dominar a sua commoção, para se não arriscar a trahil-a com o embaraço das suas palavras. Emquanto a Antonio Surgère, esse não falava nunca á mesa. A allemã Helo ajudava-o a comer, como se fôsse uma creança; elle mal podia levar os alimentos á bôcca semi-inerte.

Apenas, Esquier e Mauricio Artoy conversavam um pouco; o primeiro fazendo um esforço para romper pelo exorcismo das palavras a especie de tristeza que ali estava pesando; o outro afim de se enganar, de se distrahir, de affectar indifferença perante Julia. Porque a sua zanga pela ausencia mysteriosa da tarde, embora attenuada, não o deixara ainda. Julia percebia isso perfeitamente.

E como ella se sentia já retomada por elle, reconquistada pelo desejo de lhe agradar, e sobretudo, de lhe não causar magoa!... Olhava-o, disfarçando: invadia-a uma molleza tépida, vendo-o tão perto, tão encantador. Era seu filho e seu senhor, alguma cousa ao mesmo tempo terrivel e fraca, que ella tinha necessidade de adorar e de proteger. Contemplava-o e achava-o bello. Comtudo, debaixo da luz viva dos candieiros de chamma dupla, elle parecia mais edoso do que ha pouco ainda se lhe mostrara, na penumbra da escada; mais edoso mesmo do que os seus vinte e cinco annos. Os cabellos, compridos nas fontes, rareavam no alto da cabeça; uma ruga transversal lhe cavava a testa; outras, mais miudas e innumeras, vincavam em estrella os dois cantos dos olhos. A bôcca era descórada; os dentes, perfeitamente brancos, deixavam vêr innumeraveis pontos de ouro. Era um d'esses rostos de rapaz, que a menor inquietação, que o primeiro excesso envelhece dez annos em uma só noite...

Quando tinha, como hoje, «os seus nervos» e Clara estava ao pé d'elle, «passava-os» para ella, criticando a sua toilette, os seus trabalhos, o que ella aprendia no convento, — pelo qual professava despreso, — esforçando-se por descobrir nas raras palavras que ella pronunciava um sentido infantil ou ridiculo. Clara não se zangava, não respondia a sua esgrima, contentava-se em não responder, o que fazia cahir as palavras de Mauricio. Comtudo, ás vezes, ella córava, e via-se que procurava occultar umas sombras de tristeza. Então, Esquier beijava-a.

— Não te apoquentes com o que esse rapaz te diz, mi-

nha filha. Vales muito mais do que elle, acredita, e sobretudo, olha que tens mais juizo.

Mas hoje, a inquietação real de Mauricio tirava-lhe o gosto de brincar. Adivinhava, perfeitamente, que tinha sobrevindo desde essa manhã qualquer incidente grave; ia surgir um obstaculo entre Julia e elle... Reflexionou. Julia tinha insistido em não querer ser acompanhada; tinha teimado, ella que, ordinariamente, queria só o que elle queria. Onde podia ella ter ido para não consentir que elle a seguisse? A uma entrevista? Sorriu de incredulidade.

«Uma entrevista! Ora, isso não, pobre querida... Ou, talvez, que sim... uma entrevista; porém essa consideram-a ellas como licita... uma entrevista com o padre, com o confessor... Com certeza, foi lá que ella esteve!»

Sim... era isso com certeza. Na vespera, elle commettera a imprudencia de a atemorisar beijando-a nos labios, pela vez primeira. Era fóra de duvida que esse beijo lhe tinha resuscitado a consciencia e, immediatamente, corrêra ao confessor. Mauricio lembrou-se da cara do abbade Huguet, que elle tinha encontrado duas vezes áquella mesma mesa. Julia falava d'elle frequentemente... Que vinha elle fazer hoje ao meio do amor d'elles ambos? com que direito era que esse extranho se insinuava entre elles? Durante um instante odiou-o: um d'esses odios breves dos nervosos, que ás vezes os arrastam até ao crime... Depois tranquillisou-se: «O abbade está lá no seu claustro; eu estou aqui ao pé d'ella. Veremos quem vence...»

Terminava o jantar. Passaram ao salão musgo, como faziam todas as noites. Desde que se aggravara a doença de Antonio Surgère, Julia não sahia depois do jantar, nem para visitas, nem para theatro: Esquier não acceitava senão os convites obrigados. E Mauricio, outr'ora noctambulo profissional, depois da sua convalescença tomara gosto aos serões caseiros, que terminava sempre sósinho com Julia, pois Esquier ia deitar-se cedo, e M. Surgère adomecia, ou pelo menos fingia dormir, immovel e com os olhos fecha-

dos, emquanto que Hélo, ao lado d'elle, dormia sinceramente.

A pedido d'Esquier, Clara acabava de sentar-se ao piano, e Mauricio reclamava ironicamente *A oração de uma Virgem,* quando a porta da pequena sala se abriu.

O creado de quarto annunciou:

— O senhor barão de Rieu.

O barão de Rieu, joven deputado d'Isle-et-Vilaine, entrou: era um rapaz alto, delgado e loiro, muito sério, muito correcto, com os modos de um professor elegante. A sua chegada pareceu dar prazer a todos. Vinha de casaca. Avançou com graça e naturalidade para M.me Surgère, beijou-lhe a mão, cumprimentou Clara com a mesma correcção um pouco cerimoniosa, depois apertou as mãos d'Esquier, e tambem os dedos dormentes que lhe extendia Antonio Surgère.

— Sabes que te venho furtar, disse elle a Mauricio.

— O quê? isso agora, respondeu este com um sorriso um pouco crispado, está-me parecendo um pouco forte de mais!

— Leve-o, Rieu, disse Esquier. Está insupportavel, esta noite. Quando se interrompe de estar amuado, é só para nos dizer cousas desagradaveis... Leve-o, ou então, se póde, o melhor que tem a fazer, é mandal-o onde tem de ir, e ficar comnosco,

— Então, onde é que vae esta noite? perguntou M.me Surgère.

— Vou á sala Wagram, onde o principe de Cornonailles faz uma conferencia contradictoria para os operarios de dois dos nossos circulos catholicos.

— Que me estás dizendo? Andas agora mettido n'isso? perguntou Mauricio, desdenhoso.

— É verdade, mettido n'isso. Já se fez a experiencia nas egrejas, e deu magnifico resultado.

— É uma insensatez, interrompeu M. Surgère.

Era a primeira palavra que elle pronunciava; a sua

doença dava-lhe uma accentuação sibilante que parecia aguçar as palavras. Estas, cortando a frio a conversação, fizeram um silencio profundo.

—É uma insensatez, repetiu elle. Com essas arregimentações de operarios, o que fazem é facilitar a mobilisação do partido socialista, e mais nada. Fazem bem: a crise chegará cincoenta annos mais cedo.

—Temos essa esperança, disse o barão de Rieu.

—Ah! então!...

—Com certeza, que o esperamos. Imagina que pretendamos impedir uma crise que é inevitavel, e em summa legitima?

—Não, declarou Mauricio, o que querem simplesmente é tomar parte n'ella. Bem os percebo. São espertos, são.

—O que nós queremos, replicou de Rieu, é que essa crise seja uma evolução, não uma revolução. Não vejo n'isto nenhum egoismo pessoal. Julgamos distinguir a verdade, melhor que os humildes a quem dirigimos: procuramos mostrar-lh'a, e accessoriamente fazer-lhes um bocado de bem material.

A conversa proseguiu n'este tom, com retrocessos ao passado, e argumentos pedidos á historia. M. Surgère tomava agora parte n'ella, pronunciando phrases intelligentes, breves, ironicas, que cortavam as phrases um pouco redondas e predicantes do barão. Mauricio apaixonava-se, mudava de parecer, sustentava um partido, abandonava-o, depois finalmente esquecia a conversa fitando M.me Surgère. Por fim o barão, dirigindo-se por delicadeza a Clara, que escutava silenciosamente:

—E esta senhora, não nos ha de tambem dizer a sua opinião? Queremos ouvil-a. Como se hão de tratar os pobres?

Mauricio affectou rir; Clara, sem se perturbar, respondeu:

—Parece-me que como o papá os trata...

—Então como é, minha senhora?

— Amando-os, simplesmente.

O «papá», pouco contente por se occuparem d'elle, declarou que «a sua pequena não sabia o que dizia». Mas todos, concordando, opinaram que ella tinha razão. Todos conheciam a caridade inexgotavel d'Esquier.

M.me Surgère resumiu a opinião commum:

— Oh! o nosso querido socio, é um santo.

Esquier encolheu os hombros. Inclinando-se, depois, para Julia, disse-lhe:

— Se eu sou um santo, que nome se ha de dar á minha querida amiga? Eu procuro apenas ser justo... A minha amiga é que é uma santa.

E, mais baixo, murmurou-lhe ao ouvido estas palavras, que só ella entendeu:

— Nem mesmo lhe falta a tentação!

Ella córou até á raiz dos cabellos. Era a primeira vez que Esquier fazia allusão á sua fraqueza; até ahi, parecera-lhe absolutamente que elle não reparara em nada. Ficou bem satisfeita, para dissimular o seu embaraço, em vêr entrar um novo visitante. A alta estatura d'este fazia-o parecer delgado; tinha cabellos pretos apartados á banda; uma luneta fixa dirigia o seu olhar de passaro philosopho; a sua cabeça um pouco pequena era encantadora, com uma barba preta e grisalha, curta, quasi rapada nas faces, talhada em ponta arredondada sob o queixo.

Annunciaram:

— O sr. doutor Daumier.

Loreno, como João Esquier, dez annos mais novo do que elle, a sua antiga amisade nunca fôra desmentida, nem afrouxara. Gostava sem esforço, no declinar da vida, dos companheiros da adolescencia; é um pedaço de nós o que amamos n'elles... Além d'esta affeição, Daumier e Esquier davam um ao outro alguma cousa mais rara: cada um d'elles era o homem que o outro admirava mais. Daumier admirava a bella vida d'Esquier, constantemente honesta e bemfaseja entre o manejar corruptor do dinheiro. Es-

quier exaltava o desinteresse do seu amigo que, aos trinta annos, tinha abandonado as clientelas lucrativas para se votar á sciencia. Hoje, modestamente casado, pae de dois filhos, Daumier isolara-se sem funcções officiaes, sem ordenado, no seu laboratorio da Salpêtrière, onde se esforçava por fundar sobre bases novas uma doutrina de biologia experimental. Espirito cathegorico, vontade inflexivel, patenteando o desprezo das convenções moraes, sem dar ensejo a nenhuma critica sobre a sua moralidade, tinha, n'aquella casa da praça Wagram, o papel augural a que os nossos costumes, pelo discredito da fé religiosa, elevaram o medico moderno. Mauricio Artoy estimava-o como um parceiro intelligente no jogo dos paradoxos; mas a timidez de Julia receiava-o um pouco.

Comprimentou rapidamente todos.

— Fui esta tarde chamado a uma conferencia pelos doutores Frœder e Rodin, disse elle; quatro horas perdidas a discutir com aquelles cabeçudos... Como tinha ainda que trabalhar esta noite, vim aqui, um bocado, vêl-os e arejar um pouco as ideias. De que estavam falando?

O barão de Rieu explicou-lhe a questão em termos subtis. Daumier respondeu sorrindo:

— Ah! o socialismo! Falam tantas vezes n'esse phantasma, que hão de acabar por fazel-o apparecer.

— E parece-lhe que dentro em pouco?

— Ó meu Deus!... lá para o fim do seculo, proximamente para o centenario dos grandes acontecimentos, o mais tardar no começo do seculo vinte. Como sabem, a preoccupação d'esta data está no espirito de toda a gente. A expressão inepta, fim de seculo, que por toda a parte nos horripila, é o signal manifesto d'isso. Como uma febre chronica, mas de longos periodos, a França e a humanidade sentem passar sobre ellas esse sôpro singular que embriagou nossos paes ha cem annos. Vêem fidalgos, como o barão, burguezes ricos como Esquier, arregimentar os operarios, pôrem-se á frente do movimento do quarto

estado. Sim, estamos incontestavelmente nos limites de duas grandes épocas. Oxalá não haja sangue no fôsso que as separa!

—Sim! meu Deus, sim! nada de morte, nem de Terror... Dê-se a essa gente o que ella quer!...

Era Julia que falava assim: as ultimas palavras de Daumier tinham-lhe suggerido o medo dos perigos que Mauricio corria, n'uma revolução, — elle, tão sceptico, tão desdenhoso do povo, de uma aristocracia de maneiras tão arrogante. E lançada n'esta pista, voltando o espirito para o seu amigo, o seu pensamento não o deixou mais; viu-o falar, sem porém o ouvir. Ah! A esse adorado, tão intelligente, tão bello, tão amante, havia ella de causar tão grande dôr! Havia de lhe dizer: «Saia d'aqui... Deixe-me.» Como tinha consentido ella que lhe arrancassem semelhante promessa? Agora, tudo quanto tinha promettido ao abbade, e as exhortações d'este, tudo isso lhe parecia incrivelmente longe, n'um passado que já lhe não importava, de que ella não era já responsavel.

Poz-se de novo a escutar o que estavam dizendo ao pé d'ella. Como sempre, entre espiritos claros, a discussão tinha-se reduzido em breve á defeza de principios contradictorios. O barão de Rieu, philosopho catholico, especie de padre secular cuja vida privada offerecia, no entretanto, com as suas doutrinas, um raro exemplo de conformidade, julgou o mal social incuravel emquanto a religião não restituisse uma moral ao povo.

— Uma moral, com certeza, replicon Daumier, a sociedade tem necessidade d'ella. Mas é uma utopia querel-a fundar sobre a religião, que a sociedade já não acceita...

— Então sobre que queria fundal-a?

— Mas sobre as bases mesmas em que eu fundei a minha moral pessoal; sobre o accordo entre o meu interesse e o interesse da especie a que eu pertenço. As nossas duas moraes, a sua, Rieu, catholico practicante, a minha, diverso e incredulo, terão ellas effeitos tão differentes? So-

mos ambos, pela honradez contra o roubo, pela sinceridade contra a perfidia, pelo casamento contra a libertinagem... Sómente, o senhor pensa as cousas em nome de preceitos revelados; eu, penso-as em virtude de um sentimento irreflectido, mas muito forte, a que chamarei o egoismo de especie, o egoismo especifico...

N'este momento, Julia approximou-se de Clara:

—Minha querida, disso-lhe ella baixo, não te esqueças que precisas levantar-te cedo, por causa da entrada em Sion ámanhã, e que são já mais de dez horas.

Clara levantou-se, offereceu a testa aos beijos affectuosos de Julia e d'Esquier; foi roçar os labios pelos anneis grisalhos de M. Surgère: Mauricio disse-lhe um adeus distrahido. Depois, saudando com um movimento de cabeça o barão Daumier, sahiu. Este discreto movimento quebrara no entanto a conversa, e lembrara a cada um o correr do tempo.

O barão levantou-se:

—Diabo! dez horas e um quarto! Ha de estar a acabar a primeira parte da conferencia.

Começou a despedir-se.

—Para que lado vae? perguntou Daumier.

—Para o Arco de Triumpho.

—Eu acompanho-o.

Esquier retirou-se pouco tempo depois d'elles. Dentro em pouco Mauricio e M.me Surgère ficaram sós, com M. Surgère immovel, sem duvida dormindo.

Era a hora em que, todas as noites, os dois se dirigiam para o canto mais afastado do salão musgo, tomando logar n'um largo canapé Luiz XIV, estofado de verduras flamengas, por cima do qual formava uma especie de docel um leque enorme de plantas de sala. Ahi, na semi-obscuridade, as suas mãos immediatamente se entrelaçavam... Mauricio inclinava-se sobre o peito da sua amiga, refugiando a fronte, encostando-se-lhe sobre o coração. E essa muda caricia, que muito tempo Julia se tinha recusado a julgar peccaminosa, durava muitas vezes até ao deitar.

Já Mauricio, sentado no canapé, estava esperando. Admirava-se de não vêr Julia tomar o seu logar do costume junto d'elle. Ella folheava uma revista, com os dedos inquietos, os olhos distrahidos...

Elle chamou a meia voz:

— Yù!

E este chamar de intimidade, que ordinariamente na bôcca de Mauricio soava de um modo tão doce aos ouvidos de M.me Surgère, d'esta vez feriu-lhe o coração e a consciencia:

«Como tenho sido imprudente!... dei-lhe todos os direitos sobre mim; excepto a rendição ultima, pertenço-lhe toda; como hei de emancipar-me agora?»

Comtudo, era indispensavel approximar-se, falar a Mauricio. Implorou a Deus, n'uma prece curta.

— Vamos!

Foi sentar-se ao lado d'elle: elle, immediatamente, extendeu os braços; quiz apertal-a, devorado pelo presentimento. E de facto, ella revoltou-se, e recuou, balbuciando:

— Então, Mauricio, tenha juizo!

Por sua vez, foi elle que recuou, estacando repentinamente, gelado por essas palavras de tal modo imprevistas depois das complacencias, que as semanas precedentes tinham a pouco e pouco consentido. As suas duas pupillas dilataram-se, empallideceram; as mãos assentes, de palmas, sobre o canapé, todo elle estarrecido, sondou com o olhar os olhos de Julia. Esta sentia-se já perturbada; assustava-se de o vêr tão transtornado, antes da confissão d'ella... Implorava uma inspiração, palavras ao mesmo tempo firmes e ternas, para lhe dizer o que era preciso sem o torturar em excesso. Porém Mauricio não lhe deixou tempo.

— Ha alguma cousa de novo, disse elle. O que ha?... Oh! eu adivinhei-o immediatamente.

E como, mostrando o grupo immovel de Hélo e de M.

Surgère, Julia convidava Mauricio a socegar, elle accrescentou com um gesto que significava a indifferença:

— Eu tinha a certeza d'isto. Esteve hoje na rua de Turim. E aquelle sentencioso abbade Huguet deu-lhe volta á cabeça. Ah! que mal me ama!...

A entre-visão do abysmo, que se abriria na sua vida, se a ternura d'aquella mulher o abandonasse, espantou-o. Continuou, tornando a descançar a testa no seio de M.me Surgère:

— Oh! não faça isso, Yù, peço-lhe; olhe que me tornava muito desgraçado!

D'esta vez ella não se defendeu. Deixou aquella bonita cabeça arabe reclinar-se no seu peito, e como os dedos de Mauricio se agitavam, procurando os seus companheiros do costume, ella entregou-lhe a mão.

Mauricio repetiu:

— Diga-me que não é verdade, Yù, que nada mudou, que nunca mais me ha de repellir como ainda agora!

Quando o ouvia falar-lhe assim com um abandono, com entoações e gestos pueris, já ella se não sabia defender. Já a sua consciencia cumplice se dobrava, e murmurava:

«Vê lá como elle te ama; é uma creança, não é um amante; onde está o perigo?»

Comtudo teve um impeto de energia, e, sem desenlaçar os dedos, disse-lhe:

— Ouça-me, Mauricio... É verdade, fui hoje á rua de Turim, e vi o abbade Huguet. Mas fil-o porque estava decidida a examinar-me, a dominar-me a mim mesma, depois do que se passou hontem entre nós... Creia-me, meu caro amigo... Não posso continuar a viver d'este modo, ao pé de si... É extremamente perigoso para nós ambos, e eu não tenho direito de dispôr de mim.

Esperava uma objecção, uma resposta de Mauricio... Mas elle não disse nada, conservando a sua posição enrodilhada de creança persistente e terna.

Continuou:

— Prometti a mim mesma... muito antes de o ter prometido a... (hesitava deante d'este grande nome que Mauricio acolheu com um movimento d'hombros) ...a Deus... de não consentir a si... nem a mim... o resvalarmos por este declive.

Não respondeu nada, esta vez ainda, limitando-se a apertar apenas os dedos da sua amiga. E a sua pressão dizia: «Fale, fale; eu bem sei que me ama, e que, diga o que disser, é minha.» Ah! quanto isto era verdade! Ao mesmo tempo que os labios da pobre mulher davam curso a essas palavras prudentes e ajuizadas, ella propria se espantava intimamente da sua inanidade; sentiu que ellas não convenciam nem a Mauricio, nem a si mesma. Ah! tinham ambos avançado excessivamente no amor um do outro: era-lhes já possivel, n'um dia, por um simples acto de vontade, deixarem de amar-se?...

Comtudo, esforçou-se por continuar:

— Eu sou a mais fraca, meu amigo, bem o sei. Não tenho nenhuma força de resistencia; tudo quanto deseja, eu sinto que o meu coração se parte por ter de recusar-lh'o... Excepto, já se vê, se me pedisse para eu deixar de ser uma mulher honesta...

— Amo-a, balbuciou Mauricio em voz imperceptivel.

E como levantava um pouco a cabeça para ella, solicitando uma caricia, ella deu-lhe apenas os dedos a beijar. Elle sugou um apoz outro, como se fossem gulodices. Julia continuou, sem perceber a opposição entre as palavras que dizia e os affagos que tolerava:

— A pouco e pouco deixámos transviar a nossa affeição, meu amigo. Eu, amava-o como sua mãe: tenho quasi duas vezes a sua edade...

— Não diga isso, é um absurdo! exclamou violentamente Mauricio. Não quero que diga isso!

Ella não insistiu; comprehendeu que, em verdade, chocava um dos sentimentos mais susceptiveis do pobre moço, que não queria vêl-a menos nova do que elle mesmo.

Calou-se, um momento desorientada no sermão que meditara. Mauricio, que a contemplava, percebeu de repente toda a sua vantagem.

— Pois bem, seja assim, disse elle. Onde quer chegar? Farei o que me determinar.

Tão depressa elle disse estas palavras, aquillo que ella ia pedir-lhe pareceu-lhe enorme, impossivel de se pedir, impossivel de se conceder.

Hesitou, depois tomando o seu partido como quem se atira á agua, e afastando os olhos:

— É preciso separarmo-n'os, Mauricio.

Subiam-lhe lagrimas aos olhos, vindas da mesma fonte amarga e longinqua d'onde tinham brotado, horas antes, em casa do abbade Huguet.

Elle tornou-se tão pallido, que parecia ir desfallecer, immediatamente, nos braços d'ella, e foi ella então que, repentinamente vencida, o attrahiu ao seu peito e lhe beijou a testa com ternura. Sobre essa testa rolavam as suas lagrimas a uma e uma, lagrimas que deslisavam pelas faces d'elle, até lhe cahirem na bôcca, ficando-lhe como perolas no bigode e na barba. E ella ouviu-o murmurando:

— Se me expulsa d'aqui, morro.

Estava tão transtornado, todo o seu corpo parecia distendido por uma tão intensa crise nervosa, que essas palavras, banaes n'uma bôcca de amante, tinham o gosto aspero da verdade. De repente, soltou-se.

— Está bem! disse rapido; está dito, partirei.

Ella murmurou: «Mauricio!» agora inteiramente capaz de se lhe deitar aos pés, pedindo-lhe para se desdizer. Reteve-a um pudor intenso, de que nada havia triumphado ainda. Viu-o levantar-se, como n'um sonho.

Elle repetiu:

— Partirei... ámanhã... está entendido.

E então ella viu-o ainda dirigir-se para a porta, desapparecer. *Viu-se* a si mesma, chorando: «O quê? foi-se embora? Não é possivel... volta já... e vae pedir-me que...»

Mas não, tinha-se ido embora, deveras, e não voltava... Ella ouviu a porta do vestibulo fechando-se sobre a sua passagem, e os passos d'elle na areia da alameda, que conduzia ao pavilhão. Depois, esses ruidos mesmo desvaneceram-se no silencio.

Então sentiu que lhe tiravam o coração, e que nem um instante tinha acreditado, que se separariam. Não tendo já dominio em si, levantou-se por sua vez; não foi, como costumava todas as noites, por um habito extranhamente guardado até esse dia, estender a sua testa aos labios mortos de M. Surgère. Não; sahiu da sala, subiu ao seu quarto; mandou retirar Mary, despiu-se á pressa, e atirou-se prostrada na cama. As lagrimas que lhe embargavam a garganta e os olhos, bruscamente enxutas, obstinavam-se agora em não correr. Um somno horrivel, intermittente, torturou-a com esta visão de pesadello: Mauricio afastando-se d'ella, afastando-se para toda a vida! Para fugir a esse sonho, esforçava-se por não dormir.

«Como eu o amo! Como eu o amo! Porque hei de amal-o assim? e como foi que nasceu este amor?»

Parecia-lhe que o estava descobrindo, que o via surgir de si inopinadamente, sem que cousa nenhuma da sua vida passada, tão quieta, tão isenta de taes tormentos, a tivesse preparado para isso...

De tal modo se cegava, não percebendo que era justamente essa esterilidade sentimental, todo o passado e todo o presente, desde a infancia até á mocidade e até ao casamento, que a tinham conduzido ao amor actual. Finalmente tinha vindo, o amor, e ia colhêr o seu coração maduro para a grande ternura com que palpita uma vez todo o coração feminino.

III

Porque, até áquella volta dos quarenta, não tinha amado. O seu coração desabrochara, amadurecêra, apto sem-

pre para o amor, sem jámais encontrar, d'este, outra cousa senão apparencias illusorias.

Julia Surgère chamara-se em solteira Gabriella Solange Julia de Crosse; nascera n'uma antiga familia do Berry, muito pobre, em consequencia apenas do accrescimo das fortunas em torno de uma fortuna inactiva desde a Revolução. Os Crosse nada tinham perdido do seu patrimonio no grande cataclysmo, graças á fidelidade de um intendente: mas em volta d'elles tinha-se trabalhado, os proprietarios dobravam os seus rendimentos explorando a vinha e os bosques; elles, porém, continuavam o precario regimen dos arrendamentos, irregularmente pagos, e viviam, uns annos pelos outros, á mercê d'esse inconstante rendimento.

Confinados no seu Berry, não tinham tentado nem a industria, nem as funcções publicas: apenas, um tio de Julia, irmão do pae, tinha sido prefeito na Corsega no tempo do segundo imperio; e a experiencia fôra infeliz: atacado das febres da ilha, voltou para arrastar em Bourges, em casa de seu irmão uma agonia de seis annos, trazendo da Corsega, Tonia, a camponeza de Calvi, que creou Julia e lhe deu o diminutivo local de Yù.

Julia recordava-se de seu pae, como de um fidalgo de provincia, baixo de estatura, secco, altivo e imperioso, de uma ignorancia extraordinaria, não lendo nunca, nem mesmo um jornal, empregando os seus dias a fumar cigarros que elle mesmo enrolava, andando pelas casas, desde a cosinha até aos sótãos, incommodando todos para se occuparem d'elle. M.me de Crosse obedecia-lhe cegamente: sem belleza, sem graça feminina, sem espirito, sem vontade, a unica feição notoria d'aquella physionomia apagada era uma piedade absorvente, quasi assustadora, que bastava para encher os seus dias de exercicios religiosos em casa, de estações na egreja. Ensinou a Julia, de natureza meiga, um Deus de Carmelita, senhor muito poderoso e muito exigente, que é impossivel quasi satisfazer,

e para com o qual, apesar de todos os esforços se é sempre devedor de dividas ignoradas.

Taes foram os primeiros annos de creança, na sombria residencia da rua Coursarlon. Que casa tão melancholica! Sob os telhados de ardosia em declive alongado, alinhavam-se em cada um dos dois andares cinco janellas, cinco altas janellas com rotulas de cima abaixo. Em frente da fachada um pateo empedrado; e, separando esse pateo da rua, uma porta pesadissima cuja pintura branca esgarçava mostrando fendas, encaixilhada entre dois pavilhões inuteis egualmente cobertos ambos de ardosias revestidas de musgo. Não era nem vasto, nem elegante, nem luxuoso sobretudo, embora a apparencia geral não fosse desprovida de uma certa grandeza: pequenos pormenores revelavam a sua nobre antiguidade, o seu uso aristocratico. Assim eram: as dimensões monumentaes das chaminés, a largura das cornijas, a altura dos vãos, os grandes pedregulhos esverdeados que calçavam o pateo, collocados ali ha mais de cem annos, e o gosto decorativo do corpo medio avançado.

No interior era o desconforto, o abandono á pobreza, quasi á indigencia. Na época em que Julia, aos onze annos, deixou a casa natal de Crosse, o rendimento de seus paes andava por perto de um luiz por dia. D'esses vinte francos, haviam de viver seis pessoas. M.me de Crosse fazia-os chegar por um processo de economia muito simples: privar-se de tudo que não podia ter; e n'aquillo de que se privava, muito do necessario era comprehendido.

O caso, porém, não era unico entre a nobreza de Berry, onde apenas uma familia era reputada pela sua fortuna, que aliás não manifestava por nenhum luxo exterior; os Duclos de La Mare, alliados com M.me de Crosse. Uma tia d'este nome habitava Paris, occupada na pratica de boas obras, as quaes lhe não levavam ainda assim todos os rendimentos.

Madrinha de Julia, a dama de La Mare era a esperança

reservada dos paes d'esta, para a educação e para o futuro d'ella.

Effectivamente, um anno antes da edade em que a menina devia receber a sua primeira communhão, M.me de La Mare desejou-a ao pé de si.

Julia ignorava a tal ponto a miseria da sua infancia, que chorou quando lhe foi preciso deixar seus paes e a casa da rua Coursarlon. As suas lagrimas ardentes, reprehendidas como uma falta de submissão, molhavam os frios beijos de despedida de M. e de M.me de Crosse.

Chegou a Paris, acompanhada por Tonia, porque a inercia e a avareza da sua familia não se resolveram á viagem.

Chegou ahi tão inquieta como pesarosa; o nome da sua parenta, tantas vezes ouvido durante a sua infancia, fazia-a imaginar uma especie de religiosa, de mulher-padre, com romeira rôxa bordada de arminhos.

Essa imaginação não era inteiramente falsa. Julia cahiu, em casa de M.me de Duclos de La Mare, em um novo meio de piedade, mais activa que a de sua mãe, mas não mais attrahente, nem mais indulgente para os sobresaltos do coração.

Conheceu a piedade das congregações sêccas, das boas obras mortas; os congressos de velhas donzellonas aristocraticas e empertigadas, soccorrendo uma categoria especial de pobres, que pareciam roídos mais ainda por um tedio incuravel do que pela miseria... Ahi tambem, Julia de Crosse, com o coração cheio de thesouros inuteis, procurou debalde alguma cousa para amar. Sua tia tratava-a como uma pobre de boa familia: muitos preceitos, nunca uma palavra affectuosa, nunca uma caricia.

Essa devota, resequida na sua caridade, só tinha alguma ternura para um unico sêr humano: para seu sobrinho, chamado Antonio Surgère, que ella tinha educado, e que, ao acabar essa educação, se revelara amigo de festas, jogador e libertino.

Ella pagava-lhe as dividas recalcitrando, mas recusava-lhe todo e qualquer adeantamento de dinheiro, até ao dia em que elle se casasse: pois acreditava na efficacia do sacramento para o purificar.

Julia foi crescendo n'esse triste meio, sem ninguem se inquietar com a modelação do seu espirito, apenas esclarecido por algumas lições de leitura e de escripta que lhe dava a creada de quarto.

Um padre, moço ainda, que frequentava a casa, reparou n'essa ignorancia e insistiu em que a creança entrasse interna para um collegio. Esse padre era o abbade Huguet, recentemente nomeado capellão das Redemptoristas da rua de Turim. Fel-a entrar como discipula n'essa casa de educação.

Os annos de convento onde, pela vez primeira, Julia compartilhou o viver das rapariguinhas da sua edade, foram os melhores da sua mocidade. Ao principio extranha, quasi tonta pela independencia desacostumada em que a deixava esse asylo de disciplina, habituou-se a elle como se fosse a felicidade.

As suas companheiras, as suas mestras estimavam-a muito; mas, apesar de toda a sua boa vontade, não foi durante muito tempo senão uma alumna submissa e mediocre.

Entrava nas obras do espirito com uma desconfiança de si, tão receiosa, que nenhuma cousa a podia vencer, nem os seus proprios esforços, nem a indulgencia das educadoras.

Provisoriamente, estas renunciaram a isso, e ella tambem. Ella propria declarava, com humildade não fingida, que era inteiramente destituida de intelligencia. Em torno d'ella, dizia-se:

— Oh! Julia de Crosse... é bastante curtinha, mas é tão boa, tão boa!...

Julia não se mortificou com essa fama. Soffria d'uma in-

completidão singular que não podia definir. Interrogava-se frequentemente a esse respeito, com a humilde convicção de que não saberia responder a si mesma.

«Eu sou feliz, dizia ella a si propria... o que me falta?»

Não achava. Mas persistia o vacuo, indeterminado, doloroso. Não soube o que o seu coração procurava senão quando o acaso lh'o deu, quando o saboreou e depois irremediavelmente o perdeu.

Dois annos a separavam do fim dos seus estudos — e ella desejava com certeza que a sua semi-felicidade de collegial durasse a vida inteira! — quando appareceu no convento das Redemptoristas a irmã Cosyma, encarregada de dirigir a secção das maiores.

Era uma italiana do sul, natural dos arredores de Vietri: tinha das suas compatriotas o corpo magestoso, o rosto maduro, as feições de medalha.

Não era possivel vêl-a, sobretudo não era possivel ouvil-a, sem se sentir a necessidade de ser distinguido por ella; porque a sua voz era a mais rica, a mais poderosa, a mais perturbadora voz de contralto, que se podia ouvir.

Passou-se, logo depois da sua chegada á rua de Turim, um phenomeno bem conventual, bem especial d'esses mundosinhos limitados, separados da vida sentimental ambiente: todas as discipulas se apaixonaram pela irmã Cosyma. Ella acceitou essas homenagens, sem parecer impressionar-se com ellas, como uma flôr que se abre sob os raios que recebe.

Graciosa com todas, não distinguiu realmente senão uma unica das suas alumnas: Julia de Crosse. Talvez pela sua passividade intellectual, pela incultura d'aquelle espirito onde lhe agradou tentar a sementeira... Conseguiu-o; fez germinar a idéa, a vontade, a personalidade na alma infantil que se ignorava ainda.

Julia respondeu pelo inteiro abandono de si mesma; foi

um abrir casto do seu coração intacto, da sua intelligencia virgem, qualquer cousa do descer da chamma apostolica sobre a fronte dos incultos pescadores de Galilea. Soube, pela admiravel mulher que a ensinava; soube finalmente, e a um tempo, o que é comprehender e o que é amar.

Mas em breve foi quebrado o encanto d'esta ligação. Nos conventos de mulheres prohibem-se as amisades sensiveis, muito exclusivamente dualistas. Vê-se n'ellas, com razão, uma fórma desviada do amor humano, contra o qual o claustro pretende ser um refugio; depois, sem duvida, as desdenhadas d'essas castas ternuras, mais numerosas, ligam-se contra as favorecidas. A affeição da irmã Cosyma e de Julia de Crosse foi denunciada, e immediatamente impedida.

Tanto quanto foi possivel, prohibiram-as de se vêrem, de se falarem; a sua ternura exaltou-se e tornou-se mais aguda pela separação, pela perseguição. Como nada impedia que se amassem essas duas almas fraternas, como por outro lado, a belleza, a voz admiravel da irmã Cosyma, rapidamente conhecidas em Paris, enchiam a capella de mocidade que não ia ali chamada pela devoção, decidiram enviar a italiana para uma das casas de provincia.

Partiu resignada, depois de ter apertado uma ultima vez ao peito a creança desfallecida, que lhe dizia entre soluços:

— Eu vou morrer, quando a não tiver ao pé de mim!

Não morreu; mas o coração ficou-lhe sangrando, pisado, dolorido para toda a vida. Nunca jámais o perfume da amisade desapparecida havia de evaporar-se da alma que elle impregnara um dia.

Julia esteve muito tempo doente; mesmo restabelecida, conservou voluntariamente e alimentou a dôr da sua ferida.

Viveu na sua magua, falando pouco, tendo poucas companheiras, desinteressada dos estudos que lhe não impunham já, merecedora de dó, tocante, amada ainda apesar

de tudo, atravessando a vida como um sonho indifferente, — até ao momento em que, bruscamente chamada para casa de sua tia Duclos de La Mare, lhe annunciaram que ia casar.

Casar! Recebeu a noticia como um golpe que lhe vibravam á cabeça. Casarem-a! Tirarem-lhe aquella vida, molle, ociosa, onde o seu coração podia arder silenciosamente, á maneira de uma lampada de santuario; atirarem-a para um mundo desconhecido, cheio de uma actividade para ella extranha, que a não tentava, que a assustava! O medo tirou-lhe a força de resistir.

Lançou-se aos pés de sua tia; supplicou-lhe que a deixasse no convento. Queria, dizia ella, ser religiosa. A tia, porém, não se demoveu. O horror antecipado do casamento n'uma virgem, aprazia-lhe como um indicio d'innocencia.

Tinha decidido que Julia convinha a Antonio Surgère: porque era este o pretendente.

Exhausto de recursos. cançado de mediocridade e de expedientes, atormentado, depois dos quarenta annos, por uma necessidade de fortuna e de influencia, o prodigo rendia-se afinal e consentia no casamento.

Dois financeiros seus amigos, João Esquier e Roberto Artoy, tinham fundado, alguns annos antes, duas casas de banco correspondentes, uma em Paris, outra no Luxemburgo. Esses estabelecimentos prosperavam, mas os capitaes eram fracos; tinham de contentar-se com as pequenas operações de uma clientella regional. Os directores desejavam augmental-a; offereciam a Surgère a situação de co-director se trouxesse capitaes: era o dote de Julia, largamente fornecido por M.me de La Mare, que elle ia collocar na operação.

A pobre Julia não era, com certeza, de força a luctar contra as vontades alliadas de sua tia e de seus paes, que tinham vindo de Bourges expressamente para convencel-a.

Comtudo, antes de consentir, escreveu á irmã Cosyma, perguntando-lhe:

«O que hei de fazer?»

Do fundo do retiro para onde a tinham exilado, a italiana respondeu:

«Minha filha, para nós, mulheres fracas, ha dois caminhos apenas que conduzem ao futuro: um é o casamento, o outro a vida religiosa. Tudo o mais são bêccos e travessas. Parece-me que a conheço bem: não foi para a vida religiosa que nasceu. Se, no seu intimo, se sente capaz de amar seu marido, não immediatamente, porém mais tarde, quando se conheçam bem, case.»

Julia interrogou-se sinceramente:

Seria ella capaz de amar o homem fatigado, mas elegante, attrahente, galante mesmo, que lhe apresentaram e que, desde então, foi regularmente, todos os dias, visital-a a casa de sua tia, levando-lhe as mais raras flôres?... Como responder a si mesma? Não imaginava nem mesmo o que significava a palavra «amar» applicada a um ser tão differente d'ella, que a intimidava a ponto de lhe tirar o uso das palavras.

Elle, nas suas exterioridades de homem do mundo, conhecedor da vida, conservava uma alma vigorosa, inquieta, atormentada por aventuras. Com certeza que teria preferido, para o auxiliar n'essa conquista da fortuna, uma companheira mais viva, mais deliberada; mas Julia era formosa, naturalmente elegante; e além d'isso elle não poz um instante em duvida que ella não estivesse apaixonada por elle. Pois não agradava elle tanto, ainda hontem, a tantas mulheres?

O casamento effectuou-se, com pompa, na capella da rua de Turim, «excessivamente pequena, disseram justamente os jornaes, para conter os convidados». Toda a nobreza do Berry assistiu, exhibindo aos olhos dos parisienses, amigos ou parentes d'Antonio Surgère, o mixto mais divertido de

typos e de *toilettes* de provincia. Em seguida, Antonio conduziu sua mulher para Ville-d'Avray, onde alugara uma propriedade para n'ella passar a lua de mel.

Bastou o primeiro dia para consummar o mal entendido que os desuniu para sempre.

Julia tinha pouco mais ou menos a sensação das escravas antigas, que um barbaro arrancava aos seus, levando-a a galope, atravessada na sella.

Sem attenções com aquelle assustado espanto, o marido tratou-a como senhor e dono, logo que esteve a sós com ella, sem esperar mesmo a hora nupcial da noite... Accommettido por um appetite sôffrego de devasso, deante de aquella timida pensionista que lhe entregavam, conspurcou-a brutalmente no primeiro canapé que se lhe offereceu á mão...

O que Julia sentiu n'aquellas circumstancias não foi tanto surpreza nem soffrimento, como foi horror por uma violencia mal comprehendida, mesmo depois de ter sido executada.

O effeito foi de tal modo definitivo que todos os retornos de seu marido lhe deram crises de nervos e nauseas.

Antonio Surgère, ferido na sua vaidade de seductor, obstinou-se algum tempo, procurando reparar, pela doçura d'uma conquista lenta, o effeito da sua brutalidade. Já não havia remedio. Não podendo mesmo dirigir censuras a sua mulher, porque a encontrava constantemente resignada a supportal-o, em breve se afastou d'ella.

Outros cuidados, no entanto, o solicitavam. Era preciso voltar a Paris. A nova sociedade financeira installava-se na rua da Chaussée-d'Antin, em um dos vastos quarteirões, que abrem uma segunda sahida para a rua de S. Lazaro. Os escriptorios occuparam todo o edificio em fachada ao longo da calçada.

Havia muitos annos que Roberto Artoy habitava com sua mulher, uma hespanhola de Cuba, e com seu filho, um pa-

lacete proximo da Trindade. Os Surgère alugaram simplesmente uma das casas da Cidade.

Antonio não julgava ainda propicio o momento para espantar Paris com o seu luxo; era d'aquelles que querem ou um palacio principesco, ou então palacete nenhum; os mais bellos cavallos de Paris, ou então um simples *coupé* de aluguer.

Seis mezes depois da sua installação, o terceiro socio, João Esquîer, que ficara sósinho com uma creancinha, depois do parto mortal de sua mulher, vinha habitar o andar superior da casa dos Surgère, até então inutilisado.

Julia tivera a idéa d'essa approximação, que seu marido vira sem desprazer. Condemnada a não ser mãe, enganava a sua fome de maternidade, creando junto a si a filha d'Esquier. De mais, Esquier, nem bello, nem lisonjeiro, tinha ganho breve a sua estima, a sua affeição mesmo. Tanto a elle como a ella, a quinze annos de distancia, tinha-lhes a vida faltado á palavra dada: do mesmo modo que ella, estava só, desherdado de esperança; elle mesmo dizia a Julia: «Somos viuvos ambos.»

O isolamento de seus corações approximou-os, além das inclinações communs, do gôsto pela conversa intima, do horror do mundo, da paixão pela caridade.

Emquanto Antonio Surgère vivia a vida de fogo do financeiro mundano em Paris, Esquier e M.me Surgère fundaram a sua intimidade, em largos serões passados juntamente, onde, migalha a migalha, ella lhe contou a sua historia inteira.

Sentia ao pé d'elle um sentimento singular de apoio, de segurança. Sentia-o dedicado tão apaixonadamente como ella propria o tinha sido á irmã Cosyma, outr'ora. A educação da creança foi para ambos um cuidado commum, onde melhor se uniram ainda; depois, quando Clara deixou a casa para entrar como alumna no recolhimento de Sion, a solidão acabou de apertar para sempre a sua intimidade...

Durante essa longa série de annos Julia viu pouco Mauricio Artoy. A saude de M.me Artoy, sempre vacillante, dava-se mal com o clima de Paris. Daumier aconselhou a residencia em Cannes, um primeiro inverno, e depois no seguinte; finalmente, encontrando no sol do meio dia um pouco da sua querida patria, a cubana acostumou-se a viver ali, com seu filho, limitando-se a passar algumas semanas cada anno em Paris...

Assim Mauricio foi creado sob aquelle ceu radioso, em uma *villa* principesca, servido por uma infinidade de creados, mas privado de companheiros da sua edade, e sem inclinação, de resto, por nenhuma outra sociedade, a não ser a de sua mãe. Adorava-a, e ella adorava-o. Vêl-os juntos era um espectaculo curioso e tocante: elle attento, galanteador, cortezão; ella prodiga para elle da admiração mais apaixonada.

Os que viviam em Cannes, por essa epoca, lembram-se com certeza do terraço da *villa* dos Cravos, que dá em cunha quebrada sobre o mar, a oeste da cidade. Hão de evocar, á hora em que o sol de inverno é mais tepido, aquelle par observado todos os dias, o filho e a mãe, bellos ambos, ambos extranhos... Mesmo quando elle cresceu, já notado pelas mulheres, por causa da sua bonita figura e das suas rasgadas maneiras, — mesmo depois de ter saboreado, com o ardor da sua edade, os labios tentadores que se lhe offereciam, no meio d'aquella sociedade cosmopolita de Cannes, tão facil! — conservou-se sempre o mesmo filho adorador, apaixonado pela belleza de sua mãe, preferindo a todas as companhias, mesmo as mais attrahentes, uma hora passada junto d'ella, com a cabeça escondida, como uma creança pequena, no agasalho do seu peito.

M.me Surgère, que não passava o inverno no sul, não via a mãe e o filho senão durante as curtas semanas que elles davam a Paris, no mez de maio. Ao principio viu um rapazito vestido á ingleza, possuindo aos doze annos a cor-

recção de um clubman; depois caminhando os annos, appareceu o rapaz, que toda a gente — e ella propria — acharam precioso e amaneirado. Falava pouco, affectando um feitio singular de pensamento e de expressão.

Sua mãe dizia, em voz baixa, que elle escrevia versos, mas que não fizessem allusão a isso; e, em tal materia, elle proprio nada dizia.

O que se lhe não podia recusar era o ser um musico consummado, muito ao facto das escolas modernas e notavel executante.

Em summa, Esquier e os Surgère gostavam pouco d'elle. Sómente Clara parecia comprehendel-o um pouco. Dois invernos seguidos, M.me Artoy tinha recebido a pequenita em Cannes, no momento em que acordava n'ella a crise da edade: os dois, Clara e Mauricio, vivendo sob os mesmos tectos, tinham feito um com o outro amplo conhecimento. O que se ignorava, era que d'esse tempo de communidade datava entre elles um passado de ternuras pueris. A primeira vez que Mauricio viu aquella creança de quinze annos, pallida, extranha e captivante, elle, a quem os seus vinte annos, os seus triumphos tão promptos com algumas mulheres, e já relativamente numerosos, embriagavam a ponto de lhe dar a convicção de que nenhuma lhe resistiria, divertiu-se a envolvel-a em caricias; e a creança, cheia de simplicidade, immediatamente o amou.

Era, porém, de uma honestidade selvagem, e além d'isso muito religiosa; defendeu-se valentemente contra Mauricio; quando muito, este roubou-lhe alguns beijos. E desde então, todas as vezes que se encontravam, em Cannes ou em Paris, recomeçava entre elles a guerra de caricias, sem Mauricio se poder gabar de nenhuma vantagem.

De resto, os acontecimentos iam separal-os. M.me Artoy extinguiu-se lentamente. Mauricio foi atacado immediatamente de uma especie de mal de solidão, que o afastou

violentamente dos logares onde tinha respirado perto d'ella, dos sêres que lhe podiam falar d'ella.

Foi passeiar a sua magua atravez da Italia, demorou-se por lá mais de um anno, escrevendo apenas alguns bilhetes a seu pae... Cançado de tudo, n'aquella patria da arte, julgou sentir que ia tornar-se pintor. O tempo, por toques insensiveis, cicatrisava a sua ferida, mas mantinha-se o vacuo na alma do errante. Se amou, ao acaso dos encontros, essas mulheres de acaso não lhe tornaram a Mulher, tal como sua mãe lhe tinha apparecido, o asylo caro onde repousar a sua cabeça fatigada. Comtudo, desejava-a: era um d'esses homens, que a não podem dispensar. Muito naturalmente, no decurso da sua peregrinação de exilio, o pensamento se lhe dirigiu para a fragil amiga, cuja virgindade timida e languida o tinha outr'ora tentado, em Cannes.

Os minutos em que de longe pensou em Clara Esquier, de Veneza ou de Capri, de Roma ou de Palermo, deram-lhe a illusão que a amava; então ella realisou, para elle, a presença feminina tão desejada. Um dia, sentiu a necessidade exigente de tornar a vêl-a; não lhe resistiu mais. E, tambem, o que estava elle fazendo em Italia? Do mesmo modo que a poesia, do mesmo modo que a musica, a pintura cançava já o seu esforço, e a angustia de sentir os dedos pouco ageis para traduzirem o seu sonho fazia-lhe odiar quasi as obras primas.

Regressou a Paris; installou-se n'um pavilhão da rua de Athenas, entre um pateo e um grande jardim. Ahi viveu sósinho, ou quasi só: a solidão tinha-o captado a pouco e pouco.

Reatar em Paris as relações aventurosas de Cannes era cousa que não acceitava o seu coração mal restabelecido. Emquanto aos habitantes da Chaussée d'Antin, frequenta-va-os regular e moderadamente.

Faltava muito para seu pae lhe inspirar a mesma affeição que sua mãe: nem Esquier, nem Antonio Surgère, nem

a mulher d'este o interessavam. Assistia, comtudo, aos jantares da terça feira, aos *five ó clock* do sabbado, na esperança de encontrar ahi Clara. Encontrava-a ás vezes, divertia-se a segredar-lhe palavras ternas, a perturbal-a mesmo com algumas caricias... E essa intriga ligeira — palavras murmuradas, beijos atirados na sombra ao canto de um labio que se furta — bastava para encher de um pouco de emoção a sua vida estagnada...

Havia dois annos já que o mal, que tão rapidamente devia abater o organismo robusto de Antonio Surgère manifestava os seus primeiros symptomas. Primeiro, o polegar, depois, a um e um, os dedos da mão direita tornaram-se insensiveis.

Uma especie de aspiração interna paralysava os musculos, não deixava viver senão o envolucro da epiderme em torno dos ossos. Com uma lenta regularidade, o proprio ante-braço direito mirrou, depois os dedos do pé direito, depois a perna direita.

E a doença, quasi a morte, introduzida assim em casa, installou-se n'ella, lado a lado da vida, passando a ser um hospede que se acceitou, por não ser possivel excluil-o. De resto, eram tão lentos os seus progressos, que não appareciam senão por comparação com o passado, como succede com os progressos da vida.

O cerebro parecia inexpugnado. Antonio conferenciava sempre com os seus socios, compartilhava da actividade dos negocios, fazia mesmo muitas vezes ainda a viagem do Luxemburgo, sem abandonar a sua cadeira de doente, que era subida para o *coupé* do wagon.

Bruscamente, cahiu um raio, na vida tranquilla d'essa gente toda. M. Surgère recebeu uma manhã a incrivel noticia, absolutamente imprevista: o seu socio Roberto Artoy, ausente havia algumas semanas sob pretexto de negocios pessoaes a liquidar, acabava de fazer saltar os miolos em um quarto do Hotel de Saboya, em Londres. Uma carta

explicava a sua decisão. Refreiado em Paris, no seu gosto pelas emprezas aventurosas, pelos seus dois collegas, tinha especulado por sua conta, em Londres, sobre os cobres da America do Sul: e o krach, agora certo, arruinava-o. As dividas enguliam todos os fundos que elle tinha no Banco de Paris e do Luxemburgo: mais de quatro milhões. Foi um rude golpe para o estabelecimento tão prospero: os quatro milhões desapparecidos desfalcavam largamente as reservas; o suicidio de um dos directores suscitava a desconfiança, provocava numerosas retiradas de depositos. João Esquier salvou a situação, graças ao soccorro de uma grande casa de credito. Puderam assim sustentar-se o tempo bastante para voltar a confiança, e com ella o refluxo dos depositos. Regulado tudo, achou-se que o activo de Roberto Artoy excedia duzentos mil francos. Tivera pressa de mais para matar-se.

Pressa de mais, sobretudo para Mauricio.

A dupla provação, perda do pae, perda da fortuna, foi de mais para esse coração mal temperado, formado por uma mulher, debilitado pela solidão que não fortifica senão os fortes. Prostrou-o uma congestão cerebral sob o choque da horrorosa nova: foi preciso leval-o para casa dos Surgère, onde Julia, impressionada por tanto infortunio, o tractou como um filho.

E foi, na verdade, como um filho debil, com o corpo vergado, o cerebro vacillante, que elle lhe appareceu, emquanto ella velava áquella cabeceira. Finalmente, encontrava o emprego da necessidade secreta que a devorava de se dedicar, de ser util, de curar! Finalmente, gastava-se, dava-se! Mauricio, difficil, irritavel, mesmo depois do periodo agudo e perigoso da sua doença, teve uma enfermeira incomparavel, cujas entranhas palpitavam d'aquella falsa maternidade que visita no outomno da vida as mulheres sem filhos. Orgulhosa por vêl-o reviver e recuperar a belleza, começou a amal-o verdadeiramente nos dias

de convalescença, como um sêr humano que ella creasse de novo.

Voltava á vida! já se levantava, andava; nenhuma perturbação de cerebro persistia; mas comtudo não era já o Mauricio Artoy de antes da catastrophe, não era já o moço *gentleman* frio, correcto, composto, quasi que não se dignando falar, que Julia tinha conhecido no tempo em que vivia o pae e em que elle sabia que era rico. A ruina tinha-lhe tirado a mascara da indifferença: espantava a propria Julia pelos impetos bruscos do seu genio, pela sua profissão de tristeza e de rancôr contra a vida. Taes desesperos, ella não sabia de certo combatel-os com palavras: era, porém, d'aquellas que possuem innatos o gosto e a arte secreta de pensar as feridas. A unica presença que Mauricio convalescente supportou, foi a da amiga dedicada que nas semanas de prostração physica elle vira, terna e fiel, ao pé da sua cabeceira. Nos seus delirios, dizia frequentemente: «Ah! segurem-me a cabeça, a minha cabeça!...» E Julia tinha muitas vezes tomado nos braços aquella bonita cabeça arabe, fitando aquelle rosto sulcado, empallidecido pelo soffrer... Agora que soffria, só de pensar no que tinha passado, conservava o costume, nas horas tristes, de se encostar áquelle terno collo de mulher. Ah! o asylo materno, eternamente nostalgico, onde o homem mortificado pela dôr torna a ser creança! Ella consentia, penetrada de grande satisfação ao sentir-se finalmente mãe, com um filho a embalar. Tinha tambem um certo orgulho n'aquella affeição unica e ciosa que elle lhe votava: verdadeiramente humilde de coração, admirava-se de que sêres superiores como elle, como a irmã Cosyma, pudessem distinguil-a, gostar da sua companhia, amal-a.

Mauricio, ao pé d'essa mulher tão bella, tão desejavel, que a felicidade tornava mais desejavel e mais bella, sentia-se sem desejo; positivamente, não via a belleza d'ella. M.me Surgère representava para elle alguma cousa de materno, fóra de todo o amor possivel: innumeras recorda-

ções dispersas no decorrer dos seus annos de infancia, davam testemunho da longa distancia de edade que os separava.

Foi necessario que a graça, a persistente mocidade da sua amiga, lhe fossem lentamente reveladas por miudos accidentes, por pequenos factos accumulados. Depois que estava curado, manifestava uma preguiça extraordinaria em sahir de casa: e como o doutor Daumier insistia na necessidade de sahir, M.me Surgère não achou outro meio senão leval-o comsigo, nas suas sahidas quotidianas, ou arrastal-o ao Bosque, onde raras vezes ella ia só. Mauricio consentia em acompanhal-a; em breve tomou gosto a esses passeios, conchegados os dois no fundo do coupé, ou estirados lado a lado, na victoria lenta, por debaixo das acacias. Observou quanto a sua companheira era olhada e admirada, reconheceu nos olhos dos passantes aquella chamma brusca, que atraiçôa o desejo. Reparou em Julia: por sua vez, víu-se obrigado a concordar que era formosa, de uma incomparavel belleza saborosa e madura. A pouco e pouco, os reparos furtivos da admiração e do desejo d'aquelles desconhecidos, que ao principio tinham divertido a sua curiosidade, desagradaram-lhe, irritaram-o, como se de cada vez lhe tivessem roubado alguma cousa do seu bem.

Ao mesmo tempo um encanto menos puro, diverso da voluptuosidade languida do refugio e do repouso, nascia da sua intimidade com Julia, d'aquelles contactos, d'aquelles abandonos innocentemente consentidos. O mau desejo, o mau intento começavam a germinar n'aquelle coração inquieto. Amar Julia, fazer-se amar por ella, era uma aventura que devia ter um sabor especial de conquista, de deboche singular: era o adulterio na casa onde o tinham recolhido, tratado; era tambem uma especie de amor á João Jacques, um seio de mãe palpitando de repente como um seio de apaixonada. Taes circumstancias excitaram a sua libertinagem superficial, esse pueril capricho que lhe dava

agora para se vingar das cousas, para calcar aos pés os escrupulos, para quebrar os deveres,—á semelhança de uma creança castigada, que se vinga quebrando objectos de preço. Todas estas razões que elle dava a si mesmo, disfarçavam a seus olhos o verdadeiro e natural appetite que germinava, a inevitavel concupiscencia...

A entrada d'elles ambos no amor foi deliciosa: sem ciume, sem inquietação. A experiencia do amante já experimentado dizia-lhe: «Ha de ser minha esta mulher», porque tinha lido nos olhos d'ella o que os olhos femininos não sabem nunca occultar: o desejo inconsciente de se dar, o desejo de ser amada. O que era preciso, simplesmente, era não a atemorisar; um ataque brusco podia perder tudo. Ella era casta, feita para amar, sem nunca ter tido occasião d'isso. Elle percebia a brecha que abrira, sem diligencia sua, n'aquelle coração de mulher. Pois bem! havia de ser por essa brecha, que elle abriria, que haviam de entrar o desejo e a paixão. Conteve-se, portanto; esforçou-se unicamente por misturar cada vez mais intimamente as suas duas vidas. Acostumou-a ás caricias, mas evitou dar-lhes jámais o tom de caricias de amante. Estas tornavam-se habitos a pouco e pouco; e, não podendo já pensar em prohibil-as, começava a assustar-se com ellas. Coitada! estava já captiva de mais, para inconscientemente não procurar cegar-se. Dissipou as suas primeiras anciedades por meio d'este sophisma: «Eu sou uma segunda mãe para Mauricio; o que eu lhe permitto, é o que uma mãe permitte a seu filho. Nada mais.»

Se se atrevesse a examinar, se não continuasse a descer o declive, com os olhos voluntariamente fechados, teria percebido que difficilmente se poderiam chamar maternas ou fraternas as caricias que entre si trocavam. Logo que estavam sósinhos no coupé as suas mãos juntavam-se: Mauricio levava-as aos labios, e demorava-as ahi longamente. Tambem ella não ousava recusar-lhe que se encos-

tasse ao seu peito, o que elle implorava com irresistivel languidez nos olhos; consentia para ouvir as palavras que elle então dizia e que desciam ao coração d'ella como um orvalho: «Sou feliz... Fiquemos assim!...» Insensivelmente muitos habitos d'ella se modificavam. Uma especie de garridice de que, alguns mezes mais cedo se teria julgado incapaz, uma vontade de agradar, de parecer nova, tinham-se apoderado d'ella e solicitavam-a obscuramente. Bastava que Mauricio exprimisse uma opinião sobre o seu penteado, sobre a sua toilette, para o satisfazer sem discussão. Tinha substituido o seu *chignon* ondulado por simples bandós, separados ao meio da testa, que accentuavam o seu typo de vestal. Mauricio acompanhava-a a casa do costureiro, da modista, até mesmo ás compras miudas de objectos de toilette. Esse homem, que tinha a alma d'um artista, com uma extranha incapacidade para exprimir o que imaginava, achava emfim a materia obediente, animada por um simples desejo, a materia transformando-se por si propria para lhe ser agradavel: essa materia unica — como no bello mytho grego — era uma mulher.

Se elle se tivesse conservado até ao fim o que tinha sido ao principio, uma especie de investigador curioso, de dilettante de amor, teria, talvez, sem abalo, conduzido Julia até se lhe abandonar. A cegueira da pobre mulher era tal que a sua religião, no emtanto tão sincera, de nada receiava. Frequentava ainda a egreja, commungava pelas festas, orava por Mauricio, por si mesma, pela duração d'aquelle affecto que se lhe tornara tão querido, com perfeita serenidade de consciencia... Porém Mauricio, apanhado nas suas proprias rêdes, perdia com o sangue frio e a paciencia a faculdade de lêr claro no coração da sua amiga. Tinha empregado uma pueril affectação de astucia amorosa traçando previamente um programma de conquista; tinha, apenas, desprezado uma cousa: achar um modo de se dominar a si proprio.

Uma caricia imprudente, a que se abalançou,—o primeiro beijo na bôcca—foi bastante para despertar Julia, para a lançar, espantada, soluçante, aos pés do abbade Huguet, implorando contra o amado, contra ella mesma, um soccorro sobrenatural. Áquella entrevista com o confessor, tinha ido bem decidida a obedecer; tinha sahido de lá resolvida á obediencia ainda, apesar do horror da palavra terrivel «Fuja!» que era preciso dizer a Mauricio... Resolvida, com certeza! Mas nos obscuros escaninhos d'aquelle pobre coração sincero, sobrevivia uma esperança turva, no instante mesmo em que, sobre o canapé do salão musgo, ella murmurava estas palavras entrecortadas: «Temos que nos separar, Mauricio!» A esperança que ella não ousava confessar, era esta: «Mauricio recusará, Mauricio ficará ao pé de mim: e como não posso afastal-o á força...» Sim. Tinha previsto a revolta, as censuras, as queixas, e finalmente a resistencia formal que ella não poderia vencer, que lhe daria o direito de dizer: «Não posso... Não posso...» Não tinha previsto o pezar subitamente hostil de Mauricio, a sua acceitação irritada e violenta da sentença.

Quando, depois da scena breve e tragica, elle a deixou dizendo-lhe estas palavras: «Pois bem, partirei,» quando ella voltou ao seu quarto, encostando-se ás paredes, sem poder suster-se, atirou-se, sem forças, para cima da cama. Via o seu amigo soffrendo, e essa ideia era-lhe mil vezes mais insupportavel do que o seu soffrimento proprio. Era então capaz das mais altas dedicações: desejou que elle a abandonasse, que não a amasse mais, que perdesse até a lembrança d'ella; que amasse outra, mesmo, mas que elle não soffresse, oh! não... que fosse feliz! feliz! feliz! Concebeu e viu desabar mil projectos:—«Clara está para sahir do convento: é a companheira propria para Mauricio; em creanças, gostavam um do outro; ella é intelligente e bonita». Uma voz secreta respondia-lhe: «Não, Clara é uma

rapariguinha inexperiente que não saberia amar Mauricio. E Mauricio não a ama, tambem; ama-me a mim». E devaneiou, para elle, sinceramente, viagens, aventuras, tudo o que podia distrahil-o, e (pobre apaixonada) substituil-a. Somnos curtos, queimados por pesadellos, cortavam essa especie de sonhar; chegou um momento, em que saltou abaixo do leito onde se tinha extendido: imaginava Mauricio, suffocando tambem, como ella, nas almofadas, os seus soluços. Ia para sahir, atravessar o jardim em plena noite, correr até ao quarto de Mauricio. Se o fizesse estava perdida: era o que esperava o seu amante, angustiado como ella, porém mais da espera que da incerteza, porque a sua experiencia lhe dizia: «Ama-me, não ha nada que possa vencer aquillo».

O excesso da sua emoção salvou Julia; quando ia para sahir, desfalleceu e deixou-se cahir sobre o tapete do quarto. Ahi ficou inanimada, até de manhã. Acordou tranzida e fraca, parecendo-lhe ter a cabeça vasia. A grande custo poude acabar de despir-se e deitar-se. Adormeceu. Cêrca do meio dia, Mary entrou no quarto de sua ama. Immediatamente, Julia, acordada em sobresalto, perguntou:

— O sr. Mauricio já desceu?

— Não, minha senhora, respondeu a ingleza. O sr. Mauricio mandou dizer que não vinha almoçar, que não sahia do quarto; está doente.

Esta resposta electrisou-a. Vestiu-se á pressa, correu ao pavilhão, abriu ella mesma a porta do quarto. Encontrou-o tal como em sonhos o tinha imaginado, extendido no divan, o rosto pallido e crispado pelas torturas d'aquella noite. Porque elle, tambem, tinha conhecido as inquietações supremas, apesar de todas as razões de esperança que lhe dava o seu scepticismo artificial; tinha passado por crueis minutos de duvida: «Voltará elle? E se vence a religião?» Pela vez primeira, tambem elle percebia a que ponto a amava: não era sómente, como se tinha acostumado a crêl-o, a sua companheira, a sua amiga, a doce reguladora

da sua vida; a ternura em que a envolvia tinha raizes no mais profundo das suas entranhas. Por isso, tinha soffrido e chorado; lagrimas e soffrimentos tinham, para elle tambem, dissolvido as illusões, e ousava dizer a si mesmo: «Amo-a,» com um transporte resoluto, desprezando os calculos de egoismo e as ironias vãs.

Quando se encontraram frente a frente, depois d'aquellas doze horas dolorosas passadas em soffrimento a alguns passos um do outro, não eram já reciprocamente os dois inimigos armados que são, de ordinario, dois amantes. Apresentaram-se de alma nua, e tendo-se apenas considerado um instante, logo se adivinharam e comprehenderam. Julia lançou-se de joelhos, proximo do divan onde Mauricio, estirado, a olhava com os seus grandes olhos d'ambar claro, cheios de queixas.

Abriu-lhe os braços: e elle abrigou de novo a sua cabeça n'aquelle peito de mulher. M.me Surgère percebeu-lhe os soluços nas palpitações do corpo febril que ella abraçava... Levantou a cabeça: pronunciou com força:

—Não quero que chores, não quero, não quero!...

E elle respondeu gravemente:

—Minha querida amada, não me tornes a fazer o mal que me fizeste hontem... Prometto-te ser razoavel, estar ao teu lado como um irmão respeitoso. Não me mandes embora. Que faria eu longe de ti? Ainda, se me fosse possivel morrer immediatamente! Mas é forçoso viver, e não tenho coragem para isso.

Julia apertou-o nos braços apaixonadamente. Tinham attingido, ambos, aquelle gráu de exaltação sentimental, onde o amor sósinho não póde erguer dois sêres humanos: é necessario ainda que o soffrimento os macere, lhes esmague os sentidos, não deixe por assim dizer subsistir senão duas almas...

Já não era a si mesmo que cada um d'elles amava · cada um amava o outro com abnegação, e sentia-se preparado

para immolar tudo, afim de salval-o e satisfazel-o. Julia consentiria de bom grado em todos os sacrificios, até mesmo no da sua fé religiosa e no da sua honra. Se Mauricio lhe tivesse dito: «Jura-me que não voltas mais á egreja, que nunca mais na tua vida tornas a falar a um padre», ella tel-o-hia jurado com a consciencia de pôr, n'esse momento, um pé no inferno. Se elle lhe tivesse murmurado esta prece: «Sê minha, dá-me o teu corpo,» ella ter-lhe-hia entregue esse pobre corpo sem energia, incapaz de resistencia. Porém Mauricio não tinha nem vontade nem pensamento para lhe pedir taes cousas. Tambem n'elle um desejo unico subsistia: contental-a, acalmal-a, vel-a feliz. Soube achar as palavras que eram precisas.

—Que queres tu de mim? dizia elle. Juro-te nunca mais te perturbar, como o fiz... Queres mesmo que renuncie ao que me concedias outr'ora?

Ella respondeu docemente:

—Não... não... Não faz mal amarmo-n'os. Póde amar-se de um modo inteiramente puro, que não cause remorsos...

Pensava na irmã Cosyma, nas queridas e ignorantes ternuras d'outr'ora. E Mauricio, n'esse momento, julgou-as tambem possiveis, essas ternuras sem corpo, de que teria zombado na vespera, antes da consumpção da sua carne, por uma noite de anciedade.

Perguntou timidamente:

—Permittes-me ainda, que saia comtigo, que te acompanhe?...

—Sim... respondeu ella. Tudo... Tudo o que quizeres. Tenho confiança em ti, agora.

Quando desceram e entraram em casa, quando se sentaram um ao lado do outro á mesa onde os esperavam, parecia-lhes que não tinham já carne mortal, capaz de palpitar e de desfallecer. Estavam convencidos que tinham acabado de sellar o pacto de espiritualidade do seu amor. Não desconfiavam, sequer, que aquellas exaltações extati-

cas tinham fixado a hora, até ahi incerta, em que a lei inevitavel os subjugaria, e que acabavam de celebrar os esponsaes da sua ternura.

(Continúa).

Marcel PRÉVOST.

MATHERAN

As cidades presidenciaes, Calcuttá, Bombaim e Madrasta, e bem assim as capitaes de provincia são, em regra, habitadas pelos governadores e pelas auctoridades administrativas da India durante quatro mezes: novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

O resto do anno passa-se em Simla, em Darjeeling, nos Neilgherries, no Monte Abú, em Mahableshwur ou em Poonah. E como atraz de cada funccionario segue uma boa parte da sua secretaria e do seu archivo, este agradavel plano que consiste em viver sempre onde o clima é mais benigno, custa rios de dinheiro á administração anglo-indiana, e tem sido objecto de repetidos ataques, já por parte de radicaes membros do parlamento inglez, já por parte da imprensa indigena.

Defendem-se, todavia, os funccionarios com um argumento pratico e simples: ao abrigo das chuvas torrenciaes que reinam na planicie durante a monsão do sudoeste — e livres da influencia deprimente do calor que as precede — elles trabalham melhor e com mais proveito dos seus administrados.

É assim que a estas horas o governador geral está em Simla, gosando de um clima analogo ao da Russia, habi-

tando um *chateau* construido ultimamente, que custou uns poucos de centos de contos de réis, e lhe dá, tanto quanto possivel, a illusão de uma casa senhorial da Inglaterra ou da Escocia.

Em Darjeeling está o governador de Bengala. Em Ootacamund, nas Montanhas Azues, está o governador de Madrasta, em Mahableshwur o de Bombaim, e com elle os membros do seu conselho, os secretarios do governo, os chefes superiores de todas as repartições, os generaes com os seus estados maiores.

Matheran, que fica apenas a tres horas de Bombaim é o recurso dos que estão mais presos á cidade pelas suas occupações ou pelos seus negocios.

É para ali que vão os negociantes, os banqueiros, os corretores, os advogados, os medicos e os engenheiros. E como na India os governadores e o seu sequito, os membros do *Civil Service,* e os militares constituem a aristocracia, Matheran é por isso mesmo uma *villegiatura* mais burgueza e mais modesta, e como tal poderia servir como excellente modelo de um *sanitarium* para as nossas colonias, onde as condições de bem estar dos funccionarios europeus são completamente despresadas.

*
* *

É pela estação de Boree Bunder — na opinião de todos os que a teem visto a mais rica e monumental *gare* do mundo — que se parte para Matheran. O comboyo do correio larga ás duas horas da tarde. Comprados os nossos bilhetes em um salão vasto, todo marmore e bronze dourado, alto e solemne como uma cathedral na qual os *guichets* gothicos de teca esculpida representariam o papel de confessionarios, — tomamos logar na nossa carruagem. Os empregados são cheios de attenções para os *sahibs**, e é inacreditavel a quan-

* «Sahib», senhor, tratamento dado pelos indigenas da India aos Europeus.

tidade de bagagem que é permittido transportar junto de nós. Duas ou tres malas, um rolo com mantas e almofadas, uma cesta de lunch, um sacco de *toilette,* um feixe de bengalas, as raquetas para o *tennis,* ás vezes um selim, tudo isto se dispõe lá dentro com a melhor ordem, graças aos esforços combinados dos nossos creados e dos *coolies* da estação. No meio da carruagem ha quasi sempre uma mesa, e n'um compartimento annexo, com o qual se communica interiormente, — um lavatorio e uma retrete.

Posto o comboyo em andamento cada um trata de se fazer *confortavel.* Se por acaso ha conhecidos na mesma carruagem os cumprimentos limitam-se a um imperceptivel movimento de cabeça, e as vezes duas ou tres palavras. Quasi sempre uma simples exclamação:

— *Hallô!*

Minutos depois o comboyo atravessa a planicie ardente do Concan, que já ninguem contempla, tão conhecida ella é. Saccaram-se das malas os romances, revestidos de uma cartonagem sarapintada, e longe de tudo o que os rodeia vão os nossos companheiros absorvidos nas aventuras da personagem favorita. E ali desfila deante d'elles toda a conhecida galeria da novella ingleza; o *baronnet,* a donzella *falling in love* e estendendo os labios innocentes ao beijo do seu namorado, a matrona preoccupada com subtis distincções sociaes, o ministro protestante cheio de familia e mal podendo viver com as suas 600 libras por anno, o jurisconsulto de manhas subtis, a creadagem que aspira os *h, h,* fora de proposito, e os *five o'clock tea,* e o Porto de depois do jantar, — emfim a vida ingleza descripta com uma miudeza de detalhes e uma exactidão de pormenores, que lhes dá a todos a illusão da patria longiqua, e lhes põe deante dos olhos as verdes paizagens em que se veem as amazonas saltando as barreiras dos parques, sem que a figura exotica de um sujeito de turbante venha estragar a pintura...

* * *

E chegamos a Narel, onde nos apeamos. A prumo, como ilha verdejante no meio da planicie resequida, ergue-se Matheran. São, porém, apenas quatro horas da tarde e um sol de fogo dardeja sobre a estrada, que em zig-zag se levanta deante de nós. É costume esperar aqui pelo menos uma hora. Largam-se portanto as novellas e aproveita-se do melhor modo possivel este intervallo. Ha salas de *toilette* e de banho separadas para homens e senhoras. A maior parte dos viajantes aproveitam-se d'esta vantagem, e reapparecem depois frescos e repousados nas suas *toilettes* de montar a cavallo, os homens de *knicker-bockers,* as damas de amazona. E como as cinco horas se approximam, o chá preto apparece ladeado de biscoitos ou de *plumcake.*

Pequenos e loiros companheiros de viagem, que carruagens reservadas transformadas em *nurseries* escondem até ali das nossas vistas, fazem uma apparição ruidosa aos collos das *ayahs* e dos *boys.* Ha uma grande balburdia de creadagem, de carregadores, de arrieiros, e a partida principia. Cada um dos nossos pequenos volumes, uma caixa de charutos, um atado de laranjas, ou uma bengala, requer um carregador especial. Mulheres esfomeadas, megeras ávidas de ganhar os sete vintens do frete, precipitam-se sobre os nossos fardos, e homens brutaes, sem respeito pelo sexo, n'uma lucta pela vida cheia de rancores e rivalidades da vespera, empurram-n'as para tomarem conta dos volumes. E uma bulha, uma gritaria, cheia de interjeições fanhosas!

Fóra, esperam-nos os garranos, com os seus sellins e os seus arreios phantasticos. Quasi todas as senhoras vão a cavallo; algumas, porém, vão em palanquins ou *tonjons,* especie de cadeiras rusticas de palhinha, suspensas de um bambú e levadas por quatro carregadores, que se revezam

de tempos a tempos com os outros quatro que vão agora trotando ao lado, ao som de uma melopeia gemebunda.

*
* *

A estrada de Narel a Matheran é quasi inteiramente destruida pelas chuvas todos os annos. Caem n'aquella abençoada região 400 pollegadas de agua em quatro mezes, e, como a montanha é a pique, não ha meio de reter as pedras que rolam, a terra que se desagrega, as arvores que são arrancadas. Mas todos os annos a sollicita e paternal administração refaz a estrada de novo, de modo que apesar dos zig-zagues inverosimeis que ao fim de meia hora de jornada ladeiam já esse abysmo respeitavel, os nossos *poneys* galopam com aquella decidida energia que lhes dá a convicção de que só lá em cima a 3:000 pés, é que lhes será licito descançar.

O panorama que se desenrola deante de nós, cada vez mais vasto e mais pittoresco, á medida que subimos, é uma das coisas mais admiraveis que é possivel contemplar. Approxima-se o pôr do sol e a longa campina do Concan, banhada na luz suave da tarde, vae quasi confundir-se com o mar nos extremos limites do horisonte onde em vagos contornos indecisos se desenham as cupulas graciosas de Bombaim. Do outro lado a escadaria colossal dos Ghates esfuma-se contra as nuvens envolvendo n'um mysterio indefinivel a grande India, que a bem dizer começa do Deccan para dentro, a India das maravilhas architectonicas, a terra dos velhos costumes e das velhas mythologias. Deante de nós, quasi a pique, serpenteia a estrada que ora se esconde sob um bosque fechado e sombrio, em que se escuta o rumorejar dá agua que escorre das grandes rochas lisas como laminas de prata, ora passa ella mesma, por um milagre de construcção, por sobre a superficie do rochedo que resoa de um modo estranho sob as patas dos nossos cavallos.

Matheran é o *plateau* mais ou menos ondulado d'esta montanha, e é constituida por uma matta cerrada, artisticamente cortada de ruas, com todo o imprevisto de um parque inglez. Fugindo a todas as nossas noções latinas de regularidade as ruas, as azinhagas, que muitas vezes não são mais largas que os passeios ordinarios de uma quinta, seguem curvas caprichosas, que ora nos conduzem a encruzilhadas, a devezas sombreadas por grandes arvores, ora se insinuam pelo meio de renques de enormes penedos cobertos de musgo: e as lianas, as trepadeiras, os rebentos vicejam para ali n'uma phantasia e d'uma liberdade de kermesse... Não se vêem nem muros caiados, nem portões de quintas, nem casas. Nada do que poderia trazer-nos á memoria um sitio portuguez. Para bangalós elegantes, cuja renda mensal anda por 100$000 réis entra-se por um portal de caniçado entre dois muros de pedra solta. E a casa é sempre lá dentro, impossivel de se vêr do caminho.

As ruas, escusado é dizel-o, nem nome teem. Sómente para guiar o passeante ha de tempos a tempos, pelas encruzilhadas, taboletas em que uma mãosinha pintada nos aponta solicita o caminho: *To the church; to the post-office; to the Gymkana; to Pinto's Hotel,* etc.

Quarenta ou cincoenta bangalós e quatro ou cinco hoteis dão abrigo aos visitantes do outeiro. Um bangaló, sempre mobilado e quasi sempre com todos os requisitos do viver domestico custa por estações de quatro mezes, de 200$000 a 400$000 réis. Os hoteis são a 2$000 réis por dia por pessoa.

Matheran tem uma egreja catholica, pertencente ao padroado portuguez, e uma egreja protestante. Possue um Gymkanna, recinto reservado para os europeus, onde se joga o *lawn-tennis,* e que é o centro de reunião todas as tardes, e bem assim uma bibliotheca onde se encontram, além dos jornaes de Bombaim, o *London News,* o *Graphic* e uma soffrivel collecção de volumes, em que não faltam

os principaes e mais conhecidos escriptores inglezes, Sir W. Scott, Thackeray, Eliot, Dickens, Disraeli, Litton, Carlyle, etc.

A administração de Matheran é confiada a uma auctoridade que tem a designação de *Superintendente,* e este cargo é sempre exercido por um cirurgião mór do exercito.

Este extraordinario funccionario, que recebe apenas um salario de quatro ou cinco contos de réis por anno, é medico, pharmaceutico, governador civil, commandante militar, chefe de policia, administrador dos correios e telegraphos, juiz, engenheiro florestal e de estradas. Se não ha *clergyman* é elle que lê na egreja protestante o serviço religioso. É a elle ainda que a gente se dirige quando carece de alugar um cavallo ou um palanquim.

Está-me a parecer que esta simplicidade ideal de machinismo administrativo, reduzido a uma simples e solida alavanca, não se coadunaria muito com as nossas idéas portuguezas... E depois como demonio se haviam de fazer as eleições?

* * *

Em Matheran quer se passeie a cavallo, quer se passeie a pé, leva-se como fito ir a uma das *points*. Alexandra Point, Garbut Point, Panorama Point, etc., são os sitios em que, desembaraçados d'aquella floresta impenetravel aos nossos olhos e só penetravel ao chouto dos nossos garranos, chegamos á beira do planalto e olhamos para baixo.

Ha *points* em que Matheran é separado da planicie circumjacente por um muro, nú, a pique, de 3:000 pés de altura. A vista extende-se leguas e leguas pelo Concan em fóra e só depois de nos affirmarmos muito bem, damos com um dos espectaculos mais curiosos que é possivel admirar.

Em baixo encostadas ao monte, meio sumidas pela vege-

tação que vem trepando desde a planicie, ha duzias e duzias de pequenas aldeias habitadas pelos aborigenes. Pobres selvagens que vieram fugindo para as florestas, para perto dos montes cujas cavernas poderiam abrigal-os da onda invasora da civilisação hindu! Eram estes modestos exemplos da raça humana que ainda hoje não teem na sua lingua palavras para exprimir as idéas abstractas, nem intelligencia que lhes dê para contar além do numero tres, cuja religião é um fetichismo puro, que habitavam o sul da India antes da invasão aryana. E a civilisação dos aryas, a conquista dos musulmanos, as depredações dos mahrattas e a dominação dos europeus passaram em vão, sem os poder arrancar á sua condição de exemplares prehistoricos, formigando ali em baixo sob cabaninhas em que só é possivel estar de cócoras, e cultivando aquelles quadradinhos que cá de cima nos parecem lenços verdes extendidos a seccar...

*
* *

Matheran é um *sanitarium*. Os que vivem em Bombaim ou nos seus arredores respiram todo o anno, é verdade, a fresca brisa que sopra do Occeano indico, mas a humidade permanente do ar, a impureza atmospherica que resulta da agglomeração de quasi um milhão de habitantes, e as qualidades inherentes a um clima puramente tropical, acabam por prostrar e deprimir os mais robustos. É então que intervem com as suas funcções beneficas os *sanitaria* — como Matheran. A elevação acima do nivel do mar tem uma influencia sensivel na temperatura e sobre tudo as manhãs e as noites são fresquissimas. O ar secco, impregnado dos perfumes balsamicos da floresta, a tranquillidade idyllica, e até a influencia moral da paizagem que nos faz lembrar a da Europa, visto que a palmeira já não vive ali, concorrem para curar os doentes, para apressar as convalescenças. As creanças inglezas que são tão palli-

das e estioladas em Bombaim recuperam ali as côres rosadas da Europa.

***

Quando estive ultimamente em Goa e quando no caminho de ferro segui para a fronteira portugueza, tive occasião de observar que a parte dos Ghates atravessada pela nossa linha é pela altitude, pela qualidade do terreno, pela natureza da vegetação absolutamente analoga a Matheran e é um sitio admiravel para o estabelecimento de um *sanitarium* modesto como o de Matheran ou de Kandalla.

Pensará a administração portugueza em realisar este melhoramento?

Quando principiaremos nós finalmente a aprender?

RUY XAVIER.

FARFARIA

Era em Biskra, uma noite.

Eu respirava o ar puro e leve que parecia a alma de um fresco perfume; e effectivamente pairavam na atmosphera aromas de almiscar, de cedro, de larangeira. Peguei no braço de meu irmão, então official de sipais e sem dizer palavra puzemos-nos a caminhar ao acaso pelas ruas.

A noite era azul, transparente, subtil. A alma viva e livre como que se dilatava; o céo fulgurava alvejante de estrellas tão nitidas e luminosas que ao vel-as sentia-me feliz.

— Que linda noite! exclamei enthusiasmado.

Uma musica vinha vagamente de longe. De entre o estrondo surdo dos pandeiros, sons de flauta palpitavam, nostalgicos e débeis, evocando antigas danças sagradas, lascivas.

— Quem vamos nós vêr? perguntou meu irmão; os homens ou as mulheres?

E continuou:

— Se é a dança do ventre, que te apraz, os homens — principalmente os pretos — são mais elegantes. Se preferes a dança do sabre, n'esse caso vamos aos Ouled-Naïl ou então a casa de Farfaria.

— Farfaria? perguntei eu ao ouvir o som d'aquelle nome, que rangia como seda e tinia como ouro.

— Farfaria, sim, a bella Farfaria por cujos lindos olhos

cerca de vinte homens, marroquinos e sipais, cahiram mortos n'uma só noite.

E respondendo ao meu gesto de admiração, accrescentou:

— Se fosse dia claro iria mostrar-te o cemiterio e os tumulos dos marroquinos.

— E contas-me a historia?

— Conto... mas em casa d'ella!

*
* *

E eu ia pensando:

«Será possivel? Quem é então a Herodiades para quem uma cabeça ensanguentada não foi bastante? quem é essa barbara Helena por quem morreram tantos homens?»

Atravessavamos viellas; as esporas do meu guia tiniam nas pedras da calçada. Parámos deante de uma porta sombria, no meio da qual uma fresta gradeada recortava um quadrado de luz.

— Olha! disse meu irmão, baixinho.

N'uma claridade theatral, cinco ou seis mulheres destacavam-se agachadas e immoveis no fundo branco de uma arcada tão baixa, que quasi lhes tocava nas cabeças. Todas trajadas de purpura e constelladas de joias, estendiam as mãos hieraticamente para um braseiro vermelho; e uma paz animal transparecia-lhes nos rostos pintados e nos olhos mortiços, onde os movimentos das palpebras unicamente revelavam vida.

Eram extraordinarias, mas considerei-as subalternas. Pareceu-me que nenhuma d'ellas podia ser a encarnação da cortezã tragica que eu evocava já.

— Farfaria! gritou meu irmão com voz forte.

As seis creaturas ergueram a cabeça. Nenhuma se mecheu. Mas do alto dos degraus, que se viam subir torneando na sombra, uma voz vibrante acudiu. E logo uma ne-

grinha desceu precipitadamente, desaferrolhou a porta e apontou-nos para a escada.

— Vou *vel-a!* pensei; e sem saber porquê, sentia-me perturbado.

— Salvé! exclamou meu irmão ao penetrar n'um quartinho de paredes muito caiadas. E com um gesto de apresentação:

— Farfaria, um amigo!

* * *

Vi-a: estava de pé, formosa segundo me pareceu.

Inclinando-se com o ar gracioso, um tanto ironico da Islamita de Rousnis, Farfaria convidou-nos a tomar logar em almofadas ao pé d'ella. A mãe, uma velha com focinho de chacal, veiu logo servir-nos café e bolos de mel. Farfaria olhava para nós. E eu por mim não podia, tanto a sua expressão me fascinava, desprender os olhos dos d'ella. E logo comprehendi o seu encanto, porque o *senti*.

O seu olhar, negro, descia vagaroso e pezado como a noite, produzindo um entorpecimento. O seu rosto era traidor e bello como a agua dormente. O penteado dava-lhe ares de sphynge. As joias cobriam-n'a de ouro da cabeça aos pés, como a um idolo; porque segundo o uso da tribu trazia em cima de si o thesouro das suas prostituições. A garganta, sob um quadruplo colar de peças de ouro telintava perpetuamente; os braços e os pés tinha-os carregados de manilhas de ouro, nos dedos os anneis eram tantos que lhe chegavam até ás unhas. E em toda ella eram grandes alfinetes de filagrana de ouro.

Sob esta armadura eriçada, sedas de côres brilhantes, quebravam-se em pregas nos quadris, envolvendo-a, invisivel até aos pés, que tinha de fóra, nus. Mesmo sentada, parecia alta, cheirava a incenso; e a sua belleza, apezar de selvagem, attrahia.

— Em que scismas ? perguntou meu irmão.

— Na tua historia. O que vejo dá-me esperanças, respondi.

— Vaes comprehender o seguimento, observou elle.

E voltando-se para a mulher :

— Ó Farfaria, dança lá !

Levantou-se dócilmente. Á sua chamada entraram successivamente a negrinha, com castanholas de cobre nos dedos, a velha mãe agitando um pandeiro, e um rapazito effeminado trazendo um oboé. Assentaram-se, a musica rompeu ; e Farfaria armando-se de um sabre pôz-se a dançar.

Com a mão direita brandia por cima da cabeça a lamina curva, emquanto a esquerda se agitava em cadencia. A musica elevava-se dura e guerreira ; a dança girava voluptuosa e esquiva. Dir-se-hia que com o sorriso, com os olhos, com a mão, Farfaria chamava um amante invisivel. Envolvia-o em olhares, entorpecia-o lentamente, parecia adormecel-o e adormecia ella tambem. De subito accordava ; a sua face de sphynge tornava-se logo perfida ; o sabre luminoso zunia no ar ; e a cada relampago parecia-me vêr vôar uma cabeça humana.

Não sei quantas vezes repetiu a pantomima ; pareceu-me que durava seculos ; e a meu pezar dava-me uma sensação lugubre e doce. Eu gostaria de viver assim, muito tempo, eternamente, sob os olhos negros de Farfaria, a contemplar-lhe a face traidora e o corpo de idolo, a hypnotisar-me com os relampagos do sabre e com o cheiro de especiarias que havia no aposento.

— Ora aqui está, pensava eu, o segredo dos seus feitiços, e como ella arrasta os corações. Inspira aos homens desejos vehementes, e elles preferem morrer a perdel-a.

De subito parou a dança, e a musica tambem. Retirou-se a orchestra. Farfaria, depois dos cumprimentos, assentou-se outra vez, imperturbavel.

— Entendes agora ? perguntou-me meu irmão.

— Se entendo! respondi eu. Que amores ardentes não deve ella ter inspirado!

— Agora, vamos lá á historia!

* * *

Elle respondeu:

— Pois é bem simples a historia, banal como a propria vida. Mas que importa se a lenda sempre ha de ficar bella!

«Ha alguns annos, Farfaria tinha dois amantes: um marroquino e um sipai. Uma noite encontraram-se os dois deante da porta d'ella; primeiro insultaram-se. O marroquino gritava:

— «Escravo! mercenario! cede-me o logar, a mim que sou homem livre! Farfaria não é para um cão como tu!

«O outro retorquio:

— «Maldito seja o ventre de tua mãe, mentiroso sem vergonha! Farfaria pertence-me! Fóra d'aqui sarnento!

«Seguiram-se sôccos; depois pucharam dos ferros; o sipai, do sabre, o marroquino, da faca. Bateram-se furiosamente; um d'elles cahiu. E logo os sipais e marroquinos, que acudiram, soltaram grandes brados e vieram ás mãos. Correu sangue. As mulheres fugiam berrando, entricheirando as portas. Tiros de espingarda partiram. Clarins resoavam nos quarteis. A cidade parecia louca. E sob as janellas de Farfaria a matança continuava.

«Era preciso acabar com aquillo. Mandaram buscar os soldados do batalhão disciplinar. Houve tres intimações com o clarim; á ultima seguiu-se uma carga. Ai! e com que alegria a deram! com o arranque brutal de prisioneiros, que detestam toda a gente, ébrios de liberdade! Toma... coronhada! Toma... bayonetada! E era a torto e a direito atirando para o monte, que era um regalo!

«Venceu a ordem e a auctoridade! mas houve grande

numero de feridos e cerca de vinte mortos». — Aqui tens!

Houve um silencio. Farfaria ouvira, impassivel. Perguntei com viva curiosidade:

— E ella o que pensou então... o que pensa agora d'essa carnificina?

Meu irmão voltou-se para Farfaria e interrogou-a.

Ella voltou para nós o rosto de sphynge, os olhos negros fascinantes, o sorriso perfido. A um canto o sabre curvo scintillava, trazendo ideias de morte. Pacificamente, Farfaria encolheu os hombros, em signal de fatalidade, e disse:

— *Metkoub!*

Meu irmão traduziu:

— «Estava escripto!»

Paul MARGUERITE.

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

—Oh! meu senhor! para lhe dizer a verdade gosto muito mais de um copo de bom Bordeus, ou de bom Champagne! A aguas faço pouca festa.

Napoleão riu, e voltando-se para o creado de quarto, disse-lhe:

—Olha, que has de mandar esta tarde ao coronel cem garrafas de Bordeus e cem de Champagne.

—Creia Vossa Magestade, observou Sainte-Croix, que hão de ser bebidas á sua saude.

Effectivamente, n'essa mesma tarde, estando os ajudantes de campo de Masséna jantando, no bivaque, debaixo de uma tenda feita com ramos e folhagens de arvores, viram approximar-se uma récua de machos, pertencentes ás cavallariças imperiaes. Logo se soube ao que vinham. Traziam a Sainte-Croix as duzentas garrafas que, n'essa manhã, lhe promettera Napoleão.

E, durante alguns dias, no quartel general de Masséna, os companheiros do primeiro ajudante de campo do mare-

chal, cumpriram a palavra por elle dada, bebendo... á saude do imperador.

*

Era, pois, Sainte-Croix, como acabamos de descrevel-o, arrancando-o á obscuridade relativa da sua situação no exercito invasor, o homem que entrou na barraca de campanha de Masséna, quando no dia seguinte ao da batalha do Bussaco, o marechal discutia com os seus immediatos o que havia a fazer.

A sua entrada fez impressão. Todos sentiram, e chegaram a communical-o, baixo, uns aos outros, que se esse homem, até ahi *o genio bom* de Masséna, tivesse estado na vespera ao lado d'elle, as cousas deviam ter corrido d'outra maneira.

Foi o proprio marechal quem lhe relatou todos os acontecimentos, quem lhe mostrou a falta em que elle proprio tinha incorrido de vespera, não reconhecendo pessoalmente o terreno, não verificando, nem mandando verificar se era possivel tornear a direita do inimigo, como durante o regresso a Mortagua, aproveitando-se do escuro da noite, os seus ajudantes lh'o tinham subtilmente aconselhado.

Sainte-Croix ouvindo-o, reconheceu a tardia justeza das suas observações; no entanto, aconselhou-o a fazer ainda o que não tinha sido feito mais a tempo, pois ainda era possivel, d'esse reconhecimento, tirar-se grande vantagem.

O generalissimo cedeu promptamente, e deu ao proprio Sainte-Croix a auctorisação precisa. Este montou logo a cavallo, acompanhado por Marbot e por Ligniville, e todos tres partiram a galope na direcção de Mortagua.

Perto d'essa povoação estava acampada a brigada de dragões do commando de Sainte-Croix. Toca a botar sellas, e em poucos minutos a brigada está a cavallo e prompta para a marcha.

Passam por Mortagua, mandam buscar o jardineiro do convento, que ficara tratando o frade doente, mostram-lhe um quadruplo de ouro, e obrigam-o a marchar em frente da columna, servindo-lhes de guia. Tinham-lhe perguntado se havia alguma estrada que conduzisse a Boialvo, e o homem tinha rido da pergunta, como se a ignorancia de tal facto lhe parecesse impossivel!

Rompia a marcha a brigada de Sainte-Croix e um regimento de infanteria. Com pequeno intervallo, seguiam-se todo o oitavo corpo, intacto, de Junot, e a cavallaria de Montbrun.

Sainte-Croix, lançando essas forças em marcha, na nova direcção, volta a estimular Masséna, a animal-o, e obriga-o, finalmente, a proceder como generalissimo. Masséna impõe silencio aos generaes seus immediatos, que persistiam em negar a existencia de uma passagem sobre a direita, e dá as ordens precisas para todo o resto do exercito se pôr a caminho.

Mas do alto do Bussaco, podem os alliados descobrir qualquer movimento das columnas francezas no valle fronteiro. Tem de se esperar que desça a noite; e a marcha começa no mais profundo silencio.

Soturnos e cabisbaixos desdobram-se lentamente os batalhões, serpeando pelos atalhos que o sangue dos irmãos ainda hontem regou.

Capotes vestidos, preparados para o desconforto da noite, n'este clima para elles extranho, em que o frio tantas vezes é cortante depois de ter sido pesado e quente o dia de setembro ainda estivo, seguem resignados para o desconhecido, deixando-se arrastar por aquelles chefes ainda ha pouco cheios de prestigio, mas de quem agora já duvidam.

Hostes mimosas da victoria, vindas de pisar triumphalmente a Europa inteira, ali vão agora, arrastando-se no escuro, calados os seus cantos, silenciosos os seus tambores, mudos os seus clarins, para que os não ouçam nem pre-

sintam, na quasi fuga, os inimigos victoriosos, acampados lá em cima!

Foi horrivel, porém, o que então se passou. Começaram aturdindo os ares gritos de angustia e de desespero enorme. Foram acordados os echos da Alcoba por um côro descompassado, immenso, de lamentações, de supplicas desesperadas, de gemidos! No alto da serra, os alliados tiveram assim rebate de se estar passando no campo inimigo qualquer cousa tenebrosa. Erguem-se então os arrayaes, prevenindo-se para tudo.

D'onde vinha, quebrando repentinamente os silencios da noite, aquelle ruido soturno e lamentoso, como o de um mar, ao longe, rugindo?

*

A voz lamentosa que do valle subia, n'um crescendo horrivel, eram os gritos de desespero dos feridos, que o exercito se via na tristissima necessidade de abandonar!...

Todos quantos podiam seguir por seu pé, acompanhavam a marcha. Os que eram susceptiveis de tratamento e de cura foram transportados a dorso dos cavallos, que foi possivel destinar a esse emprego, uns cavalgando, outros deitados e amarrados sobre mantas ou atravessados nas sellas. Amparavam-os e vigiavam-os, conduzindo as cavalgaduras á mão, os cavalleiros apeados. Todo o gado que poude dispensar-se ao transporte de subsistencias, munições e bagagens, foi destinado ao mesmo fim. Mas havia muitos a quem tinham amputado as pernas, outros estavam gravemente feridos no tronco, muitos agonisavam no ultimo abandono, irremediavelmente perdidos. Todos esses ficaram jazendo por meio dos mattagaes sêccos, ardendo em sêde, revolvendo-se em dôres, olhos abertos para as estrellas sem compaixão, enviando aos lares, á patria distante, os pensamentos da ultima hora, esgotando-se-lhes a esperança, escoando-se-lhes a vida! E no silencio d'aquella

noite lugubre, sentiam afastar-se os rumores mal distinctos da marcha incerta em que as reliquias do exercito iam fugindo. Só elles ficavam para ali, miseravelmente abandonados dos seus, de tudo, estirados no chão pedregoso, contorcendo-se ao desamparo; e então, acordando-lhes agudo no fundo de todo o ser o instincto do salvamento, cerravam os punhos em ancias de desespero, mordiam os pulsos, praguejavam furiosos, soltavam imprecações e gritos.

A marcha do exercito francez que, se passasse despercebida de noite, não podia deixar de ser reconhecida logo ao despontar do dia, devia ter como fatal consequencia a retirada dos exercitos alliados, do alto do Bussaco, para lhe cortarem a frente ou para lhe atacarem a rectaguarda, não o deixando proseguir. E, então, aquelles desgraçados, nem dos inimigos já podiam esperar auxilio! Sabiam que tão depressa os exercitos se afastassem cahiria no campo abandonado a chusma dos camponezes foragidos, ávidos de saque, sedentos de vingança, cheios de ódio contra os causadores de todas as suas miserias, e por isso inexoraveis na chacina.

Era horrivel o desespero d'esses homens, eram cruciantes os seus gritos afflictivos.

A noite, no entanto, avançou e, sobre a manhã, ecoavam ao longe os ultimos ruidos d'aquella retirada para as incertezas do desconhecido.

*

É profunda a divergencia entre a diffusa narração que Soriano faz da retirada do exercito francez, e o modo como Marbot a conta, com muita mais plausibilidade, em poucas linhas. Soriano, ou seguiu sem discussão outra narrativa, o que n'este momento nos não importa averiguar, ou elaborou sem mais reflexão a sua.

Vimos como Sainte-Croix appareceu no conselho dos generaes, no momento em que estavam discutindo; como o proprio Masséna o poz ao facto da situação, lastimando-se de não ter procurado tornear o inimigo pela direita, como lhe tinha sido aconselhado pelos seus ajudantes e por Fririon, e como o proprio Masséna incitado por elle, o incumbiu de ir fazer o reconhecimento que tão bom exito teve, como já diremos.

N'esse conselho, parece que assistiam os officiaes superiores portuguezes. que acompanhavam a invasão, ou pelo menos foram chamados para elucidarem os chefes do exercito sobre o modo de tornear a posição dos inimigos, indicando o caminho que para tal fim se devia seguir. Allegando ignorancia, verdadeira ou propositada, incorreram na furia de Masséna, que os tractou com enorme desabrimento, como se elles tivessem sido os principaes culpados da derrota soffrida.

Foi então que, no dizer do nosso historiador, Masséna mandou chamar Montbrun, e lhe ordenou que fizesse o reconhecimento, acompanhado pelos generaes Lamothe e Sainte-Croix, sendo este ultimo o que teve a fortuna de encontrar o verdadeiro caminho, graças a um camponez, a quem por acaso encontrou escondido, e que lhe serviu de guia. Esta parte da narração de Soriano já ficou atraz corrigida.

Sainte-Croix, acompanhado pelos ajudantes Marbot e Ligniville, foi a Mortagua buscar o jardineiro do convento, expressamente, por já ser conhecido d'estes ultimos, como dissemos; e ahi tomou o commando da sua brigada de dragões, á qual foi ligado um regimento de infanteria, constituindo-se d'esse modo o corpo da vanguarda, que Sainte-Croix directamente commandou. Seguiam-se-lhe, repetimos, o oitavo corpo, do commando de Junot, e a cavallaria de Montbrun. Depois, o corpo de exercito de Ney, que só começou a marcha pela calada da noite, e finalmente o exercito de Reynier. Tinha sido este ultimo o que atacara

a extrema direita do inimigo; era portanto, elle, o que tinha de seguir na cauda, na extrema esquerda.

Marbot, muito clara e muito explicitamente o diz, quando aponta o receio que o exercito francez devia ter, emprehendendo, sôb as vistas de Wellington, esta audaciosa marcha de flanco.

Wellington podia atacar vivamente o exercito inimigo durante este movimento, e então ser-lhe-hia facil, não só derrotar, mas até mesmo apoderar-se completamente do corpo de exercito do general Reynier, que era o ultimo a deixar a sua posição, e que tinha de manter-se sósinho, durante algumas horas, em frente do exercito alliado. Não o fez, nem podia pensar em fazel-o, pois no momento em que podia perceber a facilidade de ataque, que lhe estava dando a rectaguarda franceza, sabia que elle proprio estava sendo torneado pela vanguarda inimiga, a qual descobrira finalmente o caminho de que até ahi tinha sido negada a existencia.

Ora, a ordem de marcha, segundo a narrativa de Soriano, é exactamente opposta á que Marbot designa, e vê-se, pela mais simples attenção, que não tinha razão de ser.

Diz Soriano, que a vanguarda do exercito francez era formada pelo segundo corpo, do commando de Reynier, «que pelas seis horas da tarde do citado dia 28 se poz em marcha, destinado a tornear a serra de Alcoba por Boialvo;» diz que o centro formava-o o sexto corpo, commandado pelo marechal Ney, o que é exacto, pois em qualquer sentido que se conte a ordem da columna de marcha, o exercito de Ney fica sempre no centro; que este corpo de exercito se poz em marcha pelas oito horas da tarde, o que é inexacto, segundo Marbot, pois rompeu a marcha primeiro que o corpo de Reynier; finalmente, diz que a rectaguarda do exercito era composta do oitavo corpo, commandado por Junot, indo tambem n'este a cavallaria, e que estas ultimas forças «só durante a noite se puzeram em movimento.»

Vê-se, pelo que temos dito, que isto não foi, nem devia ser assim. E basta olhar para a carta designativa das posições occupadas pelas forças francezas, para vér que a retirada devia effectuar-se conforme a exposição de Marbot, e não conforme a de Soriano.

Marbot, demais a mais, foi testemunha ocular dos successos, e tomou parte com Sainte-Croix no reconhecimento. Não tem a menor indecisão sobre o modo como os factos se passaram. Conta que, depois de ter marchado toda a noite de 28 para 29, o jardineiro dos franciscanos de Mortagua, collocado na testa da columna do general Sainte-Croix, os conduziu por um caminho praticavel á artilheria até Boialvo, istó é, até ao extremo flanco esquerdo do exercito inglez, de modo que todas as posições da Alcoba estavam torneadas sem se ter dado um tiro, e Wellington, ameaçado de expôr o seu exercito a ser tomado de revez, tinha que abandonar a toda a pressa o Bussaco e a Alcoba, para alcançar Coimbra, atravessar ahi o Mondego, e bater em retirada sobre Lisboa.

Wellington não se tinha descuidado de mandar defender o caminho, por onde agora os francezes marchavam vantajosamente, achando-o indefezo, e pasmando d'isso. Desde 20 que mandara o coronel Nicolau Trant, á frente dos seus milicianos, marchar para Boialvo, por S. Pedro do Sul, indo postar-se no caminho que d'ali se dirige ao Sardão. Mas esta pequena divisão encontrou-se em 20 e 21 com o inimigo, na sua marcha de Moimenta da Beira, e tornou a encontrar se novamente em S. Pedro do Sul com um destacamento francez, o que lhe foi retardando a marcha, a ponto de só chegar ao local, cuja defeza lhe fôra incumbida, quando elle já estava occupado pelo movimento flanqueante das forças de Masséna.

*

Subiam a quatro mil os feridos que o exercito francez transportava, não tendo macas para conduzil-os, e levan-

do-os, por mil maneiras, como atraz dissemos. Com ramos de arvores improvisaram padiolas, onde muitos eram transportados aos hombros. Grande numero de cavalleiros marchavam desmontados, para os seus cavallos serem applicados áquelle serviço.

A vanguarda, do commando de Sainte-Croix, apenas encontrou um pequeno posto de hussares hanoverianos, já em Boialvo, povoação que pareceu encantadora aos francezes, dependurada na vertente meridional dos montes. Tudo em redor dava mostras da fertilidade do torrão, e o exercito, cançado de atravessar despovoados até ahi, não encontrando em parte nenhuma as subsistencias indispensaveis, teve uma expansão de contentamento, ao vêr promessas de abundancia na região fecunda, que deante dos olhos inesperadamente se lhe offerecia.

Das fileiras sahiram gritos de satisfação, os soldados como que esqueceram as fadigas, os males passados, os revezes soffridos, os perigos da vespera ainda, talvez mesmo aquelles desgraçados irmãos, abandonados para sempre, nos flancos da Alcoba, á crueldade dos naturaes exasperados, á voracidade dos corvos e dos abutres; que a essas horas já começariam a procural-os em bando, para lhes disputarem as carnes palpitantes ás alcateas dos lobos famintos.

*

O abandono effectivo em que os francezes encontraram todo o caminho, que pelas gargantas do Caramullo vae de Mortagua a Boialvo, tem sido motivo de abundantes discussões, das quaes não sae inteiramente a limpo a previdencia tactica de Wellington, n'esta occasião.

O movimento do exercito francez, embora tardio, teve um exito completo.

Chegando a Boialvo, abriu-se-lhe em frente uma boa estrada, que conduzia a Avelans de Caminho, por onde passa

a estrada real do Porto a Coimbra. O general Sainte-Croix mandou, no mesmo momento, occupar Avelans, e, operando-se immediatamente reconhecimentos locaes, foi encontrado logo um outro caminho, ligando Boialvo com o Sartrão, terra esta que tambem ficava na estrada real. D'este modo, as tropas sahiam desembaraçadamente, e por mais de um ponto, dos desfiladeiros para a planicie.

O exercito tinha assim a prova mais completa da existencia d'essa passagem, tão obstinadamente negada pelo marechal Ney, pelo general Reynier e pelo commandante Pelet!...

Ney, que era teimoso e cheio de vaidade, encobriu iro nicamente a sua decepção, e a evidencia do facto, que vinha contrariar a sua nociva teima, menospresando a manobra de Masséna, á qual poz, por alcunha, *a manobra do camponio*.

É impossivel que o marechal generalissimo do exercito, não se reprehendesse a si mesmo do erro enorme que praticara, despresando o reconhecimento que elle proprio devia ter feito ás formidaveis posições occupadas pelos seus adversarios, e que o levou a perder inutilmente alguns milhares d'homens, quando lhe teria sido tão facil poupar essas vidas e envolver o inimigo pela rectaguarda, sem resistencia quasi!

É incontestavel que da parte de Wellington houve uma certa leviandade, no modo como descurou a defeza da estrada de Boialvo.

Deu ordem, uns poucos de dias antes da batalha, para que os dois mil milicianos de Trant fossem postar-se n'aquella localidade; mas ficando Boialvo a poucas leguas do Bussaco, nem na vespera, nem no dia da batalha, Wellington se lembrou de mandar verificar como as suas ordens tinham sido cumpridas! Disse, depois, estar persuadido que a passagem era impracticavel para a artilheria. Não a tinha mandado reconhecer?

Se Masséna tem sido melhor inspirado, na noite de 26

para 27, teria de certo mandado para Boialvo um dos corpos do seu exercito, — o oitavo, por exemplo, que ficou inactivo, — atacando assim de flanco a esquerda dos inimigos, ao passo que os outros dois corpos os atacavam, como o fizeram, pela frente. E n'esse caso, é bem provavel que a sorte das armas fosse muito diversa.

Ora, o que nem Marbot, nem os outros escriptores dizem é que, apesar de tudo, apesar do bom exito que teve o seu movimento contornante, apesar da incuria censuravel de Wellington, Masséna arriscou segunda vez o exercito, depois de o ter arriscado a primeira no dia da batalha, ordenando-lhe audaciosamente que executasse aquella marcha de flanco, até certo ponto, entre o exercito inglez e o mar.

Wellington podia tel-o atacado pela cauda, descendo das alturas do Bussaco.

O exercito francez era um grande comboyo de feridos, e a Wellington teria sido facillimo destruir, pulverisar o corpo de exercito de Reynier.

Elle, porém, bem sabia onde tinha o seu campo entrincheirado. Satisfez-se com aquella victoria passiva e sem resultado immediato, diz Jomini, e deixou os francezes entranhar-se no paiz, convencido de que quanto mais avançassem para o interior, mais provavel lhe seria castigal-os seriamente.

E, segundo plausivelmente se escreveu, Wellington não tinha pressa de vencer. O seu fim não era a simples defeza do reino, diz por outras palavras o conde de Subserra; era mostrar ás potencias do norte como se resistia e se fazia face ao predominio absoluto do imperio francez. Era ensinar-lhes que tivessem constancia e animo, que despertassem do seu abatimento, porque a victoria havia de ser o premio final da perseverança na resistencia.

*

Um padrão significativo na sua simplicidade, — um mo-

desto obelisco de pedra tendo como remate uma estrella de pontas de cristal, — attesta no alto do Bussaco, aos presentes e aos vindouros, a gloria immarcessivel d'aquelles que ali defenderam, palmo a palmo, contra as hostes invasoras, o chão sagrado da patria.

*

O caminho atravez do Caramullo, se offerecia algumas commodidades para a marcha, era no entanto montuoso, escalvado, inculto.

De espaço a espaço um milharal devastado pelo abandono, onde os soldados famintos encontravam, para disputal-a entre si, alguma rara espiga de milho. Nenhum mimo, nenhum conforto, para a grande mó de feridos, á maior parte dos quaes nem era possivel renovar os pensos. E era n'estas circumstancias que o exercito invasor ia avançando, para fugir á humilhação e ao mau exemplo de uma retirada formal, atravez de um paiz que lhe podia reservar surprezas, a maior das quaes nem elles minimamente suspeitavam.

Em 29 de setembro, como vimos, Masséna chegou ao Sardão. Em Avelans de Caminho foram postadas as avançadas. E o exercito acampou na vasta planicie, que fica entre as duas povoações. Tinha de continuar a marcha na manhã seguinte, o que effectivamente fez, deitando até á Mealhada.

Era manifesto o intento de Masséna. Seguindo a estrada do Porto para Lisboa, diligenciaria apoderar-se de Coimbra, antes do exercito alliado ahi poder chegar, e d'esse modo, interpondo-se entre este e a capital, impedia-o de ficar communicando com a base das suas operações.

Wellington não podia deixar de vêr, immediatamente, o estratagema do seu adversario. Por isso, ao perceber pelos gritos atroadores dos feridos, na noite de 28 para 29,

que o exercito acampado no valle levantara os seus arrayaes, não teve uma hora de hesitação, e n'essa mesma noite se poz em marcha para Coimbra, pela estrada mais rapida que, passando pela Mealhada, se dirige do convento para aquella cidade.

Romperam a marcha, a esquerda e o centro do exercito. Seguiu-se-lhes a artilheria, cobrindo-lhe a rectaguarda a divisão ligeira, até o parque passar para além de Fornos. Ahi, vendo o terreno plano e aberto, a cavallaria poude servir de escolta.

Chegou esta á Mealhada antes das avançadas francezas, que ao approximarem-se tiveram de sustentar com ella algumas escaramuças.

A rectaguarda dos francezes era seriamente incommodada pelos milicianos de Trant, os quaes, tendo involuntariamente chegado tarde ao ponto cuja defeza lhes fôra confiada, queriam agora tirar a desforra. Masséna enviou contra elles uma brigada de cavallaria e outra de infanteria, travando-se de lado a lado um combate ligeiro.

No entanto, Wellington aproveitava o tempo; no proprio dia 30 atravessava o Mondego, do norte para o sul, e entrava nos desfiladeiros que vão de Condeixa a Pombal. Na margem norte deixava postada, aguardando a chegada possivel do inimigo, e destinada a embaraçar-lhe a passagem do rio, a cavallaria e a divisão ligeira. Os viveres e todo o pessoal e material da administração, — do commissariado, como então se dizia, — foram a toda a pressa mandados recolher a Lisboa, o que não poude deixar de fazer-se com bastante desordem e confusão. Ao general portuguez Bacellar foram expedidas ordens immediatas para se dirigir sobre o Vouga, com todas as milicias das provincias do norte.

No dia 1 de outubro, o exercito francez avançou até Fornos, e descahindo sempre na direcção de Coimbra, a sua vanguarda encontrou entre aquella villa e esta cidade alguns esquadrões alliados, com uma pequena força de ar

tilheria, travando-se de parte a parte rijo combate, em que os do nosso lado não levaram a melhor, porque Masséna, informado do que se estava passando, e crendo já que Wellington lhe offerecia ali nova batalha, correu á frente, a vêr por seus proprios olhos o que havia, e mandou uma força importante atacar os nossos esquadrões.

Estes retiraram, indo atravessar o Mondego, em S. Martinho do Bispo, depois de terem deixado no campo, alguns prisioneiros e 30 cavallos.

No mesmo dia 1, entraram os francezes em Coimbra, sem maior embaraço.

*

É horrivel imaginar, e impossivel descrever o que n'esta formosa cidade se passou.

Quando ali se soube do desastre soffrido pelos francezes no Bussaco, e, por noticias de origem ingleza, se adquiriu a segurança de que os invasores se retiravam para Hespanha, a população entregou-se ás maiores demonstrações de alegria. Houve festejos, bailes, illuminações. Duravam as festas ainda, duravam ainda os regosijos, quando de repente constou que os francezes, torneando as montanhas da Alcoba, tinham já descido ás planicies, e marchavam sobre a cidade, da qual estavam apenas a um dia de caminho!...

É indescriptivel o espanto, o horrôr que de todos se apossou ao espalhar-se semelhante nova, vindo ao mesmo tempo com ella a ordem de abandonarem, todos, os seus lares, immediatamente, para que o invasor não encontrasse, como até ali lhe succedera, senão o deserto, a falta absoluta de soccorros e de recursos, a desolação.

Os mais ricos habitantes tinham avisadamente abandonado a cidade, a tempo. Os remediados e os pobres, sobresaltados ao começo, haviam depois readquirido a tranquillidade, a confiança. Agora, era necessario abandonar

tudo, e pôrem-se todos a caminho, cem mil pessoas talvez, immediatamente.

Pegam as mães nos seus filhinhos de berço, agarrando-se-lhes ás saias os que já podem caminhar, e eil-os ahi vão, á ventura, sem pão, sem roupas, sem agasalho. Os doentes abandonam os seus leitos, os paralyticos são transportados, os velhos arrastam-se conforme podem, até os loucos vão machinalmente seguindo com os outros, sem saberem o que fazem. Tinha, ao menos, com elles, o ceu, a commiseração que não tinham os homens. O dia estava formoso, o tempo sereno, um principio de outomno tepido, e era boa a estrada. Se não fôra isso, quantos não teriam morrido, de fome, de frio, de fadiga, de doença, miseravelmente!

Toda esta enorme massa de fugitivos, homens, mulheres, creanças, velhos, doentes, frades, freiras, soldados e povo, levando tudo o que podiam conduzir, em cavallos, em carros de toda a especie, em jumentos, tudo amontoado e atropellando-se n'uma confusão que se não descreve, embaraçava na marcha, a mais não poder ser, o exercito de Wellington.

Ao atravessarem o Mondego, vadeavel em muitos pontos, foi tal a precipitação, o atropello, que muitos morreram afogados.

Sobre elles, isto é, sobre a cidade, vinha o exercito francez, carreando conforme podia os seus feridos, descalços e rôtos os soldados, emmagrecidos e devorados pelas privações de mezes, ávidos de goso, esperançados na pilhagem.

E, todavia, no meio d'estas miserias todas, a critica da campanha manda-nos inexoravelmente confessar, que Masséna trahiu mais uma vez os interesses da sua causa, as responsabilidades que n'elle pendiam, a confiança que n'elle depositara o imperador, a esperança que os seus subordinados n'elle depunham, não mandando quanto antes, o oitavo corpo, o de Junot, formado por tropas fres-

cas e que ainda não tinham combatido, atacar bruscamente o exercito inglez, a esse tempo arrastando-se na maior desordem, entre Condeixa e Pombal. As perdas que poderia inflingir-lhe seriam irremediaveis.

Tinha informações positivas da confusão inexprimivel em que os alliados seguiam, pois muitos dos prisioneiros francezes do Bussaco haviam conseguido fugir, por mal guardados, e eram elles que vinham á rectaguarda, trazer aos seus, essas informações preciosas. E, comtudo, com grande espanto dos seus subordinados, dos seus immediatos, do seu estado maior até, o generalissimo francez, como se estivesse apostado em fazer sahir constantemente das primeiras difficuldades o seu perigoso adversario, como se fosse para elle um dever dar-lhe tempo para se afastar e para reparar a sua desordem, mandou suspender a perseguição, acantonou o seu exercito em Coimbra e nos arredores, e ali ficou descançando tres dias inteiros!

Bem se sabe que o segundo e o sexto corpo, tão dolorosamente experimentados no Bussaco, não estavam em circumstancias de combater em batalha regular. O gado que puxava a artilheria, esfalfado da marcha e das privações, não podia continuar a arrastal-a sem um descanço reparador e longo. Os feridos precisavam, finalmente, ser tratados, recolhendo-os em edificios proprios, que se transformassem em hospitaes.

Mas o oitavo corpo não estava n'estas condições e, lançado sobre a rectaguarda dos luso-inglezes, emquanto elles mal podiam avançar, apertados nos desfiladeiros, e embaraçados pela multidão fugitiva que os acompanhava, não podia deixar de tirar d'elles uma vantagem completa, que difficilmente, depois, poderia ser resarcida pelos nossos.

Marbot explica, sem comtudo a justificar nem approvar, esta extranha demora, a que elle chama, na sua qualidade de soldado francez, uma perda de tempo *deploravel*. Não perfilhamos o adjectivo, porque felizmente estamos do outro lado. Abençoada *perda de tempo!*

As razões apresentadas por Marbot são: em primeiro logar, o augmento quasi inexcedivel da desintelligencia entre Masséna e os seus immediatos. Em segundo logar, o embaraço em que o generalissimo se encontrava, por não saber se lhe era mais conveniente deixar uma divisão em Coimbra, afim de assegurar a sua rectaguarda e velar pela segurança dos doentes e feridos, que era de força ali deixar, ou se era preferivel abandonar esses desgraçados ao seu cruel destino, levando comsigo as tropas todas, para não enfraquecer o numero dos combatentes, uma vez que era presumivel ter de dar-se a batalha decisiva em frente de Lisboa. Qualquer das resoluções tinha vantagens e inconvenientes, e precisava ser ponderada. Marbot concorda com isto; mas entende que não eram necessarios tres dias inteiros para se tomar uma deliberação.

Quando o exercito francez chegou a Coimbra achou a cidade completamente abandonada, como lhe succedera em Vizeu. Continuava o mesmo systema de defeza, systema inglez, systema aconselhado por Lloyd, para a defeza de Inglaterra. As proclamações de Wellington, dos dias 2 e 4 de agosto de 1810, nas quaes o generalissimo ordena, ante os passos dos invasores, a formação do deserto, são chamadas, por Jomini, um monumento historico d'essa guerra cruel.

Foi destinado a hospital o immenso convento de Santa Clara. Ali se reuniram mais de tres mil doentes e feridos. Masséna concluira por determinar que ficasse em Coimbra apenas meia companhia, destinada a garantir os feridos, das violencias e do furor dos primeiros milicianos, que penetrassem na cidade, devendo capitular logo que os officiaes inimigos se apresentassem, e deixando confiadas á honra e á responsabilidade d'estes as vidas d'aquelles desgraçados.

Mas esta resolução do generalissimo não foi communicada aos chefes dos corpos, a tempo competente. Se o tivesse sido, estes não deixariam em Coimbra, senão os

homens inteiramente impossibilitados de proseguir a marcha. Mas como estavam convencidos, que na cidade ficava uma forte divisão, os coroneis mandaram todos que precisavam de tratamento medico para o hospital. Um grandissimo numero dos que foram assim, involuntariamente, recolhidos no convento, haviam preferido acompanhar os seus regimentos, como já o tinham feito, até ali, desde o Bussaco.

Eram, portanto, mais de tres mil estes infelizes, e a sua guarda ficou entregue a dois tenentes, e a oitenta praças do batalhão de marinha, addido ao exercito. Mas não antecipemos.

*

Logo que os francezes entraram na formosissima cidade do norte, onde esperavam encontrar a abundancia, e um refrigerio para os males até ali passados, e viram o abandono em que tudo estava, o seu furor ultrapassou todas as raias. A falta absoluta de subsistencias, tinha de obrigar os chefes a permittirem á soldadesca, que fosse procural-as para seu sustento. Era decretar o saque.

Então, alguns dos officiaes portuguezes, que vinham no estado maior do exercito, imploraram do generalissimo que não consentisse em tal, pois era um vandalismo sem nome permittir, n'aquella artistica cidade, capital scientifica e litteraria do reino todo, a devastação que lhe estava imminente, e que deslustraria para sempre na historia o exercito de uma nação civilisada.

Masséna pareceu acceder a estas razões, e deu o governo de Coimbra ao portuguez Martins Pamplona, o qual o aceitou com repugnancia por vir da mão inimiga do marechal francez, mas que ao mesmo tempo considerou não dever regeital-o. pensando que seria esse o modo de salvar as riquezas universitarias e as preciosidades artisticas, da ruina total que as ameaçava.

Outras razões, de ordem material mais positiva, aconselhavam ainda Masséna a proceder assim. Coimbra podia, regularmente, fornecer-lhe importantes recursos, e era com isso que elle contava.

Prohibiu, então, severamente a pilhagem. Concordou com as disposições tomadas por Pamplona, e poz ás ordens d'este, para fazel-as respeitar, a brigada Taupin. Ficou esta sendo a guarnição da cidade.

Puzeram-se guardas ao observatorio, ao museu, á livraria, aos geraes, etc. Foi prohibida a entrada nas dependencias da universidade, fosse a quem fosse, por mais alta gerarchia que tivesse, uma vez que não se apresentasse munido de licença especial, assignada por Masséna.

Feito isto, a brigada ensarilhou armas e descançou.

*

Eis, porém, que de repente e sem se fazer annunciar, apparece, vindo dos lados do Porto, e entrando na ponte de Agua de Maias, o general Junot.

A guarda da ponte recusa-lhe, em obediencia a ordens superiores, a entrada na cidade. Junot perde todo o commedimento, como era proprio do seu caracter, desembainha a espada, manda aos seus officiaes que o sigam, fórça a guarda, que não póde nem sabe resistir-lhe, e entra violentamente em Coimbra, seguido por todo o seu corpo de exercito, como por uma alluvião.

Segue pela rua da Sophia, e chegando a logar proprio, manda, tambem, ensarilhar armas e descançar.

(Continúa).

FERNANDES COSTA.

LOURDES (*)

PRIMEIRO DIA

II

(Continuação)

— Pois não, minha senhora... Sempre que queiram. Tinha o seu ar modesto e risonho, e nos olhos luzia-lhe a intelligencia. Sem mais nada, quiz começar logo, levantando a mão direita para o ar, n'um gesto gentil que pedia attenção. Evidentemente estava já habituada a falar em publico.

Mas não a podiam vêr de todos os lados do wagon, e soror Jacintha teve uma ideia.

— Sóbe para o assento, Sophia, e fala alto por causa da bulha.

O preparativo deu vontade de rir á rapariguinha, e só passado um momento assumiu a seriedade precisa para começar.

— Ora aqui teem como foi: o pé estava perdido, nem sequer á egreja eu podia já ir, era preciso tel-o sempre embrulhado em pannos porque deitava umas cousas... bem pouco limpas. M. Rivoire, o doutor, que o tinha lancetado para o vêr por dentro, dizia que se via obrigado a

* Por contracto com Emilio Zola a propriedade da traducção d'este romance em lingua portugueza, pertence á empreza da LEITURA.

tirar para fóra um bocado do osso, e eu com certeza ficava côxa... E, então, depois de ter rezado muito cá de dentro a Nossa Senhora fui metter o pé na agua, com tão boa vontade de ficar bôa, que com a pressa nem tirei os pannos. E tudo lá ficou na agua, já o pé não tinha nada quando o tirei para fôra.

Um murmurio ergueu-se e percorreu o auditorio, murmurio feito de surpreza, de pasmo, e de desejo, acolhendo o bello conto prodigioso, tão consolador para os desesperados. Mas a pequena não tinha acabado. Passados instantes terminou com outro gesto, abrindo um pouco os braços:

— Em Vivonne, quando M. Rivoire me tornou a vêr o pé disse: «Não me importa saber quem curou a rapariga, se foi Deus ou se foi o diabo; mas o certo é que lá curada está ella!»

D'esta vez romperam gargalhadas. A pequenita dizia as cousas de modo muito «recitado», á força de repetir tanta vez a historia que já dizia de cór. O dito do medico era de effeito seguro, e tanto assim que Sophia, certa do riso dos outros, punha-se tambem antecipadamente a rir. E apesar de tudo continuava a ser ingenua e tocante.

Entretanto a «miraculada» esquecera certamente um pormenor, porque soror Jacintha, que n'um relance d'olhos annunciara ao auditorio a phrase do doutor, disse-lhe baixinho.

— E o teu dito, Sophia, á senhora condessa, directora da tua enfermaria?

— Ai! é verdade! Eu não tinha trazido muitos pannos para pôr no pé; e disse-lhe: «Nossa Senhora fez-me realmente favor de me curar logo no primeiro dia, porque no dia seguinte com certeza acabava-se-me o fornecimento!»

Foi outra cascalhada de risos. A pequena tinha tanta graça, em haver sido curada d'aquelle feitio! E teve ainda, a uma pergunta de M.me de Jónquière, de contar a historia das botinhas, das bellas botinhas novas em folha, que a se-

nhora condessa lhe déra, e com as quaes ella, deslumbrada, correra, saltara, dançara. Imaginem, botas! ella que havia tres annos nem chinellos podia metter nos pés!

Com os ares serios que tomara, empallidecido por surdo mal estar que o invadia, Pedro continuava a observal-a. E dirigia-lhe outras perguntas. Decididamente a pequena não mentia, sómente o padre suspeitava que havia ali uma deformação progressiva da verdade, um embellezamento facilmente explicavel, na alegria de se vêr boa, e conscia da importancia que o caso dava á sua pequena individualidade. Quem poderia dizer agora se a pretendida cicatrisação instantanea, completa, em poucos segundos, não levara dias a produzir-se? Onde estavam as testemunhas?

— Eu estava lá; contava justamente M.me de Jonquière. Sophia não era da minha enfermaria, mas encontrei-a essa manhã a coxear...

Vivamente Pedro interrompeu.

— Ah! viu-lhe o pé, antes e depois da immersão?

— Não, isso não. Não me parece que alguem o visse, porque estava todo envolto em ligaduras... A propria pequena diz que as ligaduras cahiram na piscina...

E voltando-se para a rapariga:

— Mas ella vae mostrar-lhe o pé... Não mostras, Sophia? Tira o sapato!

A pequena tirava já o sapato, despia a meia, com promptidão e desembaraço, que mostravam quão habituada estava. E estendeu o pé, lindissimo, muito branco, bem tratado até, com unhas côr de rosa bem cortadas, voltando-o com ar complacente, para que o padre o podesse examinar á vontade. Por baixo do tornozello havia uma longa cicatriz, cuja costura esbranquiçada, muito nitida, attestava a gravidade da molestia.

— Ai! sr. abbade pegue no calcanhar, aperte-o com toda a força: já não sinto nada!

Pedro fez um gesto de que podia deduzir-se o seu en-

canto á vista do poder da Virgem. Mas o certo é que ficava desassocegado, no meio das suas duvidas. Que força ignorada actuava ali? ou antes, que falso diagnostico do medico, e que concurso de erros e exaggerações tinham chegado a produzir este lindo conto?

Mas os doentes todos queriam vêr o pé milagroso, prova visivel da cura divina, que iam buscar. E Maria meio assentada, soffrendo menos, foi a primeira a tocar-lhe. Depois, M.me Maze, arrancada á sua melancholia, passou-o a M.me Vincent, capaz de o beijar, só pela esperança que lhe dava. M. Sabathier ouvira tudo com ares de beatitude; M.me Vêtu, a Grivotte, o proprio frei Isidoro abriam os olhos, observavam com interesse; e a face de Elisa Rouquet tornara-se extraordinaria, transfigurada pela fé, quasi formosa: a chaga desapparecida de tal modo, não era a sua propria chaga fechada, sarada, o seu rosto conservando só uma fraca cicatriz, tornado em rosto como o de toda a gente? Sophia, sempre de pé, tinha de segurar-se a uma das varas de ferro, e pousar o pé no rebordo da divisoria, ora para a direita, ora para a esquerda, sem se cançar, felicissima, cheia de orgulho pelas exclamações que ouvia, pelo fremito de admiração e pelo respeito religioso prestado a esse bocadinho da sua pessoa, a esse pésinho que era como se fôsse sagrado agora.

— Com certeza que é preciso grande fé, pensou Maria em voz alta, é preciso ter a candura...

E dirigindo-se a M. de Guersaint:

— Pae, sinto que era capaz de me pôr bôa se tivesse dez annos e a alma cheia de candura de uma rapariguinha pequena.

— Mas tu tens dez annos, minha rica filha! Não é verdade, Pedro, que as pequenas de dez annos não teem mais candura do que ella?

O architecto, com o seu espirito chimerico, adorava as historias de milagres. E o padre, profundamente commovido pela ardente pureza de Maria, não procurou discutir e

deixou-a abandonar-se ao sopro de illusão consoladora, que passava.

Depois da partida de Poitiers o tempo estava mais pezado, uma trovoada subia no ceu côr de cobre, e parecia que o comboyo rodava atravez de uma fornalha. As aldeias desfilavam, tristes e desertas, sob o ceu ardente. Em Couhé-Verac, tinham dito outra vez o rosario, e entoado outro cantico. Mas os exercicios piedosos perdiam um pouco do impeto primitivo. Soror Jacintha, que ainda não almoçara, resolveu-se vivamente a comer um pãosinho com fructa, ao mesmo tempo que ia tratando do homem, cujo respirar trabalhoso parecia mais regular havia um instante. E só em Ruffec, ás tres horas, recitaram as vesperas da Santissima Virgem.

— *Ora pro nobis, santa Dei Genitrix.*

— *Ut digni efficiamur promissionibus Christi.*

Como acabassem, M. Sabathier, que vira a pequenita pôr outra vez a meia e o sapato, voltou-se para M. de Guersaint.

— Não ha duvida que é interessante o caso d'esta menina. Mas não é nada, meu caro senhor, ha muito mais do que isto... Sabe a historia de Pedro de Rudder, um operario belga?

Toda a gente pôz-se á escuta.

— O homem cahiu de uma arvore e quebrou uma perna. Passados oito annos ainda os dois fragmentos do osso se não tinham soldado. Viam-se-lhes as extremidades, no fundo de uma ferida em continua suppuração; e a perna, molle, pendurada, bambaleava para todos os lados... Pois bem! Bastou-lhe beber um copo da agua milagrosa, e a perna ficou direita n'um prompto. Poude logo andar sem muleta, e o medico disse-lhe: «A sua perna é como a de uma creancinha que acaba de nascer.» Podera, se era uma perna inteiramente nova!

Ninguem disse palavra, houve só uma troca de olhares extasiados.

—Olhe! é como a historia do cabouqueiro Luiz Bouriette, continuou M. Sabathier, um dos primeiros milagres de Lourdes. Conhece-a? O pobre homem foi ferido na explosão de uma pedreira. O olho direito estava totalmente perdido, e achava-se até ameaçado de perder o esquerdo... Pois um dia manda a filha buscar uma garrafa da agua lodosa da fonte, que corria pinga a pinga. Depois lavou o olho doente com essa lama, resou ardentemente. E soltou um grito. Via, meu caro senhor, tão bem como qualquer de nós... O medico que o tratava escreveu uma descripção circumstanciada do caso e não pode haver a menor duvida a este respeito.

—É maravilhoso! murmurou M. de Guersaint encantado.

—Quer outro exemplo? É um caso celebre, a cura de Francisco Macary, o carpinteiro de Lavaur... Havia desoito annos tinha na parte interior da perna esquerda, uma ulcera variciosa muito funda, com inchação consideravel dos tecidos. Chegara a não poder mecher-se, e a sciencia condemnava-o a immobilidade perpetua... E eis que uma tarde o homem se fecha n'um quarto com uma garrafa de agua de Lourdes. Tira as ligaduras, lava as duas pernas, bebe o resto da garrafa. Depois deita-se, põe-se a dormir; e quando acorda, apalpa-se, olha para a perna: nada! variz, ulceras, tudo desapparecera... A pelle do joelho, meu caro senhor, tornara-se tão fina, tão lisa como poderia ter sido aos vinte annos!

D'esta vez houve uma explosão de surpreza e pasmo. Doentes e peregrinos entravam no paiz encantado do milagre, onde o impossivel se realisa na volta de cada atalho, onde se caminha á vontade de prodigio em prodigio. E cada um tinha uma historia para contar, ancioso de apresentar uma prova, de apoiar a fé e a esperança n'um exemplo.

Até M.me Maze, a silenciosa, se achou a ser a primeira a falar.

—Tenho uma amiga que conheceu a viuva Rizan, a senhora cuja cura foi tão falada... Havia vinte e quatro annos que estava paralytica de todo o lado esquerdo. Vomitava o que comia, e era como uma massa inerte que era preciso voltar na cama; afinal até o roçar dos lençoes acabara por désgastar-lhe a pelle... Uma tarde estava tão mal que o medico declarou que não passaria aquella noute. Uma hora depois sahiu do torpôr, pedindo á filha com voz debil que fôsse a casa de uma visinha buscar um copo de agua de Lourdes. Mas só no dia seguinte de manhã é que a rapariga lh'o poude levar, e a viuva exclamou: «Ó minha filha isto é a vida que eu estou a beber, esfrega-me a cara, os braços, as pernas, todo o corpo!» E á medida que a filha lhe obedecia, a inchação enorme desfazia-se, os membros paralysados e tumificados retomavam a flexibilidade e o aspecto natural... Mas ainda ha mais. M.me Rizan bradava que estava bôa, que tinha vontade de comer, que queria carne e pão, a pobre de Christo que não comia, podia dizer-se, havia vinte e quatro annos! E levantou-se, vestiu-se ao passo que a filha respondia ás visinhas que ao vêl-a tão fóra de si a julgavam orphã: «Não! não! minha mãe não morreu, minha mãe resuscitou!»

Nos olhos de M.me Vincent bailavam lagrimas. Deus meu! se podesse ver a Rosinha levantar-se assim, e comer com apetite, e correr! Accudiu-lhe á memoria outro caso, de uma rapariga, que lhe tinham contado em Paris e que entrara muito na decisão de levar a filhinha a Lourdes.

—Tambem eu conheço a historia de uma paralytica ainda muito novinha, Lucia Druon, pensionista de um orphelinato, e que nem podia ajoelhar. Tinha os membros n'um gancho; a perna direita que era mais curta, acabou por se lhe enrolar á roda da esquerda, e quando alguma das companheiras a levava ao cóllo, viam-se-lhe os pés positivamente como mortos a abanar, a abanar... E olhem que nem a Lourdes foi. Fez simplesmente uma novena; mas jejuou durante os nove dias, e o desejo de se pôr boa era

tamanho que passava as noites a rezar... Finalmente no nono dia como bebesse uns gólos de agua de Lourdes teve nas pernas uma commoção violenta. Ergueu-se, cahiu, tornou a levantar-se e poz-se a caminhar. Todas as companheiras pasmadas, quasi assustadas, exclamaram: «Olhem a Lucia a andar! olhem a Lucia a andar!» E era verdade, em poucos segundos as pernas da pobre creaturinha tinham ficado direitas, sãs e fortes. Atravessou o claustro, e poude subir á capella, onde toda a communidade transportada de reconhecimento, cantou a *Magnificat*... Ai! que feliz que a pobre creança devia estar!

Duas lagrimas acabaram de lhe resvalar dos olhos sobre o rostinho pallido da filha que ao mesmo tempo cobriu de beijos.

Mas o interesse ia crescendo sempre e a alegria maravilhada dos bellos contos em que o céo a cada passo triumpha das realidades humanas, exaltava essas almas infantis, a ponto que até os mais doentes se erguiam a meio, e recuperavam a falla. E por detraz da narração de cada um, havia a preoccupação da respectiva molestia, a confiança no restabelecimento, visto que doença identica se dissipára como sonho mau, desfeito pelo sôpro divino.

— Ai! tartamudeou M.me Vêtu, com a sua bocca pegajosa, havia uma mulher, Antonieta Thardivail, que tinha o estomago roido como o meu. Parecia que os cães lh'o mordiam, e ás vezes ficava-lhe tão grande como a cabeça de uma creança. Nasciam-lhe tumores no estomago, do tamanho de ovos, e de tal modo que por oito mezes não fez senão vomitar sangue... Tambem ia morrer, coitada, com a pelle pegada aos ossos, expirando de fome, quando bebeu agua de Lourdes e pediu que lhe lavassem com ella a bôcca do estomago. Tres minutos depois, o medico que na vespera a deixara agonisante, sem folego, encontrou-a levantada, assentada junto do fogão, regalando-se cheia de apetite, com uma aza de gallinha bem tenra. Já não tinha tumores, ria como aos vinte annos, o rosto retomara o

brilho da mocidade... Ai! que cousa rica deve ser comer uma pessoa tudo o que lhe apetece, remoçar, não sentir dôres!...

—E o modo como se curou soror Juliana! disse a Grivotte, que se ergueu no cotovello, com os olhos brilhantes de febre. Começou com uma constipação, como me succedeu a mim; depois entrou a escarrar sangue. De seis em seis mezes era recahida certa: tinha de ir para a cama. Da ultima vez diziam todos que se não levantava mais. Tentaram em vão todos os remedios, iodo, causticos, pontas de fogo. Para encurtar razões uma phtysica, sem remissão, confirmada como tal por seis medicos... Bem! vae a boa da soror Juliana a Lourdes e Deus sabe no meio de que horrendas dôres! a tal ponto que em Tolosa julgaram que ia expirar, As irmãs levavam-n'a em braços. Na piscina as damas hospitaleiras não queriam dar-lhe o banho. Se estava como morta! Pois bem! despiram-n'a, mergulharam-n'a na agua sem sentidos, toda coberta de suor, e tiraram-n'a depois tão pallida que a pozeram no chão, julgando que estava morta. De subito, ruborisam-se-lhe as faces, abrem-se-lhe os olhos, respira com força. Estava curada, vestiu-se sósinha, e comeu bem, depois de ter ido á Gruta agradecer a Nossa Senhora... Hein? E aqui é que não ha que dizer. Phtysica até ali! e curada radicalmente, sã como um pero, n'um abrir e fechar de olhos!

Então frei Isidoro quiz fallar; mas não poude e contentou-se com dizer a custo á irmã:

—Olha, ó Martha, dize lá a historia de soror Dorothea, que o parocho de São Salvadôr nos contou.

—Soror Dorothea, começou a camponeza toda acanhada, levantou-se uma manhã com uma perna muito tropega; e a partir d'esse momento, perdeu o uso da perna, que se lhe tornou fria e pezada como pedra. Juntamente com isto tinha uma grande dôr nas costas. Os medicos não entendiam nada. Nem menos de meia duzia d'elles a visitavam, enterrando-lhe alfinetes no corpo, queimando-lhe a pelle

com uma data de remedios. Ora era como se nada fosse! Soror Dorothea comprehendia que só Nossa Senhora lhe acharia remedio: e eil-a que parte para Lourdes, e que pede para que a mettam na piscina. Primeiro pensou que morria, tamanho era o frio. Depois a agua tornou-se tão macia, que lhe pareceu tepida, deliciosa como leite. Nunca na sua vida encontrara cousa tão boa: abriam-se-lhe as veias e a agua entrava. Bem comprehendem que a vida lhe voltava ao corpo, visto que a Virgem Santa assim o queria... Já nem tinha dôres, passeou, comeu um pombo inteiro n'essa tarde, e dormiu toda a noite admiravelmente. Gloria a Nossa Senhora! reconhecimento eterno á Mãe potente e a seu divino Filho!

Elisa Rouquet, coitada, tinha vontade tambem de contar um milagre que sabia. Mas, pobre creatura, com aquella bôcca deformada, fallava tão mal, que não podera ainda tomar a palavra. Houve, todavia, um silencio e ella aproveitou-o affastando um pouco a manta de renda que lhe escondia a chaga asquerosa:

— Ai! o que a mim me contaram não é assim de doença séria, mas é tão exquisito... Foi uma mulher chamada Celestina Dubois, que espetou uma agulha na mão, quando estava a ensaboar roupa. Durante sete annos, não houve de quê, ninguem foi capaz de lh'a arrancar... A mão, toda encolhida, nem se podia abrir. Chega a Lourdes e mette-a na piscina. Mas, de repente, tira-a para fóra, e põe-se aos berros. Agarram-lh'a a mão á força outra vez para dentro da agua, e deixam-lh'a lá um bocado, emquanto ella soluça, com o suor da afflicção a escorrer-lhe na cara. Tres vezes lh'a mergulham, e de cada vez vê-se a agulha mecher, até sahir finalmente pela cabeça do dedo pollegar... Está claro que se a pobre creatura gritava é porque a agulha lhe andava pela carne, como se alguem a estivesse a puxar... Celestina nunca mais sofreu nada, e na mão só lhe ficou uma pequena cicatriz para mostrar o trabalho de Nossa Senhora.

Esta anedocta produziu ainda mais effeito do que os milagres relativos a grandes curas. Uma agulha que andava como se uma pessoa a empurrasse! Este facto como que povoava o invisivel, mostrando a cada doente o respectivo anjo da guarda prompto a auxilial-o, obedecendo ás ordens do céo. Depois, que lindo e infantil, este caso da agulha a ir-se embora na agua milagrosa, depois de teimar como uma cabeçuda sete annos! E todos soltavam exclamações, divertidos, rindo com gosto, radiantes ao verem que ao céo nada é impossivel, que se o céo quizesse, todos se poriam n'um instante de excellente saude, remoçados, e sadios. Bastava crer e rezar ardentemente para que a natureza ficasse confundida e o inacreditavel se realisasse. Afinal de contas restava só uma questão de sorte, porque a verdade era que o céo parecia fazer a sua escolha.

— Ó pae! que lindo, não é? murmurou Maria, que escutara até ali, reanimada pela paixão, muda de espanto. Lembras-te do que me contaste uma vez, de uma Joaquina Dehaut, que tinha vindo da Belgica, e que atravessou a França toda, com a perna torcida, aberta com uma ulcera, cujo cheiro affastava toda a gente... Primeiro sarou-lhe a ulcera: podiam apertar-lhe o joelho, que nada sentia, só lhe tinha ficado um bocadinho de vermelhidão... Depois foi a luxação. Na agua desatou a mulher a gritar, parecia que lhe quebravam os ossos, que lhe arrancavam a perna; e ao mesmo tempo ella e a que lhe dava banho viam o pé disforme endireitar-se com a regularidade de um ponteiro caminhando no mostradôr do relogio. A perna estendia-se, os musculos alongavam-se, o joelho voltava ao seu logar, no meio de dôres tão fortes, que Joaquina acabara por desmaiar. Mas, quando voltou a si, levantou-se direita e agil para ir collocar as muletas na Gruta!

M. de Guersaint ria, cheio de goso, confirmando com gestos a narrativa, que em tempos lhe fôra, effectivamente, confeita por um padre da Assumpção. Poderia, dizia elle, contar vinte casos semelhantes, mais tocantes, mais extraor-

dinarios uns do que os outros. Appellava para o testemunho de Pedro; e este, que não acreditava, limitava-se a abanar a cabeça. Primeiro, não querendo affligir Maria, procurou distrahir-se, olhar para fóra, para os campos, para as arvores, para as casas que desfilavam. Acabavam de passar Angoulême. Prados estendiam-se, linhas de ulmeiros fugiam no movimento continuo de leque, produzido pela velocidade do comboyo. Com certeza que iam atrazados porque a machina, lançada a todo o vapor, rugia sob a trovoada imminente, atravez da athmosphera esbrazeada, devorando kilometros. E Pedro, contra vontade, ouvia pedaços de narração, interessava-se por essas historias extravagantes, acalentadas pelo duro solavanco das rodas, como se a locomotiva, enlouquecida e desenfreada, os conduzisse todos ao divino paiz dos sonhos. Rodavam, rodavam sempre e Pedro acabou por deixar de olhar para fóra, por se abandonar ao ar pesado e adormecedor do wagon, em que o extase ia crescendo, longe do mundo real, atravessado em corrida tão rapida. O rosto reanimado de Maria penetrava-o de prazer. E abandonou-lhe a mão, em que a doente pegara para lhe dizer, n'uma pressão, toda a confiança que sentia renascer. Para que iria entristecel-a com duvidas, visto que o seu desejo era vêl-a boa? Por isso conservava na sua, com meiguice infinita, a mãosinha lenta da pobre menina, todo fremente de fraternidade dolorida, querendo acreditar na piedade das cousas, n'uma bondade superior que poupava as dôres aos desesperados d'este mundo.

— Oh! Pedro, repetiu ella, que bonito, não é verdade? e que gloria se a Virgem Santa consente em incommodar-se por minha causa!... Julga realmente que serei digna d'isso?

— Certamente, exclamou elle, que não ha alma mais pura, melhor, e, como dizia seu pae, mais candida do que a sua! Nem ha no céo anjos bastantes para lhe servirem de séquito!

Mas não acabára tudo. Soror Jacintha e M.me de Jonquière, contavam todos os milagres que sabiam, a longa série de milagres que havia mais de trinta annos floresciam em Lourdes, como um desabrochar ininterrupto de rosas na roseira mystica. Contavam-se por milhares, brotavam todos os annos, com prodigiosa pujança de seiva, cada vez mais brilhantes em cada estação. E os doentes que ouviam taes maravilhas, n'uma febre crescente, estavam como creancinhas que depois de um conto de fadas, querem outro, e outro, e mais outro! Ai! mais historias, em que a injusta natureza é esbofeteada, em que Deus Nosso Senhor intervem como medico supremo, que se ri da miseria e que faz a felicidade a seu modo!

Primeiro foram os surdos e os mudos que ouviam e falavam: Aurelia Bruneau, incuravel, com o tympano estalado, que de subito é encantada pelos sons celestiaes de um harmonio; Luiza Pourchet, muda ha quarenta e cinco annos, que, ao rezar deante da gruta brada de repente: «Ave Maria, cheia de graça!» e outras, centenares de outras radicalmente curadas, ao lançarem algumas gottas de agua nos ouvidos ou na lingua. Depois foram os cegos que passaram em revista: o padre Hermann, que sentiu a dôce mão da Virgem Santa arrancar-lhe o véo que tinha nos olhos; M.elle de Pontbriant, ameaçada de perder os dois olhos e recuperando a vista, melhor do que nunca a tivera, só com dizer uma oração; outra, uma creança de doze annos, cujas corneas pareciam duas bolinhas de marmore e que em tres segundos fica com olhos claros e profundos, em que os anjos parecem estar a sorrir. Mas são principalmente os paralyticos que abundam, os coxos que andam direitos, os que não podem bolir do leito de miseria e a quem o Senhor diz: «Levanta-te e caminha!» Delaunay, ataxico, cauterisado, queimado, martyrisado por todas as fórmas, tendo entrado quinze vezes nos hospitaes de Paris, d'onde sahe com o diagnostico concorde de doze medicos, sente uma força a levantal-o na passagem do Santo Sacra-

mento e põe-se a seguir a procissão, com as pernas, de repente, sãs. Maria-Luiza Delpont, de quatorze annos de idade, cuja paralysia lhe tinha inteiriçado as pernas, contrahido as mãos, e repuchado a bôcca para o lado, vê os membros retomarem elasticidade, a contorsão da bôcca desapparecer, como se mão invisivel cortasse os horriveis laços que a deformavam. Maria Vacher, pregada dezesete annos á poltrona pela paraplegia, não só corre e vôa ao sahir da piscina, mas nem consegue vêr depois vestigio das chagas que a longa immobilidade lhe creára pelo corpo. E Georges Hanquet, atacado de amollecimento de espinha, de uma insensibilidade absoluta, passa sem transição da agonia ao estado de perfeita saude. E Leonia Charton, outra creatura com a mesma doença, cujas vertebras fazem uma saliencia consideravel, sente como por encanto desapparecer a corcunda, ao passo que as pernas se lhe endireitam, novas e cheias de vigor.

Depois foram todas as especies de molestias. Primeiro, os accidentes da escrophula, mais pernas perdidas e refeitas de novo: Margarida Gehier, atacada de uma coxalgia durante vinte e sete annos, com um quadril devorado pela doença, o joelho direito ankylosado, cahindo subitamente de joelhos para agradecer a cura á Virgem Santa; Philomena Simonneau, a rapariguinha Vendéana, com a perna esquerda esburacada com tres chagas hediondas, no fundo das quaes os ossos cariados a descoberto deixavam cahir esquirolas, e a quem a Virgem renova os ossos, a carne e a pelle. Depois vieram os hydropicos: M.me Ancelin, cujos pés, mãos e corpo inteiro desincharam, sem que se podesse saber para onde tinha ido tanta agua; M.elle Montagnon, a quem varias vezes tinham extrahido vinte e dois litros de agua, e que, inchada novamente, se curou com a simples applicação de uma compressa molhada na fonte miraculosa, e sem que se encontrasse liquido algum nem na cama nem no sobrado. E do mesmo modo não ha doença de estomago que resista, todas desapparecem ao primeiro

copo de agua. É, por exemplo, Maria Souchet que vomita sangue negro, magra, esqueletica, e que, cheia de apetite, devora, e se põe nutrida e fresca em dois dias. É Maria Jarland que, tendo queimado o estomago bebendo por engano um copo de agua com sáes de cobre, sente o tumor, que foi consequencia d'isso, desapparecer. De resto todos os tumores se vão embora d'este modo na piscina sem deixarem o menor vestigio. Mas o mais maravilhoso ainda são as ulceras, os cancros, todas as horriveis chagas apparentes, que um sopro do céo cicatrisa. Um judeu, actor, com a mão devorada por uma ulcera, foi só mettel-a na piscina e ficou bom. Um rapaz extrangeiro, immensamente rico, atacado no pulso direito de um lobinho do tamanho de um ovo, vio-o desapparecer n'um instante. Rosa Duval que por causa de um tumor branco tinha no cotovello esquerdo um buraco em que cabia uma noz, poude seguir com os olhos o trabalho prompto da carne nova que lh'o tapava. Á viuva Fromond, cujo labio estava meio destruido por um cancro, bastaram umas loções da agua santa, e nem sequer vermelhidão lhe ficou. Maria Moreau, que padecia horrivelmente de um cancro no peito, adormeceu depois de lhe ter applicado um panno embebido em agua de Lourdes; quando acordou duas horas depois, a dôr cessara, a carne estava limpa, fresca como uma rosa.

Finalmente, soror Jacintha chegou ás curas immediatas e radicaes da phtysica e esse era o triumpho, a terrivel doença que devastava a humanidade, que os incredulos provocavam a Santa Virgem a curar, e que ella, com effeito, curava, segundo se dizia, com um gesto unico do seu dedo minimo. Cem casos, mais extraordinarios uns do que outros, accumulavam-se, trasbordavam. Margarida Coupel, phtysica havia tres annos, com o alto do pulmão comido pelos tuberculos, levanta-se e caminha cheia de saude. M.me de la Riviere, com escarros de sangue, coberta de continuos suores frios, com as unhas violaceas, em termos de exhalar o ultimo suspiro, basta-lhe beber uma colheri-

nha de agua, que lhe lançam por entre os dentes: immediatamente o estertor cessa, a pobre senhora assenta-se, responde á ladainha, pede um caldo. A Julia Jadot foram precisas quatro colheres; mas essa nem sustinha já a cabeça e era de constituição tão fraca, que a doença parecia tel-a desfeito; em poucos dias engordou immenso. Anna Catry, no grau mais avançado, com o pulmão esquerdo meio destruido por uma caverna, é, contra todas as regras da prudencia, mergulhada cinco vezes na agua fria e cura-se logo, fica inteiramente sã. Outra, uma rapariga que soffria do peito, condemnada por quinze medicos, não pediu nada, foi simplesmente ajoelhar na Gruta, por acaso, muito admirada depois de se achar curada por bamburrio, certamente á hora em que a Virgem cheia de piedade deixa cahir o milagre das suas mãos invisiveis.

Milagres e mais milagres! choviam como flôres de sonho sob um céo claro e dôce. Uns eram tocantes outros pueris. Uma velha, com a mão ankylosada, não podia mechel-a havia trinta annos, lava-se e consegue fazer o signal da cruz. Soror Sophia, que ladrava como um cão, mergulha na piscina e ergue-se depois, com a voz pura, entoando um cantico. Mustapha, um turco, invoca a Senhora e recupera o olho direito applicando-lhe uma compressa. Um official de «turcos» foi protegido em Sedan, um couraceiro de Reichshoffen teria morrido com uma bala no coração se essa bala, que lhe atravessara a carteira, não parasse deante de uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes. Tambem as creancinhas, os pequeninos doentes, eram objecto da mercê divina: um rapazinho de cinco annos, paralytico, despido e conservado cinco minutos sob o jorro gelado da fonte, levantou-se e principiou a andar; outro, de quinze annos, que soltava na cama grunhidos de animal, saltou da piscina bradando que estava curado; outro de dois annos, uma migalhinha de gente, que nunca tinha andado, ficou um quarto de hora na agua fria, depois risonho e forte

deu como um homemsinho, os seus primeiros passos. E para todos, pequenos e grandes, as dôres eram vivas emquanto o milagre se operava; porque o trabalho reparador não podia fazer-se sem um empuxão extraordinario em toda a machina humana: os ossos regeneravam-se, a carne nascia, o mal expellido escapava no meio da convulsão derradeira. Mas depois que bem estar! Os medicos não acreditavam nos proprios olhos, a sua admiração irrompia a cada cura, vendo os doentes a correr, a saltar, a comer com apetite devorador. Todas as eleitas, todas as mulheres curadas, andavam leguas, comiam uma gallinha inteira, dormiam horas e horas a fio. De resto nenhuma especie de convalescença: era um salto brusco da agonia para a saude perfeita, membros concertados de novo, chagas saradas, orgãos restabelecidos na sua integridade, a nutrição readquirida, tudo com a rapidez do relampago. Escarnecia-se da sciencia, nem se tomavam as precauções mais simples, banhando as mulheres em todas as epocas do mez, mettendo as phtysicas todas suadas na agua fria de neve, abandonando as feridas á putrefacção, sem precaução antiseptica de qualidade nenhuma. Mas tambem a cada milagre, que cantico de alegria, que grito de reconhecimento e de amor! A «miraculada» lança-se em joelhos, toda a gente chora, conversões operam-se. protestantes e judeus abraçam o catholicismo, outros milagres da fé em que o céo triumpha. Os habitantes em massa vão esperar a «miraculada» de regresso á aldeia natal, emquanto que os sinos repicam; e quando salta agilmente da carruagem, são brados, soluços de alegria, e a *Magnificat*, entoada em côro. Gloria á Virgem Santa! reconhecimento e ternura para todo o sempre!

De todas as esperanças realisadas, de todas as ardentes acções de graças, deprehendia-se sobretudo uma grande gratidão pela Mãe purissima, pela Mãe admiravel. Ella era a grande paixão de todas as almas, a Virgem potente, a Virgem clemente, o Espelho de Justiça, o Throno de Sabe-

doria. Todas as mãos se estendiam para Ella, Rosa mystica na sombra das capellas, Torre eburnea no horisonte do sonho, Porta do Ceo abrindo para o infinito. Desde a aurora de cada dia brilhava, clara Estrella da manhã, alegre de juvenil esperança. Pois não era Ella a Saude dos enfermos, o Refugio dos peccadores, a Consolação dos afflictos? A França tinha sido sempre o seu paiz de predilecção, terra em que a adoravam com culto fervoroso, culto votado á esposa e á mãe n'um arranque ardente de ternura; e era em França, principalmente, que Ella gostava de apparecer ás pastorinhas. Era tão meiga para as creanças! occupava-se d'ellas continuamente, e se todos se lhe dirigiam era porque a consideravam intermediaria de amor entre a terra e o céo. Cada dia, chorava lagrimas de ouro aos pés de seu divino Filho para obter d'elle mercês e beneficios, que se traduziam nos milagres que Elle permittia, bello campo florido de milagres, odoriferos como rosas do paraiso, tão prodigiosos de côres e de perfumes!

O comboyo rodava, rodava sempre. Acabavam de atravessar Coutras, eram seis horas. E soror Jacintha levantou-se, bateu as palmas, repetindo mais uma vez:

— Ave-Marias, meus filhos!

Nunca os *Ave* sahiram com fé mais viva, mais ateada pelo desejo de serem ouvidos no céo. E Pedro então comprehendeu subitamente, teve a explicação nitida d'estas romarias, de todos esses comboyos que rodavam pelo mundo inteiro, d'essas multidões que se precipitavam, de Lourdes toda flammante lá ao longe como salvação dos corpos e das almas. Pobres miseraveis os que ali via, desde pela manhã, gemer com dôres, arrastar o triste arcabouço na fadiga de semelhante viagem! Todos eram comdemnados, abandonados pela sciencia, fartos de consultar medicos e de tentar a tortura dos remedios inuteis. Comprehendia-se bem que, ardendo no desejo de viver ainda, não podendo resignar-se aos dictames da natureza injusta e indifferente, se erguessem ao sonho de um poder

sobrehumano, de uma divindade omnipotente, que ia, talvez, em favôr d'elles, suspender as leis estabelecidas, mudar o curso dos astros e reformar a creação! Se lhes faltava a terra, não tinham ainda a Deus? Como a realidade para elles era abominavel, nascia-lhes um desejo immenso de illusão e de mentira. Acreditar que ha em qualquer parte um juiz supremo que remedeia os males apparentes das cousas e das pessoas, acreditar que ha um redemptor, um consoladôr, que é quem manda, que póde fazer regressar as torrentes á fonte d'onde brotam, restituir a mocidade aos velhos, resuscitar os mortos! Quando se está coberto de feridas, quando se tem os membros enclavinhados, o ventre inchado de tumores, os pulmões destruidos, poder dizer que não importa, que tudo desapparece e renasce a um signal de Nossa Senhora, e que basta rezar, tocal-a, obter d'ella a graça de ser escolhido! E então que fonte celeste de esperança, quando se punha a correr a onda prodigiosa das bellas historias de curas milagrosas, contos de fadas admiraveis, que acalentavam e embriagavam a imaginação febril dos doentes e dos aleijados!

Desde que a pequena Sophia Couteau com o alvo pésinho sarado, subira para o wagon, abrindo o céo illimitado do divino e do sobrenatural, era facil de comprehender o sopro de resurreição que perpassava, fazendo erguer pouco a pouco os mais desesperados do seu leito de miseria, fazendo luzir os olhos de todos, visto que a vida lhes era ainda possivel, e que iam talvez recomeçal-a!

Era tal qual! Se o comboyo lamentavel rodava, rodava sempre, se o wagon ia cheio, se os outros wagons iam cheios tambem; se a França e o mundo, desde os pontos mais longinquos da terra, estava sulcado de comboyos semelhantes, accarretando comsigo milhares de doentes, abalando do principio ao fim do anno, era, que lá ao fundo, a Gruta reluzia na sua gloria, como pharol de esperança e

de illusão, revolta e triumpho do impossivel contra a materia inexoravel. Nunca se escreveu romance mais pathetico e que mais exaltasse as almas acima das duras condições da existencia. Sonhar esse sonho era a grande, ineffavel ventura. Se os padres da Assumpção viram cada anno alargar o exito das suas romarias, é porque vendiam, ao povo que acudia, a consolação, a illusão, o pão delicioso da esperança, do qual a humanidade que sofre tem uma fome continua, que nada é capaz de matar. E não eram só as chagas physicas que gritavam pela cura, todo o ser moral e intellectual clamava miseria, n'um desejo insaciavel de felicidade. Ser feliz, pôr na fé a certeza da vida, apoiar-se a gente até á morte n'esse solido e unico bordão de viagem, tal era o desejo que sahia de todos os corações, que fazia ajoelhar todas as dôres moraes, pedindo a continuação da graça, a conversão dos entes queridos, a salvação espiritual propria e a dos que estimamos. O immenso brado propagava-se, subia, enchia os espaços : ser feliz para sempre, na vida e na morte !

E Pedro bem tinha visto que todos os doentes que o rodeiavam não sentiam já os solavancos das rodas, e recuperavam forças, a cada legua devorada que os approximava do milagre. A propria M.me Maze tagarellava já na certeza de que Nossa Senhora lhe restituiria o marido. M.me Vincent, risonha, acalentava brandamente a Rosinha, achando-a bem menos doente do que as creancinhas semimortas que mergulhavam na agua gelada, e que se punham a brincar depois. M. Sabathier gracejava com M. de Guersaint, explicava-lhe que em outubro, quando tivesse pernas outra vez, iria dar um gyro até Roma, viagem que addiava havia quinze annos. M.me Vêtu, serenada, sentindo apenas algumas roeduras no estomago, julgando ter vontade de comer, pedia a M.me de Jonquières que lhe désse um biscouto molhado n'um copo de leite; ao passo que Elisa Rouquet, comia um cacho de uvas, a rosto desco-

berto. E a Grivotte, assentada, e frei Isidoro que cessara de gemer, guardavam na memoria, de todos esses contos, uma tal febre feliz, que queriam saber as horas, impacientes de se pôrem bons. Mas o homem, principalmente, durante um minuto, resuscitou. Como soror Jacintha lhe enxugasse novamente o suor do rosto, abriu as palpebras, ao passo que um sorriso lhe illuminava as feições. Ainda uma vez lhe resurgira a esperança.

Maria conservava, na mãosinha tépida, a mão de Pedro. Eram sete horas; só deviam chegar a Bordeus ás sete e meia; e o comboyo retardado, para ganhar os minutos perdidos, apressava o andamento cada vez mais, n'uma velocidade doida. A trovoada dera chuva afinal, uma doçura infinitamente pura descia do grande céo claro.

—Ai! Pedro que bonito! que bonito! repetiu novamente Maria apertando-lhe a mão com infinita meiguice.

E, debruçando-se para elle, a meia voz:

—Vi a Virgem ainda agora, e foi a sua cura, Pedro, que pedi e obtive!

O padre, comprehendendo, sentiu-se perturbado pelos olhos de divina luz que Maria fitava nos seus. Esquecendo tudo, a amiguinha de infancia pedira a sua conversão; e esse anhelo de fé, que sahiu, candido, de creatura tão querida e tão cheia de dôres, revolvia-lhe a alma. Porque não acreditaria, afinal, um dia? Tanta narração extraordinaria lançara-o fóra de si. O calôr abafadiço do wagon, entontecera-o, a vista das miserias amontoadas ali fazia-lhe sangrar a carne compadecida. E o contagio operava, não sabia onde acabava o real e o possivel, incapaz no meio d'esse montão de factos espantosos, de fazer escolha, de explicar uns e rejeitar outros. Houve um momento quando novo cantico se elevava, e o prendia teimosamente ao fio d'aquella obssessão, que o padre perdeu todo o imperio em si proprio, imaginou que acabara por acreditar, na vertigem allucinada d'aquelle hospital, que rodava, rodava sempre, a todo o vapôr...

V

O comboyo sahiu de Bordeus, apoz uma demora de poucos minutos, durante a qual os que não tinham jantado, compraram á pressa as provisões necessarias. De resto, os doentes não cessavam de beber uma gotta de leite, de reclamar um biscoito, como creanças mimosas. E, immediatamente, assim que se pozeram em andamento, soror Jacintha bateu as palmas.

— Vamos, aviem-se! a oração da tarde!

Então, durante um quarto de hora, foi um borborinho confuso, padre-nossos e avemarias, o exame de consciencia, o acto de contricção, o abandonar-se cada um a Deus, a Nossa Senhora, aos Santos, agradecendo o dia feliz, acabando com uma oração pelos vivos e pelos fieis defuntos.

— Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo... Amen, Jesus!

Eram oito horas e dez, o crepusculo invadia os campos, planicie immensa prolongada pela bruma da tarde, em que se accendiam centelhas vivas ao longe, nas cazas perdidas vagamente na sombra. As lampadas do wagon vacillavam, illuminando com clarão amarellado o montão de bagagens e de peregrinos, sacudidos pelo movimento continuo.

— Meus filhos, volveu soror Jacintha, que ficara de pé, em Lamothe, a cerca de uma hora d'aqui vou ordenar silencio. Teem, por conseguinte, uma hora para se distrahirem; mas tenham juizo, nada de se excitarem muito. E, depois, ao passar em Lamothe, nem uma palavra, nem um sopro, quero todos a dormir!

Estas palavras fizeram rir os doentes.

— Saibam que é a regra, e com certeza são todos rasoaveis e hão-de obedecer.

Desde pela manhã, effectivamente, tinham cumprido pontualmente o programma dos exercicios religiosos, indicados hora por hora. Agora rezadas todas as orações, re-

citados os rosarios, entoados os canticos, era o fim do dia, uma curta recreação antes do descanço. Mas ninguem sabia o que havia de fazer.

— Soror Jacintha, propoz Maria, se deixasse o sr. abbade lêr-nos um bocado? Elle lê perfeitamente, e tenho aqui justamente um livrinho, uma historia de Bernadette tão bonita...

Não a deixaram acabar, gritaram todos, agitados de um desejo phrenetico como creanças a quem promettem uma linda historia:

— Deixe, soror Jacintha! deixe!

— Com certeza, disse a religiosa, dou licença visto que se trata de uma boa leitura.

Pedro teve de consentir. Mas queria estar debaixo da lampada e teve de trocar o logar com M. de Guersaint, deliciado, como os doentes, pelo annuncio de que se ia lêr uma historia. E, quando o moço ecclesiastico, finalmente installado, declarando que via sufficientemente, abriu o livro, um fremito de curiosidade correu de uma extremidade do wagon á outra, todas as cabeças se alongaram, recolhidas, de ouvido á escuta. Felizmente, Pedro tinha voz forte, e poude dominar as rodas, cujo ruido surdo se amortecera, agora, na planicie immensa e sem ondulações.

Mas antes de começar, Pedro examinara o volume. Era um d'esses livrinhos de cordel, impressos nas typographias catholicas e espalhados profusamente pela christandade inteira. Mal impresso, em papel muito ordinario, tinha na capa azul uma Nossa Senhora de Lourdes, imagem ingenua de linhas acanhadas e duras. Meia hora bastaria para o lêr, sem pressa.

E Pedro principiou com a bella voz clara, de timbre doce e penetrante.

«Era em Lourdes, pequena cidade dos Pyrineus, n'uma quinta feira, 11 de fevereiro de 1858. Fazia frio e havia nuvens no ceu. Faltava lenha para fazer o jantar em casa

do pobre mas honesto moleiro Francisco Soubirous. Luiza, mulher d'este, disse a Maria, sua segunda filha: «Vae apanhar lenha ás margens do Gave ou ao matto.» O Gave é o nome de uma torrente que atravessa Lourdes.

«Maria tinha uma irmã mais velha, chamada Bernadette, que recentemente voltara do campo, onde honrados aldeãos a empregavam como pastora. Era uma creança franzina e delicada, innocentissima, e cuja grande sciencia consistia em saber rezar o rosario. Luiza Soubirous hesitava em mandal-a ao matto com a irmã, por causa do frio; todavia, instada por Maria e por uma pequenita sua visinha, chamada Joanna Abadie, deixou-a ir.

«As tres companheiras descendo ao longo da torrente, para apanharem bocados de ramos seccos, acharam-se em face de uma gruta, cavada n'um grande rochedo que a gente da terra chamava Massabielle...»

Mas ao chegar a este ponto da leitura, como fôsse a voltar a pagina, Pedro parou, deixando cahir o livrinho. A puerilidade da narrativa, as phrases ôccas, feitas de encommenda, impacientavam-n'o. Elle que tivera nas mãos o «processo» completo de toda aquella extraordinaria historia, que lhe estudara com enthusiasmo os pormenores, e guardava no fundo do coração uma ternura deliciosa, uma piedade infinita por Bernadette!

Pedro acabava de dizer comsigo que o inquerito decisivo que outr'ora planeara fazer em Lourdes, poderia começal-o logo no dia seguinte. Era uma das razões que o tinham decidido a acompanhar Maria. E no intimo renascia-lhe a curiosidade ácerca da Vidente, a quem amava por sabel-a candida, veridica, desgraçada, mas cujo «caso» desejaria analysar e tirar a limpo. Bernadette com certeza não mentia: tivera a visão, ouvira vozes como Joanna d'Arc, e como Joanna d'Arc havia de libertar a França, no dizer dos catholicos. Que força, pois, a produzira, a ella e ás suas obras prodigiosas? Como podera a visão crescer no espirito da miseravel creança, e transtornar as almas

de todos os crentes até ao ponto de renovar os milagres dos tempos primitivos, e fundar quasi uma religião nova, no meio de uma cidade santa, construida a poder de dinheiro, invadida por multidões tão exaltadas e tão numerosas como as do tempo das cruzadas?

Então, parando de lêr, Pedro contou o que sabia, o que adivinhara e corrigira n'essa historia ainda obscura, apesar das torrentes de tinta que fizera correr. Conhecia o paiz, os habitos, os costumes, em consequencia das longas conversas com o seu amigo, o doutor Chassaigne. E discursava com facilidade encantadora, com emoção de rara pureza e dons notaveis de orador sagrado, de que tinha consciencia desde o seminario sem nunca fazer uso d'elles. No wagon, quando perceberam que o moço ecclesiastico sabia a historia muito melhor e mais miudamente do que o livrinho, e a contava de modo tão meigo e eloquente, recrudesceu a attenção, e as almas doloridas dos peregrinos, n'um transporte, esfomeadas de felicidade, como que voaram para elle.

Primeiro foi a infancia de Bernadette em Bartrès. Ia crescendo a pequena em casa da mulher que a amamentara, a Lagùes, que tendo perdido um filhinho recemnascido prestara aos pobrissimos Soubirous o serviço de lhes crear e ter em casa a creança. A aldeia, de quatrocentas almas, a cerca de uma legua de Lourdes, era como se estivesse n'um deserto, longe das estradas frequentadas, escondida na verdura. O caminho desce, as raras habitações erguem-se aqui e além, no meio de campos cobertos de herva, entrecortados de sebes, plantados de nogueiras e castanheiros, ao passo que ribeiros limpidos eternamente sussurrantes, seguem os declives, ao longo dos atalhos, e a velha egrejinha romana, domina sósinha de cima de um outeiro invadido pelos tumulos do cemiterio. Ondulam e sobem por todos os lados collinas cheias de arvoredo: e a aldeiasinha é um recanto de deliciosa frescura no meio da herva, de um verde intenso, banhada pelo sub-solo en-

charcado, pelos eternos lençoes d'agua subterranea que desce das montanhas. E Bernadette, que desde que nascera, pagava o alimento que lhe davam guardando cordeiros, conduzia-os estações inteiras atravez dos arvoredos onde não encontrava viva alma. Só ás vezes, do alto de um monticulo, descortinava montanhas ao longe, o pico de Midi, o pico de Viscos, massas brilhantes ou cheias de sombra conforme a côr do tempo, prolongadas ainda por outros picos descórados, apparições confusas e indistinctas de visionaria, como as que se dão nos sonhos. Depois era a casa de Lagûes, onde tinha ainda o berço, casa isolada e silenciosa, a ultima da aldeia. Um prado estendia-se, plantado de pereiras e macieiras, separado unicamente dos campos deshabitados por tenue ribeira que se transpunha n'um salto. Na habitação, baixa e humida, não havia, á direita e á esquerda da escada de madeira que subia ao sotão, mais que dois grandes quartos lageados, contendo cada um quatro ou cinco leitos. As pequenas dormiam juntas, e contemplavam da cama, á noite, as bellas imagens colladas nas paredes, emquanto o grande relogio, na sua caixa de pinho, batia as horas gravemente no meio do silencio.

Que doçura a d'esses annos que Bernardette viveu em Bartrès! la crescendo, enfezadinha, sempre doente, soffrendo de asthma nervosa, que a suffocava á menor mudança de vento. Aos doze annos não sabia lêr nem escrever, e falava sómente o dialecto da terra, muito creança, atrazada de corpo e de espirito. Era uma boa rapariguinha, muito meiga, muito ajuizada, de resto uma creança como outra qualquer, mas pouco conversadora, gostando mais de ouvir que de falar. Apesar de pouco intelligente, mostrava muitas vezes um fundo natural de razão, e tinha de tempos a tempos respostas promptas, uma especie de bom humor simples que dava vontade de rir. Custara immenso a ensinar-lhe o rosario. Assim que o aprendeu, parece que

quiz limitar ahi a sua sabedoria, a tal ponto que ninguem a encontrava, com os seus cordeiros, senão de contas na mão, desfiando padre-nossos e ave-marias. E quantas horas viveu assim no declive verdejante dos oiteiros, afogada no mysterio da folhagem, não vendo do mundo, por instantes, mais que os cimos das montanhas longinquas, esfumando-se na luz, n'uma leveza de sonho! Passavam os dias e Bernadette vagueava sempre mergulhada n'aquelle estreito ideal, na unica prece que ia repetindo, e que lhe dava por companheira e amiga a Virgem Santa, no meio da solidão tão fresca, tão cheia de ingenuidade infantil. Depois que bellos serões não passou, no inverno, no quarto da esquerda, onde se accendia o lume! A Lagùe tinha um irmão padre e que lia ás vezes coisas admiraveis, historias de santos e de santas, aventuras prodigiosas de fazerem tremer de medo e de alegria, apparições do paraiso na terra, ao passo que o céo entreaberto deixava vêr o explendor dos anjos! Os livros do padre eram muitas vezes cheios de imagens: o Pae do Céo no meio da sua gloria, Jesus tão delicado e tão bonito com o rosto cheio de luz, e a Virgem principalmente que voltava sempre, resplandecente, vestida de branco, azul e ouro, tão amavel que por vezes tornava a vêl-a em sonhos. Mas afinal a Biblia era o livro de mais frequente leitura, uma velha Biblia amarellada pelo uso que tivera mais de cem annos na familia; e cada serão o pae adoptivo, que era o unico que sabia lêr, pegava n'um alfinete, picava-o ao acaso, começava a leitura no alto da pagina da direita, no meio da attenção profunda das mulheres e das creanças, que acabavam por saber tudo de cór e que poderiam continuar sem troca de uma palavra.

Bernadette preferia os livros de religião em que a Virgem perpassava com meigo sorriso. Comtudo houve uma leitura que muito a divertiu tambem: a da maravilhosa historia dos Quatro-Filhos-Aymon. Na capa amarella do livrinho, cahido por ali do fardo de um belfurinheiro de pas-

sagem, divisavam-se, em gravura ingenua, os quatro valorosos cavalleiros, Reinaldo e os irmãos, montados todos quatro em Bayard, o famoso cavallo de batalha, presente magnifico da fada Orlande. E eram combates sangrentos, construcções e cercos de fortalezas, espadeiradas terriveis entre Rolando e Reinaldo, que ia finalmente libertar a Terra Santa, sem esquecer o magico Maugis cheio de maravilhosos encantamentos, e a princeza Clarisse, irmã do rei d'Aquitania, mais linda que o sol. Com a imaginação excitada Bernadette, ás vezes, custava-lhe a adormecer, sobretudo apoz os serões em que, pondo de banda os livros, alguem da sociedade contava uma historia de feitiços. Era muito supersticiosa, e ninguem era capaz de a fazer passar, depois do pôr do sol, junto a uma torre das visinhanças, visitada pelo diabo.

Todo o paiz, de resto, devoto e de espirito simples, era povoado de mysterios, arvores que cantavam, pedras que suavam sangue, encrusilhadas onde era preciso resar tres padres-nossos e tres ave-marias para não encontrar o animal phantastico que arrasta as raparigas para a perdição. E que riqueza de contos aterradores! Havia centenares e ao serão quasi se não podia parar, quando se entrava por elles. Primeiro eram aventuras de lobishomens, miseraveis creaturas humanas forçadas pelo demonio a tomar a fórma de cães, os grandes cães brancos das montanhas: atirando um tiro de espingarda ao cão, se lhe toca um só grão de chumbo, o homem fica salvo; se se lhe acerta só na sombra o homem morre immediatamente. Depois desfilam os feiticeiros e as feiticeiras, até ao infinito. Uma d'essas historias enthusiasmava Bernadette. Era a de um escrivão de Lourdes que queria vêr o diabo, e que uma feiticeira levava ao meio de um campo, á meia noite, n'uma sexta-feira santa. O diabo apparecia, magnificamente vestido de encarnado. Immediatamente propunha ao escrivão comprar-lhe a alma e este fingia acceitar o negocio. Por acaso o diabo tinha debaixo do braço o registo em que es-

tavam assignadas as pessoas da cidade já vendidas. Mas o escrivão, muito experto, saccava da algibeira uma pretendida garrafa de tinta, que era afinal uma garrafa de agua benta; e borrifava o diabo, que soltava gritos hediondos, emquanto o outro deitava a fugir, roubando-lhe o registo. Então começava uma corrida louca, que podia durar o serão inteiro, por montes e valles, atravez das florestas e das torrentes: «Dá cá o registro!» — «Não t'o dou!» — E ia-se repetindo sempre: «Dá cá o registro! Não t'o dou!» O escrivão finalmente, que tinha o seu plano, esbaforido, prestes a succumbir, entrava pelo cemiterio dentro, terra benzida, d'onde zombava do diabo, agitando o registo no ar, tendo salvo d'este modo todos os desgraçados que lá tinham a assignatura. E n'essas noites, antes de se abandonar ao somno, Bernadette dizia mentalmente um rozario, féliz por vêr o inferno escarnecido, trémula comtudo ao pensar que elle viria com certeza pairar-lhe em roda do leito, logo que assoprasse a luz.

Um inverno inteiro os serões passaram-se na egreja. O parocho Ader dera licença, e muitas familias iam para lá por espirito de peupar a luz; sem contar que havia mais calôr estando todos assim juntos. Liam a biblia e resavam em commum. As creanças acabavam por adormecer. Só Bernadette luctava até ao fim, contente de estar ali na estreita nave de nervuras delgadas, pintadas de vermelho e azul. Ao fundo o altar igualmente pintado e dourado com as columnas torcidas, os retábulos representando Nossa Senhora em casa de Sant'Anna e a Degolação de S. João, erguia-se n'uma riqueza fulva, um tanto barbaresca. E a creança, na somnolencia que a invadia, via forçosamente levantar-se a visão mystica d'essas imagens violentamente coloridas, o sangue a correr das feridas, as aureolas a reluzirem, a Virgem voltando constantemente, olhando-a com os olhos azues cheios de vida, quasi a abrir os labios pintados de escarlate, para lhe dirigir a palavra. Durante mezes viveu d'este modo os serões, n'um meio somno,

em frente do altar vago e sumptuoso, principiando ali o sonho divino que ia acabar no leito, dormindo tranquilla, vigiada pelo anjo da guarda.

Foi tambem na velha egreja, tão humilde e tão cheia de fé ardente, que Bernadette principiou a seguir as lições de cathecismo. Ia fazer quatorze annos, e já não era sem tempo para fazer a primeira communhão. A Lagùe, que passava por avarenta, não a mandava á escola, utilisando-a em casa desde pela manhã até á noite. M. Barbet, o mestre-escola, nunca a viu na aula. Mas um dia em que substituiu o padre Ader que estava doente, e deu a lição de cathecismo, observou-lhe a piedade e a modestia. O padre gostava immenso de Bernadette; e fallava d'ella muitas vezes ao mestre escola, dizendo que não podia vel-a sem pensar nas creanças de la Salette, porque taes creanças deviam ser simples, boas, e religiosas como ella, para que a Virgem se dignasse apparecer-lhes. N'outra manhã, os dois estando fóra da aldeia, e tendo-a visto de longe com o rebanhosinho sumir-se entre as grandes arvores, o padre voltou-se varias vezes, dizendo: «Não sei o que em mim se passa, mas todas as vezes que encontro esta pequena, parece-me ver Melania, a pastorinha companheira do pequeno Maximino». Não ha duvida que o parocho andava possuido por esse pensamento singular, que provou ser uma predicção. E um dia, depois do cathecismo e até n'um dos serões da egreja, não tinha o bom ecclesiastico contado a maravilhosa historia, já de doze annos atraz, a Senhora de trajos deslumbrantes que caminhava pela herva sem a vergar, a Virgem Santa que apparecera a Melania e a Maximino, na montanha, á beira d'um regato para lhes confiar um grande segredo e annunciar-lhes a colera de seu Filho? Desde esse dia que uma fonte, nascida das lagrimas da Virgem, curava todas as doenças, ao passo que o segredo jazia em Roma, confiado a um pergaminho fechado com tres sellos de lacre. Com certeza Bernadette ouvia enthusiasmada essa historia admiravel, com o seu

ar mudo de dormente acordada, e depois levara-a comsigo para o deserto de folhagem onde passava os dias, para a reviver caminhando atraz do rebanho, emquanto que, conta a conta, o rozario lhe passava entre os dedos franzinos.

D'este modo lhe decorreu a infancia, em Bartrés. O que seduzia em Bernadette, franzina e pobre rapariguinha, eram os olhos d'extase, lindos olhos de visionaria, onde como aves no céo puro, passava o vôo dos sonhos. A bôcca era grande e grossa indicando bondade, e a cabeça larga, de fronte direita, com espessos cabellos negros, pareceria vulgar senão revelasse o encanto da sua meiga teimosia. Mas quem lhe não penetrasse no olhar, nada acharia de notavel; era uma creança qualquer, da rua, enfezada, timida e humilde. E era seguramente n'esse olhar que, cheio de perturbação, o abbade Ader lera, tudo o que n'ella ia florir, a molestia esmagadora que lhe torturava os frageis nervos, a solidão verdejante em que crescera, o dôce balar dos cordeiros, a Saudação Angelica rezada a cada momento sob o azul do céo, repetida até á allucinação, as prodigiosas historias ouvidas em casa da mulher que a creara, os serões passados em frente dos retabulos vivos da egreja, e todo o ar de fé primitiva que Bernadette respirara n'esse paiz longinquo perdido no meio dos montes.

Em 7 de janeiro, Bernadette acabava de fazer quatorze annos, e os paes, os Soubirous, vendo que a pequena nada aprendia em Bartrés, resolveram definitivamente trazel-a para casa d'elles em Lourdes, para que podesse seguir com assiduidade as lições de cathecismo, de modo a preparar-se seriamente para a primeira communhão. E Bernadette estava em Lourdes, havia quinze ou vinte dias, quando n'um dia frio e um tanto sombrio, em 11 de fevereiro, n'uma quinta-feira...

Mas Pedro teve que interromper a narração, porque soror Jacintha levantou-se, e batendo vigorosamente as palmas:

— São mais de onze horas, meus filhos!... Silencio! silencio!

Acabavam effectivamente de passar Lamothe, o comboyo rodava surdamente n'um mar de trevas, atravez das planicies sem fim das Landes, submersas na noite. Havia já dez minutos que não devia ouvir-se um sopro no wagon, não tinham senão que dormir ou sofrer, mas sem dar palavra. E, todavia, houve um movimento de revolta.

— Oh! soror Jacintha! exclamou Maria cujos olhos scintillavam, só um quarto de hora mais, estamos no ponto mais interessante!

Dez vozes, vinte vozes fizeram-se ouvir.

(Continúa).

Emile ZOLA.

DA ALLEMANHA

NOTAS SOLTAS

Quantas vezes a proposito do caso mais insignificante me não lembram aquellas paginas excellentes do grande americano Emerson, em que elle, cheio de uma philosophia consoladora, nos mostra como n'este mundo tudo se compensa, e baseia sobre uma infinidade de observações tiradas dos factos mais communs, uma theoria transcendentalista de moral e de conducta humana...

Sim! tudo se compensa!

E mais uma vez o creio, ao vêr sob um ceu de saphira loirejar os trigaes, e espalho a vista pelos campos, cheios de papoulas e de flôres de todos os matizes, que vão desde um roxo quasi ecclesiastico até á côr do limão maduro, passando pelos azues mais delicados, pelos vermelhos mais vivos,—toda uma adoravel melodia feita de côres, a que serve de acompanhamento o verde mais escuro das florestas de faias, onde em deliciosos recantos de sombra a relva estende o seu tapete de esmeralda...

Comprehendem de certo que não é á diplomatica rua

Guilherme ou á infinita rua Frederico, trasbordante de transeuntes e de pesados omnibus trovejando sobre o asphalto polido como vidro, que me estou referindo, quando, no meu espirito, ponho em parallelo o ar idyllico que toma no verão a Allemanha do Norte, e a regelada frialdade do seu inverno implacavel... Mas, sem sahir de Berlim, esta invasão de côres e de perfumes, sente-se da mesma maneira. Debruçando-se de todas as janellas, erguendo-se do fundo dos andares meio subterraneos, espalhados em tapetes polychromos nas praças e nos jardins, fazendo cortina aos restaurantes e ás cervejarias, por toda a parte os geranios, a resedá, uma infinita variedade de rosas, o azul electrico dos *vergiss meinicht,* são uma dôce festa para os olhos.

D'esta festa gosam sobretudo a burguezia e o povo. A aristocracia emigra para as praias do Baltico ou do mar do Norte, ou vae retemperar em alguma das caldas os nervos cançados das mil excitações do amor, da politica e do negocio, desde Wiesbaden, onde as aguas são mais um pretexto para divertimento do que uma cura, até Carlsbad, especie de lindo hospital onde á sombra dos bosques, em uma dieta rigorosa, passeiam as faces assustadas verdadeiros doentes, uns accusando na sua pallidez, as teimosas doenças do figado, outros espreitando curiosos na balança a diminuição de um abdomen ameaçador de apoplexias, que as milagrosas aguas se encarregam de reduzir a justos limites.

Mas é n'esta Berlim de verão, menos elegante, n'esta Berlim que tem fechadas a Opera e a Comedia Real, e na qual vagueia aos centos de milhares uma população, que guarda para a estação quente quasi todos os seus prazeres, que me é dado analysar melhor os costumes e por assim dizer penetrar mais fundo na alma do povo.

Não posso vagueiar pelas ruas, entrar em um café, em um theatro, em um museu ou em um jardim sem fazer esta observação: que esplendida atmosphera de arte en-

volve esta gente! Não fallando das galerias de pintura, sempre frequentadas, em que se vêem figuras de todo o genero e de todo o feitio, desde a pobre burgueza acompanhada das filhas e parando embasbacada deante de um Rembrandt, até ao joven galucho embebido em um quadro de batalha,—não falando nas operas baratas de todas as escolas, desde as harmonias quasi indecifraveis de Wagner, até á melodia familiar da *Filha do Regimento,*—não falando nas estatuas, nos grupos, nos monumentos de marmore e de bronze espalhados por todas as praças,—basta entrar em uma taberna a beber um copo de cerveja, para que a musica nos acompanhe emquanto os olhos encontram nas paredes largas illustrações a oleo ou a fresco, emquanto que a propria taberna em si mesma, com a sua luz coada por largas vidraçarias gothicas, os seus caixilhos de chumbo, o talhe das suas mesas e das suas cadeiras, embora não passe de um *pastiche,* é cheia de suggestões artisticas...

E comtudo...

E comtudo sinto-me ás vezes perplexo. Ainda não conversei com nenhum allemão que não mostre a mais incondicional e fanatica admiração pelo auctor do *Tanhäuser* e do *Lohengrin,* a ponto de que ao pé do grande padre mestre da musica nacional todos os compositores tomam o aspecto de pobres autores de cantigas, que falam aos sentidos, mas que não elevam a alma a esse puro, indefinivel goso esthetico, que só as impeccaveis obras de arte são susceptiveis de produzir. Todavia... uma d'estas noites fui ouvir a Sembrich cantar o *Barbeiro de Sevilha* e poucas vezes tenho assistido a um enthusiasmo semelhante, que se traduziu em bravos, em gritos, em ramos, em chuva de rosas. Uma excepção? De maneira nenhuma! No dia seguinte, no mesmo theatro, e para estreia de um dos maiores tenores allemães, o quê? Meus senhores, o *Trovador,* o soluçante Manrico, espectorando *sis* naturaes e *dós* de peito, correndo pela millionesima vez a salvar a infeliz

mãe, atirando longas notas luzentes como espadas a um conde de Luna, sempre ferozmente amoroso, sempre embrulhado na sua tradicional capa branca... E um publico de muitos centenares de pessoas applaudindo e obrigando o tenor a desembainhar tres vezes a espada para correr em defeza da cigana afflicta...

Quando reparo n'estes contrastes entre a theoria e a pratica acodem-me ainda outras observações.

É natural que ao passar nas ruas da cidade pare muitas vezes deante da vitrina dos livreiros, a vêr as novidades litterarias. Pois quer o meu leitor saber o que é que nos montes de brochuras se destaca em abundancia, com grossos riscos a lapis azul sublinhando os titulos? Mas pense primeiro. Estamos no paiz de Goethe e de Schiller, na terra em que os proprios creados de servir aprenderam litteratura, em que todos os rapazes sabem de cór legendas e balladas e em que todas as meninas foram buscar, ao erotismo dos poetas mais sentimentaes, aquella expressão sonhadora que pode tantas vezes lêr-se no puro azul dos seus olhos. Pois bem! Nos grandes livreiros da rua Frederico, verdadeiro centro de Berlim, o que domina, chamando pelas attenções, puxando pelo transeunte, são sobre tudo as traducções pornologicas de Mantegazza, são sabios tratados assignados por doutores celebres sobre hygiene sexual, são os livros de Rachilde, a auctora do *Nonó* e de *Monsieur Vénus*... Explique-o quem souber. Todos os que vierem a Berlim podem verifical-o. A uma conclusão se pode com segurança chegar, entretanto, e é que a Allemanha não é um paiz de hypocritas...

*
* *

Ainda um traço. Faço com um joven capitão de cavallaria, o conde de... uma curta viagem em caminho de ferro. Bella peça de homem, alto, elegante e louro, com um longo bigode, afastando-se horisontalmente da face.

Installa-se do seguinte modo para uma viagem de duas horas: Tira de um bolso um barrete de seda cuidadosamente dobrado e colloca-o com mil cuidados na cabeça; de outra algibeira sacca uma almofada de vento, que sopra methodicamente e introduz entre a nuca e a parede do vagão; de um recesso do collete extrahe uma luneta com aros de ouro, e logo após um quadradinho de camurça com que esfrega meticulosamente os vidros da mesma, terminando por encavallal-a no nariz; surge depois de um dos bolsos uma vasta charuteira com o seu monogramma em prata, donde é escolhida não sem longas hesitações uma breva. Nova exploração das algibeiras e apparece á luz um canivete complicado que lhe serve para talhar uma primorosa secção conica na ponta do charuto; de um bolso interior desembainha uma boquilha de dois palmos de comprido, de cerejeira, enfeitada com cordões e borlas de seda verde, na qual o charuto é implantado; finalmente d'essas inexhauriveis algibeiras sahe um volume de versos, em cuja leitura o meu companheiro se absorve.

Caçador intrepido, encasquetado de nobreza, amavel, lhano, *bon enfant*, conversamos todo o tempo desde que um incidente de viagem lhe dá pretexto para uma observação que elle, escusado é dizel-o, precede de uma apresentação formal da sua pessoa. Chegámos a uma pequena estação de aldeia e espera-o alli um creado a cavallo e uma *wagonette* enviada do seu castello, em cujas terras vae caçar. E este representante da dura aristocracia prussiana, que tem certamente uma longa lista de parentes no almanack de Gotha, especie de senhor feudal, que naturalmente faz tremer a sua companhia de uhlanos com berros colericos de commando, pára a conversar affectuosamente com os velhos creados, *aperta-lhes demoradamente a mão*, ao passo que estes, com olhos humidos de adoração, estacionam em attitudes que me fazem lembrar a expressão e os gestos do fallecido actor Theodorico em dramas sentimentaes...

E isso não é de maneira alguma um caso isolado. A affabilidade com as classes inferiores é uma das feições mais caracteristicas e mais sympathicas da vida allemã.

Todavia nos ultimos tres annos, de 1888 a 1890, não menos de *novecentos e quarenta e nove* soldados allemães fizeram saltar os seus proprios miolos, e certamente tirados alguns casos endemicos de *wertherismo,* esta fabulosa quantidade de suicidios é devida aos rigores phantasticos da disciplina prussiana.

Segundo os jornaes contaram ha tempos, a punição favorita de um sargento era fazer passar o delinquente em frente da sua companhia, ordenando a cada um dos soldados que lhe cuspisse na cara...

E emquanto a velha carriola se ia desengonçando por uma azinhaga fóra, eu ficava na portinhola do vagão a considerar mais uma vez quantos contrastes apresenta o caracter allemão, mixto de sensibilidade dôce e captivante, e de rigidez hierarchica, militar e aristocratica...

*
* *

Hão de ter ouvido falar das caldas de Pyrmont, ao mesmo passo logar de cura e recreio, e exemplo vivo de uma d'essas Gerolteins, pittorescamente semeadas por toda a Allemanha. Bellos platanos colossaes e rumorejantes, alamedas cuidadas como salões, d'onde até por vezes é banido o fumegar dos nossos havanos; garridos *chalets* de côres vivas e janellinhas engrinaldadas, com engraçadas varandas para as preguiças da *villeggiatura,* e para o dormitar das longas séstas; casinhas que parecem simples brinquedos tirados das suas caixas e collocados ao pé dos troncos das grandes arvores, sobre o tapete de velludo verde feito pelas relvas macias tosqueadas primorosamente: a grande Natureza em edição *Charpentier,* podada, talhada, alindada, com um banquinho sempre prompto para as fadigas do passeio, com alegretes de uma geometria

correcta, com sinetas que cantam alegremente em todos os hoteis e em todas as *pensions* ás horas do jantar...

E no meio de tudo isto os que padecem simplesmente da nostalgia dos campos e da verdura, e os que passeiam com caras côr de limão, as doenças engendradas nos longos invernos aquecidos artificialmente, nas ceias succulentas, nas valsas delirantes... e no resto. Tambem se vêem gentes vindas de longe. Graves e pallidos sujeitos com a apparencia de governadores de alguma colonia distante, expiam agora, com o figado engorgitado, as grandezas do seu reinado ephemero. Magros phenomenaes chupam por um canudo de vidro no seu copinho azul ou côr de rosa a agua-ferrea medicinal, esperançados em sair d'ali com uns tantos kilogrammas a mais; emquanto que, com fé nada menor, burguezes ventripotentes procuram no mesmo remedio o segredo de se desgastarem um pouco.

São, porém, as damas que abundam, e é curioso examinar essa reunião cosmopolita de *frauen*, e de *fraulein*, de *mistress* e de *misses*, de *dames* e de *demoiselles*, de senhoras e de meninas, passeiando, palrando, dando pequenos gritos de prazer no *croquet* ou no *lawn-tennis*, e pondo as notas sarapintadas dos seus guarda-sóes no verde longinquo das relvas. E ha-as do Rio de Janeiro e de Pernambuco, de Java, da India, de Montevidéo, de Amsterdão, de Londres, de Lisboa...

* * *

Como disse, Pyrmont, é tambem uma Gerolstein, e tem a honra de ser a capital de um d'esses principados minusculos, que na Allemanha pre-imperial devião prestar-se a uma vida ideal, de sonho ou de comedia. Sem guerras possiveis, sem o horror das vastas machinas administrativas, tão pequenos que quasi sem levantar-se da heraldica poltrona podia o principe com um carolo do seu sceptro chamar á ordem um subdito recalcitrante, — mas

sempre com collecções de arte mais ou menos importantes, sempre um *Hoftheater*, — um theatro da côrte, — em cujo palco garganteavam *primas-donnas*, e em cujos bastidores, perfumados *chambellans* murmuravam dithyrambos ao ouvido complacente das estrellas da dança, — sempre uma côrte cujas ambições e intrigas, em ponto pequenino, deviam ter todo o ar gracioso de uma gotinha de veneno, guardada no rubi de um annel...

E assim esses astros do firmamento germanico, descreviam a sua orbita, e d'essas naçõesinhas em miniatura evolava-se um festivo som de orchestras bem afinadas, e aquelle vago perfume indefinivel que vem dos cabellos empoados, e das velhas rendas guardadas na madeira aromatica de moveis preciosos.

Mas um rufo secco de tambores resoou por sobre tudo isto. *Braço, armas!* E uma vida pautada de caserna, toda a toques de corneta, perfilada e tesa, arrancou os louros camponezes ao seu papel pittoresco de côro de opera comica, cantando de *chópe* em punho, vivas ao principe que passava,— fazendo d'elles umas cousas duras, automaticas, batendo o compasso nos campos de exercicio com os seus pesados butes de munição, ao passo que Sua Alteza Serenissima o pequeno *roi-soleil*, que não posso imaginar senão recostado n'um solio rococó em torno do qual deliciosas beldades mergulham em mesuras de côrte, teve de arrancar-se tambem aos encantos do seu far-niente para, de mão no capacete, sério, muito militar, coronel agora em algum regimento prussiano, marcar passo tambem!

É por isso que no outro dia, quando Sua Alteza o Principe de Waldeck-Pyrmont, em companhia da serenissima esposa, chegou a Pyrmont para passar no *chateau*, — tão graciosamente emmoldurado em tilias e em platanos, sobre um pequeno lago, — a sua lua de mel, — elle sessenta e cinco annos e ella trinta e tres — tive como que uma vaga saudade do passado, quando vi os arcos de flores, as bandeirolas, as illuminações d'esta cidadesinha, que

se não fossem as gentes de passagem teria pouco mais de mil habitantes. E, por um momento, todos os que vieram por causa das suas queixas, todo o mundo cosmopolita dos bebedores de agua-ferrea, pareceram simplesmente um publico de estrangeiros acudindo a vêr festas reaes, — n'uma pequena cidade de papelão pintado... Entravam, então, no primeiro plano, as curiosas pyrmontezas, em todo o pittoresco dos seus trajes tradicionaes, grandes saias encarnadas, laço enorme de setim preto sobre a cabeça, com largas pontas cahindo pelas costas, e um diadema polychromo na frente do toucado. A deputação de burguezes corados e nedios lembrava personagens de Erkmann-Chatrian, e um grupo de meninas vestidas de branco cantava de cima de um coreto *ad hoc* doces epithalamios.

Ah! então, por um instante só, todo esse velho mundo allemão reviveu aos meus olhos...

Mas quando no seguinte dia tive a honra de encontrar na alameda principal Sua Alteza o principe em pessoa, vestido como um bom burguez, e revelando agora descido da caleche d'onde hontem sorria, o defeito physico de lord Byron, amolgando as abas do seu chapéo de côco, em rasgadas cortezias para a direita e para a esquerda, — senti bem que tudo quanto a minha imaginação architectara, idealisando as pequenas côrtes allemãs, compondo quadros de genero que iam desde Weimar com Goethe e Schiller, até a Gerolstein com o barão Puck e o general Boum, cahia por terra n'este prosaico fim de seculo, burguez e positivo...

Antes da chegada do principe passei uma manhã a visitar o castello. Nome um pouco pretencioso, valha a verdade. Palacete de campo, deliciosamente situado, com certos arremedos de grandeza feudal na sua ponte, e nos largos portões encimados e adornados de uma flora e de uma fauna heraldica que me não demorei a decifrar. Logo no pateo o guia obriga-nos a uma paragem respeitosa

deante de uma tilia, que conta cinco seculos de existencia. Ai! as antigas, perfumadas historias de galanteios cortezãos qne esse velho tronco contaria se pudesse fallar...

No interior, — traço caracteristico — arranjo modesto de boa casa burgueza. Nos estofos nada mais rico do que a *cretonne*, mesmo nos salões de honra. Nas paredes, quasi nuas, alguns quadros apenas. E um conta uma lenda interessante, a lenda de um velho leito do seculo XIV, de madeira ricamente esculpida, que somos tambem chamados a contemplar e admirar. A condessa de Gleichen de Spiegelberg, tinha ausente na Palestina, o marido, que em uma ambição de guerreiro, ou em uma explosão de fervor religioso partira a batalhar com os infieis, deixando para ali a penar de saudades aquella doce figura de castellã, que eu imagino debruçando os seus *appas*, viuvos de caricias, sobre os mais altos balcões e dirigindo olhares de intoleravel impaciencia para a longinqua orla dos bosques, para o sitio preciso onde desembocam as cavalcadas e os rapidos mensageiros.

Mas que fazia lá longe n'esse vago oriente o ingrato cavalleiro? Constando-lhe que a fiel esposa morrera — ah! a eterna instabilidade dos sentimentos humanos! — deixa-se seduzir pelos negros olhares de uma turca provocante, e eil-o casado outra vez... E vae voltar á patria, acompanhado da nova condessa. O que faz a nossa gentil castellã? Depressa! que venham os artistas mais habeis e a madeira mais preciosa! O que se requer em tão apertada conjuntura? oh! doce ingenuidade dos tempos passados, que nos não deixa até lugar para uma interpretação rabelaisiana! Um leito para tres, um vasto leito, em que lado a lado repousem a antiga e a nova esposa, e o feliz ratão que, em vez de encontrar, ao voltar para casa, a guinchadeira que o caso merecia, depara com este formidavel exemplo de transigencia conjugal!

O leito lá está. Chegava de certo para tres. Até para quatro com um bocadinho de boa vontade...

O quadro é, como disse, uma illustração da lenda, e vê-se n'elle representada a condessa no meio dos dois recem-vindos e apontando-lhes para a vasta cama. É de 1772 e assignado por Tischebein.

* * *

De regresso a Berlim, páro em Brunswick, ou, como dizem os allemães, e elles tem o direito de o pronunciarem como quizerem,— *Braunsweich (Brrraunesvaich)*.

Fico positivamente encantado. Sem leituras prévias que me estraguem a surpreza, nunca imaginei que cahiria assim de repente no meio de um delicioso pedaço de velha Allemanha. E quando, sem bagagem, sem guia, sem destino certo, largo a vasta e bella estação e endireito pela primeira rua que se me depara sinto-me transportado ao mundo de tres ou quatro seculos atraz. A cousa mais caracteristica são as velhas casas de madeira, toscas e graciosas, em que é dificilimo encontrar o perfeito parallelismo entre duas linhas quaesquer, com os telhados em bico como castellos de cartas, com as portas e janellas de padieiras curiosamente trabalhadas, com os nichos e as inscripções, e sobretudo com o *ar* pittoresco de antigas cousas resuscitadas. O mercado da velha cidade, grande praça irregular tendo no meio uma fonte muito original que data de 1408, ladeada de adoraveis habitações particulares, tem de uma banda a *Rathhaus* no mais bello gothico do fim da edade média, e nas suas varandas abrindo em angulo sobre a praça, curiosas estatuas do seculo XV, representam guerreiros e principes. Sobre a porta de entrada observam-se dois dragões de pedra, de um naturalismo que a ingenua pureza dos tempos desculpa, e que o conhecido ditado de que para as almas puras tudo é puro, permitte serem diariamente vistos pelas senhoras que passam.

Figuras assim só eu tinha visto nos velhos templos hindus de Madura, de Trichinopoly, e de Tanjore...

Do outro lado da praça, a antiquissima egreja de S. Martinho, mistura de estylo gothico e romano. De resto abandonada e maltratada, as largas janellas aqui e além, parecem bôccas desdentadas, deixando entrar os passaros pelos buracos dos vidros partidos, por entre o chumbo dos caixilhos torcido pelas ventanias.

O mercado ainda hoje funcciona, e de manhã, visto de longe pela embocadura de uma das ruas, com as suas camponezas que se agitam e com os mólhos de morangos, de flores, e de hortaliças por sobre os quaes se movem os braços nús de algumas compradoras gentis, tem como que um resto da apparencia dos velhos tempos, que não briga com o scenario gothico.

Logo ao pé o antigo mercado de pannos, estylo renascença, e para todos os lados n'uma especie de labyrintho em que me perco com verdadeiro prazer, o zig-zag dos tectos em *pignon*, e a infinita variedade de velhas casas, umas retocadas modernamente com escrupuloso respeito, outras, verdadeiros milagres de equilibrio, encostando-se umas ás outras por essa viellas em fóra, taes como alegres convivas, em trajes de phantasias, regressando, de braço dado, de uma festança em que o vinho do Rheno corresse livremente...

***

Mas Brunswick é tambem uma cidade moderna, industrial e rica, e se tem o bom gosto de conservar os bairros antigos na primitiva pureza da sua tradição, não lhe faltam em torno d'esse velho nucleo pittoresco, largas avenidas ladeadas de sumptuosos edificios á moderna, esplendidas casas de habitação, parques e jardins publicos, monumentos e palacios. É assim que o palacio ducal é um dos mais bellos que um reinante póde desejar para sua habitação. Foi reconstruido, ha vinte e tantos annos depois

de formidavel incendio, e o interior está ricamente decorado. A fachada é imponente e tem sobre o frontão principal um soberbo *quadrige* em cobre, de um esculptor conhecido.

Olhando de longe, de cima do Windmühlenberg, de um pequeno outeiro em meio de um dos parques exteriores, os quatro fogosos cavallos, crinas ao vento, dominam tudo e parecem ir atirar-se n'um galope doido por cima de um extenso campo feito pelos telhados, d'onde emergem, aqui e além, as grimpas agudas dos grandes templos gothicos...

Mas não tenho tempo nem espaço para lhes descrever tudo. Dediquei uma manhã ao museu. Muito importante e muito curioso. Estabelecido em um bello edificio moderno tem de tudo, desde a simples curiosidade archeologica até á pintura. Não podendo mostrar,—e que bom seria que este exemplo fosse seguido em toda a parte!—as grandes obras primas classicas da esculptura, possue bellas cópias. É assim que nas cidades em que ha gosto artistico se pódem estudar os grandes modêlos sem ir a Roma, a Florença, a Paris ou a Londres. Entre os quadros destacam-se alguns bellos Rembrandts, Holbeins, e Cranacs. Uma collecção ceramica esplendida, majolicas italianas, velhas porcellanas de Saxe e de Berlim; uma collecção de camafêos em que ha cousas de muito valôr; uma collecção de bronzes; outra de chinezerias; outra de velhos bordados... Que sei eu?

Para finalisar uma indicação prática de viajante: Brunswick fica na grande linha Paris, Colonia, Berlim, e vale bem dois dias de paragem, um para vaguear pelas ruas, entrando aqui e além em uma velha egreja, ou em um curioso edificio, e outro destinado ao museu, ao palacio ducal, e aos parques.

RUY XAVIER.

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

Os soldados não perdem um momento; ninguem póde contel-os; mas tambem ninguem pensa em tal. Espalham-se por toda a parte, acompanhados pelos da guarnição. Entram nas casas, nas egrejas, nos conventos. Devassam tudo. Ai do infeliz, ai da desgraçada, que não soube ou não poude fugir, e que lhes cae nas mãos! Em toda a parte roubam, quebram, devastam, incendeiam. Matam quem lhes resiste; não esperam mesmo a resistencia, matam por matar. Arrombam á machadada as portas das egrejas e das capellas; penetram nos conventos; saqueiam os altares, derrubando as imagens, para lhes arrancarem o oiro e a prata dos seus adornos; abatem no chão as lampadas de valor e arrastam-as para fóra, quando o seu peso é demaziado para serem transportadas a braços; quebram os sacrarios espalhando sacrilegamente as particulas no sólo; sobraçam doidos de jubilo os calix de prata e de oiro, os vasos sagrados, que logram encontrar; arrancam as applicações e as franjas d'oiro dos paramentos riquissimamente

bordados; fazem saltar ao impulso de alavancas, as pedras tumulares para despojarem, os cadaveres, das joias com que por acaso fossem sepultados; são os objectos preciosos do culto, o que elles mais avidamente procuram; os ricos tocheiros, as cruzes de alto pé, os ciriaes macissos, as lanternas de prata em relêvo, os pallios ricos com as suas varas enormes de prata doirada. Deitam fogo ao que não lhes serve de nada, ao que não pódem levar.

Todos os apparelhos e instrumentos do observatorio astronomico foram saqueados. Nas casas picavam as paredes, levantavam os sobrados, arrancavam as madeiras dos tectos, na esperança de encontrarem esconderijos, onde os moradores foragidos tivessem guardado á ultima hora as riquezas que não houvessem podido transportar.

Uma perda irreparavel foi a que causou a destruição e incendio da casa de Thomé Rodrigues de Sobral, o abalisado lente de chimica, que perdeu ali todos os seus manuscriptos e a sua riquissima livraria, avaliada em quinze mil cruzados.

*

Estava a devastação no seu maior auge, quando Massé-na, que tinha ficado fóra da cidade visitando os arrabaldes, entrou n'ella, pela rua da Sophia, tambem.

Olhou impassivel para a transgressão completa das ordens que havia dado. Dir-se-hia que tinham despertado repentinamente n'elle, os instinctos rapinantes de judeu avaro que era.

lam-se-lhe os olhos nos objectos que via passar ao seu lado, levados nas mãos ou aos hombros da soldadesca desenfreada. Parava para vêl-os, para examinal-os. Perguntando a um o que continha um barril que o ajoujava, e respondendo-lhe elle, que era manteiga, ordenou-lhe *que lh'a fosse levar ao seu quartel.* O mesmo mandou a outro, que passava com um cesto de vélas...

Fez mais ainda. Elle proprio lembrou o roubo dos instru-

mentos de optica e mathematicos. Trouxeram-lhe, entre estes, um oculo bom e rico. Quiz obsequiar Ney, e mandou-lh'o de presente. O presenteado devolveu-lh'o. Não foi por virtude, escusamos de dizel-o. Ney e os outros generaes tambem ateiavam a furia do saque. Raspando ligeiramente o verniz d'aquelles marechaes de França, apparecia logo a pelle grosseira dos salteadores.

Masséna, esse estava abaixo de todas as censuras. Não só permittia e alimentava o roubo; mas, como chefe supremo do exercito, dava elle proprio o pessimo exemplo, transgredindo as suas proprias ordens. M.me X... deve ter recebido n'esse dia, presentes ricos, e sem grande dispendio adquiridos. A mulher de Junot, apesar de estar longe n'essa occasião, tambem decerto não ficou esquecida.

Da cidade, passou a soldadesca indomavel a devastar os campos. Entrava nas quintas, e destruia, pelo prazer de destruir. Derribou e incendiou, por toda a parte, os pomares e os olivedos, ficando assim por longo tempo arruinada a agricultura, muitas leguas em torno, e reduzidos á miseria os proprietarios agricolas. Povoações inteiras foram queimadas, no Bussaco, em Santa Combadão, no Sobral, em Pala, em Espinho. Os viveres, que não podiam ser transportados, eram destruidos. Ha relações exactas de todos estes horrores. O gado soffreu completo exterminio. Eram trucidados horrivelmente os homens; eram violadas e mortas depois, nas circumstancias mais horriveis, as mulheres. Algumas poderam buscar no suicidio prompto a salvação da sua honra, a libertação das torturas que antevíam. Os martyrios por que faziam passar as suas victimas são indescriptiveis. A uns matavam sangrando-os como a porcos; abriam outros á machadada como cêpos; penduravam estes em arvores, queimando-os a fogo lento; enforcavam os homens á vista das mulheres e dos filhos; violavam donzellas aos olhos dos paes, mulheres na presença dos maridos. Uns eram arrastados a caudas de cavallos, a outros cortavam as mãos, as orelhas, os narizes, e faziam

mutilações ainda mais dolorosas e horriveis. A um velho fizeram carregar longo tempo com o cadaver de um dos seus, e quando elle não podia mais, mataram-o. Isto é o que se sabe, o que se viu. Quantas atrocidades, maiores do que estas, não tiveram testemunhas, não foram sabidas!

Não poupavam ninguem; mataram padres velhos, de mais de oitenta annos, que não tinham podido fugir; a um paralytico arrancaram a lingua, a outro esquartejaram em pedaços; queimaram mulheres vivas; fizeram em postas aleijados mendigos. Sabe-se o nome de algumas das victimas d'esses monstros desapiedados. Ha estatistica dos assassinios, dos incendios. Vinte povoações inteiras foram consummidas pelas chammas, e egualmente, mais de mil casas isoladas. Os assassinados, em todas as parochias do bispado coimbrão, subiram a mais de tres mil.

De quinhentos assassinios houve noticia fidedigna no arcyprestado da Redinha, e a perto de seiscentos subiu o numero no arcyprestado de Arega. O de Miranda pagou maior tributo: oitocentos mortos, e duzentas e sessenta e quatro casas incendiadas! Horriveis, egualmente, os morticinios nos arcyprestados de Mortagua, de Soure e de Sinde; sem falar nos mais!

*

Mas, como todas as medalhas, tambem esta tem reverso. A guerra era, de parte a parte, impiedosa e cruel.

Na manhã de 3, começou o exercito de Masséna a evacuar Coimbra. Conforme já referimos, ao hospital ficou de guarda meia companhia do batalhão de marinha. A escolha d'estas tropas era um novo erro do marechal, pois devia saber que, na sua marcha para o sul, sobre Lisboa, teria de passar o Tejo, ou pelo menos proceder a quaesquer operações n'este rio, e para isso ser-lhe-hiam de grande prestimo os marinheiros. Não devia, portanto, inutilisar tão grande numero d'elles, quando tinha, de sobra, tropas de

infanteria, até das menos boas, que eram sufficientes para essa missão.

Em 4, estava a cidade limpa de francezes, excluindo os feridos do hospital, e os marinheiros que os guardavam. Na tarde d'esse mesmo dia, entravam na cidade, impetuosos, de roldão, os milicianos de Trant.

Avançam em turba massiça para o convento, e tentam forçar as portas. Os feridos, lá dentro, preparam-se para a defeza, armando barricadas. Sabem que estão quasi abandonados pelos seus, que é insufficiente a força que os protege, e resolvem vender caras as vidas. Teem ainda algumas espingardas, algumas munições. De encontro ás portas, ás janellas, atravessam as camas, as roupas, as mobilias. Dirigem-os e commandam-os os tenentes de marinha, coadjuvados pelos officiaes, que haviam recolhido ao hospital, entre os feridos. A sua attitude é heroica.

Dura o combate a noite inteira, sem a entrada no convento poder ser forçada. Não conseguem os portuguezes apoderar-se do hospital; reconhecem que estão em numero insufficiente ainda, e não insistem nos seus esforços, resolvendo esperar pelo resto das forças, que devem estar perto, e pela direcção de Trant, que com ellas vem.

A 6, de manhã, chegou effectivamente o general, com os restantes milicianos, concluindo os officiaes de marinha, com elle, uma capitulação escripta. Os defensores do convento entregam as armas; porém, logo em seguida, as tropas da milicia invadem o hospital, e vingam-se da resistencia que lhes tinha sido opposta, e das atrocidades que por toda a parte os francezes commettiam, exercendo n'aquelles indefezos atrocidades não menores. Não se sabe o numero exacto de victimas ali feito pelos nossos. Marbot affirma, talvez exaggeradamente, que dentro do hospital e dentro de Coimbra, foram degolados mais de mil! Napier, empenhado na defeza do seu compatricio, limita esse numero muitissimo.

Como quer que fosse, e o numero pouco importa, sabe-se

que a barbaridade dos milicianos portuguezes correspondeu em tudo ao horror que os francezes lhes faziam. Para estes não havia quartel; soldado desgarrado, era soldado morto.

Do hospital foram varridos impiedosamente quantos feridos ali estavam, e puderam escapar á mortandade das primeiras horas. Acossados pelas milicias, puzeram-se a caminho do Porto, arrastando-se na estrada, sem protecção, sem apoio, nem escolta. Exhaustos de forças, sem recursos para o caminho, faltando-lhes tudo, cediam á doença, ao desamparo, á fadiga, cahiam inanimados; mas pouco longa era a sua agonia, pois em breve os milicianos lhes davam o golpe de misericordia. Ficou semeiada de cadaveres a estrada do Porto, a que se tinham mettido.

*

Soriano chama «assignalado feito d'armas» á entrada de Trant em Coimbra. Não o foi. É querer apreciar os factos com manifesta paixão. Á sua narrativa d'este successo preside o intento bem visivel de attenuar, até ao extremo do inverosimil, os excessos a que se entregaram os do nosso lado, como se fosse possivel exigir ou conseguir d'homens, nas circumstancias em que elles se viam, a repressão de sentimentos instinctivos, que o conhecimento das paixões humanas explica, sem que por isso a humanidade os applauda.

Diz, entre outras cousas, o diffuso e por vezes embrulhado chronista d'estes acontecimentos, que Masséna, ao retirar-se de Coimbra, deixara lá uma guarnição para segurança d'ella, e do hospital estabelecido em Santa Clara. Não é exacto. O que ficou, apenas, foi a meia companhia de marinha, de guarda ao hospital, e destinada tão sómente a cortar o primeiro impeto, os primeiros furores da populaça.

Tão depressa o exercito francez abandonou a cidade, logo desceram dos montes circumvisinhos, e dos esconderijos

mais proximos onde se tinham abrigado, os moradores que haviam conseguido subtrahir-se ás ordens de Wellington, e que não tinham acompanhado os outros fugitivos, na sua marcha para o sul. Isto conta o proprio Soriano, e não se lembra que nenhum ousaria tal, ou que nenhum o conseguiria se o ousasse, sendo verdade ter ficado ainda em Coimbra a guarnição sufficiente para garantir á cidade a sua defeza.

Procuravam os foragidos as suas casas, e, ou não as encontravam por terem sido incendiadas, ou as achavam demolidas, arrancados os sobrados, levantados os tectos, arrombadas as portas e as janellas, vasias de tudo quanto tinham encerrado. O inimigo destruira, despedaçara, arrojara em desordem para as ruas, tudo quanto lhe fôra impossivel transportar.

Comprehende-se o desespero dos homens que tal viam, e a sêde natural de vingança que n'elles devia naturalmente acordar. Pediam sangue.

A marcha da divisão de Trant, sobre a cidade, fez-se pela seguinte forma: Na vanguarda, avançava um esquadrão de cavallaria, commandado por um tenente, de quem a historia conserva o nome: Doutel. Apoiava o esquadrão uma força de 200 homens de tropas ligeiras. Seguia-se a columna de infanteria, a cuja frente marchava o regimento de milicias de Coimbra. D'este faziam parte 800 homens, quasi todos da cidade. Fôssem lá contêl-os!

Não é crivel que, tanto o coronel commandante da divisão, como os officiaes portuguezes e inglezes que d'esta faziam parte, tivessem deixado de empregar todos os meios possiveis, para evitarem que as tropas milicianas, de seu natural pouco doceis á disciplina, se entregassem a excessos condemnaveis. Mas a indignação d'estas não tinha limites, deante das ruinas, dos estragos, que a cada passo, nas ruas de Coimbra, tinham de presenciar. Ao lado das tropas, correndo, e incitando-as, iam os parentes, os visinhos, os amigos dos soldados. Mostravam uns aos outros aquella

desgraça. Estavam todos reduzidos á miseria, a todos haviam sido roubados os seus pequenos haveres, destruidos os seus lares. E as suas familias, suas mães, suas irmãs, suas mulheres, seus filhos, por onde andavam? que teriam soffrido, que estariam soffrendo a essa hora? Como era possivel incutir sentimentos de clemencia e de brandura, n'aquelles corações rasgados?

Trant bem se lembrou, até, dos desgraçados que iam seguindo pela estrada do Porto, e pensava correr em soccorro d'elles, com parte das suas forças, para os poupar aos morticinios de que seriam victimas no caminho, reprimindo com violencia os povos exasperados. Contava, para isso, com a chegada a Coimbra, em 8, das tropas de Miller e Wilson, que ali o renderiam, e aos quaes deixaria uma brigada das suas, marchando com o resto para o Porto; porém esperou de balde.

É, portanto, forçoso concluir que, se no numero de victimas computado pelos auctores francezes, se nota um possivel exaggero, o numero de *dez* apenas, referido por Napier, e a reducção que d'estes ainda faz a *seis ou oito* o historiador Soriano são inteiramente fóra de toda a verosimilhança, e deixam de provar o que desejam, por quererem provar de mais.

O proprio Trant teve de dizer na sua parte official d'estes successos:

«Tenho a observar, que não é possivel exceder-se o estado de miseria em que encontrei esta cidade. O inimigo, não satisfeito de a ter saqueado completamente, chegando a despir os poucos moradores, que n'ella encontrou, da roupa que tinham vestida, e roubando tudo quanto esteve ao seu alcance, ainda havia lançado fogo a muitas casas, e atirando ás ruas em enorme confusão todos os moveis que o exercito não pudera transportar comsigo: n'estes termos, não era possivel esperar, que os soldados, dos quaes 800 eram da cidade e visinhanças, acompanhados

pelos seus desgraçados parentes, pudessem com paciencia ser testemunhas de uma scena de ruina, na qual os seus haveres tinham sido, de modo tão injusto e irremediavel, inteiramente destruidos.»

Hão de concordar, que o commandante inglez dos nossos milicianos teria empregado muito menos palavras, se tivesse de justificar, apenas, seis ou oito mortes, feitas com menos correcção, n'uma lucta, em que da sua parte entraram alguns milhares d'homens, e mais de quatro mil do lado do inimigo!

Aos francezes, doentes e feridos, que conseguiram salvar-se do hospital, para irem morrer pelo caminho do Porto, foram tiradas as subsistencias que Masséna lhes havia deixado, revertendo em proveito dos soldados de Trant, os bois e carneiros, que em grande quantidade foram encontrados no convento, para bem diverso destino.

Se Napier, para attenuar as responsabilidades de Trant, reduz a dez o numero, forçosamente muito mais elevado das victimas, e se o nosso Soriano, ainda não contente com tal reducção, chega ao extremo de quasi annular esse numero, é curioso vêr, por outro lado, como os francezes exaltam a sua cordura, como se mostram cheios de caridade e paciencia, cordeiros humildes e innocentes, no meio de lobos enfurecidos.

A duqueza de Abrantes não se cança de elogiar o proceder humanitario das tropas commandadas por seu marido. Em todo o caso, as suas expressões, por vezes, atraiçoam-a. Eis o que ella diz, exactamente na occasião em que se refere á ordem dada por Wellington, para os moradores abandonarem Coimbra:

«No entretanto, os inglezes forçavam, n'esse momento, os habitantes a abandonarem os seus lares, a levarem comsigo até o ultimo bago de trigo e a queimarem o que não pudessem levar, afim dos nossos não poderem ter recurso

algum. Os nossos soldados, *furiosos* por não encontrarem mais do que um isolamento sinistro, marchavam ainda sem murmurar, porque em taes situações a conducta do soldado francez é sublime. Mas a physionomia d'elles tornava-se de cada vez mais sombria, e no exercito havia desde então uma desconfiança, que vinha juntar uma desgraça nova ás outras desgraças.

«Ao longo das estradas encontravam-se restos de moveis e de roupas, que os desgraçados fugitivos, constrangidos pelos inglezes a abandonarem as suas casas, não podiam levar comsigo, pois os meios de transporte lhes faltavam, e preferiam atiral-os ao Tejo ou ás torrentes que tinham de atravessar, em vez de os abandonarem ao aproveitamento do inimigo commum; restos que as vagas do Tejo e as aguas das torrentes atiravam para as margens, mas em pedaços e incapazes de tornarem a servir. Muitas vezes os nossos soldados prestaram soccorro a desgraçados velhos, a mulheres cujos filhos se encostavam moribundos a seios onde já não havia leite, e que elles encontravam em fossos, abandonados de todos e de tudo. Vi muitos exemplos de humanidade verdadeiramente admiraveis...»

Basta, duqueza!

«Em Villa Cova, diz uma *Memoria* fidedigna, o bacharel José Freire de Faria, presbytero, de quarenta e nove annos de edade, como fugisse, extendido n'um carro por ser gottoso, os francezes o apearam e o obrigaram a poder de golpes que trepasse a pé uma ladeira, e no alto d'ella lhe esquartejaram a corôa e lhe rasgaram o ventre, e ali mesmo despedaçaram o proprio pae d'elle, a quem tinham obrigado a ser espectador de semelhantes barbaridades.»

Ouça mais:

«Quem poderá, diz a mesma *Memoria,* deter os olhos sobre um infeliz paralytico, mudo e pobre, que postando-se

no chão com as mãos erguidas a implorar-lhes piedade, foi desfeito em pedaços? A penna ainda estremece ao querer contar quantas vezes as esposas e as donzellas foram violadas nos proprios braços dos esposos e paes!... A algumas arrancaram, por fim, a vida, ou a tiro, ou a catanadas, e sempre de um modo crudelissimo. Pena é que se não saibam os nomes de duas donzellas, das quaes uma se afogou n'um rio, e outra se degolou com uma faca, para não serem victimas das torpezas para que as violentavam.»

Basta, por nossa parte, tambem.

Os francezes foram terrivelmente castigados da sua crueldade e da sua imprevidencia. Foram elles os primeiros que se esqueceram dos pobres camaradas, doentes e feridos, a quem abandonavam á mercê de inimigos, por elles tão duramente maltratados! A falta de caridade, havida para com os d'elles, foi uma triste represalia, até grande ponto justificada, da ferocidade com que trataram os nossos.

E, depois, elles vinham de longe, cheios de jactancia e de orgulho, costumados aos regressos triumphaes e ás marchas victoriosas, trazer a desolação, a ruina, a vergonha e o lucto, á terra sagrada, á terra mãe, em cuja defeza suprema os filhos teem direito ao emprego dos meios mais violentos e extraordinarios.

*

A imprevidencia dos francezes foi extrema. No seu furor de destruir, inutilisavam cereaes e provisões em tão larga escala, — só por lhes não serem aproveitaveis no momento presente, — que depois tiveram de arrepender-se, quando o mal era já irremediavel. Não contaram nunca com a necessidade possivel da retirada. Assim, quando esta lhes foi imposta pelos revezes da guerra, viram-se privados de todos os recursos, n'um paiz duplamente devastado. Reco

nheceu-se que, se tivessem estabelecido celleiros nos valles do Tejo e do Mondego, onde armazenassem os viveres que estragaram, teriam podido subsistir no paiz uns oito mezes mais do que o momento em que tiveram de abandonal-o.

Os inglezes não eram mais poupados. Na retirada do Bussaco, ao passarem por Condeixa, iam tão empenhados em não travar combate com o inimigo, que os seguia, que preferiram abandonar-lhe as provisões a terem de defendel-as. A aguardente correu ali, na rua, durante um quarto de milha. Em Coimbra espalharam pelas ruas, abandonando-os, grande quantidade de arreios e muito material de sitio. A desordem era tão grande, tão consideraveis os estragos, que lord Wellington viu-se forçado a tomar medidas do maior rigor, para exemplo; e em Leiria mandou enforcar tres homens, colhidos em flagrante, n'um tal attentado.

Muitos regimentos estavam de tal modo indisciplinados, que, por castigo, lhes não foi permittido entrarem n'esta ultima cidade.

*

Marbot conta, n'este ponto, um episodio arriscado de que foi victima um dos fidalgos portuguezes vindos no estado maior. A sua valentia era digna de melhor sorte; mas tambem causa pena que não fosse melhor applicada.

Emquanto os francezes estavam em Coimbra, Masséna escreveu ao imperador. Escrever era facil; o difficil era ter quem lhe levasse a carta. Na rectaguarda e nos flancos do exercito, as populações estavam animadas da maior indignação, e nenhum francez poderia atravessar por meio d'ellas, sem ser victimado. Era preciso um portador, que conhecesse bem os logares e falasse a lingua do paiz.

Um fidalgo portuguez, da familia dos Mascarenhas, que tinha ido com o general Alorna para França, e ahi entrara

no serviço juntamente com elle, offereceu-se destemidamente para realisar a audaciosa empreza..

Disfarçou-se em pastor da serra, levando n'um cesto um cãosito, e pensava poder chegar sem incommodo a Almeida, onde o commandante da praça, que a governava pelos francezes, lhe forneceria modo de passar a França. Porém, Mascarenhas, que pertencia á primeira nobreza de Portugal, era um rapaz esbelto, de maneiras distinctas, falando com muita correcção a linguagem da côrte. Os homens do campo não se deixaram enganar, e prenderam-o por suspeito. Conduzido a Lisboa, foi aqui julgado e condemnado á morte, na fôrca. Reclamou da sentença, invocando as immunidades da nobreza, isto é o favor de lhe ser decepada a cabeça; mas consideraram-o espião, e como tal foi enforcado.

*

Deixámos o exercito de Wellington marchando em desordem nos desfiladeiros entre Condeixa e Pombal. Acompanham-o, augmentando-lhe enormemente a confusão, os fugitivos de Coimbra, que, por ordem do generalissimo, vão recolher ás linhas de Torres Vedras. Se Masséna se lembra de mandar sobre elles o corpo de exercito de Junot, anniquilava-os talvez. Como haviam de resistir-lhe?

Masséna, porém, não se lembra de semelhante cousa. Perde tres dias em Coimbra, e Wellington aproveita-os, fazendo entrar as suas tropas na ordem.

Estas tomam por duas estradas, a de Soure e a de Pombal, em direcção a Leiria. A 3 de outubro, o exercito faz alto em frente d'esta cidade. O major general Cotton, commandante da cavallaria ingleza, fica com as forças do seu commando, em Pombal, constituindo os postos da rectaguarda, de observação ao inimigo.

N'este meio tempo, o tenente general Hill tem retirado do Bussaco, com o corpo do seu commando. Com elle atravessa o Mondego, e depois o Alva, na ponte da Murcella.

Mette-se na estrada velha, a estrada do Espinhal; segue d'ahi para Thomar, onde entra em 4; e continua, a marchas forçadas, avançando para o sul, e procurando sempre o valle do Tejo, tendo por objectivo as linhas de Torres, que o esperam.

Protegia-lhe a rectaguarda a cavallaria portugueza e um corpo de dragões ligeiro, sendo esta força commandada pelo major general Fane.

No seu encalço, a poucos dias de marcha, vinham os francezes avançando pelo reino dentro; comtudo, o corpo inteiro do commando de Hill chegou sem inconveniente a Santarem, d'onde, pela Castanheira, e por Villa Franca, veiu postar-se finalmente na Alhandra, que era o flanco direito da primeira linha, o ponto em que ella se apoiava no Tejo.

Da parte dos invasores, o corpo que vinha logo em seguimento do tenente general Hill era o segundo, do commando de Reynier. Este, sahindo de Coimbra, marchou em 4 e 6 pela estrada do Rabaçal e Ancião. Os outros dois corpos francezes, dos commandos de Junot e Ney, vieram pela estrada de Pombal.

A preoccupação maior dos exercitos, que vinham em seguimento dos nossos, era a das subsistencias. Em Condeixa, logo á sahida de Coimbra, os alliados retiravam em tal desordem, com tal precipitação, que nem puderam transportar os viveres que em abundancia ali encontraram, nem tempo tiveram para inutilisal-os. Pois o empenho maior de Wellington era tirar aos invasores toda a possibilidade de poderem manter-se e subsistir no paiz invadido.

Assim os francezes tiveram a boa fortuna de encontrar ali, inesperadamente, viveres em relativa abundancia para os homens exhaustos, á força de privações, e alguns dias de ração para o gado extenuado.

Masséna tivera o cuidado de destacar, de Coimbra para a Figueira, o general Montbrun, com uma divisão de cavallaria, afim de se apossar dos armazens que ali houvesse,

e que elle suspeitava bem providos. A villa estava deserta, os armazens vasios, tudo dentro d'ella e nos arredores abandonado. Era a desolação por toda a parte, a perspectiva constante da morte pela fome, pelo desamparo.

Montbrun, vendo assim baldada a sua missão, retrocedeu para o interior, descahindo logo para o sul, afim de vir encontrar o grosso do exercito, a caminho. Esse encontro effectuou-se na Redinha, entre Soure e o Rabaçal. Ahi acamparam as forças todas, na noute de 4 para 5, pondo-se na madrugada d'este dia em marcha para Pombal.

Ao chegar a vanguarda a esta villa, ainda encontrou n'ella os piquetes da rectaguarda ingleza. Travou-se lucta; mas a chegada imminente de maiores forças, que a vanguarda annunciava, poz em fuga os piquetes inglezes, que retiraram para Leiria, onde o grosso do exercito alliado já estava.

Levada ali a noticia da approximação inimiga, correu logo a conter-lhe o impeto uma brigada de cavallaria, do commando do general Anson e uma força de artilheria commandada pelo capitão Bull, tendo até esse momento sustentado com energia a resistencia uma força não avultada de infanteria, sob o commando do capitão Sommers Cocks.

Os francezes empregaram n'este recontro a brigada do general Lamothe, e uma força de duzentos cavallos, sob o commando do chefe de esquadrão Gerbaut.

De parte a parte foi viva e fortemente sustentada a lucta, havendo perdas relativamente consideraveis. A força ingleza avançou com tal denodo, que chegou até junto de uma bateria franceza de seis peças, apoiada por uma reserva de cavallaria.

Retirando então em boa ordem, susteve por meio de cargas successivas a marcha da vanguarda franceza, conseguindo assim dar tempo aos alliados para retirarem, egualmente em boa ordem, de Leiria.

Vinha todo o exercito, desde Coimbra, sob o commando

superior de lord Wellington. Assim foi até á Batalha, onde chegou no dia 6. Ahi dividiu-se em duas fracções.

Uma, sob o commando do tenente general Picton, tomou a estrada de Alcobaça, destruindo vandalicamente a fabrica de tecidos que ali havia, com a mira na ruina d'essa industria, em proveito do commercio de Inglaterra. De Alcobaça, seguiu pelas Caldas, para Obidos, e d'ahi pela Roliça, seguindo a estrada, direita a Torres Vedras. Aqui ficou, guarnecendo assim o flanco esquerdo da primeira linha, cujo flanco direito, a sete leguas de distancia, ficava na Alhandra, que o tenente general Hill foi occupar em 8, com as suas forças, como já antecipadamente dissemos.

A outra fracção do exercito, mais numerosa, pois era constituida por tres divisões, emquanto a primeira só o era por uma, avançou da Batalha, sob o commando directo de Wellington, vindo por Rio Maior e Alcoentre, direita ao Sobral, que era o centro da primeira linha, onde entrou, mas só em parte, tambem em 8.

Em 6, entrava o exercito francez em Leiria, que encontrava deserta. Os alliados tinham levado tudo, e com elles fugira a população inteira, a recolher-se nas linhas. No entanto, os francezes conseguiam ainda encontrar um deposito consideravel de grãos, que tinha escapado, nas tulhas do Paço do Bispo.

Repetiu-se em Leiria o choque, que de vespera tinha havido no Pombal. A rectaguarda dos alliados bateu-se ahi valentemente com as avançadas dos invasores. Houve perdas grandes, de lado a lado.

De Leiria, partiram os francezes, na manhã de 7, vindo juntamente com elles o corpo de exercito de Reynier, que ali se lhes juntára, tendo desistido de perseguir o tenente general Hill. Na tarde d'esse dia, vieram estabelecer o seu acampamento nos Carvalhos e em Aljubarrota. Em 8 chegaram a Rio Maior, deitando as suas avançadas até Alcoentre, onde estas surprehenderam um esquadrão inglez, apossando-se da villa, e de duas peças de artilheria.

Mas o esquadrão, do commando do capitão Murray, refazendo-se da primeira surpreza, voltou ao ataque, e conseguiu rehaver as bôccas de fogo, e expulsar os francezes, da villa. Em seguida, retirou para a Ameixoeira.

Na mesma direcção avançaram os francezes, como que attrahidos por uma força irresistivel, para o abysmo que os estava chamando. Ali chegou a vanguarda franceza, em 9. Todo esse dia foi de combate com a rectaguarda dos alliados, tendo o general Sainte-Croix cahido n'uma cilada, de que resultou para as forças do seu commando consideravel perda.

Veiu a noite, e com ella a suspensão da lucta. Na manhã de 10, os nossos tinham já retirado. Os francezes tomaram ainda o mesmo caminho; mas chegados ao Moinho do Cubo, onde a estrada se bifurca, tomando uma para Alemquer, e outra para Lisboa, Masséna parou indeciso, não sabendo por qual tomar, pois nenhuma indicação tinha da que os alliados haviam seguido.

Enviou, então, destacamentos até grande distancia, por ellas ambas, a reconhecel-as. Os destacamentos voltaram sem terem obtido nenhum esclarecimento, sem terem encontrado nem viva alma que os informasse.

Um d'elles trazia prisioneiros dois homens do campo, que por acaso encontrara; mas que nada tinham podido ou querido dizer. Conduzidos á presença do marechal, este pessoalmente os interrogou, sobre o caminho que o exercito de Wellington havia seguido. Responderam os homens, que nada sabiam.

Não quiz o marechal acredital-os, e para lhes arrancar o segredo, mandou que lhes fosse applicado o tormento das pranchadas. Soffreram-o, resolutos, sem nada dizerem, ou por ignorancia ou por discrição patriotica, até cahirem por mortos.

Vê-se, pelo que se passou n'esta occasião, que os francezes tinham o seu serviço de communicações n'uma desorganisação indesculpavel. Chegam a uma bifurcação de ca-

minhos, e não sabem por qual hão de seguir. E, no entanto, por um d'elles tinham avançado já, não só as forças dos inimigos, mas tambem as do general Montbrun que as perseguia! Pois a rectaguarda d'este não devia ficar em communicação com a vanguarda do exercito principal, para lhe indicar o caminho? E se Montbrun, na furia da sua perseguição, fosse repentinamente assoberbado por difficuldades que não pudesse vencer sósinho, quanto tempo teria de esperar pelos reforços, com que d'outro modo devia contar, se soubesse que de perto o seguiam?

Montbrun tinha tomado pela estrada de Alemquer. Chegando a esta villa, poude reconhecer que uma grande columna se retirava pela estrada do Sobral. Essa columna era composta da divisão ligeira de Crawfurd, e da brigada portugueza de Pack. Seguiu-a.

Tinha a columna dos alliados recebido ordem de entrar nas linhas por Arruda, á direita do Sobral, quasi a meia distancia entre esta villa e a Alhandra. No dia 9 estava em Alemquer, e ali permaneceu até ao immediato, em que lhe sahiu ao encontro a força consideravel dos francezes, composta de cavallaria e infanteria, commandada por Montbrun.

Crawfurd retira com as forças que commandava, em boa ordem, com firmeza e serenidade. Montbrun persegue-o, castigando-lhe a rectaguarda. Esta faz o seu dever, batendo-se de modo rijo, e retardando tanto quanto lhe é possivel o avançar dos inimigos, dando tempo á columna para se distanciar. Na volta de um monte, adeante de Alemquer, Montbrun, que até ali se tem batido constantemente, dá com os nossos, estabelecidos em posição, e promptos a fazerem-lhe face. Não recusa o combate; marcha contra elles impetuosamente. A divisão ligeira e a brigada portugueza sustentam o primeiro choque, mas dentro em pouco cedem e teem de abandonar a posição. Retiram novamente, sem confusão nem desordem, e vão estabelecer-se n'outro ponto mais avançado. Ahi recebem novo ataque das forças

de Montbrun, sustentando a posição por largo espaço. Mas são, finalmente, obrigados a retirar.

N'estas refregas, onde mortos e feridos foram em grande numero, Crawfurd distanciou-se do caminho que tencionava seguir, e que era a estrada mais proxima de Alemquer, a qual segue do Carregado para a Arruda, passando pelos Cadafaes. Vendo-se d'este modo impellido para a estrada do Sobral tomou por ella, e na noute de 11 para 12, executou junto das linhas uma longa marcha de flanco, afim de ganhar a Arruda, por onde lhe tinham ordenado que entrasse.

Montbrun, que o perseguia infatigavelmente, á frente das brigadas francezas de Lamothe e Soult e de tres regimentos de cavallaria, avançou ainda sobre elle na direcção do Sobral. Já proximo d'esta villa, poude lançar mão a um camponez, ao qual intimou que o informasse da marcha dos alliados. D'elle soube que se haviam recolhido ás linhas, cujas baterias lhe foram então mostradas, não tendo até ahi suspeitado da sua existencia, quanto mais que as tinha ali tão perto!

Então, estacou. Se não tivesse tido a fortuna de tal encontro, ou se o camponez do Sobral tivesse procedido como os do Moinho do Cubo, Montbrun, na cegueira do seu enthusiasmo, teria perseguido os alliados até dentro das linhas, onde irremediavelmente cahiria prisioneiro com todas as suas tropas.

Sem maior hesitação, pois o caso era urgente, mudou logo a frente á rectaguarda, indo postar-se a conveniente distancia e mandando d'ali avisar Masséna.

*

A impressão que a villa do Pombal causou em Marbot, e n'aquelles que perto d'elle vinham, parece ter sido muito agradavel. Diz elle, que Masséna e todo o seu estado maior foram visitar o tumulo do grande ministro de D. José, do

grande perseguidor dos jesuitas, como elle lhe chama; mas que o encontraram aberto e profanado, pelos inglezes, que tinham feito do templo cavallariça, tendo atirado os ossos para o esterco e para debaixo das patas dos cavallos.

Foram os inglezes? foram os francezes? Marbot, que em geral não tem muito tempo para philosophar, d'esta vez inclina-se para o lado de Salomão, e repete, pouco mais ou menos, com elle: Ó vaidade das cousas humanas! *Vanitas vanitatum!*

A 9 de outubro,— conta ainda Marbot,— chegou a vanguarda dos francezes ás margens do Tejo, e occupou Santarem, que tambem causou n'elles a melhor impressão. E tanto mais, quanto acharam a cidade bem provida de tudo, refazendo-se n'ella de um sem numero de privações.

Esta vantagem, que n'outras circumstancias teria sido por elles acolhida com extraordinario alvoroço, deixou-os, porém, d'esta vez mais frios, pois veiu acompanhada de uma compensação muito desagradavel. Começaram a cahir torrencialmente as primeiras chuvas do outomno, vindas depois dos dias magnificos, que até ahi tinham brilhado.

Não foi só o exercito francez que com ellas soffreu; o nosso e o dos nossos alliados tambem lhes sentiram os inconvenientes. Conforme puderam, e do modo que já dissemos, uns e outros deitaram até Alemquer. Sentiam-se os invasores já deante do que elles chamavam as collinas de Cintra, a poucas leguas de Lisboa, e era para elles questão assente e decidida a conquista breve da capital.

Tinham como certo, tal era o engano em que vinham, que o inimigo não poderia escusar-se a acceitar batalha, e o resultado d'esta parecia-lhes seguro, uma vez que o terreno os favorecesse, como presumiam, pois assentavam grandes esperanças na superioridade da sua cavallaria. Demais, sabiam que Lisboa era aberta do lado de terra, e para ninguem era duvidosa, em todo o exercito, a queda proxima da grande cidade.

Fôra esse o objectivo de toda a invasão, fôra com os

olhos n'essa conquista, a qual implicava a conquista do reino todo, que até ahi tinham avançado. Estavam seguros que vinham acossando os inglezes, apertando-os cada vez mais na facha de terra que desde a linha de Thomar a Leiria vem adelgaçando para o sul, entre o Tejo e o mar.

O leopardo inglez havia de ser afogado.

*

A surpresa, o espanto dos francezes, ao terem imprevistamente conhecimento da existencia das fortissimas linhas de Torres, não podiam ser excedidos, e d'elles dão testemunho todos quantos historiaram esta guerra, e principalmente os que de perto viram os successos, por n'ella terem tomado parte.

Eis como Marbot se exprime, dando informações preciosas, pelo logar que occupava no estado maior do marechal:

«Os francezes esperavam ter que dar batalha antes de entrarem em Lisboa; mas, sabendo que esta cidade era aberta pelo lado de terra, ninguem duvidava da victoria.

«Comtudo, todos os arredores de Lisboa estavam cobertos de fortificações, nas quaes os inglezes faziam trabalhar havia anno e meio, sem que nem o marechal Ney, que acabava de passar um anno em Salamanca, nem Masséna que durante seis mezes se preparara para invadir Portugal, tivessem tido a menor noção d'esses trabalhos gigantéos! Os generaes Reynier e Junot estavam na mesma ignorancia; mas, cousa mais surprehendente ainda, e verdadeiramente incrivel se os factos não fossem hoje incontestaveis, o proprio governo francez não sabia que as montanhas de Cintra estivessem fortificadas! Não se concebe como o imperador, cujos agentes penetravam em todas as regiões, não tivesse dirigido alguns sobre Lisboa, o que era a esse tempo facillimo, pois havia milhares de navios

inglezes, allemães, americanos e suecos, que levavam diariamente ao Tejo, as provisões immensas destinadas ao exercito de Wellington. Por conseguinte, teria sido possivel insinuar alguns espiões entre os numerosissimos marinheiros e commissarios empregados n'esses navios: com dinheiro, consegue-se saber tudo! Era, por meios d'essa ordem, que o imperador se mantinha ao corrente de tudo quanto se fazia na Inglaterra, bem como nas principaes potencias da Europa. Não obstante isso, nunca deu a Masséna qualquer informação sobre as defezas de Lisboa, e foi só quando chegou a Alemquer, ao pé das collinas de Cintra, que o general francez soube que ellas estavam fortificadas e unidas entre si por meio de linhas cuja esquerda tocava no mar por detraz de Torres Vedras, cujo centro occupava o Sobral, e a direita a Alhandra, apoiando-se no Tejo.

«Na vespera do dia em que as nossas tropas appareceram n'aquelle ponto, o exercito inglez impellindo deante de si a população das regiões atravessadas, isto é mais de trezentas mil almas, acabava de entrar nas linhas, onde a desordem n'esse momento estava no maior cumulo!... D'entre os officiaes francezes, aquelles que adivinhavam o que se passava no campo inimigo sentiram então novamente e de um modo vivo a resolução, tomada por Masséna, quinze dias antes, de atacar de frente a posição do Bussaco, junto á qual tinha inutilmente perdido tantas vidas. Se aquella posição tivesse sida torneada, os inimigos envoltos pelo flanco ter-se-hiam retirado para Lisboa, e o nosso exercito, intacto e cheio de ardor, teria immediatamente á sua chegada atacado as linhas de Cintra, das quaes é fora de duvida, que se teria apossado. Tomada a capital, os inglezes ter-se-hiam retirado com precipitação, depois de terem soffrido irreparaveis revezes... Mas as perdas consideraveis que os francezes tinham soffrido deante do Bussaco arrefeceram o ardor dos immediatos de Masséna e semearam a discordia entre este e elles, de modo que

todos procuravam paralysar as operações do generalissimo, e representavam os menores monticulos como se fossem novos Bussacos, cuja posse devesse custar torrentes de sangue!...»

*

O que Marbot nos diz, com respeito á facilidade que os francezes teriam encontrado em forçar as linhas de Torres, apossando-se d'ellas, é mais simples de dizer do que talvez seria de executar. Não o dizemos por mera bravata; dizemol-o com conhecimento de causa.

É verdade que no primeiro momento houve indecisão; é verdade que mais de um militar, não só da parte dos francezes, como tambem da parte dos alliados, é de parecer que se Masséna em vez de se ter demorado á espera da sua artilheria, tivesse dirigido immediatamente um vigoroso ataque contra as obras, ter-se-hia d'ellas apoderado.

Mas essas condicionaes são absurdas. Masséna não poderia fazer tal; commetteria um erro gravissimo se atirasse comsigo e com as forças que lhe estavam confiadas, para o desconhecido, que repentinamente apparecia a desafial-o, por detraz d'aquelles baluartes inexpugnaveis, ou que tal se affiguravam.

Os criticos escrevem a sangue frio, depois dos factos, e quasi sempre a sabor do exito. Se Masséna tivesse effectivamente poupado os seus homens ao desastre do Bussaco, e viesse depois baquear com elles n'um ataque doido ás linhas de Torres, receberia por este facto censuras eguaes ás que lhe não foram poupadas depois d'aquelle. E perdia o exercito do mesmo modo. Vae grande distancia do *antes* ao *depois*. Antes da acção, é difficil determinal-a; depois, é facil critical-a.

Não póde haver critica mais acanhada do que a do historiador Soriano, a quem, por infelicidade nossa, um conjuncto de circumstancias funestas incumbiu o ser chronista d'estes casos. Diz elle, que a victoria do Bussaco ga-

nha por Wellington, foi inteiramente malograda; que semelhante victoria «de nada absolutamente lhe serviu, se é que se não transformou em formal derrota, forçado como effectivamente se viu a entregar ao inimigo oitenta leguas de paiz, que elle não poude inteiramente devastar, e que as tropas francezas terrivelmente devastaram depois d'elle.»

Wellington precisou, por muitos motivos, dar a batalha do Bussaco. Primeiramente, cumprindo-lhe fazer face á invasão, teve a maxima conveniencia em detêr ali o inimigo. Depois, era da maior importancia desfazer a impressão geral que já estava lavrando, de que o seu intento era não combater mais, e que só procurava retirar-se com os seus, a salvo, para os navios, que os levariam a Inglaterra. O nosso exercito era, na maior parte, formado de recrutas, e nunca tinha visto o fogo. Dar-lhe esse baptismo, n'uma posição vantajosa, onde a victoria quasi foi obtida sem perdas, foi um acto acertado de bom capitão, pois deu nervo guerreiro e força moral ás tropas, ensinando-as a vencer, e habituando-as a pelejar.

E o resultado contrario, obtido no inimigo, pela enormidade do seu desastre?

Wellington sabia que Masséna havia de procurar, por todos os modos, vir pelo reino dentro, até Lisboa. Para lh'o não consentir, estabeleceu as linhas, onde tencionava attrahil-o e recolher-se. Se não tem o bom senso de aproveitar as circumstancias, que o levaram a occupar a posição do Bussaco, dando-lhe batalha ahi, vêl-o-hia avançar impetuoso e forte, confiado na victoria, que até esse momento nunca o trahira. E teria, talvez, de lhe acceitar batalha, em condições bem menos favoraveis, e de exito bem mais fallivel.

A ordem de mandar evacuar as povoações e de destruir os aprovisionamentos, á medida que os invasores avançavam, devastando deante d'elles o paiz, foi um mal cruel, mas indispensavel, para evitar o maior mal de entregar os povos á mercê dos invasores, e de deixar a estes os recur-

sos precisos para se sustentarem, demorando a occupação, pondo em risco o paiz inteiro, e permittindo talvez a eventualidade de acudirem a Masséna os outros exercitos francezes da peninsula.

Wellington, digam o que disserem, não teve senão vantagem em ferir a batalha do Bussaco. Os francezes, que depois d'ella seguiram pelo paiz dentro, já não traziam a cabeça levantada, como a tinham no começo da invasão, depois de lhes cahirem nas mãos Cidade Rodrigo e Almeida.

E não dissemos ainda, nem como aos francezes foram cortadas as communicações com a rectaguarda, á medida que se entranharam no reino, de modo que não tinham possibilidade de haver mantimentos, nem como as linhas foram traçadas e apercebidas, a ponto de lhes tornar impossivel até o pensamento de atacal-as.

Além das razões apontadas, a batalha do Bussaco foi ainda indispensavel, como expediente politico. O parlamento inglez, affrontado com as despezas immensas da guerra, e não concordando com os modos de vêr de lord Wellington, parecia resolvido a mandar recolher as suas tropas a Inglaterra, limitando-se a fornecer armas e munições ás guerrilhas hespanholas e portuguezas. Se este projecto vingasse, os esforços que o generalissimo inglez até ahi fizera para sustentar a sua influencia, estavam completamente perdidos. Assim, era de urgencia impedir a approvação do projecto parlamentar, tornando-o injustificavel, e para esse fim nada podia haver mais eloquente do que a noticia de uma victoria.

Dada a batalha, e correspondendo o exito á intenção e ao bom desejo, as camaras inglezas animaram-se a votar novos fundos para as despezas da guerra, e esta continuou.

*

Foi em 11 e 12 de outubro, que os alliados recolheram totalmente ás linhas defensivas de Lisboa, e n'ellas toma-

ram as suas posições. Em 12, entraram os piquetes avançados de Reynier, em Villa Franca, e em 12 tambem, o exercito de Masséna destacou patrulhas até ao Sobral, apossando-se d'este ponto, que ficava fóra das linhas.

Era Sobral o ponto médio da primeira linha, a qual passava um pouco á rectaguarda d'essa villa. As forças que ali estacionavam, estavam directamente commandadas por Wellington, tendo como seu immediato Beresford. A direita do exercito, do commando de Rowland Hill, tinha o quartel general na Alhandra, ficando á rectaguarda d'esta villa o valle de Calhandriz, entre ella e Alverca, e na frente Villa Franca, occupada pelo segundo corpo de exercito francez.

A esquerda do exercito, do commando de Thomaz Picton, tinha o quartel general em Torres Vedras, e d'ahi defendia a linha do Sizandro, que corre no sopé dos montes, para a esquerda, até desembocar no oceano. O Sizandro engrossava dia a dia com as chuvas do outomno, e era só por si uma excellente defeza natural.

Mantinha ainda Torres Vedras a communicação com Peniche, pelo Vimeiro e Lourinhã, tendo-se posto n'aquella praça uma guarnição de tropas de segunda linha, sob o commando do brigadeiro Blunt. Toda essa posição, para o lado do mar, era segurissima.

Á esquerda das duas divisões de Rowland Hill, postadas nas fortes alturas da Alhandra, ficava a divisão ligeira de Crawfurd, occupando a Arruda, e indo apoiar-se n'um grande reducto, que fôra construido no cume do Monte Agraço. Esse reducto foi confiado a uma guarnição composta da brigada portugueza, do commando de Diniz Pack.

Na rectaguarda das alturas de Monte Agraço foi postada a divisão do commando do general Leith. Entre as forças d'este e as de Picton ficavam tres divisões, sob os commandos respectivos dos tenentes generaes Spenser, Cole e Campbell.

No Monte Agraço estabeleceu-se o quartel general do

marechal Beresford; e o de lord Wellington, em Pero Negro, na quinta do barão de Manique, perto da Enxara dos Cavalleiros.

Em Runa, entre Sobral e Torres Vedras, postada á vista do acampamento francez, tomava posição a leal legião lusitana, sob o commando do barão d'Eben.

No momento em que o exercito alliado entrava nas linhas, atravessava o Tejo, vindo de Campo Maior, para tomar egualmente posição n'ellas, um corpo de exercito hespanhol, talvez superior a seis mil homens, sob o commando immediato do marquez de la Romana. Em 24 de outubro, esse exercito auxiliar occupava o ponto intermedio da Enxara dos Cavalleiros.

A maior força da cavallaria, em numero de tres mil cavallos, e da qual faziam parte duas brigadas portuguezas, uma commandada pelo coronel Araujo Teive, e a outra pelo coronel Otway, sendo commandante de toda ella o general Fane, ficou acantonada perto da segunda linha defensiva, e principalmente nos seus flancos. Tinha ahi possibilidade de manobrar em certos pontos menos accidentados entre as duas linhas, oppondo-se a qualquer columna de infanteria inimiga, que por ventura ousasse penetrar pelos desfiladeiros impracticaveis ás outras armas.

As forças totaes de lord Wellington, dentro das linhas, foram computadas em cento e trinta mil homens, sendo setenta mil de tropas regulares, constituidas por trinta e quatro mil inglezes, trinta mil portuguezes e seis mil hespanhoes.

Estava prevista a hypothese do exercito experimentar uma derrota total ou parcial nas linhas exteriores. Sem lhe diminuir nem de um homem o effectivo, tinha sido garantida a defeza efficaz das linhas interiores de Lisboa. Para isso, contava-se: com o apoio de uma poderosa esquadra fundeada no Tejo, bem guarnecida e bem artilhada; com as ordenanças do districto; com os differentes corpos de milicias portuguezas, e com as guarnições ordinarias dos

differentes reductos e baterias. Mais de cem mil homens.

Está-nos parecendo, em vista d'este breve resumo, que as facilidades indicadas por Marbot, são um tanto impensadas e theoricas.

*

E não se limitaram a isto as prevenções e cuidados. A disciplina, o arranjo, a administração interna das linhas, no respeitante a aprovisionamentos, a communicações, a facilidade de transportes, a transmissões d'ordens, tudo foi prevenido e acautelado. Sabia-se que o exercito viria occupal-as, e aproveitou-se o tempo. preparando tudo convenientemente para recebel-o. Por isso, a confusão do primeiro momento, occasionada sobretudo pelas populações civis foragidas e arrastadas pelo exercito para o interior das linhas, pouco durou.

Transcreveremos de Soriano a pagina em que são relatados estes trabalhos preliminares, por não valer a pena, em tal exposição, substituir as nossas ás suas palavras:

«Durante os vagarosos movimentos da marcha retrograda do exercito luso-britannico, os governadores do reino tinham providenciado á instrucção das tropas irregulares e á organisação do commissariado. As milicias de infanteria, as de caçadores, vulgarmente chamadas atiradores, e as de artilheria foram divididas pelas differentes obras das linhas de defeza, onde se haviam exercitado nas manobras defensivas. Egualmente se tinham estabelecido depositos de aprovisionamentos, de barracas e de viveres nos pontos que tinham sido designados como quarteis generaes. Não esqueceu o estabelecimento de postos proprios para signaes, sendo encarregado d'este serviço um destacamento de marinheiros, fornecido pela esquadra ingleza, estando isto regulado por modo tal, que em sete minutos eram transmittidas as noticias de uma á outra extremidade da linha com a maior exactidão.

«Como medida secundaria para assegurar a communicação das ordens, tinham-se convenientemente collocado telegraphos de mão, construidos em Lisboa, para substituirem os signaes permanentes, quando por qualquer incidente não pudessem servir.

«Toda a extensão da linha tinha sido dividida em seis districtos, proximamente eguaes, havendo em cada um d'elles um engenheiro encarregado de explicar a natureza e o objecto dos diversos postos intrincheirados, afim de que os officiaes generaes, que deviam occupal-os, pudessem tomar promptamente as posições que lhes tinham sido assignadas.

«Nos pontos avançados de cada districto havia guias a cavallo, que conhecendo com exactidão as localidades, dirigiam as columnas, ajudavam os officiaes directores a dividil-as pelas aldeias e bivaques, etc., e davam sobre os diversos caminhos e communicações as informações necessarias para se prevenir a confusão ou erros, se o inimigo viesse a perseguir as mesmas columnas».

Se Marbot tivesse tido occasião de examinar mais de perto este assumpto, é possivel que não tivesse achado á tomada rapida das linhas, por Masséna, tamanha possibilidade.

Robinson, professor de historia militar, em Sandhurst, publicou uns excellentes estudos sobre as campanhas da Peninsula, e n'elles diz, referindo-se ás linhas de Torres Vedras, que ellas tinham quasi todas as vantagens das obras defensivas perfeitas.

«Eram fortes pela natureza e pela arte; mas permittiam ao mesmo tempo que os defensores sahissem d'ellas livremente se isso lhes fosse necessario, que tivessem assegurados os seus flancos, que fossem faceis e boas as suas communicações com a rectaguarda, e que fossem consideraveis os obstaculos postos ao inimigo que pretendesse

atacal-as de frente. Salvaram Portugal e fizeram pender a balança da guerra contra os francezes».

E accrescenta:

«O segredo com que a construcção das linhas de Torres Vedras foi effectuada, impressiona como se fosse um facto quasi inexplicavel; e abona muitissimo não só a actividade de Wellington como tambem o patriotismo dos portuguezes, sem o qual nem mesmo o temor da pena de morte, imposta aos que communicassem com o inimigo, seria capaz de evitar que qualquer noticia chegasse ao conhecimento d'este.»

*

Resumem-se em poucas palavras as difficuldades que apresentava aos invasores a formidavel posição occupada por Wellington.

As linhas só podiam ser atacadas n'um pequeno numero de pontos. De um ponto a outro, os defensores podiam acudir e chegar mais depressa do que os assaltantes. O terreno á rectaguarda era para os defensores um campo de batalha vantajoso. Finalmente, havia para os inglezes o apoio do mar e a retirada livre, e tinham toda a coadjuvação dos habitantes e todas as facilidades que lhes podia offerecer Lisboa.

Em 16 do mez, o marechal generalissimo decidiu-se a fazer pessoalmente um reconhecimento á linha mais avançada, em frente do Sobral, que as suas forças occupavam.

Era passado meio dia quando Masséna se adeantou, á testa de dois mil homens de cavallaria e de outros tantos infantes, e subiu com elles as alturas que dominam a villa, para o lado do Monte Agraço.

N'esse dia, e a essa hora, estava tudo nos seus logares e tudo em armas. Os fortes tinham as guarnições comple-

tas, os postos estavam vigilantes, a artilheria de posição prompta a deslocar-se para onde fosse necessario.

Masséna extendeu a vista por uma vastissima extensão das obras, e comprehendeu então o que ellas valiam, e que soberbo obstaculo tinha surgido, como por encanto, do chão, a oppôr-se á sua empreza. Reconheceu que tinha defronte de si uma das disposições defensivas mais formidaveis de quantas no seu passado de campanhas havia encontrado.

Viu claramente a resolução inabalavel de lucta em que estava, quem assim se defendia contra elle. Era uma loucura o ataque, e mal percebia como ousasse tental-o.

Á roda do marechal estava todo o seu estado maior. Olhava elle, ao longe, á sua esquerda, para a estrada do valle de Calhandriz, que segue em direcção ao Tejo. N'um muro, a pequena distancia, tinha, havia instantes, apoiado o seu oculo. N'isto, uma bala de artilheria, vinda do reducto 120, manifestamente disparada na direcção do grupo como um convite a retirar-se, bate no muro, perto do oculo, a poucos passos.

Masséna comprehende o aviso, e tirando o chapeu, saúda cortezmente o inimigo e a linha formidavel de reductos, que pela voz da artilheria acabava tambem de cumprimental-o.

E com todo o seu brilhante estado maior, e as forças que o seguiam, desceu rapidamente das alturas e recolheu ao Sobral e d'ahi ao seu quartel.

Vira a enormidade da posição inimiga, e não se mostrava disposto a atacal-a.

(Continúa).

FERNANDES COSTA.

In illo tempore

In illo tempore... — no tempo em que João de Deus andava em Coimbra, havia na Luza-Athenas, que é terra de mulheres bonitas, duas senhoras muito formosas, que eram irmãs — uma chamada Rachel e a outra Candida. A Rachel, principalmente, diz que era uma divindade; e a mocidade da academia, sobretudo os poetas, bebiam os ares por ella. Não era branca nem morena: tinha uma côr de bronze, de uma suavidade encantadora, nariz grego, e então uns olhos extraordinarios, avelludados, muito brilhantes e pestanudos, que eram a perdição da rapaziada. Os pretendentes eram assim — aos cardumes... E cabeça de rapaz sobre a qual esses olhos admiraveis pousassem por um instante, mesmo casualmente, era cabeça perdida; porque entrava logo de andar á roda, como se fosse uma ventoinha, e o menos que lhe acontecia era rebentar n'uma catadupa de versos — que nem sempre, diga-se a verdade, eram condignos da inspiradora...

*
* *

Ora o João de Deus pertencia á ala dos namorados d'essa divindade, se bem que nunca lhe falasse; e tanto que a

magestosa Rachel ficou sendo para elle uma especie de Musa, como para o Camões a Catharina, para o Dante a Beatriz, a Laura para o Petrarcha, para Miguel Angelo Victoria Colonna, etc., etc. Fez-lhe muitos versos, e aquella poesia A VIDA, que a não ha mais linda em todo o mundo, e fez-lhe depois, quando ella morreu, aquella elegia que tem o seu nome — RACHEL — uma das melhores coisas que o genio humano tem produzido, e que João de Deus, por signal, improvisou n'uma toirada, alheio, vário, absorto, extranho ao mais formidavel chinfrim que se tem desencadeado n'uma praça de toiros! Soubera a noticia da morte quando ia para lá; chegou e amodorrou-se a um canto, e quando se deu fé que a praça de toiros tinha desabado, revolvida, debaixo para cima, pelo furacão da rapaziada, foi dar com elle o João Vilhena, o seu fiel Achates, no mesmo logar onde o deixara, e que por milagre tinha escapado! Pegou-lhe por um braço e levou-o d'ali, como se estivesse doido ou a dormir...

— Anda, João! Vamos...

Não vira nada, não ouvira coisa nenhuma, desabara a praça e elle a sonhar, mas depois, chegado a casa, dictou d'um jacto a soberba elegia, que o João Vilhena, absorto deante de tal maravilha, escreveu sem o perturbar, com os olhos vidrados de lagrimas...

•

Despe o luto da tua soledade
E vem junto a mim, lirio esquecido
Do orvalho do céo!
Tens nos meus olhos pranto de piedade
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher, sou irmão teu.

Até ao fim!

*
* *

Bem. Mas até me parece que foi por via d'essa mulher, da sublime e divina Rachel, que João de Deus nunca atremou com a vida de Coimbra, levando a formar-se dez an-

nos, — tantos quantos durou o cerco de Troya, como elle diz...

*
* *

Segundo a melhor versão, que é ainda a d'elle, João de Deus chegou de Messines a Coimbra em março de 1849. Não levava exame nenhum. Tinha aprendido latim com um padre do Algarve, e não sabia mais nada. Mas passado um mez, faz no lyceu de Coimbra o seu exame de instrucção primaria onde lhe perguntaram o Padre-Nosso, e na primeira época de exames não está lá com meias medidas: — faz d'uma assentada os preparatorios todos, e em outubro entra para a Universidade — matriculado no primeiro de Direito. No fim do anno lectivo, em junho, pouco mais ou menos, de 1850, foi a acto e ficou bem, e poz-se logo a andar para ferias, — mas sem tenções de voltar para Coimbra. Aquillo aborrecia-o; não sabia para que servia aquillo — livros, lições, professores, actos, banalidades...

No fim das ferias disse ao pae que não queria voltar para a Universidade, e portanto ficou-se em Messines, na panria, sem pensar em coisa nenhuma. O pae dizia-lhe assim ás vezes:

— Ora esta vida não te aborrece, ó João?!...

Elle encolhia os hombros. Nem lhe aborrecia nem deixava de lhe aborrecer. Não reparava n'isso. Entretinha-se a tomar o sol, ficava-se ás vezes a vêr o mar, e parece que já fazia o seu verso de quando em quando, mas nem aparava um lapis para os escrever...

Vinha-lhe o pae com a mesma cantiga, de quando em quando:

— Ó João, mas tu não te aborrecer d'isto?!...

— Não senhor...

Mas uma vez reparou que era a pergunta que já lhe aborrecia; — e como não tinha mais que fazer, poz-se uma noite a arranjar a mala...

—Tu para onde vaes? perguntou-lhe o pae.
—Vou para Coimbra.
E foi para Coimbra!

***

Sem saber como nem como não, fez o 2.º anno e ficou bem; fez o 3.º anno e ficou bem; mas ao chegar ao 4.º —esbarrou! Sem querer, deu 43 faltas, mais tres do que as precisas para perder o anno irremediavelmente!

Andava uma vez muito cabisbaixo para os lados de Santo Antonio dos Olivaes, quando deu com elle um rapaz tambem estudante, sobrinho do visconde de Lordello que era lente d'elle.

—Tu que andas aqui a fazer? perguntou-lhe o rapaz.—Tu perdeste ahi alguma coisa?

—Perdi o anno. Ando aqui a vêr se o encontro... respondeu-lhe o João.

—Homem, offereceu-se o outro, se tu queres eu digo a meu tio que te abone as faltas na congregação...

—Pois como quizeres. O anno foi o que sabes. O Rodrigo (era o Rodrigo da Fonseca, então ministro do reino) até mandou dizer para a Universidade que não apertassem muito nos actos, este anno,—e eu assim talvez passasse... Mas o diabo são as faltas!

—Deixa. Eu fallo n'isso a meu tio.

***

Mas as cousas complicaram-se. Aquelle visconde, que regia direito commercial, não exigia dos rapazes grande applicação, mas queria-os muito sérios dentro da aula.—Ao menos que fingissem...

Por desgraça, porém, um dos discipulos do visconde, um Folhadella do Porto, era um cabula como não havia segundo. Não estudava palavra nem estava com ceremonias: entrava com o bedel quando o bedel ia marcar as faltas, e

sahia logo atraz do bedel. Isto todos os dias, infallivelmente, sem falhar um. O visconde fazia vista grossa; mas lá por dentro azoava com a historia, e tinha-a ferrada de não deixar ir o rapaz a acto no fim do anno...

*
* *

Chega-se, pois, o dia da Congregação, e começa-se a discutir no douto synhedrio se o Folhadella havia-de ir a acto ou não havia-de ir.

Diz o visconde:

— Não vae. Esse estudante não tem frequencia na minha aula.

Objecção do dr. Ruas, que protegia o rapaz:

— Isso, collega, não quer dizer nada. Póde elle fazer bom acto...

Mas o viscònde, na sua:

— Não vae, voto contra!

E votou contra, — e o Folhadella ficou excluido.

Mas chega-se a vez do João de Deus...

— Esse estudante, acudiu logo o visconde, tem 43 faltas é verdade, mas é intelligente e ha-de fazer bom acto...

Voz do Ruas, que estava picado.

— Opponho-me! Quarenta e tres faltas: perdeu o anno!

— Mas... ia insistir o visconde.

— Não ha *mas* nem meio *mas!* objectava o outro muito casmurro. — Quarenta e tres faltas: perdeu o anno.

E prompto! Lá perdeu o anno o João de Deus por causa do teimoso do Ruas! Mas embezerrou e não foi para Messines. Embrulhado no balandrau, deixou-se ficar por Coimbra durante as férias, á matroca...

*
* *

...Até que no fim das férias, eil-o outra vez na Universidade, repetindo o 4.º anno, e em junho seguinte deram-lhe o grau...

— *Quod petis?*

— *Gradum bachalauri.*

— *Accede.* (Chega-te).

E lá subiu o João de Deus ao pulpito da presidencia, ajoelhou-se, poz as mãos, e o doutor de capello, que era o Ruas, encaixou-lhe a borla pela cabeça abaixo, dizendo-lhe como é da praxe:

— *Auctoritate qua fungor, ego confero tibi gradum bachalauri, in nomine Patris, et Filii et Spiritus-Sancti...*

E o João de Deus, de volta de padre á roda do pescoço, calção e meias pretas debaixo da capa e batina esfrangalhadas:

— *Deinde restat mihi agere gratias per tot tantisque beneficiis erga me colactis...*

Que beneficio! tel-o feito repetir o anno! Era para se agradecer... em latim!

* * *

Bem. Estava o João de Deus bacharel! Quem chegava a bacharel tambem se formava. Mas este argumento, que para outro qualquer seria decisivo para o fazer andar para deante mais um anno, a elle deu-lhe para o contrario...

— Agora, meu pae, é que é tolice voltar para Coimbra! Cá estou eu bacharel, e se me não formo ninguem dirá que é porque não posso...

O pae ainda objectou:

— Pois agora é que é, homem! Por mais um anno não te vale a pena não ter as cartas...

As cartas! Metteu-lhe nojo ter umas cartas! Para que diabo queria elle essa porcaria das cartas? Para que demonio servia isso? — Ora!

E sem mais quê nem para quê, deixa-se ficar em casa — quatro annos!

O pae já lhe não vinha com a cantiga: — «Então, João, isto não te aborrece?» Deixava-o.

Mas uma irmã que tinha e que inda é viva, essa é que

taes escareceus armava em casa, que o pobre João, corrido, pegou em si e abalou para Coimbra.

Mas para se formar? Isso sim! Para tudo, menos para isso. E assim o disse, logo que chegou a Coimbra, ao seu intimo Manuel Vianna.

—Eu formar-me? Deus me livre!

Mas o Manuel Vianna larga-lhe logo esta bomba:

—Pois se te formas, formo-me; se não te formas, não me formo!

—O quê?! perguntou-lhe aterrado o João de Deus.

E o outro, secamente:

—Isto!

—Pois bem. Então arranja lá *isso*.

Isso era a matricula. Matriculou-se o Manuel Vianna, e matriculou tambem o João de Deus,—e eil-o alfim no 5.º anno!

*
* *

Mas estudar é que não estava para isso, e os lentes bem o sabiam, porque o não chamavam. Uma vez, o Barjona que regia *Direito Penal*, ainda lhe disse:

—Quando quizeres que te chame, diz'...

—Pois sim...

Mas como nunca lh'o disse, nunca o chamou.

Até que *post tot tantosque labores*, o João de Deus viu-se um dia bacharel formado—como eu e como toda a gente!

Era no anno do Senhor de mil oitocentos e cincoenta e nove!

*
* *

Optimo! A historia vae indo, mas agora é que vem o melhor. Em certo anno, morava o João de Deus na Couraça dos Apostolos, com o João Vilhena que andava em direito, um Correia, theologo do Alemtejo, grande bebedor que já morreu, e uma criada velha a quem chamavam,

por ser viuva e muito desembaraçada, — *Madame Electricidade.*

Ora defronte do João de Deus, á entrada do Beco das Flores, onde todas as manhãs appareciam no chão *boninas* novas, como chamava o Camillo a certas indecencias que por ali se faziam, — morava então o Sanches da Gama, que era ainda estudante. Era já o *bon vivant* que sempre foi: beiço sensual, ventre que tinha suas parecenças com o de Falstaff, um namorador de primeira ordem e um comedor então de primeirissima! Poetava. Foi elle que fez a lettra para o *Hymno Academico*, em competencia briosa com outro estudante, um Zuzarte, cuja lettra foi regeitada pelo auctor da musica, o celebre Medeiros, que toda a vida se matriculou no 2.º anno por gostar muito da capa e batina e não se dar mal com a chimica, tendo inventado tambem, nas mathematicas, uma trisecção do angulo muito patusca. O Medeiros, que tocava rabeca na perfeição, preferiu a lettra do Sanches da Gama, por parte de cunhados que já então eram. Mas depois, era de ouvir o Zuzarte, muito caustico, dizer a todos que não intendia aquillo:

— Vejam vocês:

Do trabalho sedento na lide
Doce espr'ança nos vem afagar...

E commentava:

— Que diabo quer dizer *sedento?!* — E virava a pergunta pelo fôrro: — *Sedento*, que diabo quer dizer?!...

E imbirrava tambem com o segundo verso, por o Sanches lhe ter comido um *e* na palavra *esperança* — acrescentando que lhe não comêra todas as lettras — porque em summa esperanças eram esperanças, e só chouriços realidades...

No mais da lettra desfazia tambem o Zuzarte, muito picado...

*
* *

Poetava, pois, tambem, o Sanches da Gama; e metera-se-lhe na cabeça, porque poetava, render pelos productos do estro a beldade da divina Rachel! Era a inspiradora d'aquelle Falstaff, essa mulher etherea! Das relações da familia, ia muito lá a casa, o Sanches da Gama, principalmente ás vesperas de feriado. Mas gostava, para as intermittencias, de arranjar o seu pé de por lá apparecer um dia por outro. Arranjou-lhe um album, por conseguinte; e offerecido o album á formosa Rachel, eil-o de porta em porta a colher da academia lettrada — versos, musica, desenhos, qualquer coisa... Cada coisa que arranjava, eram duas visitas: uma quando ia levar, o album, outra, quando ia outra vez por elle.

Estava como queria!... Até que deixou o album, uma vez, em casa do João de Deus. Mas como o João de Deus não era para pressas, não se passava uma hora que o Sanches da Gama não se lhe pozesse a gritar lá da janella:

— O' João, então o album!

— Deixa! dizia-lhe o João de Deus, espalmando para elle a mão aberta. — Deixa!

Mas o outro não o deixava, — e noite e dia era a mesma perlenda:

— Ó João! Então esse album?!

Até que tanto moeu, tanto massou, que o João de Deus disse-lhe assim uma vez:

— Olha, vem por elle!

Foi, de tres escanchadas!

— Mas isto não está acabado! exclamou o Sanches mirando o esboço d'um Christo. — Está bonito, mas falta acabal-o...

— *Acavallo* o Christo! calemburisou o João de Deus, admirado de que o outro não percebesse que era de um esboço que se tractava, e de mais nada... — Leva-o, anda. Gyra...

*
* *

Mas passados dias, usufruido em tres ou quatro visitas o desenho do Christo morto, eis que o Sanches da Gama volta com o album ao João de Deus, e depõe-lh'o em cima da cama:

— É p'ra acabares isto. Mas vê lá agora se o demoras...

— Não demoro. Deixa ficar.

E ainda o Sanches da Gama não tinha atravessado a rua, já o João de Deus o chamava da janella:

— Podes vir que está prompto.

— Prompto o quê?

— O album, pois que ha-de ser?...

Desce outra vez o Sanches da Gama, atravessa a rua, sobe as escadas do João de Deus, e entra-lhe no quarto.

— Leva.

O Sanches abre o album na folha do desenho, mas em vez do Christo, que o João de Deus apagara com uma borracha, encontra ao fundo a legenda do santo sepulcro:

RESURREXIT NON EST HIC.

II

In illo tempore...— no tempo em que eu fui para Coimbra, andava já lá a estudar Direito, ou pelo menos a frequental-o, um rapaz do Minho chamado Saraiva. Era uma notabilidade! Mostravam-no aos novatos como se fosse um phenomeno, ou algum ente sobrenatural:

— Olha! Aquelle é o Saraiva!

— Que Saraiva?...

—Um que tem muita força. O estudante de mais força que anda em Coimbra.

—Oh!!!

E vinham logo as façanhas umas atraz das outras, e já o diabo do Saraiva cheirava a lenda, como o Hercules da mythologia...

*
* *

De mais a mais, como passava o tempo a inventar pirraças, e, depois de as inventar, o pôl-as em pratica, no. fim do anno tinha já o costume de ficar reprovado, ou então de não ir ao acto,—e por isso nem elle se lembrava já de quando tinha entrado para a Universidade...

Andava ainda no 1.º anno, mas era como se andasse no 4.º ou no 5.º, porque já protegia. Ao lado d'elle ou adeante d'elle, os novatos entravam a Porta-Ferrea tão seguros e affoitos como se levassem na cabeça a pasta d'um quintanista; e nas vesperas de feriado, de noite, protegia-os aos 5 e aos 6 ao mesmo tempo, e não havia *troupe* que o desacatasse...

—Estão protegidos! dizia o Saraiva intemeratamente.

E lá passava com a caravana pelo meio da *troupe,* como um leão que mettesse um rebanho por uma alcatêa, de proposito para arreliar os lobos...

*
* *

Como tinha muito d'estas generosidades, era querido de todos; e não constava, afinal, que lhe désse a valentia para peores façanhas,—nem em Braga, onde levára os preparatorios á má cara e passára já por valentão, nem em Coimbra...

De mais a mais, não alardeava forças nem contava proezas, e até quando se mettia a proteger sem lhe competir, fazia-o porque se suppunha com *auctoridade* para o fazer, e não por ostentação. Lá o andar no 1.º anno não o impe-

dia de ter já no 2.º, regendo cadeira como lentes, sujeitos que haviam sido no 1.º seus condiscipulos,—e isso, intendia elle, alguns fóros lhe havia de dar...

Para casos excepcionaes (está claro!) leis tambem excepcionaes!

* * *

Além d'isso, era muito alegre. Quantas vezes a gente estava em casa a estudar, alta noite, e de repente, quando menos se esperava, sentia na rua uma gargalhada, como se fosse um gallo a cucuritar! Era o Saraiva que andava a fazer das suas, e que rematava alguma pirraça com essas casquinadas em falsete, muito agudas, que eram só d'elle e de mais ninguem...

Como além de valente era muito agil, saltava d'um pulo á altura d'uma janella, fincava uma das mãos no parapeito, aguentava-se a peso muito firme, e com a outra abria a vidraça;—depois, trepava e escoava-se lá para dentro, muito subtil, e d'ahi a bocado lá surdia outra vez á porta da rua, trazendo debaixo do braço, como os outros os livros da aula, algum tonél cheio de vinho, e nas mãos, se calhava, o que topava na despensa:—presuntos, a meada dos chouriços, a restea d'alhos e de cebolas, e ás vczes, se os de casa andavam por fóra, o bragal e a roupa das camas...

Uma vez (mas eu parece-me até que já contei isto) deu-lhe na cabeça para levar da rua da Trindade quanto calçado apanhou á mão ás portas dos quartos, p'la madrugada, e foi-se com aquillo tudo para a Rua Larga, a formar em quadrado á roda do monumento a Camões o seu grande regimento de *solipedes*,—commandado, heroicamente, por um par de botas á Frederico, armado das competentes esporas!

Pela manhã, está claro, cada um lá foi descalço á Rua Larga, p'lo calçado que lhe pertencia. Mas como estava tudo fóra da ordem, uma bota aqui, outra em cascos de ro-

lha, aqui um sapato e outro não se sabia aonde, o Saraiva, que morava perto, não despegava de buzinar n'uma trompa de caça, arremedando a trombeta final, e fazendo, como elle dizia,—o ensaio geral do dia de juizo!

***

Outra vez, na sala de bilhar do Club Academico, fallavam os rapazes de valentias, e o Saraiva não dizia palavra... Se não quando, os dois que jogavam no bilhar *monstro*, um bilharão. que lá havia do tamanho d'uma fragata, começaram, por desfastio, a debicar com elle:—que qualquer dos Punas (dois pretos muito valentes, filhos d'um regulo, o João e o Vicente) o amarfanhava só com um sopapo...

O Saraiva largou uma rizadinha das suas, e encolheu os hombros:—Ih, ih, ih!

—Não?! perguntaram-lhe os dois.—Pois aposta-se!

—Aposta-se o quê! fez o Saraiva com desprezo.—Aposta-se o quê! E emquanto o diabo esfrega um olho, mette-se de joelhos debaixo do bilhar, levanta-o a peso com o costado, equillibra-o, e diz lá de baixo com toda a frescata:

—Joguem, seus grandes asnos!

***

D'outra vez, estava elle tambem no Club, e ouve-se na rua o estrupído de dois cavallos, que param de repente defronte da porta.

—Ó Saraiva! gritam ao mesmo tempo os dois cavalleiros, um dos quaes era o *Cara-Fatal,* um caloirão como umas casas, com grandes prosapias de valentão, e que de um coice que apanhara em pequeno tinha na cara um costurão enorme que lh'a arregoava d'alto a baixo,—e o ou-

tro um rapaz tambem pimpão, chamado Louza, que era repetente de Mathematica.

Foram logo uns poucos ás janellas.

— O Saraiva! desafiaram elles. — Se está ahi, que salte cá para fóra!

Foi logo uma ovação! E correram uns poucos a chamar o Saraiva, e a perguntar-lhe se não acceitava o repto.

Chega o Saraiva com toda a fleugma, e diz-lhes a rir da janella abaixo:

— Olhae que se lá vou, vocês amargam-nas...

Apuparam-no. — Que se queria alguma coisa que sahisse!

— Era agora!

— Vocês falam serio, ou estão a brincar? quiz elle saber ainda.

— Pois já se vê que é serio! insistiram os outros do meio da rua. — Cá fóra é que se tiram as chibanças!

— Ai, então esperem lá vocês!

Mas palavras não eram ditas, como se lhe afuzilasse dos olhos algum corisco, e o corisco espantasse n'um repente os dois cavallos — ah, pernas! — largam ambos n'uma carreira desapoderada, e tomam para os lados da rua dos Estudos, da rua dos Estudos sobre o Muzeu, do Muzeu, á esquerda, por ali abaixo, — nem os dois sabiam pr'a onde!

Dá a fugir detraz d'elles o Saraiva, prevê-lhes o itinerario, corta por atalhos para lhes sahir á frente, e ao fundo da Couraça dos Apostolos, ao pé do Arco do Collegio Novo, agarra pelo freio o cavallo do Louza, prega com o rapaz no meio do chão, d'um pulo salta para o selim, e mais veloz do que um pampa, larga a correr no encalço do outro, que seguira para os lados da Baixa. Corta a Baixa como um relampago, e quando lobriga o *Cara-Fatal*, já o vê a atravessar a ponte, mais rapido do que uma lebre...

— Ah, cão!

Entesta para esse lado cada vez mais rapido, e como o *Cara-Fatal*, passado o Mondego, lhe tomasse á direita sobre o Almégue, vae-lhe no encalço como se fôra um galgo,

e ás duas por tres, zás! fila pelo rabo o cavallo do outro, que já não ha esporas que o façam voar, e presto, sem se desmontar, agarra pela gola o *Cara-Fatal,* e cosendo ao d'elle o seu cavallo, e tomando-lhe as redeas d'um safa-não, saca da tesoira de pontas aguçadas, e ali mesmo, á luz do sol, deante do panorama attonito de Coimbra, *zec! zec! zec!* rapa de tres tesoiradas, o cabello ao *Cara-Fatal!*

***

Ora com uma pertinacia d'estas, o Saraiva está de vêr que se formou, e tomava até capello se quizesse. Mas não quiz. Formado, foi para a terra, advogar. E uma vez que eu viajava no Minho, vi á beira d'uma estrada, sobre mi-lharaes espigados, um poste com uma taboleta, e na tabo-leta este letreiro, com uma mãosinha a apontar para o norte.

AQUI ADVOGA-SE

Explicou-me o cocheiro que ali atraz d'uns comoros ficava o escriptorio do «sr. dr. Saraíva...»

— E ganha as questões? perguntei eu.

— Todas. As partes contrarias tomam-lhe medo!

(Alguma vez se haviam-de intender n'este planeta — o Direito e a Força...)

***

Mas o caso que tenho para contar é outro. Ainda foi em Coimbra, e n'uma festa da Rainha Santa. Para vêr melhor a procissão, o Saraiva intendeu por bem trepar para cima d'um carro, e pôr-se de pé no tejadilho, no largo de San-são. Como via tudo muito bem, lobrigou um typo qualquer, meio laponio, que estava em baixo de chapeu na cabeça.

— Pschiu! Tire o chapeu! ordenou-lhe o Saraiva de cima do carro.

O outro não fez caso.

— Pschiu! Já lhe disse que tire o chapeu! insistiu o Saraiva.

O figurão respondeu-lhe torto, e carregou o penante pela cabeça abaixo.

— Logo fallaremos! diz-lhe o Saraiva...

Mas o tal, que era repontão, poz os braços em aza e desafiou-o, de chapeu ás tres pancadas:

— É já, se quer!

O Saraiva desceu-se com muito bons modos, e disse-lhe assim ao pé do ouvido:

— Vá lá adeante e escolha o sitio.

O patêgo não se fez rogado. Abre caminho pelo povileu, toma apressado por umas ruélas esconsas, e o Saraiva, sempre muito serio, ao lado d'elle. Mas já aborrecido da caminhada, eis que depara com um policia não sei aonde, e segurando o patêgo por um braço, a pontos que lhe cahiu de joelhos, vira-se para o policia e diz lhe assim:

— Faz-me um favor, ó 33? Leva-me este sujeito para o Chelindró, que quer por força que lhe parta a cara?...

AZA.

ENCANTADORA

Conheci, outr'ora, um rapazito que dava pelo nome de Pedro e pela alcunha de Poum! Esta creança de seis annos, usando calças curtas e bonnet de velludo que o tornava muito vaidoso, era o mais extraordinario ente do sonho e da chimera, que se poderia imaginar! Lambusado ainda do leite materno, de que uma gotta, ás vezes, lhe pendia da ponta do nariz, o pequeno Poum manifestava a simplicidade atrevida e ingenua de Pierrot, e a alma cheia de credulidade e de gulodice. As orelhas, na verdade, pouco grandes, afastavam-se como azas da sua cabeça de cachimbo; o nariz arrebitado, não tinha nobreza, comtudo os olhos de um azul avelludado de flôr e da limpidez do céu, resgatavam amplamente as imperfeições do pequeno Pedro, e testemunhavam que esta ingenua creaturinha nascera sob a influencia lunar patenteando-se amplamente á imaginação e á poesia.

O amigo Poum, passava então os dias no centro de um grande jardim, que symbolisava para elle, nem mais nem menos que o paraizo — paraizo das suas loucas travessuras, das suas corridas atraz das borboletas; o eden das suas golozeimas, pois que o pomar abundava de ameixas, e a relva juncava-se com os caróços dos fructos comidos; paraizo dos seus medos quando as vespas zumbiam, ou ao

anoitecer a matta começava a cobrir-se de sombras, ou quando Polyphemo, grande cão de guarda, ladrava como monstro selvagem!

N'este paraizo dois seres, aos olhos de Poum completavam com Polyphemo, uma trilogia d'onde se poderia tirar todos os elementos do drama, da comedia, do idyllio e do mysterio de que o minusculo individuo, poeta como todas as creanças da sua edade, recreava o espirito: eram os primos Stéphane e Magdalena, o primo Stép e a prima Mad! O resto do mundo não existia para Poum. A primeira individualidade d'este mundosinho era o primo Stép! Moreno, cabelludo, forte como um turco para os seus dezeseis annos, ninguem melhor do que Stéphane equilibrava uma cadeira na extremidade do nariz, nem levantava no ar uma meza com os dentes. Era dotado de maravilhosas aptidões, disfarçava-se em selvagem e em phantasma. Imitava a voz grossa dos gendarmes, do orangotango e do papão. E que invenções travessas, surrateiras e temiveis o seu cerebro concebia. Algumas vezes mettia medo a Poum ameaçando de o arremessar, sem compaixão, ás iras de Polyphemo! Outras obrigava-o a empallidecer annunciando-lhe que os ladrões, penetrariam certa noite, em casa e estrangulariam todos, a começar por Poum! Stép, sem duvida alguma, possuia o genio cruel de Caliban. Representava o mal, era o Ahrimane do paraizo infantil do meu amigo. Poum ao mesmo tempo que o adorava, execrava-o!

A prima Mad? Essa era a origem da luz e da ternura, a fada, a loura Eva d'este Eden, o Ormuzd feminino. Symbolisava tudo o que é doçura, belleza e bondade; encarnava em si as visões suaves e deliciosas. Quantas vezes debruçada sobre o seu leitosinho lhe beijava os olhos somnolentos e lhe conchegava a roupa para o seu querido Poum dormir descançado; depois os mil preciosos presentinhos: bonecas feitas de trapos, emprestimos de thesouras para recortar estampas ao pé da meza de costura; fatias de

pão barradas com dôce, canções alegres ao pianno com o rythmo semilhante a danças de marionettes. Ah! quanto era bella a prima Mad!

Infelizmente, nem sempre, a encantadora prima estava presente para defender Poum do terrivel Stép!

*
* *

N'essa manhã, por exemplo, Stép estava de mau humor; e Poum, muito encolhido, não tirava os olhos d'elle, sentindo um delicioso e atroz terror de se esgueirar surrateiramente e fugir das vistas do tyranno. Se a distancia fosse grande facil seria a fuga, mas na presente occasião inutil tental-a, pois o primo com duas passadas o alcançaria. Stép, com a mão no queixo, contemplava-o revirando ferozmente os olhos e sorrindo de uma maneira sarcastica e insensata; o silencio era assustador. Para abrir o appetite propozera ao joven *gentleman* de o untar com mel, afim de o fazer devorar pelas vespas e abelhas. Em seguida imitou com rara perfeição Polypheno, ladrando tão forte que este do fundo da sua casa fez côro e pôz em bulicio todos os cães da visinhança. Depois convidou o minusculo primo a assentar-se, retirando bruscamente a cadeira deixando-o cahir sobre as ortigas. Que mais poderia imaginar? De repente exclamou:

— Poum! senhor Poum! — e apoz um certo silencio de agonia exclamou novamente: Poum! eu morro de fome! E mostrava os dentes, revolvendo ao mesmo tempo os olhos como um cannibal:

Poum! estou persuadido que não estás muito gordo, imagino que deves ser coriaceo, prefereria comer coelho, perua, ou leitão. Ora como não tenho á mão nem leitão, nem perua nem coelho, vou-te comer, Poum!...

Poum empallideceu e as pernas tremeram-lhe. De boa vontade diria: «não é verdade! Está a brincar!» porém, teve medo.

Stép continuou:

— Como te comerei, Poum? Esta é a questão! Picado crú e de molho na salmoira? Cortado em pedaços e frito? Cosido na panella ou *salé au court bouillon?* E em que molho? Em mayonnaise, em molho de tomates, de cebolas ou de vinagre? N'um puré de favas, talvez, ou antes... Sem duvida, o que digo!... as batatas estão tão boas n'este momento que... Não, decididamente, comer-te-ei Poum, como um burrego assado no espêto!

E dizendo isto, Stép lança-se sobre a pobre creança e n'um segundo o levou ligado e atado como um salsichão até junto do fogão da cosinha:

— Alli, te espetarei immediatamente.

(E dependurando um terrivel espeto): e emquanto espero que o fogo te attinja vou preparar a meza. Não chores, Poum, peço-te,— a victima começava a soluçar baixinho — não chores porque pódes apagar o fogo!

Stép estende a toalha na meza, dispõe com grande ruido os pratos, corta uma fatia de pão do tamanho da roda de um carro, deita, dando estalos com a lingua, um litro de vinho no grande copo ganho na feira e que era tão largo como um vaso de flores. Depois tirando o relogio da algibeira do collete, parece querer calcular o tempo que gastaria em assal-o, volta-se para Poum que principiava a tornar-se vermelho, assenta-se, cruza as pernas e entrega-se ao seguinte monologo em que as crueis alternativas de esperança succediam-se, para o cordeirinho assado ao desanimo mais horroroso:

— Terei tanta fóme como isso? perguntava a si mesmo Stép — Poderei talvez esperar até amanhã e soltar Poum? Sim, mas elle fugiria! Não, é preciso que Poum seja assado! Vou ler o meu jornal emquanto espero. (E no momento em que desdobrava o jornal, estacou): Tenho eu porventura o direito de comer este pequeno Poum, que é tão gentil, e gosta tanto de ameixas e de dôces? (Tomando um tom de voz terrivel): Sem duvida tenho direito a isso,

porque elle me roubou na semana passada vinte e seis lenços de assoar e estampilhas do correio, no valor de trez mil francos (supposição assaz gratuita, comtudo Poum n'este momento julgou-se quasi culpado e se affligia de ter praticado semilhante roubo). Coragem, acabemos com isto, vou-te empalar!

Em vista d'esta nova ameaça Poum não poude conter-se e começou a gritar e a berrar como um possesso, que toda a casa parecia desabar com o barulho das portas e janellas abertas. N'isto o terrivel Stép de repente desapparece saltando da janella para o jardim, na occasião em que a prima Mad entrava na cosinha em soccorro do pobre Poum quasi desfallecido.

* * *

Agora livre quanto lhe era agradavel caminhar, apezar do coração offegante e dos olhos vermelhos, pela mão de Mad ao longo do jardim em direcção das ameixas, chupando um grosso e consolador rebuçado! Admirando o brilhantismo do sol, absorvendo o cheiro do mel exhalado das flôres e a benignidade das vespas que o não mordiam. Longe de Stép que se escondera e não mais apparecera! Talvez voltasse brandindo o facalhão, não era possivel, tinha sido um sonho, um pezadello. Como bem dissera a prima Mad: «Era a brincar» E até lhe chamara medroso.

Todavia Poum conservava-se assustado e ainda não recobrara de todo o socego; agarrado ao vestido flexivel da querida prima, levantava por vezes os meigos olhos para a contemplar em signal de reconhecimento e para melhor ouvir a sua voz protectora que lhe dizia:

—Corramos Poum! vê se me agarras!

E o seu vestido volteando como uma grande borboleta branca e elle conseguindo sempre agarral-a; como fazia isto. N'esta mutua brincadeira chegam ao pomar das ameixas. Que bello aroma quente e assucarado aquellas arvores exhalavam!

—Espera Poum! recommendava Mad, come antes d'estas, que estão mais maduras!

Comtudo Poum, no meio da sua felicidade sentiu-se de repente deveras embaraçado: acabava de fazer uma descoberta terrivel. Sem se sentir, no auge do susto e da perturbação, na cosinha, quando estivera amarrado diante do fogão, tinha-se... estava... Não haveria duvida alguma! as suas calcinhas alli estavam para prova! E para cumulo da humilhação, a prima Mad notando o seu ar envergonhado, exclamara:—Poum é porco!

Então o meu amiguinho lavado em lagrimas, que a prima procurava enxugar com palavras consoladoras, era conduzido ao seu quarto para se lhe mudar de roupa. E Poum, supplicante, repetia, prevendo a vantagem que Stép tiraria de semilhante catastrophe:

—Não lhe digas, Mad, não lhe digas.

Mad promettia não dizer.

—Jura-me, Mad, jura-me!

Mad jurava.

Agora o pequeno Poum, vestido de lavado, muito animado e contente, porém, ainda envergonhado, dizia-lhe:

—Eu amo-te, Mad, eu amo-te.

E cingindo os braços em volta do pescoço da prima beijava-a com todo o ardor.

—Mad desejo que sejas minha mulher. Quando eu fôr homem casarei comtigo!

Ella respondia:

—Sim.

E ajuntava:

—Pobre pequeno Poum!

*
* *

A gentil protectora tinha razão para dizer: «Pobre pequeno»! como o tempo passa ! O primo Stép é capitão do exercito colonial, em Africa. A prima Mad está uma velha; e Poum, a joven e interessante creança morreu no dia em que, vestindo pela primeira vez calças compridas, o internaram, não sem resistencia da sua parte, n'um lyceu.

Paul MARGUERITE.

RIVAES

(Continuação)

IV

Viuva de um official de infanteria morto de cholera na Crimeia, Madame Delhy obtivera do governo um estanco de tabaco em Beauvais, que dirigia em pessoa porque não tinha mais recursos. O filho unico, admittido como pensionista no lyceu, estudava regularmente, apezar de distrahido, scismador, e pouco saudavel. Aos dezenove annos perdeu a mãe, e, pagas as despezas do enterro, não lhe ficaram cem francos na algibeira. Munido do diploma irrisorio de bacharel em letras, com o cerebro cheio de ambições vagas e lindos sonhos veiu para Paris aonde não encontrou senão trabalhos miseraveis. O pobre rapaz em cujo espirito ardia a pura chama da inspiração, copiou memorias para empreiteiros de obras, vendeu a estudantes um bocado da instrucção classica que adquirira. O pobre poeta de instinctos cheios de elegancia e de requinte, calçou sapatos usados comprados nos remendões e comeu em tabernas fétidas a sopa reles dos pedreiros. Não tinha parentes. O pai, official sem curso, perdera de vista muito antes de morrer os poucos que lhe restavam, camponezes de provincias distantes. A mãe era bastarda e o major quando casara por amor, tivera que illudir os regulamentos militares que, como é sabido, exigem um dote. João Delhy, é certo con-

trahira amizades, durante os annos de escola, e a maior parte dos antigos camaradas habitavam Paris. Mas pertenciam a familias remediadas, e o poeta não procurou nenhum d'elles, evitando-os até por orgulho de pobre.

Durante tres annos, viveu, portanto horrivelmente só. Morava n'uma casa velha do caes de S. Miguel, n'uma tapeira abafadiça no verão, e onde no inverno a agua gelava na bilha. O sitio era tristonho; João Delhy não parava lá senão emquanto dormia os bellos somnos da mocidade. Aborrecia-se de morte. Ai! o tédio das longas horas a escrever á rasa, de companhia com «bohemios», muito ordinarios, com copistas beberrões, quando para ganhar tres francos precisava rabiscar paginas e paginas, com dores nos hombros e caimbras nos pulsos! Ai! os bocejos comprimidos durante as lições a dois francos, em casa de burguezes pobretões, ao canto da mesa da sala de jantar, ao pé do garoto sujo que mettia os dedos no nariz e limpava as pennas ao cabello!...

E ainda se dava por feliz quando tinha copias a fazer e explicações a dar. As horas sem emprego, infelizmente frequentes, matava-as em enormes leituras na bibliotheca de Santa Genoveva ou em passeios sem fim, ao longo do caes ou pelos boulevards suburbanos que ia seguindo vagarosamente absorvido, sem ver nada, resolvendo no cerebro devaneios, que lhe extenuavam o espirito.

Vida tão miseravel, e desluzida acabaria certamente por bestialisar o pobre poeta. Quasi que nem escrevia já e não accrescentava uma linha á collecção de curtos e delicados poemas que apesar de tudo composera, nas horas menos infelizes. Porque a verdade é que a inspiração da gente moça é tão forte como a primavera que faz á roda das cidades brotar florinhas perfumadas nos campos aridos entre cascas de ostras e fundos de garrafas...

João Delhy ia desesperando. Salvou-o o amor.

N'um domingo de junho, tépido e humido depois da chuva, João Delhy divagava no jardim das Plantas. A tarde estava dulcissima, cheirava bem a terra amollecida e a verdura molhada. Do pateo dos bichos a cada instante gritos phantasticos de aves irrompiam. De envolta com o povo, João admirava os cachos rosados das «arvores de Judéa» plantadas por Buffon — hoje mortas quasi todas — quando deparou com aquella que ia ser a sua melhor amiga.

As luvas não primavam pela frescura. Nem as botas. Um vestido preto, em Junho! um reles chapeo de palha remoçado por tres florinhas azues! Mas que explendor de mocidade o d'essa ruiva de vinte annos, de cabellos annellados de cobre fluído, de olhos côr de café, de cutis côr d'aurora! O libertino, o homem com pratica de mulheres, advinharia, á primeira vista, sob a pobre saia da esbelta rapariga quadris e pernas esculpturaes... Mas João Delhy, todo sentimental, não vio senão os olhos côr de café, que o fitavam com doçura.

Era, evidentemente, uma operaria humilde, sem nada que fazer, arrastando por ali o seu domingo. Instinctivamente, sem querer seguio-a á distancia de alguns passos. A rapariga entrou no pateo dos bichos e parou em frente das zebras. João tambem se deteve a pequena distancia, segunda vez os olhos da linda ruiva procuraram, sem fugir tão depressa, os olhos do mancebo. Viva o povo, que é sincero, e sabe abreviar os idyllios! Pouco depois, debruçados quasi cotovello com cotovello na balaustrada que dá para a cova dos ursos, os dois, já menos timidos tinham no olhar claridades precursoras de sorrisos. Decorrido um instante, caminhando ao longo do redil dos antilopes, João Delhy, com os labios seccos e córado até ás orelhas, ousou dizer á rapariga: «Bonitos animaes, não é verdade, menina?» Pozeram-se então a conversar ao lado um do outro. Em face do «palacio dos macacos» já tinham trocado os nomes e quando, uma hora depois os meandros do jardim os traziam pela decima vez em frente do elephante, já vinham,

Deus me perdoe! de braço dado. E tão interessante era a conversa e tão absorvente que nem pela cabeça lhes passou offerecerem um pão de centeio ao pobre pachyderme, coitado, que estendia a tromba com paciencia merecedora de melhor recompensa.

Tenho medo de vos escandalisar, minha bella senhora, que vestis tres toilettes por dia, e que por ventura lançaes sobre estas paginas olhares benignos! Em primeiro logar, nunca jámais vos dignareis reparar se um rapaz qualquer tem ou não bonitos olhos a menos que não pertença á bôa roda, e vos não tenha sido apresentado com todas as cerimonias precisas. E depois, antes de lhe deixardes advinhar a vossa fraqueza, estou certo que lhe terieis imposto toda a especie de provas lentas e difficeis. Precisaria o pobre sujeito ter-vos encontrado em grande numero de jantares, de chás das cinco horas, e de noites de assignatura na Opera e na Comedia-Franceza. Teria que aguentar cinco ou seis vezes a *Favorita* no fundo do vosso camarote, até que animador o vosso olhar se fixasse no d'elle ao ouvir o grande duetto final; e isto só depois de tres bailes e de uma duzia de valsas em que a vossa mão tenha correspondido á sua apertando-a de modo significativo. E não é porque sejaes uma virtude por ahi alem, minha boa senhora, mas unicamente porque exigis do vosso amante todas as formalidades precisas. Fazer a côrte a uma dama é como fazer um curso, e obter os favores da formosura é tal qual como ir passando pelos exames. Perdoareis, senhora, á pobre criança, que João Delhy encontrou no Jardim das Plantas, o ir assim a marchas forçados e ser tão escassa em cerimonias? Receio bem que tomeis por descomedimento, o que não passava de franqueza e ingenuidade...

Durante o passeio no pateo dos bichos, pelo braço do poeta gentil de voz doce e olhar triste, Marietta — assim se chamava a pequena — desfolhara no coração mysterioso malmequer, e a ultima petala caira com a palavra

«muito». Sem demora João confessára a Marietta que era só e infeliz, e logo Marietta concebera o desejo generoso de lhe ser companheira e de lhe dar um poucochinho de ventura. Não vos afflijaes, todavia, minha boa senhora, a rapariga, não cedeu tão depressa como imaginaes a esse enlevo feito de ternura e de caridade. Tal como vós era mulher; tal qual como vós, tinha pudor e até o seu bocadito de *coquetterie*. Foram precisos oito dias e tres entrevistas, á noite, na pacifica rua Cuvier, antes de se decidir a subir com João Delhy á sua agua-furtada do cáes de São Miguel. Mas n'essa noite de primavera houve, lá no alto, no raio de lua que illuminava a trapeira, uma festa de lagrimas e de beijos, como a que eu vos desejo, minha boa senhora, quando julgardes que o vosso apaixonado fez bastante pé de alferes e pode ser admittido ás doçuras do amor...

Orphãa aos dez annos, Marietta fora criada — bem ao Deus dará, valha a verdade! — por um tio carregador na gare do caminho de ferro de Orleans. Bom homem, velhote, abrutado, viuvo sem filhos. Acolhera a sobrinha por bondade, n'um repente do coração, achando commodo tambem deixar de comer por fora, e achar todas as noites a sopa migada e a cama feita pela pequena. Mais tarde Marietta entrara como aprendiza, depois como costureira em casa de Mme Indiana, modista então na voga. Como não era grandemente habilidosa, ganhava salario mediocre e servia principalmente para ir entregar as contas ou para levar as encommendas ás freguezas. Quando encontrou João Delhy no seu caminho, não era innocente, que as conversas d'atelier não primam pela pureza... Deshonrada por um caixeirote aos quinze annos e pouco depois abandonada por elle, passara a viver vida seria, enojada do amor. Mas as meigas caricias de um poeta que respeitava as mulheres, que era delicado nos menores gestos e nas mais simples palavras, embriagaram-n'a, conquistaram-n'a

para todo o sempre. E as duas pobres crianças que na vida nada tinham de bom a não serem os seus beijos, adoraram-se reciprocamente. Marietta pensava constantemente no querido do seu coração, quando costurava, quando corria as ruas de Paris na sua labutação, quando á noite escondia a cabeça no travesseiro, e até quando sonhava. E João só vivia para o minuto em que Marietta trepava a casa d'elle, entre duas voltas na cidade, com uma chapeleira debaixo do braço, e um paraizo no coração e nos olhos. Sentindo-se amado, o poeta retomou coragem, metteu se ao trabalho, e foi então que escreveu em horas de enthusiasmo e alegria o delicioso idyllio dialogado, a *Noite Estrellada*, que mais tarde, quando representado no Theatro-Francez, o fez saudar por todo o publico com o nome de Theocrito parisiense.

Lia João os seus versos ás vezes a Marietta. A rapariga escutava-o encantada, sem talvez perceber bem, mas com o extase da creança mystica que acredita que Jesus em pessoa lhe falla na *Magnificat*. Vaidoso,— e esse é o grande defeito dos rimadores,— João saboreou deliciosamente o prazer de ser admirado, e o seu affecto a Maria cresceu. Certamente que o amor d'ella era maior. N'essa especie de musica não existe nunca a afinação perfeita. João era bom moço mas com certo fundo de egoismo, como todos os artistas verdadeiramente possuidos pela sua arte. Todavia não podia pensar, sem enternecimento e tambem sem satisfação lisonjeira e intima, na boa rapariga, tão simples, que se devotara absolutamente, que se lhe lançara nos braços como quem se atira a um abysmo. Nem podia imaginar a existencia sem ella. As outras mulheres para elle não existiam; e como em summa era justo e grato, não formava um unico sonho de felicidade e de gloria sem lhe associar logo aquella que lhe consolava e encantava a miseria presente.

Havia muitos annos que João e Marietta, reunidos tantas vezes quantas podiam, sempre unidos de pensamento, se

amavam assim, se amavam como só os pobres podem fazel-o, visto que nada mais podem gozar, e não teem cousa alguma que os distraia dos seus sentimentos. Timido por natureza e inteiramente desprovido de iniciativa João ia vivendo, trabalhando um bocado, mas sem procurar meio de se apresentar ao publico, quando o acaso lhe fez encontrar, na taverna aonde ia comer, o velho Saint-Firmin. Nem tinha pensado no theatro ao escrever a *Noite Estrellada*, e o enthusiasmo do cómico causou-lhe admiração. Foi, de certo, sem esperança quasi que lhe confiou o manuscripto. Que demonio podia fazer o pobre contra-regra do Odeon? Assim tambem o poeta ficou mais estupefacto do que alegre, quando quinze depois, recebeu uma carta amabilissima em que a administração da Comedia-Franceza o felicitava pessoalmente do seu trabalho e o convidava sem demora a uma entrevista.

V

Na mesma tarde em que Saint-Firmin lhe confiava o manuscripto da *Noute Estrellada*, Nelly Robin tinha-o lido, de cotovello fixado no travesseiro. De litteratura não entendia muito a linda rapariga. Como muitas actrizes, aprendia de cór o seu papel copiado á parte, sem conhecer a peça, e nos ensaios governava-se o melhor que podia graças aos exforços do auctor e do ensaiador. Mas pelos versos, pelas phrases rimadas fallando de amor, tinha o respeito instinctivo das raparigas da rua, que seguem n'um caderninho barato, as palavras do romance, cantado pelo tocadôr de realejo, em voz avinhada, dando á manivella. Era deliciosa a musica do poema de João Delhy. Commoveu Nelly e pareceu-lhe afinal de contas, muito superior ás coplas de Maupeou e de Loïsa Puget, garganteadas por ella na infancia nas ruas de Belleville. Adormeceu scismando no moço poeta, reduzido a jantar com os cocheiros, e cujos versos lhe tinham acariciado o coração.

O amante de Nelly era então o duque de Eylau, nem mais nem menos do que o filho do heroico marechal, antigo tambôr que batera a carga ao lado de Bonaparte, na ponte de Arcole. Era bonito homem, um tanto fatigado, de maneiras distinctas e intelligencia mais que vulgar; e o segundo imperio só conseguiu fazer d'elle um camarista do paço. Na ceia, presidida pela sua formosa amante, que o duque offerecia no dia seguinte n'um restaurante da moda a alguns familiares das Tulherias, Nelly appareceu trazendo no regalo o manuscripto de João Delhy. A reunião nada teve de estroina. Era tudo gente de cabello grisalho e muito engravatada. Mas o comediante tinha á direita Caduc, secretario particular e amigo intimo do Imperadôr

Era um velho cheio de benovelencia, amigo das letras, omnipotente nos theatros. Nelly fez-lhe prometter que havia de ler a *Noute Estrellada;* e oito dias depois recebia um bilhete de visita do velho cortezão com estas palavras: «É uma obra prima. Corro á Comedia-Franceza.»

Nelly, encantada com o bom resultado da sua recommendação escreveu a Saint-Firmin. Mas o pobre cómico nem poude ler a carta, que lhe levaram ao Hotel-Dieu, onde, havia tres dias, se achava entre a vida e a morte; e como, com receio de ser mal succedido não preveniu o poeta de sua ida a casa da actriz, esta não recebeu resposta alguma, e até ao principio se offendeu com o silencio de Saint-Firmin e do seu protegido. Depois, arrastada pela vida de prazeres, que levava não pensou mais n'isso.

Entretanto a fortuna, que ás vezes tem caprichos, quiz pagar de uma vez a João Delhy o capital e juros.

Não tinham decorrido duas semanas desde que João entregara o manuscripto a Saint-Firmin, quando recebeu uma manhã na cama o bilhete do director da Comedia-Franceza. Marietta não podia vir visital-o n'esse dia, e a pena do poeta foi não poder, no meio da sua alegria louca, annunciar a boa noticia á excellente rapariga. Tambem não era

dia de entrada no hospital, onde de certo, o Saint-Firmin, cheio de febre e variado, não estava em estado de acolher os transportes de reconhecimento do amigo.

Com o coração palpitante, opprimido pelo seu segredo e depois de ter relido dez vezes a prestigiosa carta, João Delhy, para ir de tarde ao Theatro Francez, apurou o vestuario quanto poude. Por felicidade possuia uma sobrecasaca decente e uma bonita gravata, presente de Marietta Sahio e achou ares de festa nas ruas lamacentas, no céo triste e entruviscado de Novembro, e ares de bondade na cara de todos os transeuntes. No thema do garoto a quem deu explicações de latim, deixou passar, distrahido pela felicidade, o hediondo barbarismo «Romanibus» que valeu ao infeliz estudante até ao fim do anno escolar, pezados gracejos do professor. Na tasca, ao lado dos cocheiros, João julgou abancar no meio dos deuses do Olympo, e comeu ambrosia regada com nectar, embora na realidade lhe servissem cabeça de vitella cosinhada em azeite com ranço e um copo de vinho roxo. Depois poz-se a caminho com passo firme e decidido de homem feliz.

Mas chegado defronte da famosa «Casa de Molière» toda a exaltação cahiu. Sentiu-se de repente cheio de acanhamento. Na escada, os retratos pomposos e os bustos emphaticos dos illustres comediantes do passado pareciam olhal-o como a um João-ninguem; e o continuo a quem disse o nome mediu-o dos pés á cabeça com ar de tal modo desdenhoso que o pobre moço perguntou a si proprio se não teria sonhado, e se realmente o teriam chamado a logares tão cheios de arrogancia.

O poeta recuperou, todavia, um bocado de sangue frio em presença do administrador geral que o acolheu com palavras acariciadoras. A peça seria, em breve praso, dois ou tres mezes quando muito, lida perante o «comité», recebida, representada. Era um verdadeiro serviço que o sr. Caduc prestará aos comediantes ordinarios do Imperador revelando-lhes esta pequena obra prima. João estupe-

facto soube que era protegido pelo paço. E como se confundia em agradecimentos:

—Agradeça ao sr. Caduc, respondeu o funccionario. É a esse homem de gosto que o meu amigo deve ser grato... Mora d'aqui a dois passos, na rua de Rivoli...

João partiu logo para casa do velho secretario e foi introduzido n'uma clara e bella livraria com duas largas janellas olhando para o jardim das Tulherias. O amabilissimo velho, — rosto sem barba, cheio de finura, fronte sombreada por espesso cabello branco, — appareceu logo e desenvolveu todas as suas graças de cortezão.

—Nada me deve, meu filho. Pelo contrario será para mim um encanto e um orgulho ter feito partilhar o publico do prazer delicado que me causaram os seus versos... Recebi-os, de resto, das mãos de formosa dama. Foi Nelly Robin, do theatro de Vaudeville que me communicou o manuscripto. Tinha-o recebido, segundo me disse, de um velho actor do conhecimento do meu amigo...

E, perante os ares admirados do moço poeta Caduc accrescentou:

—Não sabia?... Pois são estes os ricochetes do viver parisiense, de que tanto mal se diz, e no qual apezar de tudo o homem de merito nunca vegeta por muito tempo... Ponha, portanto, aos pés de Nelly Robin as homenagens do seu reconhecimento. Ella representa esta noute; encontra-a no camarim... E estou persuadido concluiu o gracioso velho com sorriso levemente libertino, que o poeta ha-de agradar-lhe tanto como a peça.

Nelly Robin!... João Delhy repetiu a si proprio este nome, ao mesmo tempo que vagueava atravez de Paris. Algumas vezes o lera nos jornaes sempre emoldurado em palavras que evocavam o luxo, o prazer, a galanteria. Vira nos vendedores de photographias o retrato da explendida actriz. De maneira que era a Nelly Robin que devia tão grande serviço! O poeta, certamente, não admittia o prejuiso hypocrita, e pouco sincero no fundo, de pessoas aliás sensa-

tas contra as vendedoras felizes do amor. A cortezã! Comtudo o geral das mulheres a invejam, as familias teem-lhe medo; e se a desprezam no intimo, ao mesmo tempo a temem e admiram. Quanto ao homem que ama acha naturalissimo enfeitar o seu idolo, quer se apresente ou não com elle perante o *maire* cingido da faxa tricolor e perante o padre com estola. Ah! se João Delhy fosse rico teria immediatamente presenteado a sua querida Marietta com bellos vestidos e preciosas joias!... Rapariga que se vende! Mulher venal!... Isso parecia-lhe—e tinha razão—injuria demasiado facil. Sentia-se já extremamente commovido ao pensar n'essa creatura, em todo o caso, bella e artista á qual sem duvida ia dever o sahir da miseria e da obscuridade. E depois, qual seria o poeta, que sendo jury, não absolveria o peior dos scelerados se n'elle adivinhasse um admirador!

— Amanhã, quando contar a Marietta a minha aventura, pensava o poeta, ella vae adorar esta Nelly Robin.

Mas logo, duvidando:

— Quem sabe? Talvez Marietta não goste que esta felicidade provenha d'outra mulher...Ora essa! eu lhe farei comprehender...

E sósinho vagueava ao acaso no meio da multidão que pairava nos Campos Elyseos, tendo-se esquecido já da amante e não pensando senão na bella bemfeitora. Quantas horas não lhe faltavam ainda para a vêr! Recebel-o-hia no camarim. Ia finalmente penetrar n'esses arcanos do theatro, nos bastidores mysteriosos, representados na imaginação dos ingenuos da sua especie como catacumbas de devassidão. Como se apresentaria a Nelly? Tão pouca confiança tinha em si que tremia de parecer ridiculo e desastrado! Onde encontrar a phrase correcta e insinuante para manifestar o seu agradecimento? Sem duvida, a actriz sorrir-lhe-hia e estenderia a mão perfumada... E o sensual poeta attribuia ao reconhecimento a perturbação que sentia no coração.

N'essa mesma noute, Nelly chegara ao Vaudeville mal humorada. Nem tudo são rosas na vida dos artistas. O duque d'Eylau,— de cincoenta e quatro annos, magestoso como um cavallo de cortezias — infligira a Nelly, desde as quatro horas ás seis da tarde, uma partida de *bésigue*, e as indignações de camarista a proposito de um erro genealogico publicado no Almanach de Gotha. A formosa artista entrara furiosa no camarim e desabafara a ira com a costureira. Porém, incapaz de conservar-se por muito tempo zangada, sentou-se em frente do toucador, conservando o espartilho e os hombros cobertos pelo penteador, que se esquecera de abotoar, e começava a *faire sa figure* quando o contraregra vem annunciar que o sr. João Delhy desejava falar-lhe.— João Delhy?... Quem é esse João Delhy?... Ai! sim o joven poeta, amigo de Saint-Firmin... Até que finalmente! Demorou-se bastante em vir agradecer! Mande-o entrar.

Nelly perdoara-lhe já a demora da visita e não pensava senão em receber com toda a amabilidade possivel, este rapaz tão pobre e tão intelligente.

Quando Delhy appareceu no limiar da porta, pallido de emoção, a actriz levantou-se, conservando o penteador aberto, dando azo a vêr-se um collo esculptural, e dirigindo-se ao encontro do poeta com as mãos estendidas:

— Entre senhor, para que felicite... É encantadora a peça que escreveu, e espero que dentro em pouco tempo será representada e vivamente applaudida... Approxime-se para que o veja e conheça.

Attrahindo-o, convidou João Delhy a assentar-se ao seu lado no estreito divan. E emquanto João deslumbrado e embriagado pelo acolhimento cordeal, pelo perfume do camarim, pela pressão e contacto quente das mãos sensuaes da mulher, apenas balbuciava agradecimentos e desculpas; a encantadora actriz contemplava-o.

Nelly contava então trinta annos de edade e um longo passado de seducção. Porém, de repente, foi completa-

mente invadida por uma sensação nova, por uma especie de corrente magnetica, esquisita e dolorosa ao mesmo tempo que a enervava e excitava, entorpecendo-lhe as pernas e aquecendo-lhe o cerebro perturbado. E conjunctamente com a perturbação physica, experimentava tambem um enternecimento delicioso, que a envolvia como um banho e a penetrava como um golpe rapido de aguçada faca.

Pela primeira vez na vida, amava.

(Continúa).

François COPPÉE.

O OUTOMNO DE UMA MULEHR

PRIMEIRA PARTE

(Continuação)

IV

Tinham recomeçado a doce vida d'antigos amantes, e com ella os colloquios ternos, as intelligencias mudas onde só falam os olhos que se procuram, as mãos que se apertam.

De novo, sahiam juntos todos os dias, e n'esses passeios quotidianos, o espirito de Mauricio acabou de insinuar-se lentamente na alma de Julia. Os papeis, comtudo, estavam um pouco mudados. Mauricio tornou-se mais amante, mais submisso; a crise da confissão tinha-lhe aguçado o desejo; tornara-se-lhe mais precioso o bem que imaginara perder. Reprimiu as caricias arrojadas. Julia, que o percebia, era-lhe grata por isso: no entretanto, conservou-se em guarda, nunca perfeitamente tranquilla quando estavam sós. O silencio, a immobilidade constrangida de Mauricio, não mostravam tão claramente o seu desejo como o fariam os gestos e as palavras? A vigilancia perpetua d'esse pensamento casto contra os projectos do amante começou a en-

fraquecel-a: pois não é uma cruel ironia do amor abrandar as bravezas do pudor na propria resistencia? Cada defeza de uma mulher, approxima-a da derrota.

Semi-vencida já por tal esforço, podia ella manter-se firme contra o pesar de Mauricio? Este soffria visivelmente; via-se cada vez mais o seu emmagrecimento, a sua pallidez. E pensar que era ella mesma, Julia, que o tinha tratado e salvo, quem agora ia desfazer a sua obra e atormental-o! Não, não podia ser; era como se lhe pedissem, que lhe batesse, que o matasse. Foi ella propria quem rescindiu o mutuo contracto de continencia, e restituiu as felicidades furtivas, que um dia lhe quizera retirar. Mauricio, inquieto e incerto, aventurava-se lentamente...

E depois, era só nas horas de solidão que ambos se abandonavam ás reflexões, aos projectos de ataque ou de resistencia. Juntos, não pensavam n'isso. Passeiavam atravez de Paris o seu par, tão visivelmente apaixonado, que os transeuntes se voltavam para vêl-os com a curiosidade terna, que faz nascer a esteira do amor.

O outomno prolongou-se, fez recuar o inverno; no meio de dezembro houve ainda bellos dias de sol. Alguns d'estes palpitavam em brisas tépidas, perfumadas não se sabia onde, sem duvida nos verões immutaveis da Africa: traziam um encanto triste, o das alegrias mortaes que trazem comsigo esta advertencia: «Eu sou talvez a ultima.» Por vezes, tornava-se mais aguda a doçura agonisante da atmosphera: o ceu, sempre limpido, parecia crystallisar-se em frio diamante; a terra e a agua gelavam. No chão endurecido, sonoro, Mauricio e Julia gostavam então de caminhar a pé para as alturas d'onde a cidade se descobre, por entre as transparencias invernaes, até para lá dos fortes. Deixavam o coupé esperando-os, e açoutados, córados, estimulados pela brisa áspera, subiam Montmartre, Chau-

mont, como estudantes em ferias, encostados um ao outro, a mão d'elle apertando dentro do regalo a mão da sua amiga...

Sobretudo, attrahiam-os as alturas de Montmartre, onde lentamente vão subindo as paredes da nova basilica. Quasi todas as semanas ali subiam juntos. Mauricio entretinha-se com a procissão dos peregrinos, com a multidão dos mendigos, dos leiloeiros religiosos que enxameiam nos arredores: a capella provisoria com as suas promessas, as suas bandeiras, e os seus corações bentos, parecia-lhe uma loja de bric-à-brac divino. Julia, ajoelhada deante do altar, resava, não se cançava de resar. Fitava com os seus olhos cheios de confiança aquelle meigo Christo louro que apontava com o dedo, sorrindo tristemente, o seu coração traspassado, apparente sobre a tunica azul:—«O que lhe pede ella?» pensava Mauricio. Pedia-lhe muito humildemente, muito sinceramente, que prolongasse as horas presentes, ao mesmo tempo que purificasse a sua reciproca ternura. Pedia que o coração de Mauricio se tranquilisasse, que elle se contentasse com os affagos castos que ella lhe concedia. Entre o vapor aromatico exhalado por aquella capella, por todas aquellas velas, por todas aquellas reliquias,—o seu amor, como o incenso dos thuribulos, sublimava-se até ás regiões do extase: parecia-lhe que o divino ferido lhe sorria, que abençoava os seus votos, e que se celebrava entre o seu amigo e ella como que uma especie de casamento mystico... No entretanto, Mauricio contemplava-a. Gostava d'ella assim, na sua fraqueza de mulher; gostava da sua piedade infantil, da sua fé resoluta, apesar d'essa fé ser inimiga dos seus secretos designios. Acompanhava com os olhos a curva ondulosa do corpo d'ella apoiado na estante do genuflexorio, a nuca pallida sob os cabellos vivazes, e as mãos finas deixando distinguir entre ellas o adoravel perfil. Pensava: «Como é deliciosa!... Como eu a amo!...» Por um momento Julia era sanctificada; Mauricio sentia um effluvio de pensamentos

sãos acalmar desejos, que elle não ousava já confessar a si mesmo.

... Então, uma cumplicidade de acontecimentos como que emprehendeu a tarefa de tental-os, multiplicou as occasiões de solidão, de intimidade, que os perturbavam. Concluida a installação da casa, resolveram inaugural-a com a assistencia do todo Paris, por uma grande festa que devia affirmar a riqueza da nova direcção, a prosperidade dos negocios. Esta festa foi longamente discutida entre os moradores da casa e seus dois amigos familiares, Daumier e o barão de Rieu. Concluiram por concordar com a opiniao de M. Surgère: um baile mascarado, no qual um grupo de convidados cuidadosamente escolhidos formariam uma quadrilha Directorio. Mauricio foi incumbido de desenhar os trajos. Vestiu Antonio Surgère de general Mélas; Esquier, embora protestasse contra as caracterisaçôes, submetteu-se a levar um uniforme de commissario dos exercitos; Clara vestir-se-hia de creadinha da epoca; Mme Surgère de Mme Tallien. Naturalmente foi este ultimo fato que occupou sobretudo Mauricio: elle participou de todos os segredos das provas; viveu um mez inteiro na intimidade do toilette interno de Julia. Ás vezes esta assustava-se, farejando o perigo. Mas esforçava-se por se tranquilisar, mentindo a si mesma: «Porque lhe não hei de consentir, pensava, o que consinto a um costureiro?» Como confessar a si mesma, que não era já, oh! não, a innocente Julia da irmã Cosyma, do abbade Huguet? Depois da conquista do seu espirito, do seu coração, eis que a sua propria carne se dava lentamente, irresistivelmente. Animava-se uma primavera, e tomava calor no limiar do seu outomno. Nascia-lhe, já no declinar, uma alma de apaixonada, reavivando n'ella o gosto e a sciencia de agradar. As palavras, essas caricias aladas dos passantes que roçam pelas mulheres formosas, as palavras que ella deixava outr'ora cahir no chão sem reparar n'ellas, recolhia-as agora; encantavam-a,

porque queriam dizer: «És formosa; Mauricio póde amar-te.» Até mesmo a differença das edades, que ao principio tinha dado um apoio á sua resistencia, não a assustava agora; esquecia-a. E cumpria-se o milagre; já não tinha edade, tinha a mocidade immortal das que se sentem amadas. As pessoas que se cruzavam com elles, vendo Mauricio com a mão apoiada no braço da sua amiga, achavam o par muito proporcionado, muito natural e pensavam: «São dois bellos amantes.» D'este modo os dois iam avançando d'olhos fechados para o termo inevitavel...

N'aquella doce febre da espera, Mauricio esquecia Clara. Mas, contra sua vontade mesmo, o seu destino tramava-se na sombra. No dia em que Julia disse deante d'elle, muito simplesmente: «A nossa querida Clara chega-nos ámanhã,» o pensamento de que essa outra mulher seria testemunha de que elle tinha outros amores, perturbou-o. — «Vae soffrer com isso, pensou elle. Pobre creança!» Mas já não tinha força para dissimular junto d'ella... «Amo muito Julia, não posso...» Em seguida, admirou-se de si mesmo! «E Clara a querida innocente, é possivel que eu a não ame já?» Evocou a marcha toda dos seus amores singulares, as recordações cariciosas da villa dos Cravos. Sentiu que todas essas cousas estavam ainda no seu coração, que eternamente ahi estariam. Presentemente, uma espessa camada de cinzas as tinha sepultado, como ás aldeias da costa napolitana; mas essa mortalha conservava-as para o futuro. Amordaçou a sua consciencia, argumentou: «É uma creança. Temos tempo deante de nós... Havia de me algemar por causa de umas puerilidades? Depois, a vida é assim mesmo, esta maré oscillante das affeições...» Por fim, deu a si proprio esta razão: «Não posso casar com Clara, que é rica, quando agora estou pobre.» Não ousava confessar a si mesmo que, no seu intimo, se estagnava uma esperança ruim: a esperança de que o futuro havia de ar-

ranjar tudo, dando-lhe estas duas alegrias: a esposa depois da amante.

Clara chegou; appareceu; a sua vida misturou-se com a d'elles. E na verdade Mauricio chegou a crêr que o seu desejo se realisava, que a creança não soffreria: ao principio, esta não viu nada, não comprehendeu nada. Tinha-se costumado tanto ao pensamento que Mauricio a amava e que o papel d'ella, até ao casamento, seria, amando-o, defender-se contra elle, que a primeira impressão que teve foi a de allivio, achando-o tão quieto ao seu lado. Mauricio teve a hypocrisia instinctiva de lhe tributar ainda algumas attenções; e não era inteiramente hypocrisia: o seu amor proprio, o seu egoismo queriam sentil-a sua, sempre sua, mesmo quando elle tinha o pensamento n'outra parte. A perturbação em que essa creança fivava com um simples apêrto da sua mão, provou-lhe que o seu imperio persistia. Saboreava, n'essa vida dupla, uma excitação superior, uma alegria não inteiramente perversa, nascida do exercicio poderoso da faculdade de amar.

Mas em breve esse mesmo papel lhe pesou; não podia pensar n'outra cousa senão em Julia. Sentia-a uma preza quasi conquistada; Clara era apenas um sonho vago, a reserva indecisa do futuro. Esqueceu-a por um certo tempo, despresou-a; ella acabou por perceber. O que soffreu ao adivinhar que Julia se tornava para Mauricio alguma cousa como o que ella mesma tinha sido, foi ao mesmo tempo revolta, dôr e espanto. Pareceu-lhe que lhe tiravam injustamente o seu quinhão de vida, que a torturavam abusando da sua fraqueza; e ao mesmo tempo não comprehendia bem, na simplicidade do seu coração de rapariga, como é que uma mulher que a tinha creado, que ella considerava como uma especie de mãe, lhe podia disputar o seu amigo. Era inverosimil, iniquo e impuro; ao passo que ella teria acceitado a lucta contra uma companheira, contra uma outra rapariga. Os seus olhos surpresos e serenos, despertos agora, parados sobre Mauricio e Julia, es-

preitavam-os, perturbavam-os, como uma consciencia independente d'elles, que os accusava. Julia humilhou-se: «Esta creança é honesta e casta, pensava ella... Tem o direito de desprezar-me... Nunca, nunca se deixará tentar como eu!» Mauricio, irritado com aquellas pupillas reprehensivas sempre fixas n'elle, principiou a ser brusco com Clara.

No entretanto chegou a noite do baile. Para receber os primeiros convidados, Julia tinha delegado Clara, a qual, grave e sorrindo no seu trajo de *soubrette* Directorio, desempenhava as suas funcções com a sua facilidade habitual. Durante esse tempo, Mme Surgère acabava de vestir-se, auxiliada por Mary, por uma das «primeiras» de Chavannes, e por Mauricio que tinha sido necessario mandar chamar por causa do ultimo retoque... Elle estava ali, com os dedos febris, o sangue nas faces sob a sua pelle morena, dando opiniões com uma voz que por momentos se quebrava. Quando eram muito vagarosos em comprehendel-o, levantava-se bruscamente, arranjava elle mesmo uma prega, fixava um alfinete... Enchia o quarto a desordem do fato recentemente despido; o ar estava aromatisado de essencias, misturadas com o cheiro dos cabellos saccudidos, da pelle nua. Mauricio contemplava, pela primeira vez, os hombros, os braços, o decote de Julia; a nudez d'elles era obra sua: não quizera que essa admiravel linha fosse quebrada por nenhuma joia, por nenhuma pulseira; e eil-o agora desfallecendo á vista de tudo, com a garganta estrangulada...

Concluida a toilette, a «primeira» de Chavannes deixou o quarto, guiada por Mary; um instante, Mauricio e Julia ficaram sós. Ella teve medo d'elle, immediatamente, como de uma força doida que sentia não ser capaz de dominar... Os olhos d'elle, pregados no seu busto, despiam-a: sentiu-se envolta n'uma nuvem de desejo que a incendiou e fez estremecer repetidas vezes... Com um movimento de pu-

dor irresistivel pegou n'uma faxa de renda, que estava em cima d'uma cadeira; embrulhou com ella os hombros, os braços, o pescoço, toda aquella pelle que soffria por se sentir nua.

Vendo esse gesto de defeza, o ambar claro das pupillas de Mauricio perturbou-se; teve um calafrio: Julia, assustada, viu-o levantar-se, avançar para ella. Um momento, chegou a crêr que elle ia tentar uma violencia; a mão de Mauricio, tremula de febre, tocava no seu braço nu... Mas essa mão, crispada sobre a faxa, teve apenas força para arrancal-a n'um gesto breve; e, tão depressa lh'a tirou, apertou-a junto ao rosto, levou-a aos olhos, á bôcca, aos dentes, respirou-a, mordeu-a... E Julia sentiu na sua carne mais secreta aquelles olhos, aquellas narinas, aquella bôcca, aquelles dentes... Soltou um ai, como se a tivessem ferido e, com as faces incendiadas, fugiu d'ali.

Sósinho no quarto vasio, Mauricio deixou cahir das mãos a faxa de renda odorifera. Sentia-se quebrado, elle tambem, transtornado como se essa cousa inerte, que elle acabava de amarrotar, estivesse viva e palpitante. Entrou no quarto de toilette, passou no rosto uma esponja humida; mas esta ainda estava completamente impregnada do perfume pessoal da Amada. Então, tomado de medo no meio d'aquelle quarto encantado, fugiu como um ladrão, alcançou pelo corredor a escada da ala esquerda que descia directamente para o jardim. Evitou assim o achar-se envolto na espiral das carruagens; a uma e uma, ao sol irradiante dos globos electricos, estas despejavam deante do portão a sua carregação elegante, mulheres cingidas de nuvens brancas, abafadas em longas capas, — *gentlemen* correctos, acompanhando-as. Passeiou no parque. O tempo estava frio: a terra gelada soava debaixo dos pés; o ceu, de cristal diaphano, estava todo salpicado de estrellas pallidas, que pareciam brilhar longe, muito longe atraz d'elle. Passeiando no ar gelado, Mauricio procurava acalmar a febre: primeiro não o conseguiu. Depois essa febre regula-

risou-se, e as pancadas do seu pulso, sem deixarem de ser tão rapidas, passaram a ser mais rythmadas. Pensava no que acabava de se passar... «Estas scenas hão de recomeçar, não tem duvida nenhuma. Vivemos na mesma casa, vêmo'nos continuamente. Ama-me bastante para eu poder fazer d'ella o que me aprouver... Eu tambem a amo; havemos de ser amantes.»

Com estes pensamentos, estava-se demorando. Assim como um peregrino se admira, depois dos perigos do caminho, de avistar já os telhados da cidade, assim elle sentia antecipadamente as tristezas da posse.

Approximou-se da casa: a fachada voltada para o parque estava deslumbrante de luzes, vistas atravez do ligeiro arrendado das folhas. As carruagens entravam ainda, com mais raridade. Embaciados de vapor, os vidros não deixavam transparecer senão um grande clarão no qual passavam para um e outro lado sombras. Subitamente, o frio d'essa noite de geada injectou-se nos membros de Mauricio, e fel-o estremecer. Penetrou em casa pelo mesmo caminho desviado, depois atravessando a sala de jantar, alcançou o salão pelo interior dos quartos. Entrou assim no baile sem ser visto, evitando a porta principal, perto da qual estava agora Mme Surgère, recebendo. Quasi todos os convidados lhe eram desconhecidos: gente da finança, jornalistas, pessoas da sociedade cosmopolita. Poude encaminhar-se, sem apertar muitas mãos, até ao posto de observação, que tinha escolhido, a segunda janella depois da entrada. D'ahi, bem occulto na sombra do vão, via Julia.

Como estava formosa! As commoções recentes, o calor da multidão attrahiam ás suas faces toda a seiva vivaz do sangue; esse ardor contrastava com a pallida maturação dos hombros e do collo, que o espartilho largamente chanfrado deixava resplandecer, mais attrahente que uma nudez, porque a tunica larga retida por um fio ligeiro parecia prestes a desprender-se, a cahir sobre o tapete.

Não longe d'ahi, proximo do fogão monumental, Antonio Surgère, vestido de generalissimo austriaco, conversava com o barão de Rieu, simplesmente vestido de casaca preta.

Mauricio observava a attitude dos homens quando se approximavam de Julia. O desejo fazia-lhes subitamente chammejar os olhos. Alguns, sem pudor, chegavam-se muito perto, como para descobrirem da nudez alguma cousa mais do que mostrava o espartilho. Quando a approximação d'outros fazia retirar os primeiros, via-os trocarem entre si gestos vagos e meios sorrisos... Adivinhava perfeitamente o que diziam! Crispavam-se-lhe os dedos; queimava-lhe o peito o rancor do sexo em vista do prazer que os outros sentem com o objecto amado. Tinha vontade de se atirar a elles, de os afastar d'aquella mulher, á qual não tinham direito. No entretanto confessava que aquella admiração brutal dos outros lhe fazia desejar Julia com mais ardor. O seu pensamento foi então brutal como o olhar d'esses homens: «Quero-a... quero-a... hei de tel-a... esta noite mesmo!» E elle que, ainda ha pouco, apenas ousava levar aos labios um tecido inerte, perfumado no contacto oloroso de Mme Surgère, sonhou violencias.

«Hei de seguil-a e entrar no seu quarto... Não ousará gritar...»

N'esse instante, Julia sentiu fixados n'ella, como momentos antes os vira no seu quarto, os olhos de Mauricio; assustou-se com a sua brutalidade hostil, quasi odiosa... Não via já quem estava perto d'ella, quem lhe falava. E não poude reprimir-se d'ir para o amado, de tranquillisar a sua propria inquietação interrogando-o:

—Deixa-te ficar aqui, disse ella a Clara, que se conservava modestamente afastada. Recebe por mim, eu já venho.

Esquier ia passando, gravemente vestido com o seu uniforme azul de cinto tricolor, e grandes bandas vermelhas. Ella enfiou-lhe o braço e disse-lhe:

— Peço-lhe que me conduza até ao pé de Mauricio.

— Não sei se sabe que está lindissima, disse o banqueiro.

Julia sorriu.

— Cumprimentos seus, meu velho amigo?

— Sim, meus, como de toda a gente... É a rainha do baile. O seu exito quasi que faz escandalo.

E pondo affectuosamente a mão na mão d'ella, accrescentou:

— Minha querida amiga, sabe como gosto de si, pois não é verdade? Pois então, faça diligencia por não ser tão formosa.

O pensamento grave que ella estava lendo no fundo do olhar pacifico d'Esquier deteve o sorriso no rosto de M.me Surgère.

Esta, balbuciou:

— Tão formosa! mas porquê, Deus meu?

N'este momento, estavam mesmo ao pé de Mauricio. Esquier saudou a sua companheira e, apontando para o amigo:

— Por causa d'este! disse elle.

Mauricio apenas ouviu estas palavras. Perguntou:

— O que disse Esquier?

— Não entendi, respondeu Julia.

Dizia verdade. Tinha apenas adivinhado uma advertencia sob as palavras enygmaticas d'Esquier. Mauricio continuou, sem lhe offerecer o braço:

— Então... não está farta de mostrar os hombros?

Julia ficou um momento interdicta. Era elle, o seu amigo, que lhe falava assim? Uma dor misturada de vergonha, de pudôr offendido, fez-lhe trasbordar o coração. Assaltada por uma dolorosa vontade de chorar, balbuciou muito baixo:

— Oh! Mauricio!

Essas lagrimas, quasi rebentando, satisfizeram o rancor do seu apaixonado. Este sentiu então, apenas, o descon-

tentamento de si, o desejo de se fazer perdoar, e a necessidade de apertar aquella mulher adoravel, immediatamente de encontro ao coração:

— Perdão, disse elle, eu sou mau, não sei amal-a. Não chore, por amor de Deus, não consinta que ninguem lhe veja os olhos com lagrimas; já nos estão observando. Dê-me o seu braço.

Ella acceitou-o, abrindo inteiramente o leque para encobrir o rubor.

Atravessaram bastante depressa os dois grandes salões: no segundo, estavam já reunidos em torno da mesa os jogadores. Um reposteiro separava este salão do *boudoir* musgo. Quando ali entraram, estava apenas um convidado, defronte d'um espelho, endireitando a gravata, o qual, feito isto, logo desappareceu.

— Ah! meu Deus! que bem se está aqui! exclamou Julia sentando-se.

O ambiente tepido d'aquelle quarto ligeiramente aquecido, parecia-lhe fresco ao sahir das salas onde se dançava. Mauricio sentou-se n'umas almofadas, aos pés da sua amiga. Contemplou-a em silencio; mas esse olhar fixo, voluntario, perturbava-a.

— Para que está a olhar-me assim? murmurou ella, tentando rir.

Elle respondeu gravemente:

— Porque é muito formosa... Parece-me que a vejo hoje pela primeira vez.

Sons d'orchestra, enfraquecidos pela distancia, amortecidos pelas tapeçarias, chegavam ainda ali, ao mesmo tempo que o sussurro dos jogadores no salão contiguo. Julia sentiu-se desarmada, vencida pela necessidade de ouvir aquella voz dizer-lhe que era formosa, que era amada.

Fixou então em Mauricio olhares cheios de ternura. Elle, encostou a face no joelho dobrado de Julia. E, a sós com ella, como estavam ali, o desejo atormentava-o menos.

—É necessario que me ame, murmurou elle. É necessario que não seja de mais ninguem n'este mundo senão minha. Porque eu, tambem, não tenho ninguem mais!

Ella tomou-lhe entre as mãos a cabeça querida; levantou-a para si, para a sua bôcca. Tinha esquecido o baile e o mundo. As resonancias dolorosas da voz do seu amigo tinham dado volta ao seu coração fraco. Nenhuma força, n'esse momento, a teria impedido de o attrahir a si e de lhe responder:

—Para que precisas dizer-me que te ame? Pois não sabes que n'este mundo só te amo a ti? Adoro-te!

E sentiu nas fontes a frescura dos braços de Julia, e na testa o ardor da sua bôcca. E então, inebriado, ergueu meio corpo, derrubou sobre as costas da poltrona a amiga exaltada e muda, e mergulhou a bôcca no pescoço, nos hombros, no peito nu e arquejante. Ella não resistia, verdadeiramente digna de dó na sua fraqueza. Mauricio teve, repentinamente, consciencia de que estava abusando de um momento de confusão e de excitação nervosa; dominou-se com um impulso forte da sua vontade. Tornou á posição humilde de um momento antes; beijou a mão inerte que lhe pendia proximo dos labios:

—Perdôe-me, murmurou elle.

Julia replicou, com a voz entrecortada:

—Como somos ambos imprudentes!... Meu Deus!... meu Deus!...

E brandamente, como se reza, accrescentou:

—Deixa-me, Mauricio, volta para a sala.

Elle obedeceu immediatamente. Os seus pensamentos agitavam-se-lhe em turbilhão no cerebro. N'esse momento, em que a piedade e a ternura lhe faziam comprehender, partilhar, e como que adorar os escrupulos de Julia, não parecia já o mesmo homem que, ha pouco ainda, pensava: «Hei de tel-a... hei de tel-a esta noute!»

«Sou louco; em verdade, louco. O que eu amo em Julia, é a sua honestidade. O nosso prazer não pode ser maior,

quando ella tiver sido minha amante. E teremos perdido uma parte da nossa ternura.»

— Anda a falar sósinho? disse uma voz ao seu lado.

Era o doutor Daumier, encostado, juntamente com o cirurgião Frœder, na hombreira de uma porta. Estavam conversando das mulheres que passavam, que redemoinhavam no enlace dos valsistas, varrendo os sobrados com as suas caudas semi-arregaçadas. Analysavam-as, despiam-as, em termos crus.

Mauricio esteve a ouvil-os um bocado.

E pensava:

«Como os homens são inconsequentes! Tiveram cuidado de vestir o amor com todas as exterioridades de pudôr e de poesia que falseiam a nossa optica, que desvairam o nosso juizo, cada vez que a natureza nos leva a desejar uma mulher. E quando estão juntos a observar mulheres, deleitam-se em macular esse laborioso ideal. Eu proprio, sou tão inconsequente e tão falto de respeito como os outros; ouço, sem repugnancia, talvez mesmo com alegria, que uma d'ellas, se é bonita, entrega o seu corpo por dinheiro, pelo prazer da devassidão... E agora hesito, no ultimo momento, em apossar-me da mulher que adoro!»

Afastados dos valsistas, no canto onde se amontoavam os accessorios, Rieu e Clara, que deviam conduzir o *cotillon,* conversavam,— o barão inclinado junto ao ouvido de Clara.

«Dar-se-ha caso que estejam flirtando? pensou Mauricio... Clara consola-se. É o mesmo; n'esse jogo, o barão deve ser um fraco parceiro.»

Um pouco irritado, sem querer confessal-o, saccudiu a sua vontade indecisa:

«Ora! Vivamos! Deixemos cumprir-se o inevitavel; depois veremos!»

Apesar das suas hesitações, dos seus escrupulos, aquecia-o a esperança do amor proximo.

«Tenho soffrido muito, pensou. A vida não tem sido boa

para mim, tem-me experimentado rudemente. Pois bem, esta é a desforra!»

Em torno d'elle, o baile endoidecia a multidão. Tinham sahido já alguns convidados: mas os que ficavam não eram simples passantes desdenhosos ou constrangidos: ficavam pelo prazer de se agitarem, de cingirem cinturas de mulher, de seguirem uma intriga. Ora, a essa hora tardia, n'essa atmosphera sobreaquecida, carregada do pó dos alvaiades, do suor volatilisado dos corpos, rasgava-se por si mesmo o contracto estabelecido entre o desejo humano e o pudôr social; ninguem parecia perceber um afrouxamento consentido por todos. Mauricio, tendo deixado Frœder e Daumier, reparava na universal impudencia d'aquella turba. Giravam pares, tão estreitamente apertados, quasi encastrados, que n'aquelle valsar a mulher entontecia, como n'um leito. Separavam-se aos ultimos accordes da musica — e gelavam de repente n'uma affectação de cortezia mundana.

Outros, sentados á parte, conversavam tão baixo que os seus labios quasi se não abriam; mas a lubricidade dos olhos falava bastante claro... Bastava observal-os para comprehender, aqui a fervorosa instancia d'uma entrevista — concedida por fim no momento em que o idolo se levantava, dando uma data, n'uma palavra brusca, breve,— ali o colloquio ancioso onde se evocam as antigas caricias, onde as palavras se insinuam com os olhares pelas entre-aberturas dos corpetes, penetrando n'ellas como dedos.

E as mães cobriam com olhar satisfeito esses apartes da filha com o homem que a enervava; os maridos jogavam pacificamente o poker, nas salas proximas, entregando toda a noute sua mulher aos ataques dos homens; e todos esses responsaveis por aquellas almas imaginavam ou affectavam crêr que, finda a noute, voltariam o socego e a ordem aos corações perturbados das filhas e das mulheres, tão facilmente como os moveis e os estofos retomariam o seu logar habitual nos salões devastados pelo baile.

Mauricio pensava:

«Que ironia, que tartufice, o pudor do mundo! Só a egreja é rasoavel com os seus dogmas claros, frios, cortantes como o aço... Tal cousa é permittida, tal não o é. Uma menina, uma mulher não devem ir ao baile, porque isso lhes excita os nervos. Eis uma sentença simples... A Egreja tem razão.»

Mas o seu pensamento desorientou-se. Clara dirigia-se para elle. Estava tão possuido n'esse momento pela imagem de Julia, que olhou para aquella com desinteressada curiosidade.

«Ainda é magra de mais para se decotar. E depois, com as luzes, aquella brancura de pelle, aquelles cabellos excessivamente pretos... chegam a fazer medo... Parece uma morta a andar.»

— Está incommodada? perguntou-lhe elle.

(Continúa)

Marcel PRÉVOST.

LOURDES(*)

PRIMEIRO DIA

II

(Continuação)

— Por favor! só mais um bocadinho!

Queriam todos ouvir o seguimento, ardendo em curiosidade, como se não conhecessem a historia, de tal modo os subjugavam os pormenores cheios de enternecida humanidade que o narradôr accrescentava. Os olhares não se desfitavam de Pedro, e todas as cabeças se estendiam para elle, phantasticamente illuminadas pelas lampadas vacillantes. E não eram só os doentes: as dez mulheres do compartimento do fundo, tambem, enthusiasmavam-se, voltavam os pobres rostos cheios de fealdade, aformoseadas pela crença ingenua, felizes por não perderem uma palavra.

— Nada! não posso! declarou soror Jacintha. O programma é formal. Agora estamos em silencio!

Entretanto cedia, tão interessada tambem que sob o escapulario tinha como que uma palpitação de coração. Maria insistiu outra vez, supplicante; ao passo que o pae, M. de Guersaint, que escutava com ar de grande prazer, decla-

* Por contracto com Emilio Zola a propriedade da traducção d'este romance em lingua portugueza, pertence á empreza da Leitura.

rou que toda a gente ia adoecer, senão se continuasse; e como M.me de Jonquière sorrisse com ar indulgente, a religiosa acabou por ceder.

—Pois está bom! mas só um quarto de hora quando muito, não é verdade? Senão ficaria eu em falta.

Pedro esperara pacificamente sem intervir. E continuou com a mesma voz penetrante, em que a duvida se misturava ao dó pelos que soffrem e esperam.

Entretanto a narração continuava em Lourdes, na rua dos Petits Fossés, rua triste, estreita, e tortuosa que desce entre casas pobres e muros toscamente rebocados. No rez do chão de um d'esses predios melancolicos, no fim de uma viella negra, os Soubirous occupavam um quarto unico, em que dormiam sete pessoas, o pae, a mãe, e os cinco filhos. A luz era escassa, porque o pateo interior, pequenino e humido, recebia apenas uma claridade esverdeada. Para ali viviam em monte, e quando havia pão, comia-se. Nos ultimos tempos o pae, moleiro de profissão, achava trabalho com difficuldade. E era d'aquelle recanto escuro, do meio de miseria tão atroz, que por essa fria quinta-feira de fevereiro, Bernadette, a filha mais velha, ia apanhar lenha com Maria sua irmã mais nova e com Joanna uma amiguinha da visinhança.

Desenrolou-se então, demoradamente, o lindo conto: de como as tres rapariguinhas desceram ás bordas do Gave, do outro lado do Castello, de como acabaram por encontrar a ilha do Chalet, em frente do rochedo de Massabielle, separadas só pelo estreito canal do moinho de Savy. Era um logar selvagem, para onde muitas vezes levavam as varas de porcos, que, quando vinha de repente um aguaceiro, se abrigavam debaixo do rochedo, em cuja base se excavava uma especie de gruta pouco profunda, obstruida de roseiras bravas e de silvas. Havia pouca lenha e Maria e Joanna atravessaram o canal por verem do outro lado farta colheita de ramos seccos, trazidos e depositados pela corrente; ao passo que Bernadette, delicada, «mais meni-

na» ficava na margem opposta a desesperar-se, não se atrevendo a molhar os pés. Tinha uma doença no casco e a mãe recommendara que embrulhasse bem a cabeça no capello, no grande capello branco que se destacava sobre o vestido velho de lã preta. Quando viu que as companheiras a não queriam ajudar, resignou-se a tirar os tamancos e as meias. Era cerca de meio dia, as nove badadas deviam resoar na torre parochial, vibrando no ceu alto e sereno de inverno, velado de fina pennugem nebulosa. E foi n'esse momento que grande perturbação a invadiu, soprando-lhe nos ouvidos com tal ruido de tempestade que Bernadette julgou ouvir passar um furacão, que descesse das montanhas: olhou para as arvores e ficou estupefacta porque nem uma folha bolia. Depois julgou ter-se enganado, e ia pegar nos tamancos, quando novamente o grande sopro a atravessou; mas d'esta vez a perturbação passava-lhe dos ouvidos para os olhos, e já não via as arvores, deslumbrada por uma brancura, especie de claridade viva, que lhe pareceu fixar-se no rochedo, por cima da gruta, n'uma fenda estreita e alta, semelhante a uma ogiva de cathedral. Aterrorisada cahiu de joelhos. O que era aquillo, Deus meu? Nos tempos peores, quando a asthma a opprimia mais, passava pessimas noutes em sonhos sem fim, sonhos muitas vezes dolorosos, que, ainda ao acordar a abafavam, até mesmo quando de nada se lembrava já. Rodeiavam-n'a as chammas, o sol passava em frente d'ella. Sonhara, porventura, assim na noute precedente? Seria a continuação de algum sonho esquecido? Depois, pouco a pouco, uma forma esboçou-se vagamente e julgou reconhecer uma figura, que a luz viva tornava completamente branca. Temendo que fosse o diabo, com o cerebro cheio de historias de feitiços, poz-se a rezar nas contas. E quando, extincta a luz a pouco e pouco, foi ter com Maria e Joanna depois de atravessar o canal, ficou surprehendida de que nem uma nem outra tivessem visto nada, emquanto apanhavam lenha em frente

da gruta. E, de volta a Lourdes, as tres rapariguitas vieram conversando: então Bernadette tinha visto alguma cousa? Mas Bernadette, desasocegada, com alguma vergonha, não queria responder; finalmente disse que tinha visto fosse o que fosse vestido de branco.

Desde então o boato partiu d'ali e foi crescendo. Os Soubirous, informados do caso, zangaram-se com a creancice, prohibindo a filha de voltar ao rochedo de Massabielle. Mas todas as creanças do bairro repetiam já a historia, e os paes tiveram que ceder, no domingo, deixando Bernadette voltar á gruta, com uma garrafa de agua benta, para saber com certeza se não se tratava de cousa diabolica. Tornou a vêr a claridade e a figura que se completava, sem mostrar medo á agua benta. E na quinta feira voltou ainda, acompanhada de outras pessoas, e foi n'esse dia sómente que a Senhora resplandecente se incarnou ao ponto de lhe dirigir finalmente a palavra: «Faça-me a graça de vir aqui durante quinze dias.» Pouco a pouco a Senhora revelava-se em contornos mais precisos, e o «fosse o que fosse vestido de branco» tornava-se n'uma Senhora mais bella que uma rainha, como só a gente vê nos livros de estampas. Ao principio, perante as perguntas com que a visinhança a perseguia desde pela manhã até á noute, Bernadette mostrara-se hesitante, agitada de escrupulos. Depois dir-se-hia, que pela propria suggestão dos interrogatorios, a figura accentuava-se, assumia uma vida definitiva, tomava linhas e côres, das quaes, nas suas descripções, a creança nunca mais se affastou. Os olhos eram azues e muito meigos, a bôcca rosada e risonha e a oval do rosto tinha ao mesmo tempo uma graça juvenil e maternal. Sob a borda do veu que lhe cobria a cabeça e lhe descia até aos pés surgia discretamente uma pequena porção dos admiraveis cabellos louros. O vestido, todo branco, deslumbrante, devia ser de estofo desconhecido na terra e tecido com raios de sol. Da facha, azul celeste, atada a tiracollo, pendiam duas longas pontas fluctuantes, leves como

a brisa da manhã. As contas do rosario, enfiadas no braço, eram brancas como leite, ao passo que as cadeias e a cruz eram de ouro. E sobre os pés nus, pés adoraveis de neve virginal, floriam duas rosas de ouro, rosas mysticas d'essa carne immaculada de mãe divina. Onde tinha Bernadette visto essa Virgem Santa, tão tradicional na sua composição simplice, sem uma joia, e de uma graça primitiva popular e infantil? Em que livro de estampas do bom padre que lia cousas tão bonitas? Em que estatueta, em que quadro, em que janella colorida da egreja pintada e dourada de Bartrés? Sobretudo as rosas de ouro nos pés nus, deliciosa creação de amor, florescencia devota da carne feminina, em que romance cavalleiroso se originaria, em que historia contada na lição de cathecismo pelo padre Ader, em que sonho inconsciente passeado á sombra dos arvoredos de Bartrés, repetindo sem fim «os mysterios» da Saudação Angelica?

A voz de Pedro mais uma vez se enterneceu, porque se não dizia todas estas cousas aos simples de espirito que o ouviam, a explicação humana que sem duvida, no intimo d'alma, tentava dar a tanto prodigio, tornava a sua narração fremente de sympathica fraternidade. Para elle Bernadette era ainda mais digna de amor pelo encanto da sua allucinação: essa Senhora tão graciosa, tão lhana, apparecendo e desapparecendo cheia de amabilidade. A grande luz apparecia primeiro, depois a visão formava-se, ia, vinha, inclinava-se, mechia n'um fluctuar insensivel e ligeiro; e, ao desvanecer-se, a luz persistia ainda por instantes, para se extinguir logo como astro que morre. Não podia ter Senhora alguma d'este mundo rosto tão branco e rosado, tão cheio da belleza infantil das imagens de primeira communhão. As roseiras bravas da gruta nem lhe feriam os pés nus, adorados, floridos de rosas de ouro.

E Pedro, immediatamente, narrou as outras apparições. A quarta e a quinta realisaram-se na sexta feira e no sab-

bado; mas a resplandecente Senhora, que ainda não dissera o seu nome, sorriu apenas e cumprimentou sem dizer palavra. No domingo chorou e disse a Bernadette: *Reza pelos peccadores!* Na segunda feira, querendo talvez experimental-a, deu á pobre creança o grande desgosto de lhe não apparecer. Mas, na terça feira, revelou-lhe um segredo pessoal, que nunca deveria ser divulgado; depois indicou-lhe a missão de que a encarregava:— *Vae dizer aos padres que é preciso construir aqui uma capella!* Na quarta feira murmurou repetidas vezes esta palavra: *Penitencia! penitencia! penitencia!* que a pequena repetia beijando o chão. Na quinta feira disse-lhe:— *Vae beber e lavar-te á fonte, e come da herva que está ao lado,* palavras que a vidente percebeu afinal, quando, por entre os dedos, lhe brotou uma fonte, no fundo da gruta; e este foi o milagre da «fonte encantada». Decorria a segunda semana: a Senhora não appareceu na sexta feira, mas foi pontual nos cinco dias seguintes, repetindo as ordens que dera, contemplando risonha a humilde rapariga da sua escolha, que, a cada apparição, rezava o rosario, beijava o chão e subia de joelhos até á fonte para beber e para se lavar. Emfim na quinta feira, 4 de março, ultimo dia das mysticas entrevistas, pediu com mais instancia a construcção de uma capella, afim de que os povos para ali caminhassem em procissão, de todos os pontos da terra. Todavia, até então, a todos os pedidos de Bernadette recusara sempre dizer quem era; e foi só na quinta feira 25 de março, tres semanas mais tarde, que a Senhora juntando as mãos e levantando os olhos ao ceu, dissera: *Eu sou a Immaculada Conceição!* Duas vezes ainda appareceu com intervallos bastante grandes, em 7 de abril e em 16 de julho: a primeira para o «milagre do cyrio,» quando a creança por descuido teve a mão muito tempo sobre um cyrio sem se queimar; a segunda vez para a despedida, ultimo sorriso e ultimo adeus gentil e amoravel. Foram, portanto, dezoito apparições, bem contadas, e nunca mais tornou a mostrar-se.

Pedro como que se desdobrava em dois. Ao passo que narrava o bello conto phantastico, agradavel aos desgraçados, evocava no seu intimo a figura de Bernadette tão querida, tão digna de dó, e cuja flôr de sofrimento desabrochara de modo tão bello. Segundo o dizer brutal de um medico, a rapariguinha de quatorze annos, soffrendo da puberdade tardia, ja trabalhada pela asthma, não passava em summa de uma «irregular» do hysterismo, uma degenerada com certeza, que permanecera infantil. Se não tinha crises violentas se nos accessos não havia a rigidez de musculos, se a rapariga conservava a recordação precisa dos sonhos, taes circumstancias caracterisavam como documentos curiosos a originalidade do seu caso; e é só o inexplicado que constitue o milagre, porque a sciencia sabe tão pouco, no meio da infinidade dos phenomenos que variam segundo as differentes creaturas! Quantas pastoras, antes de Bernadette, não viram a Virgem do mesmo modo, no mesmo accesso de puerilidade! Pois não era sempre a mesmissima historia, a Senhora vestida de luz, o segredo revelado, a fonte que brota, a missão a desempenhar, os milagres cujo encanto feiticeiro vae converter as multidões? E é sempre o mesmo sonho de creancinha pobre, a mesma illuminura de livro de missa, o ideal feito de tradicional belleza, de meiguice e amabilidade, a ingenuidade dos meios e a identidade do fim, libertação de povos, construcções de egrejas, procissões de fieis! Depois todas as palavras que descem do céo parecem-se umas com as outras, são exhortações á penitencia, promessas de soccorro divino; só havia de novo a exclamação extraordinaria: *Eu sou a Immaculada Conceição*, que surgia ali como util reconhecimento, por parte da propria Virgem, do dogma promulgado pela côrte de Roma, tres annos antes. Não era a Virgem Immaculada que apparecia, mas a Immaculada Conceição, a propria abstracção, a cousa, o dogma, de forma que poderia duvidar-se se a Virgem teria fallado de tal modo. As outras palavras era possivel

que Bernadette as ouvisse e as tivesse guardado n'um recanto inconsciente da memoria. Mas esta affirmação d'onde é que vinha, para trazer ao dogma ainda em discussão o prodigioso apoio do testemunho da Mãe concebida sem peccado?

Em Lourdes a commoção era enorme, acudiam multidões, principiavam a produzir-se milagres, ao passo que se declaravam as inevitaveis perseguições que asseguram o triumpho das religiões novas. E o padre Peyramale, parocho de Lourdes, grande homem de bem, espirito recto e vigoroso, podia dizer com razão que não conhecia a creança, que nunca a vira nas lições do cathecismo. Onde estava portanto a pressão exercida, a lição ensinada?

Nada havia, afinal, a não ser a infancia passada em Bartrés, as primeiras lições do padre Ader, conversações talvez, ceremonias religiosas em honra do recente dogma, ou simplesmente a dadiva de uma medalha das muitas que profusamente se tinham distribuido. O padre Ader, que prophetisara a missão da Vidente, não torna a apparecer, nem figura na subsequente historia de Bernadette, apezar de ter sido o primeiro que sentiu entre as mãos piedosas desabrochar a alma da extraordinaria creança. E todas as forças ignoradas d'essa aldeia perdida nos montes, recanto de verdura supersticioso e acanhado, continuavam a soprar, entretanto, perturbando os cerebros, alargando o contagio do mysterio. Houve quem se lembrasse de que um pastor d'Argelés fallando do rochedo de Massabielle predissera que grandes cousas deviam succeder ali. Outras creanças entravam em extase, com os olhos arregalados e os membros sacudidos de convulsões; mas essas viam o demonio. Uma aragem de loucura parecia soprar no paiz. Em Lourdes, uma senhora idosa declarava que Bernadette não passava de uma feiticeira, e que lhe vira nos olhos a pata de um sapo, signal caracteristico. Para os outros, para os milhares de peregrinos que acudiam pressurosos, era uma santa, a quem beijavam os vestidos. Solu-

ços irrompiam, um phrenesi levantava as almas, quando Bernadette cahia de joelhos em frente da gruta, com um cirio acceso na mão direita, desfiando com a esquerda o rosario. Transfigurava-se então, muito pallida, formosissima. As feições traduziam meiguice, distendendo-se com expressão de extraordinaria beatitude, ao passo que os olhos se lhe enchiam de claridade, e que a bôcca entreaberta mechia como que pronunciando palavras que se não ouviam. E era bem certo que a creança não tinha vontade propria, invadida como estava pelo sonho, possuida por elle a tal ponto, no meio estreito e especial em que vivia, que até o continuava accordada, e que o acceitava como unica realidade indiscutivel, prompta a confessal-o a troco do seu sangue, repetindo-o incessantemente, teimando, nos mesmos pormenores invariaveis. Bernadette não mentia, porque não sabia, nem podia, nem queria querer outra cousa.

Pedro agora levado pela corrente das idéas, pintava o quadro encantadôr da antiga Lourdes, villasinha religiosa, adormecida no sopé dos Pyrineos. Outr'ora o Castello, situado no rochedo em que se crusam os sete valles do Lavedan, era a chave das montanhas. Mas, hoje em dia, desmantelado, não passava de um pardieiro em ruinas, á entrada de um bêcco. A vida moderna vinha esbarrar ali, contra o formidavel baluarte dos picos cobertos de neve; e só o caminho de ferro atravez dos Pyrineos, se o tivessem construido, poderia estabelecer a activa circulação da vida social, estagnada n'esse recanto perdido como um tanque d'agua dormente. Esquecida, portanto, Lourdes dormitava, feliz e pachorrenta, no meio da paz de seculos, com as suas ruas estreitas, calçadas de pedregulhos, e as suas casas escuras, com molduras de marmore. Os velhos telhados amontoavam-se ainda todos para leste do Castello; a rua da Gruta, que se chamava então rua do Bosque, era um caminho deserto e impraticavel; casa alguma

descia até ao Gave, que rolava as aguas espumantes atravez da absoluta solidão dos salgueiros e das grandes hervas. Na praça do Marcadal eram raros os transeuntes nos dias de semana, mulheres que iam ás compras, pequenos proprietarios passeiando os seus ocios; e só nos domingos ou nos dias de feira se encontrava ali a população em trajos domingueiros, a multidão dos creadores que desciam com o gado dos planaltos longinquos. Durante a estação das aguas, a passagem dos banhistas de Cauterets e de Bagnéres dava tambem certa animação, diligencias atravessavam a villa duas vezes por dia; mas vinham de Pau por uma estrada detestavel, e era preciso passar a vau o Lapaca que sahia do leito frequentes vezes; depois subiam a ingreme rampa da rua Baixa, passavam o adro da egreja sombreado de ulmeiros. E quanta paz em roda da velha egreja, meio hespanhola, cheia de antigas esculpturas, de columnas, de retabulos, de estatuas, povoada de visões de ouro, e de carnações pintadas, recosidas pelo tempo, que se entreviam ao clarão de lampadas mysticas! Toda a população ia ali assistir aos officios divinos, e encher os olhos com o mysterioso sonho. Incredulos não havia. Era um povo cheio de fé primitiva, e cada corporação marchava sob a bandeira do respectivo santo, confrarias de todo o genero reuniam os cidadãos, nas manhãs de festa, em uma unica familia christã. E o resultado era que, como flôr rara nascida em vaso de eleição, uma grande pureza de costumes reinava: os rapazes para se perderem nem encontravam um só lugar de libertinagem, todas as raparigas cresciam no bello perfume de innocencia, debaixo dos olhos de Nossa Senhora, Torre de marfim, Throno de Sabedoria.

Percebia-se perfeitamente que Bernadette, nascida em terra de tamanha santidade, florescesse ali como rosa natural desabrochada nas roseiras bravas dos caminhos! A pequena Vidente era realmente a florescencia d'essa terra

antiga cheia de crença e de honradez e não brotaria certamente n'outra parte, não podia produzir-se e desenvolver-se senão n'essa raça atrazada, no meio da paz adormecida de um povo pueril, sob a disciplina moral da religião. E quanto amor não desabrochou logo em torno d'ella! que cega fé na sua missão, que consolação immensa e que esperança logo apoz os primeiros milagres! Longo brado de allivio acabava de acolher a cura milagrosa do velho Bouriette, que recuperara a vista, e a do pequenino Justino Bouhohorts, que resuscitava na agua gelada da fonte. Finalmente a Virgem Santa intervinha em favor dos desesperados, forçando a natureza madrasta a ser justa e caridosa! Era o reinado novo da omnipotencia divina, que revolucionava a lei do mundo para felicidade dos pobres e dos doentes. Multiplicavam-se os milagres, surgiam dia a dia cada vez mais extraordinarios, como provas innegaveis da veracidade de Bernadette. E a pequenina Vidente era sem duvida a rosa do canteiro divino, que via nascer em redor todas as outras flôres de graça e de salvação!

Pedro chegara a este ponto, contava outra vez os milagres, e ia continuar com o prodigioso triumpho da Gruta, quando soror Jacintha, acordada em sobresalto do encanto em que a lançara a narrativa, se poz vivamente de pé:

—Na verdade, já é falta de juizo... Estão a dar onze horas...

Era facto. Tinham passado Morceux, chegavam a Mont-de-Marsan. E a religiosa bateu as palmas.

—Silencio, meus filhos, silencio!

D'esta vez ninguem se atreveu a revoltar-se, porque soror Jacintha tinha razão, era preciso ter juizo. Mas que pena não se poder ouvir o resto, ficar assim em meio da historia! Até as dez mulheres do compartimento do fundo, murmuraram desgostosas, ao passo que os doentes, de rosto sempre attento, com os olhos muito abertos para a claridade da esperança, que brilhava ao longe, pareciam

escutar ainda. Tanto milagre, repetido incessantemente, acabava por possuil-os de alegria enorme e sobrenatural.

—E não quero ouvir uma só palavra que seja, accrescentou soror Jacintha em tom alegre, senão ponho de castigo a delinquente!

Madame de Jonquière riu com bonhomia.

—Obedeçam, meus filhos, durmam, durmam socegados, para terem força ámanhã para rezar na Gruta, com todo o coração!

Então reinou silencio, ninguem falou mais; apenas se ouviu o ruido surdo das rodas, os solavancos do comboyo, caminhando a toda a força de vapor, na calada da noute.

Pedro não poude dormir. A seu lado M. de Guersaint resonava já ligeiramente, com ares de bemaventurado, apesar da dureza do banco.

Muito tempo vio o padre, Maria com os olhos abertos, cheios ainda das maravilhas acabadas de narrar. Fixava-os n'elle ardentemente; e depois fechava-os, não sabendo Pedro se ella dormitava ou revivia, de palpebras cerradas, o continuo milagre. Agora os doentes sonhavam alto, tinham risos inconscientes, entrecortados de gemidos. Talvez estivessem a vêr os archanjos a fender-lhes as carnes, para lhes arrancar a molestia. Outros, atacados de insomnia, voltavam-se de um para outro lado, abafavam um soluço, olhavam para a sombra fixamente. E Pedro, fremente de todo o mysterio evocado, fora de si e não podendo dominar-se n'aquelle meio delirante de fraternidade cheia de soffrimento, acabava por detestar a sua propria razão, em communhão estreita com a gente humilde, resolvido a acreditar como ella. De que servia o complicado inquerito physiologico ácerca de Bernadette, afinal tão cheio de lacunas? Não cumpriria antes acceital-a como mensageira divina, eleita do desconhecido? Os medicos não passavam de uns ignorantes, com mãos brutaes, quando seria tão agradavel adormecer com fé infantil nos jardins encantados do impossivel! Pedro teve finalmente

um delicioso momento de abandono, não procurando explicar mais nada, acceitando a Vidente com o seu cortejo sumptuoso de milagres, entregando-se todo nas mãos de Deus para que pensasse e quizesse em seu logar. E olhava para fora, pela vidraça, que ninguem se atrevia a descer por causa dos phtysicos; e via, banhando os campos, a noute immensa, atravez da qual o comboyo ia de fugida. A tempestade devia ter desfechado ali, porque o ceu estava de uma pureza nocturna admiravel, como lavado pela chuva. Grandes estrellas reluziam, sobre o vehiculo sombrio, illuminando sósinhas com mysterioso clarão os campos refrescados e mudos, que desenrolavam até ao infinito, a solidão negra e somnolenta. Pelos campos, pelos valles, pelas collinas, o comboyo de miseria e soffrimento rodava sempre, sobreaquecido, empestado, lamentavel, e gemebundo, no meio da serenidade augusta da noute tão bella e tão serena.

Á uma hora da manhã tinham passado Riscle. O silencio continuava, allucinado, doloroso, no meio dos solavancos. Ás duas horas, em Vic de Bigorre, ouviram-se gemidos abafados: o mau estado da linha sacudia os doentes com trepidação insupportavel. E só em Tarbes, ás duas horas e meia, quebraram finalmente o silencio e resaram as orações da manhã, ainda em plena escuridão da noute. Era o Padre-nosso, e a Ave-Maria, era o Credo, era a prece implorando a felicidade de um dia glorioso. Ó Deus meu! dae-me força bastante para evitar o mal, para praticar o bem, para soffrer todos os trabalhos!

Agora só deviam parar em Lourdes. Mais tres quartos de hora apenas, e Lourdes resplandecia, cheia de immensa esperança, no fundo de noute tão cruel e tão longa! A ideia punha uma nota febril no despertar doloroso, e uma agitação derradeira subia, no meio do mal estar e do abominavel soffrimento que recomeçava.

Mas soror Jacintha, principalmente, preoccupava-se com o homem, cuja face coberta de suor não cessava de enxugar. Vivera até ali o pobre moribundo e a religiosa velava-o, não tendo fechado os olhos por um instante, escutando-lhe a respiração entrecortada, cheia do desejo de o levar pelo menos até á Gruta.

Teve, porém, um receio repentino; e dirigindo-se a M.me de Jonquière:

— Queira passar-me depressa a garrafa do vinagre... Não o ouço respirar.

Effectivamente havia um instante que se lhe não sentia o folego. Tinha ainda os olhos fechados e a bôcca entreaberta; mas a pallidez não podia já augmentar. Estava frio, côr de cinza. E o wagon rodava, com o seu ruido de ferragens, a velocidade do comboyo parecia crescer.

— Vou esfregar-lhe as fontes, volveu soror Jacintha. Ajuda-me, sim?

O homem de repente, a um solavanco mais aspero, cahiu com o rosto para a frente.

— Ai! Deus meu! ajudem-me, levantem-n'o!

Levantaram-n'o: estava morto. E foi preciso tornal-o a assentar no seu canto, com as costas contra a divisoria. Ficara direito, com o tronco hirto, e só movia levemente a cabeça a cada movimento do wagon. O comboyo lá o ia levando, no mesmo trovejar surdo, ao passo que a locomotiva contente talvez por chegar, soltava silvos agudos, toda uma fanfarra de alegria dilacerante, atravez da noute serena.

Então, durante interminavel meia hora, a jornada acabou, na companhia do morto. Duas grandes lagrimas brilharam nas faces de soror Jacintha; depois, de mãos postas pozera-se a rezar. Todo o wagon vibrava de commoção, á vista do terrivel companheiro, que não chegara a tempo aos pés de Nossa Senhora. Mas a esperança podia mais que a dôr, e todas as doenças ali amontoadas embora despertassem, crescessem e se irritassem com a fa-

diga esmagadora, nem por isso um cantico de alegria deixou de celebrar a entrada triumphal na terra dos milagres. Os doentes acabavam de entoar a *Ave Maria Stella,* no meio das lagrimas que as dôres lhes arrancavam, exasperados, ululantes, n'um clamor crescente em que os gemidos terminavam em brados de esperança.

Maria tomara novamente entre os dedinhos cheios de febre a mão de Pedro.

— Ai! meu Deus! o pobre homem que morreu, e eu que tinha tanto medo de morrer antes de chegar!... E cá estamos afinal!

O padre tremia, possuido de infinita commoção.

— É que ha de pôr-se boa, Maria, e eu hei de ficar curado tambem, se rezar por mim.

A locomotiva silvava mais violenta, no fundo das trevas azuladas. Chegavam. As luzes de Lourdes brilhavam no horisonte. E todo o comboyo entoava um cantico mais, a historia de Bernadette, a infinita lamentação de seis duzias de coplas, em que a saudação angelica teimosa, enlouquecedora, volta sempre como estribilho, abrindo o ceu do extase, de par em par.

SEGUNDO DIA

I

O relogio da estação, com o mostrador illuminado por um espelho, marcava tres horas e vinte. E, sob o alpendre que cobria a plataforma, de cerca de cem metros de comprimento, sombras vagueavam, resignadas a esperar. Ao longe, nos campos negros, via-se apenas a luz vermelha de um signal.

Dois dos passeiantes pararam. O mais alto, um padre da Assumpção, o reverendo padre Fourcade, director da peregrinação nacional, chegado na vespera, era homem de sessenta annos, de bella presença, com a sua romeira preta de longo capuz. A formosa cabeça, de olhos claros e dominadores, de espessa barba grisalha era a de general inflammado pela vontade intelligente da conquista. Mas arrastava um pouco as pernas, atacado subitamente de um accesso de gotta, e encostava-se ao hombro do companheiro, o doutor Bonamy, medico addido á repartição da verificação dos milagres, homemsinho atarracado, de olhar embaciado, e grossas feições tranquillas.

O padre Fourcade tinha interpellado o chefe da estação, que sahia do seu gabinete a correr.

—Faz obsequio de me dizer se o comboyo branco vem muito atrazado?

—Não, meu reverendo padre, dez minutos quando muito. Deve chegar ás tres e meia... Mas estou preoccupado com o comboyo de Bayonna, que já devia ter passado.

E seguiu o seu caminho para dar uma ordem; depois voltou, magro e nervoso, agitado, no meio da febre que o tinha de pé, durante noutes e dias, por occasião das grandes peregrinações. N'esse dia esperava elle, afóra o serviço habitual, desoito comboyos e mais de quinze mil passageiros. O comboyo cinzento e o comboyo azul, os primeiros que tinham partido de Paris chegaram á hora regulamentar. Mas o atraso do comboyo branco aggravava tudo, tanto mais que o expresso de Bayonna tambem não estava assignalado; e comprehendia-se a continua vigilancia que era necessaria, e como o pessoal todo devia estar álerta a cada segundo.

—Dez minutos então? repetiu o padre Fourcade.

—Sim senhor, em dez minutos cá o temos, a menos que não haja precisão de fechar a linha! exclamou o chefe da estação, que ia correndo ao telegrapho.

Vagarosamente o padre e o medico recomeçaram o pas-

seio. Do que se admiravam era de que nunca tivesse havido accidente grave, no meio de tal precipitação. D'antes sobretudo reinava incrivel desordem. E o padre recordou-se da primeira peregrinação, que organisara e conduzira, em 1875: a terrivel, interminavel jornada, sem almofadas, sem colxões, com doentes semi-mortos, que não sabiam como reanimar; depois a chegada a Lourdes, o desembarque n'uma baralha enorme, sem material algum preparado, nem correias, nem cadeirinhas, nem carruagens. Hoje existia uma organisação poderosa e um hospital esperava os doentes, que não eram como d'antes obrigados a dormir sob telheiros em montes de palha! Que choque para os pobres desgraçados! Que força de vontade no homem cheio de fé que os conduzia ao milagre! E o padre sorriu docemente ao pensar na obra que levara por deante.

E agora encostando-se ao hombro do doutor ia fazendo perguntas.

—Quantos peregrinos tivemos no anno passado?

—Cerca de duzentos mil. A media mantem-se... No anno da coroação da Virgem o numero subiu a quinhentos mil. Mas foi preciso uma occasião excepcional e um esforço consideravel na propaganda. É claro que multidões assim não se juntam com facilidade.

Houve um silencio e depois o padre murmurou:

—É certo... A obra é abençoada, prospéra de dia em dia, e juntámos perto de duzentos e cincoenta mil francos para esta viagem. E Deus será comnosco, ámanhã terá o doutor uma quantidade de casos a comprovar, estou convencido.

Depois, interrompendo-se:

—É verdade... O padre Dargelés não veiu?

O doutor Bonamy fez um gesto vago, para dizer que não sabia. Este padre Dargelés era encarregado da redacção do *Jornal da Gruta*. Pertencia á ordem dos padres da Immaculada Conceição, installados em Lourdes pelo bispo, e que eram ali senhores absolutos. Mas quando os padres da As-

sumpção traziam de Paris a peregrinação nacional, a que se juntavam os fieis de Cambrai, Arras, Chartres, Troyes, Reims, Sens, Orleans, Blois, Poitiers, punham certa affectação em desapparecer completamente: ninguem mais via a sua omnipotencia, nem na Gruta, nem na Basilica; pareciam entregar todas as chaves, e todas as responsabilidades. Só o padre Dargelés, baixinho, muito insinuante, se encontrava por toda a parte em cata de apontamentos para o jornal. Sómente, se os padres da Immaculada Conceição desappareciam, nem por isso deixava de se lhes perceber a presença por detraz do vasto scenario, força escondida e soberana, que cunhava moeda, trabalhando indefessa para a prosperidade triumphal da ordem. Utilisavam até a propria humildade.

— É verdade, volveu o padre Fourcade, que foi preciso levantar-se a gente bem cedo, ás duas horas da manhã... Mas eu por mim queria cá estar. O que diriam os meus pobres filhos?

Era assim que chamava aos doentes, á massa em que se operavam os milagres; e jamais deixara de se encontrar na estação, fosse qual fosse a hora, á chegada do comboyo branco, comboyo lamentavel, trasbordante de dôres.

— Tres horas e vinte e cinco, faltam ainda cinco minutos, disse o doutor Bonamy, que abafou um bocejo olhando para o relogio, muito seccado no fundo, apezar dos ares obsequiosos que apparentava, por ter saltado da cama tão cedo.

Na plataforma, semelhante a um passeio coberto, o vagaroso desfilar de gente continuava, no meio da noite espessa, que os bicos de gaz illuminavam de zonas amarelladas. Gentes vagas, em grupos pequenos, padres, sujeitos de sobrecasaca, um official de dragões, iam e vinham sem parar, com discretos murmurios de vozes. Outros assentados em bancos ao longo da fachada, conversavam tambem, enchendo-se de paciencia, olhando vagamente para a campina tenebrosa. Os escriptorios e as salas de espera, viva-

mente illuminados, recortavam na escuridão relativa as suas portas claras; e já na buvette tudo resplandecia, vendo-se as mesas de marmore, o balcão carregado de cabazes de pão e de fruta, de garrafas e de copos.

Mas, principalmente, á direita, na extremidade do alpendre, havia um borborinho confuso de gentes. Era d'esse lado, por uma porta das recovagens, que haviam de sahir os doentes. Um ajuntamento de cadeirinhas e de carrinhos, entre montes de almofadas e de colchões, obstruia o largo passeio. E tres turmas de «brancardiers» se encontravam ali, homens de todas as classes, mormente rapazes da melhor sociedade, trazendo todos ao peito a cruz vermelha orlada de côr de laranja e a correia amarella. Muitos tinham adoptado o «beret», o commodo barrete do paiz. Alguns vestidos, como para longinqua expedição, tinham bellas polainas subindo até ao joelho. E uns fumavam, ao passo que outros instalados nos carrinhos, dormiam ou liam um jornal, ao clarão dos bicos de gaz visinhos. E havia, á parte, um grupo que discutia questões de serviço.

De subito, os «brancardiers» cumprimentaram. Um homem com aspecto bonacheirão chegava com o seu rosto espesso e cheio de bondade, cabellos alvos de neve, grandes olhos azues de creança crédula. Era o barão Suire, uma das grandes fortunas e uma das grandes situações de Tolosa, presidente da Hospitalidade de Nossa Senhora da Salvação.

— Onde está o Berthaud? perguntava elle com ar azafamado, onde está o Berthaud? Preciso falar-lhe.

Cada um respondia por sua parte, dando informações contradictorias. Berthaud era o director dos «brancardiers». Uns acabavam de vêr o senhor director com o reverendo padre Fourcade, outros affirmavam que devia estar no pateo da estação, a inspeccionar as carruagens da ambulancia.

— Se o senhor presidente deseja que vamos em procura do senhor director...

—Não, não, obrigado. Eu mesmo o vou procurar.

E, durante este tempo, Berthaud que acabava de assentar-se n'um banco, na outra extremidade da estação, conversava com o seu primo e amigo Gerard de Peyrelongue, emquanto esperava o comboyo. Era homem de cerca de quarenta annos, de bello rosto largo e regular, que conservara as suas suissas bem cuidadas de magistrado. Pertencendo a uma familia legitimista militante, e elle proprio de opiniões muito reaccionarias, era procuradôr da Republica n'uma cidade do sul, desde 24 de maio, quando, no dia seguinte aos decretos contra as congegações, se exonerou, ruidosamente, por uma carta insultante, dirigida ao ministro da justiça. E não ensarilhou armas, entrou á guisa de protesto na Hospitalidade de Nossa Senhora, vinha todos os annos tomar parte nas manifestações de Lourdes, convencido de que as peregrinações eram desagradaveis e prejudiciaes á Republica, e que só a Santa Virgem podia restabelecer a monarchia, por meio de um d'esses milagres em que era tão prodiga na Gruta. Entretanto, tinha muito bom senso, gostava de rir, mostrava-se de uma caridade jovial para os pobres doentes, cujo transporte era seu dever assegurar, durante os tres dias da peregrinação nacional.

—Então, meu caro Gerardo, dizia elle ao mancebo assentado ao pé d'elle, o teu casamento está para este anno?

—Com certeza se encontrar a mulher que preciso, respondia este. Vamos lá, dá-me um bom conselho!

Gerardo de Peyrelongue, baixo, magro, ruivo, de nariz accentuado e maçãs do rosto salientes, era de Tarbes onde os paes acabavam de morrer, deixando-lhe quando muito sete a oito mil francos de renda. Muito ambicioso. não encontrara na sua provincia a mulher que queria, bem aparentada, capaz de o levar longe e alto. De modo que entrara para a Hospitalidade e ia todos os annos a Lourdes, com a esperança vaga de descobrir ali, na turba dos fieis, na onda das senhoras e meninas bem pensantes, a familia de que precisava para fazer o seu caminho n'este valle de

lagrimas. Sómente, continuava perplexo, porque, se tinha em vista muitas raparigas, nenhuma o satisfazia completamente.

—Não é verdade? tu és homem de experiencia, pois bem! aconselha-me... Temos M.elle Lemercier, que vem aqui com a tia. É riquissima, tem mais de um milhão segundo se diz. Mas não é da nossa roda e acho-a uma cabeça de vento.

Berthaud abanava a cabeça.

—Já t'o disse. Eu por mim decidia-me por M.elle de Jonquière.

—Mas é pobrissima!

—É verdade, apenas tem com que pagar o que come. Mas não é nada feia, é correctamente educada, e sobretudo não está accostumada a gastar; e isto é decisivo, de que te serve uma mulher rica se te come tudo quanto trouxer? E depois, bem vês, conheço muito essas senhoras e encontro-as todo o inverno nos mais poderosos salões de Paris. E finalmente não te esqueças do tio diplomata, que teve a triste coragem de ficar ao serviço da Republica e que ha-de fazer do sobrinho o que muito bem quizer.

Abalado por um instante, Gerardo recahia na sua perplexidade.

—Assim pobre, meu caro, não! É impossivel... Reflectirei ainda um bocado, mas realmente tenho medo!

D'esta vez Berthaud desatou a rir francamente.

—Ora vamos lá! tu és ambicioso e portanto é preciso ter coragem ao jogo. Digo-te que é um lugar de secretario de embaixada... Ellas vem no comboyo branco que vae chegar. Decide-te, faze a tua côrte!

—Nada, nada, depois! agora quero reflectir.

N'este momento foram interrompidos. O barão Suire, que passara por deante d'elles uma vez sem os vêr, de tal modo a sombra os envolvia n'aquelle recanto affastado, acabava de reconhecer o riso cheio de bonhomia do antigo procuradôr da Republica. E, immediatamente, com a

volubilidade do homem que perde facilmente a cabeça, deu varias ordens ácerca das carruagens, dos transportes, lastimando que se não podesse conduzir os doentes á Gruta logo á chegada, por causa da hora realmente ser matinal de mais. Iam instalal-os no hospital de Nossa Senhora das Dores, o que lhes permittiria descançarem um bocado, depois da dura jornada.

Emquanto o barão e o chefe dos «brancardiers» combinavam assim as providencias a tomar, Gerardo apertava a mão a um padre que viera assentar-se n'um banco ao pé d'elle. O abbade Des Hermoises, com trinta e oito annos de idade apenas, tinha uma soberba cabeça de abbade mundano, muito bem penteado e perfumado, adorado das damas. Amabilissimo, muito distincto, vinha a Lourdes como «padre livre» por prazer á maneira de muitos outros; e conservava no fundo dos olhos bonitos, a scintillação viva, o sorriso do sceptico, superior a todas as idolatrias. É claro que acreditava, que inclinava a cabeça; mas a egreja não se tinha pronunciado ácerca dos milagres, e o padre parecia disposto a discutil-os. Vivera em Tarbes e conhecia Gerardo.

—Hein? disse elle, e então não acha que impressiona tanto esta espera dos comboyos, assim, na escuridão da noite!... Estou aqui por causa de uma senhora, antiga penitente minha de Paris, mas não sei bem por que comboyo chegará; todavia, como vê, vou ficando, tanto isto me enthusiasma.

Depois como outro padre, um velho padre de aldeia, viesse igualmente assentar-se, pôz-se a conversar indulgentemente com elle, falando-lhe da belleza de Lourdes, da surpreza theatral quando d'ali a bocado as montanhas apparecessem ao romper o sol.

Mas, novamente, houve um rebate repentino. O chefe da estação corria, berrava dando ordens. E o padre Fourcade, apezar da sua gotta, deixou o hombro do doutor Bonamy, para se approximar com vivacidade.

— Ora é esse demonio do expresso de Bayonna que ficou em perigo, respondeu o chefe da estação ás perguntas que lhe dirigiam. Tomara eu saber o que ha, não estou socegado.

N'este momento sons de campainha retiniram, um dos homens de serviço sumiu-se nas trevas balouçando uma lanterna, ao passo que um signal ao longe manobrava. E o chefe da estação exclamou:

— Ora graças! é o comboyo branco. Queira Deus que haja tempo para fazer apeiar os doentes antes da passagem do expresso!

Poz-se de novo em movimento e desappareceu. Berthaud chamava por Gerardo, que era chefe de um turno de «brancardiers»; e ambos, por seu lado, foram ter á pressa com o respectivo pessoal, que o barão Suire punha já em actividade. Os «brancardiers» voltavam de todas as partes, agitavam-se, começavam a puchar os pequenos carros, atravez da via, até á plataforma onde se apeiavam os passageiros, uma plataforma á descoberto, em plena escuridão. Foi n'um instante um monte de almofadas, de colchões, de carrinhos, que esperavam; entretanto que o padre Fourcade, o doutor Bonamy, os padres, o official de dragões, os diversos sujeitos, atravessavam tambem a linha para assistirem á descida dos enfermos. E por ora só se via, muito longinqua, ao fundo da campina negra, a lanterna da locomotiva, semelhante a uma estrella vermelha que ia augmentando de instante para instante. Apitos estridentes cortaram a densa treva. Calaram-se e não se ouviu mais do que o arquejar do vapor, o ruido surdo das rodas, diminuindo o andamento pouco a pouco. Então, distinctamente, ouviu-se o cantico, a lamentação de Bernadette, que o comboyo inteiro vinha cantando, com as *Ave* repetidas do estribilho. E o comboyo de soffrimento e de fé, o comboyo cheio de gemidos e de canticos, que dava entrada em Lourdes, — parou.

Immediatamente as portinholas foram abertas, o turbi-

lhão dos peregrinos válidos e dos doentes que podiam caminhar, desceu, e obstruio a plataforma. Os raros bicos de gaz illuminavam fracamente a multidão pobre, de vestuario neutro, estorvada com embrulhos de todo o feitio, com cestos, malas, caixas de madeira. E, no meio das cotovelladas, no rebanho desnorteado, procurando para que lado devia virar-se para encontrar a sahida, erguiam-se exclamações, brados de familias perdidas chamando umas pelas outras, abraços de pessoas por quem esperavam ali, parentes ou amigos. Uma mulher declarava com ares de beatifica satisfação: «Pois senhores! muito bem dormi!» Um padre ia-se embora com a mala na mão dizendo a uma senhora aleijada: «Desejo-lhe felicidades!» A maior parte tinham o rosto desorientado, fatigado e alegre de pessoas que um comboyo de recreio lança em estação desconhecida. E a balburdia era tamanha, a confusão aggravava-se a tal ponto no meio das trevas, que os viajantes não ouviam os empregados, que enrouqueciam a gritar: «Por aqui! por aqui!» afim de conseguirem desimpedir a plataforma mais depressa.

Muito ligeira, soror Jacintha descera do wagon, deixando o morto á guarda de soror Clara dos Anjos; e correu ao furgon da cantina, perdendo um tanto a cabeça, na ideia de que Ferrand a ajudaria. Felizmente encontrou em frente do furgon da cantina o padre Fourcade a quem, em voz baixa, narrou o caso. O padre dominou um gesto de contrariedade, chamou o barão Suire que ia passando e falou-lhe ao ouvido. Durante alguns segundos trocaram phrases baixinho. Depois o barão Suire lançou-se para a frente, atravessou a multidão, com dois «brancardiers» que conduziam uma maca. E o homem foi levado, como se fosse um doente que apenas tivesse perdido os sentidos, sem que a massa dos peregrinos, no meio da commoção da chegada, se importasse mais com elle; e os dois «brancardiers» precedidos do barão, foram depositál-o, até vêr, na sala das recovagens, por detraz de umas pipas.

Um d'elles, rapazito louro filho de um general, ficou junto do corpo.

Soror Jacintha, entretanto, voltara ao wagon, depois de pedir a soror Clara dos Anjos e a Ferrand que a fossem esperar no pateo da estação, junto da carruagem reservada que devia conduzil-os ao hospital de Nossa Senhora das Dores. E como falasse, antes de partir, de ajudar os doentes a apear-se, Maria não quiz que lhe tocassem:

—Nada, nada, soror Jacintha, não se importe comigo. Fico para o fim. Meu pae e o abbade Froment foram buscar as rodas ao furgon. Estou á espera d'elles para me levarem. Fique descançada.

Da mesma maneira M. Sabathier e frei Isidoro, desejavam que lhes não mechessem, emquanto o povo não diminuisse. M.me de Jonquière, que tomara a seu cargo a Grivotte, promettia tambem arranjar que M.me Vêtu fosse transportada n'uma carruagem da ambulancia.

Então soror Jacintha decidiu-se a partir immediatamente para ir preparar tudo no hospital. De resto levava comsigo a pequenita Sophia Couteau, e bem assim Elisa Rouquet, cuja face por suas mãos embrulhou com todo o cuidado. Precedia-as M.me Maze ao passo que M.me Vincent se debatia no meio do povo, levando ao collo a filhinha desmaiada, toda branca, não tendo outra ideia senão ir a correr depol-a na Gruta, aos pés da Virgem Maria.

Agora, a massa de gente esmagava-se n'um apertão enorme á porta da sahida; foi preciso abrir a porta da sala das bagagens para facilitar o escoamento do povo; os empregados sem saberem como receber os bilhetes, estendiam os bonets que se enchiam logo com a chuva de cartões.

No grande pateo, quadrado, tendo por tres lados os edificios da estação, havia tambem uma bulha extraordinaria, uma misturada de vehiculos de todo o genero. Os omnibus dos hoteis, encostados ao rebordo do passeio, tinham em

grandes lettreiros os nomes mais santos, Maria e Jesus, S. Miguel, o Rozario, o Sagrado Coração. Depois era uma confusão inacreditavel de carruagens da ambulancia, landaus, cabriolets, caleches, carrinhos tirados por um burro, cujos cocheiros gritavam, praguejavam, davam estalos com o chicote, no meio do tumulto augmentado pela escuridão, mosqueada pelos clarões vivos das lanternas. O mau tempo durara parte da noite, um lago de lama liquida respingava sob as patas dos cavallos, e os peões atolavam-se até ao tornozello. M. Vigneron, seguido de sua esposa e de M.me Chaise, ambos muito fóra de si, pegou ao collo em Gustavo para o installar e mais a sua muleta no omnibus do Hotel das Apparições, onde todos entraram depois. M.me Maze com um grito arripiado de gatinha presumida e medrosa de sujar as patas, fez signal ao cocheiro de um velho coupé, subiu, desappareceu discretamente, dando ordem para a conduzirem ao convento das Irmãs Azues. E soror Jacintha, finalmente, poude installar se com Elisa Rouquet e Sophia Couteau, n'um vasto char-à-bancs, onde estavam já Ferrand, soror Clara dos Anjos e soror S. Francisco. Os cocheiros castigavam os cavallinhos fogosos, as carruagens partiam com velocidade diabolica, entre os gritos das gentes e os salpicos de lama.

Mas, deante da onda que se arremessava, M.me Vincent hesitava em passar com o seu querido fardo nos braços. Havia, por momentos, risos em torno d'ella. Ai! que balburdia! e todas arregaçavam as saias e punham-se a andar. Finalmente como o pateo se despejava um pouco, a pobre mãe decidiu-se. Que terror de escorregar nas poças de lama, de cahir, no meio da noite tão negra! Depois, como chegasse á estrada que desce, notou que havia por ali magotes de mulheres da terra, á espreita, offerecendo quartos para alugar, cama e meza, conforme os recursos de cada um.

— Podia dizer-me, minha senhora, o caminho para a gruta? perguntou ella a uma velha.

Esta não respondeu, mas propoz um quarto muito em conta.

— Está tudo cheio, olhe que não encontra nada nos hoteis... De comer talvez lhe deem, mas com certeza que não tem um canto para dormir.

Comer, dormir, Deus do céo! M.me Vincent pensava lá n'isso, pobre creatura que partira com trinta *sous* na algibeira, todo o dinheiro que lhe ficara depois das despezas que tivera de fazer!

— O caminho para a Gruta, minha senhora, faz favor!

Havia ali, entre as mulheres que alliciavam hospedes, uma rapariga alta e perfeita, aceiadissima, de mãos muito bem tratadas. Esta encolheu os hombros. E, como passasse um frade, de peito largo, rosto congestionado, precipitou-se, offereceu-lhe um quarto mobilado e continuou a seguil-o fallando-lhe baixinho ao ouvido.

— Olhe! acabou por dizer a M.me Vincent outra rapariga condoida, desça por esse caminho, volte á direita, e está na Gruta.

Na plataforma, no interior da estação, a turbamulta continuava. Emquanto os peregrinos sãos, e os doentes ainda com pernas podiam ir-se embora, desembaraçando um pouco o passeio lateral, os doentes de gravidade demoravam-se ali, difficeis de descer e de transportar. E principalmente os «brancardiers» desorientados corriam doudamente com as cadeirinhas e os carros, sem saberem por onde começar, no meio da tarefa enorme.

Como Berthaud, seguido de Gerardo, passasse gesticulando, vio duas senhoras e uma menina, de pé junto de um bico de gaz, e que pareciam estar á espera. Reconheceu Raymunda e fez parar vivamente o carro com um gesto.

— Quanto me alegro de a vêr, minha senhora! Sua mãe está bem? Fez bôa jornada, não é assim?

Depois sem esperar:

— Permitta-me que lhe apresente o meu amigo Gerardo de Peyrelongue.

Raymunda fitava o mancebo com os olhos claros e risonhos.

—Tenho o prazer de conhecer um pouco este senhor. Já nos encontramos em Lourdes.

Então Gerardo, achando que o primo Berthaud, levava as cousas com grande semcerimonia, bem resolvido a não se deixar prender assim, limitou-se a cumprimentar com ares de muita delicadeza.

—Estamos á espera da mamã, volveu M.lle de Jonquieres. Está occupadissima com doentes de muito perigo.

M.me Dèsagneaux, pequenina, com a sua cabeça em que esvoaçavam os lindos cabellos louros, protestou que era muitissimo bem feito, visto que M.me de Jonquière lhe recusara os serviços; e batia o pé de impaciencia, ardendo em desejos de se metter em tudo aquillo, de se tornar util; ao passo que M.me Volmar, retrahida, muda, desinteressava-se, tratando simplesmente de penetrar a sombra, como se procurasse alguem com os olhos magnificos, velados quasi sempre, onde se accendia um brazeiro.

Mas n'este instante houve um movimento na multidão. Estavam a apear M.me Dieulafay do seu compartimento de primeira classe; e M.me Désagneaux não poude conter uma exclamação de dó.

—Oh! desgraçada creatura!

Era desolador, effectivamente, ver a pobre senhora no meio do seu grande luxo, deitada, cheia de rendas, como n'um esquife, definhada, posta n'um frangalho, e jazendo na plataforma, á espera de que lhe pegassem para a levar. O marido e o irmão estavam de pé junto d'ella, ambos muito elegantes e muito tristes; emquanto que um criado e uma criada corriam com saccos de viagem na mão, íam verificar se a grande caleche encommendada de ante-mão por telegramma, estava realmente no pateo. O abbade Judaine tambem por esse facto acompanhava a a doente; e quando dois homens a levantaram inclinou-se e disse-lhe adeus, pronunciou algumas palavras de conso-

lação que a doente pareceu não ouvir. Depois vendo-a partir disse a Berthaud, que conhecia.

—Pobres creaturas! se a saude fosse cousa que se comprasse! Eu disse-lhes que para a Virgem o ouro mais precioso era a oração; e espero, por minha parte, ter rezado o bastante para o céo ceder aos meus rogos... Mas nem por isso deixam elles de trazer um presente magnifico, uma lanterna de ouro para a Basilica, verdadeira maravilha ornada de pedras preciosas... Que Maria Immaculada se digne sorrir-lhes!

Muitos presentes eram trazidos assim, enormes bouquets acabavam de passar, um, sobretudo, especie de corôa de rosas montada sobre um pé de madeira. E o velho ecclesiastico explicou que queria, antes de se ir embora, esperar que lhe entregassem uma bandeira, dom da formosa M.me Jousseur, irmã de M.me Dieulafay.

Mas M.me de Jonquière chegava; e vendo Berthaud e Gerardo:

—Peço-lhes, meus senhores que vão áquelle wagon, ali ao pé. Precisa-se de homens, ha tres ou quatro doentes que é necessario descer... Eu por mim afflijo-me e nada posso fazer.

Depois de ter cumprimentado Raymunda, já Gerardo corria, ao mesmo tempo que Berthaud aconselhava a M.me de Jonquière que se não demorasse ali mais, jurando-lhe que não era precisa, quc elle se encarregava de tudo. Por outro lado os doentes em tres quartos d'hora lá estariam no hospital e M.me de Jonquiere cedeu afinal e tomou uma carruagem em companhia de Raymunda e de M.me Désagneaux. No ultimo momento M.me Volmar desapparecera, como se cedesse a repentino movimento de impaciencia. Julgavam tel-a visto approximar-se de um sujeito desconhecido, certamente para lhe pedir uma informação qualquer. De resto iriam encontral-a no hospital.

Em frente do wagon, Berthaud chegava junto de Gerardo, no momento em que este ajudado por dois companheiros,

tratava de descer Sabathier. Era negocio difficil porque o ex-professor grosso, pezadissimo, parecia não poder sahir pela portinhola. Todavia por ali é que elle tinha entrado. Dois outros «brancardiers» tiveram de dar volta pela outra portinhola e afinal conseguiram pousal-o no chão. Rompia pallida a manhã; e a plataforma da estação apparecia lamentavel, com os seus ares de ambulancia improvisada. Já a Grivotte, com os sentidos perdidos jazia para ali, em cima de um colxão, á espera de uma cadeirinha; ao passo que tinham tido de assentar, encostada a um candieiro de gaz, M.me Vêtu, attacada de uma crise, soffrendo tão cruelmente, que ninguem ousava tocar-lhe. Hospitaleiros de luva calçada faziam rodar com difficuldade os seus vehiculos com pobres mulheres sordidas que tinham aos pés cestos velhos; outros não podiam passar com as macas em que iam estendidos corpos hirtos, tristes corpos mudos, de olhos angustiados; e, comtudo, aleijados conseguiam abrir caminho, um moço ecclesiastico muito coxo, um rapazinho de muletas, corcunda e amputado de uma perna, que se arrastava por entre os grupos, semelhante a um diabrete. Formara-se um ajuntamento em roda de um homem curvado pelo meio, a tal ponto torcido por uma paralysia, que era mister transportal-o assim dobrado em dois, em cima de uma cadeira voltada, com os pés e a cabeça para baixo,

Então a atrapalhação chegou ao seu auge quando o chefe da estação se precipitou, bradando:

— O expresso de Bayonna está a chegar! Aviem-se! aviem-se! Teem só tres minutos!

O padre Fourcade, que continuava no meio de toda aquella balburdia de braço com o doutor Bonamy, animando os mais doentes, chamou Berthaud com um aceno para lhe dizer:

— Primeiro apeiem todos. Depois não faltará tempo para os levar.

O conselho era cheio de prudencia, acabaram de despe-

jar o comboyo. No wagon só restava Maria, que esperava cheia de paciencia. M. de Guersaint e Pedro afinal appareceram com os dois pares de rodas; e, á pressa, Pedro desceu a doente, auxiliado só por Gerardo. Maria era leve como avesinha friorenta, só a caixa é que custou a mecher. Depois os dois pousaram-n'a sobre os pares de rodas, que aparafusaram. E Pedro poderia ter levado logo Maria se não fôsse a massa de povo que o estorvava.

—É aviar! é aviar! repetia furiosamente o chefe da estação.

E ajudava tambem, por sua banda, dava uma deinão, segurava nos pés de um doente, para que o tirassem mais depressa de um compartimento. Empurrava tambem os carrinhos, desobstruindo a plataforma. Mas n'um wagon de segunda classe uma mulher, a ultima a descer, acabava de ser atacada de crise nervosa medonha. Ululava, debatia-se: não era possivel tocar-lhe em tal momento. E o demonio do expresso que ia chegar, assignalado pelo tinir incessante das campainhas electricas! Foi preciso tomar uma decisão, fechar a portinhola, e conduzir o comboyo para o desvio, onde devia ficar todo formado á espera durante tres dias, antes de retomar o seu carregamento de peregrinos e de doentes. Á medida que se afastava ouviam-se ainda os gritos da desgraçada, que tivera de ficar com uma religiosa, gritos cada vez mais fracos, gritos de creança sem força, que acaba por se deixar consolar.

—Ai, meu Deus! murmurou o chefe da estação, já não era sem tempo!

Effectivamente o expresso de Bayonna chegava trovejante a todo o vapor, e passou como um raio, ao longo da plataforma miseranda, onde jazia a dolorosa tristeza de um hospital esphacelado. Os carrinhos, as macas, tremeram; mas não houve desastres, porque os homens da estação velavam, affastando dos rails o rebanho desorientado que continuava aos empurrões buscando a sahida. De resto a

circulação restabeleceu-se logo, e os «brancardiers» puderam afinal acabar o transporte dos doentes com vagar e prudencia.

Pouco a pouco a claridade augmentava, claridade que branqueava o ceu, e cujo reflexo illuminava a terra, negra ainda. Começavam a distinguir-se nitidamente as pessoas e as cousas.

— Não! logo! repetia Maria a Pedro que procurava desembaraçar-se. Esperemos que a onda tenha diminuido um bocado!

E observou com interesse um sujeito de cerca de sessenta annos, de aspecto militar, que passeiava por entre os doentes.

(Continúa).

Emile ZOLA.

AS DOZE CANÇÕES DO ANNO

I

JANEIRO

Quando do nordeste frio
—bafo que o Polo soprou,—
o primeiro calafrio
passou

sobre os membros inquietos
dos troncos, nús esqueletos,
e sobre os espelhos vagos
dos lagos,

tremulo, atravez do azul,
evolou-se o plumeo bando
buscando o tépido sul,
buscando

um agasalho, um abrigo
contra o feroz inimigo
irmão da Morte e do Inferno
—o Inverno.

O triste povo emigrante
seguiu seu longo caminho.
Fica-lhe já bem distante
o ninho.

Do ceu, occulto entre brumas,
em milhões de finas plumas,
cae, sem cessar, branca e leve,
a Neve.

Ai pobresitos! A noite
envolve o espaço alvacento.
Ouve-se estalar o açoite
do vento.

Em breve, exhaustos, gelados,
uns tombam no chão prostrados,
hirtos sob a neve atroz,
sem voz.

Nunca mais verão as flôres
dos dôces sitios nataes!
Jámais gorgeios e amores!
Jámais!

Outros procuram guarida
sob a rama carcomida
d'alguns troncos desfolhados.
Coitados!

Onde estão, doces cantores,
as vossas canções d'outr'ora?
Pobres gentis trovadores
da aurora!

Na treva implacavel, densa,
cheios d'uma angustia immensa,
ouvem-se agora uns sentidos
gemidos;

em quanto em flocos de espuma,
sinistramente se espalha
a neve; mais alva que uma
mortalha.

II

FEVEREIRO

Emquanto a ventania louca
s'estorce ao longo dos caminhos,
uma raiz adusta e ôca
serve d'asylo aos passarinhos.

Do vendaval potente e agil
passam as furias desabridas,
deixando illeso o tecto fragil
que abriga aquellas frageis vidas.

Muito juntinho e conchegado
no seu refugio estreito e quente,
aguarda o conclave emplumado
que Abril desponte no Oriente.

E embora n'esse obscuro asylo
mal possa ver a luz dos ceus,
chilreia e sente-se tranquillo,
porque está sob a mão de Deus.

Foi Elle quem lançou na estrada
os velhos troncos salvadores
e disse á neve amaldiçoada:
«Poupa esse bando de cantores!

«Deixa viver as avesitas,
para que em vindo o almo calôr,
haja caricias infinitas
em toda a selva, ebria d'amor.

«P'ra que debaixo da espessura
das ramarias verdenegras,
se eleve cheia de frescura
a doce voz das toutinegras.

«P'ra que no mundo, ermo gelado
se n'elle não houvesse ninhos,
exista sempre alguem de alado
e á falta de anjos... passarinhos.»

III

MARÇO

Nasci em Março e supponho
que é d'ahi que me provém
passar como elle tambem
de muito alegre a tristonho

sem transição apparente,
por um cambiante de humor,
como um dia de explendor
que se turva de repente.

Tu, cujo olhar me conhece,
já não te sentes inquieta
ao ver a magoa secreta
que no meu rosto anoitece.

Teus grandes olhos suaves
seguem, cheios de doçura,
essa sombra, em quanto dura...
E como esse bando de aves

que, em plena manhã doirada,
surpresas pelo graniso,
se abrigaram sob o friso
de gottejante fachada,

eu vejo, olhando-te em face,
de beijos um bando alado
nos teus labios aninhado,
á espera que a nuvem passe.

IV

ABRIL

Da radiosa madrugada
a luz placida e doirada
tinge a relva perfumada
d'um tom candido e subtil.
Dos outeiros nas espaldas
entrelaçam-se em grinaldas
os rubins e as esmeraldas
d'esse millionario — Abril.

A vibrante e rosea vaga
todo o firmamento alaga.
Na floresta immensa e vaga
pulsa uma Vida febril.
Dos renôvos na medulla
a seiva em jorros circula.
Uma genése pullula.
ao sopro ardente d'Abril.

Tudo sorri, tudo canta
o regato, o insecto, a planta!
N'uma alacridade santa
resplandece o ethereo anil.
Tombando das zonas cérulas
em tenuissimas espherulas,
o orvalho cobre de perolas
as violetas d'Abril.

Escutae! Vem do occidente
um murmurio que se sente
augmentar... Eis de repente
uma andorinha! dez! mil!
Ah! queridos amiguinhos!
Bébés do azul, passarinhos!
Vinde! Fazei vossos ninhos!
Hossanah! Chegou Abril!

V

MAIO

Quando da alvorada a luz
pôz todo o horisonte em braza
fui hoje bater «truz! truz!»
á porta da tua casa.

Tu dormias, preguiçosa,
e sobre o calix risonho
da tua bôcca — uma rosa!
poisava a abelha d'um sonho.

Em que sonhavas? Não sei.
Porem a sonhar ficaste
por mais que te chamei,
ingrata, não acordaste.

Hontem á noite em segredo
tinhas-me dito, sorrindo:
«Vem chamar-me muito cedo,
n'este tempo o campo é lindo!

«Quero vêr do sol de Maio
o crepusculo indeciso
e ao seu primeiro raio
dar meu primeiro sorriso.

«Iremos colher nos prados
e nas veigas solitarias
eu, lilazes perfumados
e tu, rimas millionarias.

«Ouviremos nas vermelhas
e bellas fuchsias do val
tilintarem as abelhas
como guizos de metal.

«E, escutando os passarinhos
cantando na escura selva,
molharei os meus pésinhos
no fino orvalho da relva.

«Vem! Bem cêdo! Não te esqueças!»
Não me esqueci. Mas emfim
para que fazes promessas
se as has de cumprir assim?

Ingrata! que me faltasses,
confesso, nunca esperei.
Se tu ao menos sonhasses
no beijo que te roubei!...

VI

JUNHO

Ó minha amada, vamos entre as flôres
de que a fragancia pelo azul se perde
e cujas bellas, viridentes côres
tingem da relva a téla immensa e verde.

Junho sorri viçoso na espessura,
orvalhada de perlas e diamantes...
Vem sob as ramarias gottejantes
buscar da sombra a divinal frescura.

O ceu é como limpida planicie,
ou antes lago abstracto e somnolento,
em cuja immaculada superficie
voga uma nuvem como cysne lento.

Vem das aves ouvir o suave canto!
Vem contemplar os candidos amores
d'essas aladas e canóras flôres
que se amam quasi como nós... ou tanto.

Como ellas se perseguem! que anciedade!
que affagos, que murmurios e caricias!
Ó Primavera, irmã da Mocidade!
quadra d'amores, quadra de delicias!

Vem decifrar o encantador segredo,
o mais divino que a floresta encerra,
o mais sublime que contem a terra,
— um ninho, meio occulto no arvoredo...

Olha que tenue e fragil maravilha
suspensa oscilla entre esses verdes ramos...
Mundo de amôr, onde dois entes, filha,
se adoram, como nós nos adoramos.

Quando teremos nós tambem na vida
um ninho cheio de canções sonoras?
... Porque treme o teu braço, diz, querida?
Pões os olhos no chão? suspiras? coras?...

VII

JULHO

Sobre a terra miseravel,
o sol, archeiro implacavel,
crava a flecha inexoravel

da sua luz viva e crua
onde em cada aresta nua
um febril veneno estua.

Pela candente atmosphera,
que envolve a misera esphera
n'um ambiente de cratéra,

vibram, aladas scentelhas,
allucinadas, vermelhas,
ebrias de sol, as abelhas!

Na grande matta selvagem
nenhum halito de aragem
bafêja a sêcca folhagem.

A codorniz palpitante
no loiro trigal vibrante
guarda o ninho pipilante,

dando no claro explendor
da campina toda em flôr
a nota augusta do Amor.

Silencio profundo! Apenas
por entre as frondes serenas
um *fru-fru* de niveas pennas.

e um confuso murmurar
de vozinhas a estudar
a Arte de chilrear...

Todo o ceu, de norte a sul,
recorda um vasto paul
môrno, miasmatico, azul,

onde brancas, regulares,
vagas nuvens cumulares,
boiam como nenuphares.

Na jaula de bronze, enorme,
do Zodiaco disforme,
Léo, formidavel, dorme.

E, dormindo, a fera brava
deixa fluctuar a lava
da sua grande juba flava,

onde em breve, Julho findo,
a Virgem que vem subindo
poisará seus pés, sorrindo...

VIII

AGOSTO

Sob a ramada obscura
do bosque immenso e vago
occulta-se a frescura
d'um pequenino lago
em cuja face a aragem
— a fada sempre em viagem,
passando entre a folhagem,
roça como um affago.

É lá que os passarinhos
vém banhar-se, quando
na alvura dos caminhos
o sol tomba escaldando.
E emquanto nas ondinas
saltam,— das plumas finas
perolas argentinas
gottejam scintillando.

É lá tambem que a medo
quasi sem respirar,
occulto no arvoredo,
os vou ouvir cantar
— gammas d'esmalte e prata
que o fio da volata
prende e logo desata
em chuva pelo ar.

Na vida obscura selva,
eu tenho assim tambem
oasis d'agua e relva,
onde minh'alma vem
buscar na lympha pura,
occulta na espessura,
um pouco da frescura
que a pobre em si não tem.

Um lago assim d'esp'rança,
de paz e de candor,
ó meiga e doce creança,
é o teu casto amor.
Se n'elle, sequiosa
minh'alma, immerge anciosa,
volta de lá viçosa
e toda aberta em flôr.

IX

SETEMBRO

Nas tardes de setembro, mansas, claras
resplende a fulva côma das searas.

Mas d'esses tons d'ouro em fusão, tão bellos
tem-n'os a minha amada nos cabellos.

Nas tardes de setembro a casta lua
surge no firmamento branca e nua.

Mais puro do que as ondas do luar
é o seu doce e verde escuro olhar.

Nas tardes de setembro voluptuosas,
boiam no ar os halitos das rosas.

Nenhum flavôr de rosa ou lyrio eguala
o fresco aroma que a sua bôcca exhala.

Nas tardes de setembro entre os espinhos
da silva, a amóra tenta os passarinhos.

Nada que inspire mais lascivo anceio
do que as rubras amóras do seu seio.

Nas tardes de setembro, a sombra calma
vae pouco a pouco penetrando n'alma.

Quando as palpebras longas ella desce
em minh'alma tambem logo anoitece.

Nas tardes de setembro, a natureza
é um vasto prodigio de belleza.

Mimosa, sempre que de ti me lembro,
penso nas bellas tardes de setembro.

X

OUTUBRO

Quando chegou d'outubro o morbido cansaço,
precursor do gelado e tenebroso inverno
fui á floresta aonde os bellos dias passo
dizer-lhe o meu adeus triste... talvez eterno.

Achei-o mais formoso e calmo do que nunca,
o parque senhorial que eu amo tanto e onde
me vou refugiar da nostalgia adunca
na sombra silenciosa e densa que me esconde.

Era o momento brando em que — mysterio santo!
do sol se consumava a pallida agonia
e o mesmo instante unia o manso e duplo encanto
do occaso do anno e do outomno da vida.

Percorri novamente as longas alamedas
que levam do castello ás cinzeladas portas
e pareceu-me ouvir vagos *frufrus* de sêdas
quando pisava aos pés as pobres folhas mortas.

Appareceu-me ao longe a torre adusta e nobre
em cuja fronte a hera cresce e o lichen medra...
Longo tempo, atravez das arvores de cobre,
me quedei contemplando a castellã de pedra.

Dei um ultimo olhar aos meus fieis companheiros,
de que a piedosa voz me acalmou tanta vez...
Platanos joviaes! Bondosos castanheiros!
Bons cedros! Nunca mais vos reverei talvez!

Salgueiraes d'onde a voz do rouxinol saudoso
se desprendia como um hymno ao ceu doirado;
lago aonde fluctuava um cysne mysterioso,
involucro talvez d'um principe encantado!

Santos amigos que eu, ingrato, abandono!
Ainda mais um adeus! Ainda mais um olhar!
Parto, mas máis feliz do que as folhas d'outomno
posso ao menos sentir! posso ao menos chorar!

XI

NOVEMBRO

Rompe a manhã sinistra e baça.
Por entre a chuva torrencial
oiço, prenuncio de Desgraça!
o Norte uivar, como um chacal.

D'encontro aos vidros da vidraça
bate o granizo glacial.
D'aves um bando ao longe passa,
fugindo ao torvo temporal.

E ao ver as tristes andorinhas
para a mansão do eterno estio
seu vôo ancioso encaminhar,

lembram-me as pobres creancinhas,
que vão talvez morrer de frio
e que não podem emigrar.

XII

DEZEMBRO

Dezembro não convem á tua tez mimosa
tecido d'alva espuma e petalas de rosa,
que sangra sob a atroz mordedura do vento.
Estes dias sem sol, este ceu macilento
apagam do teu rosto as purpurinas cores.
Tu precisas de luz como todas as flores.
A gloria das manhãs d'abril, os meios dias
de julho a fulgurar d'esmalte e pedrarias,
o tranquillo esplendor crepuscular do outomno,
cheio de morbideza e cheio d'abandono,
são o nimbo gentil, a natural moldura
da tua delicada e suave formosura.
Deus não fez para ti, ó flor meridional
esta rude athmosphera, este clima brutal,
estas noites, sem fim, sinistras, funerarias,
que envolvem n'um mysterio as ruas solitarias,
onde o tufão se estorce, a chuva cáe e a lama
abre aos mendigos nús uma asquerosa cama,
emquanto muito ao longe echôa o pio hediondo...
do mocho que na sombra abre um olho redondo.
Tenho pena de ti, ó rosa transplantada
ás caricias do sol outr'ora acostumada,
e que hoje, no rigor d'este inverno sombrio,
te estiólas, tremendo de febre e de frio.

Nos meus braços procuro aquecer-te. Meus beijos
buscam nos seios teus accender os desejos.
Prendo, unidos aos meus, teus membros adorados
Tomo n'uma das mãos teus pésinhos gelados
E, loira. adormecida e linda, és dentro em breve,
junto de mim que vélo, uma estatua de neve.

Bordeus, 188...

Jayme de SÉGUIER.

O SULTÃO DE MARROCOS

Não vi de perto senão uma vez o sultão Muley-Hassan, na ceremonia da recepção da embaixada; mas succedeu-me muitas vezes encontral-o, quer no meio das suas tropas, quer junto aos tumulos dos marabús nos arredores de Fez.

No momento em que estavamos n'esta cidade, preparava-se elle para deixal-a, afim de ir passar algum tempo em outra das suas capitaes, Meknes, e é de uso que o não faça sem ter ído primeiro em romaria ás sepulturas sagradas, que em tão grande numero existem na cidade de Muley-Edriss.

O sultão de Marrocos não se parece em cousa alguma com o de Constantinopla; não vive, receioso e sombrio, constantemente fechado no paço; não tem razão nenhuma para deixar de mostrar-se ao povo, e, se a tivesse, o seu caracter realmente corajoso leval-o-hia com toda a certeza a arrostar o perigo de preferencia a recuar antes as ameaças.

Não sómente Muley-Hassan vae todas as sextas-feiras á mesquita, do mesmo modo que Abdul-Hamid, como tambem é facil vêl-o quasi todos os dias no seu campo, ou n'um campo de manobras, occupado em vigiar a instrucção dos soldados, ou tomando parte nos exercicios de artilheria.

Assiste, quatro vezes por anno, a grandes festividades publicas, cada uma das quaes dura sete dias, por ser o numero sete um numero fatidico para os mussulmanos.

Essas festividades chamam-se *hédia*, o que significa exactamente offerendas, e provêm-lhes esse nome de servirem effectivamente de pretexto para levarem ao soberano presentes mais ou menos voluntarios, que ceremoniosamente lhe depõem aos pés.

São essas festas: o *Haid-seghir*, que se realisa depois do ramadan; o *Haid-kebir*, a festa do carneiro; o *Mulud*, anniversario do nascimento do Propheta; finalmente o *Achur*, ou festa do anno novo.

No primeiro dia de cada *hédia*, o sùltão, rodeado pela sua côrte e pelos seus soldados, apresenta-se em pleno campo; é alí que recebe os delegados das tribus que lhe levam presentes; nos outros seis dias, conserva-se com todo o seu cortejo, em um terraço da sua residencia.

Ali, anda sempre, como nas recepções de embaixada, no meio de um grupo de *mechuaris*, alguns dos quaes empunham lanças e outros grandes lenços brancos, que agitam no ar para enxotar as moscas.

Sobre a sua cabeça abre-se um enorme guarda-sol.

É um signal de soberania, e onde está o sultão ninguem mais tem direito de usal-o; não é correcto, nem bem visto, que alguem se sirva d'elle, nem mesmo sendo estrangeiro, em cidade onde o sultão resida.

Tambem só elle está a cavallo, excepto nas festas militares, onde naturalmente os cavalleiros não pódem manobrar senão com a condição de estarem montados tambem.

Emfim, é sempre precedido de seis cavallos sellados e enfreiados, o que prefaz, contando o que elle monta, sete, o numero fatidico; mesmo nos simples passeios os seis cavallos de estado vão sempre no seu logar.

Só nas grandes festas de ceremonial completo, é que apparece a carruagem pequena, que lhe foi offerecida por um soberano europeu.

Eu disse já, que o trajo do sultão era de uma simplicidade perfeita, mas de finura extrema e de alvura immaculada. O seu unico luxo consiste na belleza das sellas dos cavallos. Está constantemente a varial-as, e todas são das mais deslumbrantes côres: vi sellas côr de creme que diziam maravilhosamente com o seu albornoz leitoso; sellas de um vermelho suave, de uma côr de rosa ligeiramente pallida, de um verde transparente, todas de uma variedade e de uma pureza de colorido, que se não imagina. Mesmo degenerados os arabes são ainda os maiores coloristas do mundo.

Quando marcha no meio do seu exercito, para transportar de uma capital para a outra, ou para effectuar qualquer expedição contra tribus rebeldes, o sultão conserva o mesmo apparato. Faz levantar sempre muito tarde o seu acampamento, quando a manhã já vae alta, não tendo nenhum receio do sol, sob os raios do qual parece que os marroquinos se acham mais á vontade do que á sombra.

Adeante partem as tendas, com a antecipação precisa para serem as primeiras a chegar ao ponto onde ha de estabelecer-se o primeiro acampamento. Estendem-se as tropas pelo campo, formando uma linha immensa; o sultão avança no meio d'ellas, seguido por uma escolta de soldados escolhidos, e por algumas mulheres do seu harem cuidadosamente veladas.

Na frente, a pequena distancia, vae o caíd *el-mechuar*, grão-mestre das cerimonias, que domina tudo com a sua enorme estatura; segue-se depois um grupo de personagens levando cada um qualquer objecto necessario ao sultão, ou de natureza a poder servir-lhe se d'elle precisar. Esses personagens são:

O *mul faze*, ou mestre da foicinha, encarregado, logo que se descança em qualquer ponto, de fazer desapparecer as hervas espinhosas que possam incommodar o sultão; o *mal chabir*, ou mestre das esporas, o que leva as esporas que o sultão, ordinariamente desprovido d'ellas,

lhe pede quando quer levar a cabo alguma proeza equestre, sempre admirada pelos que a presenceiam; o *mul zerbia*, ou mestre do tapete, que o estende no chão quando o sultão deseja sentar-se; o *mul strumbia*, ou mestre da almofada onde o sultão se encosta para dormir; o *mul belgha*, ou mestre das chinellas, que o sultão póde ter vontade de calçar em vez das que traz nos pés; o *mul el ma*, ou mestre da agua, que dá de beber ao sultão quando este tem sêde; o *mul el tai*, o mestre do chá para uso do sultão.

Em seguida a este grupo vão dois lanceiros; depois o *mul medel*, portador do guarda sol, e dois *mul zif*, enxotadores de moscas.

Quando se chega ao novo acampamento, a tenda do sultão está sempre armada: pois sempre se faz a maior diligencia para que elle não corra o perigo, que um dia correu Luiz XIV, no meio da sua maior surpresa: o perigo de esperar.

Essa tenda é uma vasta rotunda collocada no meio do campo, e separada de todas as outras por espaço larguissimo. È cercada por uma especie de muralha em espiral, a qual traça um caminho circulante, que conduz á porta d'entrada.

Quando o sultão chega, todo o exercito pára n'um movimento unico; apenas, os dois lanceiros, o *mul medel* e os dois *mul zif*, dão ainda alguns passos para a tenda; mas em breve o *mul medel* fecha o guarda sol, e pára por sua vez, com os seus dois companheiros.

O sultão vae sósinho até á sua tenda, onde nenhum homem o deve acompanhar; é ahi recebido pelas mulheres do seu harem e por eunucos, que o ajudam a apeiar-se, a desembaraçar-se das roupas que o incommodam, e a preparar-se para o descanço.

Em vez de se conservar encerrado no harem, como faziam seu pae e os seus antepassados, os quaes confiavam a direcção das operações militares, cada vez que era pre-

ciso emprehendel-as, a um parente, ou a qualquer grande personagem do imperio, Muley-Hassan, que é ousado e emprehendedor, marcha pessoalmente á frente das suas tropas.

Sabe-se que na Tunisia, antes da nossa occupação, o irmão primogenito do bey, herdeiro presumptivo da corôa, era encarregado do commando do exercito e usava por isso do titulo de bey do campo.

O exercito, por sua parte, não tinha outra missão que não fosse a de cobrar os impostos, os quaes nunca entrariam nos cofres publicos sem tão violento processo de cobrança.

O mesmo acontece em Marrocos, com a differença de que ahi o sultão, é elle proprio o sultão do campo. Um dos mais altos personagens do imperio tem o nome de *caid* do acampamento, *caid ferreghi*.

Effectivamente, o acampamento é o negocio principal do Governo que quasi não administra os seus vassallos submettidos—esse cuidado é confiado aos caids—mas que incessantemente guerreia contra os seus vassallos insubmissos.

As qualidades pessoaes de Muley-Hassam fazem d'elle o typo completo do soberano bellicoso. É cavalleiro brilhante, e tem dado já muitas provas de bravura.

Ha alguns annos, querendo ír a Uchda, para se avistar com o general Osmont, que substituia então o general Chanzy como governador d'Algeria, teve de combater á ida, e novamente de combater no regresso, afim de obrigar as tribus, nominalmente collocadas sob a sua auctoridade, a darem-lhe passagem.

N'uma d'essas escaramuças estimulado pela sua coragem, avançou de tal modo que esteve em risco de ser cercado. Foi morto o cavallo que montava, e a escolta da sua guarda poz-se em fuga. Apoiado contra uma rocha com alguns fieis, fez face ao inimigo até chegar um caid, que lhe trouxe um cavallo, graças ao qual se poude livrar.

Esta expedição teve o seu quê de romanesco. O principal adversario do sultão era uma heroina berbere, que commandava uma tribu montanheza dos Ait Zedeg. Chamavam-a Rekia ben Hadidu, e apezar dos seus sessenta annos, montava denodadamente a cavallo.

Tivera ella a idea de ir atacar o pequeno destacamento francez do general Osmont; depois pensou em aprisionar o sultão, e este deveu, com certeza, a salvação á sua bravura pessoal.

Ainda muitas outras vezes esteve em perigo de morte nas suas expedições ao sul do imperio, á região do Sus, onde o seu dominio não é menos ficticio do que no Riff e na Mulmia. Por isso, a sua preoccupação constante, quasi unica, é a organisação do exercito, a creação de batalhões regulares d'infanteria e sobretudo d'artilheria.

Sente, por instincto, que tropas armadas e disciplinadas á europeia seriam os unicos meios de fazerem do pretendido imperio de Marrocos uma realidade, domando os dois terços da população que vivem hoje na mais completa independencia. Mas, por infelicidade, n'elle a intelligencia não está á altura da coragem. Vê o alvo, mas não comprehende qual a maneira de alcançal-o; ignora de mais a Europa para que seja capaz de um dia imital-a seriamente; e essa ignorancia é incuravel, porque o seu pontificado religioso não lhe permitte sahir do meio estreito, fanatico e suffocante, onde vive confinado.

É, portanto, um pouco como creança, por capricho ou brincadeira, quando muito por uma especie de intuição de edade madura insusceptivel de se desenvolver, que se apaixonou pelas cousas da guerra e principalmente pelo tiro da artilheria.

Á porta do seu palacio ao longo do muro de cintura, creou um polygono onde recebe as embaixadas, e onde todas as segundas feiras, vae a pé, não simplesmente assistir aos exercicios d'artilheria, mas apontar elle mesmo e fazer manobrar um certo numero de canhões e de mor-

teiros, que os artilheiros successivamente lhe carregam.

Não volta para o paço senão depois de ter derrubado cinco ou seis alvos, por meio de balas e de bombas, collocados previamente a uns 240 metros de distancia, ao pé de um muro construido expressamente para receber os projecteis.

Mesmo ao lado da porta do palacio, uma plataforma de alvenaria está guarnecida de um certo numero de peças e de morteiros sempre em bateria. O sultão começa a possuir uma artilheria respeitavel. Todos os soberanos da Europa lhe teem dado bôcas de fogo; elle proprio tem comprado um certo numero d'ellas, entre outras, peças Krupp, que lhe custaram muito caras, graças a fraudulentas operações de corretagem, mas que são excellentes. Os seus artilheiros estão perfeitamente exercitados. Teem para grão mestre o chefe da artilheria, o mivalai Maley Amed-Sueri, que é homem de certo valor, e que foi instruido no officio d'artilheiro pelo francez Abd-er-Rhaman.

Ha longos annos que o corpo dos artilheiros está constituido e gosa de favor particular. Desde antigos tempos, que elle contava nas suas fileiras desertores dos exercitos europeus, e sobretudo renegados hespanhoes. O que commandava as baterias na batalha d'Isly, e que foi acutilado em cima das suas peças pelos caçadores francezes chamava-se Ali-el-Sevillano.

Depois d'isso, grande numero de marroquinos designados para servirem na artilheria partiram secretamente por ordem do sultão, afim d'irem instruir-se em Inglaterra, na Hespanha e até na America. Mais ainda, ha oito annos já que a nova missão militar se applica a formar artilheiros. Os officiaes francezes são unanimes em notar a destreza natural e a docilidade dos indigenas. Bem commandados, seriam soldados eguaes aos melhores da Europa.

Emquanto ao sultão, é egualmente muito habil e aponta muito bem. Prima em tudo quanto, na manobra, seja ques-

tão d'habilidade; logo que se trata de comprehender, é menos feliz.

Até aqui, servia-se de preferencia de duas bôcas de fogo de cobre, que tinham na culatra uma inscripção em caracteres arabes, a qual commemora que foram dadas, em 1846, pelo rei Luiz Philippe ao sultão Muley Abd-er-Rhamaa; mas é provavel quc já tenha adoptado agora as peças de campanha, que lhe offerecemos. Ficou encantado com ellas, porque podem ser transportadas a dorso de mulas e porque, em consequencia d'isso, lhe ha de ser commodo servir-se d'ellas nas suas expedições, conduzindo-as de capital em capital, e tendo-as sempre á mão. Das peças de grosso calibre não gosta; n'um paiz sem estradas, sem meios de transporte, é quasi impossivel tirar partido d'ellas.

Quando Muley-Hassan vae atirar ao alvo. acompanham-o os seus altos dignitarios. A sua guarda e o seu maghzen a pé formam uma sebe immensa, que contorna o polygono. Tão depressa o sultão derruba um alvo, logo um grito immenso se faz ouvir entre todas aquellas fileiras de servos: *Allah ibarca fiamer Sdina!* «Que Deus abençoe os dias de nosso amo!»

O sultão acha ás vezes certa graça em não acertar todos os tiros. Assim, n'uma experiencia a que procedia uma vez em presença de francezes, depois de ter apontado a peça, chama um official: «Está bem? — Meu senhor, acho que está bastante para a direita! — Bem sei!» O tiro parte, e vae bater bastante á direita. O sultão aponta de novo: «Está bem? — Meu senhor, acho que está bastante para a esquerda! — Bem sei!» O tiro parte, e vae bater bastante á esquerda. O sultão aponta terceira vez: «Está bem? — Sim, meu senhor, d'esta vez está perfeitamente. — Bem sei!» O tiro parte, e leva deante de si o alvo.

Durante as scenas do genero d'esta, o enthusiasmo dos assistentes não conhece limites. E não é um enthusiasmo facticio. Muito sinceramente, os marroquinos imaginam que

um sultão de Marrocos, que um descendente de Mahomet deve ser superior em tudo aos christãos, mesmo na arte de atirar as peças. Não fazem a simples reflexão, de que foram os christãos que as inventaram.

Cada vez que o sultão revela em publico uma qualidade qualquer, a admiração que por elle manifestam não conhece limites.

Um dia, contava-me alguem, Muley-Hassan montava em uma hédia um cavallo fogoso; este encabritava-se, resistia, negava-se a andar. O sultão fez signal ao *mal chabir*. o qual immediatamente lhe traz as esporas, e lh'as afivela. Immediatamente, o cavallo domado começa a andar a passo tranquillo. A multidão soltava tão grandes acclamações como se o sultão acabasse de submetter, aos olhos d'ella, não um cavallo recalcitrante, mas uma tribu revoltada: «Então, que me dizes? perguntou um alto funccionario, dirigindo-se a um francez testemunha d'esta scena: conheces na Europa algum cavalleiro comparavel ao sultão?»

Foi, sem duvida, á sua educação que Muley-Hassan ficou devendo o seu gosto pelas cousas da guerra. O pae d'elle estava muito longe de se lhe parecer, sob esse ponto de vista. Sabe-se que, na batalha d'Isly, se poz em fuga logo á primeira carga da nossa cavallaria, deixando-nos entre as mãos, o seu guarda-sol e todas as insignias do seu poder. Julgando, talvez, que seria prudente habituar desde cedo seu filho ao officio das armas, para o qual elle proprio sentia tanta repulsão, deu-lhe como instructor um inglez que, segundo se diz, tinha uma graduação elevada no exercito da sua patria, mas que foi obrigado a abandonar Gibraltar onde n'uma desordem, n'um duello, ou de qualquer outro modo matara um superior.

O inglez refugiara-se em Marrocos, onde se fez musulmano, e onde o chamaram desde então Ismail-Inglez. A analogia da sua aventnra com a do francez Abd-er-Rhaman, approximou-os, e collaboraram juntos na tarefa de introduzirem uma organisação rudimentar na infanteria mar-

roquina. Foi n'essa infanteria que Muley-Hassan fez as suas primeiras armas.

Aos quinze annos, tinha já formado, com auctorisação paterna, um batalhão de Susianos, que exercitava e commandava pessoalmente, sob a direcção do renegado Ismail. Não admira, pois, que subindo ao throno, se conservasse de preferencia soldado.

É muito amado do seu exercito, porque realisa o typo do soberano tal como o Arabe o comprehende e respeita. É menos popular perante a classe civil, e sobretudo perante os habitantes de Fez, que teem ideias differentes sobre a arte de governar. Em summa, é uma especie de chefe de guerrilhas, percorrendo incessantemente o seu paiz para combater as tribus rebeldes, saqueal-as, e enriquecer-se com os despojos d'ellas. Não as submette, porque sendo unicamente militar, não lhe passa pela cabeça organisal-as depois de as ter vencido.

Tão depressa tem abandonado um territorio, depois de o ter devastado, como logo as populacões que haviam fugido á sua chegada, ou que, tendo procurado resistir, viram em breve não estar nas circunstancias de fazel-o, voltam para ahi, recomeçando de novo a sua vida em perfeita independencia. Passam-se annos sem que o sultão pense em atacal-as de novo. Para quê? Se estão arruinadas e nada se lhes póde tirar?

De resto, o imperio é bastante grande para que elle possa encontrar n'outro ponto emprego mais util para as suas armas. É mesmo tão grande, que em algumas das suas regiões, o imperador não se aventura jámais. Sabe, perfeitamente, que no Riff, por exemplo, e no Atlas, o seu exercito seria anniquilado pelos montanhezes indomados e indomaveis d'essas regiões. O mesmo succede no extremo sul, onde as suas tropas seriam devoradas pelo deserto.

Falta-lhe muito para que a victoria acompanhe sempre todas as suas emprezas. Muitas vezes é derrotado, como o foi, segundo já disse, ao regressar d'Uchd, e em varias

outras circunstancias. Mas não é isso verdadeiramente a guerra, a vida de aventuras, a vida arabe por excellencia, e não é natural que o descendente de Mahomet, fiel ás tradicções da sua raça, continue, em plena idade moderna, a levar a existencia errante e batalhadora, que os seus antepassados sustentaram outr'ora com tanto explendor, com tanta poesia e com tanto genio?

Gabriel CHARMES.

DA ALLEMANHA

NOTAS SOLTAS

No principio d'esta quinzena, anniversario de Sedan (pronunciem *Zédane)*. Bandas marciaes cantando o

zum Rhein! zum Rhein
zum Deutschen Rhein!

bandeiras fluctuando aos ventos, burguezes desfilando anciosos por gosarem o feriado geral, aqui e alem uma sabia prelecção, explicando os resultados da victoria teutonica, recitas especiaes nos theatros, e, finalmente, discurso do imperador que uns interpretam como signal de paz, e outros como annuncio da guerra, da proxima e inevitavel guerra, d'essa guerra de que quasi todos falam como cousa certa e irrevogavel.

E entretanto vamos afiando a espada de batalha, e exercitando o louro galucho... Por essa Allemanha em fora manobras e mais manobras. As hypotheses repetidas de um exercito vindo das bandas do Oriente, revelam as

preoccupações alimentadas pelo grande abraço theatral da Russia e da França. Tudo quanto na Allemanha veste um uniforme militar galopa, marcha, por montes e por valles, e estende-se em ordem de fingidas batalhas pelos campos sem fim, d'onde, ainda ha pouco, os fenos recolheram. Embrulhados nos seus capotes, tiritando por estas madrugadas de setembro, frescas e humidas, acordam estendidos nos restolhos os mesmos gentis capitães, que encontrei reluzentes e mesureiros, valsistas infatigaveis, nos bailes de Berlim. Velhos coroneis, com o andar preso de antigos picadores, bocejam junto de uma fogueira ao pé dos seus ginetes de guerra, e fazem écoar os sonoros catarrhos de incorrigiveis fumistas e bebedores de cerveja, pela planicie, onde a perder de vista se estende o formigueiro humano dos regimentos que se preparam, e onde de longe em longe fumegam ainda as cosinhas improvisadas em covas feitas no chão, ao passo que as espadas cravadas na terra, sustentando os capacetes, tomam o aspecto de longos exercitos de reluzentes pigmeus que velassem em quanto os outros dormem...

* * *

Aconteceu-me passar em Stargard, um d'estes dias, na occasião em que o segundo corpo do exercito acampava, sob o commando do general de Burgh, obrigado n'aquella tarde a retirar, pelas forças sob o commando do general de Falkenstein, que, por um momento, assumira o papel d'esse terrivel inimigo que mais cedo ou mais tarde ha de penetrar pelas fronteiras da Allemanha...

Ao longo da estrada, um numero infinito de carroças de todo o genero, trotando apressadas com um ruido terrivel de ferragens velhas. Montes de palha, barris de agua e de cerveja, cestos de fructas, montanhas de carne, pyramides de batatas. Todo o aprovisionamento de um exercito em marcha. Pelos campos em todas as direcções galopam as

ordenanças, os cavallos escorrendo de suor, os soldados cheios de poeira. Tranquillo, já escovado, um official trota á ingleza, firmando-se nos estribos muito compridos, e lança olhares inquietadores ás moçoilas aldeãs, excitadas e attrahidas por tão tremenda reunião de homens.

Mando parar a carruagem que me conduz, e a pé lanço o olhar pelo campo... Nunca as descripções de Tolstoi no seu grande livro a *Guerra e a paz*. me pareceram mais verdadeiras. Nunca as narrativas que me acudiram de outras pinturas e quadros de batalha me pareceram mais falsas e convencionaes. Nunca o homem se assemelha mais a um insecto ambicioso, sanguinario, malfasejo, e sobretudo pequenino, do que assim em um campo de batalha, simulado ou verdadeiro.

São talvez vinte mil homens apenas estes bravos prussianos, e, todavia, a extensão do bivaque attinge approximadamente seis kilometros! Na planicie rasa vê-se um grupesinho aqui, outro acolá, de homens ou de cavallos, e os terriveis canhões assumem o aspecto de pequenos brinquedos inoffensivos. As barracas para dormir,— uma nova invenção agora experimentada, escuras, côr de terra,— difficilmente resaltam do terreno adjacente, e quando, seguindo a onda dos burguezes de Stargard, que principia a invadir o campo, as examino de perto, vejo que são effectivamente da altura da minha bengala!

A cada homem é dada uma especie de manta de panno impermeavel, rodeada de casas e de botões, e um certo numero de pequenas varas similhantes a cabos de guarda-sol. Sósinho o soldado, este ultimo utensilio de nada lhe serve. Embrulha-se no panno impermeavel e deita-se no chão. Associado com outros, juntando-se dois a dois, ou trez a trez, estas mantas regulamentares armam-se em barracas de varios os tamanhos e feitios, passando por todas as formas dos solidos geometricos, mas sempre rasas com o chão. Para o monte de palha que ha lá dentro não se pode passar senão de rastos.

Marcho durante uma hora atravez do acampamento sem conseguir passar alem do bivaque de tres regimentos. O aspecto é sempre o mesmo. Aqui um grupo de soldados muito sujos descascam batatas, alem uns poucos de officiaes desabotoados bebem, em torno de uma mesa cambaleante, os seus copos de cerveja. Mais longe um joven tenente pretende abrir a machado uma lata de conservas. Dois engenheiros triumpham sobre o café que conseguiram fazer ferver em uma panella pendurada de uma acha.

As companhias de cavallaria teem todos os cavallos de uma só côr. Ou todos pretos, ou baios, ou castanhos. Branco nem um só em todo o acampamento.

De resto, banido tudo quanto luz, quanto brilha, quanto scintilla, quanto se vê de longe. Os homens com os seus canhões e com as suas armas confundem-se a distancia com o terreno. Algumas pequenas chapas luzentes que restam nos capacetes, ou nos botões, serão implacavelmente pintadas de preto no mesmo dia em que uma ordem de mobilisação partir do quartel general. Nos officiaes nem um galão de ouro no fardamento azul escuro: apenas nos hombros um bordado pequeno, indicando a patente.

* * *

Á medida que o sol descae e a cerveja corre, augmenta a concorrencia dos paisanos e das mulheres.

Á porta de uma tenda improvisada com farrapos de lona, um capitão faz formar a sua companhia e com a mesma voz e o mesmo sobrecenho com que bradaria: — Apresentar armas! ordena á soldadesca uma serie de canções. E no meio do côro atroador, nem sempre afinado, percebo que os soldados celebram o vinho allemão, o canto allemão, a mulher allemã, e finalmente, a *Vaterland,* esta patria allemã pela qual, um dia d'estes, irão pôr o peito ás ballas dos francezes, ou dos russos...

Enormes bonecos de palha passeiam aos hombros dos

soldados antes de irem servir para accender as fogueiras do bivaque, e emquanto no ar se misturam os sons da musica marcial, os echos fanhosos de um longinquo realejo, e as notas de canções, entoadas á *tue-tète,* principiam aqui e alem a erguer-se avermelhadas as linguas de fogo, em torno das quaes se recortam, em perfis mais ou menos grotescos, os galuchos que dançam.

Do outro lado da estrada a treva e o mysterio. É para ali, entretanto, que se encaminham, de braço dado, pares que riem, traduzindo n'um olhar ou n'uma cotovellada, volumes de ardente paixão.

... *Non ragionam di lor*... e passemos mesmo sem olhar.

***

Em toda esta região, n'este bocado de terreno fertil, cheio de grandes planicies, que mereceu até o nome de *terra do bom trigo,* ha quinze dias que isto dura. E pequenas cidades como Stargard, Perïtz e Schönebeck, teem mais de uma vez gosado das delicias do aboletamento, requisições em generos, e em serviços. De resto sempre ha occasião de beber com a tropa um copo de cerveja á saude do *Kaiser,* ou pela prosperidade da Allemanha, e, pelo menos ao que me pareceu, as populações não desgostam.

Em Stargard cahe-me nas mãos um jornalsinho de Perïtz, uma pequena cidade aqui ao pé, onde, assignado por um fidalgo, rico proprietario e agricultor dos arredores, vejo o seguinte annuncio, cercado de uma grinalda, e que traduzo litteralmente:

«Ao som trovejante da artilheria fomos hoje de manhã presenteados com uma robusta filhinha. Não é preciso participação especial, visto o acontecimento ter sido annunciado de modo tão alegre!»

Seguem-se os nomes dos felizes consortes.

Na mesma folha outro cavalheiro — com o seu nome assignado em gordo normando — avisa o publico de que a

sua esposa, a sr.ª D. Fulana, gasta de mais em arrebiques e que o credito conjugal para taes fins se acha irrevogavelmente fechado. Que ninguem, pois, lhe fie cousa alguma!

Como este pequenino jornal de tres columnas, com os seus versinhos patrioticos, os seus telegrammas requentados, e os seus annuncios picarescos, retrata bem o viver de um d'estes cantinhos da Allemanha!

* * *

Como Stargard, ia jural-o! nunca jámais figurou em um livro de viajante, não quero passar adeante sem deixar aqui um esboceto d'essa pequena cidade prussiana, atravessada á pressa e examinada de relance. Nada notavel, valha a verdade. Simplesmente as portas, que fecham o recinto fortificado são muito curiosas e muito pittorescas, com as suas empenas em redente, e o seu tijollo carcomido, falando de velhos tempos e velhas historias. A casa da camara, do seculo XVI é egualmente de tijolo, e olha de um lado para o mercado, onde se ostenta uma Germania em cujo pedestal vivem nas glorias da immortalidade os filhos de Stargard mortos na guerra franco-prussiana. A *Marienkirche,* é uma bella e antiquissima egreja, defronte da qual vive ainda um resto precioso da velha Stargard, uma casa de tijolo, vidrado de azul, de vermelho, e de amarello, antiga habitação de ha dois ou tres seculos e da qual não resta senão a fachada. O interior é moderno, e mesmo um lettreiro indica-me que este curioso pedaço gothico abriga simplesmente — um armazem de vinhos!

Por outro lado, aqui como em quasi toda a Prussia, tudo se *berlinisa* mais ou menos. Com um sentimento inconsciente de disciplina e de imitação, as casas novas são em caricatura o retrato dos grandes predios da capital, em cujos largos portaes sereias de barro, fingindo pedra, sustentam balcões enfeitados pesados e uniformes.

* * *

Hameln, no Hannover, doze mil habitantes, sitio pittoresco, na margem direita do Weser. Bella cathedral, airosos edificios da renascença...

Ha-de ser pouco mais ou menos n'este estylo que as chorographias e os Baedeckers de differentes categorias e côres devem assignalar á curiosidade dos viajantes esta interessante cidadezinha, ainda um recanto de velha Allemanha, com ruas tortuosas, feitas de casinhas mais ou menos cambaleantes, os telhados em bioco, as padieiras fugindo systematicamente da direcção horizontal, e legendas amaveis em caracteres gothicos, dizendo da franca hospitalidade burgueza que lá dentro espera o cançado viandante, ou o visinho cavaqueador, quando a filha da casa em attitudes de simplicidade biblica avança rosada e fresca com as canecas de cerveja, fieis companheiras das longas conversações atrás da janella de vidros em losango, á fumarada dos longos cachimbos, cocando o que se passa na rua e analysando em uma critica benevola os *faits et gestes*, os trajes e maneiras, dos que n'esta terra do *lá vai um* fazem acordar os échos da calçada com o ruido dos seus passos...

Sómente,—ó pittorescas viellas,—nada perderieis de vossos encantos se tivesseis um poucochinho do gabado asseio hollandez, e se sabios regulamentos emanados do cerebro potente do vosso gordo burgo-mestre cohibissem aquella formosa visinha da esquina de lançar á via publica os restos das suas aves depennadas, a velha gazeta inutil, e os ramos murchos que enfeitaram a sua mesinha de trabalho... E é isto que em parte estraga o meu prazer. Quizera que d'esta velha cidade, que eu personificaria em uma sympathica avózinha, sorridente nos folhos brancos da sua touca, emanasse apenas um cheiro de antigo gavetão em que houvesse preciosas sedas amarelladas pelo tempo, bugigangas de outras idades, e algum ramo secco de alfa-

zema. E escuzado será dizer que não é nenhum d'estes aromas a que todos achamos um encanto estranho, o que se evóla das *natures mortes,* que se expõem a nossos olhos por essas valletas em fóra...

Mas resignemo-nos. É uma gallinhola muito *alta,* como dizem os inglezes na sua linguagem pudibunda. *Perdiz de mão no nariz,* reza tambem o velho proloquio portuguez. Avancemos, pois!

Temos uma legenda, e essa legenda é como um *libretto* sobre o qual os seculos uns após outros foram escrevendo em notas de pedra a ingenua canção, que se desenrola pelas frontarias dos predios, pelas grimpas da cathedral, com longos acompanhamentos, que deslisam ao correr dos frisos esculpidos, e notas altas, erguendo-se nas columnas torneadas das fontes...

Entretanto, este *motivo* que encontrou aqui a sua fórma architectonica, manifestou-se já em outras obras de arte, —uma opera (pelo menos), um poema de Goethe, e um quadro de Kaulbach, o grande artista da primeira metade d'este seculo, um precursor do realismo, de um realismo á Dickens, com resaltos de satyra. Esse mesmo *motivo* quando das fachadas baixo os olhos para as *vitrines* dos armazens, encontro-o reproduzido ao infinito, sob todas as fórmas, talhado em todos os materiaes. São ratos, ratinhos, ratazanas, de páo, de pedra, de marfim, de coral, de *papier-maché,* de barro, de cortiça, de ouro para berloques, de miolo de pão, para serem comidos com manteiga ao almoço... Uns agachados em attitude de roerem grosseiramente, outros correndo, trepando. Ha-os pretos, azues, amarellos, para todos os gostos e todos os preços. Os de pão são a cinco réis cada um. Os de marfim são a libra.

***

Mas eis a lenda:

Em tempos que já lá vão, ha seis ou sete seculos os ha-

bitantes de Hameln não sabiam o que fazer á sua vida com a abundancia dos ratos. E, comprehendem bem, os ratos de que se trata não pertenciam de modo algum á categoria das esculpturas que ora se exhibem. Eram uns diabos de verdadeiras ratazanas, que corriam pelas ruas, a alapardarem-se em todos os buracos, esgueirando-se traiçoeiramente pelas casas, fazendo dar deliciosos gritinhos de susto ás solidas e apetitosas matronas, metendo-se insolentes e descarados por entre os pésinhos das donzellas. E era um comer tudo, um roer tudo, desde as victualhas no armario até ás graves *toilettes*, religiosamente guardadas para o dia de festa... Os tapetes esphacelavam-se sob a escova da cuidadosa dona da casa, as paredes cheias de buracos principiavam a cambetear, já não havia porta que fechasse, nem janella que resguardasse das ventanias e das nevadas...

É então que a entidade salvadora, — o *Rattenfanger*, — surge, malicioso e bonito homem, com um não sei que de satanico no sorriso, e com uns gestos de Mephistopheles, na maneira ondeante de caminhar. É tocando estranhas melodias na sua flauta que o Caçador de Ratos exerce uma temivel fascinação sobre os odiados animaesinhos. Mas não é de graça que se opéra uma libertação semelhante... Bons burguezes e illustres e formosas damas, quanto me dáes pela integridade futura dos vossos muros, das vossas vestes de gala, dos pés torneados das vossas mesas de páo ferro?

E os bons habitantes de Hameln, formando um largo painel de bochechudos burguezes, de roliças damas, de travessas moçoilas, e de bebés turbulentos, n'um côro unisono, formularam a promessa solemne: Terás um bom sacco cheio de ouro!

O *Rattenfanger* não quiz ouvir mais nada... Longe, nas florestas negras da Bohemia, deixara elle suspirante e saudosa uma noiva idolatrada. Paes crueis lh'a tinham negado, porque não era certamente matando um ratinho aqui e

além que um homem se habilita cabalmente a sustentar uma familia. Que occasião de fazer fortuna! E saccando da flauta, eil-o que chama a si todas as ratazanas de Hameln. Eram tantas que os transeuntes cosiam-se com as paredes para deixarem passar o exercito de roedores. Mas era uma exaltação geral! Velhos inimigos abraçavam-se commovidos! Ilouve tal que pela vez primeira se sorriu para a sogra!

Ao longe, na direcção do rio, caminhava o Caçador de Ratos, sempre soprando na flauta, e sempre seguido pela massa guinchante, agitando-se n'uma mancha pardacenta sobre o verde da campina.

A curto trecho eil-o de volta, cheio de pressa, ancioso por embolsar a quantia promettida, e partir para a sua terra. Mas o quadro mudou um pouco... Nas largas bochechas dos burguezes deslisa um sorriso amarello, as matronas parecem unicamente occupadas com a traquinice da sua respectiva progenie, e só por ventura as moçoilas guardam um olhar terno e langoroso, para o bello estrangeiro, todo taful com a sua capa curta e o seu chapéo de longas plumas...

Para encurtar razões, desapparecidos os ratos, o Calote fazia a sua apparição em Hameln. Uns optavam que uma mancheia de marcos era bastante para tão pouco trabalho. Outros que se corresse com o homem, que era atrevido, sem se lhe dar cousa alguma. Tudo menos o rico dinheiro, que era afinal a fortuna total dos habitantes de Hameln. O burgomestre estava envergonhado. Embrulhava-se em longas phrases á conselheiro Accacio, em que fallava da dureza dos tempos, e de quão prejudicial seria aos interesses locaes a ausencia do numerario! Mas queria redimir, até certo ponto, o feio procedimento dos seus concidadãos. Elle, por si, era pobre, e pobre ficara mesmo depois de elevado ao pinaculo da publica administração! Mas tinha ali assim a sua filha, que não era nenhuma asneira, como de resto o sr. Caçador tinha occasião de observar,

e, se o sr. Caçador assim o quizesse, (com gesto dadivoso) ella era sua! Era só um bocadinho de latim e achar-se-hia de posse de uma bella e honesta rapariga, asseiada como um passaro, economica como uma verdadeira allemã, e com um palminho de cara de se lhe não dizer que não!

O furor do *Rattenfanger!* Ou já para ali o seu dinheiro, ou então bem pódem esperar por uma vingança atróz!... Os burguezes sorriem-se. Que demonio de vingança poderia tirar d'elles o pobretão de tocador do flauta, agora que os ratos estavam muito bem afogados no Weser?

Passáram dias. Ilameln retomára as suas occupações habituaes e o Rattenfänger, com as suas massadoras exigencias de dinheiro, desapparecêra...

Um bello dia, porém, quando nos seus melhores atavios, a grande massa da população escutava com religiosa somnolencia um eloquente sermão, o *Rattenfanger*, introduz-se sorrateiro na cidade. Chegado ao *Altmarkt*, encosta-se a uma esquina e eil-o que principia a extrahir da flauta os sons mais fascinantes e extraordinarios... E d'esta vez não são os ratos que acódem (nem raça d'elles em Hameln!), mas é uma verdadeira procissão de creanças de todas as idades. É assim que elle é representado no quadro de Kaulbach. Rapariguinhas de doze a quatorze annos, os cabellos torcidos n'uma trança côr de ouro, creancinhas vacillantes ainda sobre as suas perninhas curtas e gordas, velhaquetes muito traquinas sobraçando os brinquedos com que estavam occupados, uns rindo, outros chorando, elles ahi vão todos seguindo o *Rattenfanger*, em cujo olhar se lê uma expressão infernal...

E emquanto os paes na egreja cabeceam sob a eloquencia do discurso sagrado, lá vae a sua prole seguindo o *Caçador de Ratos!*...

Até onde?

Diz a lenda que até á Bohemia, por phantasticos caminhos subterraneos.

E é esta historia em que os ratos e o seu caçador representam um papel tão importante, que em Hameln está escripta em toda a parte, na frontaria dos predios, nas grimpas da cathedral, correndo ao longo dos frisos esculpidos, e erguendo-se em notas mais altas nas columnas torneadas das fontes...

RUY XAVIER.

O OUTOMNO DE UMA MULHER

PRIMEIRA PARTE

(Continuação)

IV

Clara respondeu, córando subitamente:

— Estou, um pouco. Gostava de não conduzir o *cotillon*.

— Pois não o conduza.

— Mas quem me ha de substituir?

— Seja quem fôr; M.me Surgère, por exemplo.

— Está muito bem, disse Clara. Faz-me então o favor de lh'o ir pedir?

— Pois sim, vou.

Julia resistiu um pouco; mas, por fim, cedeu. Mauricio sentia uma especie de allivio em entregar a sua amiga ao barão de Rieu, em logar de a vêr andar de braço em braço, ao acaso da escolha. Adivinhava que ella tambem havia de sentir o effeito dissolvente das atmospheras de baile... A sua nudez já não a inquietava: ouvia sem revolta os ditos de admiração quasi brutal que ao principio a tinham feito ruborisar cruelmente. Não tinham conta as declarações rapidas e audazes que n'essa noute lhe tinham

murmurado, declarações em que um homem, posto um momento em contacto com uma mulher bonita, se arrisca á sorte, a vêr se isso «péga», importando-se pouco com o mau exito, e indo, logo um instante depois, repetir as mesmas palavras a outra! N'essa noite, ella tinha verdadeiramente sentido afflorar-lhe a pelle o calafrio dos desejos. E agora já não soffria, esperava quasi as declaraçôes, escutava-as sorrindo! O seu coração recebia d'ellas uma alegria secreta. Pensava: «Sou formosa, sou desejada!» e parecia-lhe vêr preencher-se a especie de abysmo que a edade cavava entre Mauricio e ella.

Acabava o *cotillon*. Ceiou-se, transformando-se o salão n'uma especie de restaurante nocturno; e em verdade, as mulheres, pela sua attitude, completavam a semelhança. Não se pensava já em reparar a desordem que a agitação da dança tinha lançado nos penteados e nas toilettes; accentuavam-a até por meio de adornos extravagantes, pedidos aos accessorios das ultimas marcas. Homens e mulheres divertiam-se com malicias, quasi garotices. Davam volta ao botão do commutador electrico, fazendo uma escuridão de um instante, durante a qual os labios roçavam nos hombros. Julia e Mauricio Artoy, collocados em frente um do outro, falavam pouco, ouviam distrahidamente o que diziam os seus visinhos. Os olhos d'elles, invencivelmente, procuravam-se, fundiam-se n'uma languidez de recem-casados que séguem com impaciencia a marcha dos ponteiros para a hora de estarem sós.

O dia, cahindo de um ceu que revestia o azul metallico do chumbo, insinuava-se já entre as fendas das cortinas, pelos corredores, vindo das portas longinquas. Trazia, com uma sensação de desgosto e de fadiga, a vontade de não ir dormir, de não fazer essa anormal tentativa de fechar os olhos ao sol nascente...

Levantadas rapidamente as mesas, desapparecida a orchestra, alguns amadores lançaram ainda aos esfaimados

de dança, o pasto de algumas valsas, de alguns galopes... Depois, bruscamente, tudo parou, fechou-se o piano, os creados vieram apagar os candieiros. Foram corridas as cortinas das janellas, abertas as vidraças; e o primeiro raio de sol, vermelho como um fogo de bengala, expulsou os mais retardatarios.

Mauricio, Julia e Clara acompanharam estes até á porta. Á luz do dia, M.me Surgère notou a pallidez de Clara.

—Vae-te deitar depressa, minha filha, disse-lhe ella... Não estejas ahi, que podes resfriar. Estás muito cançada, e tens muito mau parecer.

—Sim, disse ella... Não me sinto bem.

Offereceu a testa, na qual M.me Surgère depoz um beijo; depois voltou para dentro, e dirigiu-se para o seu quarto.

Mauricio e Julia subiram um atraz do outro os poucos degraus da escada do canto... Conservavam-se mudos; no entretanto, sabiam bem que tinham alguma cousa a dizer, porque se não separaram, porque Julia deixou Mauricio acompanhal-a, porque entraram juntos nos salões desertos. Onde iam? Eram solidão e silencio agora, todos os espaços ainda ha pouco tão cheios, tão ruidosos... Illuminava-os o dia; mas tinham tornado a fechar as janellas, e ainda os enchia um cheiro de animal humano. Para que foi que Mauricio seguiu Julia, andando vagarosamente atravez das salas? Para que foi que, quando atravessaram a sala de jogo, juncada de tentos e de cartas, elle a quiz conduzir ao *boudoir* musgo, áquella mesma poltrona onde ella estivera sentada algumas horas antes? Julia não se oppoz. O seu coração não tinha força para a resistencia; atormentava-a o desejo dos beijos e das caricias, tanto como a esse rapaz, quasi creança, que a levava pela mão.

Mas quando deixaram recahir atraz d'elles o reposteiro do *boudoir*, ficaram na escuridão. Tinham ficado fechadas as persianas que davam sobre a avenida. Essa obscuridade foi propicia e cumplice... Os seus labios tocaram-se sem que os olhos se vissem, e d'ahi, comprehenderam bem

que se pertenciam, que tinham acabado de luctar... As suas palavras, preces, revoltas, queixas, não foram mais do que murmurios afogados em beijos. Quando voltaram a si, estava ella extendida na poltrona, elle, ajoelhado aos seus pés... Ah! com certeza! no coração da pobre mulher houve bem a dôr de uma ferida, ao sentir ultrapassada a linha precisa, que separa a ternura da lubricidade. Mas o quê? o seu corpo estava preparado para essa querida violencia. Não soube balbuciar senão esta palavra: «Amo-te», quando, transtornado pela anciedade, quasi a maldizer a sua obra, Mauricio supplicava: «Perdôa-me!...»

Por uma piedade do destino, a estranha allucinação em que para ella se tinham passado todas essas cousas, não se evaporou immediatamente. Quando Mauricio, torturado como um sacerdote que acaba de quebrar o seu idolo, conduziu a sua amante á luz do dia e a fitou, ancioso, viu com espanto, que ella não chorava.

Não, uma ternura insondavel, a que chama todos os sacrificios, todas as mortes para a alegria melhor do Amado, enchia aquelles bellos olhos vencidos, emfim apaixonados! E sem pronunciarem palavras, as quaes nada traduziriam dos seus pensamentos, seguiram, esquecidos do mundo, voltando sem saber aonde, atravez das salas vasias...

Chegando á porta do salão grande, que dava sobre o vestibulo, Julia deteve Mauricio; envolvendo-o n'um olhar de ternura submissa, fez-lhe signal que ficasse ali um instante, que não a seguisse. Elle, beijou o braço nu, que ella lhe extendia.

— Sim... Fico. Vae! amo-te!

E com a cabeça lucida, mas vasia, deu alguns passos, emquanto ella se retirava para o seu quarto. Colou, então, a fronte de encontro aos vidros, olhando, sem vêr, o jardim azulado pela manhã que crescia.

Então, n'aquelle silencio absoluto, um ranger ligeiro de seda fel-o estremecer.

Era Clara que estava ali, atraz d'elle, encostada ao piano: estava ali com certeza antes d'elles terem passado; com certeza que os tinha visto.

Mauricio avançou para ella.

— Que fazes aqui? disse elle bruscamente. Porque te não deitaste?

— Tinha-me esquecido o meu leque... vê.

Mauricio observou-a um instante, desfallecendo quasi, como aterrada por tudo o que tinha visto... Que vaga interior o sublevou, n'esse minuto em que elles se olhavam face a face, abrasados ambos pela commoção? Foi a exaltação do triumpho, uma necessidade de usar uma força de victoria enorme que sentia ainda palpitar em si, a certeza que n'esse momento nada lhe resistiria... Approximou-se de Clara: ella nem se movia, hypnotisada pelo seu olhar.

Mauricio approximou-se mais ainda; e com os seus labios tocou os d'ella, n'um beijo immovel, n'um beijo de senhor que ordena, n'um beijo posto, sobre aquella bôcca fria, antes como um sello do que como uma caricia.

— Vae, disse-lhe elle, em seguida, meigamente, vae para o teu quarto, creança.

Ella não respondeu.

Limitou-se a obedecer.

SEGUNDA PARTE

I

Tinham decorrido tres annos. Estava-se no fim de maio.

Tres annos depois d'aquella manhã de baile em que, na mesma hora, Mauricio Artoy se tornava amante de M.me Surgère, e sellava com um beijo de dominado os labios de Clara Esquier.

Ao voltar para o seu quarto, n'essa manhã, ebrio d'orgulho, mas no entanto lucido, tinha ouvido a voz de um presentimento murmurar-lhe: «O teu futuro, d'aqui em deante, está ligado ao futuro d'esses dois sêres que te amam, que te hão de amar unicamente, sempre!» E em verdade, no decurso d'esses tres annos já passados, nem uma nem outra tinham fugido da sua vida ou do seu pensamento. Uma foi a companheira de todos os dias, e pouco a pouco quasi uma esposa. A outra, — a solteira, — tinha-a visto mais raras vezes; nunca a presença d'ella foi indispensavel á sua felicidade actual; mas em nenhum dia d'esses tres annos a separou do sonho de amor definitivo, do futuro remoto que trazia dentro em si.

Hoje, emquanto se demorava, de cigarro na bôcca, deante da mesa onde acabava de almoçar, sósinho, na sua casa de rapaz solteiro, na rua Chambiges, era ainda em ambas ellas que estava pensando. Já não as oppunha uma á outra, como d'antes; não renovava as imaginações perversas da sua adolescencia. Da libertinagem artificial tinha-o curado depressa o amor de Julia, tão franco, tão simples, tão são; e o projecto que chegara a formar, de seguir ao mesmo tempo as duas intrigas, em breve estiolou, planta parasita, sem raizes profundas no seu coração. Não era elle como tantos rapazes da sua geração, um Valmont incompleto capaz de conceber e de desejar as libertinagens externas, mas sem coragem para ellas?

E depois, os acontecimentos, pela sua sequencia natural, tinham tornado irrealisaveis esses projectos, tão fracamente desejados. Logo que foram amantes, Mauricio e Julia tiveram repugnancia em viver sob os mesmos tectos, na casa do marido. Mauricio alugou uma casa na rua de Chambiges; não tornou mais á praça Wagram senão como visita, como commensal assiduo: foi abolida a intimidade confessada dos dias de convalescença. Pouco tempo depois, Clara Esquier sahia tambem de casa dos Surgère: tinha deseja-

do entrar de novo em Sion, por mais alguns mezes, pretextando a tristeza da vida que levava sem companheiras da sua edade; e nem Julia nem Esquier se atreviam a oppôr-se á sua vontade. Durou a sua estada ali, não alguns mezes, mas mais de dois annos, durante os quaes a pobre creança procurou sem duvida, em silencio, em segredo, curar a doença do seu coração. Parecia tel-o conseguido quando voltou de novo para a companhia dos Surgère, depois da sahida definitiva do convento. Foi cordeal com Julia, sem affectar ternura; com Mauricio apenas algum embaraço gelou os primeiros encontros. Elle soube ler nas pupillas negras de Clara a recordação sempre viva do romance incompleto da sua mocidade d'ambos; pareceu-lhe que ellas não denunciavam rancôr. Talvez sobrevivesse tambem a desconfiança dos ataques bruscos, das caricias furtadas. Esforçou-se por dissipar a inquietação, por desarmar a desconfiança. Foi attencioso e amigavel, sem allusão ao passado: Clara, tranquillisada, insensivelmente foi deixando estabelecer as boas relações, um pouco triste, esboçando sorrisos.

Julia, incapaz de receiar uma traição, viu com prazer restituida a boa intelligencia dos dois. Como estavam destinados a viver uns ao pé dos outros não era muito melhor que vivessem em boa harmonia? Pensava, na ternura e na honestidade da sua alma, casar o mais breve possivel Clara — com o barão de Rieu, por exemplo, a quem certamente ella agradava — ficando assim sempre proximos uns dos outros, em boa paz, unidos.

Não era isto tão simples?

Sim, era inteiramente simples, para almas simples como Julia, como Clara, como João Esquier; era o arranjo acertado do futuro. Porém, Mauricio Artoy não era um simples. Logo que se sentiu ligado a Clara pelo fio de uma nova intimidade, seguro contra o seu rancor ou contra as suas revoltas, ambicionou mais. Oh! não, de certo, o reconquistal-a, não o fazer d'ella objecto de uma paixão perversa,

enxertada no outro amor: continuava a ser odioso para elle o pensamento de enganar Julia. — Não; mas conhecer o que subsistia, n'aquella alma fechada, da antiga ternura que ella lhe havia dado; saber se, apesar de tudo, ella continuava a pertencer-lhe. Todos os verdadeiros sentimentos têem esta inquietação que os martyrisa: saber se são amados d'aquellas mesmas que as circunstancias, ou simplesmente os proprios escrupulos lhes interdizem. Se se sabem amados, a demora na posse importa-lhes pouco: a sua fome de ternura nutre-se facilmente de sonhos, sem data para o vencimento. Mauricio era d'esses; era dos que, segundo a phrase admiravel de Henriqueta de Inglaterra, sempre «pedem o coração».

Mas como pedil-o á pobre creança, esse coração que elle tinha repellido e tão duramente maltratado? Não se atrevia. Já muitas vezes tinha commetido para com Julia esta semi-traição; ir á praça Wagram no meio do dia, á hora em que M.me Surgère tinha sahido e em que Clara ordinariamente estava tocando piano, sósinha no salão musgo... Sentava-se ao pé d'ella, ouvia-a; ou então, interrompendo-se ella de tocar, conversavam com simplicidade... Mas immediatamente lhe pareciam impossiveis, quasi monstruosas as allusões premeditadas á sua affeição terna de outr'ora. E d'esses colloquios, onde tinham falado de cousas indifferentes, admirava-se de trazer a singular inquietação, a pesada tristeza que o impelliam mais violentamente para Julia.

Esse dia de primavera, proximo do verão, era propicio aos devaneios enervantes, ás más suggestões. Conhecem-a bem os ociosos, aquella pesada primeira metade da tarde, tão longa, tão vasia. Concluido o almoço, lidos os jornaes, Mauricio não tinha mais nada que fazer até proximo das seis horas, — até á visita quotidiana de Julia.

Tinha-se levantado da mesa. Atirara fóra o resto da cigarrilha. Indeciso, media a passos largos o vasto quarto

rectangular que, com uma antecamara e um gabinete compunham os seus aposentos.

Tudo lhe lembrava Julia, ali, n'aquelle asylo, escolhido logo na manhã do dia em que, pela vez primeira, ella lhe tinha pertencido. Fóra ella quem havia dirigido a installação, bastante elegante, graças ás peças conservadas da antiga mobilia da rua d'Athenas. Cobriam os moveis, pequenos adornos feitos por sua propria mão, *bibelots* offerecidos por ella em cada anniversario. Se procurassem, mesmo, nos armarios, encontrariam artigos varios do seu toilette: um roupão, ganchos de cabello, uns sapatos de trazer por casa. Os estofos tinham sido impregnados a pouco e pouco, do perfume de fetos que ella sempre comsigo trazia. Sim, aquelle rez do chão da rua Chambiges, era bem o asylo da sua união; e era por isso que Mauricio tanto gostava d'elle, achando ali espalhado por tudo o calor dos annos de ternura, de esquecido refugio no seio da sua amada.

«Querida Yú, como eu a amo!»

Dizia isto, em voz alta, para um objecto que o seu olhar encontrara, que marcava tal data do seu longo amor... E comtudo, cheio das suas recordações, sem que pudesse realmente censurar-se de amar Julia menos que na vespera, que um mez antes,—discutia n'esse momento comsigo mesmo um passo cuja ideia lhe tinha vindo ao almoço, e que a sua consciencia condemnava.

Pensava:

«Ás tres horas, Julia terá sahido. Esquier está no escriptorio trabalhando. Clara, sósinha, entreter-se-ha estudando piano, na sala musgo. Hontem falou-se de cantos polacos, de Mockiusko, que ella não conhece. Vou levar-lh'os, hoje».

Começou, immediatamente, o seu toilette. Empregou n'isso o cuidado minucioso, o ardor alegre bem conhecido de todos os homens cuja mocidade foi votada ao amor, quando se preparam para uma entrevista de mulher, em que o amor entra em jogo. Mas prohibia a si mesmo re-

conhecer hoje essa effervescencia que elle conhecia tão bem.

«Aborreço-me aqui, e em vez de passar umas poucas d'horas bocejando, vou vêr uma rapariguita a quem tenho muita affeição. Que mal ha n'isto?»

Luvas calçadas, chapeu na cabeça, vestido como outr'ora com rebuscada elegancia, unico luxo ao qual nada diminuira depois de ter perdido a sua fortuna, voltou á sua estreita mesa de trabalho. Estavam sobre ella quatro photographias de Julia, sem molduras, para serem mais portateis. Uma, bastante amarellecida, representava-a como pensionista das Redemptoristas, com as mãos mal collocadas, o parecer carrancudo, prova antiga achada um dia por Mauricio n'um album, e immediatamente confiscada. As outras, mais recentes, mostravam a Julia actual, formosa na sua maturação feliz. Escolheu uma, beijou-a, metteu-a na sua carteira, e sahiu.

—Se não tiver voltado quando *Madame* vier, disse elle ao porteiro, peça-lhe que espere um bocadinho.

O tempo estava claro, o ar cheirava a folhas, á seiva, ao começar do verão. Mauricio alcançou, a pé, a rua Boccador, e d'ahi subiu para a avenida d'Alma.

Um par d'operarias, caminhando para a officina a passo estugado cumprimentou-o com um sorriso gaiato; e elle ouviu uma d'ellas exclamar:

—Era aquillo que me convinha!

Um pouco mais adeante, no momento em que se mettia n'um trem de praça, uma mulher extendida n'uma victoria, toda vestida de claro, afagou-o com um olhar significativo. E essas provas fugitivas de admiração feminina, ás quaes nunca tinha sido indifferente, deram-lhe um prazer singular n'esse dia.

Tinha dito ao cocheiro: «Ao armazem de musica, de Grus. Depressa». O trem descia os Campos Elysios. Paris de maio, tão brilhante, tão vivo, tão garrido, entrava-lhe pelos olhos dentro, rejuvenescia-o juntamente com o anno... Appare-

cia-lhe o que quer que fosse de luminoso no futuro, não sabia bem o quê, um acontecimento que havia de assignalar-se sobre a felicidade tranquilla, monótona, na qual se sentia afogado a pouco e pouco.

Chegou á esquina do boulevard Haussmann, e comprou na loja de Grus, as melodias polacas ; cinco minutos depois chegava ao palacete dos Surgère.

Veiu abrir a porta a velha Tonia. Mauricio perguntou hypocritamente :

—A senhora está?

—Não está, respondeu a velha, em tom enfastiado. Sahiu. Bem sabe que é a hora d'ella não estar.

—E demora-se muito?

Tonia encolheu os hombros n'um gesto, que significava: «Eu sei cá», ou então: «O senhor sabe tão bem como eu os habitos de M.me Surgère». E sem querer falar mais, entrou para o seu cubiculo.

Alliviado d'uma inquietação, Mauricio subiu. Começou logo ouvindo notas de piano: uma d'essas melodias numerosas e cantantes, tão reconheciveis, onde Beethoven, por meio de sons, faz falar a alma humana.

Entrou no salão grande, atravessou depois o mais pequeno, amortecendo os passos nos pesados tapetes, e chegou assim até ao bondoir musgo.

A meio perfil, viu Clara sentada em frente do piano coberto. Não tinha feito grande mudança. Os cabellos extremamente pretos, a bôcca muíto vermelha, as faces pallidas como folhas de camelia, continuava a ser a creança singular que havia tentado Mauricio, quando lhe apparecera na villa dos Cravos. Tinha crescido um pouco. Desapparecera a magreza da infancia; continuando a ser delgada e flexivel, com um certo balouçar do busto sobre os quadris, tão gracioso, tão raro nas francezas. Esta mobilidade accusava-se na ondulação que o tocar dava á sua cintura. Estava tocando aquella pagina admiravel, uma das menos celebres, em que o mestre exprimiu as melanco-

lias da partida, a angustia da ausencia e as alegrias do regresso, que são o seu resgate. Concluia a primeira parte: o *Lebewohl,*— o Adeus... Os cavallos sacodem os guisos e escarvam o chão; os postilhões fazem estalar o chicote; nos degraus da porta o amante abraça uma ultima vez a sua amada... Depois a berlinda começa a rodar, afasta-se envolta n'uma nuvem de poeira e desapparece na volta do caminho. Mauricio tinha-se sentado. Escutava, evitando revelar a sua presença; e ao mesmo tempo contemplava Clara. Aquella musica corria-lhe pelos nervos, para os tornar mais sensiveis e rythmar as suas vibrações. Com os movimentos leves e miudos dos seus dedos, Clara traduzia e conduzia o sonho d'elle; evocava-lhe recantos do passado, entreabria-lhe o veu que occultava o futuro, incerto, angustioso.

Mauricio sentia-se feliz e doloroso, immovel no presente pacifico, e comtudo inquietado com desejos para um indeterminado ámanhã. Sim, era bem isso. Tranquillo hoje, concebia obscuramente alegrias melhores para mais tarde, sem perguntar a si mesmo d'onde ellas viriam.

E seria, mesmo, certo virem? Porque lh'as havia de trazer o futuro, essas alegrias, que elle não tinha provado? A fortuna havia-o atraiçoado uma vez por todas; havia de ficar sendo para sempre um semi-pobre, sentindo melhor a sua pobreza pela lembrança do luxo anterior.— A ambição, a gloria... Essas palavras faziam-o sorrir tristemente.» A experiencia está feita... jámais serei um grande artista seja no que fôr, jámais. Sou um amador intelligente, e d'ahi não passo.» E o amor, a alegria de possuir as mulheres? Oh! essa era a sua verdadeira ferida. Bancarôta do dinheiro, bancarôta da gloria, resignava-se a ambas; mas soffria ainda no seu coração d'amante, e se a melancolia d'essa musica lhe revolveu as entranhas, era por lhe revelar uma tortura analoga á sua. Porque, n'esse mesmo momento, ella contava o vacuo da ausencia, a casa e a alma desertas, o caminho desesperadamente perscru-

tado a toda a hora, do limiar da porta, sem jámais reapparecer na volta d'elle o rosto amado...

«E comtudo amo, pensou Mauricio. Tenho uma adoravel amante que não vê outra cousa n'este mundo, e que me dá inteiro o seu amor.»

Não estava mentindo a si proprio. Se o tempo, o gastamento natural dos sentimentos humanos, tinham tornado o desejo menos palpitante, uma ternura tão poderosa, uma tão ardente necessidade da presença de Julia tinham lançado raizes no seu coração que, em verdade o podia dizer, nunca a tinha amado tanto como agora. Julia era a esposa, a carne da sua carne. Se a tirassem da sua vida, sentia que toda esta lhe desabava miseravelmente. Averiguava em si a necessidade irreductivel d'aquella mulher querida, e essa averiguação, que lhe fazia sentir palpitações de ternura, levantava ao mesmo tempo no seu intimo uma irritação surda. Ainda não contava trinta annos, e sentia que estava acabada a sua vida sentimental, como o estava a sua vida d'artista e de homem do mundo. Amava uma bella mulher, sim, muito desejavel, mas essa mulher tinha quarenta annos. Continuasse embora o milagre de mocidade, que a conservava bella e desejavel, tornasse-se elle mesmo velho, desprendido do amor antes d'ella, que importava? O nosso coração tem exactamente a edade do seu amor: o coração d'elle tinha quarenta annos. Jámais lhe seria dado conhecer a evolução natural do amor nos rapazes, o desejo, a iniciação da virgem ignorante, o casamento, a creação da familia... Estava-lhe defezo um caminho inteiro da vida, como se n'elle lhe tivessem erguido um muro.

«E ahi está a razão porque Clara me perturba tanto. É porque ella representa para mim o jardim prohibido, onde me não será permittido viver... Porque eu não a amo.»

Afim de mostrar a si mesmo que não a amava, olhava-a fixamente, e em verdade a sua carne não vibrava. «Dizer que ha tres annos, pensou elle, se eu me tivesse encon

trado assim, sosinho com ella, não teria sido capaz de me conservar tranquillo... E então era ella ainda uma creança, apenas formada.» Evocava as recordações de Cannes, as perseguições que elle fazia á rapariguita pelos cantos da *villa,* só para vêr os olhos pretos d'ella tornarem-se fixos, para amparar o seu busto, ancioso, derrubado sob a pressão de um beijo, menos por desejo do que por uma curiosidade pueril, por um gosto de dilettantismo amoroso um pouco perverso...

«Como tudo isso já vae longe! Loucuras, de que estou completamente curado hoje.»

A presença continua de Julia tinha-o transformado lentamente, e todas as más enxertias de scepticismo, de perversidade sentimental, de devassidão no amor, haviam murchado uma a uma, ao contacto d'aquella magnifica saude d'alma.

N'esse momento mesmo, embalado, dissolvido pela melodia, o que elle sentia, eram as apprehensões de uma agonia no futuro, em um momento que elle ignorava,—de um soffrimento causado por aquella creança pallida, d'olhos e cabellos negros, cujos dedos finos resvalavam sobre as teclas... Dizia, sinceramente, e de si para si: «Não, não a amo,» Mas, no entretanto, sentia que o agitava uma ternura confusa para com aquelles olhos, para com aquella pelle branca, para com aquelles negros cabellos. Ou antes, era a melancolia de uma perda irreparavel, de uma cousa entrevista, que teria podido ser, que não seria.

D'onde quer que ella proviesse, essa tristeza augmentou a pouco e pouco, tornou-se n'uma angustia tal que elle sentiu que teria de chorar, de gritar quasi, se a musica durasse um instante mais. Levantou-se, approximou-se: a bulha dos seus passos era amortecida pela alta lã dos tapetes; mas Clara adivinhou a presença d'elle. Voltou meio corpo.

—Ah! é o senhor?

Extendeu-lhe os dedos, que elle mal apertou.

— Ha muito tempo que eu estou aqui, disse elle, depondo sobre o piano, sem pensar mais n'isso, a collecção de melodias polacas que trazia. Estive a ouvil-a tocar esse admiravel trecho. E, como vè, fiquei bastante commovido.

— Sim, replicou ella. É verdadeiramente admiravel. Nunca me canço de tocar essa pagina do Adeus. E sou de tal modo penetrada por ella, que quando a toco aqui, para mim sósinha, parece-me traduzir simplesmente o meu pensamento.

E repetiu discretamente os ultimos compassos. Mauricio, que se tinha sentado proximo do piano, disse, quasi em voz baixa:

— Não toque mais... Acredite que soffro, ouvindo isso.

— Tem razão, disse ella... Eu fico nervosa tambem.

Fechou o piano, e encostou-se sobre o cotovello esquerdo, sem se levantar do banco.

— Sabe que M.me Surgère não está? disse ella.

— Sei; mas tambem não é ella que eu vinha vêr.

— Então, é a mim? perguntou Clara, sorrindo.

Elle respondeu sériamente:

— É verdade, é a si.

Hoje precisava approximar o seu coração do de Clara. Cançado das palavras polidas que ordinariamente trocavam, queria saber quanta affeição continha para elle aquelle coração innocente. Longe de desejar as caricias vãs de outr'ora, preferia que ella quizesse confiar-se-lhe ternamente, que ella lhe falasse, de alma aberta, como a um affectuoso irmão mais velho.

Ella, que o via, d'esta vez, mais perturbado ainda que de costume, córou um pouco, emquanto balbuciava, tentando estar alegre.

— Está hoje muito amavel comigo! Não me parece o mesmo.

Elle, porém, olhava-a bem de frente, bem nos olhos, e,

approximando-se d'ella, pegou-lhe nas duas mãos. Entre ambos, pensava, não se tratava agora de dissimulação sentimental, de precaução mundana disfarçando as inclinações do coração. Tinham sido creanças ao mesmo tempo, conheciam-se bem. Mauricio disse alto o seu pensamento, como se falasse comsigo mesmo; e Clara não se admirou.

—Quando penso, disse elle sorrindo, quando penso que esta bella rapariga foi a minha amiguinha d'outros tempos, foi a minha paixão, no tempo em que era, apenas, uma collegial de quinze annos, magra e desageitada! Aos quinze annos, ella mesma andava tão preoccupada com o seu amigo Mauricio, que lhe escrevia o nome, com pontos de admiração, nas costas das estampas do seu livro de orações; não diga que não, Clara, eu surprehendi esse livro, um dia, em Cannes! Passaram-se só tres annos. Agora, encontramo-n'os de novo; a collegial tornou-se uma bella rapariga, uma bella mulher, porém já não gosta absolutamente nada do seu amigo d'outro tempo».

Embora elle se esforçasse por dar á sua voz o tom do gracejo, adivinhava-se uma profunda tristeza no que dizia: Clara bem o percebia; e o seu bonito rosto cheio de gravidade assombreava-se melancolicamente.

—Não sei porque diz isso, Mauricio; sabe que o estimo muito, respondeu ella...

Mauricio não levantou a phrase; olhava-a sempre, attenta e tristemente, como se estivesse a procurar-lhe nas feições uma expressão fugitiva do rosto d'outr'ora.

—Vê, Clara, disse elle, o que é triste na vida, é que quando se tem minutos felizes, não se percebem na occasião, mas sim muito tempo depois, quando elles já vão bem longe no passado... Lembra-se de Cannes, da villa dos Cravos? E das noites passadas no terraço em frente do mar, quando eu ficava ali horas inteiras, com uma das suas mãos na minha, e a cabeça encostada ao peito da mamã?

Dizendo estas palavras, levou aos olhos os dedos de Cla-

ra, como para reprezar as lagrimas, que estavam quasi a correr. Clara, que sentiu egualmente as lagrimas affluirem-lhe, balbuciou apenas:

— Mauricio!

— Em verdade, continuou elle, quando penso na minha felicidade d'esse tempo, parece-me que foi outra creança e não eu, que foi tão feliz. Lembra-se do nosso passeio a Beaulieu, do caminho estreito entre um muro e arvores, com o mar azul no extremo d'elle?... E dos rochedos de S. João, d'esses rochedos arrancados, como partidos pelo mar, e que parecem cheios de desespero?

Clara baixava a cabeça. Sim, com certeza, lembrava-se de tudo; todas essas recordações eram o thesouro secreto da sua alma. Mauricio pronunciava em voz mais baixa as palavras que ha pouco ainda não quizera dizer, mas que se desprendiam por si mesmas agora.

— E lembra-se d'aquella vez primeira em que eu lhe beijei a bôcca, deante d'aquella paizagem tragica? Eu, vejo isso agora como uma cousa presente, lembro-me dos seus olhos, que de repente se tornaram tão extranhamente fixos, como n'este momento estão...

Effectivamente, as feições de Clara tornavam-se rigidas, marmoreas como outr'ora; os seus olhos, fixando-se e como que parando, restituiam-lhe a sua antiga physionomia. A necessidade irresistivel de reviver o passado, de lhe arrancar alguns dos seus minutos irreparavelmente fugidos, confrangeu os nervos e todo o sêr de Mauricio. Desejou aquelles labios rubros, que havia roçado em tempo. Attrahiu a si as mãos de Clara; ella, porém, desprendeu-se, e affastou-se tão resolutamente, que Mauricio nem pensou em detêl-a.

— Bem vê, que já me não tem affeição! disse elle.

Clara tinha-se levantado. Para lhe occultar a sua perturbação, affectava procurar uma peça de musica em um caderno. Mauricio approximou-se-lhe. Precisava falar ainda do que os separava; nada o impediria d'isso agora.

— Para que me diz que me estima como d'antes, se me recusa as menores cousas, que eu lhe peço?

Ella voltou-se, mais tranquilla:

— Essas cousas, disse, já hoje o senhor não tem direito de m'as pedir.

Mauricio não respondeu, surpreso. «Então, ella sabe tudo? Comprehende tudo?» pensou. Depois, immediatamente: «É evidente, comprehende tudo. Tambem, era loucura imaginar que ficaria sempre creança.»

Impressionou-o vivamente a honestidade resoluta de Clara.

— Tem razão, Clara, disse elle com tristeza, eu é que sou um inconsciente e um louco. Não fique zangada. Não torno mais... Perdoa-me?

Clara replicou:

— Não tenho nada que lhe perdoar. Já esqueci.

— Olhe, volto para o meu logar, d'onde a estive ouvindo. Torne a tocar a segunda parte, a Ausencia. No entretanto, acalmarei os nervos, e depois saio immediatamente.

Clara accedeu. Sentado proximo d'ella, Mauricio escutou-a. A musica docil traduzia ainda o seu sonho. Dizia mais desesperadamente o irremediavel do passado, o impossivel de reviver o tempo uma vez vivido; evocava a noite turva do futuro, sem sahida, sem fim.

O relogio de parede soou gravemente uma meia hora. Mauricio, trasbordando de commoção interna, approximou-se de Clara, apertou-lhe a mão direita sobre o teclado mesmo, emquanto a outra continuava o acompanhamento, e disse-lhe:

— Adeus.

— Vem hoje jantar? perguntou Clara.

— Não, respondeu elle; estou muito triste. Não podia ser bom conviva.

Ella não insistiu, fez um movimento de despedida com a cabeça, sem deixar de tocar, sem falar.

Mauricio afastou-se, atravessou as salas, e sahiu.

«Que especie d'alma tenho eu? pensou elle, emquanto a sua carruagem o reconduzia á rua de Chambiges. Que força irresistivel me obrigou a falar a essa creança, como acabo de o fazer? Era inutil, e mal feito, porque não espero nada d'ella. E depois, a verdade é que eu amo Julia infinitamente. Nenhuma mulher — nem mesmo Clara — me póde desligar d'ella... Então, para que foi isto, para quê?»

Não achava resposta, não pensava já, era uma voz exterior, fóra d'elle, que respondia:

«Não; é verdade que não amas essa creança. Talvez chegues a amal-a com o tempo; mas hoje não a amas. Se por vêl-a fóra do teu alcance, por te ser prohibida, te sentes horrivelmente triste, é porque ella te mostra a tua vida fechada, acabada para o amor, agora. É certo que a tua amante te é muito querida, que amas a tua cadeia: mas aquella creança representa a liberdade, o futuro.»

N'isto chegava a casa. «Praza a Deus que *ella* já lá esteja!» Tinha medo de ficar só, mesmo alguns instantes, só contra a conjuração das melancolias, no quarto vasio. Sim, Julia estava lá... filtrava-se a luz de um candeeiro por entre as juntas das persianas. Mal abriu a porta, distinguiu na penumbra da antecamara o phantasma adorado da sua amiga... Immediatamente, ella o recebeu nos braços.— «Como eu a amo!» dizia elle comsigo, refugiado ali, sem palavras, na posição em que d'antes, quando era creança e rapazinho, gostava de apertar-se junto ao seio de sua mãe. «Não... sem esta mulher é que eu nunca poderei passar, nunca».

Conduziu-a para o quarto... Era a hora em que, ordinariamente, elles contavam um ao outro o seu dia, como amigos velhos, cheios de ternura, que se comprazem em saber tudo um do outro. Mas d'esta vez, commovido ainda pelo seu recente colloquio com Clara, desinteressava-se dos incidentes miudos. Face a face com a sua amante, que-

ria vêl-a longamente, gravemente, respirar a sua ternura tão desejavel, banhar-se, por assim dizer, n'ella, afim de se purificar sinceramente de todo o mau desejo, de toda a vontade de duplicidade ou de traição. De tal modo aquella presença tranquillisava a sua inquietação, a doença secreta da sua alma!

—O que tens tu, meu querido? dizia Julia, interrogando-o com o olhar. Tenho a certeza que tens alguma cousa, que me não dizes.

—Não, respondeu elle... Não, não tenho nada, Julia, juro-te... Amo-te hoje com mais ternura do que o costume. Ama-me, do mesmo modo, tambem.

Attrahiu-a docemente para um canapé que mobilava o canto proximo de uma das janellas, um simples estrado, coberto com um grande tapete de Mecca, e inteiramente juncado de almofadas. Deitado ao lado d'ella, com os labios encostados ao seu pescoço e ás suas faces, tocava-lhes apenas, e nenhumas caricias podiam ser mais castas, mais fraternaes. Tres annos haviam diluido o seu desejo, deixando sobreviver, sim, uma gratidão infinita pelas alegrias da carne que mutuamente se haviam dado, mas purificada pela duração, pela communhão das lembranças, pelo enlace das suas vidas de espirito.

Se n'esse dia se amavam por outra forma que não fôsse com os seus corações sequiosos de ternura, mal se lembraram de tal, quando se separaram, passada uma hora. Que importava, entre elles, a escravidão dos sentidos em que por vezes os lançava a sua humanidade? Era uma prova menor de amor, com certeza, do que a sua apertada união de pensamento,—e do que a invencivel necessidade de viver um perto do outro, um para o outro, que ambos sentiam intensamente.

II

«Tenho a certeza, meu amado, que tens alguma cousa que me não dizes...»

Pobre Julia! a inquietação, a tristeza adivinhadas no fundo dos olhos claros de Mauricio tornavam-se a sua inquietação e a sua tristeza, agora que ella o tinha deixado, e que o não voltaria a vèr, senão d'ahi a vinte e quatro horas. Mauricio dissera: «Não tenho nada.» E immediatamente se expandira em abraços mais apaixonados, em phrases mais cariciosas... mas o coração de Julia não era facil de enganar... Conhecia profundamente os olhares, os gestos, a voz do seu amigo; percebia n'elles as ligeiras alterações, que elle proprio não suspeitava. D'esta vez, interrogava-se, com angustia: «Que terá elle, o meu pobre querido, o meu adorado?» E immediatamente se definia e precisava a sua anciedade: a inquietação de Mauricio era uma ameaça para o amor d'elles ambos.

Só pensar n'isso, quasi a fazia desfallecer. Se o seu tardio amor lhe havia tão completamente occupado o coração! Tirassem-lh'o agora, e ella, bem o sentia, não tinha mais razão de viver; penderia quebrada como uma planta debil, privada do seu tutor. «Eu amo-o tanto!» Amava-o, por tudo quanto tinha padecido muito tempo, sentindo o seu coração êrmo, e a sua vida desamparada; pela violencia feita á sua castidade e á sua fé religiosa; pela anciedade do futuro, jámais esquecida, mesmo nos momentos mais exaltados,—porque cada anno, cada hora accusava entre ella e Mauricio a desproporção das edades...

Oh! como era sagrada a sua ternura, tão estreitamente ligada com o soffrimento, que cada uma das palpitações do seu coração a tinha feito sangrar.

Primeiro, no dia immediato ao da sua entrega, tinha sido, apesar do orgulho de ter dado a felicidade ao homem que ella amava, um horrivel desgosto de si mesma, a consciencia de ter irrevogavelmente decahido, o remorso do

soldado que se passa para o inimigo. «Está feito, está acabado... Deixei de ser, para sempre, uma mulher honesta». E ella, a quem os passos, a quem a voz de Mauricio, ouvidos a distancia, a quem só o ouvir pronunciado o nome d'elle transtornavam completamente, receiou a segunda provação, com um medo instinctivo, da carne e do espirito... Poucos homens suspeitam o que soffre uma mulher muito tempo fiel no casamento, quando, estação por estação, sobe o calvario do adulterio.

Entregou-se-lhe, pela segunda vez, mais de duas semanas depois do baile, na rua de Chambiges, nos aposentos apenas installados de Mauricio. Nunca este havia de conhecer a tortura que ella tinha soffrido ao descer do trem de praça, na esquina da rua, sob o olhar motejador do cocheiro, ao deslisar junto á parede até á porta da casa, depois até ao limiar da antecamara onde o seu amante a recebeu nos braços, semi-morta de medo e de vergonha... Adivinhou elle, pelo menos, que o primeiro despir, apesar dos beijos e dos abraços em que elle a envolveu, lhe fez mal como se lhe arrancassem a epiderme bocado por bocado? Comprehendeu elle, que ella soffria mil vezes mais do que uma noiva, — porque esta tem o refugio da sua ignorancia, — que tudo para ella foi martyrio n'esse amor, excepto o minuto unico em que a vida lhe pareceu fugitivamente confundida com a vida do adorado?

Esses temores crueis que a torturavam então, tinha ella de censurar-se mais tarde por já os não experimentar... O tempo invencivel gastou o seu pudor, como gasta todos os nossos sentimentos, como nos gasta a nós, tambem. Julia, porém, não foi d'essas apaixonadas, que zombam da sua innocencia abolida. Quantas vezes, depois das caricias, ella se contemplou a si propria com espanto, quasi com dó, confusa por se ter perturbado tanto, confusa por descobrir em si uma capacidade de emoção, que ainda não tinha suspeitado. O quê, era ella, pois, ella, essa apaixonada, submissa, sem o pensamento mesmo de uma re-

volta, como uma cousa, aos desejos de um homem, de um homem tão novo? Não ficaria mais admirada se, olhando para um espelho, o crystal lhe reenviasse uma imagem diversa da sua...

Tempos turvos, incertos, agitados e melancolicos, esses primeiros tempos de amor em que faziam, por assim dizer, a aprendizagem um do outro. Quando se lembrava d'elles, a evocação fazia-a estremecer; mas não desejava que elles voltassem. Parecia-lhe, — não era extranho? — que n'esse tempo Mauricio a tinha amado menos; menos mesmo do que d'antes, menos do que no tempo da sua communhão pacifica de amigos amantes. Acabados os agradaveis passeios a dois, acabados os passeios communs de carruagem... Apenas a entrevista das cinco horas, tornada cada vez mais frequente, e depois quotidiana; e essa entrevista, fóra o enlace de momento em que tudo esquece, era desconsolada, triste; dois inimigos desarmados, que se observam. Desapertado o enlace, sentiam ambos o desejo inconfessavel de se deixarem, de irem estar sós, — para se desejarem de novo, na solidão...

Lentamente, comtudo, atravez dos mattagaes e do chão pedregoso d'essa primeira jornada de amor, iam-se encaminhando, — e ignoravam-o! — para o paraiso secretamente esperado. N'elles, germinou, cresceu, um sentimento novo: o desejo de estarem juntos, de se tocarem, de se olharem; desejo dos abandonos silenciosos nos braços um do outro, muito tempo depois de se ter calado a voz tyrannica dos sentidos. Era a ternura dos seus primeiros mezes de amisade, e alguma cousa mais: porque foi mais exaltada, mais quente de reconhecimento; violenta como um appetite, profunda ao mesmo tempo, intima como uma dôr...

Foi sómente, então, que elles perceberam que se approximavam d'aquelle cimo, tão raramente alcançado, onde dois sêres humanos se amam perfeitamente.

Quando o attingiram tiveram consciencia d'isso, e essa

data devia viver sempre na sua memoria. Foi pelo outomno do primeiro anno. Mauricio, inquieto com o appetite das viagens, cançado da cidade, atormentado tambem por uma extranha necessidade de isolamento tinha deixado Paris. Durante quinze dias, percorrera no paiz d'Aveyron as formosas paizagens mal exploradas, que ficam proximas d'Espalion e de Figeac. Todo esse tempo viveu sósinho com o cocheiro semi-selvagem, dos dois magros animaes, infatigaveis, que o iam arrastando pelos caminhos... Em torno d'elle, succediam-se os vastos panoramas; a carruagem seguia ao longo de veredas sobre córtes a pique, no fundo dos quaes corria uma torrente. De quando em quando, uma ponte ligeira, moderna, ou qualquer velha ogiva musgosa pendurava-se no abysmo, ligando entre si as duas paredes do profundo corte. Caminhos de pé posto desciam perdidamente para os abysmos, e lentamente escalavam a vertente contraria.

Ao fim de pesados promontorios de serras, appareciam as aldeias, como figuras de prôas gigantescas... Depois, sobre os planaltos, ficavam as pastagens immensas do Aubrac, as suas aldeias longinquas, os seus lagos mysteriosos onde, dizem as lendas, dormem as cidades mortas...

Oh! como eram as partidas nas manhãs pallidas, pelo orvalho e pelas brumas luminosas! que estradas aquellas, onde, como phantasmas azulinos, apparecem atravez do nevoeiro as formas amplificadas dos rebanhos, dos carros que se vão encontrar!... E as noites de solidão, dentro das povoações aveyronezas, quando, depois do pesado jantar da estalagem, á mesa dos viajantes, Mauricio ia divagar na sombra das ruas, apenas illuminadas por alguma rara lanterna de schisto, no extremo de um angulo de cadeias! Concentrados pelo isolamento e pelo silencio, as suas sensações centuplicavam-se de intensidade, indefinidamente reflectidas sobre as paredes do seu proprio coração... Como se sentia longe de tudo, e só! Dos raros sêres humanos, que via passar perto de si, nenhum falava a sua

lingua,—nem um pensamento commum habitava ao mesmo tempo aquelles cerebros e o seu... Abysmava-se na sua solidão: «Estou só... só, só...» E sentia uma voluptuosidade horrivelmente doce. Comtudo, ella anniquilal-o-hia, se não pudesse responder a si mesmo: «Sim, estou só, aqui; mas não estou só na vida... Lá, na cidade, tenho alguem que pensa em mim.» O valor d'esse pensamento fiel, irmão do seu pensamento, impregnado da sua recordação apesar da distancia, só n'essa hora o conheceu... No meio das pobres e austeras paizagens do Aveyron, a ausente transformou-se para elle na humanidade inteira. Povoou-lhe a vida, a imaginação. Não o deixou mais. O reflexo evocado de um dos seus olhares, o recórte lembrado de um gesto, o echo de uma palavra, despertaram n'elle commoções imprevistas, imperiosas, que fatalmente o dominavam... Beijou com devoção, e mil vezes, os telegrammas, que em cada ponto de paragem, os chefes das estações lhe entregavam.

Quando regressou a Paris, a solidão tinha-o transformado. Um telegramma, datado de Vic-sur-Cére, annunciou a Julia, que elle chegaria antes do dia aprazado; poderia ir encontral-o na casa da rua de Chambiges, immediatamente depois... E o minuto inolvidavel foi esse: foi quando se abraçaram no crepusculo do quarto, com as persianas fechadas, elle deitado, mal disperto do pesado somno em que o abatera a fadiga, ella, vestida para a rua, trazendo de fóra um perfume de ar fresco, e como que a phosphorescencia, nas suas roupas, nas suas faces, nos seus cabellos, da luz alegre da manhã. Mauricio, sentando-se, cingiu-lhe o busto, a cabeça querida; o appetite dos beijos fazia esquecer as palavras aos labios de ambos. Do lado d'ella, o seu coração intelligente de apaixonada estremeceu de felicidade, menos por ter de novo junto a si o amado, do que por encontral-o outra vez tal como tanto tempo o havia sonhado: não já a creança nervosa, não já o amante imperioso, mas o ser egual a ella propria, pro-

curando a obscura fusão das suas almas, sonhando ser o seu inteiramente dedicado, o seu bem, o seu tudo.

Foi a aurora do tempo abençoado, resgate das angustias, dos desgostos da primeira hora, resgate do futuro tambem, de todas as ameaças que um amor absoluto reserva para o dia de ámanhã. Concedeu-lhes essa tregua o destino misericordioso: não tinham nenhum obstaculo para se verem, nenhuma ciosa vigilancia se lhes oppunha; parecia ter-se formado em torno d'elles uma atmosphera de protecção. D'ahi em deante, nenhuma estação do anno os separou. Ao inverno de Paris, ás entrevistas quotidianas da rua de Chambiges,—cortadas por algumas semanas passadas em Nice,—succediam as villegiaturas em commum, no campo, no mar, onde alternadamente vinham estar com elles Antonio Surgére e Esquier. Com a maior naturalidade, a vida tinha-se disposto para lhes garantir o repouso. Só dependeu d'elles gosarem o beneficio que o ente humano mais obstinadamente procura n'este mundo: o esquecimento dos dias, o dôce nada de viver.

Mauricio gosou esse bem: foi perfeitamente feliz; Julia tambem o foi; mas a sua felicidade foi cortada por uma inquietação invencivel, nascida d'ella mesma, do seu proprio excesso, e que não deixou de augmentar desde então. Quando comparava a sua vida d'outr'ora com a do presente, media com espanto o obscuro abysmo d'onde o amor a havia arrancado,—mas para quanto tempo?... Para mezes? talvez!... Para sempre, com certeza que não. «Quando Mauricio tiver a edade que eu tenho hoje, já eu estou velha...» Chegaria, portanto, a hora em que Mauricio lhe seria arrebatado, em que ella recahiria nos limbos da sua antiga existencia, com a recordação da felicidade perdida, para desesperal-a. «Mauricio ha de casar... Se não casar ha de deixar-me...» Este pensamento minava-a. Ao pé de Mauricio esquecia todas as suas apprehensões; mas recahia n'ellas tão depressa estava só.

As suas verdadeiras horas de agonia eram quando tinha

lido uma preoccupação nos olhos do seu amado, um sonho de que elle lhe não quizesse dizer o segredo. Como ella conhecia bem, até ás minimas fibras das pupillas, aquelles olhos de ambar claro... Lia nitidamente n'elles o desejo que lhe não pertencia, mesmo quando elle era tão indeciso, que o proprio Mauricio não chegava a distinguil-o! Logo que sahia do lado d'elle, começava o seu martyrio. Perseguiam-a, por toda a parte, os olhos de Mauricio, com a mácula do pensamento turvo. Fechava-se no seu quarto, para ficar sósinha com a sua magua; e ahi chorava sobre o desconhecido, sobre o perigo vago. Ah! como lhe seria apreciavel uma confidente para esses pensamentos sem nome! Mas esse confidente, onde ir buscal-o? O pudor sellava-lhe os labios em face do velho amigo,— d'Esquier, o qual havia adivinhado tudo,— ella bem o sabia. Então quem?... O confessor?... Bastantes vezes, passando pela rua de Turim, foi tentada pela arcada branca da capellinha. Ah! a vergonha do seu peccado obstruia-lhe a entrada; sentia que não tornaria a entrar ali senão levada pelo remorso e pela penitencia, mais tarde, muito mais tarde, depois do desabar da sua ventura... No entretanto vagueava em torno das egrejas; ás vezes entrava n'ellas furtivamente, como se tivesse medo de ser vista, ella, peccadora, pelo proprio Deus a quem ia procurar. Pregada de joelhos, ficava horas inteiras n'um canto sombrio das naves lateraes, hombro a hombro com velhas pobres, com devotas de rosario. Não resava; como atrever-se a pedir o que desejava o seu coração culpado, a esperança, a eternidade da falta?... Não. Não pedia nada, enternecia-se apenas, em frente do tabernaculo; tomava a pouco e pouco a coragem de extender a sua miseria perante os olhos do mestre divino. Elle bem sabe, Elle, o que precisam as pobres apaixonadas!... Elle bem via a incapacidade que n'ella havia para desejar a cura da sua alma! Ao menos, pela sua presença na egreja, a peccadora protestava contra a sua indignidade, e parecia-lhe que, por um d'esses

meios milagrosos que Deus tem nas suas mãos, havia de conciliar as cousas para que um dia,— d'ali a muito tempo, — o seu crime fosse perdoado.

(Continua).

Marcel PRÉVOST.

RIVAES

(Continuação)

IV

Sentia-se presa e arrebatada por uma força superior á sua vontade, como instincto poderoso. N'um minuto tornou a ser o que fôra outr'ora a ingenua filha do povo, e a recordar-se das companheiras de infancia que a simples aceno dos seus brutaes amantes os seguiam de cabeça baixa. Se o moço poeta assentado a seu lado a olhasse fixamente tel-o-ia beijado lavada em lagrimas. Porém, o timido apenas ousava erguer os olhos. Parecia-lhe tão puro, tão superior a si que se envergonhava; e como João Delhy lhe sorrisse com embaraço, descobrindo sob a rala barba loura, os labios vermelhos e um renque de bellos dentes, desesperou-se julgando profanação a lembrança de o beijar, como evitaria colher rozas com as mãos sujas.

O que disseram? Palavras banaes. A actriz dirigiu-lhe cumprimentos, repetindo as mesmas palavras, fez-lhe per-

guntas indiscretas sobre a sua vida, João apenas respondia. Por mais noviço que fosse, espantava-se, sem adivinhar a causa, da perturbação da sua protectora. A athmosphera do camarim asphixiava-o. Não sabendo o que havia de dizer e receiando tornar-se importuno, levantou-se para sahir. Os olhos negros e profundos de Nelly humedeceram-se.

— Volta a ver-me, não é verdade!...

A sua voz quasi que supplicava.

— Com alegria, João respondeu. Mas quando poderei?...

— N'este logar á mesma hora d'hoje.

Saudou-a; Nelly estendeu-lhe a mão, n'este momento gelada. Sómente na rua, em presença do ar frio da noite, é que o moço poeta percebeu ter a mão da actriz tremido na sua. Como é bella! Pensava João regressando á longinqua agua-furtada...

Palavra de honra! Direi a Mariette que Saint-Firmin entregou directamente a Mr. Cadus o meu manuscripto... Se soubesse que sou protegido por essa soberba mulher creio bem que se tornaria ciumenta e se affligiria. É preciso que a pobre rapariga ignore.

VI

O poeta mentiu; e a alegria de Marietta, foi em breve perturbada por grande cuidado quando teve conhecimento, que a *Noite Estrellada* ia ser representada. Pareceu-lhe que a affeição do amante esfriava de repente. Antes d'isso nas frequentes visitas quotidianas, João não só a esperava com impaciencia, mas encontrava-o sempre no cimo da escada cheio de alegria e de felicidade, e em seguida que abraços! que beijos! A pobre rapariga conhecia n'essas occasiões que ausente ou presente era sempre amada. Mas agora já não acontecia o mesmo. Sempre carinhoso e bom

era, porem, menos terno e tinha o pensamento n'outra parte. Marietta desculpava-o. Attribuia aquella quasi indifferença, ás esperanças e ás ambições do artista, occasionadas pela parte decisiva que ia representar. Comtudo inquietava-se de o ver assim, nos seus braços, mesmo nos momentos de mais intimo abandono, e era com pungente pezar que lhe perguntava:

— Em que pensas?

A resposta era sempre animadora:

— Ainda duvidas?... Na minha peça, n'essa leitura perante o «comité»... É dentro de quinze dias, como sabes.

Continuava ainda a mentir; e emquanto Marietta o olhava e beijava docemente no pescoço, João pensava em Nelly, n'essa flôr de luxo, que n'aquelle momento desejava, que se lhe offerecera — do que estava certo agora — e cujo voluptuoso perfume o perseguia.

Qual o motivo, porque sendo passados já dez dias depois da visita á actriz, não voltara ao Vaudeville? Por consideração para com Marietta. Custava-lhe muito ter segredos para a pobre rapariga. Arguia-se intimamente do seu desejo de infidelidade. Ella amava-o tanto! E elle tambem a amava! Se as coisas tomassem outro rumo, Marietta ficaria sempre sendo a sua companheira, a sua amiga, reservar-lhe-ia um logar, como que um cantinho privilegiado no fundo do coração. E contemplava-a embevecido de felicidade, repousando sobre o hombro da amante a cabeça inconstante; admirando-lhe os cabellos ruivos espalhados em desordem, como rios de cobre, sobre as franzinas espaduas, sobre a nuca quasi infantil, e os deliciosos olhos côr de café que de tempos a tempos se erguiam para elle cheios de confiança e de sinceridade.

— Não faria tal! Seria deslealdade! pensava então. Não procurarei tornar a vêr Nelly Robin.

Comtudo encontrou-a sem a ter procurado.

Foi no Père-Lachaise deante da cova aberta na valla commum, onde acabavam de enterrar o corpo de Saint-Fermin,

que morrera no hospital. Muito commovido, pela perda do amigo humilde e enthusiasta, João Delhy, cuja peça, na vespera, fôra recebida com grande applauso na Comédie, ouvia o ultimo *De profundis*. Apezar da chuva miuda e fria, um pequeno numero de collegas do velho contra-regra o acompanharam ao cemiterio. Não eram mais do que tres ou quatro jovens actores do Odeon e uma duzia de antigos comediantes de faces barbeadas e enrugadas que outr'ora representaram com Saint-Fermin nos suburbios.

No momento em que deitaram a agua benta, uma mulher appareceu envolta em magnifica pelliça com os braços carregados de flôres. João reconheceu Nelly Robin. A boa rapariga vinha dar o ultimo adeus á velha testemunha dos seus annos de mizeria.

Rapidamente, approximou-se da valla, baixou a cabeça fazendo ao mesmo tempo o signal da cruz, balbuciou uma oração e entregou ao coveiro, deixando-lhe cahir na mão uma moeda, os ramos e as corôas. Então é que viu João e cumprimentou-o.

Que olhar lhe lançou por debaixo do veo negro! Ao mesmo tempo terno e afflicto. Desde a visita no camarim até a esse encontro no cemiterio Nelly não cessara de pensar no poeta. Obsessões da lembrança, impaciencias de espectativa vã, suspiros de esperança amortecida, os olhos da encantadora Robin, n'um segundo arguiram de tudo isto a João Delhy, ao mesmo tempo aquelles bellos olhos estavam tão cheios de felicidade e de perdão. O poeta corou e levou as mãos ao peito para suster as pulsações violentas do coração. E estavam no cemiterio sob um ceu negro e borrascoso de dezembro, ao pé da valla onde lançam os pobres! Se o amor é mais forte do que a morte! Todavia, para approximar-se de João, a actriz deu á phisionomia um ar contristado, e proferiu:

— Pobre Saint-Fermin!... Eramos tão amigos d'elle, não é verdade?

Não obstante o pobre Saint-Fermin ter desapparecido da lembrança de ambos a sua alma indulgente talvez lhes sorrisse do alto do Paraizo dos actores, onde estão todos — assim o devemos crêr — promptos a representar um soberbo primeiro papel e os seus nomes sempre de atalaya no cartaz.

João e Nelly affastaram-se da valla commum e desceram juntos á álea circumjacente, por entre as lugubres arvores despidas de folhas.

— Porque não me tem vindo vêr? Perguntou a actriz em voz baixa.

Delhy respondeu no mesmo tom:

— Não me atrevia...

E continuaram a andar, sem proferirem palavra, ao lado um do outro. Á porta do cemiterio Nelly Robin encontrou o coupé que a esperava.

— Vem commigo, não é verdade?

Apenas assentado ao lado da actriz na estreita carruagem almofadada como cofre de joias e envolvido pela perfumada pelliça, João perdeu a cabeça. Nelly comprehendeu-lhe no olhar o vivo desejo que o dominava e cheia de felicidade deixou pender a cabeça sobre o hombro do poeta.

— Não vês que te adoro! exclamou a apaixonada rapariga quasi imperceptivelmente.

Quantos beijos se trocaram até ao momento do coupé parar deante da porta da comediante? Nelly saltou do trem, transpoz o limiar da habitação, subio a escada arrastando atraz de si João Delhy. Raptava-o, queria-o immediatamente.

Na ante-câmara, a criada do quarto appareceu annunciando:

— O sr. duque está aqui á espera ha mais de vinte minutos, e distrahe-se fazendo paciencias.

O duque! Nelly tinha-o esquecido! Era a hora da inexoravel partida de *bésigue*.

Despediu a creada, e cheia de altivez, pousando as mãos ainda enluvadas de preto nos hombros do poeta, insuflando-lhe com o halito perfumado todo o amor que a abrasava, supplicou-lhe:

— Não sejas mau! Perdoa-me! Ámanhã serás aqui o senhor, se quizeres... E promettes vir vêr-me esta noite ao Vaudeville!...

Amante em taes circumstancias! Era de mais!... O poeta tinha pundonor e amor proprio. — Desprendeu-se-lhe dos braços, cumprimentou e sahiu sem responder.

— Não! Certamente! Exclamava quasi em voz alta, indo-se embora, caminhando ao acaso, a passos largos, humilhado, furioso, com a embriaguez dissipada. Nada!

— Ao Vaudeville é que eu não vou esta noite!... É linda como os amores, e sinto-lhe os beijos a requeimar-me ainda o sangue. Mas não sou dos amantes que se escondem nos guardas-vestidos, e recuso a partilha ignominiosa...

— Que seria o senhor, disse ella. Amanhã se quizer? O senhor! No meio do luxo que provem do outro... d'outros... e sem ter na algibeira com que lhe comprar um ramo de rozas!...

— Por quem me tomará esta mulher? E depois era preciso que estivesse loueo e fosse ingrato!... E Marietta?...

Procurava exaltar-se com a lembrança da amante. Pensaria em abandonal a? Nunca! Uma infidelidade, eis todo o crime que estivera prestes a commetter. Em todo o caso era venial, e nem por isso deixára de amar a sua amiguinha... Comtudo?... E João espantou-se do socego do seu coração pensando n'aquella que acabava de trahir, pelo menos em intenção. Involuntariamente, comparou as duas mulheres e novamente a embriaguez se apossou d'elle. Sentia ainda nos labios a impressão dos beijos da cortezã amorosa. Coragem! Era ser demasiado escrupuloso... Esta bella creatura considerava-o sem duvida como um «capricho». Porque o não aproveitaria? Primeiro do que tudo,

earecia de ser franco. Confessaria a Nelly que não era livre; e n'essa mesma noite lh'o diria...

Ás oito horas da noite entrou no camarim da actriz.

Que caricias loucas! Nelly ajoelhou-se e beijou-lhe as mãos.

—Não tens senão proferir uma palavra, repetiu ella, para que eu despeça o duque, e então serei tua e só tua.

Primeiramente o poeta, teve coragem e confessou tudo.

Nelly estremeceu e levantou-se immediatamente.

—Tens uma amante?

Em seguida João acobardou-se. Explicou. Sim, uma rapariga que fôra boa para elle, tão só e tão desgraçado. Amara por gratidão, e não sentia já por ella senão amizade. Infelizmente n'este momento era verdadeiro.—Nelly não devia admirar-se. Ella propria não tinha?...

—O meu amante! exclamou a comediante, vou expulsal-o... Abandona a tua amante!

Tanta logica espantou João Delhy. Foi com sinceridade que fez a ingenua e inutil loucura de defender uma mulher deante da sua rival. Nunca poderia abandonar tão brutalmente Marietta. Seria uma desgraça para a pobre rapariga! Pedia algum tempo para preparar esta separação, de outro modo ella seria capaz de tudo. Amava-o tanto!... Aos olhos d'uma coquette, João estaria irremediavelmente perdido por tão enorme falta de habilidade. Porém, Nelly estava verdadeiramente apaixonada e era dotada de bom coração. Abaixou a cabeça e murmurou:

—Creio isso. Essa rapariga deve-te adorar...

Então o poeta arrependeu-se de ter sido tão ingenuo, e enlaçando com vigor os braços em volta da cintura de Nelly, fallou-lhe ternamente, ardentemente ao ouvido.

—Que importa o teu duque? Que importa Marietta?... Não nos podemos amar apesar de tudo?...

Ao mesmo tempo sentia-a fria e immovel. Nelly desviava a cabeça.

—O que tens? perguntava o poeta com inquietação.

E como procurasse ardentemente os labios da actriz para a beijar, viu que a encantadora rapariga tinha os olhos rasos de lagrimas.

Imaginou que a offendera, implorou o seu perdão. Porém, esta, agarrou-lhe novamente nas mãos cobrindo-as de beijos, molhando-as de lagrimas, confessando então quanto o amava. Não! Pelo contrario quem devia pedir perdão era ella por não ser mais do que uma desgraçada rapariga, que o não merecia e todavia ousava esperar alguma cousa de melhor, de mais puro, do que um capricho. Concebera o sonho da redempção pelo amor, como a maior parte das da sua classe o têem só uma vez na vida. Era loucura, bem o sabia. Alem do que, elle não era livre.

—Enganas-me ou mentes a ti mesmo, dizia Nelly soluçando, quando imaginas não amares mais a tua Marietta. Não foi a tua primeira e unica amiga, não te consolou nos dias amargos?... Acredita, invejo essa feliz mulher; porém sabes uma cousa? Amo-te a ponto que seria capaz de amar tambem aquella que tem sido boa para ti, e não te quero roubar a essa affeição... Escute meu amigo, ajuntou, um pouco mais socegada e cessando de o tratar por tu, como possuida de impetuoso pudor, só Deus sabe como seria capaz de me lançar no fogo para o fazer feliz, por exemplo para obter o bom exito da peça... Todavia não terei a fraqueza de ceder, sabendo da existencia de outra que lhe dedica a mesma paixão, emquanto eu não passaria de capricho vulgar; d'essa forma não seria mais do que uma desesperada que choraria toda a noite e levaria de mim triste recordação. Acredite, separemo-nos, não nos tornaremos mais a vêr, isto será melhor tanto para um como para o outro... E esforçar-nos-hemos por nos esquecer mutuamente.

Arrebatado por esta dôr verdadeira, o poeta lançou-se de joelhos aos pés de Nelly, supplicou, insistiu, jurou que a amava, e n'este momento assim o julgava. Apesar d'essas

supplicas, e juramentos a actriz teve a coragem, teve mesmo força para não lhe conceder, um unico beijo, dando mostras de não acreditar em nenhum dos juramentos; e quando o poeta se retirou, quasi expulso, no cumulo da paixão e do despeito, julgou esperar — ou receiou — que João Delhy não voltaria mais.

(Continúa).

François COPPÉE.

MEMORIAS

DE UM

AJUDANTE DE CAMPO

(Chronica pittoresca da 3.ª invasão franceza em Portugal)

(Continuação)

O Sobral fôra tomado e occupado pela divisão Clausel, do corpo de exercito de Junot. Parece que Sainte-Croix insistia em que se fizesse, quanto antes, um ataque geral ás linhas, antes de deixar concluir todas as obras, e antes dos alliados se estabelecerem n'ellas solidamente. A sua opinião tinha probabilidades de actuar com efficacia no espirito de Masséna, o qual achando-se já um pouco propenso a seguil-a, pois era homem a quem as maximas difficuldades serviam de maior estimulo, ordenou que os dois generaes, Sainte-Croix e Montbrun, fossem fazer um reconhecimento ás posições da Alhandra. Foi isto em 12 de outubro.

Seguiam elles a margem do Tejo, em cujas aguas vogavam algumas chalupas canhoneiras, e barcos pertencentes á esquadra de Inglaterra, que Wellington tinha ás suas ordens, destinados á segurança do rio, e a apoiarem a direita do exercito defensor. Iam descuidados os dois generaes, e perfeitamente seguros de qualquer perigo imme

diato, sobretudo do lado do rio, quando de uma das chalupas parte um tiro de peça, dando a bala n'um paredão de rocha, e d'ahi ricochetando com tão desastrosa coincidencia, que Sainte-Croix, attingido por ella, foi litteralmente partido ao meio, cahindo morto, sem tempo de soltar um ai.

E assim foram cortadas, n'um momento, pela cegueira brutal do acaso, as grandes esperanças que sobre a privilegiada cabeça d'esse homem, tinha deposto todo o exercito! O futuro marechal, e quem Napoleão, *in petto*, guardava tão grande destino, e que, no seu posto subalterno, era já uma gloria das armas francezas, encontrou n'algum ignorado recanto da nossa patria os sete palmos de terra, onde ficaram sepultos todos os seus ambiciosos sonhos, todas as visões de gloria, resumindo-lhe a sorte a esse quinhão unico a conquista total, e bem mais ampla, que tinha como certa, que muitas vezes antevira, e com que, indubitavelmente, contava!

*

Masséna sentiu intensamente a perda do seu antigo ajudante de campo, do seu amigo valioso e leal, do seu mais solido conselheiro, do homem que n'elle exercia mais benefico e salutar predominio. Por isso, o seu espirito, um momento levantado, cahiu logo nas anteriores hesitações, deixando-se impressionar pelos receios e desalentos dos seus principaes immediatos, os quaes só podiam ver, nas linhas formidaveis que tinham deante de si, um Bussaco dez vezes maior, dez vezes mais temeroso e inexpugnavel. Todas as dobras de terra, todos os córtes, todos os quebradas, todas rs penhascos lhes pareciam encobrir guelas de bronze e de ferro, promptas a vomitar sobre elles torrentes de metralha, a pulverisal-os.

Não inventamos, nem conjecturamos. E' rigorosamente historica, nos mais intimos pormenores, a nossa narrativa.

Marbot é o proprio que nos revela nitidamente, sem attenuações, a assombrosa timidez dos marechaes e dos generaes francezes, deante d'aquella obra de defeza, tão formidavel como imprevista.

Deante de Masséna não era facil proferir a palavra *retirada*. Ninguem se abalançava a isso. Não era elle, tambem, homem para longas indecisões. Conhecia, n'aquelle momento critico, que era preciso, quanto antes, fazer alguma cousa. Sainte-Croix tinha-lhe dado uma esperança, um estimulo. Lembrou-se da falta commettida na vespera do Bussaco; por idéas associadas, lembrou-se da conversa nocturna dos seus ajudantes, que tão subtilmente tinham procurado advertil-o; lembrou-se, emfim, de Marbot e de Ligniville. Via-os com melhores olhos, depois d'aquelle funesto dia; tratava-os com mais confiança, com mais benevolencia. Chamou-os, e ordenou-lhes que fossem, por elle, percorrer a frente das linhas inimigas.

A impressão que ellas causaram nos dois officiaes, segundo Marbot a descreve, constitue uma narrativa historica interessantissima. Conservar-lhe-hemos o sabor nativo:

«E' incontestavel, que eram de uma força imponente, todavia muito longe de ser tal quanto todos o diziam.

«Com effeito, os entrincheiramentos dos inglezes formavam em torno de Lisboa um arco immenso, cujo desenvolvimento era de quinze leguas portuguezas, o que orça approximadamente por umas vinte leguas de França. Ora, qual é o official ao facto das cousas da guerra, capaz de se convencer de que uma posição de vinte leguas de desenvolvimento apresenta por toda a parte as mesmas difficuldades e não é vulneravel em alguns pontos?

«Muitos d'estes foram por nós reconhecidos, ao ver os officiaes inimigos, e até mesmo piquetes de cavallaria, subil-os muito facilmente nos seus cavallos. Adquirimos, tambem, a convicção de que os nossos geographos e offi-

ciaes encarregados de levantar a planta das collinas tinham figurado reductos armados, em toda a parte onde tinham visto alguma terra revolvida de fresco!... Ora, os inglezes, para nos induzirem em erro haviam traçado sobre os menores monticulos obras que, pela maior parte, estavam ainda no estado de projecto; mas, concluidas mesmo que estivessem, parecia-nos que permittindo os accidentes de terreno aos francezes o occultarem os movimentos de uma parte do seu exercito composto de tres corpos, seria possivel empregar um d'estes em simular emprehendimentos sobre a frente dos inimigos, emquanto os outros dois atacariam realmente os pontos mais fracos d'essa immensa linha, atraz da qual as tropas inglezas, se quizessem cobrir tudo, deviam estar necessariamente disseminadas em extremo, ou então ter as suas reservas muito afastadas dos pontos de ataque, que lhes não seriam antecipadamente conhecidos.

«A historia das guerras do seculo de Luiz XIV, época em que se fazia grande uso das linhas, prova que a maior parte das que foram atacadas cahiram em poder dos atacantes por não poderem os defensores apoiar-se mutuamente. Por conseguinte, era nossa opinião, que seria facil atravessar as linhas inglezas em qualquer ponto do seu immenso desenvolvimento. Uma vez aberta a passagem, as tropas inimigas, collocadas a muitas leguas, e mesmo a um dia, d'essa passagem, pela qual penetraria em massa um dos nossos corpos de exercito, reconheceriam não ter tempo de accudir, a não ser em forças muito inferiores, e retirar-se-hiam, não para Lisboa, d'onde os navios não podem sahir com todo o vento, mas sobre Cascaes onde a sua esquadra militar e os transportes se encontravam reunidos. Esta retirada dos inimigos havia de ser bastante difficil, e talvez se transformasse em derrota; mas, em todo e qualquer caso, o embarque do exercito inglez na nossa presença teria de lhe custar caro; seria uma segunda edição de sir John Moore, na Corunha!

«Vimos, depois, officiaes inglezes, entre outros o general Hill, concordar que se os francezes tivessem atacado, durante os dez primeiros dias da sua chegada em frente das linhas, teriam facilmente penetrado n'ellas envolvendo-se com a multidão da gente paizana, no meio da qual as tropas inglezas de nenhum modo se poderiam desembaraçar, nem tomar qualquer disposição regular de defeza.

«Quando eu e o meu camarada fizemos n'este sentido o nosso relatorio a Masséna, os olhos d'esse velho homem guerra scintillaram de nobre ardor, e dictou immediatamente ordens de marcha, afim de preparar o ataque, que contava realisar no dia seguinte.

«Ao receberem essas ordens, os quatro immediatos do generalissimo, Ney, Reynier, Junot e Montbrun, correram immediatamente ao seu quartel e a reunião foi das mais tempestuosas que entre elles houve!... O general Junot, que conhecia perfeitamente Lisboa, onde tinha commandado, assegurava que não lhe parecia possivel defender uma cidade tão immensa, e pronunciava-se vivamente pelo ataque. O general Montbrun era da mesma opinião; porem o marechal Ney e o general Reynier oppuzeram-se calorosamente, accrescentando que as perdas soffridas no Bussaco, juntas com as dos feridos abandonados em Coimbra, e com os numerosos doentes que as chuvas haviam momentaneamente posto fóra de serviço, tinham de tal modo diminuido o numero dos combatentes, que não era possivel atacar as fortes posições de Cintra; diziam mais, que além d'isso, os seus soldados estavam desmoralisados, asserção inexacta porque as tropas mostravam, pelo contrario, um grandissimo ardor, e pediam que as fizessem marchar sobre Lisboa.

«Masséna, impacientado com semelhante discussão, repetiu de viva voz as ordens de marcha já dadas por escripto. O marechal Ney declarou formalmente que não as cumpriria!...

«Teve, então, o generalissimo a idéa de retirar ao ma-

rechal Ney o commando do sexto corpo, como alguns mezes depois se viu na obrigação de fazer; mas considerando que Ney commandava, havia sete annos, as mesmas tropas, pelas quaes era estimado, que o seu afastamento implicaria o de Reynier, o que acabaria de lançar a discordia no exercito, no momento em que este se encontrava a quinhentas leguas de França, rodeado de inimigos, e quando tanto precisava de união, Masséna, a quem os energicos conselhos de Sainte-Croix teriam animado, deixou-se abater deante da desobediencia dos seus dois principaes immediatos.

«Estes ultimos, não podendo todavia determinal-o a abandonar Portugal, arrancaram-lhe pelo menos a promessa de se afastar das linhas inimigas e de se retirar para dez leguas d'ali, para a rectaguarda de Santarem e de Rio Maior, afim de esperar, n'essa posição mais segura, as ordens que de novo lhe quizesse mandar o imperador!... Vi, com infinita magua, esta pequena retirada que, no meu entender, prognosticava outra, geral e definitva. Não me enganaram os presentimentos, como se verá em pouco.

«Afastei-me, pois, cheio de pesar, das collinas de Cintra, tão persuadido estava de que tinha sido possivel forçar as linhas ainda por acabar, aproveitando a confusão, que ao campo inglez tinham levado os numerosos fugitivos. Mas o que era facil, então, deixou de o ser passados quinze dias...

«Com effeito, Wellington, forçado a sustentar numerosas populações que tinha feito refluir sobre Lisboa, utilisou os braços de 40:000 camponezes válidos, fazendo-os trabalhar na conclusão das fortificações com que queria cobrir a capital. Desde então, esta cidade adquiriu grandissima força.»

*

Masséna via-se apertado entre dois fogos. O seu objectivo era a tomada de Lisboa e a expulsão dos inglezes para

fóra da peninsula. Tinham sido essas as ordens de Napoleão, era essa a razão final de toda aquella empreza.

Mas tudo estava malogrado. Que fazer agora?

Reconhecia n'esse momento,— porém já era tarde,—que praticara uma serie d'erros, não sendo o menor o ultimo em que cahira, de vir no encalço do exercito inglez, acossando-lhe a rectaguarda, persuadido de que o trazia em fuga deante de si, quando a verdade é que vinha attrahido por elle, até á má situação, em que se inutilisou e perdeu. Encontrava-se, agora, a mais de quarenta leguas dos seus armazens de guerra e de bôca, no coração de um paiz que lhe negava todos os recursos de subsistencia. E approximava-se o inverno.

Podia ter desprezado, depois da derrota do Bussaco, o exercito de Wellington; podia ter deixado de avançar sobre Coimbra. Era tomar para a esquerda, mettendo-se á Beira Baixa, pelo Fundão e Castello Branco, direito a Abrantes e a Santarem, caminho que Junot excellentemente sabia. Talvez isso lhe tivesse dado tempo para vir cortar pela frente a marcha dos alliados, interpondo-se entre elles e Lisboa. Agora, não havia remedio já.

Na sua frente estavam as linhas, inexpugnaveis. Na sua rectaguarda, as milicias aguerridas, commandadas por Bacellar, Silveira, Trant, Miller, Wilson e Blunt, occupando o paiz todo de Pombal a Vizeu, e tão vigilantes, que o generalissimo francez tinha de expedir destacamentos, que eram quasi pequenos exercitos, para escoltar os seus correios, e expedir correios, pedindo ao imperador, que lhe mandasse novos exercitos. O general Foy, que levou a Paris o primeiro despacho do exercito de Portugal, precisou de uma escolta de tres mil homens, para chegar com segurança a Almeida.

Os noventa mil a cem mil homens com que Masséna tinha entrado no nosso paiz, estavam agora reduzidos a uns setenta mil, pelas perdas soffridas no Bussaco e em Coimbra, pelos prisioneiros que diariamente lhe faziam,

pela deserção, e sobretudo pelas doenças geradas pela fome, pela inacção e pelo clima.

Em 8 de outubro tinham entrado, em Coimbra, Wilson e Miller, conduzindo trezentos e cincoenta prisioneiros francezes, que haviam encontrado extraviados dos seus regimentos, procurando subsistencias. Miller ficou em Coimbra, emquanto Wilson avançou para Condeixa e d'ahi para Leiria. Silveira ficou occupando a Beira Alta. Trant seguiu para o Porto. Bacellar, tenente general portuguez, tinha o commando supremo das milicias do reino. Os generaes Silveira e Miller, e os coroneis Wilson e Trant eram seus subordinados. Formavam assim, as nossas milicias, um grande cordão envolvente para o exercito francez, cordão que apoiava a sua direita em Peniche, commandada pelo brigadeiro Blunt, e a sua esquerda em Abrantes. Não podia ser mais melindrosa a situação de Masséna.

*

Cumpre-nos intercalar aqui um pequeno feito glorioso, que não deve andar esquecido, pelo muito que póde servir de exemplo.

Onze soldados portuguezes, convalescentes, comboiavam para dentro das linhas alguns carros com a bagagem do tenente general Miranda Henriques. Commandava-os um sargento.

N'isto, avança sobre elles, a atacal-os, um pelotão de cavallaria constituido por dezesete dragões francezes. Era apertado o lance, e não havia tempo a perder. O sargento, homem ás direitas, conserva porém necessario sangue frio, e é prompto no expediente. Manda parar os carros ; colloca os soldados, de embuscada, debaixo d'elles, armas carregadas, dedo no gatilho, olho álerta, firmes.

Os dragões avançam em galope sustido, sem a menor duvida de terem ali, deante da sua marcha, segura preza. Eil-os, a menos de tiro de espingarda. Fogo!... e a descarga

parte unisona, com tal acerto, que prostra logo em terra oito cavallos com os seus cavalleiros! Carregar!... ouve-se dentro dos canos o tinir das varetas.

Mas os nove dragões, ainda montados, não esperam pela segunda descarga. Conhecem que é inutil o ataque, e rendem-se. Apeiam-se dos cavallos, entregam as armas, tomam em braços, dos companheiros feridos, os que respiravam ainda, e os onze soldados portuguezes, valentemente commandados, entram em triumpho nas linhas, conduzindo o comboyo confiado á sua guarda, e com elle os seus prisioneiros.

*

No meio dos successos tragicos, em que temos tido obrigação de nos demorarmos, não esqueceremos o tom pittoresco, que determinámos fazer prevalecer na chronica dos acontecimentos, que são o assumpto da nossa narrativa.

Marbot conta uns episodios interessantes e engraçados, que o exercito francez presenciou, emquanto esteve no Sobral, indeciso na deliberação que havia de seguir.

Refere a utilidade que os inglezes sabiam tirar dos seus bellos cavallos *puro sangue*, que em França se julgavam inuteis para a guerra, pela sua raridade, pelo seu preço, e por exigirem tantos cuidados, que era quasi impossivel formar com elles um regimento, ou mesmo um esquadrão.

Tambem não era assim, em massas, que os inglezes, d'elles se serviam.

Mandavam officiaes isolados, montando optimos cavallos de corrida, observar os movimentos do exercito inimigo. Esses officiaes penetravam nos acantonamentos contrarios, atravessavam as linhas de marcha, mantinham-se dias inteiros nos flancos das columnas, exactamente fóra do alcance do tiro da infanteria, até formarem ideia exacta da força inimiga, e da sua direcção e objectivo.

Em toda a marcha dentro de Portugal, os francezes vi-

ram sempre observadores d'esta especie torneando ou acompanhando as columnas. Incommodava-os aquella audacia e persistencia, e, sempre que podiam, destacavam em perseguição d'elles, a vêr se lhes davam caça, os seus cavalleiros mais ageis e melhor montados. Mas logo que o official inglez os via approximar, mettia o seu cavallo a galope, e saltando fóssos, sebes, vallados, e até ribeiras, afastava-se com tal rapidez, que era impossivel seguil-o, e em breve o perdiam de vista. Pouco tempo depois, andada uma legua quando muito, tornavam a avistal-o, perfeitamente descançado, no alto de qualquer ondulação, carteira e lapis em punho, registando as suas observações!

Marbot confessa que esta nova especie de esclarecedores, tinha causado verdadeiro desespero aos generaes francezes, desde que passaram para o lado de cá da fronteira, e, no estado maior, falava-se frequentemente d'elles, havendo a maior boa vontade de apanhar algum.

Quando o exercito chegou em frente das linhas, pareceu que elles tinham redobrado de subtileza e de audacia. Sahiam das gargantas e dos desfiladeiros, em vertiginosa arrancada, como se nascessem do chão, e era com a velocidade do gamo que os viam atravessar os campos então ceifados e os vinhedos já sem fructo, examinando, a seu gosto, as posições occupadas pelas tropas invasoras.

Um dia, porém, tinha havido, entre os atiradores dos dois partidos, uma leve escaramuça, em que os francezes haviam ficado senhores do campo. Um dos caçadores ligeiros do lado, dos invasores, que havia bastante tempo observava os habitos e o modo de proceder do melhor montado e do mais audacioso d'aquelles esclarecedores inimigos, fingiu-se morto, tendo a certeza que, logo que a sua companhia se afastasse, o inglez iria visitar o pequeno campo de batalha, onde elle se deixara ficar extendido.

Effectivamente assim succedeu; e a surpreza do cavalleiro não podia ser maior quando, levando o seu cavallo a passo e cautelosamente, para não pisar o que elle jul-

gava um cadaver, viu este levantar-se, desfechar a arma sobre a sua montada quasi á queima roupa, e immediatamente avançar para elle de bayoneta calada intimando-o a render!... Não havia que hesitar. O inglez, tendo perdido o cavallo, acompanhou a pé o seu aprisionador, até á presença de Masséna.

Dos interrogatorios que se lhe fizeram, reconheceu-se ser nada menos que um membro da familia Percy, em cuja casa anda, desde o tempo de Guilherme o Conquistador, o ducado de Northumberland, que os seus descendentes ainda hoje possuem.

Percy, recebido com distincção pelo generalissimo francez, foi conduzido para o Sobral, onde teve a curiosidade de subir á torre da egreja para vêr como o exercito de Masséna estava estabelecido. Foi-lhe concedida essa auctorisação, e do alto mirante onde subiu, e onde estava, de oculo, a observar attentamente o vasto panorama, o acaso fel-o assistir a uma scena engraçada da qual, apesar do seu contratempo, não poude deixar de rir.

(Continúa).

FERNANDES COSTA.